7
8
6
5
3
4
2
1

STEPHEN
KING
134219
LOST
a grey tabbywith black ears
& white bib & a crooked tail
CORAÇÕES
NA
ATLÂNTIDA
SUMA
de Letras

O

s anos sessenta, a rebeldia de uns e o medo de outros. Uma geração

m

arcada pela guerra do Vietnã, que o mestre do suspense americano

c ompartimenta em cinco diferentes histórias passadas entre 1960 e

1 999. Cinco momentos que ligam num mesmo e inquietante olhar o

passado e o presente de uma geração.

Sem Destino

1960: Eles tinham uma vara com ambas as pontas afiadas.

HOMENS MAUS EM CASACOS

AMARELOS

1

Um Menino e Sua Mãe. O Aniversário de Bobby.

O Novo Inquilino. Sobre Tempo e Estranhos.

O pai de Bobby Gar ield foi uma destas pessoas que começam a perder

cabelo na época dos vinte anos, e icam completamente carecas aos

quarenta e cinco, mais ou menos. Randall Gar ield foi poupado deste

extremo por morrer de um ataque do coração aos trinta e seis. Ele era um

corretor de imóveis, e deu seu último suspiro na cozinha da casa de

alguma pessoa qualquer. O comprador em potencial estava na sala de

estar, tentando chamar uma ambulância por um telefone desconectado,

quando o pai de Bobby faleceu. Na época Bobby tinha três anos. Ele tinha

vagas memórias de um homem fazendo cócegas nele e então beijando suas

bochechas e sua testa. Ele tinha total certeza de que aquele homem fora seu pai. *SUA FALTA SERÁ SENTIDA* , era o que estava escrito na lápide de Randall Gar ield, mas sua mãe nunca pareceu muito triste, e quanto ao

próprio Bobby. . ora, como você pode sentir falta de um cara de quem você

mal se recorda?

Oito anos após a morte de seu pai, Bobby se apaixonou violentamente pela

Schwinn de sessenta e seis centímetros, ao vê-la na vitrine da Harwich

Western Auto.

Ele deu dicas à mãe sobre a Schwinn de todos os modos que sabia, e

inalmente apontou para ela certa noite enquanto voltavam pra casa

depois do cinema (o ilme havia sido *Sombras no Fim da Escada*, que Bobby

não entendeu muito bem, mas gostou assim mesmo, especialmente na parte onde Dorothy McGuire caía pesadamente em uma cadeira e exibia

suas longas pernas). Enquanto passaram pela loja de materiais de

construção, Bobby mencionou casualmente que a bicicleta na vitrine com

certeza seria um belo presente de aniversário de onze anos para alguma

criança sortuda.

– Nem pense nisso. – ela disse. – Eu não posso pagar por uma bicicleta para o seu aniversário. Seu pai não nos deixou exatamente bens de vida, entende.

Embora Randall estivesse morto desde que Truman fora presidente e

agora Eisenhower estava quase terminando seu mandato de oito anos, "*seu*

pai não nos deixou exatamente bens de vida" era a resposta mais comum de sua mãe para qualquer coisa que Bobby sugerisse implicar num custo

maior do que um dólar. Geralmente o comentário vinha acompanhado de

um olhar reprovador, como se o homem houvesse fugido ao invés de ter

morrido.

Nada de bicicletas no seu aniversário. Bobby ponderou sobre isso, mal-

humorado, enquanto voltavam para casa, o prazer do estranho, confuso

ilme que haviam visto havia quase desaparecido. Ele não discutiu com sua

mãe, ou tentou persuadí-la (isso resultaria num contra-ataque, e quando

Liz Gar ield contra-atacava, ela não levava prisioneiros), mas ele meditou sobre a bicicleta. . e o pai

perdido. Algumas vezes ele quase odiava seu pai.

Algumas vezes tudo o que o impedia de fazê-lo era o senso, inexato, mas muito forte, de que sua mãe queria que ele o odiasse. Enquanto

alcançavam o Parque Commonwealth, e caminhavam pela sua lateral (dois

blocos acima eles virariam à esquerda, entrando na Broad Street, onde

moravam), ele foi contra suas dúvidas usuais e fez uma pergunta sobre

Randall Garfield.

– Ele não deixou nada, mãe? Nada mesmo?

Uma ou duas semanas antes, ele havia lido um romance de mistério de

Nancy Drew onde a herança de algumas crianças pobres havia sido

escondida atrás de um velho relógio em uma mansão abandonada. Bobby

não achava realmente que seu pai havia deixado moedas de ouro ou selos

raros escondidos em algum lugar, mas se houvesse *algo*, talvez eles

pudessem vender esse algo em Bridgeport. Possivelmente em uma das lojas de penhores. Bobby não sabia exatamente como funcionava esse

negócio de empenhar, mas ele sabia como eram as lojas (elas tinham três sininhos dourados pendurados na frente). E ele tinha certeza de que os

atendentes da loja de penhores icariam felizes em ajudá-los. É claro que isso era apenas um sonho de criança, mas Carol Gerber, que morava na

rua acima, tinha uma coleção inteira de bonecas que seu pai, que estava na

Marinha, havia lhe mandado de onde estava. Se pais *davam* coisas, o que de fato faziam, era de se pensar que pais, às vezes, *deixavam* coisas.

Quando Bobby fez a pergunta, eles estavam passando por um dos postes

que corriam por aquele lado do Parque Commonwealth, e Bobby viu a

boca de sua mãe mudar como sempre fazia quando ele se aventurava em

fazer uma pergunta sobre seu falecido pai. A mudança o fez pensar em

uma bolsa que ela tinha: quando você puxava o zíper, o buraco no topo

aumentava.

– Eu vou lhe dizer o que ele deixou. – ela disse, enquanto começavam a subir a Broad Street Hill. Bobby já desejava não ter feito a pergunta, mas é

claro que era tarde demais agora. Uma vez que você a fazia começar, você

não podia pará-la, isso era um fato. – Ele deixou uma apólice de seguro de

vida que prescreveu no ano anterior de sua morte. Pouco eu sabia que

assim que ele morresse, todos, incluindo o agente funerário, iriam querer sua parte naquilo que eu não tinha. Ele também deixou uma grande pilha

de contas para pagar, de que eu já cuidei. As pessoas têm sido muito

compreensivas sobre minha situação, o Sr. Biderman em particular, e eu

nunca direi que eles nunca foram.

Tudo isso era coisa velha, tão entediante quanto amarga, mas então ela

disse a Bobby uma coisa nova.

– Seu pai. . – ela disse, enquanto se aproximavam do apartamento, que

ficava na metade da subida da Broad Street Hill. – Nunca teve uma **interna**

para seqüência (**Variedade de mão no jogo de pôquer. N.T.)** que não escolhesse.

– O que é uma interna para seqüência, mãe?

– Deixe pra lá. Mas eu te direi uma coisa, Bobby-O: nunca me deixe pegá-lo

jogando cartas por dinheiro. Eu já tive o bastante disso por uma vida

inteira.

Bobby queria perguntar mais, mas sabia que era melhor não fazê-lo; mais

perguntas eram aptas a provocar um grande discurso. Ocorreu a ele que

talvez o ilme, que falava sobre maridos e esposas infelizes, a havia

chateado de algum modo que ele, como uma mera criança, não entendia.

Ele perguntaria a seu amigo John Sullivan sobre as internas para

seqüência na escola, Segunda-Feira. Bobby pensou que era culpa do

pôquer, mas não tinha certeza absoluta.

– Há lugares em Bridgeport que tomam o dinheiro dos homens. – ela disse,

enquanto chegavam perto do apartamento onde viviam. – Homens tolos

vão para lá.

Homens tolos fazem bagunças, e normalmente são as mulheres do mundo

que têm que limpá-las mais tarde. Ora. .

Bobby sabia o que vinha a seguir; era a reclamação favorita de todos os tempos de sua mãe.

– A vida não é justa. – disse Liz Gar ield enquanto tirava a chave e se preparava para abrir a porta do número 149 da Broad Street na cidade de

Harwich, Connecticut.

Era Abril de 1960, a noite exalou o perfume da Primavera, e parado ao seu

lado estava um menino magricela com cabelos de escovinha ruivos de seu

falecido pai. Ela di icilmente já havia tocado em seu cabelo; nas raras

ocasiões em que ela o afagava, era normalmente seu braço ou sua

bochecha que ela tocava.

– A vida não é justa. – ela repetiu. Ela abriu a porta e eles entraram.

***

Era verdade que sua mãe não havia sido tratada como uma princesa, e

certamente era terrível que a vida de seu marido houvesse se extinguido

em um chão de linóleo em uma casa vazia na idade dos trinta e seis, mas Bobby às vezes pensava que as coisas poderiam ter sido piores. Poderia

haver dois ilhos ao invés de apenas um, por exemplo. Ou três. Inferno, até

mesmo quatro.

Ou suponha que ela tivesse de trabalhar em um trabalho di ícil para sustentar os dois. A mãe de Sully trabalha na padaria Tip-Top, no centro da

cidade, e durante as semanas em que ela teve que acender as fornalhas,

Sully-John e seus dois irmãos mais velhos di icilmente a viram. Bobby

também observou as mulheres que saiam da Inigualável Companhia de

Sapatos quando o apito das três horas era soprado (ele mesmo havia saído

da escola às duas e meia), mulheres que pareciam magras demais ou

gordas demais, mulheres de rostos pálidos e dedos manchados com uma

coloração terrível de sangue velho, mulheres de olhares abatidos que

carregavam seus sapatos e calças de trabalho em sacos de compras da

Mercearia Total. No Outono anterior ele havia visto homens e mulheres

catando maçãs fora da cidade quando ele havia ido a uma feira de igreja com a Sra. Gerber e Carol e o pequeno Ian (a quem Carol chamava de Iano-cruel). Quando ele perguntou à Sra. Gerber sobre elas, ela disse que

eram migrantes, exatamente como alguns tipos de aves (sempre em

movimento, colhendo o que quer que já estivesse maduro). A mãe de

Bobby poderia ser uma dessas pessoas, mas não era.

O que ela *fazia*, era ser a secretária do Sr. Donald Biderman no Escritório de Corretagem Home Town, a companhia em que o pai de Bobby

trabalhava quando teve seu ataque do coração. Bobby achou que ela havia

conquistado o emprego porque Donald Biderman gostava de Randall e

sentiu pena dela (viúva com um ilho que mal havia saído das fraldas), mas

ela era boa nisso e trabalhava duro. Constantemente ela trabalhava até

tarde. Bobby esteve com sua mãe e o Sr. Biderman em algumas poucas

ocasiões (o piquenique da companhia era uma delas que ele lembrava

mais claramente), mas também houve a vez em que o Sr. Biderman os

levou até o dentista em Bridgeport quando Bobby quebrou um dente

durante uma brincadeira de recreio (e os dois adultos tinham um jeito de

se olharem). Às vezes o Sr. Biderman ligava para ela de noite, e durante estas conversas ela o chamava de Don. Mas “Don” era velho e Bobby não

pensava muito nele.

Bobby não tinha tanta certeza do que sua mãe fazia durante seus dias (e noites) no escritório, mas ele apostava que era melhor do que fazer

sapatos ou catar maçãs, ou acender as fornalhas da padaria Tip-Top às

quatro e meia da manhã. Bobby apostava que era melhor pra caramba.

Também, quando se tratava da sua mãe, se você perguntasse sobre certas

coisas você estaria pedindo por problemas. Se você perguntasse, por

exemplo, como ela tinha condições para pagar por três novos vestidos da Sears, um deles de seda, mas não por três prestações de $11.50 em uma

Schwinn na vitrine da Western Auto (era vermelha e prata, e só de olhá-la,

as tripas de Bobby deram cãibras de cobiça). Pergunte coisas desse tipo e

você estará pedindo por problemas *sérios*.

Bobby não o fez. Ele apenas começou a batalhar para ter o dinheiro para comprá-la ele mesmo. Demoraria até o Outono, talvez até mesmo até o

Inverno, e este modelo em particular poderia desaparecer da vitrine da

Western Autos até lá, mas ele continuaria. Você teria que trabalhar duro para conseguir suas recompensas. A vida não era fácil, e a vida não era justa.

***

Quando o décimo primeiro aniversário de Bobby chegou na última Terça-

Feira de Abril, sua mãe lhe deu um pequeno e chato pacote enrolado em

papel prateado.

Dentro havia um cartão da biblioteca laranja. Um cartão de biblioteca para

adultos.

Adeus Nancy Drew, Hardy Boys, e Don Winslow da Marinha. Olá para todo

o resto, histórias com paixões tão confusas quanto *Sombras no Fim da Escada*. Sem mencionar adagas sangrentas em quartos de torre. (Havia mistérios e quartos de torre nas histórias sobre Nancy Drew e os The

Hardy Boys, mas pouco sangue e nenhuma paixão).

– Apenas se lembre que a Sra. Kelton na mesa é uma amiga minha. – disse

a mãe. Ela falou em seu acostumado tom seco de advertência, mas ela

estava feliz por seu prazer – ela podia vê-lo. – Se você tentar pegar

emprestado qualquer coisa picante como *A Cadeira do Diabo* ou *Em Cada Coração um Pecado*, eu vou descobrir.

Bobby sorriu. Ele sabia que ela descobriria.

– Se quem estiver lá for a outra, Srta. Busybody, e ela perguntar o que você

está fazendo com um cartão laranja, diga para que ela o vire. Eu coloquei uma permissão escrita sobre minha assinatura.

– Obrigado, mãe. Isto é tão legal.

Ela deu um sorriso torto, e lhe deu um beijo seco na bochecha, que sumiu

quase antes de ter estado lá.

– Fico feliz por você ter icado feliz. Se eu chegar em casa mais cedo vamos

até o Colony comer uns mariscos fritos e sorvete. Vai ter que esperar o im

de semana por seu bolo; eu não tenho tempo de cozinhá-lo até lá. Agora ponha seu casaco e vá andando, filhote. Você vai se atrasar para escola.

Eles desceram as escadas e saíram para a varanda juntos. Havia um táxi

da cidade no meio- io. Um homem de jaqueta popeline se debruçava na

janela do passageiro, pagando o motorista.

Atrás dele havia um aglomerado de bagagem e sacolas de papel, as do tipo

que possuem alças.

– Este deve ser o homem que alugou o quarto do terceiro andar. – disse Liz. Sua boca fez aquele truque de se encolher, novamente. Ela icou no

degrau mais alto da varanda avaliando estreitamente o jeito engraçado do

homem, que se atirou na direção deles assim que terminou seu assunto

com o motorista do táxi. – Eu não con io em pessoas que se mudam usando

uma sacola de papel. Para mim os pertences de alguém dentro de uma

sacola de papel é algo *obsceno*.

– Ele tem malas também. – Bobby disse, mas ele não precisou que sua mãe

apontasse que as três pequenas malas do novo inquilino não eram lá

grande coisa.

Nenhuma combinava. Todas pareciam ter sido chutadas daqui até a

Califórnia por alguém de mau humor.

Bobby e sua mãe desceram o caminho de cimento. O táxi da cidade

arrancou. O homem de jaqueta de popeline se virou. Para Bobby, as

pessoas eram divididas em três principais categorias: crianças, adultos, e pessoas idosas. Pessoas idosas eram adultos com os cabelos grisalhos. O

novo inquilino era do terceiro tipo. Sua face era magra e tinha um

semblante cansado, não era exageradamente enrugada (exceto ao redor

de seus olhos azuis desbotados), mas tinha algumas linhas profundas. Seu

cabelo branco era liso como o de um bebê e recuava de uma sobrancelha

pintada de manchas do sol. Ele era alto e icou parado de uma maneira que fez Bobby pensar em Boris Karloff nos ilmes do Cinema Shock que eram

exibidos nas noites de Sextas-Feira às onze e meia no WPIX. Sob a jaqueta

de popeline havia roupas de trabalhador baratas que pareciam grandes

demais para ele. Em seus pés, sapatos de cordovão arranhados.

– Olá, pessoal. – ele disse, e sorriu com empenho. – Meu nome é Theodore

Brautigan. Eu creio que vou morar aqui por uns tempos.

Ele estendeu a mão para a mãe de Bobby, que a tocou brevemente.

– Sou Elizabeth Gar ield. Este é meu ilho, Robert. Você terá que nos

perdoar, Sr. Brattigan. .

– É Brautigan, madame, mas eu icaria feliz se a senhora e seu menino me

chamassem apenas de Ted.

– Sim, muito bem, Robert está atrasado para a escola e eu para o meu

trabalho.

Foi bom conhecê-lo, Sr. Brattigan. Apresse-se, Bobby. ***Tempus fugit***. (**N.T. –**

Expressão em latim que significa “o tempo voa”.)

Ela começou a descer a rua na direção da cidade; Bobby começou a subir

(e em ritmo lento) na direção da Escola Primária de Harwich, na Avenida Asher. Dados três ou quatro passos em sua jornada ele parou e olhou para

trás. Ele sentiu que sua mãe havia sido rude com o Sr. Brautigan, que ela havia agido como uma arrogante. Ser arrogante era a pior das fraquezas

em seu pequeno círculo de amigos. Carol detestava pessoas arrogantes;

assim como Sully-John. O Sr. Brautigan provavelmente já estaria na metade

da varanda, mas se não estivesse, Bobby queria lhe dar um sorriso para

que ele soubesse que ao menos um membro da família Gar ield não era

arrogante.

Sua mãe também havia parado e também olhava para trás. Não porque ela

quisesse dar outra olhada no Sr. Brautigan; essa idéia nunca cruzou a

mente de Bobby.

Não, era para seu ilho que ela olhava. Ela sabia que ele iria se virar antes

que o próprio Bobby soubesse disso, e sobre isso ele sentiu um súbito

escurecimento em sua natureza normalmente brilhante. Ela uma vez disse que nevaria em Sarasota antes que Bobby pudesse fazê-la de boba, e ele

supôs que ela tivesse razão nisso. O quão velho você precisava ser para fazer sua mãe de boba, de qualquer forma? Vinte? Trinta? Ou talvez você tivesse que esperar que *ela* envelhecesse e icasse um pouco caduca da cabeça.

O Sr. Brautigan não havia começado a andar. Ele icou parado no im da

calçada com uma mala em cada mão e a terceira sob seu braço direito (ele

havia movido as três sacolas de papel para o gramado do número 149 da

Broad), mais curvado do que nunca sob este peso. Ele estava bem no meio

deles, como um pedágio ou coisa assim.

Os olhos de Liz Gar ield voaram dos dele para os do seu ilho. *Vá,* eles diziam.

Não diga uma palavra. Ele é novo aqui, um homem de qualquer ou nenhum lugar, e ele chegou com

metade de suas coisas dentro de uma sacola de compras. Não diga uma palavra, Bobby, apenas vá.

Mas ele não iria. Talvez porque ele havia recebido um cartão da biblioteca

ao invés de uma bicicleta em seu aniversário.

– Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Brautigan. – disse Bobby. – Espero que

goste daqui. Adeus.

– Tenha um bom dia na escola, ilho. – disse o Sr. Brautigan. – Aprenda muito. Sua mãe está certa. . *tempus fugit*.

Bobby olhou para sua mãe para ver se sua pequena rebelião poderia ter

sido perdoada à luz desta igualmente pequena adulação, mas a boca da

mãe estava seca. Ela virou-se e começou a descer a ladeira sem dizer outra

palavra. Bobby seguiu seu próprio caminho, feliz por ter falado com o

estranho mesmo que sua mãe mais tarde o fizesse se arrepender disso.

Enquanto se aproximou da casa de Carol Gerber, ele sacou seu cartão

laranja da biblioteca e olhou para ele. Não era uma Schwinn de sessenta e

seis centímetros, mas ainda assim era bem legal. Muito legal, para dizer a verdade. Um mundo inteiro de livros para explorar, e daí se tivesse

custado apenas dois ou três mangos. Não diziam que o que importava era a

intenção?

Bem. . era o que sua *mãe* dizia, de qualquer forma.

Ele virou o cartão. Escrito na traseira em sua caligra ia forte estava esta mensagem: "*A quem interessar: este é o cartão da biblioteca de meu ilho. Ele*

tem minha permissão para levar três livros por semana da seção de adultos da Biblioteca Pública de Harwich". Estava assinado *Elizabeth Penrose Garfield*.

Abaixo de seu nome, como um P.S., ela havia adicionado isto: *Robert será o*

responsável por suas próprias multas atrasadas.

– Aniversariante! – Carol Gerber gritou, o assustando, e correu de trás de

uma árvore onde estivera deitada esperando. Ela jogou seus braços ao

redor de seu pescoço e o beijou forte na bochecha. Bobby corou, olhando em volta para ver se alguém estava vendo (Deus, já era di ícil o bastante ser amigo de uma garota sem beijos surpresas), mas estava tudo bem. A

usual multidão matinal de estudantes movia-se na direção da escola ao

longo da Avenida Asher no topo da ladeira, mas aqui embaixo eles estavam

sozinhos.

Bobby esfregou a bochecha.

– Ora, vamos, você gostou. – ela disse, rindo.

– Não gostei. – disse Bobby, apesar de ter gostado.

– O que ganhou de aniversário?

– Um cartão da biblioteca. – Bobby disse, e a mostrou. – Um cartão de biblioteca para *adultos*.

– Legal! – teria sido compaixão que ele havia visto em seus olhos?

Provavelmente não. E daí se fosse? – Aqui. Para você. – ela lhe entregou um envelope marcado com seu nome na frente. Ela também havia posto

alguns coraçõezinhos e alguns ursinhos de pelúcia.

Bobby abriu o envelope com suave trepidação, lembrando-se de que

poderia esconder o cartão no bolso traseiro se fosse algo exageradamente sentimental.

Não era. Talvez um pouco criança demais (um menino de chapéu de caubói

montado em um cavalinho, FELIZ ANIVERSÁRIO, VAQUEIRO em letras que

deveriam parecer feitas de madeira por dentro), mas não sentimental

demais. *Com amor, Carol* era um pouco sentimental, mas é claro que ela era uma garota, o que se poderia fazer?

– Valeu.

– É um cartão para bebês, eu sei, mas os outros eram piores ainda. – Carol

disse por uma questão de fato. Um pouco mais acima na ladeira Sully-John

estava esperando por eles, batendo fortemente em sua **Bo-lo Bouncer**

(**N.T. – raquete com uma bolinha amarrada em um cordão.**), fazendo

manobras embaixo de seu braço direito, embaixo do esquerdo, atrás das

costas. Ele não mais tentava fazê-lo entre as pernas; ele tentou uma vez no

pátio da escola e acertou suas próprias bolas em cheio.

Sully gritou. Bobby e algumas outras crianças riram até chorar. Carol e três

de suas amigas correram para perguntar o que estava errado, e os

meninos disseram que nada estava errado. Sully-John disse a mesma coisa,

embora estivesse pálido e a ponto de chorar. Meninos são esquisitos, Carol

havia dito na ocasião, mas Bobby não acreditava que ela realmente achava

isso. Se achasse não teria pulado em cima dele e lhe dado um beijo, e havia

sido um bom beijo, um beijocão. Melhor do que o que sua mãe havia lhe dado.

– Não é um cartão de bebê. – ele disse.

– Não, mas *quase* é. – ela disse. – Eu pensei em te dar um cartão de adulto, mas cara, eles são tão arrogantes.

– Eu sei. – Bobby disse.

– Você vai ser um adulto arrogante, Bobby?

– Espero que não. – ele disse. – E você?

– Não. Eu vou ser como a amiga da minha mãe, a Rionda.

– Rionda é bem gorda. – Bobby disse, incerto.

– É, mas ela é legal. Eu quero ser a parte legal, não a gorda.

– Tem um cara novo se mudando para o nosso prédio. O quarto no terceiro

andar. Minha mãe diz que é realmente quente lá em cima.

– É? Como ele é? – ela deu risadinhas. – Ele é um bobo arrogante?

– Ele é velho. – Bobby disse, então parou para pensar. – Mas ele tinha uma

cara interessante. Minha mãe não gostou dele logo de cara porque ele

tinha trazido algumas de suas coisas dentro de sacolas de compras.

Sully-John se juntou a eles.

– Feliz aniversário, seu bastardo. – ele disse, e deu um tapinha nas costas

de Bobby. *Bastardo* era atualmente a palavra favorita de Sully-John; a de Carol era *legal*; Bobby atualmente não conseguia se decidir, embora achasse que *puto* certamente era uma boa.

– Se ficar xingando, eu não ando com você. – Carol disse.

– Está bem. – disse John companheiramente. Carol era uma loirinha fofa

que parecia uma das **gêmeas Bobbsey** (**N.T. – personagens de uma série**

de livros infantis.) depois de crescida; John Sullivan era alto, cabelos negros, e olhos verdes. Um menino do tipo Joe Hardy. Bobby Gar ield

andava entre eles, sua depressão momentânea esquecida. Era seu

aniversário e ele estava com seus amigos e a vida era boa. Ele colocou o cartão de aniversário de Carol no bolso traseiro e o cartão da biblioteca no

fundo do bolso dianteiro, de onde não poderia cair ou ser roubado. Carol começou a pular. Sully-John a disse para parar.

– Por quê? – Carol perguntou. – Eu gosto de pular.

– Eu gosto de dizer bastardo, mas não digo se você me pede. – Sully-John respondeu com razão.

Carol olhou para Bobby.

– Pular, ao menos sem uma corda, é coisa de bebê, Carol. – disse Bobby,

desculpando-se, então encolheu os ombros. – Mas você pode se quiser. Não nos importamos, não é S-J?

– Não. – Sully-John disse, e começou a brincar com o Bo-lo Bouncer

novamente. Pra frente, pra trás, paf, paf, paf.

Carol não pulou. Ela andou entre eles e ingiu que era a namorada de

Bobby Gar ield, que Bobby tinha carteira de motorista e um Buick e que

eles iam para Bridgeport para ver o show WKBW de Rock ‘n Roll e

Extravaganza. Ela achou que Bobby era extremamente legal. A coisa mais

legal sobre ele era que ele não sabia disso.

***

Bobby saiu da escola às três da tarde. Ele poderia ter chegado mais cedo, mas catar garrafas para reciclagem era parte de sua campanha “Ganhe-uma-bicicleta-com-recompensas”, e ele desviou-se para a

área coberta de

mato pouco depois da Avenida Asher procurando por elas. Ele achou três

Rhenigolds e uma Nehi. Não era muito, mas ora bolas, oito centavos eram oito centavos. *Tudo vai aumentando*, era outro dos ditados de sua mãe.

Bobby lavou as mãos (duas das garrafas estavam imundas), pegou um

lanche da geladeira, leu algumas revistinhas antigas do *Super-Homem*, pegou mais um lanche da geladeira, e então assistiu *American Bandstand*.

Ele ligou para Carol para contar que Bobby Darin iria aparecer (ela achava

que Bobby Darin era profundamente legal.

Especialmente quando ele estalava os dedos enquanto cantava "Queen of

the Hop"), mas ela já sabia disso. Ela estava assistindo com três ou quatro

de suas amigas cabeças de vento; elas davam risinhos sem parar do outro

lado. O som fez Bobby pensar em passarinhos em uma loja de animais. Na

TV, Dick Clark estava mostrando quantas acnes poderiam sumir usando

apenas um Stri-Dex.

Mamãe ligou às quatro horas. O Sr. Biderman precisava que ela

trabalhasse até mais tarde, ela disse. Ela sentia muito, mas a sopa de

aniversário no Colony teria que ser cancelada. Havia sobras de carne

moída na geladeira; ele poderia comer isso e ela estaria em casa às oito horas para fazer guloseimas. E, pelos céus, Bobby, lembre-se de desligar o

registro do gás quando terminar de usar o fogão.

Bobby voltou para a televisão sentindo-se desapontado, mas não realmente surpreso. Em Bandstand, Dick estava agora anunciando o painel do "Que

Nota Você Dá". Bobby achou que o cara do meio poderia usar um

suprimento de Stri-Dex pra vida toda.

Ele pôs a mão dentro do bolso dianteiro, e tirou o novo cartão da biblioteca

laranja. Seu humor começou a icar bom de novo. Ele não precisava icar

sentado aqui na frente da TV com uma pilha de velhas histórias em

quadrinhos se não quisesse. Ele poderia descer até a biblioteca e usar seu

novo cartão, seu novo cartão de adulto. A Srta.

Busybody estaria na mesa, só que seu nome de verdade era Srta.

Harrington, e Bobby achava que ela era linda. Ela usava perfume. Ele

sempre podia senti-lo em sua pele ou em seu cabelo, como uma boa

lembrança. E embora Sully-John estivesse em sua aula de trombone neste

instante, depois da biblioteca Bobby poderia ir até sua casa, e talvez

jogassem mico-preto.

Também, ele pensou, eu posso levar essas garrafas para a loja do Spicer, eu tenho uma bicicleta para ganhar neste verão:

De uma vez só, a vida pareceu completa.

***

A mãe de Sully convidou Bobby para ficar para o jantar, mas ele “disse não,

obrigado, é melhor eu ir pra casa”. De longe ele teria preferido a carne assada e as batatas-fritas crocantes da Sra. Sullivan ao que o esperava em

casa, mas ele sabia que uma das primeiras coisas que sua mãe faria

quando ela voltasse do escritório era checar a geladeira para ver se a

tigela Tupperware com as sobras da carne moída havia desaparecido. Se

não houvesse, ela perguntaria o que Bobby havia comido no jantar. Ela

estaria calma nesta questão, até mesmo espontânea. Se ele contasse que

havia jantado na casa de Sully-John ela assentiria, perguntaria o que eles prepararam e se tiveram sobremesa, e se ele havia agradecido à Sra.

Sullivan também; ela poderia até sentar no sofá com ele e dividir uma bola

de sorvete enquanto assistiriam o seriado de faroeste *Sugarfoot* na TV.

Tudo icaria bem. . exceto que não seria assim. Eventualmente haveria o

troco. Talvez não viesse em um dia ou dois, mesmo uma semana, mas ele

viria. Bobby sabia disso sem quase saber que sabia. Ela sem dúvidas *teve*

que trabalhar até tarde, mas comer sobras de carne moída em seu aniversário também era uma punição por falar com o novo inquilino

quando ele não deveria fazê-lo. Se ele tentasse evitar tal punição,

aumentaria igual ao dinheiro numa conta poupança.

Quando Bobby voltou da casa de Sully-John, já havia passado vinte e cinco

minutos das seis horas e estava icando escuro. Ele tinha dois novos livros

para ler, um de Perry Mason chamado *O Caso das Garras de Veludo* , e uma

novela de icçãocientí ica de Clifford Simak intitulada *O Anel ao Redor do Sol*. Todos pareceram *puta* legais, e a Srta. Harrington não havia pegado no pé dele, a inal de contas. Ao contrário: ela disse que ele estava lendo livros

acima de seu nível, e para continuar a subí-lo.

Ao vir caminhando de volta da casa de S-J, Bobby inventou uma história

onde ele e a Srta. Harrington estavam em um cruzeiro que afundava. Eles

eram os únicos dois sobreviventes, salvos de se afogar ao achar um salva-

vidas com a marca *SS*

LUSITANIC. Eles nadaram até uma ilhota com palmeiras e selvas e um vulcão, e enquanto icavam deitados na praia, a Srta. Harrington tremia e dizia que estava com frio, com tanto frio, será que ele não poderia abraçá-

la e aquecê-la, o que ele, é claro, poderia e o fez, o prazer é meu, Srta.

Harrington, e então os nativos saiam da selva e no começo pareceriam

amigáveis, mas no im das contas eles seriam canibais que viviam na

encosta do vulcão e matavam suas vítimas em uma clareira cercada de

caveiras, então as coisas pareciam ruins, mas logo quando ele e a Srta.

Harrington estavam prestes a serem tragados pela bandeja fumegante do

vulcão, que começava a ribombar, e. .

– Olá, Robert.

Bobby olhou para cima, mais assustado do que havia icado quando Carol

Gerber correra de trás da árvore para tascar um beijocão em sua bochecha. Era o novo homem da casa. Ele estava sentado na varanda e fumava um cigarro. Ele havia trocado seus velhos sapatos arranhados por um par de velhos chinelos arranhados e havia tirado sua jaqueta de popeline – a noite estava quente. Ele parecia à vontade, Bobby pensou.

– Oh, Sr. Brautigan. Olá.

– Eu não quis assustá-lo.

- Você não. .

- Eu acho que assustei sim. Você estava à milhas de distância. E é Ted. Por favor.

– Tudo bem. – mas Bobby não sabia se poderia se acostumar com o Ted. Chamar um adulto (especialmente um *velho* adulto) pelo seu primeiro nome ia não só contra os ensinamentos de sua mãe como também sua própria tendência.

– A escola foi boa? Aprendeu coisas novas?

– Sim, foi legal. – Bobby mudava de um pé para o outro; passava seus novos livros de uma mão para outra.

– Poderia sentar comigo um minuto?

– Claro, mas não posso me demorar. Tenho coisas a fazer, sabe. Tenho que fazer o jantar – as sobras de carne moídas agora pareciam bem atraentes em sua cabeça.

– Absolutamente. Coisas para fazer e *tempus fugit*.

Enquanto Bobby se sentava próximo ao Sr. Brautigan (Ted) no degrau comprido da varanda, cheirando o aroma de seu Chester ield, ele pensou que nunca havia visto um homem que parecia tão cansado como este. Não

poderia ser a mudança, poderia? O quão esgotado você poderia icar

quando tudo o que você trazia era três pequenas malas e três sacolas de compras? Bobby supôs que poderia haver homens que viriam mais tarde

com coisas em caminhões, mas ele realmente achava que não. Era só um

quarto (um grande, mas ainda só um quarto simples com uma cozinha de

um lado e tudo mais do outro). Ele e Sully-John haviam subido lá e

bisbilhotado depois que a velha Srta.

Sidley havia sofrido seu derrame e fora viver com sua filha.

– *Tempus fugit* signi ica "o tempo voa". – Bobby disse. – Mamãe diz muito

isso.

Ela também diz que o tempo e a maré não esperam por ninguém, e que o

tempo cura todas as feridas.

– Sua mãe é uma mulher de muitos ditados, não é?

– É. – disse Bobby, e de repente a idéia de todos aqueles ditados o fez icar

cansado – Muitos ditados.

– Ben Johnson chamou o tempo de "velho careca trapaceiro". – disse Ted

Brautigan, enquanto tragava profundamente seu cigarro e então exalando

rastros gêmeos através de seu nariz. – E Boris Pasternak disse que somos

escravos do tempo, reféns da eternidade.

Bobby o itou fascinado, seu estômago vazio estava momentaneamente

esquecido. Ele adorou a idéia do tempo como um velho careca trapaceiro

(estava absoluta e completamente certo, embora não pudesse explicar o

porquê. . e por acaso aquela incapacidade de responder o porquê não fazia

a coisa ser mais legal ainda?). Era como uma coisa dentro de um ovo, ou uma sombra atrás de um vidro estilhaçado.

– Quem é Ben Johnson?

– Um inglês, morto há muitos anos. – Sr. Brautigan disse. – Egocêntrico e tolo quando o assunto era dinheiro; dado à flatulência também. Mas. .

– O que é isso? Flatulência?

Ted pôs a língua entre os lábios e fez um breve, mas muito realístico, som

de um peido. Bobby cobriu a boca com as mãos e riu entre seus dedos

entrelaçados.

– Crianças acham que peidos são engraçados. – Ted Brautigan disse

assentindo com a cabeça. – É. Para um homem de minha idade, eles são

apenas parte do estranho negócio crescente da vida. Ben Johnson disse

várias coisas boas e sábias no intervalo de seus peidos, à propósito. Não tantas quanto o Dr. Johnson, (este seria Samuel Johnson) mas ainda assim

muitas boas.

– E Boris. .

– Pasternak. Um russo. – disse o Sr. Brautigan desaprovadoramente. – Não

era importante, eu acho. Posso ver seus livros?

Bobby os passou para o Sr. Brautigan (*Ted*, ele se lembrou, *você deveria chamá-lo de Ted*) devolveu o de Perry Mason apressadamente na

oportunidade. A novela de Clifford Simak ele segurou por mais tempo, no

começo dando um olhar furtivo para a capa através dos anéis de fumaça

de seu cigarro que subiam até seus olhos, então o folheando. Ele assentia enquanto o fazia.

– Eu já li esse. – ele disse. – Eu tive muito tempo para ler antes de vir para

cá.

– Mesmo? – Bobby estava entusiasmado. – E é bom?

– Um dos seus melhores. – Sr. Brautigan, *Ted*, respondeu. Ele olhou de relance para Bobby, um olho aberto, o outro ainda fechado por conta da

fumaça. Isso lhe deu um semblante sábio e misterioso, como um

personagem não exatamente con iável em um ilme de detetive. – Mas tem

certeza de que poder ler isto? Você não pode ter mais do que doze anos.

– Eu tenho onze. – Bobby disse. Ele estava radiante porque Ted achou que

ele poderia ser velho a ponto de ter doze. – Faço onze hoje. Eu posso lê-lo.

Eu não vou entendê-lo totalmente, mas se for uma boa história, eu vou

gostar dele.

– Seu aniversário! – Ted disse, parecendo impressionado. Ele deu um

último trago em seu cigarro, e então o jogou fora. O cigarro chocou-se

contra o cimento e faíscas voaram. – Feliz aniversário, querido Robert,

parabéns para você!

– Valeu. É só que eu gosto mais de Bobby.

– Bobby, então. Você vai sair para celebrar?

– Não, minha mãe tem que trabalhar até tarde.

– Gostaria de subir ao meu quartinho? Eu não tenho muito, mas eu sei

como abrir uma lata. Eu também acho que tenho alguns doces. .

– Valeu, mas mamãe me deixou algo pra comer. Eu deveria comer isso.

– Eu entendo. – E por incrível que pareça, ele de fato parecia entender. Ted

devolveu a cópia de *O Anel ao Redor do Sol* de Bobby. – Neste livro. . – ele disse. – O Sr. Simak postula a idéia de que há um número de mundos como

o nosso. Não outros planetas, mas outras Terras, *Terras paralelas* , em um tipo de anel ao redor do sol. Uma idéia fascinante.

– É. – Bobby disse. Ele sabia sobre mundos paralelos de outros livros. Das

revistinhas também.

Ted Brautigan agora o fitava pensativamente, de um jeito especulativo.

– Que foi? – Bobby perguntou, de repente se sentindo constrangido. *Está vendo alguma coisa verde*? Sua mãe teria perguntado.

Por um momento ele achou que Ted iria responder (ele pareceu ter

entrado em algum profundo e confuso trem de pensamento). Então ele deu

a si mesmo uma sacudidela e sentou-se ereto.

– Não é nada. – ele disse. – Eu tenho uma pequena idéia. Talvez você

quisesse ganhar um dinheiro extra. Não que eu tenha muito, mas. .

– Sim! Pode apostar que sim! – *Tem uma bicicleta*, ele quase falou, então parou.

Em boca calada não entra mosca era outro dos ditados de sua mãe. – Eu faria qualquer coisa que o senhor quisesse!

Ted Brautigan pareceu simultaneamente alarmado e maravilhado. Isso

pareceu abrir a porta para um rosto diferente, de algum modo, e Bobby

podia ver isso, sim, o velho cara já havia sido um jovem cara. Talvez do tipo

insolente.

– Isso é uma coisa ruim para se dizer a um estranho. – ele disse. – E

embora nós tenhamos progredido para Bobby e Ted, um bom começo,

ainda somos estranhos um para o outro.

– Algum desses caras, Johnson, disse alguma coisa sobre estranhos?

– Não que eu me lembre, mas aqui vai algo tirado da Bíblia: “Pois sou contigo como um estranho. Sou como um viajante. Poupa-me, ajuda-me a

recuperar forças, antes que venha a morte. .” – Ted distanciou-se por um momento. A diversão havia sumido de seu rosto e ele pareceu velho de

novo. Então sua voz se irmou e ele terminou. – “. .antes que venha a morte

e eu deixe de existir.” Livro dos Salmos. Não consigo me lembrar qual é.

– Bem. . – disse Bobby. – . .eu não mataria ou roubaria ninguém, não se preocupe, mas eu com certeza gostaria de ganhar algum dinheiro.

– Deixe-me pensar, – Ted disse. – Deixe-me pensar um pouco.

– Claro. Mas se você tiver tarefas ou coisas assim, eu sou o cara para se falar.

Posso te dizer isso agora mesmo.

– Tarefas? Talvez. Embora esta não seja a palavra que eu escolheria. – Ted

abraçou com seus braços ossudos os seus joelhos ainda mais ossudos e

olhou ixamente para a grama da Broad Street. Estava escurecendo agora;

a parte favorita de Bobby da noite havia chegado. Os carros que passavam

estavam com as lanternas acesas, e em algum lugar na Avenida Asher, a

Sra. Sigsby chamava suas gêmeas para entrarem e comerem o jantar.

Nesta hora do dia, e de madrugada, enquanto ele estava no banheiro,

urinando na privada com o brilho do sol caindo através da janelinha direto

para seus olhos semicerrados, Bobby sentia-se como em um sonho dentro

da cabeça de outra pessoa.

– Onde você morava antes de vir para cá, senhor. . Ted?

– Um lugar que não era bom. – ele disse. – Nem um pouco perto de ser bom. Há quanto tempo você mora aqui, Bobby?

– Desde que me lembro. Desde que meu pai morreu, quando eu tinha três

anos.

– E você conhece todos na rua? Neste bloco da rua, em todo caso?

– A maioria, sim.

– Você reconheceria estranhos. Viajantes. Rostos desses desconhecidos.

Bobby sorriu e assentiu.

– Aham, acho que sim.

Ele esperou para ver aonde isso chegaria, era interessante, mas

aparentemente isso era o mais longe que a coisa iria. Ted levantou-se,

devagar e prudentemente. Bobby pôde ouvir seus pequenos ossos

estalarem em suas costas quando ele pôs suas mãos lá ao se esticar,

fazendo uma careta.

– Vamos. – disse ele. – Está icando frio. Eu vou entrar com você. Sua chave

ou a minha?

Bobby sorriu.

– É melhor começar a usar a sua própria, não acha?

Ted (estava icando mais fácil de imaginá-lo como Ted) puxou um chaveiro

do bolso. As únicas chaves nele eram a que abria a grande porta da frente

e a do seu quarto.

Ambas eram brilhantes e novas, a cor do ouro do bandido. As chaves de

Bobby estavam arranhadas e desbotadas. O quão velho era Ted? Ele se

perguntou novamente. Sessenta, pelo menos. Um homem de sessenta anos

com apenas duas chaves no bolso. Isso era esquisito.

Ted abriu a porta da frente e eles adentraram a grande e escura entrada

com a cestinha para colocar guarda-chuvas e sua velha pintura de Lewis e

Clark olhando através do Oeste Americano. Bobby foi para a porta do

apartamento dos Gar ield e Ted subiu as escadas. Ele parou lá por um

momento com a mão no corrimão.

– O livro de Simak é uma grande história. – ele disse. – Não é uma escrita

tão boa. Não é má, eu não quis dizer isso, mas confie em mim, há melhores.

Bobby esperou.

– Existem também livros cheios de grandes escritas que não tem histórias tão boas. Leia às vezes pela história, Bobby. Não seja como os esnobes

literários que não fariam isso. Leia às vezes pelas palavras, a linguagem.

Não seja como super-prudentes que não fariam *isso*. Mas quando você achar um livro que tenha tanto boa escrita como boa história, guarde-o

como um tesouro.

– Você acha que existem muitos desses? – Bobby perguntou.

– Mais do que esnobes literários e super-prudentes pensam. Muito mais.

Talvez eu lhe dê um. Um presente de aniversário atrasado.

– Você não precisa fazer isso.

– Não, mas talvez eu vá. E tenha um feliz aniversário.

– Valeu. Ele tem sido ótimo. – Então Bobby entrou em seu apartamento,

aqueceu a carne moída (lembrando-se de desligar o registro de gás depois

que a comida começou a borbulhar, também se lembrando de pôr a

frigideira na pia para esfriar), e comeu o jantar sozinho, lendo *O Anel ao Redor do Sol* com a TV ligada de companhia.

Ele quase não ouviu Chet Huntley e David Brinkley tagarelando as notícias

da noite.

Ted estava certo sobre o livro; era formidável. As palavras pareceram

leves para ele também, embora ele achasse que não tinha tanta

experiência ainda.

Eu gostaria de escrever histórias assim , ele pensou enquanto inalmente fechava o livro e deitava no sofá para assistir Sugarfoot. *Imagino se um dia*

poderia fazer isso.

Talvez. Talvez sim. *Alguém* tinha que escrever histórias, a inal de contas, exatamente como alguém tinha que consertar os canos quando eles

congelavam ou mudar as luzes dos postes do Parque Commonwealth

quando eles queimavam.

Mais ou menos uma hora depois, depois que Bobby pegou *O Anel ao Redor*

do Sol e começou a ler de novo, sua mãe chegou. Seu batom estava um

pouco borrado no canto e seu vestido estava um pouco solto. Bobby pensou em avisá-la sobre isso, e então se lembrou como ela detestava

quando alguém lhe dizia que “nevava no sul”. Além disso, o que importava?

Seu dia de trabalho estava terminado e, como ela às vezes dizia, não havia

ninguém aqui exceto nós, os frangos.

Ela checou a geladeira para se certi icar de que as sobras de carne moída

haviam sumido, checou o fogão para se certi icar de que o registro do gás

havia sido desligado, checou a pia para se certi icar de que o pote estava boiando na água espumante. Então ela o beijou na têmpora rapidamente, e

foi para o quarto trocar seu vestido do escritório.

Ela pareceu distante, preocupada. Ela não perguntou se ele teve um feliz aniversário.

Mais tarde ele mostrou a ela o cartão de Carol. Sua mãe olhou de relance para ele, não o vendo realmente, dizendo que era “bonitinho”, e o devolveu.

Então ela falou para ele ir se lavar, escovar os dentes, e ir para a cama.

Bobby assim o fez, sem mencionar sua interessante conversa com Ted. Em

seu humor atual isso a faria icar zangada. A melhor coisa a se fazer era deixá-la icar distante, deixá-la em paz o quanto ela precisasse icar, dar a

ela tempo para voltar ao normal. Assim ele sentiu aquele triste humor o tomando novamente enquanto terminava de escovar os dentes e subia na

cama.

Às vezes ele se sentia quase ávido por ela, e ela não sabia.

Ele saiu da cama e fechou a porta, bloqueando o som de um ilme antigo.

Ele desligou a luz. E então, quando ele estava quase adormecendo, ela

entrou, sentou ao lado da sua cama, e pediu desculpas por estar tão

distante hoje à noite, mas havia sido muito trabalhoso no escritório e ela estava cansada. Algumas vezes era como um hospício, ela disse. Ela fez um

carinho em sua testa com o dedo e o beijou lá, fazendo-o sentir um arrepio.

Ele sentou-se e a abraçou. Ela enrijeceu momentaneamente ao seu toque,

então relaxou. Ela até mesmo o abraçou de volta rapidamente. Ele achou

que estaria tudo bem contar sobre Ted agora. Ou pelo menos um pouco.

– Eu falei com o Sr. Brautigan quando eu voltei para casa da biblioteca. –

ele disse.

– Quem?

– O novo homem no terceiro andar. Ele me pediu para chamá-lo de Ted.

– Você não fez isso, eu deveria tê-lo proibido! Você nem o conhece direito!

– Ele disse que dar a uma criança um cartão da biblioteca de adulto era um

grande presente. – Ted não havia dito tal coisa, mas Bobby vivia com sua mãe o tempo su iciente para saber o que funcionava e o que não

funcionava.

Ela relaxou um pouco.

– Ele disse de onde veio?

– Acho que ele disse de um lugar não tão bom quanto aqui.

– Bem, isso não nos diz muito, diz? – Bobby ainda estava a abraçando. Ele

poderia abraçá-la por mais uma hora facilmente, sentindo o cheiro de seu

xampu e de seu desodorante e o prazeroso odor de tabaco em seu hálito, mas ela soltou-se dele e o deitou. – Eu acho que se ele vai se tornar seu amigo, seu amigo *adulto*, eu terei que conhecê-lo um pouco.

– Bem. .

– Talvez eu goste mais dele quando ele não tiver mais sacolas de compras

espalhadas por toda a grama. – Para Liz Gar ield isto era sinceramente

conciliador, e Bobby estava satisfeito. O dia havia chegado a um im

bastante aceitável, apesar de tudo. – Boa noite, aniversariante.

– Boa noite, mãe.

Ela saiu e fechou a porta. Mais tarde naquela noite, bem mais tarde, ele achou que estava ouvindo-a chorar em seu quarto, mas talvez fosse apenas

um sonho.

2

Dúvidas Sobre Ted. Livros são como Bombas.

Nem Pense Nisso. Sully Ganha um Prêmio.

Bobby Arranja um Emprego. Sinais dos Homens Maus.

Pelas semanas seguintes, enquanto o clima esquentava com o verão, Ted

normalmente icava na varanda fumando quando Liz voltava para casa do

trabalho. Às vezes ele estava só, e às vezes Bobby estava sentado com ele,

falando sobre livros. Às vezes Carol e Sully-John estavam lá também, as

três crianças brincando de mico-preto na grama enquanto Ted fumava e os

observava jogar. Às vezes outras crianças apareciam: Denny Rivers, com

seu planador de brinquedo, o cabeça-mole do Francis Utterson, sempre

andando em seu patinete com uma perna super desenvolvida, Angela

Avery e Yvonne Loving para perguntar a Carol se ela gostaria de ir para a

casa de Yvonne e brincar de bonecas ou de um jogo chamado Hospital de

Enfermeiras – mas na maioria das vezes era apenas S-J e Carol, os amigos

especiais de Bobby. Todas as crianças chamavam o Sr. Brautigan de Ted,

mas quando Bobby explicou a razão de ser melhor se o chamassem de Sr.

Brautigan enquanto sua mãe estivesse por perto, Ted concordou na hora.

Quanto à sua mãe, ela parecia não conseguir expelir o nome *Brautigan* da

boca.

O que emergia era sempre *Brattigan*. Isso, porém, poderia não ser de propósito; Bobby começava a sentir uma cautelosa sensação de alívio

sobre o ponto de vista que sua mãe tinha sobre Ted. Ele temia que ela se sentisse com Ted do mesmo modo que havia se sentido com a Sra. Evers,

sua professora da segunda série. Mamãe havia detestado a Sra. Evers logo

de cara, detestava-a *profundamente*, por nenhuma razão aparente que

Bobby pudesse ver ou entender, e não teve uma única boa palavra para

dizer sobre ela durante todo o ano. A Sra. Evers se vestia como uma pessoa

careta, a Sra. Evers pintava o cabelo, a Sra. Evers usava maquiagem

demais, Bobby só tinha que dizer se a Sra.

Evers havia lhe tocado em um *único io de cabelo*, porque ela parecia o tipo de mulher gostava de beliscar e empurrar. Tudo isto seguindo uma única

reunião de pais e professores em que a Sra. Evers disse a Liz que Bobby

estava com boas notas. Houve outras reuniões de pais e professores naquele ano, e a mãe de Bobby

encontrou motivos para evitar cada uma

delas.

As opiniões de Liz sobre as pessoas haviam piorado rapidamente; quando

ela escrevia MÁ PESSOA sob sua igura mental de você, ela quase o

escrevia com tinta. Se a Sra. Evers tivesse salvado seis crianças de um ônibus escolar em chamas, Liz Gar ield diria que elas provavelmente

deviam à velha vaca de olhos esbugalhados o dinheiro de duas semanas do

leite.

Ted fez todo o esforço para ser gentil com ela sem ser um puxa-saco (as pessoas *puxavam* o saco de sua mãe, Bobby sabia; diabos, às vezes ele mesmo fazia isso), e funcionou. . mas até certo ponto. Em uma ocasião Ted e

a mãe de Bobby conversaram por quase dez minutos sobre o quão terrível

era o fato dos Dodgers terem se mudado para o outro lado do país sem

nada mais do que um adeus, mas nem que ambos fossem fãs do Ebbet

Field Dodger isso poderia gerar uma faísca entre eles. Eles nunca seriam amigos. Mamãe não desgostava de Ted do jeito que fazia com a Sra. Evers,

mas ainda assim havia algo errado. Bobby supunha que ele sabia o que

era; ele havia visto nos olhos dela na manhã em que o novo inquilino se mudou. Liz não confiava nele.

Nem, como se descobriu, Carol Gerber.

– Às vezes me pergunto se ele está fugindo de alguma coisa. – ela disse numa tarde enquanto ela, Bobby e S-J subiam a ladeira na direção da

Avenida Asher.

Eles icaram brincando de mico-preto por uma hora mais ou menos,

falando com Ted aqui e acolá enquanto jogavam, e agora se dirigiam para o

Felicidade à Beira da Estrada do Moon para comerem uma casquinha de

sorvete. S-J tinha trinta centavos e estava se divertindo. Ele também tinha levado seu Bo-lo Bouncer, que ele agora tirava de seu bolso traseiro. Daqui

a pouco ele estaria batendo a bola pra cima, pra baixo, pra todo lado, paf-

paf-paf.

– Fugindo? Está brincando? – Bobby icou pasmo com a idéia. Ainda assim Carol tinha os dois pés atrás quando se tratava de pessoas; até sua mãe já havia percebido isso. *Essa menina não é bonita, mas ela não deixa escapar uma*, ela disse certa noite.

– Não os deixe escapar, McGarrigle! – Sully-John gritou. Ele colocou seu Bo-lo Bouncer sob o braço e caiu agachado, atirando com uma pistola invisível, puxando para baixo o lado direito da sua boca para assim fazer o som das balas, uma espécie de ih-ih-ih que vinha do fundo de sua garganta. – Vocês nunca me pegarão vivo, babacas! Acabe com eles, Mugsy! Ninguém passa o Rico para trás! Ah, caramba, eles me acertaram! –

S-J apertou o peito, começou a girar, e caiu morto no gramado da Sra. Conlan.

Essa senhora, uma velha rabugenta e aquilo-que-rima-com-luta de setenta e cinco anos mais ou menos, berrou: “Garoto! Chispa, garoto! Saia daí! Vai amassar minhas flores!

Não havia uma única lor no raio de três metros de onde Sully-John estava caído, mas ele se levantou de supetão.

– Desculpe, Sra. Conlan.

Ela agitou uma mão para ele, isentando-o do pedido de desculpas sem dizer uma palavra, e vigiou atentamente enquanto as crianças seguiam seu caminho.

– Você não está falando sério, está? – Bobby perguntou a Carol. – Sobre Ted?

– Não. – ela disse. – Acho que não. Mas. . você já viu ele vigiando a rua?

– Sim. Parece que ele está esperando que alguém apareça, não é?

– Ou esperando que alguém *não* apareça. – Carol respondeu.

Sully-John voltou a brincar com sua raquete. Não demorou para que a

bolinha vermelha começa a quicar para frente e para trás de novo. Sully só

parou quando pararam pelo Asher Empire onde dois ilmes de Brigitte

Bardot estavam sendo exibidos, Apenas para Adultos, É Obrigatório

Carteira de Motorista ou Certi icado de Nascimento, Sem Exceções. Um dos

ilmes era novo; o outro era um velho, *E Deus Criou a Mulher*, que parecia

sempre voltar ao Empire como uma crise de tosse. Nos cartazes, Brigitte estava vestida com nada mais do que uma toalha e um sorriso.

– Minha mãe disse que ela é um lixo desprezível. – Carol disse.

– Se ela é um lixo eu adoraria ser o lixeiro. – disse S-J, e movimentou as sobrancelhas como Groucho Marx.

– Você acha que ela é desprezível? – Bobby perguntou a Carol.

– Eu nem mesmo tenho certeza do que isso significa.

Enquanto passavam por debaixo da marquise (de onde em seu interior, na

cabine de ingressos de vidro ao lado das portas, a Sra. Godlow, conhecida pelas crianças da vizinhança como a Sra. Godzilla, os vigiava

suspeitamente). Carol olhou para trás acima de seus ombros para ver

Brigitte Bardot em sua toalha. Sua expressão era difícil de ler.

Curiosidade? Bobby não saberia dizer.

– Mas ela é bonita, não é?

– É, eu acho.

– E você tem que ser corajoso para deixar as pessoas olharem para você vestindo apenas uma toalha. É o que eu penso, de qualquer forma.

Sully-John já não mais tinha interesse em *la femme Brigitte* agora que ela já estava para trás.

– De onde veio o Ted, Bobby?

– Eu não sei. Ele nunca fala sobre isso.

Sully-John assentiu como se esperasse essa resposta, e então novamente

pôs sua raquete em ação. Pra cima e pra baixo, e pra todo lado, paf-paf-paf.

***

Em Maio, os pensamentos de Bobby passaram a versar sobre as férias de

verão.

Não havia nada realmente melhor do que o que Sully chamava de “A Grande Folga”.

Ele iria gastar várias horas curtindo com seus amigos, tanto na Broad

Street quanto lá embaixo no Clube Sterling do outro lado do parque (eles tinham várias coisas legais para fazer durante o verão no Clube Sterling, incluindo beisebol e viagens semanais para Patagonia Beach, em West

Haven) e ele também teria bastante tempo para si mesmo. Tempo para ler,

é claro, mas o que ele realmente queria fazer com um pouco deste tempo era conseguir um trabalho temporário. Ele tinha pouco mais de sete

mangos em um pote onde se lia FUNDOS PARA BICICLETA, e sete mangos

era um começo. .

mas não o que você chamaria de um *grande* começo. Neste ritmo Nixon se

tornaria Presidente dois anos antes que ele começasse a pedalar para a

escola.

Em um destes dias as-férias-estão-quase-aqui, Ted lhe deu um livro de

capa mole.

– Lembra-se de que eu lhe disse que alguns livros têm tanto boas histórias

como boa escrita? – ele perguntou. – Este aqui é um deles. Um presente de

aniversário atrasado de um novo amigo. Ao menos espero que eu seja seu

amigo.

– Você é. Muito obrigado! – A despeito do entusiasmo em sua voz, Bobby pegou o livro descon iado. Ele estava acostumado com livros de bolso com

capas brilhantes e ásperas com slogans sensuais (“Ela caiu na sarjeta. . E

DESCEU MAIS AINDA!”); este não tinha nada disso. A capa era em sua

maior parte branca. Num dos cantos estava desenhado, apenas esboçado,

um grupo de meninos em um círculo. O nome do livro era *O Senhor das Moscas*. Não havia slogan acima do título, nem mesmo um do tipo discreto como “Uma história que você nunca irá esquecer”. Não obstante, ele tinha

uma aparência medonha e desagradável, sugerindo que a história sob a

capa seria di ícil. Bobby não tinha nada em particular contra livros di íceis,

contanto que izessem parte do dever da escola. Sua opinião sobre ler por

prazer, no entanto, era que as histórias deveriam ser fáceis, que o escritor

deveria fazer de tudo, exceto girar os olhos em órbita por você. Se não o fizesse, que prazer poderia haver nisso?

Ele tentou devolver o livro. Ted colocou sua mão gentilmente em cima da de Bobby, o parando.

– Não faça isso. – ele disse. – Como um favor pessoal, não faça isso.

Bobby o fitou sem entender.

– Entre no livro como se você estivesse entrando em uma terra

inexplorada. Entre sem um mapa. Explore-o e desenhe seu próprio mapa.

– Mas e se eu não gostar dele?

Ted deu de ombros.

– Então não o termine. Um livro é como uma bomba. Não lhe dá nada a não

ser que você lhe dê algo primeiro. Você enche uma bomba com sua própria

água, você opera a manivela com sua própria força. Você faz isso porque você espera receber mais do que deu. . eventualmente. Você entendeu

isso?

Bobby assentiu.

– Por quanto tempo você continuaria a operar a manivela da bomba se

nada saísse de lá?

– Não por muito tempo, eu acho.

– Este livro tem duzentas páginas, mais ou menos. Leia os primeiros dez por cento, vinte páginas, no caso. Eu já sei que sua matemática não é tão boa quanto sua leitura, e se até lá você não gostar, se ele não lhe der mais

do que você está dando-lhe, deixe-o para lá.

– Eu gostaria que deixassem você fazer isso na escola. – Bobby disse. Ele estava pensando no poema de Ralph Waldo Emerson que eles deveriam

memorizar. "Pela rude ponte que arqueava a enchente", era assim que

começava. S-J chamou o poeta de Ralph Waldo Emersonífero.

– A escola é diferente. – eles estavam sentados à mesa da cozinha de Ted,

olhando para o quintal, onde tudo estava lorescido. Na Colony Street, que

seria a próxima rua, o cachorro da Sra. O'Hara latiu seu interminável uou-

uou-uou ao suave vento da primavera. Ted estava fumando um

Chesterfield.

– E falando em escola, não leve o livro para lá com você. Há coisas nele que

seu professor pode não querer que você leia. Poderia haver uma bru-ra-

ra.

– Uma o quê?

– Um carão. E se você tiver problemas na escola, você terá problemas em casa, isso eu tenho certeza de que não preciso te dizer. E sua mãe. . – a mão

que não segurava o cigarro fez um gesto de gangorra que Bobby entendeu

de cara. *Sua mãe não confia em mim.*

Bobby pensou em Carol dizendo que talvez Ted estivesse fugindo de

alguma coisa, e lembrou-se de sua mãe dizendo que Carol não deixava

escapar uma.

– O que tem nele que poderia me colocar em problemas? – ele olhou para

O Senhor das Moscas com nova fascinação.

– Nada que te faça espumar pela boca. – Ted disse secamente. Ele esmagou

seu cigarro em um cinzeiro de lata, foi até seu pequeno refrigerador, e tirou duas garrafas de refresco. Não havia cerveja ou vinho lá, apenas

refresco e uma garrafa de vidro de sorvete. – Alguém fala sobre en iar

uma lança na bunda de um porco selvagem, acho que isso é o pior. Ainda assim, há um certo grupo de adultos que conseguem ver apenas árvores e

nunca a loresta. Leia as primeiras vinte páginas, Bobby. Você nunca

olhará para trás. Isto eu te prometo.

Ted pôs as garrafas na mesa e tirou as tampas com um abridor de

garrafas. Então ele levantou sua garrafa e a bateu contra a de Bobby.

– Aos seus novos amigos na ilha.

– Que ilha?

Ted Brautigan sorriu e acendeu o último cigarro da embalagem amassada.

– Você vai descobrir. – ele disse.

***

Bobby, de fato, descobriu, e não foi necessário chegar a vinte páginas para

que ele também achasse que *O Senhor das Moscas* era um livro bom pra caramba, talvez o melhor que ele já havia lido. Dez páginas lidas e ele já estava capturado; vinte páginas e ele já estava perdido. Ele viveu na ilha com Ralph, Jack, Porquinho e seus amigos; ele tremeu com a Fera que no im das contas era o piloto do avião que já estava apodrecendo preso no pára-quedas, ele assistiu, primeiro com receio, e então com horror,

enquanto um grupo de inofensivos colegas de escola regrediam à

selvageria, inalmente pondo em ação uma caçada contra o único deles que

ainda conseguia se manter meio humano.

Ele terminou o livro em um Sábado, na semana anterior em que as aulas

desse ano acabavam. Quando o meio-dia chegou, e Bobby ainda estava em

seu quarto, sem amigos para brincar, sem desenhos matinais do Sábado

para ver, nem mesmo os do Pernalonga e sua turma, sua mãe olhou para

ele e disse para que ele saísse da cama, tirasse o nariz daquele livro, e descesse para o parque ou coisa assim.

– Onde está Sully? – ela perguntou.

– Na Praça Dalhouse. Está havendo um concerto de bandas escolares. –

Bobby olhou para sua mãe à porta e para as coisas ordinárias ao seu redor

com um olhar confuso e perplexo. O mundo da história se tornara tão

vívido que ver o mundo real agora parecia algo falso e entediante.

– E quanto a sua namorada? Leve-a ao parque com você.

– Carol não é minha namorada, mãe.

– Bem, tanto faz o que ela seja. Pelo amor de Deus, Bobby, eu não estava sugerindo que vocês dois fugissem.

– Ela foi dormir com algumas amigas ontem à noite na casa dos Angle.

Carol diz que quando dormem por lá, elas icam acordadas e brincam a

noite toda. Aposto que elas ainda estão na cama, ou tomando o café da

manhã.

– Então vá ao parque sozinho. Você já está me deixando nervosa. Com a TV

desligada no Sábado de manhã eu continuo a pensar que você morreu. –

ela entrou no quarto e tirou o livro de suas mãos. Bobby assistiu paralisado

enquanto ela folheava algumas páginas, lendo algumas passagens

aleatoriamente aqui e acolá. E se ela lesse a parte em que os meninos

confabulavam sobre en iar a lança no traseiro do porco (só que eles eram

ingleses, e diziam “bunda”, o que soava ainda mais obsceno para Bobby)?

O

que ela faria? Ele não sabia. Por toda sua vida eles haviam morado juntos,

na maior parte do tempo havia sido apenas eles dois, e ainda assim ele não

conseguia prever como ela iria reagir a qualquer situação.

– Esse é o que Brattigan te deu?

– É.

– De presente de aniversário?

– É.

– Sobre o que é?

– Sobre meninos perdidos em uma ilha. O navio deles afundou. Acho que a

história se passa depois da Segunda Guerra Mundial ou coisa assim. O cara

que o escreveu nunca dá certeza.

– Então é ficção-científica.

– Sim. – Bobby disse. Ele se sentiu um pouco tonto. Ele achou que *O Senhor*

das Moscas não parecia nem um pouco com *O Anel ao Redor do Sol*, mas sua mãe odiava icção-cientí ica, e se alguma coisa potencialmente poderia

fazê-la parar de folhear, seria essa.

Ela devolveu o livro e andou até sua janela.

– Bobby?

Não o olhou, ao menos não de primeira. Ela vestia uma blusa velha e suas

calças de Sábado. A luz do meio-dia brilhou em sua blusa; ele podia ver seu

per il e notou pela primeira vez como ela era magra, como se ela tivesse se

esquecido de comer ou coisa assim.

– O que é, mãe?

– O Sr. Brattigan lhe deu algum outro presente?

– É *Brautigan*, mãe.

Ela franziu o cenho em seu re lexo na janela. . ou provavelmente era para

seu reflexo que ela franzia.

– Não me corrija, Bobby-O. Ele deu?

Bobby pensou. Alguns refrescos, às vezes um sanduíche de atum ou

churros da padaria onde a mãe de Sully trabalhava, mas nada de

presentes. Apenas o livro, que era um dos melhores presentes que ele já havia ganhado.

– Caramba, não, por que ele faria isso?

– Eu não sei. Mas então, eu não sei por que de um homem que você acabou

de conhecer lhe dá um presente de aniversário logo de cara. – ela

suspirou, cruzou os braços sob seus pequenos seios pontudos, e continuou

a olhar pela janela de Bobby. –

Ele me disse que tinha um emprego de funcionário público em Hartford,

mas agora está aposentado. Foi isso o que ele te disse?

– Alguma coisa assim. – Na verdade Ted nunca lhe contou nada sobre

empregos, e perguntar nunca passou pela cabeça de Bobby.

– Que tipo de emprego? Em que área? Saúde? Transporte? Fiscal de contas

públicas?

Bobby balançou a cabeça. Que diabos eram contas públicas?

– Aposto que é da área de educação. – ela disse meditando. – Ele fala como

alguém que costumava ser professor. Não é?

– É, até que parece.

– Ele tem algum passatempo?

– Eu não sei. – Havia leitura, é claro; duas das três sacolas que haviam ofendido sua mãe estavam cheias de livros de capa mole, a maioria deles parecendo *difíceis* de ler.

O fato de que Bobby não sabia nada sobre os passatempos do novo homem

por alguma razão pareceu tranqüilizar a mente dela. Ela deu de ombros e

quando falou de novo parecia falar para si mesma ao invés de para Bobby.

– Puxa, é só um livro. E um de capa mole, afinal de contas.

– Ele disse que pode ter um trabalho para mim, mas até agora ele não me

disse nada.

Ela se virou rapidamente.

– Qualquer trabalho que ele te oferecer, qualquer tarefa que ele te pedir para fazer, você vem falar

comigo primeiro. Entendeu?

– Claro, entendi. – A intensidade dela o surpreendeu e o deixou nervoso.

– Prometa.

– Eu prometo.

– Prometa *sério*, Bobby.

Ele obedientemente jurou de pé junto, e disse:

– Eu prometo à minha mãe em nome de Deus.

Isso normalmente colocava uma pedra no assunto, mas desta vez ela não

parecia satisfeita.

– Ele já. . ele já te. . – Aí ela parou, parecendo estranhamente nervosa. As crianças às vezes pareciam assim quando a Sra. Bramwell as mandava à

lousa para destacar os substantivos e verbos, e eles não conseguiam.

– Ele já o quê, mãe?

– Deixa pra lá. – ela disse zangada. – Saia daqui, Bobby, vá para o parque ou para o Clube Sterling. Eu estou cansada de olhar para você.

Então por que você veio até aqui? ele pensou (mas é claro que não disse).

Eu não estava te incomodando, mãe. Eu não estava te incomodando.

Bobby en iou *O Senhor das Moscas* em seu bolso traseiro e saiu para a porta.

Ele se virou quando chegou lá. Ela ainda estava na janela, mas agora ela o

estava observando novamente. Ele nunca a viu com um semblante

amoroso em tais momentos; na melhor das hipóteses ele via especulação,

às vezes (nem sempre) carinhosa.

– Ei, mãe? – ele estava pensando em pedir cinqüenta centavos, meio

mango.

Com isso ele poderia comprar um refresco e dois cachorros-quentes no

Café Colony, que vinham em pães de forma com pedacinhos de batatas e

picles nas laterais. A boca dela endureceu, e ele soube que não era dia para cachorros-quentes.

– Não peça, Bobby, nem pense nisso. – *Nem pense nisso*. Esse era um dos seus favoritos. – Eu tenho toneladas de contas para pagar esta semana,

então tire essas cifras de seus olhos.

Ela *não tinha* toneladas de contas, isso era fato. Não nesta semana. Bobby havia visto ambas as contas de luz e o cheque do aluguel dentro do

envelope em que estava escrito “Sr. Monteleone” na Quarta-Feira passada.

E ela não poderia dizer que ele precisava de roupas novas tão cedo porque

o ano letivo estava quase no im, não no começo. O único dinheiro que ele

pediu ultimamente havia sido cinco pratas para ir ao Clube Sterling (taxas

trimestrais) e até sobre isso ela havia reclamado, embora soubesse que

tudo isso cobria natação e beisebol dos Lobos e Leões, além do seguro. Se

houvesse sido outra pessoa que não sua mãe, ele haveria pensado nisso

como sendo um comportamento sovina. Ele não podia dizer nada sobre

isso com ela; falar com ela sobre dinheiro quase sempre resultava em uma

discussão, e disputar qualquer parte de seu ponto de vista sobre assuntos

de dinheiro, mesmo os mais insignificantes, poderia fazê-

la adentrar a histeria. Quando ela chegava a este ponto ela icava assustadora.

Bobby sorriu.

– Tudo bem, mamãe.

Ela sorriu de volta, e então apontou para o pote em que estava escrito FUNDOS PARA A BICICLETA.

– Por que não pega emprestado dali? Vá se divertir. Eu nunca direi nada, e

você sempre poderá recuperar o dinheiro.

Ele segurou o sorriso, mas apenas com esforço. O quão fácil ela havia dito

aquilo, nunca pensando o quão furiosa icaria se Bobby sugerisse que ela

pegasse emprestado das contas de luz, ou do telefone, ou qualquer uma

para seus “assuntos de roupas”, para que então ele pudesse comprar uma

dupla de cachorros-quentes e uma torta com sorvete no Colony. Se ele

dissesse animado que nunca diria nada, e que ela sempre poderia

recuperar o dinheiro. É, pode apostar, e então ganharia um beijo no rosto.

***

Quando chegou ao Parque Commonwealth, o ressentimento de Bobby

havia desaparecido e a palavra *sovina* havia abandonado seu cérebro.

Fazia um belo dia e ele tinha um incrível livro para terminar; como você poderia estar ressentido e irritado com coisas assim? Ele achou um banco

afastado e reabriu *O Senhor das Moscas*. Ele tinha que terminá-lo hoje, tinha que descobrir o que ia acontecer.

As últimas quarenta páginas lhe tomaram uma hora, e durante este tempo

ele estava absorto de tudo ao seu redor. Quando inalmente fechou o livro,

descobriu que ele estava coberto de lores brancas. Seus cabelos estavam

cheios delas também, ele estivera sentado, sem perceber, sob uma

tempestade de pétalas.

Ele as removeu, olhando na direção da área de brincadeiras. Crianças

brincavam em gangorras batendo e fazendo a **tetherball (N.T. – Jogo norte-americano. Consiste num poste, onde se pendura uma bola por**

uma corda e em que dois jogadores em lados opostos tentam enrolar

a bola no poste. Ganha quem primeiro conseguir enrolar a bola.) voar em sua baliza. Rindo, perseguindo umas as outras, rolando na grama. Será

que estas crianças poderiam acabar icando nuas e venerando uma cabeça

de porco podre? Era tentandor dispensar tais idéias como as imaginações

de um adulto que detestava crianças (havia muitos que não detestavam,

Bobby sabia), mas então Bobby olhou para a caixa de areia e viu um

menininho sentado lá e chorando como se seu coração fosse se partir,

enquanto outra criança maior sentada ao seu lado, brincava

despreocupadamente com um caminhãozinho Tonka que ele havia tomado

das mãos de seu coleguinha.

E o inal do livro, feliz ou não? O quão louco uma coisa dessas poderia parecer a um mês atrás, Bobby não saberia dizer. Nunca em sua vida ele havia lido um livro em que não soubesse se o inal dele havia sido feliz ou

não. Ted saberia, entretanto. Ele perguntaria a Ted.

***

Bobby ainda estava no banco quinze minutos depois quando Sully entrou

no parque e o viu.

– Diga lá, seu velho bastardo! – Sully exclamou. – Eu fui à sua casa e sua mãe disse que você estaria aqui, ou talvez no Clube Sterling. Finalmente terminou o livro?

– Sim.

– Foi bom?

– Sim.

S-J balançou a cabeça.

– Eu nunca conheci um livro de que gostasse realmente, mas vou acreditar

em você.

– Como foi o concerto?

Sully deu de ombros.

– Nós sopramos até que as pessoas foram embora, então acho que foi bom para nós de qualquer forma. E adivinhe quem ganhou a semana no

Acampamento Winiwinaia? – O Acampamento Winnie era o acampamento

colega da **Associação Cristã de Moços** (**N.T.: Do original, Young Men Christian Association, o YMCA.**)no lago George, nas lorestas ao norte de

Storrs. A cada ano o CAH – Comitê de Atividades de Harwich – fazia um sorteio para dar uma semana de férias lá.

Bobby sentiu uma pontada de ciúme.

– Não me diga.

Sully-John sorriu.

– Isso aí, cara. Setenta nomes naquele chapéu, setenta *pelo menos*, e aquele que o velho careca e bastardo Sr. Coughlin tirou foi John L. Sullivan, Junior,

da Broad Street, número 93. Minha mãe quase fez xixi nas calças.

– Quando você vai?

– Duas semanas depois das aulas acabarem. Mamãe vai tentar conseguir

sua folga de uma semana da padaria ao mesmo tempo, para que ela possa

ver Vovó e Vovô em Wisconsin. Ela vai tomar o Grande Cão Cinzento. – A Grande Folga eram as férias de verão; O Grande Exibido era **Ed**

Sullivan (**N.T. foi um famoso apresentador de televisão nas décadas de 1950 e 1960.**) nas noites de Domingo; O Grande Cão Cinzento era, é claro, um ônibus Greyhound. O armazém local dos ônibus era na subida da

rua da Asher Empire e do Café Colony.

– Não gostaria de ir para Wisconsin com ela? – Bobby perguntou, sentindo

um perverso desejo de estragar a felicidade do seu amigo quando sua

sorte era tão pouca.

– Mais ou menos, mas pre iro ir acampar e atirar lechas. – ele pôs um braço ao redor dos ombros de Bobby. – Só queria que você pudesse vir

comigo, seu leitor bastardo.

Isso fez Bobby sentir-se desprezível. Ele olhou para baixo para *O Senhor das Moscas* novamente e soube que o leria de novo em breve. Talvez no começo de Agosto, se as coisas icassem entediantes (em Agosto elas

normalmente icavam, por mais di ícil que fosse acreditar nisso em Maio).

Então ele olhou para Sully-John, sorriu, e pôs o braço ao redor dos ombros

de S-J.

– Bem, você é um pato sortudo. – ele disse.

– Só não me chame de Donald. – concordou Sully-John.

Eles sentaram no banco daquele jeito por um tempo, com os braços em

volta de seus ombros naquela iminente tempestade de pétalas, observando

as crianças menores brincarem. Então Sully disse que iria para a matinê de

Sábado no Empire, e que era melhor ele correr se não quisesse perder a pré-estréia.

– Por que você não vem, Bobborino? Está passando *O Escorpião Negro*.

Uma overdose de monstros.

– Não posso, estou falido. – disse Bobby. Isso era verdade (se você

excluísse os sete dólares no pote de Fundos da Bicicleta), e de qualquer forma ele não estava a im de ir ao cinema hoje, mesmo tendo ouvido um garoto na escola dizer que *O Escorpião Negro* era realmente muito bom, os escorpiões atravessavam as pessoas com seus ferrões quando as matavam

e também destruíam a Cidade do México.

O que Bobby queria fazer era ir para casa e conversar com Ted sobre *O*

Senhor das Moscas.

– Falido. – Sully disse tristemente. – É um fato triste, xará. Eu pagaria sua entrada, mas eu só tenho trinta e cinco centavos.

– Não se preocupe. Ei, onde está sua raquete?

Sully pareceu mais triste do que nunca.

– O elástico arrebentou. Foi para o céu das raquetes, eu acho.

Bobby riu. Céu das raquetes, essa era uma idéia engraçada.

– Vai comprar um novo?

– Duvido. Tem um estojo de mágica na Woolworth que eu quero. Sessenta

diferentes mágicas. Eu não me importaria de ser um mágico quando crescer, Bobby, sabia? Viajar por aí com um parque de diversões ou um

circo, usar um terno preto e uma cartola. Eu tiraria coelhos e outras

merdas da cartola.

– Os coelhos é que provavelmente fariam merda *dentro* da sua cartola. –

disse Bobby.

Sully sorriu.

– Mas eu seria um bastardo legal! Eu adoraria ser! A qualquer custo. – ele

se levantou. – Tem certeza de que não quer vir junto? Você provavelmente

poderia entrar escondido, debaixo do nariz da Godzilla.

Centenas de crianças apareciam para os ilmes de Sábado no Empire, que

normalmente consistiam em ilmes sobre criaturas, oito ou nove desenhos,

trailers de ilmes que estavam para estrear, e as notícias da maratona de ilmes. A Sra. Godlow endoidava tentando mantê-los em ila e calar a suas bocas, não entendendo que nas manhãs de Sábado você não poderia fazer

crianças bem comportadas agirem como se estivessem na escola. Ela

também estava obcecada pela convicção de que umas dúzias de garotos

maiores de doze anos tentavam entrar pagando o preço de menores de

doze anos; A Sra. G. teria exigido um certi icado de nascimento para as matinês do Sábado, como também nas seções duplas de Brigitte Bardot, se

ela pudesse. Faltando autoridade para tal, ela optava por berrar um

“EMQUEANOVOCÊNASCEU?” para qualquer criança acima de um metro e

sessenta. Com tudo isso acontecendo, às vezes você poderia passar por ela

bem facilmente, e não havia aquele cara que rasgava o ingresso nos

Sábados de manhã. Mas Bobby não queria escorpiões gigantes hoje; ele

passou a semana passada com monstros mais realistas, muitos das quais

provavelmente pareceriam exatamente com ele.

– Não, acho que vou só passear. – Bobby disse.

– Está bem. – Sully-John limpou seus cabelos negros das pétalas, e então olhou solenemente para Bobby. – Me chame de bastardo legal, Grande

Bob.

– Sully, você é um bastardo legal e tanto.

– Sim! – Sully-John pulou, socando o ar e rindo. – Sim, eu sou! Um bastardo legal hoje! Um grande bastardo legal e um mágico amanhã! Pow!

Bobby colapsou contra o banco, as pernas abertas, os sapatos pra cima,

rindo violentamente. S-J era tão engraçado quando se despedia.

Sully começou a andar, e então se voltou.

– Cara, sabe de uma coisa? Eu vi uma dupla de caras estranhos quando eu

cheguei ao parque.

– O que tinha de estranho neles?

Sully-John balançou a cabeça, parecendo intrigado.

– Não sei. – ele disse. – Não sei realmente.

Então ele foi embora, cantando “At the Hop” Era uma de suas favoritas.

Bobby também gostava dela. Danny and the Juniors eram ótimos.

Bobby abriu o livro que Ted havia lhe dado (parecia agora extremamente

usado) e leu as últimas duas páginas de novo, a parte onde os adultos

inalmente apareciam. Ele começou a ponderar novamente. . inal feliz ou

triste? . .e Sully-John deslizou de sua mente. Ocorreu a ele mais tarde que se S-J tivesse mencionado que os caras estranhos que ele havia visto

estavam vestindo casacos amarelos, as coisas poderiam ter acabado bem

diferentes.

***

– William Golding escreveu uma coisa interessante sobre este livro, uma

que fala sobre sua preocupação sobre o final. . quer outro refresco, Bobby?

Bobby balançou a cabeça e disse “não, obrigado”. Ele não gostava do sabor

daquele refresco tanto assim; ele quase sempre bebia por educação

quando ele estava com Ted. Eles estavam sentados à mesa da cozinha de

Ted de novo, o cão da Sra.

O’Hara continuava a latir (até onde Bobby poderia dizer, Bowser *nunca* parava de latir), e Ted ainda estava fumando um Chester ield. Bobby foi

ver sua mãe pé ante pé quando voltou do parque, e a viu tirando um cochilo em sua cama, então ele correu para o terceiro andar para

perguntar a Ted sobre o fim de *O Senhor das Moscas*.

Ted fechou a geladeira. . e então parou, icando lá com sua mão na porta, olhando para o espaço. Bobby entenderia mais tarde que este era o

primeiro sinal claro de que alguma coisa sobre Ted não estava certa; que de fato estava errada e piorando o todo tempo.

– A pessoa os sente primeiro na parte de trás de seus olhos. – disse ele em

tom de conversa. Ele falou claramente; Bobby ouviu cada palavra.

– Sente o quê?

– A pessoa os sente primeiro na parte de trás de seus olhos. – ainda olhava

para o vazio com uma mão fechada sobre a maçaneta da geladeira, e

Bobby começou a icar assustado. Parecia haver algo no ar, algo quase

como pólen, isso fez os cabelinhos dentro do seu nariz formigarem, fez as costas de suas mãos coçarem.

Então Ted abriu a porta do refrigerador e se inclinou.

– Tem certeza de que não quer um? – ele perguntou. – Está bom e gelado.

– Não. . não, está tudo bem.

Ted voltou para a mesa, e Bobby entendeu que ele ou decidira ignorar o que acabara de acontecer, ou não lembrava. Ele também entendeu que

Ted estava bem agora, e isso era o bastante para Bobby. Adultos eram

estranhos, isso era fato. Algumas vezes você tinha que ignorar as coisas que eles faziam.

– Diga-me o que ele disse sobre o fim. O Sr. Golding.

– Pelo que eu consigo lembrar, foi algo assim: “Os meninos foram

resgatados pela tripulação de um Cruzador, e isto está muito bem para

eles, mas quem irá resgatar a tripulação?”. Ted derramou para si no copo o

refresco, esperou pela espuma abaixar, e então pôs um pouco mais. – Isso

ajudou?

Bobby ruminou sobre isso como se fosse um enigma. Inferno, *era* um enigma.

– Não. – ele disse inalmente. – Ainda não entendo. Eles não precisam ser resgatados, a tripulação do

navio, eu digo, porque eles não estavam na ilha.

E também. .

– ele pensou nas crianças na caixa de areia, uma delas revirando os olhos

enquanto a outra brincava placidamente com o brinquedo roubado. – Os

caras no Cruzador são adultos. Adultos não precisam ser resgatados.

– Não?

– Não.

– Nunca?

Bobby de repente pensou em sua mãe e como ela era se tratando de

dinheiro.

Então ele se lembrou da noite em que ele havia acordado e pensado que a

ouvira chorar.

Ele não respondeu.

– Pense nisso. – Ted disse. Ele tragou fortemente seu cigarro, e então

soprou uma pluma de fumaça. – Bons livros também geram considerações

posteriores.

– Certo.

– *O Senhor das Moscas* não pareceu muito com os Hardy Boys, pareceu?

Bobby teve uma imagem momentânea, muito clara, de Frank e Joe Hardy

correndo pela selva com lanças feitas à mão, gritando que iriam matar o porco e en iar a lança em sua bunda. Ele explodiu em uma gargalhada, e enquanto Ted se juntava a ele, ele soube que os Hardy Boys, Tom Swift, Rick Brant, e Bomba, O Garoto da Selva estavam acabados. *O Senhor das Moscas* havia acabado com eles. Ele icou muito feliz por ter um cartão da biblioteca de adulto.

– Não. – ele disse. – Com certeza não parece.

– E bons livros não revelam todos os seus segredos de uma vez só. Vai se

lembrar disso?

– Sim.

– Maravilhoso. Agora me diga, gostaria de ganhar um dólar por semana de

mim?

A mudança de direção foi tão abrupta que por um momento Bobby não a

seguiu.

Então ele sorriu.

– Pode apostar que sim! – iguras correram descontroladamente por sua

mente; Bobby era bom o su iciente em matemática para saber que um

dólar por semana adicionaria pelo menos quinze pratas até Setembro.

Some-se a isso o que ele já tinha, mais a razoável colheita de garrafas para

se reciclar e alguns trabalhinhos na rua com o cortador de grama. . puxa, ele poderia já estar pedalando sua Schwinn quando chegasse o Dia do

Trabalho. – O que você quer que eu faça?

– Temos que ter cuidado sobre isso. Muito cuidado. – Ted meditou

quietamente e por tanto tempo que Bobby começou a temer que ele

começasse a falar sobre sensações na parte de trás de seus olhos de novo.

Mas quando Ted olhou para cima não havia sinal daquele estranho vazio

em seu olhar. Seus olhos eram penetrantes, se não um pouco pesarosos. –

Eu nunca pediria para um amigo meu, especialmente um jovem amigo,

para mentir para seus pais, Bobby, mas neste caso eu vou pedir que você

junte-se a mim em uma pequena ilusão. Sabe o que é isso?

– Claro. – Bobby pensou em Sully e sua nova ambição de viajar o mundo com um circo, usando um terno preto e tirando coelhos de sua cartola. – É

o que os mágicos fazem pra te enganar.

– Não soa muito gentil quando você põe deste jeito, soa?

Bobby balançou a cabeça. Não, tire as lantejoulas e os holofotes e não

soaria nem um pouco gentil.

Ted bebeu um pouco e lambeu a espuma de seu lábio superior.

– Sua mãe, Bobby. Ela não me detesta exatamente, eu não acho que seria justo dizer isso. . mas eu acho que ela *quase* me detesta. Você concorda?

– Acho que sim. Quando eu disse que você poderia ter um trabalho para

mim, ela icou esquisita. Disse que eu tinha que dizer tudo o que você me pedisse pra fazer antes de fazer.

Ted Brautigan assentiu.

– Eu acho que isso acontece por causa de suas sacolas de papel que você trouxe quando se mudou para cá. Eu sei que parece loucura, mas é tudo o

que posso imaginar.

Ele achou que Ted poderia rir, mas ele apenas assentiu de novo.

– Talvez isso seja tudo. Em todo caso, Bobby, eu não iria querer que você fosse contra os desejos de sua mãe.

Isso soou bem, mas Bobby Gar ield não acreditou nisso inteiramente. Se

fosse verdade, não precisaria haver ilusão.

– Diga a sua mãe que meus olhos icam cansados facilmente. É a verdade. –

E como se para provar isso, Ted levantou seu dedo até seus olhos e

massageou os cantos com o polegar e o indicador. – Diga a ela que eu

gostaria de te contratar para ler o jornal para mim todo dia, e por isso eu

te pagaria um dólar por semana, o que seu amigo Sully chama de “mango”,

não?

Bobby assentiu. . mas um mango por semana para ler como Kennedy

estava se saindo nas primárias e se Floyd Patterson venceria ou não em

Junho? Ler algumas tirinhas de Dick Tracy por diversão? Sua mãe ou o Sr.

Biderman no escritório de corretagem poderiam acreditar nisso, mas

Bobby não.

Ted ainda massageava os olhos, sua mão indo e vindo em seu nariz como

uma aranha.

– O quê mais? – Bobby perguntou. Sua voz saiu soando estranhamente

monótona, como a voz de sua mãe quando ele prometia limpar o quarto e ela voltava no im do dia e descobria que o trabalho estava incompleto. –

Qual é o trabalho de verdade.

– Quero que mantenha os olhos abertos, é só isso. – disse Ted.

– Para quê?

– Homens maus em casacos amarelos. – os dedos de Ted ainda

trabalhavam nos cantos de seus olhos. Bobby desejou que ele parasse;

havia algo de arrepiante nisso. Ele sentia algo atrás deles, era por isso que

ele continuava a esfregar e massagear daquele jeito? Algo que quebrou

sua atenção, interferiu com seu jeito normalmente são e bem ordenado de

pensar?

– **Lo mein**? (**N.T. – O trocadilho original se perde na tradução (Lo mein é um tipo de comida chinesa, feita com macarrão e farinha de trigo, que rima com "Low Men", os Homens Maus da história)**) – era o

que sua mãe pedia nas ocasiões em que iam ao Sing Lu na Avenida

Barnum. Lo mein em casacos amarelos não fazia sentido, mas era tudo em

que ele podia pensar.

Ted riu, um radiante e genuíno riso que fez Bobby perceber o quão

receoso ele fora.

– *Homens* maus. – Ted disse. – Eu digo "mau" no sentido Dickensiano, signi ica que parecem ao mesmo tempo estúpidos. . e perigosos. O tipo de homens que defecariam em uma viela, digamos, e passariam uma garrafa

de licor em um saco de papel. Do tipo que se inclinariam em postes

telefônicos e assoviariam para as mulheres do outro lado da rua enquanto

esfregariam as costas de seus pescoços com um lenço que nunca está

limpo. Homens que pensam que chapéus com penas em suas abas são

so isticados. Homens que parecem saber todas as repostas certas para

todas as perguntas idiotas da vida. Eu não estou sendo terrivelmente claro,

estou? Está entendendo alguma coisa disso, está fazendo você perceber

algo?

Sim, estava. De um certo modo que era semelhante a ouvir que o tempo

era descrito como um velho careca trapaceiro: uma sensação de que a

palavra ou frase estava exatamente certa embora você não pudesse dizer

a razão disso. O lembrou de como o Sr. Biderman parecia não fazer a barba, mesmo quando você podia sentir o cheiro doce da loção secando em

suas bochechas; do modo que você sabia que o Sr.

Biderman en iaria o dedo no nariz quando estivesse sozinho, ou checaria

se haviam moedas perdidas por perto de algum telefone público enquanto

caminhava sem nem mesmo pensar sobre isso.

– Eu te entendo.

– Bom. Eu nunca em uma centena de anos te pediria para falar com uma

dessas pessoas, ou mesmo se aproximar delas. Mas eu poderia te pedir

para manter os olhos abertos, fazer um circuito do bloco um dia desses: Broad Street, Parque Commonwealth, Colony Street, Avenida Asher, e

então de volta aqui ao número 149, e apenas ver o que você vê.

As coisas estavam começando a se encaixar na mente de Bobby. Em seu

aniversário, que também havia sido o primeiro dia de Ted no 149, Ted

havia lhe perguntado se ele conhecia todos na rua, se ele poderia

reconhecer *(Viajantes. Rostos desses desconhecidos)* estranhos, se algum aparecesse. Quase três semanas depois Carol Gerber fez seu comentário

sobre como às vezes Ted parecia estar fugindo de algo.

– Quantos caras desses estão lá fora? – ele perguntou.

– Três, cinco, talvez mais agora. – Ted deu de ombros. – Você os

reconhecerá por seus longos casacos amarelos e pele cor de azeitona. .

embora a pele escura seja apenas um disfarce.

– O quê. . quer dizer como um bronzeado, ou coisa assim?

– Suponho que sim. Se eles estiverem dirigindo, você os reconhecerá por

seus carros.

– Qual marca? Qual modelo? – Bobby se sentiu como Barren McGavin em

Mike Hammer e se aconselhou a não se deixar levar. Isto não era a TV. Mas ainda assim, era excitante.

Ted balançou a cabeça.

– Eu não tenho idéia. Mas você vai reconhecê-los assim mesmo, porque seus carros serão como seus casacos amarelos e sapatos pontudos e o gel

perfumado que eles usam para deixar os cabelos para trás: gritante e

vulgar.

– Mau. – disse Bobby, e não era uma pergunta.

– Mau. – Ted repetiu, e assentiu enfaticamente. Ele sorveu o refresco, olhou

na direção do som dos latidos eternos de Bowser. . e permaneceu assim

por muito tempo, como um brinquedo com uma mola quebrado ou uma

máquina sem gás.

– Eles me sentem. – ele disse. – E eu os sinto também. Ah, mas que mundo.

– O que eles querem?

Ted virou de costas para Bobby, parecendo assustado. Era como se ele

houvesse se esquecido que Bobby estava ali. . ou esquecido por um

momento quem Bobby era.

Então ele sorriu, voltou-se e pegou na mão de Bobby. Era grande, quente e

confortante; a mão de um homem. Com a sensação dela suas opiniões

hesitantes sumiram.

– Certa coisa que por acaso eu tenho. – disse Ted. – Vamos deixar assim.

– Eles não são policiais, são? Ou caras do governo? Ou. .

– Está perguntando se eu sou um dos dez mais procurados do FBI, ou um

agente comunista como naquele seriado *I Led Three Lives*? Um cara mau?

– Eu sei que você não é um cara mau. – Bobby disse, mas o rubor

crescendo em suas bochechas dizia o contrário. Não que o que ele

pensasse mudasse muita coisa.

Você poderia gostar ou até amar um cara mau; até Hitler tinha uma mãe, sua própria mãe gostava de dizer.

– Eu não sou um cara mau. Nunca roubei um banco ou segredo militar.

Gastei a maior parte de minha vida lendo livros, dando calote na hora de

pagar as multas, se existisse um Policial da Biblioteca, eu temo que ele estivesse atrás de mim, mas não sou um cara mau como aqueles que você

vê na televisão.

– Como os homens maus em casacos amarelos.

Ted assentiu.

– E põe maus nisso. E, como eu disse, perigosos.

– Você já os viu.

– Muitas vezes, mas não aqui. E as chances são de noventa e nove em cem

de que você não os veja. Tudo o que eu peço é que ique atento a eles.

Poderia fazer isso?

– Sim.

– Bobby? Há algum problema?

– Não. – mas alguma coisa o deixou incomodado por um momento, não era

uma conexão, apenas a sensação momentânea de estar indo na direção de

uma.

– Tem certeza?

– Aham.

– Está bem. Agora, aqui vai uma pergunta: com a consciência limpa, você poderia, ou ao menos com a

consciência neutra, não mencionar esta parte

de seu trabalho a sua mãe?

– Sim. – disse Bobby de vez, embora ele entendesse que fazer tal coisa marcaria uma grande mudança em sua vida. . e seria arriscado. Ele estava

mais do que com um medinho de sua mãe, e este medo era apenas

parcialmente causado pela fúria que ela poderia ter e por quanto tempo

ela poderia icar zangada. A maior parte vinha da sensação infeliz de ser amado tão pouco, e precisar proteger o amor que restava. Mas ele gostava

de Ted. . ele tinha gostado da sensação da mão de Ted sobre a sua, a

aspereza quente da grande palma, o toque dos dedos, engrossando quase

até os dedos e as juntas. E isto não era mentir, não de verdade. Era omitir.

– Tem realmente certeza?

Se você quer aprender a mentir, Bobby-O, eu suponho que omitir coisas é um

bom lugar para se começar como qualquer outro , uma voz interior

sussurrou. Bobby a ignorou.

– Sim. – ele disse. – Certeza. Ted. . esses caras são perigosos só para você ou para qualquer um? – ele estava pensando em sua mãe, mas ele também

estava pensando em si mesmo.

– Para mim eles poderiam ser muito perigosos, sim. Para outras pessoas, *a*

maioria das pessoas, provavelmente não. Quer saber de uma coisa

engraçada?

– Claro.

– A maioria das pessoas não os vê, a não ser que eles estejam muito, muito

próximos. É quase como se eles tivessem o poder para cegar a mente dos

homens, como O Sombra naquele velho programa de rádio.

– Quer dizer que eles são. . bem. . – ele supôs que *sobrenatural* era a palavra que ele não estava conseguindo dizer.

– Não, não, não chega a tanto. – expulsando sua pergunta antes que ela pudesse ser melhor articulada. Deitado em sua cama e demoradamente

insone como sempre, Bobby pensou que Ted quase teve medo de que

aquilo fosse falado em voz alta.

– Há várias pessoas, umas bem ordinárias, que não vemos.

A garçonete que caminha de volta para casa depois do trabalho com a

cabeça para baixo e seus sapatos do restaurante em uma sacola de papel.

Pessoas velhas que saem para caminhadas vespertinas no parque.

Meninas com seus cabelos enrolados e seus rádios tocando as músicas

mais pedidas. Mas as crianças os vêem. As crianças vêem todos eles. E

Bobby, você ainda é uma criança.

– Esses caras não parecem ser difíceis de perceber.

– Os casacos, quer dizer. Os sapatos. Os carros gritantes. Mas estas são exatamente as coisas que fazem as pessoas, a maioria delas, na verdade,

ignorá-los. Elas erguem pequenos bloqueios entre seus olhos e cérebros.

Em todo caso, eu não vou arriscar você. Se você vir os homens em casacos

amarelos, não se aproxime deles. Não fale com eles, mesmo que eles falem

com você. Eu não posso imaginar o porquê de fazerem isso, eu não acredito

que eles iriam te ver, como a maioria das pessoas que não os vêem de fato,

mas há várias coisas sobre eles de que eu não tenho conhecimento.

Agora diga o que eu acabei de dizer. Repita desde o começo. É importante.

– Não se aproxime deles, não fale com eles.

– Mesmo que eles falem com você. – disse impacientemente.

– Mesmo que eles falem comigo, certo. E o que eu deveria *fazer*?

– Voltar até aqui e me dizer que eles estão aqui e onde você os viu. Ande até ter certeza de que eles estão fora de vista, então corra. Corra como o vento. Corra como se o inferno estivesse atrás de você.

– E o que você fará? – Bobby perguntou, mas é claro que ele sabia. Talvez

ele não fosse tão esperto como Carol, mas ele não era um completo idiota. –

Você irá embora, não é?

Ted Brautigan deu de ombros e terminou seu copo de refresco sem olhar

nos olhos de Bobby.

– Eu vou decidir quando a hora chegar. *Se* chegar. Se eu tiver sorte, as sensações que eu tive durante os últimos dias, meu sentido destes homens,

irão desaparecer.

– Já aconteceu antes?

– Sim, aconteceu. Agora, por que não falamos de coisas mais agradáveis?

Pela meia-hora seguinte eles discutiram beisebol, e então música (Bobby

icou surpreso em descobrir que Ted não só conhecia a música de Elvis

Presley como de fato gostava de algumas delas), e então sobre os medos e

esperanças de Bobby a respeito da sétima série em Setembro. Tudo isto

era agradável o bastante, mas por trás de cada assunto Bobby sentiu os homens maus à espreita. Os homens maus estavam aqui no quarto de Ted

no terceiro andar como sombras peculiares que não se podem exatamente

ver.

Não foi até Bobby estar quase indo embora que Ted tocou no assunto

novamente.

– Há coisas que você deve procurar. – ele disse. – Sinais de que meus. .

meus velhos amigos estão perto.

– Quais são eles?

– Em seus passeios pela cidade, mantenha o olho aberto para cartazes de animais perdidos nas paredes, vitrines de loja, pregados em postes

telefônicos em ruas residenciais. "Perdido, um gato malhado cinza, com

orelhas pretas, um peito branco, e cauda torta. Ligue para IRoquois 7-

7661". "Perdido, um cãozinho mestiço, parte beagle, responde pelo nome

de Trixie, adora crianças, nós a queremos de volta em casa. Ligue para

IRoquois 7-0984 ou traga-o para o número 77 na Peabody Street.” Ou coisa

assim.

– O que está dizendo? Caramba, você quer dizer que eles matam os

animais das pessoas? Você acha que. .

– Eu acho que a maioria desses animais nem existem. – disse Ted. Ele soou

cansado e triste. – Mesmo quando há uma pequena fotogra ia pobremente

reproduzida, acho que é pura icção. Eu acho que tais cartazes são uma

forma de comunicação, embora eu não saiba o porquê dos homens que os

colocam simplesmente não vão até o Café Colony e fazem suas

comunicações lá juntamente com uma torrada e purê de batatas. Aonde

sua mãe faz compras, Bobby?

– Mercearia Total. É do lado do escritório de corretagem do Sr. Biderman.

– E você vai junto com ela?

– Às vezes. – Quando ele era mais jovem ele a encontrava lá toda Sexta-Feira, lendo o guia da TV de uma estante de revistas até que ela

aparecesse, adorando as tardes das Sexa-Feiras porque era o começo da

semana, porque a mãe o deixava empurrar o carrinho e ele sempre ingia que estava numa corrida, porque ele *a* amava. Mas ele não contou a Ted nada disso. Era uma história antiga. Diabos, ele só tinha oito anos.

– Olhe no quadro de avisos que todos os caixas de supermercados colocam.

–

Ted disse. – Nele você verá um número de pequenas notas escritas à mão

que dizem coisas como CARRO À VENDA PELO PROPRIETÁRIO. Procure

por qualquer nota assim pregada com um percevejo de cabeça para baixo.

Há algum outro supermercado na cidade?

– Tem o A&P, descendo o viaduto ferroviário. Minha mãe não vai lá. Ela diz

que o açougueiro sempre fica olhando estranho pra ela.

– Pode checar o quadro de avisos de lá também?

– Claro.

– Bom até agora, muito bom. Agora, sabe aqueles desenhos de amarelinha que as crianças desenham na calçada?

Bobby assentiu.

– Procure pelos que tem estrelas ou luas, ou ambas desenhadas próximas a eles, normalmente desenhadas a giz de outra cor. Procure por ios de pipas pendurados em linhas telefônicas. Não as próprias pipas, apenas seus fios. E. .

Ted pausou, carrancudo, pensativo. Enquanto ele tirava um Chester ield do pacote na mesa e o acendia, Bobby pensou bem racionalmente, bem claramente, e sem o menor sinal de medo: *Ele é maluco, sabia. Maluco de pedra.* Sim, é claro, como poderia duvidar disso? Ele apenas esperava que Ted pudesse ser tão cuidadoso quanto doido. Porque se sua mãe ouvisse Ted falando coisas desse tipo, ela nunca deixaria Bobby se aproximar dele novamente. De fato, ela provavelmente mandaria os caras com as redes de borboleta. . ou pedir que o velho e bom Don Biderman o fizesse por ela.

– Sabe o relógio na praça da cidade, Bobby?

– Sim, claro.

– Pode ser que ele comece a badalar nas horas erradas, ou entre as horas. Procure também por reportagens sobre pequenos atos de vandalismo em igrejas nos jornais.

Meus amigos detestam igrejas, mas nunca fazem nada tão ultrajante; eles gostam de manter, perdoe o trocadilho, um per il mau. Há outros sinais de

que eles estão por perto, mas não há necessidade de te sobrecarregar.

Pessoalmente eu acredito que os cartazes são as pistas mais seguras.

– “Se você vir Ginger, por favor traga-a para casa.”

– Exatamente isso que. .

– Bobby? – Era a voz de sua mãe, seguida do barulho arranhado de seus tênis de Sábado. – Bobby, você está aqui em cima?

3

O Poder de uma Mãe. Bobby Cumpre seu Trabalho.

“Ele Está te Tocando?”. O Último Dia Letivo.

Bobby e Ted trocaram olhares de culpa. Ambos sentavam em seus

respectivos lados da mesa, como se houvessem feito algo de louco, ao invés

de falar algo de louco.

Ela vai perceber que estamos tramando algo , Bobby pensou com medo. *Está por toda minha* cara.

– Não. – Ted disse a ele. – Não está. Esse é o poder dela sobre você, que você acredite nisso. É o poder de uma mãe.

Bobby olhou para ele, atônito. *Você leu minha mente? Você acabou de ler minha mente?*

Agora sua mãe estava quase no corredor do terceiro andar e não havia tempo para resposta, mesmo se Ted quisesse dar uma. Mas não havia

mostras em seu rosto de que ele *teria* respondido mesmo se houvesse tempo. E Bobby então começou a duvidar do que havia ouvido.

Então sua mãe abriu a porta, olhando de seu ilho para Ted, e de volta para

seu filho, seus olhos eram avaliadores.

– Então aqui está você a inal. – ela disse. – Meu Deus, Bobby, você não me

ouviu te chamar?

– Você chegou aqui antes que eu tivesse chance de dizer qualquer coisa, mãe.

Ela bufou. Sua boca fez um pequeno e inexpressivo sorriso: seu sorriso

social automático.

Seus olhos foram e voltaram entre eles, foram e voltaram, procurando por

algo fora do lugar, algo que ela não gostasse, algo errado.

– Eu não ouvi você chegar.

– Você estava adormecida na cama.

– Como está passando hoje, Sra. Garfield? – Ted perguntou.

– Bem como sempre.

Seus olhos continuaram seu movimento de ida e vinda. Bobby não tinha

idéia do que ela procurava, mas aquela expressão de culpa deveria ter

sumido de sua face. Se ela a houvesse visto, ele já saberia; ele saberia que

ela sabia.

– Gostaria de uma garrafa de refresco? – Ted perguntou. – Não é muito, mas está gelado.

– Isso seria bom. – Liz disse. – Obrigada. – Ela veio até eles e sentou do lado

de Bobby à mesa da cozinha. Ela o afagou distraidamente na perna,

observando Ted enquanto ele abria sua pequena geladeira e tirava o

refresco. – Ainda não está quente aqui, Sr. Brattigan, mas eu lhe garanto

que vai ficar em um mês. É melhor arranjar um ventilador.

– É uma boa idéia. – Ted derramou o líquido em um copo de vidro limpo, então permaneceu em frente à geladeira, segurando o copo na luz,

esperando a espuma abaixar. Para Bobby ele pareceu como um cientista

em um comercial de TV, um daqueles caras obcecado com Marca X e

Marca Y e como Rolaids consumiam cinqüenta e sete vezes mais o ácido

estomacal em excesso, incrível, mas verdade.

– Não preciso de um copo cheio, assim está bem. – ela disse um pouco

impaciente. Ted trouxe o copo a ela e ela o levantou. – Aqui vai. – Ela tomou

um gole e fez uma careta como se tivesse bebido cachaça, ao invés de

refresco. Então ela observou por cima do copo enquanto Ted sentava,

tirava as cinzas de seu cigarro, e en iava o cigarro de volta ao canto de sua

boca.

– Vocês estão tão suspeitos quanto ladrões. – ela observou. – Sentados aqui

na mesa da cozinha, bebendo refresco. Estranho, penso eu. Sobre o que

conversaram hoje?

– Sobre o livro que o Sr. Brautigan me deu. – Bobby disse. Sua voz soou natural e calma, uma voz sem segredos escondidos. – *O Senhor das Moscas*.

Eu não pude entender se o inal era feliz ou triste, então pensei em vir perguntá-lo.

– Mesmo? E o que ele disse?

– Que eram ambos. Então me disse para pensar nisso.

Liz riu sem muito humor.

– Eu leio mistérios, Sr. Brattigan, e salvo meus pensamentos para a vida real.

Mas é claro que agora já estou aposentada.

– Não. – Ted disse. – Obviamente você está no apogeu da vida.

Ela lhe deu aquele olhar *elogiar-não-vai-te-levar-a-lugar-algum*. Bobby o conhecia bem.

– Eu também ofereci a Bobby um pequeno trabalho. – Ted contou. – Ele

concordou em aceitá-lo. . com a sua permissão, é claro.

As sobrancelhas dela franziram à menção de trabalho, e suavizaram à

menção de permissão. Ela voltou-se para Bobby e lhe deu um pequeno

afago em seus cabelos ruivos, um gesto tão incomum para Bobby, que seus

olhos esbugalharam um pouco.

Seus olhos nunca abandonaram Ted enquanto ela o fazia. Não só ela não

con iava no homem, Bobby percebeu, mas ela provavelmente *nunca* iria confiar nele.

– Que tipo de trabalho você tem em mente?

– Ele quer que eu. .

– Silêncio. – ela disse, e ainda mantinha seus olhos espreitando por sobre o

copo, nunca deixando Ted fora de vista.

– Eu gostaria que ele lesse o jornal para mim, talvez às tardes. – Ted disse,

e explicou como seus olhos já não eram mais os mesmos e como ele tinha piorado o problema todos os dias forçando a vista. – Mas ele gostava de estar atualizado, estes eram tempos muito interessantes, a Sra. Gar ield

não achava? E ele gostaria de estar atualizado com as colunas também,

Stewart Alsop e Walter Winchell e coisas do tipo.

Winchell era um fofoqueiro, é claro, mas eram fofocas interessantes, a Sra.

Garfield não concordava?

Bobby ouviu, icando cada vez mais tenso mesmo sabendo pelo rosto de

sua mãe e sua postura, mesmo no jeito em que ela bebia o refresco, que ela

acreditava no que Ted lhe dizia. Até aí tudo bem, mas e se Ted apagasse de

novo? Apagasse e começasse e tagarelar sobre homens maus em casacos

amarelos ou ios de pipas pendurados em postes telefônicos, a todo tempo olhando para o nada?

Mas nada disso aconteceu. Ted terminou dizendo que ele gostaria de saber

como os Dodgers estavam indo (Maury Wills, especialmente) mesmo eles

tendo ido para Los Angeles. Ele disse isto com um ar de quem está

determinado a falar a verdade, mesmo que a verdade seja um pouco

embaraçosa. Bobby pensou que era um belo toque.

– Acho que está tudo bem. – sua mãe disse (quase com má vontade, Bobby

pensou). – De fato, parece ser bom. Gostaria de poder ter um trabalho bom

assim.

– Aposto que você é excelente em seu emprego, Sra. Garfield.

Ela o iluminou com aquele seco olhar de que elogios não funcionarão outra

vez.

– Vai ter que lhe pagar um extra, se quiser que ele faça as palavras

cruzadas para você. – ela disse, se levantando, e embora Bobby não

houvesse entendido a observação, ele icou atônito pela sensação de

crueldade nela, como um pedaço de vidro dentro de um marshmallow. Era

como se ela quisesse fazer piada com a visão problemática de Ted e seu intelecto ao mesmo tempo; como se ela o quisesse machucar por ser bom

para seu ilho. Bobby continuava envergonhado por enganá-la e

aterrorizado que ela pudesse descobrir, mas agora ele estava satisfeito. .

quase radiante. Ela mereceu. – Ele é bom em palavras cruzada, meu

Bobby.

Ted sorriu.

– Tenho certeza que sim.

– Vamos descer, Bob. É hora de dar descanso ao Sr. Brattigan.

– Mas. .

– Eu acho que gostaria de me deitar um pouco, Bobby. Estou com um

pouco de dor de cabeça. Fico satisfeito que tenha gostado de *O Senhor das*

Moscas. Você pode começar seu trabalho amanhã, se preferir, com a página

principal do jornal de Domingo.

Eu vou avisá-lo de antecedência, vai ser uma prova de fogo.

– Está bem.

Mamãe já estava do lado de fora do quarto de Ted. Bobby estava atrás

dela.

Então ela olhou para trás e olhou para Ted por sobre a cabeça de Bobby.

– Por que não vão para a varanda? – ela perguntou – O ar fresco vai fazer

bem a ambos. Melhor do que esse quarto abafado. E eu também poderei

ouvi-los, da sala de estar.

Bobby achou que alguma mensagem estava passando entre eles. Não via

telepatia exatamente. .

– É uma boa idéia. – Ted disse. – A varanda seria adorável. Boa tarde, Bobby.

Boa tarde, Sra. Garfield.

Bobby chegou perto de dizer *'té mais, Ted* e substituiu por "Até logo, Sr.

Brautigan" no último momento. Ele seguia para as escadas, sorrindo

vagamente, com uma transpirante sensação de alguém que acaba de evitar

um acidente horrível.

Sua mãe hesitou.

– Há quanto tempo está aposentado, Sr. Brattigan? Se posso perguntar.

Bobby havia quase decidido que ela não errava o nome de Ted de

propósito; agora ele pensava de outro modo. Ela fazia de propósito. Claro que fazia.

– Três anos. – ele esmagou o cigarro no cinzeiro de lata já lotado e

imediatamente acendeu outro.

– O que te faria ter. . sessenta e oito?

– Sessenta e seis para falar a verdade. – sua voz continuou suave e aberta, mas Bobby tinha uma idéia de que ele não se importava com estas

perguntas. – Fui premiado com a aposentadoria com totais bene ícios há

dois anos. Por razões médicas.

Não pergunte o que ele tem de errado, mãe , Bobby gemeu em sua própria cabeça. *Não se atreva.*

Ela não fez isso. Ao invés disso, ela perguntou o que ele havia feito em Hartford.

– Contagem. Eu trabalhava como fiscal de contas públicas.

– Bobby e eu achávamos que era algo a ver com educação. Contagem.

Parece algo de muita responsabilidade.

Ted sorriu. Bobby achou que havia algo de horrível sobre isso.

– Em vinte anos eu usei três calculadoras. Se isso é responsabilidade, Sra.

Gar ield, ora sim. . eu era responsável. **Apeneck Sweeney estica as**

pernas; (**N.T. – Começo do poema “Sweeney among the Nightingales”**

de T.S. Eliot. No original, “Apeneck Sweeney spreads his knees”.) o datilógrafo põe um disco no gramofone com uma mão automática.

– Eu não entendi.

– É só o meu modo de dizer que trabalhei por anos em um trabalho que nunca pareceu significar muito.

– Pode ter signi icado muito se você tinha uma criança para alimentar,

abrigar e criar. – ela olhou para ele com seu queixo levemente empinado, o

olhar signi icava que se Ted quisesse discutir sobre isso, ela estaria pronta.

Então ela iria brigar com ele, se essa fosse a vontade dele.

Ted, Bobby icou aliviado em descobrir, não queria brigar ou chegar perto

disso.

– Imagino que a senhora esteja certa, Sra. Garfield. Inteiramente.

Ela manteve por mais um momento o queixo empinado, como se

perguntasse se ele tinha certeza, lhe dando tempo para mudar de idéia.

Quando Ted não disse mais nada, ela sorriu. Era seu sorriso da vitória.

Bobby a amava, mas de repente ele estava também cansado dela. Cansado

de seus olhares, seus ditados, suas idéias inflexíveis.

– Obrigado pela bebida, Sr. Brattigan. Estava muito gostosa. – e com isso, ela levou o ilho até as escadas. Quando desceram até o segundo andar, ela

largou sua mão e foi pelo resto do caminho na sua frente.

Bobby pensou que eles iriam discutir seu novo trabalho até a hora do

jantar, mas não aconteceu. Sua mãe parecia agora longe, seus olhos

estavam distantes. Ele teve que pedir duas vezes por um pedaço de bolo

de carne, e mais tarde naquela noite, quando o telefone tocou, ela pulou do

sofá de onde estavam vendo TV e o atendeu. Ela pulou para ele como Ricky

Nelson fez quando o seu tocou em Ozzie & Harriet. Ela ouviu, disse alguma

coisa, e então voltou para o sofá e sentou.

– Quem era? – Bobby perguntou.

– Ligação errada. – Liz disse.

***

Naquele ano de sua vida Bobby Gar ield ainda esperava pelo sono com a

con iança bem-vinda de uma criança: atrás dele, os sapatos estavam

espalhados nos cantos da cama, as mãos en iadas no frescor sob o

travesseiro, os cotovelos abaixo dele.

Na noite seguinte em que Ted falou com ele sobre os homens maus (e não

se esqueça dos carros deles, seus grandes carros com pintura

extravagante), Bobby icou deitado nesta posição com o lençol até a

cintura. A luz da lua caiu em seu pequeno peito de criança, repartida em quatro pelas sombras que faziam as travessas da janela.

Se ele houvesse pensado nisso (ele não havia), ele iria esperar que os

homens maus de Ted se tornassem mais reais assim que ele estivesse

sozinho no escuro, só com o barulho de seu relógio e os murmúrios do

noticiário da madrugada na TV da sala para fazê-lo companhia. Era assim

que sempre acontecia a ele (era fácil rir do Frankenstein no Shock Theater,

ingir que estava para desmaiar e gritar “Ohhh, *Frankie*!”, quando o mostro

aparecesse, principalmente se Sully-John estivesse cochilando).

Mas no escuro, depois que S-J começasse a roncar (ou pior, se Bobby

estivesse só), a criatura do Dr. Frankenstein parecia muito ser. . não

exatamente real, mas. . *possível*.

Essa sensação de possibilidade não se juntou aos homens maus de Ted. Se

muito, a idéia de que pessoas poderiam se comunicar umas com as outras

via cartazes de animais perdidos parecia mais louca no escuro. Mas não

uma loucura perigosa.

Bobby não achava que Ted estava realmente, profundamente louco, de

qualquer forma; só um pouco esperto demais para seu próprio bem,

especialmente porque ele tinha tantas poucas coisas com que ocupar seu

tempo. Ted era um pouco. . bem. . puxa, um pouco *o quê*? Bobby não conseguia achar a palavra. Se a palavra *excêntrico* houvesse ocorrido a ele, ele a teria agarrado com prazer e alívio.

Mas. . parecia que ele estava lendo minha mente. O que dizer sobre isso?

Oh, ele estava enganado, era tudo, errado sobre o que pensou ouvir. Ou

talvez Ted houvesse lido sua mente, lido com aquela essencialmente

desinteressante maneira adulta, descascando a culpa de sua cara como

decalque úmido de um pedaço de vidro.

Deus sabe que sua mãe sempre poderia fazer isso. . ao menos até ontem.

Mas. .

Mas nada. Ted era um cara legal que sabia muito sobre livros, mas ele lia mentes tanto quanto Sully-John Sullivan era um mágico, ou seria um dia.

– É tudo ilusão. – Bobby murmurou. Ele tirou suas mãos de debaixo do

travesseiro, e as cruzou nos pulsos sacudindo-as. A sombra de um

passarinho voou pela luz da lua em seu peito.

Bobby sorriu, fechou os olhos, e adormeceu.

***

Na manhã seguinte ele sentou na varanda e leu vários artigos em voz alto do jornal Harwich Sunday. Ted encarrapitou-se no banquinho que lá havia,

ouvindo em silêncio e fumando Chester ields. Atrás dele e à sua esquerda,

as cortinas se agitaram na janela aberta da sala frontal dos Gar ield. Bobby

imaginou sua mãe sentada em uma cadeira onde era mais bem iluminado,

com uma cesta de costura ao seu lado, ouvindo e fazendo bainhas em saia

(as bainhas vão icar baratas de novo, ela lhe disse uma ou duas semanas

antes; suba seu preço em um ano, tire os pontos de costura na primavera

seguinte e elas icam baratas novamente, tudo porque um bando de

almofadinhas em Nova York e Londres diz que deve ser assim, e a razão

dela se importar com isso, ela não sabia). Bobby não tinha idéia se ela estava realmente lá ou não, as janelas abertas e as cortinas agitadas não queriam dizer nada, mas ele imaginou mesmo assim. Quando ele era um

pouco mais novo, ocorreu a ele que ele *sempre* a imaginou lá, do lado de fora, naquela parte da sala onde as sombras eram muito espessas para se

ver devidamente.

Os artigos esportivos que ele lia eram interessantes (Maury Wills estava

arrebentando), mas não gostou tanto assim dos informativos, as colunas

das opiniões eram chatas e incompreensíveis, cheia de frases como

“responsabilidade iscal” e “indicadores de economia de uma natureza de

recessão”. Mesmo assim, Bobby não se importava de lê-las. Ele estava

fazendo seu trabalho, a inal, ganhando dinheiro, e um bocado de trabalhos

eram chatos ao menos por algum tempo. “Você tem que trabalhar para

comprar seus cereais”, sua mãe havia dito depois de ter icado até tarde no

escritório do Sr. Biderman. Bobby estava orgulhoso só de poder fazer sua

boca falar uma frase como “indicadores de economia de uma natureza de

recessão”. Além disso, o outro trabalho, o trabalho secreto, surgiu da idéia

louca de Ted de que existiam alguns homens que estavam em sua

perseguição, e Bobby teria se sentido estranho de receber dinheiro por

fazer esse trabalho; teria sido como se ele estivesse fazendo Ted de bobo de alguma forma, mesmo que essa houvesse sido a idéia do próprio Ted

em primeiro lugar.

Isso ainda era parte de seu trabalho, embora, loucura ou não, ele começou

a fazê-lo naquela manhã de Domingo. Bobby andou pelo bloco enquanto

sua mãe dormia, procurando por homens maus em casacos amarelos, ou

sinais deles. Ele viu um número de coisas interessantes: na Colony Street uma mulher discutia com seu marido sobre algo, os dois estavam cara a

cara como o **Gorgeous George** e o **Haystacks Calhoun** (**N.T. – Lutadores famosos de luta-livre nos anos 60.**) antes do começo de uma luta

explosiva; uma criança na Avenida Asher jogando pedras; adolescentes

com os lábios grudados uns nos outros fora da loja de variedades do Spicer

na esquina da Commonwealth com a Broad; um furgão com o interessante

slogan

“GOSTOSO PARA SUA BARRIGA” escrito em uma lateral, mas ele não viu

casacos amarelos ou anúncios de animais perdidos em postes telefônicos;

nem um único fio de pipa pendendo em um único fio telefônico.

Ele parou na loja do Spicer para comprar uma bala e olhou o quadro de aviso, que era dominado de fotos das candidatas a Miss Rhenigold deste

ano. Ele viu dois cartões oferecendo carros para venda, mas nenhum deles

estava de cabeça para baixo.

Havia outro que dizia “VENDE-SE PISCINA DE QUINTAL, BEM

PRESERVADA, SUA CRIANÇAS VÃO ADORAR”, e esta estava entortada, mas

Bobby achou que se estava apenas entortada então não contava.

Na Avenida Asher ele viu um grande Buick estacionado ao lado do

hidrante, sua cor era verde-garrafa e Bobby não achou que estava

quali icado como gritante e vulgar a exceção de escotilhas nas laterais da capota e do gradeado, que parecia como uma boca zombeteira de um

bagre de cromo.

Na Segunda-Feira ele continuou a procurar por homens maus em seu

caminho para a escola. Ele não viu nada. . mas Carol Gerber, que estava andando com ele e S-J, o viu procurar. Sua mãe tinha razão, Carol era muito

esperta.

– Tem algum agente comunista atrás de nós? – ela perguntou.

– Como é?

– Você continua a olhar pra todo canto. Até atrás de você; Por um momento

Bobby pensou em falar sobre para que Ted o havia contratado, então

decidiu que seria uma má idéia. Poderia ser uma boa se ele acreditasse

que havia realmente algo para se procurar, três pares de olhos ao invés de

um, incluindo os olhos a iadíssimos de Carol, mas ele não o fez. Carol e

Sully-John sabiam que seu trabalho era ler para Ted o jornal todo dia, e estava tudo bem. Era o bastante. Se ele contasse sobre os homens maus,

poderia parecer que ele estava fazendo piada do assunto, de algum modo.

Uma traição.

– Comunistas? – Sully perguntou, olhando ao redor. – É, eu os vejo, eu os vejo!

– ele fez aquele barulho esquisito com a boca novamente (era seu

favorito). Então ele cambaleou, largou sua pistola invisível, e apertou o peito. – Eles me pegaram!

Atingiram-me feio! Vão sem mim! Diga a Rose que eu a amo!

– Vou dizer isso pra minha tia gorda. – Carol disse lhe dando uma

cotovelada.

– Estou procurando pelos garotos do St. Gabe, é só. – Bobby disse.

Isso era plausível; os garotos do St. Gabriel estavam sempre pegando no pé

das crianças do primário enquanto iam para escola, os assustando com a

bicicleta, gritando que os garotos eram maricas, que as garotas eram

“saidinhas”. . o que Bobby tinha certeza do que signi icava meninas que

beijavam de língua e deixavam que tocassem em seus peitos.

– Não, aqueles palermas não aparecessem até mais tarde. – disse Sully-

John. – No momento eles estão todos em casa colocando suas correntes e

penteando o cabelo para trás como Bobby Rydell.

– Não xingue. – Carol disse, e lhe deu uma nova cotovelada.

Sully-John pareceu magoado.

– Quem xingou? Eu não xinguei.

– Sim, você xingou.

– Eu não, Carol.

– Você sim.

– Não senhora, eu não.

– *Sim* senhor, você xingou, você disse palerma.

– Isso não é um palavrão! Palermas signi ica *bobos*! – S-J olhou para Bobby

como se pedindo ajuda, mas Bobby estava olhando para a Avenida Asher,

onde um Cadillac a cruzava lentamente. Era grande, e ele supôs que fosse

um pouco brilhante, mas não era como qualquer um Cadillac? Este era

pintado em um marrom claro conservativo e não pareceu mau para ele.

Além disso, a pessoa no volante era uma mulher.

– É? Mostre-me uma foto de um palerma na enciclopédia e eu vou

acreditar em você.

– Eu deveria ter dar um empurrão. – Sully disse amavelmente. – Te

mostrar quem é o chefe. Eu Tarzan, você Jane.

– Eu Carol, você Cabeça-Dura. Pega. – Carol passou três livros, aritmética, *Aventuras na Leitura*, e *Uma Casa na Pradaria*, nas mãos de S-J. – Carregue meus livros porque você xingou.

Sully-John pareceu mais magoado do que nunca.

– Por que eu deveria carregar seus estúpidos livros mesmo que *tivesse* xingado, o que eu não fiz?

– É uma penitência. – Carol disse.

– O que bulhufas é uma penitência?

– Mentir por fazer alguma coisa errada. Se você xingar ou mentir, você tem

que cumprir uma penitência. Um dos meninos do St. Gabe me disse isso.

Willie é o nome dele.

– Você não deveria falar com eles. – Bobby disse. – Eles podem ser maus. –

ele sabia disso por experiência própria. Logo após as férias de Natal

acabarem, três meninos do St. Gabe o perseguiram rua abaixo na Broad

Street, ameaçando que iriam bater nele porque ele havia “olhado torto”

para eles. Eles realmente o teriam feito, Bobby pensou, se o líder não

houvesse escorregado na lama e caído de joelhos. Os outros tropeçaram

nele, dando a Bobby tempo o su iciente para voar para a grande porta do 149 e trancá-la. Os meninos do St. Gabe icaram vigiando do lado de fora por um tempo, então se foram depois de prometer a Bobby que eles o

“veriam mais tarde”.

– Eles não são todos assim, alguns deles são legais. – Carol disse. Ela olhou

para Sully-John, que carregava seus livros, e escondia um riso com uma

mão. Você poderia fazer S-J fazer qualquer coisa se falasse rápido e soasse

seguro de si. Seria mais gentil se Bobby carregasse os livros dela, mas não

adiantaria nada se ele não pedisse para ela.

Talvez algum dia ele o izesse; ela estava otimista quanto a isso. Enquanto

isso, era bom andar entre eles em uma manhã ensolarada. Ela olhou de

relance para Bobby, que olhava para a amarelinha desenhada na calçada.

Ele era tão fofo, e nem mesmo sabia disso. De alguma maneira essa era a coisa mais fofa de todas.

***

A última semana de aula passou como sempre passou, com uma lentidão

enlouquecedora. Naqueles primeiros dias de Junho, Bobby pensou que o

cheiro de cola na biblioteca estava quase forte o su iciente para enjoar uma minhoca, e geogra ia pareceu durar dez mil anos. Quem se importava

com o quanto de tinta havia no Paraguai?

Na hora do recreio, Carol falou sobre como ela iria para a fazenda de seus

tios Cora e Ray na Pensilvânia por uma semana em Julho; S-J falou da semana no acampamento que ele havia ganhado e como ele iria atirar lechas em alvos e passear de canoa por todos os dias em que ele estivesse lá. Bobby, por sua vez, falou a eles sobre o grande Maury Wills, que poderá atingir um recorde por roubar bases que nunca seria quebrado enquanto vivessem.

Sua mãe icava cada vez mais preocupada, pulando quando o telefone

tocava e então correndo para ele, icando acordada até o noticiário da

madrugada (e às vezes, Bobby suspeitava, até que o ilme do Corujão

terminasse), e apenas beliscando a comida. Às vezes ela tinha longas e

intensas conversas no telefone com suas costas curvadas e sua voz baixa

(como se Bobby quisesse bisbilhotar suas conversas). Às vezes ela ia ao

telefone, começava a ligar para algum número, e então o colocava de volta

no gancho e voltava para o sofá.

Em uma destas ocasiões Bobby perguntou a ela se ela havia esquecido o

número para qual queria ligar.

– Parece que eu me esqueci de um monte de coisas. – ela murmurou. –

Deixe de ser abelhudo, Bobby-O.

Ele deve ter percebido mais e icaria mais preocupado ainda, ela estava

emagrecendo e tinha voltado ao hábito do cigarro novamente depois de

parar por dois anos, se ele não tivesse várias coisas para ocupar sua

mente. A melhor coisa era o cartão da biblioteca de adulto, que parecia um

presente melhor, um presente mais *inspirado*, a cada vez que ele usava.

Bobby sentiu que havia um bilhão de livros de icção-cientí ica na seção

dos adultos que ele queria ler. Tome Isaac Asimov como exemplo. Sob o

nome de Paul French, o Sr. Asimov escreveu livros de icção-cientí ica para

crianças sobre um piloto espacial chamado Lucky Starr, e eles eram muito

bons. Sob seu próprio nome ele havia escrito outros livros, ainda melhores.

Ao menos três deles eram sobre robôs.

Bobby adorava robôs, Robby o Robô em *O Planeta Proibido* era um dos seus personagens favoritos de todos os tempos, em sua opinião, era

totalmente puto de legal, e os do Sr. Asimov eram quase tão bons quanto.

Bobby achou que gastaria muito tempo com eles no verão a frente. (Sully chamava este grande escritor de Isaac Chatomov, mas é claro que Sully era

quase totalmente ignorante sobre livros).

Indo para a escola ele procurou pelos homens em casacos amarelos, ou

sinais deles; indo para a biblioteca depois da escola ele fez o mesmo. Como

a escola e biblioteca eram em direção opostas, Bobby sentiu que ele estava

cobrindo uma boa parte de Harwich. Ele nunca esperou ver qualquer

homem mau, é claro. Depois do jantar, na longa luz da tarde, ele iria ler o jornal para Ted, ou na varanda, ou na cozinha de Ted. Ted havia seguido o

conselho de Liz Gar ield e arranjou um ventilador, e a mãe de Bobby não pareceu mais preocupada que Bobby lesse para o "Sr. Brattigan" lá fora na

varanda. Um pouco disso era por causa de sua crescente preocupação com

seus próprios problemas adultos, Bobby sentiu, mas talvez ela também

estivesse começando a con iar em Ted um pouco mais. Não que con iança

fosse o mesmo que gostar. Não que isso houvesse vindo fácil.

Uma noite enquanto eles estavam no sofá assistindo *Wyatt Earp*, sua mãe se virou para Bobby quase ferozmente e disse, "Ele está te tocando?"

Bobby entendeu o que ela estava perguntando, mas não porque ela estava

tão nervosa.

– Ora, claro. – ele disse. – Ele me dá uns tapinhas nas costas de vez em quando, e uma vez enquanto eu lia o jornal para ele e errei uma palavra realmente longa três vezes seguidas ele me deu um cascudinho na cabeça.

Mas ele não estava zangado ou bateu com força. Eu não acho que ele é

forte o bastante para isso. Por quê?

– Deixe pra lá. – ela disse. – Ele é bom, eu acho. Tem a cabeça nas nuvens,

sem dúvida, mas ele não parece um. . – ela saiu da linha do pensamento, observando a fumaça de seu cigarro Kool levantar no ar da sala de estar.

Saiu da ponta em uma faixa pálida e cinzenta e então desapareceu, fazendo

Bobby pensar no jeito que os personagens de *O Anel ao Redor do Sol* do Sr.

Simak desapareciam em uma espiral para outros mundos. Finalmente ela

virou-se para ele e disse:

– Se em alguma vez ele te tocar de uma maneira que você não goste, você

vem aqui e me diga. Imediatamente. Ouviu?

– Claro, mãe. – havia algo em seu olhar que o fez lembrar de uma vez em

que ele perguntou a ela como uma mulher sabia que ela teria um bebê. *Ela*

sangra todo mês , sua mãe disse. *Se não sangrar, ela sabe, porque o sangue vai se transformar no bebê.*

Bobby queria ter perguntado de onde o sangue sairia quando não

houvesse um bebê sendo feito (ele se lembrou de um sangramento no

nariz que sua mãe tivera uma vez, mas nenhum outro exemplo de

sangramento materno). Seu semblante, entretanto, o fez deixar o assunto

de lado. Ela tinha o mesmo semblante agora.

Na verdade havia tido outros toques: Ted poderia ter passado a mão em

seus cabelos, meio que o afagando; ele algumas vezes amassava o nariz de

Bobby gentilmente entre os nós dos dedos dizendo *Fale Novamente!* se Bobby errasse a pronúncia de uma palavra; se falassem ao mesmo

momento ele engancharia um de seus mindinhos em um dos mindinhos de

Bobby e diria *Boa sorte, boa vontade, boa vida, sem má sina*. Em breve

Bobby estaria dizendo com ele, seus mindinhos enganchados, e suas vozes soando como quando as pessoas pediam para passar o sal, ou quando se

cumprimentavam.

Apenas uma vez Bobby se sentiu desconfortável quando Ted o tocou.

Bobby havia acabado de ler o último artigo do jornal que Ted queria ouvir,

algum colunista tagarelando sobre como não havia nada de errado com

Cuba que a boa e velha empresa gratuita Americana não pudesse resolver.

A noite já estava escurecendo o céu. Na Colony Street, o cão Bowser da Sra.

O'Hara latiu e latiu, *ou-ou-ou*, o som era perdido e de algum modo devaneador, mais parecendo algo relembrado do que algo que acontecia

naquele momento.

– Bem. – disse Bobby, dobrando o jornal e se levantando. – Eu acho que vou dar uma volta pelo bloco e ver o que eu tenho que ver. – ele não queria dizer isso de supetão, mas ele queria que Ted soubesse que ele

ainda estava procurando pelos homens maus em casacos amarelos.

Ted também se levantou e se aproximou dele. Bobby icou entristecido em

ver medo no rosto de Ted. Ele não queria que Ted acreditasse tanto nos homens maus, não queria que Ted fosse tão louco.

– Volte antes de escurecer, Bobby. Nunca me perdoarei se algo lhe

acontecer.

– Eu terei cuidado. E eu voltarei antes de escurecer.

Ted semi-ajoelhou (ele era velho demais para conseguir se ajoelhar

completamente, Bobby pensou) e segurou Bobby pelos ombros. Ele trouxe

Bobby para frente até que suas testas se encostassem. Bobby podia sentir

o hálito de cigarro de Ted e o ungüento em sua pele, ele lambuzava suas juntas com Musterole porque elas doíam.

Estes dias elas doíam mesmo com o clima quente, ele disse.

Estar tão perto de Ted não era assustador, mas meio ruim, mesmo assim.

Você podia ver que se Ted não estava totalmente velho agora, ele estaria em breve. Ele provavelmente adoeceria também. Seus olhos estavam

lacrimosos. Os cantos de sua boca tremiam um pouco. Era muito ruim que

ele tivesse que icar aqui em cima no terceiro andar sozinho, Bobby

pensou. Se ele tivesse uma esposa ou coisa assim, ele poderia nunca ter tido essa pulga atrás da orelha sobre os homens maus. É claro, se ele

tivesse uma esposa, Bobby talvez nunca houvesse lido *O Senhor das*

Moscas. Um jeito egoísta de se pensar, mas ele não pode evitar.

– Nenhum sinal deles, Bobby?

Bobby balançou a cabeça.

– E você não sente nada? Nada aqui? – ele tirou sua mão direita do ombro

esquerdo de Bobby e tocou em sua própria testa, onde repousavam duas

veias azuladas, pulsando suavemente. Bobby negou com a cabeça. – Ou

aqui? – Ted puxou o canto de seu olho direito. Bobby negou novamente. –

Ou aqui? – Ted tocou seu estômago. Pela terceira vez Bobby balançou a

cabeça.

– Certo. – Ted disse e sorriu. Ele deslizou sua mão esquerda para a parte de trás do pescoço de Bobby. – Você me diria se sentisse, não é? Você não

tentaria. . oh, eu não sei. . me poupar de emoções?

– Não. – Bobby disse. Ele gostava das mãos de Ted em seu pescoço e não gostava ao mesmo tempo. Era onde um cara em um ilme colocava a mão

bem antes de beijar uma garota. – Não, eu falaria, esse é o meu trabalho.

Ted assentiu. Ele lentamente tirou sua mão e a deixou cair. Ele se levantou,

usando a mesa para suporte e fazendo uma careta quando um joelho

estalou fazendo barulho.

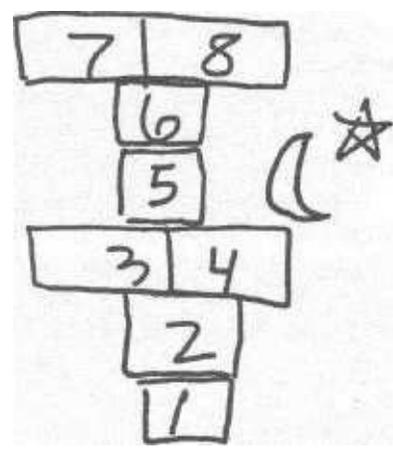
– Sim, você me diria, você é um bom garoto. Pode ir, vá fazer seu passeio.

Mas vá pela calçada, Bobby, e volte antes de escurecer. Você tem que ter cuidado nestes dias.

– Eu terei cuidado. – e começou a descer as escadas.

– Se você os vir. .

– Eu correrei.

– É. – na luz fraca, a cara de Ted icou assombrosa. – Como se o inferno estivesse atrás de você.

Então não tinha havido toques, e talvez os medos de sua mãe se

justi icassem de um jeito, talvez houvesse tido muitos toques, e alguns

deles do tipo errado. Não errados de qualquer modo que ela pensasse,

talvez, mas ainda assim eram errados. Ainda assim eram perigosos.

Na Quarta-Feira antes das férias de verão, Bobby viu uma linha vermelha

presa na antena de TV de alguém na Colony Street. Ele não pode dizer com

certeza, mas parecia notavelmente com um io de pipa. Bobby estacou. Ao

mesmo tempo seu coração acelerou até que batesse do jeito que batia

quando ele apostava corrida contra Sully-John de casa até a escola.

É uma coincidência se aquilo for um fio de pipa, ele disse a si mesmo, *só uma coincidência nojenta. Você sabe disso, não sabe?*

Talvez. Talvez ele soubesse. Ele quase tinha acreditado nisso, de qualquer

forma, quando a escola o libertou para o verão na Sexta-Feira. Bobby

voltou para casa sozinho naquele dia; Sully-John havia se voluntariado

para icar e ajudar a devolver os livros para a estante e Carol estava indo

para a casa de Tina Lebel para a festa de aniversário de Tina. Logo antes de cruzar a Avenida Asher e começar a descer a ladeira da Broad Street, ele viu uma amarelinha desenhada na calçada em giz púrpura. Parecia

com isso:

– Oh, Cristo, não. – Bobby sussurrou. – Você tem que estar brincando.

Ele icou semi-ajoelhando como um escoteiro da cavalaria em um ilme de

faroeste, sem perceber as crianças passando por ele, indo para suas casas,

algumas andando, outras em bicicletas, outras em skates, Francis Utterson

e seus dentes podres em seu patinete vermelho-ferrugem, buzinando alto

para o céu enquanto passeava. Eles quase não o percebiam; A Grande

Folga havia acabado de começar, e quase todos estavam hipnotizados pelas

possibilidades.

– Oh não, oh não. Eu não acredito, você *tem* que estar brincando. – Ele itou a estrela e a lua crescente, que estavam desenhadas em giz amarelo, não púrpura, e quase as tocou, então puxou sua mão de volta. Um pedaço de

linha vermelha presa em uma antena de TV não signi icava nada. Mas

quando você adicionava isso, ainda poderia ser coincidência? Bobby não

sabia. Ele só tinha onze anos e havia zilhões de coisas que ele não sabia.

Mas ele estava com medo. . com medo que. .

Ele se levantou e olhou em volta, meio que esperando ver uma longa linha

de carros brilhantes demais descendo a Avenida Asher, rodando

lentamente do jeito que os carros fazem quando estão seguindo um carro

fúnebre no cemitério, com seus faróis acesos no meio do dia. Meio que

esperando ver homens em casacos amarelos parados sob a marquise do

Asher Empire ou na frente da Taverna do Sukey, fumando Camels e o

observando.

Sem carros. Sem homens. Apenas crianças voltando da escola para casa. Os

primeiros do St. Gabe, notáveis em seu uniforme de calças e camisas

alaranjadas, eram visíveis entre eles.

Bobby virou-se e voltou três blocos acima da Avenida Asher, preocupado

demais sobre o que ele havia visto riscado na calçada para se preocupar com os garotos mal-humorados do St. Gabe. Não havia nada nos postes

telefônicos da avenida, mas alguns cartazes fazendo propaganda da Noite

de Bingo no Salão da Paróquia do St.

Gabriel e uma no canto da Asher com a Tacoma anunciando um show de

rock ‘n roll em Hartford estrelando Clyde McPhatter e Dwayne Eddy, o

Homem da Guitarra Vibrante.

Pela hora em que ele chegou ao Jornal da Avenida Asher, que era quase o caminho inteiro de volta para a escola, Bobby começava a esperar que

estivesse exagerando. Ainda assim, ele iria olhar no quadro de avisos

deles, então desceria até a Broad Street até a loja de Spicer, onde ele compraria outra bala e checaria o quadro de avisos também. Nada

suspeito nisso. Na Spicer, o cartão anunciando a piscina de jardim se fora,

mas e daí? O cara provavelmente a vendeu. Por que mais ele colocaria o cartão em primeiro lugar, pelo amor de Deus?

Bobby saiu e permaneceu na esquina, chupando sua bala, e tentando

decidir o que fazer em seguida.

A maioridade é uma coisa que vem em somas por natureza, uma coisa que

chega com vários estágios e sobreposições irregulares. Bobby Gar ield fez

sua primeira decisão adulta no dia em que ele terminou a sexta série,

concluindo que seria errado dizer a Ted sobre as coisas que ele vira. . ao menos por enquanto.

Sua opinião de que os homens maus não existiam havia sido abalada, mas

Bobby não estava pronto para desistir. Não com as evidências que ele

tinha até agora.

Ted icaria nervoso se Bobby lhe dissesse o que vira, talvez nervoso o

bastante para jogar suas coisas de volta em suas malas (e as sacolas com alças que agora estavam atrás de sua pequena geladeira) e dar no pé. Se realmente existissem caras maus atrás dele, fugir faria sentido, mas Bobby

não queria perder o único amigo adulto que ele já tivera. Então ele decidiu

esperar para ver o que aconteceria em seguida, se é que aconteceria

alguma coisa.

Naquela noite Bobby Gar ield experimentou outro aspecto da maioridade:

ele continuava acordado, depois que seu relógio de corda Big Ben

anunciou que eram duas da manhã, olhando para o teto e imaginando se

fizera a coisa certa.

4

Ted Apaga. Bobby Vai À Praia.

McQuown. O Palpite.

No dia em que as aulas terminaram, a mãe de Carol Gerber entupiu seu

Ford Estate Wagon de crianças e as levou para o Savin Rock, um parque de

diversões próximo ao mar, a trinta e dois quilômetros de Harwich. Anita

Gerber fazia esse passeio há três anos, o que o fez para Bobby, S-J e Carol,

o irmãozinho de Carol, e as amigas de Carol, Yvonne, Angie, e Tina, uma antiga tradição. Nem Sully-John ou Bobby teriam ido a qualquer lugar com

três garotas sozinho, mas já que estavam juntos estava tudo bem. Além

disso, a tentação do Savin Rock era muito forte para resistir. Ainda estaria

frio demais para dar mais do que uma caminhada pelo oceano, mas eles

poderiam brincar na praia e todos os brinquedos estariam abertos, os

intermediários também. No ano anterior, Sully-John derrubara três

pirâmides de garrafas de leite com apenas três bolas de beisebol,

ganhando para sua mãe um grande urso rosa de pelúcia, que ainda

carregava o orgulho de estar acima da TV dos Sullivan. Hoje S-J queria

ganhar outro.

Para Bobby, apenas sair de Harwich por um tempo era uma atração. Ele

não havia visto nada de suspeito desde a estrela e a lua desenhadas ao lado da amarelinha, mas Ted lhe dera um grande susto enquanto Bobby lia

para ele o jornal de Sábado, e em seguida veio uma feia discussão com sua

mãe.

A coisa com Ted aconteceu enquanto Bobby lia uma opinião acerca da idéia

de que Mickey Mantle nunca quebraria o recorde de home-runs de Babe

Ruth. Ele não tinha o fôlego ou dedicação, o colunista insistiu.

– “Acima de tudo, o caráter deste homem é errado”. – Bobby leu. – “O tão chamado Mick é mais interessado em farrear à noite do que. .”

Ted apagara novamente. Bobby sabia, sentiu de algum modo, mesmo antes

de tirar os olhos do jornal. Ted estava encarando vaziamente sua janela na

direção da Colony Street, e o rouco e monótono latido do cão da Sra.

O’Hara. Era a segunda vez que ele fazia isso nesta manhã, mas o primeiro lapso só havia durado alguns segundos (Ted se inclinou para abrir a

geladeira, os olhos abertos ante a luz gelada, sem se mover. . então dando uma sacudidela, e pegando o suco de laranja). Desta vez ele estava

totalmente apagado. Pirado, cara, como Kookie teria dito em um episódio

de 77 Sunset Trip. Bobby chocalhou o jornal para ver se conseguia acordá-

lo desse jeito. Nada.

– Ted? Você está b. . – com um súbito horror, Bobby percebeu que algo

estava errado com as pupilas dos olhos de Ted. Elas cresciam e diminuíam

em seu rosto enquanto Bobby assistia. Era como se Ted estivesse

mergulhando e voltando rapidamente de algum lugar abissalmente negro. .

e ainda assim tudo o que ele estava fazendo era estar sentado ali no meio

dos raios do sol.

– Ted?

Um cigarro estava queimando no cinzeiro, exceto que não era nada agora a

não ser um toco e cinzas. Olhando para isso, Bobby percebeu que Ted

devia ter apagado desde o começo da leitura do artigo sobre Mantle. E essa

coisa que seus olhos faziam, as pupilas inchando e contraindo, inchando e

contraindo. .

Ele está tendo um ataque de epilepsia ou coisa assim. Deus, às vezes eles não

engolem a própria língua quando isso acontece?

A língua de Ted parecia estar onde devia, mas seus olhos. . seus *olhos*. .

– Ted! Ted, acorde!

Bobby estava ao lado de Ted na mesa antes mesmo de que percebesse que

havia se movido. Ele agarrou Ted pelos ombros e o sacudiu. Era como

sacudir um pedaço de madeira esculpido em forma de homem. Sob sua

blusa de algodão os ombros de Ted eram duros e magricelas.

– Acorde! Acorde!

– Eles movem-se à Oeste agora. – Ted continuou a olhar pela janela com seus estranhos olhos em movimento. – Isso é bom. Mas eles podem voltar.

Eles. .

Bobby icou com suas mãos nos ombros de Ted, apavorado. As pupilas de Ted expandiram-se e contraíram como uma batida de coração que você

pudesse ver.

– Ted o que há de errado?

– Eu devo icar calmo. Devo ser como uma lebre em um arbusto. Eles

podem passar direto por mim. Pode haver água se for a vontade de Deus, e

eles podem passar direto. Todas as coisas servem. .

– Servem ao quê? – quase sussurrando agora. – Servem ao quê, Ted?

– Todas as coisas servem ao Feixe. – Ted disse, e de repente suas mãos se

fecharam nas de Bobby. Elas estavam muito frias, aquelas mãos, e por um

momento Bobby sentiu que estava em um pesadelo, desmaiando de terror.

Era como ser agarrado por um cadáver que só podia mexer suas mãos e

suas pupilas de seus olhos mortos.

Então Ted estava olhando para ele, e embora seus olhos estivessem

aterrorizados, eles estavam quase normais de novo. Não mortos, no fim das

contas.

– Bobby?

Bobby libertou suas mãos e as colocou ao redor do pescoço de Ted. Ele o abraçou, e enquanto ele o fez, Bobby ouviu um sino tocando em sua

cabeça, isso foi muito rápido, mas muito claro. Ele até mesmo podia ouvir o

barulho da mudança de sinos, do jeito que o barulho de um apito de trem

soa quando ele está se movendo rápido demais. Foi como se algo dentro de

sua cabeça estivesse passando a toda velocidade. Ele ouviu um chocalho de

cascos em uma super ície dura. Madeira? Não, metal. Ele sentiu cheio de

poeira, aridez e de trovões em seu nariz. Ao mesmo tempo a parte de trás

de seus olhos começou a formigar.

– Silêncio. – O hálito de Ted em sua orelha era seco como o cheio da poeira,

e de algum modo íntimo. Suas mãos estavam nas costas de Bobby,

apertando suas escápulas e o abraçando irmemente. – Nenhuma palavra.

Exceto. . beisebol. Sim, beisebol, se preferir!

Bobby pensou em Maury Wills ganhando campo, caminhando como líder,

contando três passos. . então quatro. . Wills curva-se até a cintura, as mãos pendentes, os pés levantados suavemente do chão, ele pode ir por

qualquer um dos caminhos, depende do que o arremessador izer. . e

quando o arremessador vai para a base, Wills sai correndo em uma

explosão de velocidade e poeira e. .

Desapareceu. Tudo desapareceu. Sem sinos tocando em sua cabeça, sem

sons de cascos, sem cheiro de poeira. Sem formigamento nos olhos. Aquele

formigamento realmente havia acontecido? Ou ele só inventou isso porque

os olhos de Ted o estavam assustando?

– Bobby. – Ted disse, novamente diretamente na orelha de Bobby. O movimento dos lábios de Ted contra sua pele o fez tremer. – Meu bom Deus, o que estou fazendo?

Ele afastou Bobby, gentilmente, mas irmemente. Seu rosto parecia assustado e um pouco pálido demais, mas seus olhos estavam normais de novo, suas pupilas estavam irmes. Por um momento aquilo foi tudo o que importou para Bobby. Ele se sentiu estranho, meio tonto da cabeça, como se ele houvesse acordado de um sono pesado. Ao mesmo tempo o tempo pareceu incrivelmente brilhante, cada linha e forma perfeitamente definidas.

– Shazam. – Bobby disse, e riu nervosamente. – O que acabou de acontecer?

– Nada que possa preocupá-lo. – Ted foi pegar seu cigarro e pareceu surpreso de ver que ele tinha se transformado em apenas um pequeno fragmento ardente. Ele o esmagou no cinzeiro com os nós dos dedos. – Eu apaguei de novo, não foi?

– Sim, e que *apagão*. Eu iquei assustado. Eu achei que você estava tendo um ataque de epilepsia ou coisa assim. Seus olhos. .

– Não é epilepsia. – Ted disse. – E não é perigoso. Mas se acontecer de novo, é melhor que você não me toque.

– Por quê?

Ted acendeu um novo cigarro.

– Porque sim. Você vai me prometer?

– Está certo. O que é o Feixe?

Ted lhe deu um olhar penetrante.

– Eu falei do Feixe?

– Você disse “Todas as coisas servem ao Feixe”. Acho que foi isso.

– Talvez alguma hora eu te conte, mas não hoje. Hoje você vai para a praia,

não vai?

– Sim. – ele disse. – É melhor eu começar a me aprontar. Eu poderia

terminar de ler seu jornal quando voltar.

– Sim, ótimo. Uma boa idéia. Eu tenho algumas cartas para escrever.

Não, você não tem, só quer se livrar de mim antes que te pergunte algo que

você não quer responder.

Mas se era isso que Ted estava fazendo, estava tudo bem. Como Liz

Gar ield geralmente dizia, Bobby tinha seu próprio peixe para fritar. Ainda

assim, quando ele alcançou a porta do quarto de Ted, ele pensou no

pedaço de io vermelho preso à antena de TV e a lua crescente e a estrela

ao lado da amarelinha, e isso o fez se virar relutantemente.

– Ted, há algo. .

– Os homens maus, sim, eu sei. – Ted sorriu. – Por enquanto não se

preocupe com eles, Bobby. Por enquanto está tudo bem. Eles não estão se

movendo nesta direção, ou mesmo olhando para esta direção.

– Eles estão se movendo para o Oeste. – Bobby disse.

Ted olhou para ele através da cortina de fumaça de seu cigarro, seus olhos

azuis firmes.

– Sim. – ele disse. – E com sorte, eles *ficarão* por lá. Em Seattle estaria bem por mim. Divirta-se no litoral, Bobby.

– Mas eu vi. .

– Talvez você tenha visto apenas sombras. Neste caso, esta não é a hora de

falar.

Apenas lembre-se do que eu disse. . se eu apagar novamente, apenas ique

sentado e espere passar. Se eu for na sua direção, saia de perto. Se eu levantar, diga-me para sentar. Neste estado eu farei o que você dizer. É

como estar hipnotizado.

– Por que você. .

– Sem mais perguntas, Bobby. Por favor.

– Você está bem? Realmente bem?

– Como macaco numa bananeira. Agora vá. Aproveite seu dia.

Bobby desceu as escadas apressadamente, novamente espantado em como

as coisas pareciam de inidas: o brilho da luz penetrando a janela do chão do segundo andar, um inseto escalando o gargalo de uma garrafa de leite do lado de fora do apartamento da Sra. Prosky, um doce e alto zumbido em

seus ouvidos que era quase como a voz do dia, o primeiro Sábado das

férias de verão.

***

Ao voltar ao seu apartamento, Bobby pegou seus carrinhos e caminhões de

brinquedo de vários esconderijos abaixo de sua cama e atrás de seu

armário. Dois deles, um Matchbox Gord e um caminhão azul metálico que o

Sr. Biderman havia mandado por sua mãe para ele alguns dias depois de

seu aniversário, eram bem legais, mas ele não tinha nada que pudesse

rivalizar o tanque de gasolina, ou a escavadeira Tonka amarela de Sully. A

escavadeira era especialmente boa para se brincar na areia. Bobby estava

ansioso a pelo menos uma hora e via os prédios passando enquanto as

ondas se quebravam em algum lugar próximo e sua pele icava rósea na

luz do sol da costa.

Ocorreu a ele que ele não havia juntado seus caminhões assim desde o

inverno anterior, quando ele e S-J haviam passado uma feliz manhã pós-

nevasca de Sábado fazendo estradas com a neve fresca no Parque Commonwealth. Ele estava velho agora, onze, quase velho demais para

coisas como esta. Havia algo de triste sobre essa idéia, mas ele não tinha que icar triste agora, não se não quisesse. Seus dias de caminhões de

brinquedo podiam estar se aproximando do im, mas esse im não seria

hoje. Não, não hoje.

Sua mãe lhe aprontou o almoço para viagem, mas ela não lhe daria

dinheiro quando ele pedisse, nem mesmo um níquel para os banheiros

públicos que icavam alinhados no lado do oceano da estrada. E quase

antes que Bobby percebesse o que estava acontecendo, eles estavam tendo

o que ele mais temia: uma discussão sobre dinheiro.

– Cinqüenta centavos devem dar. – Bobby disse. Ele ouviu a voz de bebê chorão em sua cabeça, a odiou, mas não pôde evitá-la. – Só meio mango.

Vamos, mãe, o que você diz? Seja legal.

Ela acendeu um Kool, atritando o fósforo com tanta força que fez um estalo,

e olhou para ele através da fumaça com seus olhos semicerrados.

– Você está ganhando seu próprio dinheiro agora, Bob. A maioria das

pessoas gasta três centavos pelo jornal e você é pago para lê-lo. Um dólar

por semana! Meu Deus! Quando eu era uma garotinha. .

– Mãe, esse é o dinheiro da minha bicicleta! Você sabe disso.

Ela se virou para o espelho, franzindo o cenho e inquietando-se com os

ombros de sua blusa, o Sr. Biderman havia pedido que ela fosse para lá por algumas horas, mesmo sendo Sábado. Ela se virou, o cigarro ainda

preso entre seus lábios, e dobrou sua carranca sobre ele.

– Você ainda me pede para comprar aquela bicicleta, não é? *Ainda*. Eu já te

disse que não posso pagar pelo que você me pede.

– Não, eu não estou. Não estou. – os olhos de Bobby estavam esbugalhados

de raiva e mágoa. – Só um meio mango de nada. .

– Meio mango aqui, dois ali. . isso tudo acaba crescendo, você sabe. O que você quer de mim é que eu compre aquela bicicleta para você lhe dando o

dinheiro para pagar as outras coisas. Então você não tem que desistir de

nenhuma das *outras* coisas que você quer.

– Não é justo!

Ele sabia o que ela iria dizer antes mesmo de dizê-lo, até mesmo tempo de

pensar que havia caminhado na direção dessa.

– A vida não é justa, Bobby-O. – disse voltando-se para o espelho para arrancar um último fio solto abaixo do ombro direito de sua blusa.

– Um níquel para o banheiro? – Bobby perguntou. – Você não poderia ao

menos. .

– Sim, provavelmente, eu imagino. – ela disse, destacando cada palavra. Ela

normalmente colocava rouge nas bochechas antes de ir trabalhar, mas

nem todas as cores em seu rosto nessa manhã saíram de uma caixa de pó,

e Bobby, furioso como estava, sabia que era melhor ter cuidado. Se ele

perdesse a cabeça do jeito que ela era capaz de perder a dela, ele icaria aqui no apartamento quente o dia todo, proibido de dar um só passo no

corredor.

Sua mãe pegou a bolsa da mesa no im do sofá, amassou seu cigarro com

força o bastante para partir o filtro, então se virou e olhou para ele.

– Se eu dissesse para você, "Puxa, não podemos comer esta semana

porque eu vi um par de sapatos na Hunsicker que eu simplesmente tinha

que comprar", o que você pensaria?

Eu pensaria que você é uma mentirosa, Bobby pensou . *E eu diria que se você estivesse tão quebrada, mãe, o que é aquele catálogo da Sears em cima do armário?*

Aquele com as notas de um dólar, e de cinco dólares, mesmo as de dez ou vinte, en iadas no meio das páginas de roupas íntimas? E quanto ao jarro azul no armário de pratos da cozinha, aquele escondido

no canto atrás da molheira com uma rachadura nela, o jarro azul onde você põe sua pequena poupança de moedas, onde você as tem colocado desde que meu pai morreu?

E quando o jarro está cheio você pega as moedas e as leva para o banco para trocá-las por notas, e então as notas vão para o catálogo, não vão? As notas são colocadas nas páginas de roupas íntimas do seu livro de desejos.

Mas ele não disse nada disso, apenas olhou para baixo para seus tênis com os olhos em chamas.

– Eu tenho que fazer escolhas. – ela disse. – E se você está velho o su iciente para trabalhar, meu ilhinho, você tem que fazê-las também.

Você acha que eu gosto de te negar?

Não exatamente , Bobby pensou, olhando para seus tênis e mordendo o lábio, que queria se soltar e começar a soltar um monte de sons infantis.

Não exatamente, mas eu não acho que você se importa, tampouco.

– Se fossemos os Gotrocks, eu lhe daria cinco dólares para gastar na praia,

inferno, daria dez! Você não teria que pegar do seu pote da bicicleta se você quisesse levar sua namorada à montanha-russa. .

Ela não é minha namorada! Bobby gritou com sua mãe em sua cabeça. *ELA*

NÃO É MINHA NAMORADA!

– . .ou ao trenzinho. Mas é claro que se fossemos os Gotrocks você não precisaria poupar dinheiro para uma bicicleta em primeiro lugar,

precisaria? – sua voz aumentava cada vez mais. O que quer que a estivesse

perturbando pelos últimos meses, ameaçava explodir, espumando como

um refrigerante e destruidor como o ácido. – Eu não sei se você já

percebeu isso, mas seu pai não nos deixou exatamente bens de vida, e eu

estou fazendo o melhor que posso. Eu te alimento, eu te visto, eu te pago para ir ao Clube Sterling neste verão e jogar beisebol enquanto lido com papéis naquele escritório quente. Você foi convidado a ir para praia com as

outras crianças, estou muito feliz por você, mas como você trata de

assuntos financeiros em seu dia de folga é problema seu.

Se quiser andar nos brinquedos, leve algum do dinheiro que você tem no

pote e ande neles. Se não quiser, apenas brinque na praia ou ique em

casa. Não faz diferença para mim. Eu só quero que você pare de

choramingar. Eu odeio quando você faz isso. É

igual. . – ela parou, suspirou, abriu a bolsa, tirou seus cigarros. – Eu odeio quando você faz isso. – ela repetiu.

É igual ao seu pai. Isso era o que não havia terminado de dizer.

– Então, como é, luz do sol? – ela perguntou – Terminou?

Bobby icou em silêncio, as bochechas em brasa, olhos em brasa, olhando

para baixo para seus tênis e se concentrando em não debulhar-se em

lágrimas. A este ponto, apenas um soluço engasgado poderia ser o bastante

para deixá-lo de castigo pelo dia; ela estava realmente furiosa, apenas

esperando uma razão para fazê-lo. E chorar não era o único perigo. Ele

queria gritar que ele preferia estar com seu pai a ela, uma velha magricela

e pão-dura como ela, que não prestava nem para dar um único níquel, e

daí se o falecido não-tão-legal Randall Gar ield não havia os deixado bens de vida? Por que ela sempre fazia soar como se fosse culpa *dele*? Quem havia casado com ele?

– Tem certeza, Bobby-O? Sem mais gracinhas? – o som mais perigoso de

todos havia penetrado na voz dela, um tipo de esperteza frágil. Soaria como

bom humor se você não a conhecesse.

Bobby olhou para seus tênis e não disse nada. Manteve todas as lágrimas e

todas as palavras furiosas trancadas em sua garganta e não disse nada. O

silêncio prolongou-se entre eles. Ele podia cheirar seu cigarro e todos os outros da noite passada antes desse, e todos aqueles fumados nas outras

noites enquanto ela não assistia a TV com atenção, esperando que o

telefone tocasse.

– Tudo bem, acho que nos entendemos. – ela disse depois de lhe dar

quinze segundos mais ou menos para abrir a boca e en iar seu grande pé

lá dentro. – Tenha um bom dia, Bobby. – ela saiu sem beijá-lo.

Bobby foi abrir a janela (lágrimas escorregando por seu rosto agora, mas ele nem as notou), afastou as cortinas e a assistiu ir na direção do

Commonwealth, os saltos altos chocando-se contra o chão. Ele deu algumas

grandes e molhadas respiradas, e então foi para a cozinha. Ele olhou

através dela na direção do armário de copas, onde o jarro azul se escondia

atrás da molheira. Ele poderia pegar algum dinheiro dele, ela não

mantinha uma conta exata de quanto tinha lá e ela nunca sentiria falta de

três ou quatro moedas de vinte e cinco centavos, mas ele não faria isso.

Gastar o dinheiro não teria graça. Ele não tinha certeza de como sabia

disso, mas ele sabia; sabia desde os nove anos, quando havia descoberto o

jarro de moedas lá. Então, com sentimentos de arrependimento ao invés de

sentimentos de honradez, ele foi para seu quarto e olhou para o pote de Fundos da Bicicleta.

Ocorreu a ele que ela tinha razão, ele poderia pegar um pouco de seu

dinheiro e gastá-lo no Savin Rock. Pode levar um mês extra para acumular

o preço da Schwinn, mas ao menos gastar esse dinheiro o faria se sentir bem. E havia algo mais também. Se ele se recusasse a tirar dinheiro do pote, para fazer qualquer coisa a não ser guardá-lo e poupá-lo, ele seria como *ela*.

Isso decidiu o assunto. Bobby pegou cinqüenta centavos dos Fundos da

Bicicleta, e os colocou no bolso, e o tapou com um pano para evitar que as

moedas pulassem e caíssem em algum lugar, então terminou de pegar suas

coisas da praia. Não demorou e ele já estava assoviando, e Ted desceu as escadas para ver o que ele estava aprontando.

– Já está de saída, Capitão Garfield?

Bobby assentiu.

– O Savin Rock é um lugar muito legal. Brinquedos e coisas assim, sabe?

– Deveras eu sei. Divirta-se, Bobby, e não vá cair dos brinquedos.

Bobby começou a ir na direção da porta, então voltou-se para Ted, que

estava em pé no pé da escada de chinelos.

– Por que você não sai e se senta na varanda? – Bobby perguntou. –

Aposto que vai ficar quente na casa.

Ted sorriu.

– Talvez. Mas acho que vou ficar aqui dentro.

– Você está bem?

– Bem, Bobby. Estou bem.

Enquanto cruzava para o lado dos Gerbers da Broad Street, Bobby

percebeu que estava com pena de Ted, se escondendo em seu quarto

quente por nenhum motivo. E

tinha que ser por nenhum motivo, não tinha? Com certeza. Mesmo que houvesse homens maus lá fora, viajando por algum lugar (*pelo Oeste*, ele pensou, *eles se movem pelo Oeste*), o que eles poderiam querer com um velho aposentando como Ted Brautigan?

***

No começo a briga com sua mãe havia lhe deprimido um pouco (a amiga

rechonchuda e bonita da Sra. Gerber, Rionda Hewson o acusou de "estar

com a cabeça nas nuvens", o que quer que isso signi icasse, então começou

a lhe fazer cócegas nos lados e nos sovacos até que Bobby risse em defesa

própria), mas depois que passaram um tempo na praia, ele começou a se

sentir melhor, a se sentir mais ele mesmo.

Embora ainda fosse cedo na estação, o Savin Rock estava a toda

velocidade. . o carrossel girando, o Rato Selvagem rugindo, as criancinhas gritando, rock 'n roll e metal saindo dos alto-falantes fora da casa de diversões, os camelôs berrando de suas barraquinhas. Sully-John não

conseguiu o ursinho que queria, acertando apenas duas das últimas três

garrafas de leite (Rionda disse que algumas delas tinham pesos especiais

em seus fundos que as impediam de tombar a não ser que você as acertasse em cheio), mas o cara na barraquinha lhe de um prêmio bem legal de qualquer forma, um tamanduá amarelo com jeito de pateta. S-J impulsivamente o deu para a mãe de Carol.

Anita riu e o abraçou e lhe disse que ele era a melhor criança do mundo, se ele fosse quinze anos mais velho ela cometeria bigamia e casaria com ele. Sully-John corou até ficar púrpura.

Bobby tentou a barraca das argolas, e errou todas as três jogadas. Na Galeria de Tiros ele teve melhor sorte, quebrando dois pratos e ganhando um pequeno ursinho de pelúcia, ele o deu para Ian-o-Cruel, que na verdade estava sendo legal só para variar (não havia feito nenhuma birra, nem molhado as calças, ou tentado socar Sully ou Bobby no saco). Ian abraçou o ursinho e olhou para Bobby como se Bobby fosse Deus.

– É lindo e ele o adorou. – Anita disse. – Mas não quer levar para casa para sua mãe?

– Não. . ela não gosta muito dessas coisas. Mas eu gostaria de ganhar para ela um vidro de perfume.

Ele e Sully-John se desa iaram a entrar no Rato Selvagem, e inalmente entraram juntos, berrando delirantemente a cada mergulho que o vagão deles dava, simultaneamente sabendo que eles viveriam eternamente e morreriam imediatamente.

Eles foram ao Bate-Bate e nas Xícaras Malucas. Com apenas quinze centavos sobrando, Bobby entrou na roda gigante com Carol. O vagão deles parando no topo, balançando suavemente, o fazendo se sentir engraçado no estômago. À sua esquerda o Atlântico pisava na terra em uma série de

ondas de cristas brancas. A praia estava tão branca, e o oceano era uma impossível sombra de azul profundo. A luz do sol o percorreu como sonda.

Abaixo deles estava o meio do parque. Saindo dos alto-falantes vinha o som

de Freddy Cannon: “ela veio de Tallahassee, e ela tem um grande chassi”.

– Tudo lá embaixo parece tão pequeno. – Carol disse. Sua voz era

estranhamente baixa.

– Não tenha medo, estamos totalmente seguros. A roda gigante vai ser um

passeio para bebês se não fosse tão alto.

Carol era de muitos jeitos a mais velha dos três, brigona e con iante de si mesma, como no dia em que ela havia feito S-J carregar os livros por

xingar, mas agora seu rosto quase tinha se tornado um rosto de bebê de novo: redondo, um pouco pálido, dominado por um par de olhos

alarmados. Sem pensar, Bobby se inclinou, pôs sua boca na da dela, e a beijou. Quando ele se afastou, os olhos delas estavam mais esbugalhados

do que nunca.

– Totalmente seguros. – ele disse, e sorriu.

– Faça de novo! – era o primeiro beijo de verdade dela, ela o havia

recebido no Savin Rock no primeiro Sábado das férias de verão, e ela não

estava prestando muita atenção. Era isso o que ela pensava, era por isso que ela queria que ele fizesse de novo.

– É melhor não. – Bobby disse. Apesar de que. . aqui em cima quem

poderia ver para chamá-lo de maricas?

– Eu te desafio, e não diga que você falou primeiro.

– Você vai contar?

– Não, juro por Deus. Vamos, depressa! Antes que desçamos!

Então ele a beijou de novo. Os lábios dela eram macios, e se fecharam, quentes como o sol. Então a roda começou a se mover e ele parou. Por um

momento Carol repousou sua cabeça contra o peito dele.

– Obrigada, Bobby. – ela disse. – Isso foi muito bom.

– Eu também achei.

Eles se afastaram um do outro um pouco, e quando o vagão deles parou e o

atendente tatuado levantou a trava de segurança, Bobby saiu e correu sem

olhar para trás na direção de S-J. Mas ele já sabia que beijar Carol no topo

da roda gigante seria a melhor parte do dia. Era seu primeiro beijo de verdade também, e Bobby nunca esqueceu a sensação dos lábios dela

pressionando os seus. . secos e macios e aquecidos pelo sol. Seria o beijo pelo qual todos os outros seriam comparados, e deixariam a desejar.

***

Por volta das três da tarde, a Sra. Gerber disse para eles começarem a

juntar as coisas; era hora de voltar para casa. Carol deu a ela o clássico

“Ah, mãe” e eles começaram a pegar as coisas. As amigas dela ajudaram;

até mesmo Ian ajudou um pouco (recusando até mesmo enquanto pegava

e se importou em largar o ursinho coberto de areia). Bobby meio que

esperava que Carol icasse perto dele pelo resto do dia, e ele tinha certeza

de que ela contaria a elas sobre o beijo na roda gigante (ele saberia que ela o havia feito quando as encontrasse e as visse dando risadinhas com as

mãos sobre suas bocas, olhando para ele, com seus divertidos olhos

espertos), mas ela não havia feito nenhuma dessas coisas. Muitas vezes ele

a lagrou olhando para ele, e muitas vezes ele se pegou dando umas

olhadelas nela. Ele continuava a se lembrar de seus olhos lá em cima. Como

estavam grandes e preocupados. E ele a havia beijado, simples assim.

Bingo.

Bobby e Sully carregaram a maioria das sacolas. “Bom Deus! Carambola!”

Rionda gritou, rindo, enquanto eles seguiam da praia até a calçada. Ela estava vermelha como camarão por baixo do hidratante que ela havia

passado em todo o seu rosto e ombros, e ela se queixou para Anita Gerber

que ela não conseguiria pregar o olho naquela noite, se as queimaduras do

sol não a mantivessem acordada, a comida do parque a manteria.

– Ora, você não precisava ter comido quatro salsichões e duas rosquinhas.

–

disse a Sra. Gerber, soando mais irritada do que Bobby já a ouvira ficar, ela

estava cansada, ele percebeu. Ele se sentiu um pouco tonto pelo sol. Suas costas ardiam com as queimaduras e ele tinha areia dentro das meias. As sacolas de praia com as quais ele havia sido encarregado balançaram e

chocaram-se umas contra as outras.

– Mas as comidas dos parques de diversões são tão boooooas. – Rionda

protestou numa voz triste. Bobby riu.

Ele não pode evitar.

Eles andaram lentamente pelo caminho na direção do estacionamento de

terra, agora não prestando atenção nos brinquedos. Os donos das

barraquinhas olharam para eles, então desviaram o olhar atrás de sangue

fresco. Mais pessoas apareciam e tentar chegar ao estacionamento era, em

geral, uma causa perdida.

No im do caminho, à esquerda, estava um homem magricela usando

bermudas azuis, uma camisa de alças, e um chapéu-coco. O chapéu era

velho e desgastado, mas ereto em um ângulo devasso. Também havia uma

lor de girassol presa na aba. Ele era um cara engraçado, e as meninas

inalmente tiveram sua chance de colocarem as mãos na boca e darem

risadinhas.

Ele olhou para eles com o ar de um homem que já foi caçoado por

especialistas, e sorriu de volta. Isso se fez Carol e suas amigas rirem ainda

mais. O homem de chapéu-coco, ainda sorrindo, espalhou as mãos sobre a

banca improvisada da qual ele estava atrás, uma tábua larga de madeira

em cima de dois brilhantes cavaletes alaranjados. Na mesinha improvisada

havia três cartas da marca Bicycle de versos vermelhos. Ele as virou com rápidos e graciosos gestos. Seus dedos eram longos e perfeitamente

brancos, Bobby viu, nem uma sombra de bronzeado neles.

A carta no meio era a rainha de copas. O homem de chapéu-coco a

levantou e a mostrou para eles, indo e vindo com destreza.

– Ache a dama de vermelho, *cherchez la femme rouge* , é só isso que é, e tudo que se tem a fazer. É fácil, fácil. Fácil como nadar, fácil como sonhar. –

ele disse para Yvonne Loving. – Venha aqui, boneca, e mostre como se faz.

Yvonne, ainda dando risadinhas e corando até as raízes de seus cabelos

negros, encolheu atrás de Rionda e murmurou que ela não tinha dinheiro

para jogos, que havia gasto tudo.

– Sem problema. – disse o homem de chapéu-coco. – É só uma

demonstração, boneca, eu quero que sua mãe e sua amiga linda vejam

como é fácil.

– Nenhuma delas é minha mãe. – Yvonne disse, mas foi até ele.

– É melhor nós irmos se quisermos evitar trânsito, Evvie. – disse a Sra.

Gerber.

– Não, espere um minuto, isto é divertido. – Rionda disse. – É um monte de

três cartas. Parece fácil, como ele diz, mas se não tiver cuidado, vai

começar a perder e voltar para casa sem nada.

O homem de chapéu-coco lhe deu um olhar reprovador, e então um sorriso

largo. Era o sorriso de um homem mau, Bobby pensou subitamente. Não

daqueles que Ted tinha medo, mas um homem mau do mesmo jeito.

– É óbvio para mim. . – disse o homem de chapéu-coco –. .que em algum

ponto de seu passado você foi vítima de um trapaceiro. Embora como

alguém possa ser tão cruel de passar para trás uma dama tão bonita e

classuda está além das minhas habilidades de compreensão.

A dama bonita e classuda, de cinqüenta e cinco anos mais ou menos,

noventa quilos mais ou menos, de ombros e rosto empapados de

hidratante, riu feliz.

– Falar bobagens e mostrar a uma criança como isso funciona. E você

realmente está querendo dizer que isto é legal?

O homem atrás da mesinha jogou a cabeça para trás e também riu.

– No im do caminho do estacionamento, tudo é legal até que te peguem e

te joguem para fora daqui. . como eu acho que você provavelmente sabe.

Agora. . como se chama, bonequinha?

– Yvonne. – ela disse em uma voz que Bobby mal ouviu. Ao seu lado, Sully-

John assistia a tudo com grande interesse. – Algumas vezes meus amigos

me chamam de Evvie.

– Certo, Evvie, olhe bem aqui, lindinha. O que você vê? Diga-me o nome delas, eu sei que você pode dizer, uma criança tão esperta como você, e aponte a certa quando eu disser. Não tenha medo tocá-las. Não há nada de

desonesto aqui.

– Este aqui na ponta é o valete. . este aqui na outra ponta é o rei. . e esta é a

rainha. Ela está no meio.

– É isso aí, bonequinha. Nas cartas, como na vida, é comum haver uma

mulher entre dois homens. Esse é o poder delas, e em cinco ou seis anos você vai descobrir por experiência própria. – sua voz caiu em um baixo e quase hipnótico canto. – Agora observe atentamente e nunca tire os olhos

das cartas. – ele as virou, mostrando seus versos. – Agora, bonequinha,

onde está a rainha?

Yvonne Loving apontou para o verso vermelho do meio.

– Será que ela acertou? – o homem de chapéu-coco perguntou ao pequeno grupo reunido ao redor de sua mesinha.

– Até agora. – Rionda disse, e riu tão forte que sua barriga lácida dançou sob seu vestido de verão.

Sorrindo para a mulher que ria, o homem mau no chapéu-coco virou um canto da carta do meio, mostrando a rainha de copas.

– Cem por cento correta, meu docinho, até agora muito bom. Agora veja! Observe bem! É uma corrida entre seu olho e minha mão! Quem ganhará? Essa é a pergunta do dia!

Ele começou a embaralhar as três cartas rapidamente em cima da tábua, rimando enquanto o fazia.

– Pra cima e pra baixo, por todo o lugar, será que eu acho, onde a carta estará?

Veja-as dançar, vamos, me conte, não pare de olhar, onde ela se esconde?

Enquanto Yvonne estudava as três cartas, que agora estavam mais uma vez alinhadas lado a lado, Sully disse no ouvido de Bobby, “Você nem precisa ver ele misturar as cartas. A rainha tem um dos cantos amassados. Você vê?

Bobby assentiu, e pensou *Boa garota* quando Yvonne apontou hesitantemente para a carta da esquerda, a carta com o canto amassado. O homem de chapéu-coco a virou e revelou a rainha de copas.

– Bom trabalho! – ele disse. – Você tem um olho a iado, bonequinha, um olho afiado, de fato.

– Obrigada. – disse Yvonne, corando e parecendo quase tão feliz quanto Carol quando Bobby a beijou.

– Se você apostar comigo dez centavos e ganhar, eu lhe darei vinte

centavos agora mesmo. – o homem de chapéu-coco disse. – Por que, você

pergunta? Porque é Sábado, eu chamo o Sábado de Dia do Dobro! Agora,

por acaso uma das senhoras gostaria de arriscar dez centavos em uma

corrida entre seus jovens olhos e minhas velhas mãos cansadas? Vocês

podem dizer aos seus maridos, senhores de sorte por tê-

las, eu diria, que o Sr. Herb McQuown, o Homem do Monte no Savin Rock, pagou pelo seu dia no estacionamento. Ou quem sabe vinte e cinco

centavos? Aponte onde está a rainha de copas e eu lhe darei de volta

cinqüenta.

– Meio mango, que legal! – Sully-John disse. – Eu tenho vinte e cinco

centavos, Senhor, e eu vou apostá-los.

– Johnny, isto é apostar dinheiro. – disse a mãe de Carol duvidosamente. –

Eu realmente não acho que eu deveria permitir. .

– Vamos, deixa o garoto aprender uma lição. – Rionda disse. – Além disso, o

rapaz é capaz de deixá-lo ganhar. Para nos atrair. – ela não fez esforço para abaixar a voz, mas o homem de chapéu-coco, Sr. McQuown, olhou

para ela e sorriu. Então voltou sua atenção para S-J.

– Deixe-me ver seu dinheiro, garoto, vamos, ponha-o aqui.

Sully-John passou os vinte e cinco centavos. McQuown o ergueu na direção

da luz do sol da tarde por um momento, com um olho fechado.

– É, parece uma boa moeda para mim. – ele disse, e a colocou na mesinha à

esquerda da ila de três cartas. Ele olhou em ambas as direções,

procurando tiras, talvez, então deu uma piscadela para a cínica e

sorridente Rionda antes de voltar sua atenção para Sully-John.

– Qual é o seu nome, amiguinho?

– John Sullivan.

McQuown abriu bem os olhos e mexeu seu chapéu para o outro lado da

cabeça, fazendo o girassol de plástico balançar e se inclinar comicamente.

– Um nome de respeito. Sabe ao que me refiro?

– Claro. Algum dia talvez eu seja um lutador também. – S-J disse. Ele socou

o ar à esquerda e à direita da mesa improvisada de McQuown. – Pou, pou!

– Pou pou, de fato. – disse McQuown. – E como estão seus olhos, Mestre Sullivan?

– Muito bons.

– Então os prepare, porque a corrida começou! Pode apostar que sim! Seus

olhos contra minhas mãos. – McQuown, então, fez novamente suas rimas.

As cartas, que desta vez haviam se movido bem mais rápido, foram

diminuindo de velocidade até pararem.

Sully começou a apontar, e então recuou a mão, franzinho os cenhos. Agora

havia *duas* cartas com os cantos amassados. Sully olhou para McQuown, cujos braços estavam cruzados em sua camisa desbotada. McQuown estava

sorrindo.

– Não se apresse, ilho. – ele disse. – Esta manhã passou rápida como um papaléguas, mas está sendo uma tarde lenta.

Homens que acham que chapéus com penas em suas abas são so isticados, Bobby se lembrou de Ted dizendo. *O tipo de homens que defecariam em*

uma viela, e passariam uma garrafa de licor em um saco de papel. No chapéu de McQuown havia uma lor de plástico engraçada ao invés de uma pena, e

não havia garrafas em evidência. . mas havia uma em seu bolso. Uma bem

pequena. Bobby tinha certeza disso.

E com o passar do dia, enquanto o negócio enfraquecia, e a coordenação de

seus olhos e mãos se tornava menos do que uma prioridade para ele,

McQuown iria, freqüentemente, tomar uns goles dela.

Sully apontou para a carta da direita. Não, S-J, Bobby pensou, e quando McQuown virou a carta, era o rei de espadas. McQuown virou a carta da

esquerda e mostrou o valete de paus. A rainha estava de volta ao meio.

– Desculpe, ilho, foi devagar desta vez, isso não é um crime. Quer tentar novamente agora que você já está aquecido?

– Puxa, eu. . esse foi meu último centavo. Sully-John estava cabisbaixo.

– Bem feito para você, garoto. – Rionda disse. – Ele poderia te tirar tudo e

te deixar só de cuecas aqui. – as meninas deram risinhos disso; S-J corou.

Rionda não percebeu nenhuma das duas coisas. – Eu trabalhei na Revere

Beach por uns tempos enquanto vivi em Massachussets. – ela disse. –

Deixe-me mostrar a vocês garotos como isso funciona. Quer apostar uma

prata, colega? Ou é muito doce para você?

– Em sua presença tudo seria doce. – McQuown disse sentimentalmente, e

arrebatou o dólar no momento em que ele saiu da bolsa dela. Ele o segurou

contra a luz, o examinou com seu olho calculista, então o colocou à

esquerda das cartas. – Parece bom. – ele disse. – Vamos jogar, querida.

Qual é o seu nome?

– Espertalhona. – Rionda disse. – Pergunte-me novamente e eu te direi a mesma coisa.

– Ri, você não acha. . – Anita Gerber começou.

– Eu já disse, estou a iada como uma faca. – Rionda disse. – Faça-as correr,

colega.

– Só se for agora. – McQuown concordou, e suas mãos colocaram as três

cartas de versos vermelhos em movimento (pra cima, e pra baixo, pra todo

o lado. .), inalmente as organizando em linha reta novamente. E desta vez,

Bobby observou impressionado, todas as três cartas tinham seus cantos

amassados.

O sorrisinho de Rionda sumira. Ela olhou da pequena ila de cartas para

McQuown, então para as cartas novamente, e então para a nota de um

dólar, repousando em um lado e flutuando levemente com a brisa marítima

que soprava. Finalmente ela olhou de volta para McQuown.

– Você me fez de otária, colega. – ela disse. – Não fez?

– Não. – McQuown disse. – Eu *corri* contra você. Agora. . o que me diz?

– Eu acho que deveria dizer que aquele foi um bom dólar que nunca deu problemas e eu sinto por vê-lo ir embora. – Rionda respondeu, e apontou para a carta do meio.

McQuown a virou, revelando o rei, e fez o dólar de Rionda desaparecer

para dentro de seu bolso. Desta vez a rainha estava na esquerda.

McQuown, um dólar e vinte cinco centavos mais rico, sorriu para o pessoal

de Harwich. A lor de plástico en iada na aba de seu chapéu balançou para

os lados no ar salgado.

– Quem é o próximo? – ele perguntou. – Quem quer apostar uma corrida

entre seu olho e minha mão?

– Acho que todos nós já corremos demais. – a Sra. Gerber disse. Ela deu ao

homem atrás da mesa um sorriso ino, e pôs uma mão no ombro de sua

filha e a outra em seu filho sonolento, os virando para outra direção.

– Sra. Gerber? – Bobby perguntou. Por um momento ele considerou como sua mãe, uma vez casada com um homem que nunca tivera uma interna

para seqüência que não gostasse, se sentiria se ela pudesse ver seu ilho ali parado em frente à mesinha improvisada do Sr. McQuown com aquele

cabelo à escovinha ruivo de Randy Gar ield re letidos ao sol. O pensamento

o fez sorrir um pouco. Bobby sabia o que era uma interna para seqüência

agora; flushes e full houses também. Ele havia feito perguntas. –

Posso tentar?

– Oh, Bobby, eu acho que já tivemos o bastante, não acha?

Bobby penetrou sua mão em seu bolso tapado com o lencinho e tirou seus

últimos três níqueis.

– Isso é tudo o que eu tenho. – ele disse, mostrando primeiro à Sra. Gerber

e então ao Sr. McQuown. – É o bastante?

– Filho. – McQuown disse. – Eu já joguei esse jogo por quantias

insignificantes e gostei.

A Sra. Gerber olhou para Rionda.

– Ah, diabos. – Rionda disse, e apertou a bochecha de Bobby. – É o preço de um corte de cabelo, pelo amor de Cristo. Deixe-o perder e então vamos

para casa.

– Está bem, Bobby. – a Sra. Gerber disse, e suspirou. – Se você insiste.

– Ponha estas moedinhas aqui, Bob, onde todos nós possamos vê-las. –

disse McQuown. – Elas parecem ser das boas, sim, parecem. Está pronto?

– Acho que sim.

– Então aqui vamos nós. Dois meninos e uma menina se escondem juntos.

Os meninos não valem nada. Ache a menina e dobre seu dinheiro.

Os dedos pálidos e espertos viraram as três cartas. McQuown começou seu

lengalenga e as cartas começaram a correr. Bobby as viu se mexer em

cima da mesinha, mas não fez qualquer esforço real para perseguir a

rainha. Não era necessário.

– Aqui vão elas, estão parando, todas belas, descansando. O teste começou!

– As três cartas de versos vermelhos estavam em ila novamente. – Diga-

me, Bobby, onde ela se esconde?

– Ali. – Bobby disse, e apontou para a carta da esquerda.

Sully resmungou.

– Era a do meio, seu boboca. Desta vez não tirei meus olhos dela.

McQuown não tomou notícia de Sully. Ele estava olhando para Bobby.

Bobby o olhou de volta. Depois de um momento McQuown se mexeu e

virou a carta apontada por Bobby. Era a rainha de copas.

– Mas que diabos? – Sully choramingou.

Carol bateu palmas, excitada, e começou a dar pulinhos. Rionda Hewson

guinchou e lhe deu um beijo no cangote.

– Você o ensinou uma lição dessa vez, Bobby! Muito bem!

McQuown deu a Bobby um peculiar e pensativo sorriso, então pôs a mão

no bolso e puxou o prêmio.

– Nada mau, ilho. Primeira vez que me bateram hoje. Que me ganharam,

quero dizer. – ele pegou vinte cinco centavos e um níquel e os colocou ao lado dos cinqüenta centavos de Bobby. – Gostaria de mantê-las girando? –

Ele viu que Bobby não entendeu. – Gostaria de jogar novamente?

– Posso? – Bobby perguntou a Anita Gerber.

– Não prefere sair enquanto está ganhando? – ela perguntou, mas seus

olhos brilhavam e ela parecia ter esquecido tudo sobre evitar o trânsito do

caminho para casa.

– Eu *vou* parar enquanto estou ganhando. – ele disse.

McQuown riu.

– Garoto durão! Não verá nenhum pêlo crescer em seu queixo por mais cinco anos, mas já é um garoto durão. Então Bobby Durão, o que acha?

Podemos jogar?

– Claro. – Bobby disse. Se Carol ou Sully-John o houvessem acusado de ser

durão, ele teria protestando veementemente, todos os seus heróis, de John

Wayne a Lucky Starr da Patrulha Espacial, eram pessoas modestas, do tipo

que diriam “ufa” depois de salvar o mundo ou um vagão de trem. Mas ele

não sentiu necessidade de se defender contra o Sr. McQuown, que era um

homem mau em calças azuis, e talvez um trapaceiro das cartas também.

Ser durão era a última coisa na cabeça de Bobby. Ele não achava que isso

era como as internas para seqüências de seu pai. Internas para seqüências

eram apenas esperança e chutes, o “pôquer dos tolos”, de acordo com

Charlie Yearman, o zelador da escola primária de Harwich, que icou feliz em contar a Bobby tudo sobre o jogo que S-J e Denny Rivers não

conheciam. Mas não havia palpites neste aqui.

O Sr. McQuown olhou para ele um momento mais longo; a calma con iança

de Bobby pareceu o incomodar. Então ele levantou o braço, ajeitou a

posição de seu chapéu, estirou os braços e estalou os dedos do mesmo jeito

que Pernalonga fazia antes de tocar piano no Carnegie Hall em um dos

desenhos.

– Em sua marca, garoto durão. Eu estou lhe dando o negócio inteiro desta

vez, de cabo a rabo.

As cartas correram em uma espécie de ilme rosa. Detrás dele, Bobby

ouviu Sully-John murmurar um “Minha nossa!”. A amiga de Carol, Tina,

disse que estava

“rápido pra dedéu” em um maravilhado tom de empertigada

desaprovação. Bobby novamente viu as cartas se moverem, mas apenas

porque ele sentiu que era esperado que ele o izesse. O Sr. McQuown não

se preocupou em fazer qualquer rima ou tagarelice desta vez, o que meio

que o aliviou.

As cartas pararam. McQuown olhou para Bobby com suas sobrancelhas

levantadas. Havia um pequeno sorriso em sua boca, mas ele respirava

rápido e havia gotículas de suor acima de seu lábio superior.

Bobby apontou imediatamente para a carta da direita.

– É ela.

– Como sabe disso? – O Sr. McQuown perguntou, seu sorriso desaparecendo. – Como diabos você sabe disso?

– Eu apenas sei. – Bobby disse.

Ao invés de virar a carta, McQuown virou a cabeça levemente e olhou para o caminho do parque. O sorriso havia sido substituído por uma expressão petulante: lábios comprimidos e uma ruga entre os olhos. Até mesmo o girassol de plástico em seu chapéu parecia insatisfeito, seu balanço era agora carrancudo ao invés de radiante.

– Ninguém me vence com esse movimento. – ele disse. – Ninguém *nunca* me venceu com esse movimento.

Rionda passou por cima dos ombros de Bobby e virou a carta que ele havia apontado. Era a rainha de copas. Desta vez todas as crianças bateram palmas. O som fez a ruga entre os olhos do Sr. McQuown se aprofundarem ainda mais.

– Parece que você deve ao velho Bobby Durão seus noventa centavos. – Rionda disse. – Você vai pagar?

– E se eu não pagar? – o Sr. McQuown perguntou, virando sua carranca para Rionda. O que você fará, rolha de poço? Chamar a polícia?

– Talvez fosse melhor irmos. – Anita Gerber disse, soando nervosa.

– Chamar a polícia? Eu não. – Rionda disse, ignorando Anita. Ela nunca tirou seus olhos de McQuown. – Por causa de apenas noventa centavos fora de seu bolso você começa a parecer o **Baby Huey** (**N.T. – Baby Huey era um personagem de desenho animado da Paramount. Era um pato**

gigante e amarelo que usava fraldas.) com as fraldas cheias, por Deus.

Exceto que, Bobby sabia, não era por causa do dinheiro. O Sr. McQuown

havia perdido muito mais do que isso naquela ocasião. Algumas vezes ele

perdia por causa da velocidade; algumas vezes era por causa da sorte. Mas

o que deixava furioso é que desta vez havia sido o *movimento*. McQuown não gostava que crianças vencessem seu movimento.

– O que eu farei. – Rionda continuou. – É dizer a todos no caminho do parque que querem saber se você é um trapaceiro. Noventa-Centavos

McQuown, será como eu te chamarei. Acha que isso ajudará nos negócios?

– Sou eu quem gostaria de fazer um negócio com você. – McQuown rosnou,

mas colocou a mão no bolso, tirou mais dinheiro, e rapidamente contou os

ganhos de Bobby. – Aqui está. – ele disse. – Noventa centavos. Agora vá comprar um Martini.

– Eu apenas chutei, sabe. – Bobby disse enquanto pegava as moedas e as depositava em seu bolso, onde penderam pesadamente. A discussão com

sua mãe naquela manhã agora parecia extraordinariamente estúpida. Ele

agora voltaria para casa com mais dinheiro do que tinha quando saíra, e isso não quis dizer nada. Nada. – Eu chuto bem.

O Sr. McQuown relaxou. Ele não teria machucado nenhum deles, de

qualquer modo. Ele poderia ser um homem mau, mas não do tipo que

machucava as pessoas; ele nunca submeteria aquela mão de longos dedos

espertos à indignidade de um punho.

Mas Bobby não queria deixá-lo infeliz. Ele queria que o Sr. McQuown

achasse que tinha perdido por causa daquilo que ele chamava de “sorte”.

– É. – McQuown. – Você chuta bem sim. Quer tentar uma terceira vez,

Bobby: A riqueza o espera.

– Nós realmente temos que ir. – A Sra. Gerber disse rapidamente.

– Se eu tentasse novamente, eu perderia. – Bobby disse. – Obrigado,

Sr. McQuown. Foi um bom jogo.

– Claro que foi. . Agora se manda, garoto. – O Sr. McQuown agora parecia exatamente como todas as outras pessoas em suas barraquinhas, olhando

para a fila ao longe. Procurando por sangue fresco.

***

Indo para casa, Carol e suas amigas continuavam a olhar para ele, impressionadas; Sully-John também o fazia, com uma espécie de respeito

enigmático.

Isso fez Bobby sentir-se incomodado. A certo ponto, Rionda se virou para ele e lhe falou de bem perto.

– Não foi apenas um chute. – ela disse.

Bobby olhou para ela cautelosamente, sem falar nada.

– Foi um palpite.

– O que é um palpite?

– Meu pai não era um homem de apostar muito, mas desde sempre ele

teve umas sensações sobre números. Ele chamava isso de palpite. *Então*

ele apostava. Uma vez ganhou cinqüenta dólares. Fez uma feira que durou

um mês. Foi isso que você teve, não foi?

–Acho que sim. – Bobby disse. – Talvez eu tenha tido um palpite.

***

Quando chegou em casa, sua mãe estava sentada na varanda com suas

pernas cruzadas. Ela havia colocado suas calças de Sábado e olhava para

rua indiferente. Ela deu adeus à mãe de Carol rapidamente enquanto elas

se afastavam de carro; observou Anita virar em sua própria rua, e Bobby cruzava a calçada. Ele sabia o que sua mãe estava pensando: que o marido

da Sra. Gerber estava na Marinha, mas ao menos ela *tinha* um marido.

Anita Gerger também tinha um Estate Wagon. Liz tinha que pegar um

ônibus, ou um táxi se precisasse ir a Bridgeport.

Mas Bobby não achou que ela ainda estava com raiva dele, e isso era bom.

– Se divertiu no parque, Bobby?

– Muito. – ele disse, e pensou: *O que foi, mãe? Não se importa com o que eu*

fiz na praia? O que está realmente passando em sua cabeça? Mas ele não disse nada.

– Ótimo. Ouça, querido. . Desculpe-me pela discussão de hoje. É que eu *odeio* ir trabalhar aos Sábados. – Este último veio quase em um cuspe.

– Está tudo bem, mãe.

Ela tocou sua bochecha e balançou a cabeça.

– Você e essa sua pele frágil! Você nunca vai pegar um bronzeado, Bobby-

O. Não você. Entre e eu vou por um pouco de óleo de bebê nestas

queimaduras.

Ele a seguiu até o interior, tirou a camisa, e icou na frente dela enquanto ela sentava no sofá e passava a fragrância de óleo de bebê em suas costas,

braços e pescoço, e até mesmo em suas bochechas. A sensação era boa, e ele pensou novamente como ele a amava, como ele amava ser tocado por

ela. Ele imaginou o que ela pensaria se soubesse que ele havia beijado

Carol na roda gigante. Ela iria sorrir: Bobby achou que não. E se ela

descobrisse sobre McQuown e as cartas. .

– Eu não vi seu amigo do outro andar. – ela disse, colocando a tampa de volta no frasco do óleo de bebê. – Eu sei que ele está lá em cima porque consigo ouvir o jogo dos Yankees no rádio dele, mas não acha que ele sairia

para a varanda onde está mais fresco?

– Acho que ele não está com vontade. – Bobby disse. – Mamãe, você está bem?

Ela olhou para ele, assustada.

– Estou bem, Bobby. – ela sorriu, e Bobby sorriu de volta. Ele teve que se esforçar, porque não achou que sua mãe estava tão bem assim. Na

verdade ele tinha certeza de que ela não estava.

Ele acabara de ter um palpite.

***

Naquela noite Bobby deitou de bruços com os pés estirados nos cantos da

cama, os olhos abertos, olhando para o teto. Sua janela estava aberta

também, as cortinas lutuando para frente e para trás em um sopro da

brisa, e de alguma outra janela aberta veio o som dos The Platters: "***Here,***

in the afterglow of Day, We keep our rendezvous, beneath the blue."

(**N.T. – Letra da música "Twilight Time", cuja primeira linha dá nome**

à última história do livro.)

Mais longe ainda ele ouviu o barulho da turbina de um avião, e uma buzina

de carro.

O pai de Rionda chamava a coisa de palpite, e uma vez que ele atingisse a

marca diária de cinqüenta dólares, Bobby concordaria com ela. *Um palpite,*

com certeza, eu tive um palpite. Mas ele não pôde escolher um número de loteria que salvasse sua alma.

A coisa era que. .

A coisa era que o Sr. McQuown sabia onde a rainha parava em todas as vezes,

e eu também.

Uma vez que Bobby percebeu isso, outras coisas se encaixaram. Coisas

óbvias, de fato, mas ele estava se divertindo, e. . bem. . você não

questionava as coisas que sabia, não é? Você pode questionar um palpite, uma sensação que veio a você do nada, mas que você não questionou por

quê.

Exceto que, como ele sabia que sua mãe estava guardando dinheiro entre

as páginas de peças íntimas do catálogo da Sears em cima do armário dela?

Como ele sequer sabia que o catálogo estava lá em cima? Ela nunca lhe

contou. Ela nunca havia contado sobre a molheira azul onde ela colocava as

moedas, mas é claro que ele sabia disso há anos, ele não era cego embora

ela às vezes pensasse isso. Mas e o catálogo? As moedas saiam e eram

trocadas por notas, e as notas iam parar no catálogo? Não havia como ele saber de uma coisa dessas, mas enquanto estava ali deitado em sua cama,

ouvindo “Earth Angel” substituir “Twilight Time”, ele sabia que o catálogo estava lá.

Ele sabia porque *ela* sabia, e isso havia cruzado o fronte da mente dela. E

na roda gigante ele sabia que Carol queria que ele a beijasse novamente porque esse havia sido seu primeiro beijo de verdade dado por um menino

e ela não estava prestando muita atenção; havia acontecido antes mesmo

dela perceber. Mas saber disso não era a mesma coisa que prever o futuro.

– Não, foi apenas leitura de mentes. – ele sussurrou, e então sentiu o corpo tremer, como se suas queimaduras houvessem se transformado em gelo.

Cuidado, Bobby-O, se não tiver cuidado vai acabar tão maluco quanto Ted com seus homens maus.

Ao longe, na praça da cidade, o relógio começou a badalar a décima hora.

Bobby virou a cabeça e olhou para o relógio-alarme em seu criado-mudo. O

Big Ben mostrou que era nove e cinqüenta e dois.

Tudo bem, então o relógio da cidade é um pouco mais rápido, ou o meu é um pouco mais lento. Grande coisa. Vamos dormir.

Ele não achou que poderia fazer isso ao menos por um tempo, mas havia

sido um dia cheio: discussões com sua mãe, dinheiro ganho com apostas de

cartas, beijos no topo de uma roda gigante. E ele começou a deslizar em um

pensamento prazeroso.

Talvez ela seja minha namorada, Bobby pensou. *Talvez ela seja minha namorada, afinal de contas*.

Com o último badalo prematuro do relógio da praça ainda sumindo no ar,

Bobby adormeceu.

5

Bobby Lê o Jornal. Marrom, com o Peito Branco.

Uma Grande Chance para Liz. Acampamento Broad Street.

Uma Semana Difícil. Indo para Providence.

Na Segunda-Feira, depois que sua mãe havia saído para trabalhar, Bobby

subiu as escadas para ler o jornal para Ted (embora seus olhos estivessem

bons o bastante para ele fazer isso sozinho, Ted disse que gostava do som

da voz de Bobby e o luxo de alguém ler para ele enquanto ele se

barbeava). Ted estava em seu pequeno banheiro com a porta aberta, tirando a espuma de seu rosto, enquanto Bobby tentava ler algumas das

várias manchetes das várias seções.

– “A GUERRA DO VIETNÃ COMEÇA A SE INTENSIFICAR?”

– Antes do café da manhã? Obrigado, mas não.

– “CARRINHOS SEQÜESTRADOS, HOMEM LOCAL PRESO?”

– Leia o primeiro parágrafo, Bobby.

– “Quando a polícia apareceu em sua residência na Pond Lane ontem à

noite, John T. Anderson de Harwich contou a eles sobre seu passatempo,

que ele diz ser colecionar carrinhos de supermercados. ‘Ele estava muito

interessado no assunto’, disse o Policial Kirby Malloy do Distrito de Polícia

de Harwich, ‘mas não estávamos totalmente satisfeitos com sua defesa de

que havia conseguido alguns de seus carrinhos honestamente’. Acontece

que Malloy ‘acertara na mosca’. Dos mais de cinqüenta carrinhos no

quintal do Sr. Anderson, pelo menos vinte haviam sido roubados do

A&P de Harwich e da Mercearia Total. Ainda havia alguns carrinhos do mercado IGA em Stansbury.”

– Basta. – Ted disse, lavando a lâmina sob a água quente, e então

levantado-a até seu pescoço coberto de espuma. – Humor negro de uma

cidade pequena em resposta aos patéticos atos de roubos compulsivos.

– Eu não te entendo.

– O Sr. Anderson parece um homem que sofre de uma neurose, um

problema mental, em outras palavras. Você acha que problemas mentais

são engraçados?

– Puxa, não. Eu me sinto mal pelas pessoas que icam com os parafusos

soltos.

– Fico feliz de ouvi-lo dizer isso. Eu já conheci pessoas cujos parafusos não

estavam apenas soltos, mas completamente desaparecidos. Boas pessoas,

na verdade.

Normalmente eles são patéticos, algumas vezes inspiradores, e ocasionalmente assustadores, mas eles não são engraçados. CARRINHOS

SEQÜESTRADOS, deveras.

O que mais temos?

– "ESTRELA MORTA EM ACIDENTE NAS ESTRADAS DA EUROPA?"

– Credo, não.

– "YANKEES ADQUIREM **INFIELDER** (**N.T. – Um In ielder é uma posição**

de um jogador no beisebol, que ica parado em um dos quatro pontos

defensivos no campo.) EM TROCA COM SENADORES?"

– Nada do que os Yankees fazem com os Senadores me interessa.

– "ALBINI SABOREIA RÓTULO DE DESFAVORITO?"

– Sim, por favor, leia essa.

Ted ouviu bem enquanto barbeava o pescoço meticulosamente. Mesmo

Bobby achou-se fascinado pela história, que não era sobre Floyd Patterson,

ou Ingemar Johansson, a inal de contas (Sully chamava o sueco peso-

pesado de "Ingemaricas"), mas ele leu cautelosamente, não obstante. A luta

de doze rounds entre Tommy

'Hurricane' Haywood e Eddie Albini estava marca para a noite de Quarta-

Feira da semana seguinte no Madison Square Garden. Ambos os lutadores

tinham bons recordes, mas a idade era considerada importante, talvez o

fator mais e icaz: Haywood, vinte e três anos contra os trinta e seis de Eddie Albini, e um grande favorito. O vencedor pode ter uma chance ao

título de pesos pesados deste Outono, provavelmente em tempo de Richard

Nixon ganhar a Presidência (a mãe de Bobby disse que isso com certeza

aconteceria, uma boa coisa, não importa que Kennedy fosse Católico, ele

era jovem demais, e apto a ficar de cabeça quente).

No artigo, Albini disse que entendia a razão de não ser considerado

favorito, ele estava aparecendo pouco e algumas pessoas achavam que ele

era passado por ter perdido por nocaute técnico contra Sugar Boy Masters

na última luta. E é claro, ele sabia que Haywood o ultrapassava e deveria

ser considerado mais entendido, mesmo sendo tão jovem. Mas ele estava treinando duro, Albini disse, pulando corda, e lutando com um cara que se

movia e lutava como Haywood. O artigo era cheio de palavras como *jogo* e

determinado, Albini era descrito como sendo “cheio de garra”. Bobby poderia dizer que o jornalista achou que Albini iria sair na porrada com ele, e sentiu pena dele. Hurricane Haywood não estava à disposição para

falar com o repórter, mas seu agente, um cara chamado I. Kleindienst (Ted

disse a Bobby como se pronunciava esse nome), disse que provavelmente

seria como a última luta de Eddie Albini. ‘Ele teve seu dia, mas seu dia já acabou’, I. Kleindienst disse. ‘Se Eddie continuar de pé ao sexto round eu vou mandar meu garoto direto pra cama sem o jantar’.

– Irving Kleindienst é um *ka-mai*. – Ted disse.

– Um o quê? – Bobby perguntou.

– Um tolo. – Ted estava olhando para a janela na direção do som do cão da

Sra. O’Hara. Não totalmente apagado do jeito que ele ficava, mas distante.

– Você o conhece? – Bobby perguntou.

– Não, não. – Ted disse. Ele primeiro pareceu assustado com a idéia, e então estarrecido. – Conhece a *laia* dele.

– Parece pra mim que esse Albini vai virar papa.

– Nunca se sabe. É isso que faz a coisa ser interessante.

– O que quer dizer?

– Nada. Leia os quadrinhos, Bobby. Eu quero Flash Gordon. E me diga o

que Dale Arden está vestindo.

– Por quê?

– Porque eu acho que ela é um pedaço de mau caminho. – Ted disse, e

Bobby caiu na gargalhada. Ele não pode evitar. Algumas vezes Ted era

uma peça rara.

***

No dia seguinte, no caminho de volta do Clube Sterling, aonde tinha preenchido os restos dos formulários para a temporada de verão de

beisebol, Bobby avistou um cartaz impresso cuidadosamente pregado a um

olmo no Parque Commonwealth.

POR FAVOR, AJUDE-NOS A ACHAR PHIL!

PHIL é o nosso WESLH CORGI!

PHIL tem 7 ANOS DE IDADE!

PHIL é MARROM, com o PEITO BRANCO!

Seus OLHOS são BRILHANTES E INTELIGENTES!

As PONTAS DE SUAS ORELHAS são PRETAS!

Ele lhe trará uma BOLA se você disser RÁPIDO PHIL!

LIGUE PARA HOusitonic 5-8337!

(OU)

TRAGA-O para o número 745 na Avenida Highgate!

Lar da FAMÍLIA SAGAMORE!

Não havia fotos de Phil.

Bobby icou olhando para o cartaz por um bom tempo. Parte dele queria

correr para casa e contar para Ted, não só sobre isso, mas também sobre a

lua crescente e a estrela que ele havia visto riscadas ao lado da amarelinha

na calçada. Outra parte dele pensou que havia vários tipos de coisas

postadas no parque, ele podia ver uma propaganda de um concerto na

praça da cidade postada em outro olmo bem do outro lado de onde ele

estava, e ele seria *louco* se contasse a Ted sobre isso. Estes dois pensamentos brigaram entre si até parecerem dois bastões se esfregando

um no outro e seu cérebro correr risco de pegar fogo.

Eu não vou pensar nisso, ele disse a si mesmo, afastando-se do cartaz. E

quando uma voz do fundo de sua mente, uma voz perigosamente adulta,

protestou que ele estava sendo *pago* para pensar em coisas como esta, para *falar* sobre coisas como esta, Bobby mandou a voz se calar. E a voz se

calou.

Quando chegou em casa, sua mãe estava sentada na cadeira da varanda

novamente, desta vez remendando as mangas de um vestido. Ela olhou

para Bobby e ele viu a pele inchada abaixo de seus olhos, as pálpebras avermelhadas. Ela tinha um lenço dobrado em uma das mãos.

– Mãe. .

O que há de errado? foi como ele pensou em terminar. . mas terminar não seria sábio. Provavelmente causaria problemas. Bobby não tinha mais a

percepção que teve no dia da viagem ao Savin Rock, mas ele a conhecia, o

jeito que ela olhava para ele quando estava estressada, o jeito como a mão

com o lenço icava tensa, quase se transformando em um punho, o jeito

que ela inspirava e sentava-se ereta, pronta para lhe dar uma luta se você

quisesse ir contra ela.

– O que é? – ela perguntou. – Tem alguma outra coisa na cabeça além do cabelo?

– Não. – ele disse. Sua voz soou envergonhada e estranhamente tímida

para seus próprios ouvidos. – Eu estava no Clube Sterling. As inscrições para o beisebol estão abertas. Eu sou um Lobo neste verão de novo.

Ela assentiu e relaxou um pouco.

– Tenho certeza de que você será um Leão no próximo ano. – ela tirou sua

cesta de costura da cadeira e colocou-a no chão, então deu um tapinha no

lugar agora vazio. – Sente aqui ao meu lado um minuto, Bobby. Eu tenho algo para lhe contar.

Bobby sentou com uma sensação de trepidação, ela estivera chorando,

a inal, e ela soava um tanto grave, mas acabou não sendo nada de grave, pelo menos não pelo que ele entendeu.

– O Sr. Biderman, Don, me convidou para ir com ele e o Sr. Cushman e o Sr.

Dean para um seminário em Providence. É uma grande chance para mim.

– O que é um seminário?

– Uma espécie de conferência, as pessoas se juntam para aprender sobre

um assunto e discuti-lo. A deste é Corretagem nos Anos Sessenta. Eu iquei

muito surpresa por Don me convidar. Bill Cushman e Curtis Dean, é claro que sabia que *eles* iriam, eles são corretores. Mas para Don pedir a mim. . –

ela vagou pelos pensamentos por um momento, então se virou para Bobby

e sorriu. Ele achou que era um sorriso genuíno, mas icava estranho com

as pálpebras avermelhadas. – Eu tenho desejado me tornar uma corretora

há um bom tempo, e agora isto, vindo do nada. . é uma grande chance para

mim, Bobby, e poderia significar uma grande mudança para nós.

Bobby sabia que sua mãe queria ser corretora. Ela tinha livros sobre o

assunto e lia um pouco deles quase toda noite, principalmente as partes

sublinhadas. Mas se era uma chance tão grande assim, por que tinha que

fazê-la chorar?

– Ora, isso é bom. – ele disse. – Super legal. Espero que você aprenda muito.

Quando vai ser?

– Próxima semana. Nós quatro sairemos cedo na manhã de Terça-Feira e

voltaremos Quinta-Feira à noite por volta das oito. Todos os encontros

serão no Hotel Warwick, e é onde icaremos. Don reservou os quartos. Eu

não estive em um hotel por doze anos, eu acho. Estou um pouco nervosa.

Estar nervosa faz você chorar? Bobby pensou. Talvez, se você for um

adulto, especialmente *uma adulta*.

– Eu quero que você pergunte a S-J se você pode icar com ele da Terça-Feira até a noite da Quarta-Feira. Tenho certeza que a Sra. Sullivan. .

Bobby balançou a cabeça.

– Não vai dar.

– E por que não? – Liz o itou com um olhar feroz. – A Sra. Sullivan nunca

se importou de ficar com você antes. Você não fez nada para irritá-la, fez?

– Não, mãe. É só que S-J ganhou uma semana no Acampamento Winnie. – o som da frase quase o fez sorrir, mas ele segurou. Sua mãe ainda estava o itando com um olhar feroz. . e não havia um tipo de pânico naquele olhar?

Pânico ou algo assim?

– O que é o Acampamento Winnie? Do que está falando?

Bobby explicou sobre o prêmio de S-J e a semana gratuita no

Acampamento Winiwinaia e como a Sra. Sullivan iria visitar seus pais em

Wisconsin ao mesmo tempo, planos que já estavam agora inalizados, o

Grande Cão Cinzento e tudo mais.

– Droga, como sempre, sou azarada. – sua mãe disse. Ela quase nunca

xingava.

Dizia que xingar e falar o que ela chamava de “papo sujo” eram a

linguagem dos ignorantes. Agora ela fez um punho e bateu no braço da

cadeira. – Mas que droga!

Ela sentou por um momento, pensando. Bobby também. Sua única outra

amiga próxima na rua era Carol, e ele duvidava que sua mãe ligasse para

Anita Gerber para perguntar se ele poderia icar lá. Carol era uma garota,

e de algum modo isso fazia a diferença quando se tratava de dormir em

casas alheias. Uma da amigas de sua mãe? A coisa era que ela não tinha nenhuma. . exceto Don Biderman (e talvez os outros dois que iam ao

seminário em Providence). Já era muita familiaridade se ela desse “oi” para

as pessoas enquanto voltavam do supermercado ou quando iam para o

cinema na Sexta-Feira à noite; também não havia parentes, ao menos

nenhum que Bobby conhecesse.

Como pessoas viajando em estradas convergentes, Bobby e sua mãe

gradualmente pensavam nas mesmas coisas. Bobby chegava lá primeiro,

só por um segundo ou dois.

– E quanto a Ted? – ele perguntou, e então quase tapou a boca com a mão.

Na verdade ela já havia saído de seu bolso.

Sua mãe assistiu a mão voltar ao lugar com um retorno de seu velho e

cínico meio-sorriso, aquele que ela usava quando dispensava ditados como

Você tem que comer um monte de terra antes de morrer e *Dois homens*

olharam através das grades da prisão, um viu a lama e o outro viu as estrelas, e claro, sua favorita, *A vida não é justa*.

– Você acha que eu não sei que você o chama de Ted quanto estão juntos?

– ela perguntou. – Você deve achar que eu estou tomando pílulas para

idiotas, Bobby-O. – ela sentou e olhou para a rua. Um Chrysler de Nova York passou vagarosamente, piscoso, com suas saias traseiras, e realçado

em cromo. Bobby assistiu ele sumir de vista. O

homem por trás do volante era velho e grisalho e vestia uma jaqueta azul.

Bobby pensou que ele provavelmente era normal. Velho, mas não mau.

– Talvez desse certo. – Liz disse en im. Ela falou pensativamente, mais para

si mesmo do que para seu filho. – Vamos falar com Brautigan e ver.

Seguindo-a escada acima para o terceiro andar, Bobby icou pensando há

quanto tempo ela havia aprendido a dizer o nome de Ted corretamente.

Uma semana? Um mês.

Desde o começo, Dumbo, ele pensou. *Desde o primeiríssimo dia*.

***

A idéia inicial de Bobby era que Ted icaria em seu próprio quarto no

terceiro andar enquanto Bobby icava no seu apartamento no primeiro

andar; ambos deixariam as portas abertas, e se algum deles precisasse de

alguma coisa, era só falar.

– Eu não acredito que os Kilgallens ou os Proskys gostariam de te ouvir gritar pelo Sr. Brautigan às três da manhã porque teve pesadelos. – Liz disse azedamente. Os Kilgallens e os Proskys tinham dois pequenos

apartamentos no segundo andar; Liz e Bobby não tinham amizade com

nenhum deles.

– Eu não terei pesadelos. – Bobby disse, profundamente humilhado por ser

tratado como uma criancinha. – Quero dizer, *carambolas*.

– Poupe-me. – disse sua mãe. Eles estavam sentados na mesa da cozinha

de Ted, os dois adultos fumavam. Bobby tinha uma gasosa à sua frente.

– Não é uma boa idéia. – Ted lhe disse. – Você é um bom garoto, Bobby, responsável e maduro, mas onze anos é muito pouco para dar conta de si

mesmo, eu acho.

Bobby achou bem mais fácil ser chamado de jovem demais por seu amigo

do que por sua mãe. Ele também tinha que admitir que seria bem

assustador acordar depois da meia-noite e ir ao banheiro sabendo que ele

era a única pessoa no apartamento. Ele poderia fazê-lo, ele não tinha

dúvidas disso, mas sim, seria assustador.

– E quanto ao sofá? – ele perguntou. – É só puxá-lo que ele vira uma cama,

não é? – eles nunca haviam usado-o para isso, mas Bobby tinha certeza

que sua mãe havia lhe dito isso uma vez. Ele estava certo, e isso resolveu o

problema. Ela provavelmente não queria que Bobby icasse em sua cama

(e deixar "Brattigan" fora de vista), e ela *realmente* não queria que Bobby icasse aqui neste quarto tão quente do terceiro andar, disso ele tinha

certeza. Ele percebeu que ela estava procurando tanto por uma solução

que havia passado batido pela mais óbvia.

Então icou decidido que Ted passaria as noites da Terça-Feira e Quarta-

Feira da semana seguinte no sofá-cama da sala de estar dos Gar ield.

Bobby estava excitado com a perspectiva: ele teria dois dias só para si (três contando a Quinta-Feira), e haveria alguém com ele à noite, quando as coisas icavam assustadoras. Não uma babá, mas um amigo adulto. Não

era a mesma coisa de Sully-John ir ao Acampamento Winnie por uma

semana, mas já dava para o gasto. Acampamento *Broad Street* , Bobby pensou, e quase riu alto.

– Nós nos divertiremos. – Ted disse. – Eu farei minha famosa caçarola de feijões. – ele se aproximou de Bobby e bagunçou seu cocuruto.

– Se vai cozinhar feijões seria inteligente usar *isso*. – sua mãe disse, e apontou com seus dedos que seguravam o cigarro para o ventilador de

Ted.

Ted e Bobby riram. Liz Gar ield deu seu meio-sorriso cínico, acabou seu

cigarro, e o colocou no cinzeiro de Ted. Quando ela o fez, Bobby novamente

notou o inchado de suas pálpebras.

Enquanto Bobby e sua mãe desciam as escadas de volta ao seu

apartamento, Bobby se lembrou do cartaz visto no parque, o Corgi desaparecido que lhe traria uma BOLA se você dissesse RÁPIDO PHIL. Ele

deveria contar a Ted sobre o cartaz. Ele deveria contar a Ted sobre tudo.

Mas se ele izesse isso e Ted deixasse o 149, quem icaria com ele na

próxima semana? O que aconteceria no Acampamento Broad Street, dois

amigos comendo a famosa caçarola de feijões do Ted no jantar (e talvez em

frente a TV, o que sua mãe raramente permitia) e então icando acordado

até tarde?

Bobby fez uma promessa a si mesmo: ele iria contar tudo para Ted na

próxima Sexta-Feira, depois que sua mãe voltasse da conferência ou

seminário ou o que quer que fosse. Ele faria um relatório completo e Ted faria o que precisasse fazer. Ele poderia até mesmo continuar onde estava.

Com esta decisão, a mente de Bobby incrivelmente se limpou, e quando ele

viu o cartão de “À VENDA” de cabeça para baixo no quadro de avisos da Mercearia Total dois dias depois (sobre uma máquina que secava e lavava

pratos), ele conseguiu tirá-lo do pensamento quase imediatamente.

***

Não obstante, aquela foi uma semana di ícil para Bobby Gar ield, muito

di ícil mesmo. Ele viu mais dois cartazes de animais perdidos, um no centro

e outro na Avenida Asher, meio quilômetro depois do Asher Empire (o

bloco em que ele vivia já não era mais o bastante; ele acabou indo mais longe e mais longe em suas viagens diárias de escoteiro). E Ted começou a

ter aqueles estranhos momentos de apagão com mais freqüência. Eles

duravam mais quando vinham também. Às vezes ele falava enquanto

estava naquele distante estado dos pensamentos, e nem sempre em Inglês.

Quando ele falava em Inglês, o que ele dizia nem sempre fazia sentido. Na

maior parte do tempo Bobby achou que Ted era um dos mais sãos,

espertos, *agradáveis* caras que ele já havia conhecido. Mas quando

apagava, era assustador. Ao menos sua mãe não sabia disso. Bobby não

achou que ela icaria feliz com a idéia de deixá-lo com um cara que às vezes capotava na realidade e

começava a falar coisas sem sentido em

Inglês ou em outra língua qualquer.

Em um destes lapsos, quando Ted não fez nada por quase um minuto e

meio a não ser olhar para o vazio, sem dar resposta às questões cada vez

mais agitadas de Bobby, ocorreu a Bobby que talvez Ted não estivesse dentro de sua própria cabeça, mas em algum outro mundo, que ele havia

saído da Terra do mesmo jeito que as pessoas em *O Anel ao Redor do Sol* que descobriram que poderiam seguir as espirais nas cabeças das

crianças para ir aonde queriam.

Ted estivera segurando um Chester ield entre os dedos enquanto apagara;

as cinzas aumentaram e eventualmente caíram na mesa. Quando a brasa

começou a crescer e a se aproximar das juntas curvadas de Ted, Bobby

tirou-o gentilmente e o amassara no transbordante cinzeiro quando Ted

finalmente voltou.

– Fumando? – ele perguntou com uma carranca. – Diabos, Bobby, você é

jovem demais para fumar.

– Eu só o estava apagando para você. Eu achei que. . – Bobby deu de

ombros, subitamente envergonhado.

Ted olhou para seus dois primeiros dedos de sua mão direita, onde havia uma mancha amarela permanente da nicotina. Ele riu (um latido curto com

absolutamente zero de humor). – Achou que eu iria me queimar, não foi?

Bobby assentiu.

– O que você pensa quando se desliga desse jeito? Para onde você vai?

– É di ícil de explicar. – Ted respondeu, e então pediu a Bobby para ler o horóscopo.

Pensar sobre os transes de Ted o distraia. Não falar sobre as coisas que Ted o pagava para vigiar o distraia ainda mais. Como resultado, Bobby,

ordinariamente um bom rebatedor, rebateu quatro vezes em um jogo

matinal dos Lobos no Clube Sterling.

Ele também perdeu quatro jogos de Batalha Naval seguidos para Sully, na

casa de S-J na Sexta-Feira, quando choveu.

– O que tem de errado com você? – Sully perguntou. – Essa é a terceira vez

que você atira em um lugar que você já atirou antes. E também eu tenho que praticamente berrar em seu ouvido para você me responder. O que

há?

– Nada. – foi o que ele disse. *Tudo*. Foi o que ele sentiu.

Carol também perguntou a ele algumas vezes na semana se ele estava

bem; a Sra. Gerber perguntou se ele estava sem comer; Yvonne Loving

quis saber se ele havia contraído **mono (N.T. – Mononucleose**

Infecciosa, também conhecida com "Doença do Beijo".), e riu

histericamente até que pareceu em perigo de explodir.

A única pessoa que não percebeu o estranho comportamento de Bobby foi

sua mãe. Liz Gar ield estava muito preocupada com sua viagem à

Providence, falando ao telefone de noite com o Sr. Biderman ou com um

dos dois com quem ia (Bill Cushman era um deles; Bobby não conseguia se

lembrar do nome do outro cara), ou espalhando suas roupas em sua cama

até que ela icasse quase coberta, balançando a cabeça ao vê-las, furiosa, e

então as devolvendo ao guarda-roupa, marcando uma hora para fazer o

cabelo e então ligando para a moça novamente para perguntar se poderia

adicionar uma manicure. Bobby nem mesmo tinha certeza do que era uma

manicure. Ele tinha que perguntar a Ted.

Ela pareceu excitada com os preparativos, mas também havia algo de

sombrio nela. Ela era como um soldado pronto para invadir a praia inimiga,

ou um soldado pára-quedista que em breve estaria pulando para fora do

avião e aterrissando atrás das linhas inimigas. Uma de suas conversas

noturnas ao telefone pareceu ser uma discussão de sussurros (Bobby

tinha uma idéia de que seria o Sr. Biderman, mas não tinha certeza).

No Sábado, Bobby entrou em seu quarto e a viu olhando para dois

vestidos, vestidos inos, um com alças nos ombros e outro sem alças, como

uma roupa de banho. As caixas que estavam no chão estavam cheias de

papel toalha.

Sua mãe estava parada à frente de seus vestidos, olhando para baixo na

direção deles com uma expressão que Bobby nunca havia visto: olhos

grandes, sobrancelhas juntas, bochechas pálidas e tensas coloridas com

rouge. Uma mão estava em sua boca, e ele podia ouvir sons de ossos

batendo enquanto ela roia as unhas. Um Kool ardia em fogo lento em um

cinzeiro na cômoda, aparentemente esquecido. Seus grandes olhos iam de

um vestido ao outro.

– Mãe? – Bobby perguntou, e ela literalmente pulou no ar. Então ela se virou para ele, com sua boca puxada em uma careta.

– Jesus *Cristo*! – ela quase rosnou. – Não sabe *bater*? – Ele se desculpou e começou a sair do quarto. Sua mãe nunca havia lhe dito nada sobre bater

antes.

– Mãe, você está bem?

– Ótima! – ela olhou o cigarro, o pegou, e o fumou furiosamente. Ela exalou

com tanta força que Bobby quase esperou ver a fumaça sair de seus

ouvidos, nariz e boca. – Estaria melhor se eu pudesse achar um vestido de

festa que não me deixasse parecendo Elsie, a Vaca. Eu já vesti tamanho

seis, sabia disso? Antes de casar com seu pai, meu tamanho era seis. Agora

olhe para mim! **Elsie, a Vaca**! (**N.T. – Mascote da Borden, uma marca americana que produz leite e creme.**) Uma Moby *Dick*!

– Mãe, você não está gorda. Na verdade ultimamente você parece. .

– Saia, Bobby. Por favor, deixe sua mãe em paz. Eu estou com dor de

cabeça. –

Naquela noite ele a ouviu chorar novamente. No dia seguinte ele a viu

cuidadosamente colocando um dos vestidos em sua bagagem (o de alças).

O outro voltou para a caixa da loja: VESTIDOS DA LUCIE DE BRIDGEPORT

estava escrito na frente em uma escrita elegante e marrom.

Na noite da Segunda-Feira, Liz convidou Ted Brautigan para jantar com

eles.

Bobby adorava o bife de sua mãe, e normalmente pedia por mais, mas

desta vez ele teve que se esforçar para engolir um único pedaço. Ele estava

aterrorizado de que Ted pudesse entrar em transe causando um chilique

em sua mãe.

Seus temores provaram-se sem fundamentos. Ted falou prazerosamente

sobre sua infância em Nova Jersey e, quando a mãe de Bobby perguntou

sobre seu trabalho em Hartford. Para Bobby ele pareceu menos

confortável falando sobre contas do que velhas histórias sobre seus

passeios de trenó quando era criança, mas sua mãe não aparentou notar.

Ted *pediu* por um segundo pedaço de bife.

Quando o jantar havia terminado e a mesa estava limpa, Liz deu a Ted uma

lista de números de telefones, incluindo o do Dr. Gordon, do escritório do diretor do Clube Sterling, e do hotel Warwick.

– Se houver algum problema, eu quero saber. Certo?

Ted assentiu.

– Certo.

– Bobby? Alguma preocupação? – ela pôs sua mão brevemente em sua

testa, do jeito que fazia quando ele reclamava que estava se sentindo febril.

– Nenhuma. Nós nos divertiremos a valer. Não é, Sr. Brautigan?

– Oh, chame-o de Ted. – Liz quase repreendeu. – Se ele vai dormir em

nossa sala de estar, eu acho que é melhor chamá-lo de Ted também. Posso?

– Deveras pode. Deixe que seja Ted de agora em diante.

Ele sorriu. Bobby achou era um sorriso doce, aberto e amigável. Ele não entendeu como alguém poderia resistir a ele. Mas sua mãe podia e o fez.

Mesmo agora, enquanto devolvia um sorriso a Ted, ele viu a mão com o

lencinho contraindo-se e soltando-se naquele velho e familiar gesto de

ansioso desprazer. Um de seus ditados favoritos veio à mente de Bobby: *Eu*

confiarei nele (ou nela) *quando conseguir levantar um piano*.

– E de agora em diante eu sou Liz. – ela estendeu a mão através da mesa e

eles se cumprimentaram como pessoas que estavam se vendo pela

primeira vez. . exceto que Bobby sabia que a idéia de sua mãe sobre Ted Brautigan já estava feita. Se ela não estivesse contra a parede, ela nunca teria confiado Bobby a ele. Nem em um milhão de anos.

Ela abriu a bolsa e tirou um envelope branco.

– Tem dez dólares aqui. – ela disse, entregando o envelope a Ted. – Os rapazes vão querer comer fora ao menos uma noite, eu imagino, Bobby

gosta do Café Colony, se estiver tudo bem para você, e talvez queiram ir ao

cinema também. Eu não sei o que mais pode acontecer, mas é melhor deixar uma reserva, não acha?

– Sempre melhor estar são do que desanimado. – Ted concordou,

guardando o envelope com cuidado em seu bolso da frente. – Mas eu não

espero que gastemos todos os dez dólares em três dias, vamos Bobby?

– Puxa, não, não vejo como poderíamos.

– Se não os desperdiçar, não vão precisar. – Liz disse, em um de seus favoritos, quase empatado com *o tolo e seu dinheiro logo se separam* . Ela tirou um cigarro do maço na mesa ao lado do sofá e o acendeu com uma mão que não estava muito firme. –

Você rapazes ficarão bem. Provavelmente vão se divertir mais do que eu.

Olhando para as unhas esfrangalhadas e roídas dela, Bobby pensou, *Pode apostar que sim*.

***

Sua mãe e os outros iam à Providence no carro do Sr. Biderman, e às sete

horas da manhã seguinte Liz e Bobby Gar ield estavam parados na

varanda, esperando que ele chegasse. O ar tinha aquele vago silêncio

matinal que signi ica que os dias quentes de verão chegaram. Da Avenida

Asher veio um estrondo de um pesado trânsito que anunciava que as

pessoas estavam indo trabalhar, mas aqui embaixo na Broad só havia os

ocasionais carros e caminhões de entrega. Bobby podia ouvir os barulhos

dos irrigadores, e do outro lado do bloco, os intermináveis latidos de

Bowser. Bowser soava sempre do mesmo jeito, não importando se era

Junho ou Janeiro; para Bobby Garfield, Bowser parecia um deus imutável.

– Você não tem que esperar aqui fora comigo, sabe disso. – Liz disse. Ela vestia um casaco claro e fumava um cigarro. Ela usava mais maquiagem do

que o normal, mas Bobby achou que ainda podia detectar sombras sob

seus olhos, ela havia passado mais uma noite em claro.

– Eu não me importo.

– Espero que esteja tudo bem, em deixá-lo com ele.

– Eu queria que você não se preocupasse. Ted é um cara legal, mãe.

Ela fez um barulho de impaciência.

Surgiu uma centelha de cromo do fundo da colina enquanto o Mercury do

Sr.

Biderman (não vulgar, exatamente, mas um grande carro do mesmo modo)

virava na rua deles pela Commonwealth e subia a colina na direção do 149.

– Lá está ele, lá está ele. – disse sua mãe, soando nervosa e excitada. Ela se

inclinou. Dê-me um beijo, Bobby. Eu não quero te beijar e borrar meu

batom.

Bobby pôs sua mão no braço dela e suavemente beijou sua bochecha. Ele

cheirou seu cabelo, o perfume que ela usava, seu pó de maquiagem; ele

nunca mais a beijaria com aquele amor, sem sombras novamente.

Ela lhe deu um vago e pequeno sorriso, não olhando para ele, e sim para o

carrão do Sr. Biderman, que deslizou com graça pela rua e encostou ao

meio- io na frente da casa. Ela pegou suas duas malas (duas pareciam

muito para dois dias, Bobby pensou, embora ele achasse que o vestido

chique havia tomado uma boa parte do espaço em uma delas), mas ele já

as havia pegado pelas alças.

– Essas são muito pesadas, Bobby, você vai acabar tropeçando

– Não. – ele disse. – Não vou.

Ela lhe deu um olhar distraído, então acenou para o Sr. Biderman e foi para o carro, com o salto-alto estalando. Bobby a seguiu, tentando não

fazer careta por causa do peso das malas. . o que ela havia colocado nelas,

roupas ou tijolos?

Ele as levou para a calçada sem ter que parar e descansar, pelo menos. O

Sr. Biderman havia saído do carro, primeiro dando um beijo casual na

bochecha de sua mãe, então tirando a chave para abrir a mala do carro.

– Como vai, garotão, como vai essa força? – O Sr. Biderman sempre

chamava Bobby de “garotão”. – Traga-as para cá e eu as colocarei no carro.

As mulheres sempre têm que cuidar de tudo, não é? Bem, você conhece o velho ditado, não se pode viver com elas, não se pode atirar nelas fora do

estado de Montana. – ele arreganhou os dentes em um sorriso que fez

Bobby pensar em Jack em *O Senhor das Moscas*. – Quer que eu carregue uma delas?

– Eu já as peguei. – Bobby disse. Ele marchou com di iculdade perante a vigília do Sr. Biderman, os ombros doíam, a parte de trás de seu pescoço estava quente e começava a suar.

O Sr. Biderman abriu a mala, pegou as malas das mãos de Bobby, e as

colocou junto com o resto da bagagem. Atrás deles, sua mãe olhava pela

janela traseira e falava com os outros dois homens com quem iam. Ela riu

de alguma coisa que um deles disse.

Para Bobby o riso soou tão real quanto uma perna de madeira.

O Sr. Biderman fechou a mala e olhou para Bobby. Ele era um homem

estreito com uma cara grande. Suas bochechas estavam sempre

ruborizadas. Você podia ver o escalpo róseo nos caminhos deixados pelos

dentes de seu pente. Ele usava pequenos óculos redondos com aros

dourados. Para Bobby o sorriso dele parecia tão real quanto o riso de sua

mãe.

– Vai jogar um pouco de beisebol neste verão, garotão? – Don Biderman se

colocou em posição de rebatedor e rebateu com um taco imaginário. Bobby

achou que ele parecia um banana.

– Sim, senhor. Eu sou um dos Lobos do Clube Sterling. Eu esperava entrar

nos Leões, mas. .

– Bom. Bom. – O Sr. Biderman estava olhando para o relógio, o grande

Twist-O-Flex Ed ouro era deslumbrante à luz da manhã, e então deu um

tapinha de leve na bochecha de Bobby. Bobby teve que fazer um esforço

consciente para não recuar do toque. – Então, temos que por este vagão de

trem para andar! Cuide-se, garotão.

Obrigado por emprestar sua mãe.

Ele se virou e acompanhou Liz até o outro lado do passageiro do Mercury.

Ele fez isso com uma das mãos pressionada contra as costas dela. Bobby gostou ainda menos disso do que vê-lo dar um beijo na bochecha dela. Ele

espiou os engomadinhos no banco de trás (Dean era o nome do outro cara,

ele se lembrou, bem a tempo de vê-los dando acotoveladas uns nos outros).

Ambos sorriam.

Tem algo de errado aqui, Bobby pensou, e enquanto o Sr. Biderman abria a

porta do passageiro para sua mãe, e enquanto ela murmurava um

agradecimento e entrava, segurando o vestido para não amassar, ele

sentiu-se impelido a dizer para ela não ir, Rhode Island era longe demais, *Bridgeport* seria longe demais, ela precisava ficar em casa.

– Não faça nada que eu não faria, garotão. – ele disse.

– Mas se izer, diga que fui eu. – Cushman disse do banco traseiro. Bobby

não sabia exatamente o que isso queria dizer, mas deve ter sido engraçado

porque Dean riu e o Sr. Biderman lhe deu aquele tipo de piscadela "só-

entre-nós".

Sua mãe se inclinou em sua direção.

– Seja um bom menino, Bobby. – ela disse. – Eu voltarei à noite, por volta das oito da Quinta-Feira, no máximo antes das dez. Tem certeza que está bem com isso?

Não. Não estou bem com isso. Não vá com eles. Mamãe, não vá com o Sr. Biderman e estes dois bananas sorridentes sentados atrás de você. Estes dois babacas. Por favor, não vá.

– Claro que está. – o Sr. Biderman disse. – Ele é um garotão. Não é, garotão?

– Sim. – ele disse. – Eu sou um garotão.

O Sr. Biderman riu ferozmente (*mate o porco, corte sua garganta* , Bobby pensou) e ligou o Mercury. "Providence, vamos nessa!" ele gritou, e o carro

saiu do meio- io, virou para o outro lado da Broad Street e seguiu em

frente na direção da Asher. Bobby continuou no meio-feio, acenando

enquanto o Mercury passava pela casa de Carol e depois pela de Sully-

John. Ele sentiu como se tivesse um osso no coração. Se esta era uma

espécie de premonição (um palpite), ele nunca mais queria ter outra.

Uma mão caiu sobre seu ombro. Ele olhou para trás e viu Ted em seu

roupão e chinelos, fumando um cigarro. Seu cabelo, que ainda tinha um

compromisso com a escova naquela manhã, estava espalhado pelas suas

orelhas em cômicos arrepios alvos.

– Então aquele era o chefe. – ele disse. – Sr. . Bidermeyer, não é?

– Biderman.

– E o que você acha dele, Bobby?

Falando com uma baixa e amarga limpidez, Bobby disse:

– Eu confiarei nele quando conseguir levantar um piano.

6

Um Velho Tarado. A Caçarola de Ted. Um Sonho Ruim.

A Aldeia dos Amaldiçoados. Submundo.

Mais ou menos uma hora depois de ver sua mãe sair, Bobby desceu até o

Campo B atrás do Clube Sterling. Não haveria jogos até a tarde, nada a não

ser brincadeiras de rebatidas ou lançamentos, mas até isso era melhor do

que nada. No Campo A, ao norte, as criancinhas estavam jogando algo que

vagamente lembrava beisebol; no Campo C, ao sul, alguns garotos do

ensino médio estavam jogando algo que era muito aproximado do beisebol.

Pouco depois do relógio do parque da cidade apontar o meio-dia e os

garotos saírem em disparada procurando o carrinho de cachorro-quente,

Bill Pratt perguntou, “Quem é aquele cara estranho ali?”.

Ele apontava para um banco na sombra. E embora Ted estivesse usando

um casaco, um velho chapéu, e óculos escuros, Bobby o reconheceu de

imediato. Ele imaginou que S-J também iria, se S-J não estivesse no Acampamento Winnie. Bobby quase levantou uma mão em um aceno,

então parou, porque Ted estava disfarçado.

Ainda assim, ele tinha vindo ver seu amigo do andar abaixo jogar bola.

Mesmo não sendo um jogo de verdade, Bobby sentiu uma grande e

absurda inchação crescer em sua garganta. Sua mãe só viera vê-lo uma vez

nos dois anos que ele já jogava (no último Agosto, quando seu time havia jogado nos Campeonatos das Três Cidades), e mesmo assim ela teve que ir

embora ao quarto tempo, antes que Bobby izesse a jogada que decidira a

partida. *Alguém tem que trabalhar por aqui, Bobby-O* , ela teria respondido se ele ousasse se aproximar dela para reclamar. *Seu pai não nos deixou exatamente bem, entende*. Era verdade, é claro, ela tinha que trabalhar e Ted estava aposentado. Exceto que Ted tinha que icar fora da vista dos

homens maus em casacos amarelos, e esse era um trabalho que tomava o

dia todo. O fato de que eles não existiam não era o ponto.

Ted *acreditava* que existiam. . mas havia saído só para vê-lo jogar mesmo assim.

– Provavelmente algum velho tarado querendo fazer uma chupeta em uma

dessas criancinhas. – Harry Shaw disse. Harry era baixo e forte, um garoto

atravessando a vida com seu queixo preso ao chão. Ficar com Bill e Harry

fez Bobby icar subitamente enjoado de saudade de Sully-John, que havia

partido no ônibus para o Acampamento Winnie na manhã da Segunda-

Feira (no horário desanimador das cinco da manhã). S-J não era muito

temperamental, e era gentil. Às vezes Bobby achava que essa era a melhor

coisa sobre Sully: ele era gentil.

Do Campo C veio o forte som de uma tacada, um som de uma grande

pancada, que nenhum dos meninos do Campo B poderia produzir ainda.

Isso foi seguido de selvagens urros de aprovação dados por Bill e Harry, e

Bobby olhou naquela direção um pouco nervoso.

– Os garotos do St. Gabe. – Bill disse. – Eles acham que são donos do Campo

C.

– Babacas nojentos. – Harry disse. – Esses nojentos, eu poderia derrubar qualquer um deles.

– E quanto a quinze ou vinte? – Bill perguntou, e Harry permaneceu em silêncio.

Mais a frente, brilhando como um espelho, estava o carrinho de cachorro-

quente. Bobby tocou o dinheiro em seu bolso. Ted havia lhe dado, tirado do

envelope que sua mãe havia deixado, e então o havia colocado atrás da

torradeira, dizendo a Bobby para pegar o que precisasse quando

precisasse. Bobby ficou quase exaltado por esse nível de confiança.

– Olhe pelo lado bom. – Bill disse. – Talvez alguns desses garotos do St.

Gabe batam naquele velho tarado.

Quando chegaram ao carrinho, Bobby comprou apenas um cachorro-

quente ao invés dos dois que ele havia planejado. Seu apetite parecia ter diminuído. Quando eles voltaram ao Campo B, onde os treinadores dos

Lobos agora apareciam em carrinhos com os equipamentos, o banco no

qual Ted estivera sentado estava vazio.

– Venham, venham! – O treinador Terrell chamou, batendo palma. – Quem

é que quer jogar beisebol por aqui?

***

Naquela noite Ted cozinhou sua famosa caçarola no forno dos Garfield. Isso

queria dizer mais cachorros-quentes, mas no verão de 1960, Bobby

Gar ield poderia comer cachorros-quentes três vezes ao dia e mais um na

hora de dormir.

Ele leu algumas coisas para Ted no jornal enquanto Ted arrumava o jantar.

Ted apenas queria ouvir alguns parágrafos sobre a inevitável revanche

entre Patterson e Johansson, aquela que todos chamavam de a luta do

século, mas ele queria ouvir todas as palavras do artigo sobre a luta da noite do dia seguinte entre Albini e Haywood no Garden em Nova York.

Bobby pensou que isso era moderadamente esquisito, mas ele estava feliz

demais para comentar sobre isso, deixe que as sombras reclamem.

Ele não conseguia se lembrar de ter passado uma noite sem sua mãe, e ele

sentia saudades dela, mas ao mesmo tempo ele estava aliviado de estar

sem ela por um tempo.

Havia uma estranha espécie de tensão correndo entre os apartamentos por semanas, talvez por meses. Era como zumbido elétrico tão constante

que você se acostumava e não percebia como isso havia se tornado parte

de sua vida até que sumisse. Esse pensamento trouxe mais um dos ditados

de sua mãe à sua mente.

– No que está pensando? – Ted perguntou enquanto Bobby vinha para

pegar os pratos.

– A mudança é boa como o descanso. – Bobby respondeu. – É algo que

minha mãe diz. Eu espero que ela esteja se divertindo tanto quanto eu.

– E eu também espero, Bobby. – Ted disse. Ele se inclinou, abriu o forno e

checou o jantar. – Eu também.

***

A caçarola estava maravilhosa, com feijão em lata da B&M (a única marca

que Bobby realmente gostava), e exóticos pedacinhos apimentados de

salsicha, não do supermercado, mas do açougueiro perto da praça da

cidade (Bobby achou que Ted os havia comprado enquanto estava em seu

"disfarce"). Tudo isso vinha em um tempero de rábano-picante que

esquentava sua boca e te fazia se sentir meio suado no rosto. Ted tinha duas porções; Bobby tinha três, lavando-as em sua garganta com vários

copos de suco de uva.

Ted apagou uma vez durante a refeição, primeiro dizendo que podia *senti-*

los atrás de seus olhos, então começando a falar em uma língua estrangeira

ou apenas palavras sem sentidos, mas o incidente foi breve e não fez a menor diferença ao apetite de Bobby. Os apagões eram parte de Ted, era

tudo, como seu andar esquisito, e a mancha de nicotina entre seus dois

primeiros dedos de sua mão direita.

Eles lavaram a louça juntos, Ted guardando as sobras da caçarola na

geladeira e lavando os pratos, Bobby secando e guardando as coisas

porque ele sabia para onde iam todas elas.

– Interessado em me acompanhar em uma viagem para Bridgeport

amanhã? –

Ted perguntou enquanto trabalhavam. – Poderíamos ir ao cinema, na matinê de cedo, e depois eu tenho que fazer outra coisa.

– Carambola, sim! – Bobby disse. – O que você quer ver?

– Eu estou aberto a sugestões, mas eu estava pensando em, talvez, *A Aldeia*

dos Amaldiçoados, é um ilme Britânico. É baseado numa ótima novela de ficção-científica de John Wyndham. Acha que seria bom?

De início, Bobby estava tão excitado que nem pôde falar. Ele havia visto propagandas de *A Aldeia dos Amaldiçoados* no jornal, todas aquelas

crianças de semblante assustador com os olhos brilhantes, mas ele não

havia pensado que iria *vê-lo* de fato. Com certeza não era o tipo de matinê

de Sábado que o Asher Empire ou o Square passariam em Harwich.

Matinês nestes cinemas na maioria das vezes consistiam em mostrar ilmes

de grandes insetos monstruosos, faroestes, ou ilmes de guerra de Audie

Murphy. E embora sua mãe o levasse se ela fosse assistir a um ilme à

noite, ela não gostava de icção-cientí ica (Liz gostava de melancólicas

histórias de amor como *Sombras no Fim da Escada*). Outra coisa era que os

cinemas em Bridgeport não eram velhos como os de Harwich e Empire,

com sua plana, e desgastada marquise. Os cinemas em Bridgeport eram

como castelos em contos de fadas, eles tinham grandes telas (com montes

de cortinas aveludadas que as cobria entre as exibições), tetos onde

pequenas luzes brilhavam em exuberância galáctica, baluartes brilhantes

de eletricidade. . e *dois* balcões.

– Bobby?

– Pode apostar! – ele disse inalmente, pensando que provavelmente não

dormiria hoje à noite. – Eu adorei. Mas você não tem medo dos. . você

sabe. .

– Vamos tomar um táxi, ao invés de um ônibus. Eu posso ligar para outro táxi nos levar para casa mais tarde. Nós icaremos bem. Eu acho que eles estão se afastando agora, de qualquer forma. Eu não os sinto claramente.

Ainda assim Ted olhou para longe quando disse isso, e para Bobby ele

pareceu um homem tentando contar uma história a si mesmo que no fundo

não conseguia acreditar. Se a crescente freqüência de apagões signi icar

alguma coisa, Bobby pensou, ele tem uma boa razão para olhar ao longe.

Pare, os homens maus não existem, eles não são mais reais que Flash Gordon ou Dale Arden. As coisas que ele pediu para você olhar são apenas. . apenas coisas.

Lembre-se disso, Bobby-O: apenas coisas ordinárias.

Com o jantar tirado, os dois se sentaram para assistir *Bronco*, com Ty Hardin.

Não era o melhor dos chamados “faroestes para adultos” (*Cheyenne* e *Maverick* eram os melhores), mas não era ruim. Na metade do programa, Bobby soltou um peido moderadamente alto. A caçarola de Ted já havia

começado a trabalhar. Ele deu uma olhada de lado para se certi icar de

que Ted não estava apertando o nariz e fazendo uma careta. Nada, estava

apenas vendo televisão, aparentemente absorto.

Quando um comercial veio (alguma atriz vendendo refrigeradores), Ted

perguntou a Bobby se ele gostaria de um copo de refresco. Bobby disse

que tudo bem.

– Eu acho que poderia me ajudar com um daqueles antiácidos que eu vi no

banheiro, Bobby. Eu posso ter comido demais.

Enquanto levantava, Ted deixou sair um longo e sonoro peido que soou

como um trombone. Bobby pôs as mãos na boca e deu risadinhas. Ted lhe

deu um magoado sorriso e deixou a sala. As risadas de Bobby forçaram a

saída de mais peidos, um pequeno luxo de trombones, e quando Ted

voltou com a garra inha de antiácido em uma mão e uma garrafa

espumante de refresco na outra, Bobby estava rindo tanto que lágrimas

desciam até suas bochechas e icavam penduradas em sua mandíbula

como gostas de chuva.

– Isso deve ajudar. – Ted disse, e enquanto ele se inclinou para dar o refresco para Bobby, uma longa buzina soou atrás dele. – Um ganso acaba

de voar para fora da minha bunda. – ele adicionou como que comentando

um fato, e Bobby riu tanto que ele não conseguia mais ficar sentado em sua

cadeira. Ele deslizou da cadeira e deitou no mole carpete do chão.

– Eu volto logo. – Ted disse. – Há algo mais de que preciso.

Ele deixou a porta aberta entre o apartamento e a sala de estar, para que Bobby pudesse ouvi-lo subir as escadas. Quando Ted chegou ao terceiro

andar, Bobby conseguiu subir em sua cadeira novamente. Ele achou que

nunca havia rido tanto em sua vida. Ele bebeu mais um pouco, então

peidou de novo. “Um ganso acaba de voar. .

acaba de voar. .”. Mas ele não conseguiu terminar. Ele enterrou-se na

cadeira e uivou, balançando a cabeça de lado a lado.

As escadas gemeram enquanto Ted voltava. Quando ele reentrou no

apartamento ele tinha seu ventilador, com o io elétrico enrolado na base, sob um braço.

– Sua mãe tinha razão sobre isso. – ele disse. – Quando ele se inclinou para

ligá-

lo na tomada, outro ganso saiu de sua bunda.

– Ela normalmente tem. – Bobby disse, e isso soou engraçado para ambos.

Eles sentaram na sala de estar com o ventilador girando de um lado para o

outro, espalhando o crescente ar cheiroso. Bobby achou que se não

parasse de rir, sua cabeça estouraria.

Quando *Bronco* terminou (até lá Bobby já havia perdido o rumo da

história), ele ajudou Ted a fazer o sofá virar cama. A cama que estava escondida dentro dele não pareceu lá grande coisa, mas Liz havia

separado alguns lençóis e cobertores e Ted disse que iria servir. Bobby

escovou os dentes, então olhou da porta de seu quarto para Ted, que

estava sentado no limiar do sofá-cama assistindo ao noticiário.

– Boa noite. – Bobby disse.

Ted olhou para ele, e por um momento Bobby achou que Ted iria se

levantar, cruzar a sala, lhe dar um abraço e talvez um beijo. Ao invés disso,

ele esboçou uma engraçada e embaraçosa saudação.

– Durma bem, Bobby.

– Valeu.

Bobby fechou a porta do quarto, desligou as luzes, foi para cama, espalhou os sapatos nos cantos da cama. Enquanto olhava na escuridão, ele se

lembrou da manhã que Ted havia segurado seus ombros, então enlaçou

suas curvadas mãos em seu pescoço. Seus rostos naquele dia haviam

icado quase iguais aos dele e de Carol na roda gigante bem antes de se beijarem. O dia em que ele havia discutido com sua mãe. O dia que ele havia descoberto sobre o dinheiro no catálogo. Também o dia que ele havia

ganhado noventa centavos do Sr. McQuown. *Agora vá comprar um Martini* ,

o Sr.

McQuown havia dito.

Será que havia vindo de Ted? Será que o palpite surgiu do toque de Ted?

– Sim. – Bobby sussurrou na escuridão. – É, acho que provavelmente foi

isso.

E se ele me tocar de novo daquele jeito?

Bobby ainda estava pensando na idéia quando adormeceu.

***

Ele sonhou que pessoas estavam perseguindo sua mãe pela selva: Jack e

Porquinho, os Miúdos, Don Biderman, Cushman, e Dean. Sua mãe estava

usando seu novo vestido da Vestidos da Lucie, o preto com alças, só que ele

havia sido rasgado em alguns lugares por espinhos e galhos. Suas meias

estavam em farrapos. Elas pareciam pedaços de pele morta penduradas

em suas pernas. Seus olhos eram profundos buracos reluzentes de terror.

Os garotos que a perseguiam estavam nus. Biderman e os outros estavam

usando seus ternos de trabalho. Todos eles tinham riscas alternadas de

vermelho e branco pintadas em suas faces; todos brandiam lanças e

gritavam *Matem o porco, cortem sua garganta! Matem o porco, bebam seu sangue! Matem o porco, derramem suas tripas!*

Ele acordou sob a cinzenta luz da madrugada, tremendo, levantou-se para

usar o banheiro. Quando voltou para a cama ele não conseguia se lembrar

precisamente o que havia sonhado. Ele dormiu por mais duas horas, e

acordou com os bons aromas de bacon e ovos. Os brilhantes raios de sol batiam através de sua janela, e Ted estava fazendo o café da manhã.

***

A Aldeia dos Amaldiçoados foi o último grande ilme da infância de Bobby Gar ield; foi o primeiro e maior ilme que veio após sua infância (um negro

período onde ele era constantemente mau e estava bastante confuso, um

Bobby Gar ield que ele sentia que não conhecia). O policial que o prendeu

pela primeira vez era loiro, e o que veio à mente de Bobby, enquanto o policial o levava para longe da

loja de conveniência que ele havia

arrombado (neste ponto ele e sua mãe viviam em um subúrbio ao norte de

Boston), foram todas aquelas crianças loiras de *A Aldeia dos Amaldiçoados*.

O policial podia ser um deles, só que crescido.

O ilme estava sendo exibido no Criterion, o rei daqueles palácios dos

sonhos de Bridgeport em que Bobby estivera pensando na noite anterior.

Era preto e branco, mas os contrastes eram perfeitos, não granulados

como no Zenith lá no apartamento, e as imagens eram enormes. Assim

como os sons, especialmente a tiritante música que tocava quando as

crianças de Midwich realmente começavam a usar seus poderes.

Bobby icou encantado com a história, entendendo mesmo antes dos

primeiros cinco minutos de ilme que essa era uma história *de verdade*, do

jeito que *O Senhor das Moscas* havia sido uma história de verdade. As pessoas pareciam reais, o que fez as partes de faz de conta mais

assustadoras. Ele imaginou que Sully-John icaria entediado, exceto pelo

inal. S-J gostava de escorpiões gigantes detonando a Cidade do México ou

Rodan esmagando Tóquio; para além disso seu interesse em o que ele

chamava de "criaturas estrelas" era limitado. Mas Sully não estava lá, e pela primeira vez desde que ele havia ido embora, Bobby sentiu-se feliz.

Eles chegaram a tempo para a matinê da uma hora, e o cinema estava

quase deserto. Ted (usando seu chapéu e seus óculos escuros pendurados

no bolso de sua camisa) comprou um grande saco de pipoca, uma caixa de

baganas, uma Coca para Bobby, e um refresco (é claro!) para si.

Constantemente ele passava a Bobby a pipoca ou os doces, e Bobby pegava

alguns, mas ele di icilmente percebia que estava comendo, nem mesmo

percebia *o que* ele estava comendo.

O ilme começou com todos no vilarejo inglês de Midwich caindo no sono

(um homem que dirigia um trator na hora do evento foi morto; o mesmo

aconteceu com uma mulher que caiu de cara no fogo do forno). Os militares foram noti icados, e eles mandaram um avião de reconhecimento

para dar uma espiada. O piloto dormiu no instante em que entrou no

espaço aéreo de Midwich; o avião caiu. Um soldado com uma corda

amarrada na cintura andou dez ou dozes passos na direção do vilarejo,

então caiu em um profundo sono. Quando foi trazido de volta, ele acordou

no momento em que saiu da “linha do sono” que havia sido pintada no

meio da estrada.

Todos em Midwich acordaram eventualmente, e tudo pareceu estar bem. .

até algumas poucas semanas depois, as mulheres na cidade descobriram

que estavam grávidas. Velhas senhoras, jovem, até mesmo meninas da

idade de Carol Gerber, todas grávidas, e as crianças a quem deram a luz eram aquelas crianças assustadoras do cartaz, aquelas de cabelos loiros e

olhos brilhantes.

Embora o ilme nunca tenha dito, Bobby imaginou que as Crianças dos

Amaldiçoados devem ter sido causadas por algum tipo de fenômeno do

espaço sideral, como as pessoas nos casulos em *Vampiros de Almas* . De qualquer forma, elas cresciam mais rápido do que crianças comuns, eram

super-inteligentes, e podiam fazer com que as pessoas izessem o que elas

queriam. . e elas eram impiedosas. Quando um pai tentou disciplinar sua

própria Criança dos Amaldiçoados, todas as crianças se juntaram e

direcionaram seus pensamentos no adulto que maltratava a outra (seus

olhos brilhavam, a música era tão pulsante e estranha que os braços de

Bobby se arrepiaram enquanto bebia a Coca) até que o cara pôs uma

escopeta na própria cabeça e se matou (essa parte não foi mostrada, e

Bobby ficou aliviado).

O herói era George Sanders. Sua esposa havia dado a luz a uma criança

loira. S-J teria feito pouco de George, o chamando de “bastardo afeminado”,

ou “velhote maricas”, mas Bobby achou isso uma bem-vinda mudança de

heróis como Randolph Scott, Richard Carlson, e o inevitável Audie Murphy.

George sabia como icar frio. Ele usava uma gravata especial e legal e

penteava o cabelo para trás da cabeça. Ele não parecia durão o bastante para enfrentar um grupo de bandidos de faroeste ou coisa assim, mas ele

era o único cara de Midwich com quem as Crianças dos Amaldiçoados não

mexiam; na verdade elas o escolheram para ser seu professor. Bobby não

conseguia imaginar Randolph Scott ou Audie Murphy ensinando a um

bando de crianças super-inteligentes do espaço sideral *qualquer coisa*.

No im, George Sanders conseguiu se livrar delas. Ele havia descoberto que

conseguia impedir que as Crianças lessem sua mente (ou pelo menos por

uns momentos), se imaginasse uma parede de tijolos em sua cabeça, com

todos os seus pensamentos secretos atrás dela. E depois que todos haviam

decidido que as Crianças precisavam sumir (você poderia ensinar

matemática, mas não por que era mau punir alguém fazendo essa pessoa

dirigir penhasco abaixo), Sanders pôs uma bomba-relógio em sua pasta e a

levou para a escola. Esse era o único lugar onde as Crianças (Bobby

entendeu de um vago modo que elas eram apenas versões sobrenaturais

de Jack Merridew e seus caçadores em *O Senhor das Moscas*) icavam todas

juntas.

Elas sentiram que Sanders escondia algo delas. Na excruciante seqüência

inal do ilme, você poderia ver tijolos voando da parede que Sanders havia

construído em sua cabeça, voando cada vez mais rápido, enquanto as

Crianças dos Amaldiçoados bisbilhotavam nele, tentando achar o que ele estava escondendo. Finalmente descobriram a imagem de uma bomba dentro da pasta (oito ou nove bananas de dinamite presas a um relógio-alarme). Você veria seus assustadores olhos brilhantes esbugalhados com a compreensão, mas elas não tiveram tempo de fazer nada. A bomba explodiu. Bobby icou chocado que o herói morreu, Randolph Scott nunca morria em uma matinê de Sábado no Empire, nem Audie Murphy ou Richard Carlson, mas ele entendeu que George Sanders havia dado sua vida Pelo Bem de Todos. Ele achou que havia entendido outra coisa também: Ted havia apagado.

Enquanto Ted e Bobby visitavam Midwich, o dia ao sul de Connecticut

havia se tornado quente e ofuscante. Bobby não gostava muito do mundo

depois de ver um ilme realmente bom, de qualquer forma; por um

instante ele achou que era uma piada injusta, cheia de pessoas com olhos estúpidos, pequenos planos, e manchas faciais. Às vezes ele achava que o mundo tinha uma *trama* que ficaria muito melhor.

– Brautigan e Gar ield atingem os tijolos! – Ted exclamou enquanto saiam do cinema, parando sob uma marquise (um banner com a inscrição **ENTRE**

ESTÁ FRIO LÁ DENTRO estava pendurado na parte frontal). – O que

achou? Você gostou?

– Foi ótimo. – Bobby disse. – “Fantabuloso”. Obrigado por me trazer. É

praticamente o melhor ilme que eu já vi. Você viu quando ele tinha a

dinamite? Você achou que ele conseguiria enganá-las?

– Bem. . eu já li o livro, lembre-se. A pergunta é, *você* vai?

– Sim! – Bobby sentiu uma gana de voltar como um raio para Harwich,

percorrer todas as distâncias de Connecticut Pike até a Avenida Asher sob

a quente luz do sol para poder alugar *A Aldeia dos Malditos* com seu novo cartão da biblioteca de adulto. – Ele escreveu outras histórias de icçãocientífica?

– John Wyndham? Oh, sim, algumas. E sem dúvida escreverá mais. Uma

coisa boa sobre escritores de icção-cientí ica e de mistérios é que eles raramente param de escrever por muito tempo. Essa é a prerrogativa dos

escritores sérios que bebem uísque e têm romances.

– Tem algum outro tão bom quanto o que vimos hoje?

– *A Revolta das Trífides* é bom. *O Kraken Acorda* é ainda melhor.

– O que é um kraken?

Eles haviam alcançado a esquina e estavam esperando que o semáforo

mudasse.

Ted fez uma cara assustadora, esbugalhou os olhos e inclinou-se na

direção de Bobby com as mãos nos joelhos.

– É um monstro! – disse ele, fazendo uma bela imitação de Boris Karloff.

Eles seguiram em frente, primeiro falando sobre o ilme, e então se haveria

ou não vida além do espaço, e então falaram das gravatas legais que

George Sanders havia usado no ilme (Ted disse que aquele tipo de

gravata era chamado de echarpe). Quando Bobby percebeu o ambiente ao

redor, eles haviam chegado a uma parte de Bridgeport que nunca estivera

antes, quando ele vinha à cidade com sua mãe, eles icavam no centro,

onde icavam as grandes lojas. As lojas eram pequenas e imprensadas.

Nenhuma delas vendia o que as grandes lojas de departamento vendiam:

roupas e aparelhos, brinquedos e sapatos. Bobby viu placas para chaveiros, serviços de contagem de dinheiro, livros usados. Em uma delas

estava escrito ARMAS DO ROD, na outra MACARRÃO GORDO. REVELAÇÃO

DE FOTOS, lia-se na terceira. Próximo à MACARRÃO havia uma loja

vendendo LEMBRANÇAS ESPECIAIS. Havia algo estranhamente parecido

com as estradinhas do Savin Rock nesta rua, e era tanto que Bobby quase

esperou ver McQuown parado na esquina com sua mesinha improvisada e

suas cartas de versos vermelhos.

Bobby tentou ver através da vitrine das LEMBRANÇAS ESPECIAIS

enquanto passavam, mas ela estava coberta por uma grande persiana de

bambu. Ele nunca havia ouvido falar sobre uma loja que cobria as vitrines

no horário do expediente.

– Quem iria querer uma lembrança especial de Bridgeport, não é?

– Bem, eu não acho que eles realmente vendam lembrancinhas. – Ted

disse. – Acho que vendem coisas de cunho sexual, poucas delas

estritamente legais.

Bobby tinha questões a fazer (mais ou menos um bilhão delas), mas achou

que era melhor icar quieto. Fora de uma loja de penhores com três sininhos pendurados acima da porta, ele parou para olhar uma dúzia de lâminas de barbear a iadas que descansavam em veludo com suas lâminas parcialmente abertas. Elas haviam sido organizadas em um círculo e o resultado era estranho e (para Bobby) bonito: olhar para elas era como olhar para algo tirado de uma máquina letal. Os cabos das lâminas eram muito mais exóticos do que os das que Ted usava. Uma parecia com mar im, a outra com um rubi com gravações de linhas douradas, e uma terceira de cristal.

– Se comprasse uma dessas, você estaria se barbeando com estilo, não? – Bobby perguntou.

Ele achou que Ted sorriria, mas ele não o fez.

– Quando as pessoas compram lâminas como aquelas, elas não as usam para barbear, Bobby.

– O que quer dizer?

Ted não disse, mas ele lhe comprou um sanduíche em uma *delicatessen* grega.

Ele veio em um pedaço de pão caseiro da qual saia um estranho molho branco que a Bobby pareceu muito com pus de espinha. Ele se forçou a provar porque Ted disse que era bom. Aconteceu de ser o melhor sanduíche que ele já havia comido, carnudo como um cachorro-quente ou um hambúrguer do Café Colony, mas com um exótico sabor que nenhum hambúrguer ou cachorro-quente jamais tivera. E era ótimo comer na calçada, vagando com seu amigo, olhando e sendo olhado.

– Do que eles chamam esta parte da cidade? – Bobby perguntou. – Ela tem

nome?

– Atualmente, quem sabe? – Ted disse e deu de ombros. – Eles costumavam chamá-la de Grécia. Então vieram os Italianos, e os Porto

Riquenhos, e agora os Negros. Existe um novelista chamado David Goodis,

que faz o tipo de que nenhum professor lê, um gênio da capa mole vendida

em drogarias, que a chama de "Submundo". Ele disse que cada cidade tem

uma vizinhança como esta, onde você pode comprar sexo e maconha ou

um papagaio que fale palavrão, onde os homens sentam para falar em

varandas, como aqueles homens do outro lado da rua, onde as mulheres

sempre parecem gritar para seus ilhos entrarem senão apanharão de

cinto, e onde o vinho sempre vem em sacos de papel. – Ted apontou para a

sarjeta, onde o pescoço de uma garrafa de Thunderbird saia de um saco

marrom. – É apenas o submundo, era isso que David Goodis dizia, o lugar

onde seu sobrenome não tem qualquer importância, e você pode comprar

quase qualquer coisa se tiver dinheiro no bolso.

Submundo, Bobby pensou, observando um trio de adolescentes morenos

em jaquetas de gangue que os observavam enquanto passavam. *Esta é a*

terra de lâminas afiadas e lembranças especiais.

O departamento de lojas Criterion e Muncie nunca havia parecido estar tão

longe. E quanto a Broad Street? Isso e toda Harwich poderiam estar em

outro sistema solar.

Finalmente chegaram a um lugar chamado O Canto do Bolso, Sinuca e

Bilhar, Jogos Automáticos, Rhenigold on Tap. Também havia outro daqueles

banners **EN TR E ESTÁ FRIO LÁ DENTRO** . Enquanto Bobby e Ted

passavam sob ela, um jovem de camisa sem mangas e de chapéu panamá

marrom como o tipo que Frank Sinatra usava saiu porta a fora. Ele tinha uma grande pasta em uma das

mãos. *Esse é o taco dele*, Bobby pensou assombrado e maravilhado. *Ele leva seu taco naquela pasta como se fosse um violão ou coisa parecida*.

– Quem é o manda-chuva, xará? – ele perguntou a Bobby, e então sorriu.

Bobby sorriu de volta. O garoto da pasta com o taco fez um revólver com os

dedos e apontou para Bobby. Bobby fez o mesmo apontando para o rapaz.

O garoto assentiu como que dizendo *Isso aí, meu chapa, você é o manda-chuva, ambos somos* e então cruzou a rua, estalando os dedos da mão livre

e acompanhando a música em sua cabeça.

Ted olhou para a rua em uma direção, e então para a outra. Na frente deles, três crianças negras brincavam na cascata que saia de um hidrante

parcialmente aberto. Pelo caminho que eles haviam vindo, dois jovens (um

branco, e outro talvez Porto Riquenho) tiravam as calotas de um velho

Ford, trabalhando com a rápida seriedade de doutores fazendo uma

operação. Ted olhou para eles, suspirou, e então olhou para Bobby.

– O Canto do Bolso não é lugar para criança, mesmo no meio do dia, mas eu

não vou te deixar no meio da rua. Vamos. – Ele tomou Bobby por uma mão

e o levou para dentro.

7

No Canto do Bolso. A Camisa Oferecida.

Fora do Willian Penn. A Felina Francesa do Sexo.

O que atingiu Bobby primeiro foi o cheiro de cerveja. Estava tão

impregnado como se o pessoal estivesse bebendo desde os dias em que as

pirâmides ainda estavam em fase de planejamento. Em seguida havia o

som da TV, não exibindo Bandstand, mas uma das novelas da noite

(“Programas de Oh, John, Oh, Marsha”, era como sua mãe as chamava), e

do clique das bolas de sinuca. Só depois que estas coisas foram registradas,

que seus olhos fizeram seus próprios ajustes, porque eles precisavam fazê-

lo. O lugar era muito escuro.

E era grande, Bobby viu. À direita deles havia um arco, e além dele uma sala que parecia quase interminável. A maioria das mesas de sinuca estava

coberta, mas algumas continuavam em brilhantes ilhas de luz por onde os

homens andavam languidamente, pausando a todo instante para se

inclinarem e jogarem. Outros homens, mais di íceis de ver, sentados

encostados na parede, observavam. Um deles tinha os sapatos engraxados.

Eles pareciam custar mil dólares.

À frente havia uma grande sala cheia de liperamas: um bilhão de luzes

vermelhas e laranjas gaguejavam cores doentes em uma placa que dizia SE

VOCÊ QUEBRAR A MESMA MÁQUINA DUAS VEZES TERÁ QUE SAIR. Um

jovem usando outro chapéu panamá – jogava na Patrulha da Fronteira,

apertando os botões freneticamente. Um cigarro pendia em seu lábio

inferior, a fumaça subia pelo seu rosto e pelas espirais de seu cabelo

penteado para trás. Sua jaqueta estava amarrada ao avesso a sua cintura.

À esquerda da entrada estava o bar. Era de lá que vinha o som da TV e o

cheiro da cerveja. Três homens estavam sentados lá, todos cercados de

banquinhos vazios, curvados sobre suas canecas. Eles não pareciam com

aqueles homens felizes que bebiam nas propagandas; para Bobby eles

pareceram as pessoas mais solitárias do mundo. Ele não entendia a razão

deles ao menos não se juntarem e conversarem um pouco.

Perto deles estava a mesa. Um homem gordo veio da porta atrás dela, e por

um momento Bobby pôde ouvir o som baixo de um rádio tocando. O gordo

tinha um cigarro na boca e vestia uma camisa com desenhos de palmeiras.

Ele estalava os dedos como o manda-chuva com a maleta com o taco, e sob

seu hálito ele cantava assim:

“*Chu-chu-tchau, Chu-chu-ca-tchau-tcha* ”, Bobby reconheceu a melodia:

“Tequila” dos The Champs.

– Quem é você, xará? – o gordo perguntou a Ted. – Eu não te conheço. E ele

não pode entrar aqui, de qualquer forma. Não sabe ler? – ele apontou o dedão gordo com a unha encardida para outra placa, esta pregada na

mesa: TENHA 21 OU DÊ O FORA!

– Você não me conhece, mas eu acho que você conhece Jimmy Girardi. –

Ted disse educadamente. – Ele me disse que você era o homem para se

tratar. . se você for Len Files.

– Sou Len. – o homem disse. E de supetão ele pareceu bem mais amigável.

Ele levantou uma mão tão branca e fofa que parecia as luvas que Mickey, Donald e Pateta usavam nos desenhos. – Você conhece Jimmy Gee, hein?

Maldito seja Jimmy Gee! Ora, o avô dele está lá atrás engraxando. Ele tem engraxado seus sapatos pra caramba ultimamente. – Len Files deu a Ted

uma piscadela. Ted sorriu e apertou a mão do homem.

– É o seu ilho? – Len perguntou, curvando-se na mesa para dar uma

melhor olhadela em Bobby. Bobby podia sentir o cheiro de cigarro no hálito dele, o suor de seu corpo. O colarinho de sua camisa estava salpicado

de caspas.

– Ele é um amigo. – Ted disse, e Bobby achou que poderia de fato explodir

de felicidade. – Eu não queria deixá-lo lá fora.

– É, a não ser que queira pagar um resgate por ele. – Len Files concordou.

– Você me lembra alguém, garoto. Quem mesmo?

Bobby balançou a cabeça, um pouco assustado em parecer com alguém

que Len Files poderia conhecer.

O homem gordo pouco prestou atenção no gesto de Bobby. Ele já estava

ereto e olhava para Ted.

– Eu não posso ter crianças aqui, Sr. ?

– Ted Brautigan. – ele ofereceu a mão. Len Files a apertou.

– Você sabe como é, Ted. As pessoas em negócios como o meu tem os tiras

na traseira.

– É claro. Mas ele vai ficar bem aqui, não vai Bobby?

– Claro. – disse Bobby.

– E nosso assunto não vai demorar muito. Mas é um bom assunto, Sr. Files. .

– Len.

Len, é claro, Bobby pensou. Só Len. Porque aqui era o submundo.

– Como eu disse, Len, este é um bom negócio que eu quero fazer. Eu acho

que você concordará.

– Se você conhece Jimmy Gee, sabe que não negocio por moedas. – Len

disse. – Eu deixo as moedas para os negros. Do que estamos falando aqui?

Patterson-Johansson?

– Albini-Haywood. No Garden amanhã a noite?

Os olhos de Len se abriram mais. Então suas bochechas gordas e barbadas se abriram em um sorriso.

– Putz grila. Nós precisamos desenvolver essa idéia.

– Certamente que precisamos.

Len Files deu a volta na mesa, pegou Ted pelo braço, e o levou até a sala de

sinuca. Então parou e se virou.

– É de Bobby que te chamam em casa, xará?

– Sim, senhor. – *Sim, senhor, Bobby Gar ield*, ele teria dito em qualquer outro lugar. . mas ali era o submundo e ele achou que apenas Bobby

resolveria o caso.

– Bem, Bobby, sei que estes liperamas parecem bons para você, e você

provavelmente tem uns centavos no bolso, mas faça o que Adão não fez e resista à tentação. Pode fazer

isso?

– Sim, senhor.

– Não vou demorar. – Ted lhe disse, e então permitiu que Len Files o

levasse pelo arco e até a sala de sinucas. Eles passaram pelos homens nas

cadeiras altas, e Ted parou pra falar com aquele que tinha os sapatos

engraxados. Próximo ao avô de Jimmy Gee, Ted Brautigan parecia jovem. O

velho olhou para ele e Ted disse algo; os dois homens riram na cara de cada um. O avô de Jimmy Gee tinha um bom riso forte para um velho. Ted

usou as duas mãos para dar tapinhas carinhosos nas bochechas dele. Isso

fez o velho rir ainda mais. Então Ted deixou Len levá-lo até a alcova

coberta por uma cortina que ficava após os outros homens sentados.

Bobby icou onde estava como se tivesse criado raízes, mas Len não havia

dito nada sobre não poder dar uma espiada em volta, então ele o fez, em todas as direções.

As paredes eram cobertas por cartazes sobre cervejas e calendários que

mostravam garotas seminuas. Uma delas subia em uma cerca em uma

paisagem do interior. Outra saia de um Packard com a saia quase

totalmente arreganhada mostrando a cinta-liga.

Atrás da mesa havia mais placas, a maioria delas expressando conceito negativo (SE NÃO GOSTAR DA NOSSA CIDADE PROCURE UM CALENDÁRIO,

NÃO MANDE UM MENINO FAZER O TRABALHO DE UM HOMEM, NÃO

EXISTE COISA COMO ALMOÇO GRÁTIS, NÃO ACEITAMOS CHEQUES,

NÃO

ACEITAMOS

CRÉDITOS,

LENÇOS

PARA

CHORAR

NÃO

SERÃO PROVIDENCIADOS PELA GERÊNCIA) e um grande botão vermelho

de CHAMAR A POLÍCIA.

Suspensos ao teto, presos em ganchos empoeirados, estavam pacotes de

celofane, alguns marcados como RAIZ DE GISENGUE DO AMOR ORIENTAL

e outras como PRAZER ESPANHOL. Bobby imaginou se aqueles eram

algum tipo de vitaminas. Por que eles venderiam vitaminas em um lugar

como esse?

O jovem na sala cheia de liperamas bateu no lado do Patrulha da

Fronteira, recuou, e deu o dedo à máquina. Então ele seguiu até a entrada

enquanto ajustava seu chapéu. Bobby fez uma arma com os dedos e

apontou para ele. O jovem pareceu surpreso, então sorriu e apontou de

volta enquanto saia para a porta. Ele deslaçou os braços de sua jaqueta enquanto o fez.

– Não se podem usar jaquetas da turma aqui. – ele disse, notando a

curiosidade de Bobby. – Não se pode nem mostrar suas malditas cores.

Regras da casa.

– Oh.

O jovem sorriu e levantou a mão. Desenhado em azul nas costas dela

estava um tridente de diabo.

– Mas eu tenho a marca, irmãozinho. Viu?

– Pode crer. – Uma tatuagem. Bobby transbordava de inveja. O garoto

percebeu; sua boca se alargou em um sorriso cheio de dentes brancos.

– Malditos Diablos, ‘ *mano*. A melhor turma. Malditos Diablos mandam nas

ruas.

Todos os outros são maricas.

– As ruas do submundo.

– Puta submundo bem aqui, o que mais tem lá? Deixa a festa rolar,

amiguinho.

Eu gosto de você. Você tem uma boa aparência. Mas esse seu cabelo à

escovinha é uma droga. – A porta se abriu, houve um sopro de ar quente e

barulho das ruas, e então o rapaz se fora.

Uma pequena cesta de palha na mesa chamou a atenção de Bobby. Ele

icou na ponta dos pés para poder ver. Ela estava cheia de chaveiros com corrente de plástico, vermelhas, azuis e verdes. Bobby pegou um para

poder ler a inscrição em dourado: O CANTO DO BOLSO. BILHAR. SINUCA.

FLIPERAMAS. KENMORE 8-2127.

– Vá em frente, garoto, pegue-o.

Bobby levou tamanho susto que quase derrubou a cesta de chaveiros no

chão. A mulher havia vindo pela mesma porta que Len Files, e ela era

ainda maior, quase tanto quanto a gorda do circo, mas ela era leve em seus

passos como uma bailarina; Bobby olhou para cima e ela simplesmente

estava lá, agigantando-se perante ele. Ela era a irmã de Len, tinha que ser.

– Me desculpe. – Bobby balbuciou, devolvendo o chaveiro que havia

pegado e empurrando a cesta de volta para o canto da mesa com as pontas

dos dedos. Ele teria conseguido empurrá-la para o canto mais longe se a mulher gorda não o houvesse parado com uma mão. Ela estava sorrindo, e

não parecia nem um pouco furiosa, para o que Bobby

icou

tremendamente aliviado.

– Sério, não estou sendo sarcástica, pegue um. – ela segurou um dos

chaveiros.

O plástico era verde. – São apenas coisinhas baratas, mas são de graça. Nós

os distribuímos para propaganda. Como caixas de fósforo, sabe, embora eu

não pudesse dar uma caixa de fósforos para uma criança. Você não fuma,

não é?

– Não senhora.

– Isso é um bom começo. Fica longe das bebidas também. Aqui. Pegue. Não recuse as coisas de graça deste mundo, garoto, não há muitas delas por aí.

Bobby pegou o chaveiro de plástico verde.

– Obrigado, senhora. É muito legal. – ele pôs o chaveiro no bolso, sabendo

que teria que se livrar dele, se sua mãe achasse tal coisa, ela não icaria feliz. Ela tinha umas vinte perguntas, como Sully diria. Talvez trinta.

– Qual é o seu nome?

– Bobby.

Ele esperou para ver se ela perguntaria qual era seu sobrenome e icou

secretamente feliz quando ela não o fez.

– Sou Alanna. – ela estendeu uma mão incrustada de anéis. Eles brilharam

como as luzes dos fliperamas. – Está aqui com seu pai?

– Com *meu amigo*. – Bobby disse. – Acho que ele está fazendo uma aposta

na luta de Haywood-Albini.

Alanna pareceu alarmada e encantada ao mesmo tempo. Ela se inclinou

com um dedo em seus lábios vermelhos. Ela fez um som de “shhh” para

Bobby, e soprou um forte cheiro de licor junto.

– Não diga “aposta” aqui. – ela o advertiu. – Este é um salão de bilhar.

Sempre se lembre disso e você ficará bem.

– Certo.

– Você é um diabinho bonitão, Bobby. E você parece. . – ela parou. – Eu conheço seu pai? Isso seria possível?

Bobby balançou a cabeça, mas não totalmente certo disso, para Len ele

também parecia alguém.

– Meu pai está morto. Ele morreu há muito tempo. – ele sempre adicionava

essa parte para que as pessoas não ficassem comovidas.

– Qual era o nome dele? – mas antes que ele pudesse dizer, Alanna Files

disse sozinha, a coisa saiu de sua boca pintada como uma palavra mágica. –

Era Randy?

Randy Garrett, Randy Greer, algo assim?

Por um momento Bobby icou tão espantado que não conseguiu falar. Foi

como se todo o ar de seus pulmões houvesse sido sugado.

– Randall Garfield. Mas como. .

Ela riu satisfeita, seus seios cresceram.

– Bem, a maior parte por conta de seu cabelo. Mas também a sardas. . e isso aqui também, anjinho. . – ela se inclinou e Bobby pode ver o topo de seus seios alvos e macios que pareciam dois grandes barris de água. Ela deslizou um dedo suavemente até seu nariz.

– Ele vinha aqui jogar sinuca.

– Não. Ele não era muito assíduo. Ele bebia cerveja. E às vezes. . – ela fez um gesto rápido, querendo dizer que ele também jogava cartas. Isso fez

Bobby pensar em McQuown.

– É. – Bobby disse. – Ele nunca teve uma interna para seqüência que não gostasse, ou pelo menos foi isso que eu ouvi dizer.

– Não sei sobre isso, mas ele era um cara legal. Ele poderia vir aqui em uma Segunda-Feira à noite, quando o lugar está parecendo um cemitério, e

em meia hora mais ou menos ele estava fazendo todo mundo rir. Ele tocava

aquela canção de Jo Stafford. Não consigo lembrar o nome, e fazia Lennie ligar a jukebox. Era um doce de verdade, garoto, é disso que eu mais me lembro dele; um homem gentil de cabelos ruivos é uma comodidade rara.

Ele não pagaria uma bebida a um bêbado, era uma das condições dele, mas

ele tiraria a camisa do próprio corpo e te ofereceria. Tudo o que tinha que

fazer era pedir.

– Mas ele perdeu um monte de dinheiro, eu acho. – Bobby disse. Ele não podia acreditar que estava tendo esta conversa, que ele havia encontrado

alguém que havia conhecido seu pai. Ainda assim ele imaginou que um

monte de descobertas acontecia assim, por completo acidente. Você só

tinha que seguir sua vida, se preocupando com seus próprios assuntos, e então do nada o passado te derrubaria.

– Randy? – ela pareceu surpresa. – Não. Ele vinha aqui tomar uns drinques

talvez umas três vezes por semana, sabe, se acontecesse de ele estar por perto. Ele estava no ramo de corretagem ou seguros ou vendas ou algumas

dessas coisas. .

– Corretagem. – Bobby disse. – Ele era corretor.

– . .e havia um escritório por aqui que ele visitava. Para propriedades

industriais, eu acho, se era corretagem. Tem certeza de que o ramo dele não era suprimentos medicinais?

– Não, era corretagem.

– Engraçado como sua memória funciona. – ela disse. – Algumas coisas

icam claras, mas a maioria desaparece e o verde se torna azul. De

qualquer forma todos esses negócios que envolvem homens de paletós

sumiram daqui. – ela balançou a cabeça tristemente.

Bobby não estava interessado em como a vizinhança havia sumido.

– Mas quando ele *jogava*, ele perdia. Ele sempre tentava encher as internas

para seqüências e coisas assim.

– Sua mãe te disse isso?

Bobby ficou em silêncio.

Alanna deu de ombros. Coisas interessantes aconteciam na parte da frente

de seu corpo enquanto ela o fazia.

– Bem, isso é entre você e ela. . e, ei, talvez seu pai aparecesse em outros lugares. Tudo o que eu sei é que aqui ele apenas sentava uma vez ou duas

por mês com caras que ele conhecia, jogava até meia-noite, talvez, e então

ia para casa. Se ele tirasse a sorte grande, ou o azar, eu provavelmente lembraria. E eu não lembro, então ele provavelmente icava no meio termo

na maior parte das noites em que jogava. O que, à propósito, faz dele um grande jogador de pôquer. Melhor do que aqueles lá atrás. – ela apontou

com os olhos na direção onde Ted e seu irmão haviam ido.

Bobby olhou para ela com crescente confusão. *Seu pai não nos deixou*

exatamente bens de vida, sua mãe gostava de dizer. Havia o seguro de vida

expirado, o monte de contas não pagas; *Pouco eu sabia*, sua mãe havia dito

naquela Primavera, e Bobby estava começando a achar que isso servia

para ele também: *pouco eu sabia*.

– Ele era um rapaz tão bonito, o seu pai. – Alanna disse. – Nariz de Bob Hope e tudo mais. Acho que essa é uma vantagem sua, você puxou isso

dele. Tem namorada?

– Sim, senhora.

Teriam sido as contas não pagas apenas icção? Seria possível? Teria sido a

apólice de seguro de vida descontada e guardada, talvez em um banco ao

invés de entre as páginas de um catálogo da Sears? Era um pensamento

horrível, de alguma forma.

Bobby não podia imaginar por que sua mãe iria querer que ele pensasse

que seu pai era (*um homem mau*, *um homem mau de cabelos ruivos*) um sacana se ele realmente não o era, mas havia algo na idéia que pareceu. .

verdade. Ela poderia se irritar, essa era a coisa mais certa sobre sua mãe.

Ela poderia icar *tão* irritada. E então ela poderia dizer qualquer coisa. Era possível que seu pai, a quem sua mãe nunca havia, na memória de Bobby,

chamado de "Randy", houvesse oferecido camisas demais para pessoas

demais e conseqüentemente isso fez Liz Gar ield icar irritada. Liz Gar ield

não oferecia camisas, não as do seu próprio corpo, nem as de qualquer

lugar. Você tinha que poupar suas camisas neste mundo, porque a vida

não era justa.

– Qual é o nome dela?

– Liz. – ele se sentiu tonto, do jeito que se sentia saindo de um cinema escuro e entrando na luz do dia.

– Que nem Liz Taylor. – ela pareceu satisfeita. – É um nome bonito para uma namorada.

Bobby riu, um pouco envergonhado.

– Não, minha *mãe* se chama Liz. O nome da minha namorada é Carol.

– Ela é bonita?

– Um pedaço de mau caminho. – ele disse, sorrindo e passando a mão de um lado para o outro. Ele sentiu-se alegre quando Alanna urrou em um

riso. Ela alcançou a mesa, a carne acima de seu braço balançando como um

maço de dinheiro, e apertou sua bochecha. Doeu um pouco, mas ele gostou.

– Gracinha de garoto! Posso te dizer uma coisa?

– Claro, o que é?

– Só porque um homem gosta de jogar cartas, isso não faz dele Átila, o Huno.

Sabe disso, não sabe?

Bobby assentiu hesitantemente, e então mais firmemente.

– Sua mãe é sua mãe, eu não digo nada contra a mãe dos outros porque eu

amo a minha própria, mas nem todas as mães aprovam cartas ou sinucas,

ou. . lugares como este. É um ponto de vista, mas é só o que é. Entendeu a

pintura?

– Sim. – Bobby disse. E de fato ele havia entendido a pintura. Ele se sentiu

muito entrando, como rindo e chorando ao mesmo tempo. *Meu pai esteve*

aqui, ele pensou. Isso pareceu, ao menos naquele momento, muito mais importante do que qualquer outra mentira que sua mãe já havia lhe

contado. *Meu pai esteve aqui, ele até pode ter ficado exatamente aqui onde eu estou agora.* – Fico feliz de parecer com ele. – ele disse abruptamente.

Alanna assentiu, sorrindo.

– Logo você entrar aqui, vindo das ruas. Quais são as chances?

– Eu não sei. Mas obrigado por me contar sobre ele. Obrigado mesmo.

– Ele tocaria a canção de Jo Stafford à noite toda, se você deixasse. – Alanna

disse. – Então, não vá sair por aí ao relento.

– Não, senhora.

– Não, *Alanna*.

Bobby sorriu.

– *Alanna*.

Ela soltou um beijo para ele como sua mãe fazia às vezes, e riu quando Bobby ingiu pegá-lo. Então ela voltou a sair pela porta. Bobby podia ver o

que parecia com uma sala de estar além dela. Havia uma grande cruz em

uma parede.

Ele meteu a mão no bolso, enganchou o chaveiro com um dedo (ele era, ele

pensou, uma lembrancinha especial de sua visita ao submundo), e

imaginou-se pedalando Broad Street abaixo em uma Schwinn da Western

Auto. Ele ia em direção ao parque. Ele usava um chapéu panamá marrom

en iado na cabeça. Seu cabelo era longo e estava penteado para trás em

um rabo de pato, nada de cabelo à escovinha, não mais, xará. Presa à sua cintura estava uma jaqueta com suas cores nela; atrás de sua mão estava uma tatuagem azul, gravada fundo para toda eternidade. Do lado de fora

do Campo B, Carol esperava por ele. Ela estaria vendo ele pedalar, ela

estaria pensando *Oh, seu garoto doido* , enquanto ele dava voltas em um círculo fechado, espalhando cascalho na direção dos tênis brancos dela

(mas não neles). Doido, sim. Um ciclista barra-pesada e um conquistador

malvado.

Len Files e Ted estavam voltando agora, ambos pareciam felizes. Len, de

fato, parecia com um gato que acabara de comer um canário (como a mãe

de Bobby geralmente dizia). Ted parou para dar outra, breve, palavra com

o velho, que assentiu e sorriu. Quando Ted e Len voltaram à entrada, Ted

foi na direção da cabine telefônica ao lado da porta. Len pegou seu braço e

o conduziu até a mesa.

Enquanto Ted ia ligar, Len mexeu no cabelo de Bobby.

– Eu sei quem você parece. – ele disse. – Veio até mim enquanto eu estava

lá atrás. Seu pai era. .

– Gar ield. Randy Gar ield. – Bobby olhou para Len, que parecia muito com a irmã, e então pensou em como era estranho e meio que maravilhoso ser

ligado daquele jeito com seus parentes de sangue. Ser tão ligado que

mesmo as pessoas que não te conhecem poderiam às vezes te reconhecer

no meio de uma multidão. – Você gostava dele, Sr. Files?

– Quem, Randy? Claro, ela era um doido de primeira. – Mas Len Files

pareceu um pouco vago. Ele não havia percebido o pai de Bobby do mesmo

jeito que sua irmã, Bobby decidiu; Len provavelmente não se lembraria da

canção de Jo Stafford, ou como Randy Gar ield te ofereceria uma camisa do

próprio corpo. Ele não daria uma bebida a um bêbado; ele não faria isso. –

Seu amigo é legal também. – Len continuou, agora mais entusiasmado. – Eu

gosto da classe alta, e a classe alta gosta de mim, mas eu não recebo apostadores de verdade como ele com freqüência. – ele virou-se para Ted,

que estava caçando miopemente na lista telefônica. – Tente o Circle Taxi.

KEnmore 6-7400.

– Obrigado. – Ted disse.

– Não tem de quê. – Len passou por Ted e entrou pela porta atrás da mesa.

Bobby teve outra breve visão da sala de estar e da grande cruz. Quando a

porta fechou, Ted olhou para Bobby e disse:

– Você aposta quinhentos paus em uma luta, e você não tem que usar o

telefone público como o resto dos fregueses. Que negócio, hein?

Bobby sentiu como se todo o vento houvesse sido sugado dele.

– Você apostou quinhentos dólares em Hurricane Haywood?

Ted tirou um Chester ield do seu maço, o pôs na boca, e o acendeu com um

sorriso.

– Bom Deus, não. – ele disse. – Foi em Albini.

Depois de ter chamado o táxi, Ted levou Bobby ao bar e pediu dois

refrescos.

Ele não sabe que eu não gosto muito desse refresco , Bobby pensou. De

algum modo isso pareceu ser outra peça do quebra-cabeça, o quebra-cabeça de Ted. Len os serviu, não falando nada sobre se Bobby deveria ou

não estar sentado em um bar, ou como ele era um menino legal, mas

impregnava o lugar com sua minoridade; aparentemente uma ligação

grátis não era tudo o que quinhentos dólares apostados poderiam te

conseguir. E

nem mesmo o excitamento da aposta poderia tirar a atenção de Bobby por

muito tempo de certa senhora que roubou muito do seu prazer ao ouvir

sobre seu pai não ser um safado, a inal de contas. A aposta havia sido feita

para conseguir dinheiro su iciente para uma viagem. Ted estava de

partida.

***

O táxi era da Checker com um grande banco traseiro. O motorista estava

profundamente absorvido pelo jogo dos Yankees no rádio, ao ponto de às

vezes querer discutir com os comentaristas.

– Files e sua irmã conheciam seu pai, não é? – Não era realmente uma

pergunta.

– Sim. Especialmente Alanna. Ela achou que ele era realmente um cara

legal. –

Bobby parou. – Mas não é o que minha mãe pensa.

– Imagino que sua mãe tenha visto um lado dele que Alanna Files nunca

viu. –

Ted respondeu. – Mais de um. Pessoas são como diamantes, Bobby. Elas

têm muitos lados.

– Mas mamãe disse. . – Era complicado demais. Ela nunca havia dito *nada* de verdade, apenas meio que sugeriu. Ele não sabia como dizer a Ted que

sua mãe também tinha lados, e alguns deles faziam ser di ícil de acreditar

naquelas coisas que ela nunca disse de verdade. E quando você chegava

até aí, o quanto ele realmente gostaria de saber? Seu pai estava morto

a inal de contas. Sua mãe não estava, e ele tinha que conviver com ela. . e ele tinha que amá-la. Ele não tinha mais ninguém para amar, nem mesmo

Ted. Porque. .

– Quando você vai embora? – Bobby perguntou em voz baixa.

– Depois que sua mãe voltar. – Ted suspirou, olhou pela janela, e então olhou para as mãos, que repousavam em um dos joelhos. Ele não olhou

para Bobby, não ainda. – Provavelmente na manhã da Sexta-Feira. Eu não

posso coletar meu dinheiro até a noite de amanhã. Eu tenho quatro para

um em Albini; isso são dois mil dólares. Meu bom amigo Lennie terá o

telefone de Nova York para fazer a transferência.

Eles cruzaram a ponte do canal, e então o submundo icou para trás. Agora

estavam na parte da cidade em que Bobby andava com sua mãe. Os

homens nas ruas usavam casacos e gravatas. As mulheres usavam

moletons. Nenhum delas parecia com Alanna Files, e Bobby achou que não

haveria muitas cheirando à licor se izessem um sopro de silêncio. Não às quatro da tarde.

– Eu sei porque você não apostou em Patterson-Johansson. – Bobby disse.

– É porque você não sabe quem vai vencer.

– Eu *acho* que Patterson leva desta vez. – Ted disse. – Porque desta vez ele está preparado para Johansson. Eu posso apostar dois dólares em Floud

Patterson, mas quinhentos? Para apostar quinhentos ou você tem que

saber o resultado ou ser louco.

– A luta entre Albini e Haywood já está combinada, não é?

Ted assentiu.

– Eu soube quando você leu que Kleindienst estava envolvido, e eu

imaginei que Albini deveria ganhar.

– Você fez outras apostas em lutas de boxe onde o Sr. Kleindienst era o empresário.

Ted não disse nada por um momento, apenas olhou pela janela. No rádio,

alguém acertava uma bela tacada. Whitney Ford pegou a bola e jogou para

Moose Skowron na primeira base. Agora havia duas baixas no topo da

oitava. Então Ted disse:

“Poderia ter sido Haywood. Era di ícil ser, mas poderia. Então. . você viu o velho sentando lá? O que estava engraxando os sapatos?

– Claro, você deu uns tapinhas nas bochechas dele.

– Aquele é Arthur Girardi. Files o deixa por lá porque ele costumava ser uma conexão. É o que Files acha, que *costumava* ser. Agora ele é só um velho que vem para engraxar os sapatos e então esquece que fez isso e

volta para engraxar novamente às três horas. Files acha que ele é só um velho que não sabe de nada. Girardi o deixa pensar o que ele quer pensar.

Se Files disser que a lua é queijo verde, Girardi não vai dar um pio.

Velho Gee, ele entra por causa do ar condicionado. E ele ainda é uma

conexão.

– Conectado com Jimmy Gee.

– Com todos os tipos de caras.

– O Sr. Files não sabe que a luta foi combinada?

– Não, com certeza não. Eu achei que ele poderia.

– Mas o velho Gee sabia. E ele sabia qual deles deveria beijar a lona.

– Sim. Essa foi minha sorte. Hurricane Haywood cai no oitavo round. Então,

no ano seguinte as probabilidades melhoram, e o Hurricane ganha seu

pagamento.

– Você teria apostado se o Sr. Girardi não estivesse lá?

– Não. – Ted respondeu imediatamente.

– Então como você ganharia dinheiro? Quando for embora?

Ted pareceu deprimido com estas palavras, *quando for embora*. Ele teve intenção de pôr um braço ao redor dos ombros de Bobby, mas parou.

– Sempre há alguém que sabe alguma coisa. – ele disse.

Eles estavam na Avenida Asher agora, ainda em Bridgeport, mas apenas a

um quilômetro e meio mais ou menos de Harwich. Sabendo o que iria acontecer, Bobby pegou a grande e manchada mão de Ted.

Ted girou os joelhos na direção da porta, levando suas mãos com ele.

– É melhor não.

Bobby não perguntou por que. As pessoas colocavam placas que diziam

TINTA FRESCA NÃO TOQUE porque se você colocasse sua mão em algo

recém pintado, a coisa mancharia sua pele. Você poderia lavá-la, ou

descascaria por si mesma com o tempo, mas por um tempo ela ficaria lá.

– Para onde você vai?

– Eu não sei.

– Eu me sinto mal. – Bobby disse. Ele sentiu lágrimas começando a brotar

dos cantos dos olhos. – Se algo acontecer com você, é minha culpa. Eu vi coisas, as coisas que você me mandou procurar, mas eu não disse nada. Eu

não queria que você fosse.

Então eu disse a mim mesmo que você estava louco, não sobre tudo, mas

sobre os homens maus que te perseguiam, e eu não disse nada. Você me

deu um trabalho e eu falhei.

O braço de Ted foi atrás dos ombros de Bobby novamente. Ao invés disso,

ele o abaixou e deu um breve tapinha na perna de Bobby. No estádio dos

Yankees, Tony Kukeb acabara de dobrar dois home runs. O público ia à

loucura.

– Mas eu sabia. – Ted disse suavemente.

Bobby olhou para ele.

– O quê? Eu não te entendo.

– Eu os sinto se aproximarem. É por isso que meus transes têm sido tão freqüentes. Ainda assim, eu menti para mim mesmo, do mesmo modo que

você. Pelas mesmas razões também. Você acha que eu quero te deixar

agora, Bobby? Com sua mãe tão confusa e infeliz? Com toda a honestidade,

eu não me importo muito com ela, nós não nos damos bem, no primeiro segundo em que cruzamos os olhares, nós não nos demos bem, mas ela é

sua mãe, e. .

– O que há de errado com ela? – Bobby perguntou. Ele lembrou-se de

manter a voz baixa, mas ele tomou o braço de Ted e o sacudiu. – Diga-me!

Você sabe, eu sei que você sabe! É o Sr. Biderman? É algo sobre o Sr.

Biderman?

Ted olhou pela janela, os cenhos franzidos, os lábios apertados firmemente.

Finalmente ele suspirou, tirou um dos cigarros, e acendeu-o.

– Bobby. – Ele disse. – O Sr. Biderman não é um homem bom. Sua mãe sabe

disso, mas ela também sabe que às vezes precisamos estar com as pessoas

que não são boas. Junte-se para progredir, é o que ela pensa, e ela o fez.

Ela fez coisas pelo último ano de que ela não tem orgulho, mas ela tem sido

cuidadosa. De algumas formas ela teve que ser tão cuidadosa quanto eu, e

não importa se eu goste dela ou não, eu a admiro por isso.

– O que ela fez? O que ele a obrigou fazer? – Algo gelado perambulou pelo

peito de Bobby. – Por que o Sr. Biderman a levou para Providence?

– Para a conferência de corretagem.

– É só isso? Isso é *tudo*?

– Eu não sei. *Ela* não sabia. Ou talvez ela tenha acobertado o que ela sabia e o que ela temia com o que ela tinha esperança de acontecer. Eu não tenho

como dizer. Às vezes eu posso. . às vezes eu sei coisas muito diretamente e

claramente. No primeiro momento em que te vi, sabia que você queria uma

bicicleta, que ter uma era muito importante para você, e que você

pretendia ganhar dinheiro para comprar uma neste verão se pudesse. Eu

admirei sua determinação.

– Você me tocou de propósito, não foi?

– Deveras. Da primeira vez, ao menos. Eu te conhecia um pouco. Mas

amigos não espiam; a verdadeira amizade é sobre privacidade também.

Além disso, quando eu toco alguém, eu passo um tipo de. . bem, um tipo de

janela. Eu acho que você sabe disso. Da segunda vez que eu te toquei. .

tocar de verdade, te segurando, sabe o que quero dizer. . aquilo foi um engano, mas não um terrível; por um curto tempo você soube mais do que

deveria, mas a coisa sumiu, não foi? Se eu tivesse continuando, entretanto. .

tocando e tocando, do jeito que as pessoas fazem quando são próximas. .

chegaria a um ponto onde as coisas mudariam. Onde a coisa não sumiria. –

ele levantou seu cigarro quase todo fumado e olhou para ele com aversão.

– Do mesmo modo como você fuma muitos desses e então ica preso a eles

por toda a vida.

– Minha mãe está bem agora? – Bobby perguntou, sabendo que Ted não

teria como responder; o dom de Ted, o que quer que fosse, não chegava

tão longe.

– Eu não sei. Eu. .

Ted subitamente enrijeceu. Ele estava olhando pela janela para algo à

frente. Ele esmagou seu cigarro no cinzeiro do carro, fazendo com força o su iciente para fazer faíscas voarem pelas costas de sua mão. Ele não

pareceu senti-las.

– Cristo. – ele disse. – Oh, Cristo, eles estão aqui.

Bobby inclinou-se sobre a barriga para ver pela janela, pensando na

traseira de sua mente no que Ted acabara de dizer, *tocando e tocando, do*

jeito que as pessoas fazem quando são próximas, mesmo enquanto espreitava pela Avenida Asher.

À frente havia uma interseção de três vias, a Avenida Asher, Avenida

Bridgeport, e Connecticut Pike, todas se juntando em um lugar conhecido

como a Praça dos Puritanos. Manchas de pneus brilharam ao sol da tarde;

caminhões de entrega buzinavam impacientemente para passar pela

aglomeração. Um policial suado com um apito na boca e luvas brancas nas

mãos dirigia o tráfego. À esquerda estava o Willian Penn Grille, um famoso

restaurante que supostamente teria os melhores bifes em Connecticut (o

Sr. Biderman havia levado para lá o escritório inteiro depois que a agência

havia vendido a Mansão Waverley, e a mãe de Bobby havia voltado para

casa com uma dúzia de caixas de fósforos do Willian Penn Grille). Sua

maior razão de ser famoso, sua mãe havia dito uma vez para Bobby, era

que o bar estava na linha da cidade de Harwich, mas o próprio restaurante estava em Bridgeport.

Estacionado na frente, no im da Praça dos Puritanos, estava um automóvel

púrpura da marca DeSoto que Bobby nunca havia visto antes, que ele nem

mesmo havia *suspeitado* existir. A cor era tão brilhante que machucava seus olhos só de olhar para ela. Machucou sua *cabeça* inteira.

Seus carros serão como seus casacos amarelos e sapatos pontudos e o gel perfumado que eles usam para deixar os cabelos para trás: gritante e vulgar.

O carro púrpuro estava cheio de faróis de cromo e saias traseiras. O

ornamento do capô era enorme; a cabeça do Chief DeSoto brilhou na

nebulosa luz como uma jóia falsa. Os pneus eram gordas paredes brancas

e as calotas giravam. Havia uma antena na traseira. Em sua ponta estava pendurada uma cauda de guaxinim.

– Os homens maus. – Bobby sussurrou. De fato não havia questionamentos.

Era um DeSoto, mas ao mesmo tempo era como um carro que ele nunca

havia visto na vida, algo tão alienígena quanto um asteróide. Enquanto se aproximavam da interseção de três vias, Bobby viu que o estofamento era

da cor de um verde metálico, a cor quase uivou em contraste com a cor púrpura do carro. Havia couro branco ao redor do volante.

– Minha nossa, são eles!

– Você tem que levar sua mente para longe. – Ted disse. Ele pegou Bobby

pelos ombros (à frente os Yankees comemoravam, o motorista não

prestava atenção aos seus dois clientes no banco traseiro, muito obrigado a

Deus por tanto, pelo menos), e o sacudiu com força, antes de soltá-lo. –

Você tem que levar sua mente para *longe*, você entendeu?

Ele entendeu. George Sanders havia construído uma parede de tijolos para

esconder seus pensamentos e planos para as Crianças. Bobby havia

pensado em Maury Wills uma vez, mas ele não achou que beisebol

pudesse funcionar desta vez. O que poderia?

Bobby podia ver a marquise do Asher Empire salientando-se pela calçada,

três ou quatro blocos além estava a Praça dos Puritanos, e de repente ele

podia ouvir o barulho das raquetes de Sully-John: paf-paf-paf. *Se ela é um*

lixo, S-J havia dito, *eu adoraria ser o lixeiro*.

O cartaz que haviam visto naquele dia preencheu a mente de Bobby:

Brigitte Bardot (a *Felina Francesa do* Sexo era como os jornais a

chamavam) vestida com apenas uma toalha e um sorriso. Ela parecia um

pouco com a mulher saindo de um carro em um dos calendários do Canto

do Bolso, aquele em que a saia estava arreganhada e a cinta-liga aparecia.

Porém Brigitte Bardot era mais bonita. E ela era *real*. Ela era velha demais para tipos como Bobby Garfield, é claro.

(*Eu sou tão jovem, e você é tão velha*, Paul Anka cantava de milhares de rádios, isto, *minha querida, foi o que me disseram*) mas ainda assim ela era linda, e um gato poderia olhar para uma rainha, sua mãe sempre dizia

também: um gato poderia olhar para uma rainha. Bobby a viu cada vez

mais claramente e se ajeitou no assento, seus olhos tomando aquele olhar

lutuante e perdido de Ted quando ele apagava; Bobby a viu com os

cabelos loiros, úmidos do banho, o declive de seus seios dentro da toalha, suas longas coxas, suas unhas pintadas em cima das palavras Apenas para

Adultos, É Obrigatório Carteira de Motorista ou Certi icado de Nascimento.

Ele poderia sentir o cheiro do sabonete, algo suave e lorido. Ele poderia sentir o cheiro da (*Nuit em Paris*)

fragrância de seu perfume e ele podia ouvir o rádio na sala ao lado. Era Freddy Cannon, que tocava um jazz do verão do Savin Rock: “She's dancin’

to the drag, the cha-cha raga-mop, she's stompin’ to the shag, *rocks* the bunny hop…”

Ele tinha consciência, fracamente, longe, em outro mundo ao longo do

redemoinho de um pião, que o táxi em que eles estavam andando havia

parado bem perto do Willian Penn Grille, bem próximo àquele DeSoto

púrpura, Bobby quase podia ouvir o carro em sua cabeça; se ele tivesse

uma voz teria gritado *Atirem em mim, eu sou púrpura demais! Atirem em mim, eu sou púrpura demais*! E não muito além, ele conseguia *senti-los*. Eles estavam no restaurante, comendo um bife. Ambos comiam do mesmo tipo,

mal passado. Antes de irem embora, eles colocarão um cartaz de animal

perdido em um poste telefônico ou deixar um cartão escrito à mão de

CARRO À VENDA PELO PROPRIETÁRIO; de cabeça para baixo, é claro. Eles

estavam lá dentro, homens maus em casacos amarelos e sapatos brancos

bebendo martinis entre as dentadas de seus bifes quase crus, e se eles

direcionassem suas mentes nesta direção. .

Vapor saia do chuveiro. B.B. levantou-se na ponta de seus pés pintados e abriu sua toalha, transformando-as em breves asas antes de deixá-la cair.

E o que Bobby viu não era Brigitte Bardot a inal de contas. Era Carol

Gerber. *Você tem que ser corajoso para deixar as pessoas olharem para você vestindo apenas uma toalha*, ela havia dito, e agora ela mesma havia deixado a toalha cair. Ele a via como ela deveria parecer daqui a oito ou dez anos.

Bobby olhou para ela, sem poder olhar para outro lado, perdido de amor, perdido nos aromas do sabonete e de seu perfume, o som do rádio

(Freddy Cannon havia dado lugar aos The Platters, *heavenly shades of night*

are falling), a visão de suas pequenas unhas pintadas. Seu coração girou tanto quanto um pião, com suas linhas subindo e desaparecendo em outros

mundos. Outros mundos além deste.

O táxi começou a se arrastar para frente. O horror púrpuro de quatro

portas estacionado próximo ao restaurante (estacionado em uma zona de

carregamento, Bobby viu, mas o que importava para *eles*?) começou a deslizar na retaguarda. O carro parou novamente e o motorista xingou

suavemente enquanto um carro atravessava a Praça dos Puritanos à toda

velocidade. O DeSoto estava atrás deles agora, mas o re lexo do cromo

encheu o táxi com uma errática dança de ios de luz. E de repente Bobby sentiu uma selvagem coceira atacar a parte de trás de seus olhos. Isto foi seguido por uma queda de manchas negras entrelaçadas em seu campo de

visão. Ele conseguiu se segurar a Carol, mas agora ele parecia olhar para ela através de um campo de interferência.

Eles nos sentem. . ou sentem alguma coisa. Por favor, Deus, nos tire daqui.

Por favor, nos tire daqui.

O motorista do táxi viu uma brecha no tráfego e meteu-se lá. Um momento

depois eles estavam indo para a Avenida Asher a uma boa velocidade. A

sensação de coceira na parte de trás dos olhos de Bobby começou a cessar.

As manchas negras em seu campo interior de visão foram clareadas, e

quando aconteceu ele viu que a garota nua não era Carol (não mais, pelo menos), nem mesmo Brigitte Bardot, mas apenas uma garota de calendário

do Canto do Bolso, com suas roupas tiradas pela imaginação de Bobby. A

música do rádio se fora. O cheiro do sabonete e do perfume também. A vida havia saído dela, ela era apenas uma. . uma. .

– Uma igura pintada em uma parede de tijolos. – Bobby disse. Ele sentou-

se.

– O que disse, garoto? – o motorista perguntou, e desligou o rádio. O jogo havia terminado, Mel Alien estava anunciando cigarros.

– Nada. – Bobby disse.

– Acho que você cochilou, hein? Trânsito lento, dia quente. . isso sempre acontece, como Hatlo diz. Parece que seu amigo ainda está apagado.

– Não. – disse Ted, icando ereto. – O doutor está de volta. – Ele endireitou

as costas e estremeceu quando houve um estalo. – Eu cochilei um pouco

mesmo. –Ele olhou pela janela, mas o William Penn Grille estava fora de vista agora. – Os Yankees ganharam, eu suponho?

– Malditos índios, eles detonaram. – o motorista disse, e riu. – Não vejo como você poderia dormir com os Yankees jogando.

Eles viraram na Broad Street; dois minutos depois o carro estacionou na

frente do número 149. Bobby olhou para ele como se esperasse ver um

tipo diferente de pintura ou talvez uma asa adicionada. Ele sentiu como se

houvesse estado fora por dez anos. De certo modo ele supôs que houvesse,

ele não havia visto Carol Gerber crescida?

Eu vou casar com ela, Bobby decidiu enquanto saiam do táxi. Na Colony Street, o cão da Sra. O'Hara latiu continuamente, como se negando isto e todas as aspirações humanas: *ouf-ouf-ouf*.

Ted inclinou-se na janela do motorista com sua carteira à mão. Tirou duas

notas, pensou mais um pouco, e tirou uma terceira.

– Fique com o troco.

– Você é muito legal. – o motorista disse.

– Ele é um *apostador*. – Bobby corrigiu, e sorriu enquanto o táxi seguia em

frente.

– Vamos entrar. – Ted disse. – Não é mais seguro para mim aqui.

Subiram a varanda e Bobby usou sua chave para abrir a porta da sala de

estar.

Ele continuou a pensar sobre aquela estranha coceira na parte de trás dos

olhos, e as manchas negras. As manchas haviam sido particularmente

horríveis, como se ele estivesse para ficar cego.

– Eles nos viram, Ted? Ou nos sentiram, ou fizeram qualquer coisa assim?

– Você sabe que sim. . mas eu não acho que eles sabiam o quão perto nós

estávamos. – Enquanto entraram no apartamento dos Gar ield, Ted tirou

seus óculos de sol e os en iou no bolso da camisa. – Você deve ter se camuflado bem. Uou! Como está quente aqui!

– O que faz você pensar que eles não sabiam que estávamos próximos?

Ted parou enquanto abria a janela, dando a Bobby um olhar por cima de

seus ombros.

– Se soubessem, o carro púrpuro estaria bem atrás de nós quando

encostamos aqui.

– Não era um carro. – Bobby disse, começando a abrir as janelas também.

Não ajudou muito; o ar entrou, levantando as cortinas em apáticos abanos,

pareceu tão quente quanto o ar preso dentro do apartamento o dia todo. –

Eu não sei o que era, mas apenas *parecia* com um carro. E o que eu senti deles. . – Mesmo no calor, Bobby tremeu.

Ted pegou seu ventilador, o passou pela janela pela prateleira de enfeites

de Liz, e o colocou peitoril.

– Eles se camu lam o melhor que podem, mas ainda assim os sentimos.

Mesmo as pessoas que não sabem o que eles são os sentem. Um pouco do

que está sob a camu lagem escapa, e o que está lá embaixo é feio. Torço para que você nunca saiba o quão feio.

Bobby também torceu para isso.

– De onde eles vêm, Ted?

– De um lugar negro.

Ted ajoelhou-se, colocou o plugue na tomada, e ligou o ventilador. O ar que

ele empurrou para a sala era um pouco frio, mas não tanto quanto o do Canto do Bolso, ou o Criterion.

– É em outro mundo, como em *O Anel ao Redor do Sol*? É, não é?

Ted ainda estava de joelhos ao lado da tomada. Ele parecia estar rezando.

Para Bobby ele pareceu exausto, acabado, quase morto. Como ele

conseguia fugir dos homens maus? Ele não parecia ser capaz de chegar tão

longe quanto a Loja de Variedades do Spicer sem tropeçar.

– Sim. – ele disse. – Eles vêm de outro mundo. Outro onde e outro quando.

É tudo que posso lhe dizer. Não é seguro você saber mais.

Mas Bobby tinha que fazer mais uma pergunta.

– Você veio de um desses mundos?

Ted olhou solenemente para ele,

– Eu vim de Teaneck.

Bobby olhou estupidamente para ele por um momento, e então começou a

rir.

Ted, ainda de joelhos ao lado da tomada, juntou-se a ele.

– No que você pensou dentro do táxi, Bobby? – Ted perguntou quando

inalmente conseguiram parar. – Para onde você foi quando os problemas

começaram? – ele pausou. – O que você viu?

Bobby pensou em Carol em seus vinte anos com suas unhas pintadas de

rosa, Carol parada nua com a toalha a seus pés e o vapor subindo ao seu redor. Apenas para Adultos, É Obrigatório Carteira de Motorista. Sem

Exceções.

– Eu não posso dizer. – ele disse finalmente. – Porque. . bem. .

– Porque algumas coisas são particulares. Eu entendo. – Ted levantou-se.

Bobby avançou para ajudá-lo, mas Ted o repeliu. – Talvez você devesse

sair e brincar um pouco por um tempo. – ele disse. – Mais tarde, lá pelas seis, poderíamos dizer, eu colocarei meus óculos escuros novamente e

sairemos, e vamos jantar no Café Colony.

– Mas sem feijões.

Os cantos da boca de Ted se abriram em um fantasma de sorriso.

– Absolutamente, sem feijões, feijões são proibidos. Às dez horas eu vou ligar para meu amigo Len e ver como a luta terminou, ham?

– Os homens maus. . agora estarão procurando por mim também?

– Eu nunca deixaria você sair por esta porta se eu pensasse isso. – Ted respondeu, parecendo surpreso. –

Você está bem, e eu vou me certificar de

que você ique bem. Vá agora. Vá brincar de pique-esconde ou pega-pega

ou qualquer outra coisa que queira. Eu tenho coisas a fazer. Só volte as seis

então não se preocupe.

– Certo.

Bobby foi até seu quarto e depositou as quatro moedas que havia ganhado

em Bridgeport em seu pote de dinheiro. Ele olhou ao redor de seu quarto,

vendo as coisas com novos olhos: a colcha de caubói, o retrato de sua mãe

em uma parede, e a foto assinada, e obtida poupando caixas de cereal, de

Clayton Moore em sua máscara em outra, seus patins (um deles com a

correia partida) no canto, sua mesa contra a parede.

O quarto pareceu menor agora, não tanto quanto um lugar para se chegar

do que para um lugar a se sair. Ele percebeu que estava crescendo e

alcançando a faixa etária de seu cartão da biblioteca, e alguma amarga voz

interior chorou contra isso. Chorou: não, não, não.

8

Bobby Faz uma Confissão. A Bebê Gerber e o Bebê Xarope.

Rionda. Ted Faz uma Ligação. Grito dos Caçadores.

No Parque Commonwealth, as crianças jogavam bola. O Campo B estava

vazio; no Campo C alguns adolescentes com as camisas laranjas do St.

Gabriel jogavam **scrub** (**N.T. – Variação de beisebol onde não há

times.). Carol Gerber estava sentada em um banco com sua corda de pular

em seu colo, assistindo-os. Ela viu Bobby se aproximar e sorriu. E então o sorriso sumiu.

– Bobby, o que houve com você?

Bobby não estava precisamente a par de que havia *qualquer* coisa de errado com ele até que Carol disse, mas o olhar de preocupação no rosto dela fez tudo desmoronar e ele cedeu. Era a realidade dos homens

maus e

o fato assustador do quase encontro que tiveram com eles no caminho de

volta de Bridgeport; era a sua preocupação sobre sua mãe; mas a maior

parte de tudo era Ted. Ele sabia perfeitamente por que Ted havia o

enxotado de casa, e o que Ted estava fazendo bem agora: enchendo suas

pequenas malas e aquelas sacolas de papel. Seu amigo estava indo embora.

Bobby começou a chorar. Ele não queria parecer um bebezinho na frente

de uma garota, particularmente *esta* garota, mas ele não pode evitar.

Carol pareceu espantada por um momento, assustada. Então ela saiu do

banco, veio até ele, pôs os braços ao redor dele.

– Está tudo bem, Bobby, não chore, está tudo bem.

Quase cego pelas lágrimas, e chorando mais do que nunca (era como se

houvesse uma tempestade de verão violenta acontecendo em sua cabeça),

Bobby deixou que ela o levasse a um pequeno bosque onde estariam

escondidos dos campos de beisebol e dos caminhos principais. Ela sentou

na grama, ainda o abraçando, passando a mão em seus cabelos suados. Por

um tempo ela não disse nada, e Bobby estava incapaz de falar; ele apenas

conseguia soluçar até que sua garganta começou a doer e seus olhos a

latejar.

En im os intervalos entre os soluços se tornaram maiores. Ele sentou, enxugou o rosto com o braço, horrorizado e envergonhado pelo que

sentira: não apenas lágrimas, mas muco e saliva também. Ele devia ter

sujado-a com musgo.

Carol não pareceu se importar. Ela tocou seu rosto úmido. Bobby recuou

de seus dedos dando outro soluço, e olhou para a grama. Sua visão, lavada

pelas suas lágrimas, pareceu quase sobrenaturalmente aguçada; ele

conseguia ver cada espinho e dente de leão.

– Está tudo bem. – ela disse, mas Bobby estava envergonhado demais para

olhar para ela. Eles icaram sentados quietamente por um momento, e

então Carol disse. – Bobby, eu serei sua namorada, se você quiser.

– Você *é* minha namorada. – Bobby disse.

– Então me diga o que está errado.

E Bobby ouviu-se contando tudo para ela, começando com o dia em que

Ted havia se mudado e como sua mãe levara apenas um instante para

detestá-lo. Ele contou para ela sobre o primeiro apagão de Ted, sobre os homens maus, e os sinais deles.

Quando ele chegou nesta parte, Carol tocou seu braço.

– O que foi? – ele perguntou. – Não acredita em mim? – sua garganta ainda

tinha aquela dolorosa sensação de inchamento que obteve depois de tanto

chorar, mas ele estava melhorando. Se ela não acreditasse nele, ele não

icaria com raiva dela. Não a culparia por nada, na verdade. Era só um

grande alívio poder tirar a coisa do peito. – Tudo bem. Eu sei como deve parecer. .

– Eu vi essas amarelinhas engraçadas por toda a cidade. – ela disse. –

Yvonne e Angie também. Nós falamos sobre elas. Elas têm pequenas

estrelas e luas desenhadas próximo a elas. Algumas vezes cometas

também.

Ele a encarou.

– Você está brincando?

– Não. Garotas sempre olham para amarelinhas, não sei por que. Feche a boca antes que entre uma mosca.

Ele fechou a boca.

Carol assentiu, satisfeita, então colocou a mão dele na dela e entrelaçou os

dedos com os dele. Bobby estava espantado com o encaixe perfeito que os

dedos faziam.

– Agora, conte-me o resto.

E ele o fez, terminando com o incrível dia que ele havia terminado de

experimentar: o ilme, a viagem ao Canto do Bolso, como Alanna havia

reconhecido seu pai nele, o quase encontro no caminho para casa. Ele

tentou explicar como o DeSoto púrpuro não parecia um carro de verdade

afinal de contas, que apenas parecia um carro.

O mais próximo que ele conseguia chegar era dizer que a coisa parecia

viva de alguma maneira, como uma versão malé ica do carro que o Dr.

Dolittle dirigia naquela série de livros sobre animais falantes pela qual eles

icaram doidos na segunda série. A única coisa que Bobby não confessou

foi quando ele teve que esconder seus pensamentos quando o táxi passou

pelo Willian Penn Grille e a parte de trás de seus olhos começou a coçar.

Ele lutou, e então disse o pior como num clímax de uma peça: que ele tinha

medo de que sua mãe ter ido à Providence com o Sr. Biderman e os outros

homens havia sido um erro. Um *péssimo* erro.

– Você acha que o Sr. Biderman dá em cima dela? – Carol perguntou. Agora

eles já estavam voltando para o banco aonde ela havia deixado sua corda de pular.

Bobby a pegou e deu para ela. Eles começaram a sair do parque na direção

da Broad Street.

– Sim, talvez. – Bobby disse carrancudamente. – Ou pelo menos. . – E aqui estava a parte de que ele tinha medo, embora isso não tivesse nome ou

forma real; era como algo sinistro coberto por pedaços de lonas. – Pelo menos ela acha que ele está.

– Ele vai pedir para casar com ela? Se ele izesse isso, ele se tornaria seu padrasto.

– Deus! – Bobby não havia considerado a idéia de ter Don Biderman como

padrasto, e ele desejou com todas as forças que Carol não houvesse tocado

no assunto.

Era um pensamento horrível.

– Se ela o ama é melhor se acostumar com a idéia. – Carol disse de uma maneira tão madura que Bobby achou que poderia ter icado melhor sem

ter ouvido isso; ele achou que ela havia gastado tempo demais neste verão

assistindo os programas “Oh, John, Oh, Marsha” na TV com a mãe. E de um

jeito esquisito ele não teria se importado se sua mãe amava o Sr. Biderman,

e isso era tudo. Seria horrível, certamente, porque o Sr. Biderman era

assustador, mas ele teria entendido. Mas mais coisas estavam acontecendo.

A avareza de sua mãe pelo dinheiro (sua *pão-durice*), era parte da coisa, e então o que quer que a izera voltar a fumar e a izera chorar durante

algumas noites. A diferença entre o Randall Gar ield de sua mãe, o homem

safado que a deixou com contas não pagas, e o *Randy* Gar ield de Alanna, o

cara legal que gostava da jukebox no volume mais alto. . até mesmo isso poderia ser parte da coisa. (Realmente haviam existido contas não pagas?

Havia existido de verdade a apólice de seguro prescrita? Por que sua mãe

mentiria sobre tais coisas?) Essas eram as coisas que ele não podia contar

a Carol. Não era questão de discrição; era só que ele não sabia como se *expressar*.

Eles começaram a subir a ladeira. Bobby pegou uma ponta da corda e eles

andaram lado a lado, arrastando-a entre eles pela calçada. De repente

Bobby parou e apontou.

– Olhe.

Havia uma linha amarela de pipa presa em um dos ios elétricos que

cruzavam a rua acima. Ela pendia em uma curva que pareceu mais ou

menos um ponto de interrogação.

– Sim, eu estou vendo. – Carol disse, soando deprimida. Eles começaram a

andar novamente. – Ele deve ir embora hoje, Bobby.

– Ele não pode. A luta é hoje à noite. Se Albini vencer, Ted tem que pegar sua grana no salão de bilhar amanha de noite. Eu acho que ele precisa

muito da grana.

– Com certeza. – Carol disse. – Você só tem que olhar para as roupas dele

para ver que ele está quase falido. O que ele apostou provavelmente era o

último dinheiro que tinha.

As roupas dele. . isso é algo que apenas uma garota iria perceber , Bobby pensou, e abriu a boca para dizer isso para ela. Antes que ele pudesse, alguém atrás deles disse: "Oh, olha só isso. É a Bebê Gerber e o Bebê Xarope. Como vão, bebezinhos?

Eles olharam em volta. Pedalando lentamente enquanto subiam a ladeira

iam três garotos do St. Gabe em camisas alaranjadas. Dentro das cestas de

suas bicicletas estavam seus apetrechos de beisebol. Um dos garotos, um

marginal espinhento com uma cruz prateada pendurada ao seu pescoço

em uma corrente, tinha um bastão de beisebol caseiro preso às costas. *Ele*

acha que é Robin Hood, Bobby pensou, mas ele estava com medo. Eles eram

garotos grandes, garotos do ginásio, *garotos da escola paroquial*, e se eles decidissem que queriam colocá-lo no hospital, então para o hospital ele iria.

Garotos maus em camisas alaranjadas, ele pensou.

– Oi, Willie. – Carol disse para um deles (não para o marginal com o taco nas costas). Ela soou calma, até feliz, mas Bobby podia ouvir medo

in iltrado nela como uma asa de pássaro. – Eu assisti você jogar. Você fez uma boa pegada.

Aquele com quem ela falou tinha um rosto feio e deformado abaixo de

cabelos ruivos penteados para trás e acima de um corpo de homem. A

bicicleta na qual andava era ridiculamente pequena. Bobby achou que ele

parecia um ogro em uma história de contos de fadas.

– E o que te importa, Bebê Gerber? – ele perguntou.

Os três rapazes do St. Gabe emparelharam com eles. Então dois deles, o

com a cruz pendente e o que Carol havia chamado de Willie, avançaram

um pouco, saindo de cima de suas bicicletas, andando com elas. Com

crescente desespero, Bobby percebeu que ele e Carol haviam sido

cercados. Ele podia sentir o cheiro de mistura de suor e desodorante que

vinha das camisas alaranjadas dos rapazes.

– Quem é você, Bebê Xarope? – perguntou o terceiro rapaz do St. Gabe a Bobby. Ele inclinou-se por sobre o guidão da bicicleta para dar uma melhor

olhada. – Você é Gar ield? Você é, não é? Billy Donahue ainda está

procurando por você por causa daquela no inverno. Ele quer estourar seus

dentes. Talvez eu devesse estourar um ou dois bem aqui, para dar a ele um começo.

Bobby sentiu uma horrível sensação de embrulhamento em seu estômago,

algo como cobras em uma cesta. *Eu não vou chorar de novo*, ele disse a si mesmo. *O que quer que aconteça eu não vou chorar de novo, mesmo que eles me mandem para o hospital. E eu vou tentar protegê-la*.

Protegê-la de garotos grandes como estes? Que piada.

– Por que está sendo tão mau, Willie? – Carol perguntou. Ela falou

solenemente com o garoto de cabelo ruivo. – Você não é mau quando está

sozinho. Por que tem que ser mau agora?

Willie ruborizou. Isso, junto com seu cabelo ruivo escuro, mais escuro que

o de Bobby, fez com que ele parecesse estar pegando fogo do pescoço para

cima. Bobby achou que ele não gostaria que seus amigos soubessem que

ele poderia agir como um humano quando eles não estavam por perto.

– Cale a boca, Bebê Gerber! – ele rosnou. – Por que você não cala a boca e

beija seu namorado enquanto ele ainda tem dentes?

O terceiro rapaz usava um cinto de motoqueiro apertado e velhos sapatos

sociais cobertos de areia do campo de beisebol. Ele estava atrás de Carol.

Agora ele estava se aproximando, ainda andava com sua bicicleta, e pegou

o rabo de cavalo dela com as duas mãos. E então ele o puxou.

– *Ai*! – Carol quase gritou. Ela soou surpresa e também machucada. Ela se

esquivou com tanta força que quase caiu. Bobby a socorreu e Willie, que poderia ser legal quando não estava com seus amigos, de acordo com

Carol, riu.

– Por que fez isso? – Bobby berrou com o rapaz com o cinto de motoqueiro,

e as palavras saíram de sua boca como se ele houvesse as ouvido milhares

de vezes antes.

Tudo isso era como um ritual, as coisas que eram ditas antes dos

verdadeiros machucados e empurrões e antes que os primeiros punhos começassem a voar. Ele pensou novamente em *O Senhor das Moscas* (Ralph

fugindo de Jack e os outros). Ao menos na ilha de Golding havia uma selva.

Ele e Carol não tinham para onde fugir.

Ele diz “Porque eu quis”. É isso que vem em seguida.

Mas antes que o garoto do cinto apertado pudesse dizê-lo, Robin Hood com

o bastão caseiro nas costas disse por ele.

– Porque ele quis. O que vai fazer a respeito, Bebê Xarope? – Ele

subitamente jogou a mão, rápido como uma cobra, e estapeou Bobby no

rosto. Willie riu de novo.

Carol andou na direção dele.

– Willie, por favor, não. .

Robin Hood chegou nela, agarrou a frente da blusa de Carol, e a apertou.

– Já cresceram os peitinhos? Que nada, não muito. Você não é nada a não ser um Bebê Gerber. – ele a empurrou. Bobby, sua cabeça ainda latejando

pelo tapa, a pegou e pela segunda vez a impediu de cair.

– Vamos arrebentar esse veadinho. – disse o garoto do cinto de

motoqueiro. – Eu odeio a cara dele.

Eles se adiantaram, os pneus de suas bicicletas guinchando solenemente.

Então Willie deixou a sua cair de lado, como um pônei morto e foi até Bobby. Bobby levantou os punhos em uma débil imitação de Floyd

Patterson.

– Digam-me, garotos, o que está havendo? – Alguém perguntou atrás deles.

Willie havia abaixado um de seus próprios punhos. Ainda mantendo-os

cerrados, ele olhou por cima dos ombros. Assim também o fez Robin Hood

e o garoto do cinto de motoqueiro. Estacionado no meio- io estava um velho

Studebaker azulado com soleiras externas enferrujadas e um ímã de Jesus pregado no pára-lama. Parada à frente dele, parecendo extremamente

peituda e extremamente ampla nos quadris, estava a amiga de Anita

Gerber, Rionda. Roupas de verão nunca seriam suas amigas (mesmo aos

onze anos, Bobby entendia isto), mas naquele momento ela parecia uma

deusa com tênis.

– Rionda! – Carol gritou (sem chorar, mas quase). Ela abriu caminho

através de Willie e o garoto de cinto de motoqueiro. Nenhum deles fez

qualquer esforço para detê-la. Todos os três garotos do St. Gabe olhavam para Rionda. Bobby percebeu que olhava para o punho cerrado de Willie.

Às vezes Bobby acordava de manhã com seu bilau tão duro quanto uma

rocha, apontado para cima como um foguete lunar ou coisa assim.

Enquanto ia ao banheiro fazer xixi, com o tempo ele iria amolecendo e

encolhendo. O punho cerrado de Willie começava a encolher agora, o

punho relaxando de volta à formação original dos dedos, e a comparação

fez Bobby querer sorrir. Ele resistiu ao ímpeto. Se eles o vissem sorrindo agora, eles não poderiam fazer nada. Mais tarde, entretanto. . ou em outro

dia. .

Rionda pôs os braços ao redor de Carol e abraçou a garota contra seus

largos seios. Ela inspecionou os rapazes nas camisas alaranjadas e sorria.

Sorria e não fazia esforço para esconder.

– Willie Shearman, não é?

O braço do punho antes cerrado caiu ao seu lado. Resmungando, ele se

inclinou para pegar sua bicicleta.

– Richie O'Meara?

O garoto de cinto de motoqueiro olhou para os seus sapatos sociais

empoeirados e também resmungou alguma coisa. Suas bochechas

queimavam de vergonha.

– Um dos rapazes O'Meara, de qualquer forma, há tantos de vocês,

malditos, que eu não consigo acompanhar. – Seus olhos pularam para

Robin Hood. – E quem é você, garotão? É um dos Dedham? Você parece um

pouco com um deles.

Robin Hood olhou para as mãos. Ele usava um anel da classe em um dos dedos, e agora ele começava a torcê-lo.

Rionda ainda mantinha um braço ao redor dos ombros de Carol. Carol

tinha um dos seus próprios braços agarrado à cintura de Rionda, ao mais longe que conseguia.

Ela andou com Rionda, sem olhar para os rapazes, enquanto Rionda saia

da rua para a pequena faixa de grama entre o meio- io e a calçada. Ela ainda olhava para Robin Hood.

– É melhor me responder quando eu falo com você, ilhinho. Não será

di ícil achar sua mãe se eu quiser. Tudo o que tenho a fazer é perguntar ao

Padre Fitzgerald.

– Harry Doolin, sou eu. – o menino disse inalmente. Ele torcia seu anel da

classe mais rápido do que nunca.

– Ora, mas eu cheguei perto, não foi? – Rionda perguntou com prazer,

dando dois ou três passos para frente. Eles a levaram para a calçada. Carol,

com medo de se aproximar dos meninos, tentou pará-la, mas Rionda não

parou. – Dedhams e Doolins, todos casados juntos. Voltando agora mesmo

para o Condado da Rolha, tra-la-tra-li.

Não era Robin Hood, mas um garoto chamado Harry Doolin com um

estúpido bastão de beisebol feito em casa preso às costas. Não era Marlon

Brandon em "O Selvagem", mas um garoto chamado Richie O'Meara, que

não teria uma Harley para combinar com seus cintos por mais cinco anos. .

se é que algum dia teria uma. E Willie Shearman, que não se atrevia a ser

legal com uma garota quando estava com seus amigos. Tudo o que foi

necessário para que encolhessem ao seu tamanho natural foi uma mulher

acima do peso com tênis, que havia vindo ao resgate não em um garanhão

branco, mas em um Studebaker 1954. O pensamento deveria ter

confortado Bobby, mas não o fez. Ele percebeu que pensava no que

William Golding havia dito, que os meninos na ilha haviam sido resgatados

pela tripulação de um cruzador e bom para eles. . mas quem resgataria a tripulação?

Isso era idiota, ninguém nunca pareceu tanto não precisar de resgate como

Rionda Hewson naquele momento, mas as palavras ainda assombravam

Bobby. E se não *houvesse* adultos? Suponha que a idéia inteira de adultos seja uma ilusão. E se o dinheiro deles fossem apenas bolinhas de gude,

seus negócios não fossem nada mais do que trocas de igurinhas, suas

guerras apenas jogos de pistolas de água no parque? E se eles ainda

fossem crianças irritadas dentro de seus ternos e vestidos? Cristo, isso não

seria possível, seria? Era horrível demais pensar a respeito.

Rionda ainda olhava para os rapazes do St. Gabe com seu perigoso e duro

sorriso.

– Vocês três não iriam pegar nos pés de crianças mais novas e mais

inteligentes do que vocês, iriam? Uma delas sendo uma menina como suas

próprias irmãzinhas?

Eles icaram em silêncio, sem nem mesmo resmungar. Apenas mexiam os

pés.

– Tenho certeza de que não, porque isso seria uma coisa covarde de fazer,

não seria?

Novamente ela deu a eles a chance de responder e muito tempo para ouvir

seus próprios silêncios.

– Willie? Richie? Harry? Vocês não estavam pegando nos pés deles,

estavam?

– Claro que não. – Harry disse. Bobby achou que se ele continuasse a girar

o anel naquela velocidade, seu dedo provavelmente pegaria fogo.

– Se eu pensasse em uma coisa como essa. . – Rionda disse, ainda

ostentando seu perigoso sorriso. – . .eu teria que falar com o Padre

Fitzgeral, não teria? E o Padre, ele provavelmente sentiria que deveria

falar com seus pais, e *seus* pais provavelmente se sentiriam obrigados a esquentar seus traseiros. . e vocês iriam merecer, rapazes, não iriam? Por pegar no pé dos fracos e pequenos.

O silêncio dos três rapazes continuou, agora já estavam montados em suas

bicicletas ridiculamente pequenas.

– Eles pegaram no seu pé, Bobby? – Rionda perguntou.

– Não. – Bobby disse de uma vez.

Rionda pôs um dedo sob o queixo de Carol e levantou sua cabeça.

– Eles pegaram no *seu* pé, amorzinho?

– Não, Rionda.

Rionda sorriu para ela, e embora houvesse lágrimas nos olhos de Carol, ela

sorriu de volta.

– Bem, garotos. Acho que estão fora do anzol. – Rionda disse. – Eles

disseram que vocês não izeram nada que poderiam lhes causar um único

desconfortante minuto no confessionário. Eu diria que vocês devem a eles

votos de agradecimento, não?

Mais resmungos dos rapazes do St. Gabe. *Por favor, deixe isso pra lá*, Bobby pediu silenciosamente. *Não os faça realmente nos agradecer. Não esfregue os narizes deles nisso*.

Talvez Rionda tenha ouvido seu pensamento (Bobby agora tinha uma boa

razão para acreditar que tais coisas eram possíveis).

– Bem. – ela disse. – Talvez possamos pular essa parte. Vão para casa, meninos.

E Harry, quando você vir Moira Dedham, diga a ela que Rionda disse que ela ainda vai ao Bingo em Bridgeport toda semana, se ela quiser uma

carona.

– Com certeza. – Harry disse. Ele montou em sua bicicleta e pedalou ladeira

acima, os olhos ainda estavam na calçada. Se houvesse pedestres pelo

caminho ele provavelmente os teria atropelado. Seus dois amigos o

seguiram, pedalando depressa para alcançá-lo.

Rionda os assistiu irem, seu sorriso desaparecia lentamente.

– Minha nossa. – ela inalmente disse. – Problemas apenas esperando para

acontecerem. Bah, boa viagem para eles. Carol, você realmente está bem?

Carol disse que realmente estava bem.

– Bobby?

– Claro, estou bem. – Era necessária toda a disciplina que ele podia

arranjar para não começar a tremer na frente dela como uma gelatina de

morango, mas se Carol podia se segurar, ele também podia.

– Entre no carro. – Rionda disse para Carol. – Eu lhe darei uma carona até

sua casa. Você vá andando, Bobby, atravesse a rua e entre em casa. Esses

garotos terão esquecido tudo sobre você e minha menina Carol pela

manhã, mas hoje a noite pode ser mais inteligente se vocês dois

permanecerem em suas casas.

– Certo. – Bobby disse, sabendo que eles não esqueceriam nada pela

manhã, e muito menos pelo im da semana, e muito menos ainda pelo im

do verão. Ele e Carol teriam que ter cuidado com Harry e seus amigos por

um bom tempo. – Tchau, Carol.

– Tchau.

Bobby trotou pela Broad Street. Do outro lado ele parou, observando o

velho carro de Rionda subir até o apartamento onde viviam os Gerbers.

Quando Carol saiu, ela olhou de volta para o início da ladeira e acenou, Bobby acenou de volta, então subiu a varanda do 149 e entrou.

Ted estava sentado na sala de estar, fumando um cigarro e lendo a revista

Life.

Anita Ekberg estava na capa. Bobby não tinha dúvidas de que as maletas e

sacolas de papel estavam arrumadas, mas não havia sinal delas; ele devia

tê-las deixado lá em cima no seu quarto. Bobby estava feliz. Ele não queria

olhar para elas. Já era ruim o suficiente saber que elas estavam lá.

– O que você fez? – Ted perguntou.

– Não muito. – Bobby disse. – Eu acho que vou deitar na cama e ler até a hora do jantar.

Ele foi até seu quarto. Empilhados no chão ao lado de sua cama estavam três livros da seção de adultos da Biblioteca Pública de Harwich:

Engenheiros Cósmicos , Ed Clifford D. Simak; *O Mistério do Chapéu Romano,*

de Ellery Queen; e *Os Herdeiros* , de William Golding. Bobby escolheu *Os Herdeiros* e deitou com a cabeça no pé da cama e seus pés ainda calçados

com as meias no travesseiro. Havia homens da caverna na capa do livro,

mas eles eram desenhados de uma maneira quase abstrata, você nunca

veria homens da caverna como aqueles em uma capa de livro infantil. Ter

um cartão de biblioteca para adultos era bastante legal. . mas não legal quanto havia parecido no começo.

***

O *Olho Havaiano* estava passando às nove horas, e Bobby ordinariamente

teria sido proibido (sua mãe dizia que programas como *O Olho Havaiano* e

Os Intocáveis eram violentos demais para crianças e ordinariamente não teria deixado que ele os assistisse), mas esta noite sua cabeça continuava a

vagar para longe da história. A menos de cem quilômetros dali Eddie Albini

e Hurricane Haywood estariam lutando; a Garota de Lâminas de Gilete

Azul, vestida em roupas de banho azuis e usando salto-alto azul, estariam andando pelo ringue antes do começo de cada round segurando uma placa

com um número azul nela. 1. . 2. . 3. . 4. .

Às nove e meia Bobby não conseguiu decifrar quem era o culpado no

programa, e desistiu de imaginar que havia matado a socialite loira.

Hurricane Haywood cai ao oitavo round, Ted havia lhe dito; o Velho Gee sabia disso. Mas e se algo desse errado?

Ele não queria que Ted fosse, mas se ele tivesse que ir, Bobby não

agüentava o pensamento dele indo com a carteira vazia. Embora com

certeza isso não pudesse acontecer. . ou poderia? Bobby havia visto um

programa na TV onde um lutador deveria ter desistido e então mudou de

idéia. E se isso acontecesse hoje? Desistir era ruim, era trapacear (não brinca, Sherlock, qual foi a sua primeira pista?), mas e se Hurricane

Haywood não trapaceasse, Ted estaria com muitos problemas; “se

machucar pra valer”, era como Sully-John teria posto a coisa.

Nove e meia de acordo com o relógio na parede da sala de estar. Se a matemática de Bobby estivesse correta, o crucial oitava round já estaria a

caminho.

– O que está achando de *Os Herdeiros*?

Bobby estava tão aprofundado em seus pensamentos que a voz de Ted o fez pular. Na TV, Keenan Wynn

estava parado em frente a uma

escavadeira dizendo que caminharia dois quilômetros por um cigarro.

– É bem mais di ícil do que *O Senhor das Moscas*. – ele disse. – Parece que

há essas duas pequenas famílias de gente da caverna andando por aí, e

uma família é mais inteligente. Mas a outra família, a família burra, eles são

os heróis. Eu quase desisti, mas agora está icando mais interessante. Eu acho que vou continuar.

– A família que você conheceu primeiro, aquela com a menininha, eles são

os Neandertais. A segunda família (só que é uma tribo, Golding e suas

tribos), são os Cro-Magnons). Os Cro-Magnons são os herdeiros. O que

acontece entre os dois grupos satisfaz a de inição de tragédia: eventos

levando a um desfecho infeliz que não pode ser evitado.

Ted continuou, falando sobre as peças de Shakespeare e poema de Poe e

as novelas de um cara chamado Theodore Dreiser. Normalmente Bobby

teria icado interessado, mas hoje a noite sua mente continuava a viajar até

o Madison Square Garden. Ele podia ver o ringue, aceso de modo tão

selvagem quanto as mesas de sinuca do Canto do Bolso. Ele podia ouvir a multidão gritando enquanto Haywood entrava nele, beijando o surpreso

Eddie Albini com suas esquerdas e direitas. Haywood não iria facilitar a luta; como o pugilista no programa da TV, ao invés disso ele iria mostrar ao

outro cara um sério mundo de dor. Bobby podia sentir o cheiro de suor e

ouvir o pesado som das luvas acertando a carne. Os olhos de Eddie Albini

ficaram totalmente brancos. .

seus joelhos cederam. . o público estava de pé, gritando. .

– . .a idéia de destino como uma força da qual não se pode escapar parece

ter começado com os Gregos. Havia um dramaturgo chamado Eurípedes

que. .

– Ligue. – Bobby disse, e embora ele nunca houvesse fumado um cigarro

na vida (em 1964 ele estaria fumando um maço por semana), sua voz soou

tão áspera quanto a de Ted à noite, após um dia inteiro de Chesterfields.

– Perdão, Bobby?

– Ligue para o Sr. Files, e veja o que aconteceu na luta. – Bobby olhou para o relógio. Nove e quarenta e cinco. – Se já chegou ao oitavo, já deve ter terminado.

– Eu concordo que a luta terminou, mas se eu ligar para Files tão cedo ele

pode suspeitar de algo. – Ted disse. – O rádio também não adianta, essa luta não está no rádio, como ambos sabemos. É melhor esperar. É mais

seguro. Deixe-o acreditar que eu sou um homem de palpites inspirados. Eu

vou ligar às dez, como se eu esperasse que o resultado fosse uma decisão

ao invés de um nocaute. E enquanto isso, Bobby, não se preocupe. Eu lhe digo que isso é como um passeio no parque.

Bobby desistiu de vez de assistir *Olho Havaiano*; ele apenas sentou no sofá

e ouviu os atores falarem. Um homem gritou para um policial gordo

havaiano. Uma mulher de maiô branco correu para o mar. Um carro

perseguiu outro enquanto tambores decoravam a trilha sonora. Os

ponteiros do relógio se moveram, batalhando seu caminho do dez até o

doze como escaladores negociando seus últimos metros no Monte Everest.

O homem que havia matado a socialite se matou enquanto corria por um

campo de abacaxis e então *Olho Havaiano* finalmente terminou.

Bobby não esperou pelo trailer do próximo episódio; ele desligou a TV e disse:

– Ligue, ok? *Por favor*, ligue.

– Em um momento. – Ted disse. – Eu acho que tomei um refresco a mais além do meu limite. Minhas bexigas parecem ter encolhido com a idade.

Ele foi até ao banheiro. Houve uma pausa interminável, e o som de xixi caindo no bojo.

– Aaah! – Ted disse. Havia considerável satisfação em sua voz.

Bobby não podia mais icar sentado. Ele se levantou e começou a andar

pela sala de estar. Ele tinha certeza de que Tommy “Hurricane” Haywood

estava sendo fotografado agora em canto no Garden, machucado, mas

brilhando enquanto os lashes brancos eram jogados contra sua cara. A

Garota das Lâminas de Gilete Azul estaria lá com ele, seu braço em volta de

seus ombros, sua mão em sua cintura enquanto Eddie Albini estava atolado

em seu canto, esquecido, os olhos inchados quase fechados, ainda assim não completamente consciente da porrada que havia levado.

Quando Ted voltou, Bobby já estava desesperado. Ele sabia que Albini

havia perdido a luta e seu amigo havia perdido quinhentos dólares. Ted

icaria quando descobrisse que estava falido? Ele poderia. . mas e se os

homens maus viessem. .

Bobby assistiu, os punhos fechando e abrindo, enquanto Ted pegava o

telefone e discava.

– Relaxe, Bobby. – Ted lhe disse. – Vai ficar tudo bem.

Mas Bobby não conseguia relaxar. Suas tripas pareceram cheias de arame

farpado. Ted segurou o telefone contra a orelha sem dizer nada pelo que pareceu uma eternidade.

– Por que eles não *respondem*? – Bobby sussurrou ferozmente.

– Só tocou duas vezes, Bobby. Por que você não. . alô? Aqui é o Sr.

Brautigan ligando. Ted Brautigan? Sim, senhora, de hoje de manhã. –

Incrivelmente, Ted deu a Bobby uma piscada. Como ele podia estar tão

calmo? Bobby não achou que pudesse ser capaz de segurar o telefone

contra a orelha se estivesse no lugar de Ted, e muito menos piscar. – Sim,

senhora, ele está. – Ted virou-se para Bobby e falou, sem cobrir o bocal do

telefone. – Alanna quer saber como está sua namorada.

Bobby tentou falar e só conseguiu fazer uma brisa.

– Bobby diz que ela está bem. – Ted disse a Alanna. – Tão linda quanto um

dia de verão. Posso falar com Len? Sim, eu espero. Mas por favor, e fale sobre a luta. –

Houve uma pausa que pareceu eterna. Ted não demonstrava expressão

alguma. E desta vez quando ele se virou para Bobby, ele cobriu o bocal. –

Ela disse que Albini levou uma bela porrada no quinto, conseguiu se

segurar no sexto e sétimo, e então deu um belo gancho de direita do nada

e fez Haywood beijar a lona no oitavo. Hurricane apagou bonito. Que

surpresa, hein?

– Sim. – Bobby disse. Seus lábios pareceram entorpecidos. Era verdade, tudo. A esta hora, na Sexta-Feira de noite, Ted já teria ido embora. Com dois mil mangos no bolso você podia fazer várias fugas de vários homens maus; com dois mil mangos no bolso você podia pilotar o Grande Cão

Cinzento do céu ao inferno.

Bobby foi ao banheiro e colocou pasta em sua escova de dente. Seu terror

de que Ted havia apostado no lutador errado se fora, mas a tristeza da perda ainda estava lá, e continuava a crescer. Ele nunca teria adivinhado que algo que nunca havia acontecido poderia doer tanto. *Daqui a uma*

semana eu não vou lembrar o que ele tinha de tão. Em um ano eu dificilmente vou me lembrar dele.

Isso era verdade. Deus, era verdade?

Não, Bobby pensou. Sem chance. *Eu não vou deixar que aconteça*.

Na outra sala Ted conversava com Len Files. Pareceu ser uma conversa

bastante amigável, se desenrolando do jeito que Ted esperava. . e sim, aqui

estava Ted dizendo que tivera um palpite, um bem forte, do tipo que você

tinha apostar se quiser pensar em você mesmo como um esportista. Claro,

às nove e trinta da noite de amanhã seria ideal para o pagamento,

presumindo que a mãe de seu amigo estaria de volta às oito; se ela se atrasasse um pouco, Len o veria lá pelas dez ou dez e trinta. Estava tudo bem com isso?

Mais risadas de Ted, então parecia estar tudo certo para o gorducho

Lennie Files.

Bobby pôs a escova de dente de volta no copo de vidro no armário abaixo

do espelho e pôs as mãos no bolso. Havia algo lá que seus dedos não

reconheciam, não era parte das coisas usuais que icavam lá. Ele puxou o chaveiro de plástico verde, uma lembrancinha especial da parte de

Bridgeport da qual sua mãe não tinha conhecimento.

A parte do submundo. O CANTO DO BOLSO, BILHAR, SINUCA,

FLIPERAMAS.

KENMORE 8-2127.

Ele provavelmente já deveria tê-lo escondido (ou se livrado inteiramente), e então subitamente uma idéia veio até ele. Nada poderia realmente

animar Bobby Gar ield naquela noite, mas isto ao menos chegava perto: ele

daria o chaveiro para Carol Gerber, depois de precavê-la de nunca dizer a

mãe dele aonde ela tinha arranjado.

Ele sabia que Carol tinha ao menos duas chaves que poderia colocar nele (a do apartamento e a do diário que Rionda havia lhe dado de presente de

aniversário). Carol era três meses mais velha do que Bobby, mas ela nunca

passou isso na cara dele. Dar a ela o chaveiro seria um pouco como dizer que eles estavam prontos para ficarem firmes.

Ele tampouco teria que icar todo meloso e se envergonhar ao dizê-lo;

Carol saberia.

Isso era parte do que a fazia ser legal.

Bobby pousou o chaveiro no armário próximo ao copo de vidro, então foi

ao quarto colocar o pijama. Quando saiu, Ted estava sentado no sofá,

fumando um cigarro e olhando para ele.

– Bobby, você está bem?

– Acho que sim. Acho que tenho que estar, não é?

Ted assentiu.

– Acho que ambos temos que ficar.

– Eu voltarei a vê-lo? – Bobby perguntou, esperando no íntimo que Ted não

soasse como o Cavaleiro Solitário, falando daquele jeito canastrão de que algum dia eles voltariam a se encontrar, parceiro, ou coisa assim. . porque

não era uma coisa, essa palavra era gentil demais. A palavra certa era

"merda". Ele não achou que Ted houvesse mentido para ele alguma vez, e

ele não queria que ele começasse agora que estavam próximos do fim.

– Eu não sei. – Ted estudou seu cigarro, e quando olhou para cima, Bobby

viu que seus olhos nadavam em lágrimas. – Eu acho que não.

As lágrimas destruíram Bobby. Ele correu pela sala, querendo abraçar

Ted, *precisando* abraçar Ted. Ele parou quando Ted ergueu os braços e os

cruzou no peito de sua velha camisa surrada, sua expressão era uma

espécie de surpresa horrorizada.

Bobby permaneceu onde estava, seus braços ainda apartados para o

abraço.

Lentamente ele os abaixou. Sem abraços, sem toques. Era a regra, mas a

regra era horrível. A regra estava errada.

– Você vai escrever? – ele perguntou.

– Eu mandarei cartões postais. – Ted respondeu depois de pensar um

momento.

– Não diretamente para você, isto pode ser perigoso para ambos. O que eu

poderia fazer? Alguma idéia?

– Mande-os para Carol. – Bobby disse. Ele nem precisou parar para

pensar.

– Quando você contou para ela sobre os homens maus, Bobby? – Não havia

reprovação na voz de Ted. E por que haveria? Ele ia embora, não ia? Por toda a diferença que fez, o cara que escreveu a história sobre o ladrão de

carrinhos de supermercado poderia escrever isso para o jornal: VELHO

DOIDO FOGE DE ALIENÍGENAS INVASORES. As pessoas iriam ler umas

para as outras enquanto beberiam café e comeriam cereais, e então ririam.

Do que Ted havia chamado isso naquele dia? Humor negro de uma

pequena cidade, não é? Mas se era tão engraçado, por que machucava?

Por que machucava tanto?

– Hoje. . – ele disse em voz baixa. – Eu a vi no parque e tudo meio que. .

saiu.

– Acontece. – Ted disse gravemente. – Eu sei disso muito bem; às vezes a represa simplesmente cede. E talvez seja para o melhor. Você dirá a ela que eu posso querer te contatar através dela?

– Sim.

Ted bateu o dedo contra os lábios, pensando. Então assentiu.

– No topo dos cartões que eu mandar estará escrito *Para C*, ao invés de *Para Carol*. No fundo eu assinarei como *Um Amigo*. Desse modo ambos saberão quem escreve. Certo?

– Sim. – Bobby disse. – Legal. – Não era legal, nada disso era lega, mas teria

que servir.

Subitamente ele ergueu a mão, beijou os dedos, e soprou através deles.

Ted, sentado no sofá, sorriu, pegou o beijo, e o carimbou em sua bochecha

enrugada.

– É melhor ir para a cama agora, Bobby. Este foi um grande dia e já é tarde.

Bobby foi para a cama.

***

No começo ele achou que era o mesmo sonho de antes, Biderman,

Cushman, e Dean, caçando sua mãe pela selva da ilha de William Golding.

Então Bobby percebeu que as árvores e vinhas eram parte do papel de

parede, e que o chão sob os pés corredores de sua mãe eram o tapete

marrom. Não uma selva, mas um corredor de hotel.

Essa era a sua versão mental do Hotel Warwick.

O Sr. Biderman e os outros dois bananas ainda a perseguiam. E agora

também iam os rapazes do St. Gabe: Willie, Richie e Harry Doolin. Todos eles usavam aquelas maquiagens brancas e vermelhas, à base de tinta, no

rosto. Todos eles usavam gibões amarelos nas quais estavam desenhados

um olho brilhante e rubro: Fora os gibões, eles estavam nus. Suas partes íntimas subiam e desciam em ninhos emaranhados de pelos púbicos.

Todos, menos Harry Doolin, brandiam lanças; ele estava com seu bastão de beisebol. Ele havia sido aguçado em ambas as pontas.

– Matem a vadia! – Cushman berrou.

– Bebam o sangue dela! – Don Biderman gritou, e jogou sua lança em Liz Gar ield no momento em que ela virava em um corredor. A lança estava

presa, em uma das paredes pintadas de selva.

– En iem em sua boceta suja. – Gritou Willie (Willie que poderia ser legal quando não estivesse perto dos amigos). O olho rubro em seu peito

observava. Abaixo dele, seu pênis também parecia observar.

Corra, mãe! Bobby tentou gritar, mas nenhuma palavra saiu. Ele não tinha

boca, nem corpo. Ele estava lá, e ao mesmo tempo não estava. Ele voou ao

lado de sua mãe como sua própria sombra. Ele a ouviu engasgar a procura

de ar, viu sua boca aterrorizada e tremulante e suas meias rasgadas. Seu vestido caro também estava rasgado. Um de seus seios estava arranhado e

sangrava. Um de seus olhos estava quase fechado. Ela parecia ter lutado

uns rounds com Eddie Albini ou Hurricane Haywood. . ou ambos ao mesmo

tempo.

– Vou te abrir ao meio! – Richie urrou.

– Vou te comer viva! – Concordou Curis Dean (com um grito). – Vou beber seu sangue, espalhar suas tripas!

Sua mãe olhou para trás e seu pé (ela havia perdido os sapatos em algum lugar) enrolou-se no outro. *Não faça isso, mãe*, Bobby gritou. *Pelo amor de Deus, não faça isso.*

Como se ela o houvesse ouvido, Liz olhou novamente para frente e tentou correr mais rápido. Ela passou por um cartaz na parede:

POR FAVOR NOS AJUDE ACHAR NOSSA PORCA DE ESTIMAÇÃO

LIZ é nossa MASCOTE!

LIZ TEM 34 ANOS DE IDADE!

Ela é uma PORCA DE TEMPERAMENTO RUIM mas NÓS A AMAMOS!

Fará o que você quiser se você disser “EU PROMETO”

(OU)

TEM DINHEIRO NESSA! LIGUE PARA HOusitonic 5-8337

(OU)

TRAGA-A ao WILLIAM PENN GRILLE!

Pergunte pelos HOMENS MAUS EM CASACOS AMARELOS!

Lema: “NÓS COMEMOS **MAL PASSADO**”

Sua mãe viu o cartaz também, e desta vez quando seus calcanhares se entrelaçaram, ela *caiu*.

Levante-se, mãe! Bobby berrou, mas ela não o fez, talvez não pudesse fazê-lo.

Ela arrastou-se pelo tapete, olhando por cima dos ombros enquanto seguia, seu cabelo pendendo pelas bochechas e pela tenta em conjuntos suados.

As costas de seu vestido estavam dilaceradas, e Bobby podia ver tudo, suas calcinhas haviam desaparecido. Pior, as costas de suas coxas estavam

manchadas de sangue. O que haviam feito com ela?

Deus, o que eles haviam feito com sua mãe?

Don Biderman saiu do canto *a frente* dela, ele havia encontrado um atalho.

Os outros estavam atrás dele. Agora o pau do Sr. Biderman estava ereto do

jeito que o de Bobby icava de manhã antes de ele sair da cama e ir ao banheiro. Só que o pau do Sr.

Biderman era enorme, parecia um kraken, um trí ide, um monstro, e

Bobby achou que havia entendido o sangue nas pernas de sua mãe. Ele

não queria, mas achou que entendia.

Deixe-a em paz! Ele tentou gritar para o Sr. Biderman. *Deixe-a em paz, já não fez o bastante?*

O olho rubro no gibão amarelo do Sr. Biderman subitamente se abriu mais ainda. . e deslizou para um lado. Bobby estava invisível, seu corpo estava um mundo abaixo do redemoinho do pião. . mas o olho rubro o viu. O olho

rubro via *tudo*.

– Matem a porca, bebam o sangue. – O Sr. Biderman disse uma grossa,

quase irreconhecível voz, e começou a avançar.

– Matem a porca, bebam o sangue. – Bill Cushman e Curtis Dean se

juntaram ao coro.

Levante-se, mãe! Corra! Não deixe que a peguem!

Ela tentou. Mas mesmo quando ela tentou icar de pé, Biderman saltou na

direção dela. Os outros seguiram, se aproximando, e quando suas mãos

começaram a rasgar os restos de suas roupas de seu corpo, Bobby pensou:

Eu quero sair daqui, eu quero voltar para o pião do meu próprio mundo, faça com que pare e gire para o outro lado para que eu possa voltar para o pião do meu próprio quarto em meu próprio mundo. .

Exceto que não era um pião, e mesmo quando as imagens do sonho

começaram a se estilhaçar e escurecer, Bobby soube disso. Não era um

pião, mas uma torre, um eixo ereto pela qual toda a existência se movia e girava. Então ela desapareceu e por um momento houve um

misericordioso vazio. Quando ele abriu os olhos, seu quarto estava cheio da

luz do sol, luz do sol do verão em uma manhã de Quinta-Feira no último Junho da Presidência de Eisenhower.

9

Quinta-Feira Feia.

Uma coisa você podia dizer sobre Ted Brautigan: ele sabia como cozinhar.

O café-da-manhã que ele colocou na frente de Bobby, ovos mexidos,

torradas, bacon crocante, era muito melhor do que qualquer coisa que sua

mãe já havia feito para o café-da-manhã (a especialidade dela eram

grandes panquecas sem gosto que ambos afogavam no xarope da Tia Jenima), e tão bom quanto qualquer coisa que você poderia pedir no Café

Colony ou em Harwich. O único problema era que Bobby não estava com

apetite. Ele não conseguia lembrar os detalhes de seu sonho, mas ele sabia

que havia sido um pesadelo, e que ele havia chorado em algum ponto dele

(quando acordara, seu travesseiro estava úmido). Ainda assim, o sonho

não era a única razão pela qual ele se sentia triste e deprimido nesta manhã; sonhos, a inal de contas, não eram reais. A fuga de Ted, isso sim seria. E seria para sempre.

– Você vai embora depois que for ao Canto do Bolso? – Bobby perguntou

enquanto Ted se sentava com ele com seu próprio prato de ovos e bacon. –

Você vai, não vai?

– Sim, será mais seguro. – Ele começou a comer, mas lentamente e sem

aparente satisfação. Então ele estava se sentindo mal também. Bobby icou

feliz. – Eu direi à sua mãe que meu irmão em Illinois está doente. É tudo que ela precisa saber.

– Você vai tomar o Grande Cão Cinzento?

Ted sorriu brevemente.

– O trem provavelmente. Eu faço mais o tipo afortunado, lembra.

– Qual trem?

– É melhor se você não souber dos detalhes, Bobby. Não pode contar o que

não sabe. Ou ser forçado a contar.

Bobby pensou nisso brevemente, e então perguntou:

– Você vai se lembrar de mandar os cartões postais?

Ted pegou um pedaço de bacon, e então o posou novamente.

– Cartões postais, montes de cartões postais. Eu prometo. Agora, vamos

parar de falar sobre isso.

– Sobre o que deveríamos falar, então?

Ted pensou sobre isso, então sorriu. Seu sorriso era doce e aberto; quando ele sorriu, Bobby pôde ver o que devia ter sido os seus vinte anos, e sua força.

– Livros, é claro. – Ted disse. – Vamos falar sobre livros.

***

Aquele seria um dia quente e sufocante, isso icou claro lá pelas nove

horas.

Bobby ajudou com os pratos, secando e guardando, e então sentaram na

sala de estar, onde o ventilador de Ted fez seu melhor para circular o já cansado ar, e eles falaram sobre livros. . ou melhor, *Ted* falou sobre livros.

E nesta manhã, sem a distração da luta entre Albini e Haywood, Bobby

ouviu famintamente. Ele não entendeu tudo o que Ted dizia, mas ele

entendeu o su iciente para perceber que os livros faziam seu próprio

mundo, e que a Biblioteca Pública de Harwich não era um. A biblioteca não

era nada, mas um portal para aquele mundo.

Ted falou de William Golding e o que ele chamava de “fantasia distópica”, então seguiram para *A Máquina do Tempo* de H.G. Wells, sugerindo uma ligação entre os Morlocks e os Eloi e Jack e Ralph na ilha de Golding; ele falou sobre o que ele chamava de “únicas desculpas da literatura”, o que ele disse que signi icava explorar perguntas sobre inocência e experiência,

bem e o mal. Próximo ao im desta palestra improvisada, ele mencionou

uma novela chamada *O Exorcista*, que lidava com ambas estas questões (“no contexto popular”), e então

parou abruptamente. Ele balançou a

cabeça para clarear.

– O que houve? – Bobby tomou um gole do refresco. Ele ainda não gostava

muito dele, mas era a única bebida leve na geladeira. Além disso, estava gelado.

– No que eu estava pensando? – Ted passou a mão sobre sua testa, como se subitamente houvesse desenvolvido uma dor de cabeça. – Esse livro

ainda não foi escrito.

– O que quer dizer?

– Nada. Estou falando bobagens. Por que não vai passear um pouco?

Esticar as pernas? Eu acho que vou me deitar um pouco. Não dormi muito

bem na noite passada.

– Tudo bem. – Bobby achou que um pouco de ar fresco, mesmo sendo um

ar fresco quente, poderia fazer bem a ele. E embora fosse interessante

escutar Ted falar, ele começou a se perguntar se as paredes do

apartamento estavam se fechando nele. Era lembrar de que Ted estava

para zarpar, Bobby supôs. Agora aí estava uma triste e pequena rima para

você: se lembrar de que ele estava para zarpar.

Por um momento, enquanto ele voltar ao seu quarto para pegar sua luva

de beisebol, o chaveiro do Canto do Bolso passou por sua cabeça, ele iria dar para Carol para que ela soubesse que eles estavam irmes. Então ele

se lembrou de Harry Doolin, Richie O'Meara e Willie Shearman. Eles

estavam lá fora em algum lugar, com certeza estavam, e se eles o pegassem

sozinho, eles provavelmente o arrebentariam. Pela primeira vez em dois ou

três dias, Bobby achou-se desejando que Sully estivesse ali.

Sully era uma criança como ele, mas ele era durão. Doolin e seus amigos poderiam bater nele, mas Sully-John os faria pagar pelo privilégio. Mas S-J

estava no acampamento, e era assim que a coisa era.

Bobby nunca pensou em icar, ele não podia se esconder durante todo o

verão de tipos como Willie Shearman, isso seria loucura, mas enquanto ele

saia ele lembrou a si mesmo de que deveria ter cuidado, teria que estar com um olho na rua e o outro atrás da cabeça. Enquanto ele pudesse vê-los

se aproximarem, não haveria problema.

Com os rapazes do St. Gabe em sua cabeça, Bobby saiu do 149 sem

qualquer pensamento sobre o chaveiro, sua lembrancinha especial do

submundo. Ele ainda estava no armário do banheiro, próximo ao copo de

vidro, exatamente onde ele havia deixado na noite anterior.

***

Ele caminhou por toda Harwich, ao que pareceu, da Broad Street até o

Parque Commonwealth (não havia rapazes do St. Gabe no Campo C hoje; o

time da Legião Americana estava lá, treinando rebatidas e espantando

moscas sob o sol quente), do parque à praça, da praça à estação

ferroviária. Enquanto estava na recente banca em um quiosque sob a passarela da ferrovia, olhando para os livros de capa mole (Sr. Burton, o dono do lugar, deixaria você olhar por um tempo, contanto que você não

tocasse no que ele chamava de “mercadorria”, o apito da cidade foi

acionado, assustando ambos.

– Santa mãe de Deus, mas o que foi isso? – o Sr. Burton perguntou

indignado.

Ele havia deixado cair pacotes de chiclete por todo o chão, e agora se ajoelhava para catá-los, seu avental cinzento pendendo. – Não é nem onze

e meia ainda!

– É cedo mesmo. – Bobby concordou, e deixou a banca logo depois. Ver as

novidades havia perdido seu encanto para ele. Ele andou pela a Avenida

River, parando na padaria Tip-Top para comprar metade de um pão de

ontem (dois centavos) e para perguntar a Georgie Sullivan como S-J estava.

– Ele está bem. – disse o irmão mais velho de S-J. – Recebemos um cartão postal na Terça-Feira, ele diz que está com saudade da família e que quer vir para casa.

Recebemos um na Quarta-Feira onde ele diz que está aprendendo a nadar.

O desta manhã dizia que ele está tendo o melhor momento de sua vida. – ele riu, um grande garoto irlandês com grandes braços e ombros irlandeses. – Pode ser que ele queira icar pra sempre, mas mamãe sentiria saudades dele se ele ficasse por lá. Você vai alimentar alguns patos com um pouco disso?

– É, como sempre.

– Não deixe que mordam seus dedos. Aqueles malditos patos do rio carregam doenças. Eles. .

Na praça da cidade, o relógio do Prédio Municipal começou a badalar como se fosse meio-dia, embora ainda faltasse um quarto de hora para isso.

– O que está acontecendo hoje? – Georgie perguntou. – Primeiro o apito soa cedo, agora o maldito relógio está desregulado.

– Talvez seja o calor. – Bobby disse.

Georgie olhou para ele sem acreditar muito.

– Bem. . é uma explicação tão boa quanto qualquer outra.

É, Bobby pensou, saindo. *E uma bem mais segura do que outras*.

***

Bobby desceu a Avenida River, mastigando seu pão enquanto andava.

Quando achou um banco próximo ao Rio Housatonic, a maior parte do pão já havia desaparecido pela sua garganta. Os patos vieram rebolando

avidamente dos arbustos e Bobby começou a espalhar as migalhas para

eles, sempre impressionado com o jeito voraz com que corriam para as

migalhas e com o jeito com que jogavam as cabeças para trás para comê-

las.

Depois de um tempo ele começou a icar sonolento. Ele observou o rio,

para as redes de luzes brilhantes re letidas na super ície, e icou ainda mais sonolento. Ele havia dormido na noite passada, mas o sono não havia

sido agradável. Ele começou a cochilar com as mãos cheias de migalhas de

pão. Os patos haviam terminado com o que havia na grama e começavam a

se aproxima dele, grasnando em baixas e ruminantes notas. O relógio da

praça badalou duas horas quando era na verdade doze e vinte, fazendo as

pessoas no centro balançarem a cabeça e perguntarem uns aos outros, o

que diabos estava acontecendo. O cochilo de Bobby aumentou seu grau, e

quando uma sobra caiu sobre ele, ele não a viu nem a sentiu.

– Ei. Garoto.

A voz era quieta e intensa. Bobby sentou-se com um sobressalto, suas

mãos se abrindo e espalhando o restante do pão. As cobras começaram a

se movimentar dentro de sua barriga novamente. Não era Willie

Shearman, ou Richie O'Meara, ou Harry Doolin o acordando, ele sabia

disso, mas Bobby quase desejou que fosse um deles. Até mesmo todos os

três. Uma sova não era o pior que lhe poderia acontecer. Não, não era o pior. Caramba, mas por que ele tinha que ter *caído no sono*?

– Garoto.

Devagar e fazendo barulho ao fazê-lo, Bobby se virou. O casaco do homem seria amarelo e em algum lugar nele haveria um olho, um olho rubro que

espreitava.

Mas o homem que estava lá de pé vestia um terno de verão, salientado por

uma barriguinha que começava a se tornar um barrigão, e Bobby então

percebeu que ele não era um *deles*, a inal. Não havia coceira atrás dos olhos, nem manchas negras em seu campo de visão. . mas a coisa mais

importante era que essa não era uma *criatura* ingindo ser uma pessoa; *era* uma pessoa.

– O que é? – Bobby perguntou, sua voz era baixa e enfadonha. Ele ainda não conseguia acreditar que havia caído no sono, que havia apagado

daquele jeito. – O que você quer?

– Te dou duas pratas se me deixar te chupar. – o homem de terno disse.

Ele pôs a mão no bolso do terno e tirou a carteira. – Podemos ir atrás daquela árvore lá atrás.

Ninguém nos verá. E você vai gostar.

– Não. – Bobby disse, se levantando. Ele não tinha total certeza do que o homem de terno estava falando, mas ele tinha uma boa idéia. Os patos

recuaram, mas o pão era muito tentador para resistir, e eles voltaram,

brincando e dançando ao redor dos tênis de Bobby. – Eu tenho que ir para

casa agora. Minha mãe. .

O homem se aproximou, ainda segurando a carteira. Era como se ele

houvesse decidido dar tudo para Bobby, que esquecesse as duas pratas.

– Você não tem que fazer em mim, eu faço em você. Vamos, o que diz?

Aumento para três dólares. – a voz do homem tremia agora, subindo e

descendo uma escala, em um momento parecia rir, no outro quase chorar.

– Você pode ir ao cinema por um mês com três dólares.

– Não, realmente, eu. .

– Você vai gostar, todos os meus garotos gostam. – ele avançou para Bobby

e subitamente Bobby pensou em Ted segurando-o pelos ombros, Ted

colocando as mãos atrás do seu pescoço, Ted o aproximando, até que estivessem quase pertos o su iciente para se beijarem. Mas isso não era

igual. . e ao mesmo tempo era. De algum modo era.

Sem pensar no que fazia, Bobby se abaixou e pegou um dos patos. Ele o ergueu em um grasnado surpreso enquanto agitava o bico, asas e as patas,

ele teve um vislumbre de um olho negro como pérola, e então o jogou

contra o homem de terno. O

homem gritou e ergueu as mãos para proteger o rosto, deixando a carteira

cair.

Bobby correu.

***

Ele atravessava a praça, voltando para casa, quando viu um cartaz preso a

um poste telefônico do lado de fora de uma loja de doces. Ele andou até ele

e o leu em silêncio, aterrorizado. Ele não conseguia lembrar-se do sonho da

noite anterior, mas algo como isto estivera nele. Ele tinha certeza.

VOCÊ VIU BRAUTIGAN!

Ele é um VELHO CÃO MESTIÇO mas NÓS O AMAMOS!

BRAUTIGAN tem PÊLO BRANCO e OLHOS AZUIS!

Ele é AMIGÁVEL!

Irá COMER MIGALHAS DE SUA MÃO!

Nós pagaremos UMA GRANDE RECOMPENSA

($$$$)

SE VOCÊ VIR BRAUTIGAN! LIGUE PARA HOusitonic 5-8337!

(OU)

TRAGA BRAUTIGAN até a Avenida Highgate nº 745!

Lar da FAMÍLIA SAGAMORE!

Este não é um bom dia, Bobby pensou, vendo sua mão arrancar o cartaz do

poste telefônico. Além dele, pendendo em uma lâmpada da marquise do

Cinema Harwich, ele viu um io azul de pipa. Este não é um bom dia

mesmo. Eu nunca deveria ter saído do apartamento. Na verdade, eu

deveria ter ficado na cama.

HOusitonic 5-8337, que nem o cartaz sobre Phil, o Corgi Galês. . exceto que

se houvesse um posto de achados e perdidos HOusitonic em Harwich,

Bobby nunca havia ouvido falar dela. Alguns números havia no posto de

Harwich. Outros em Commonwealth. Mas HOusitonic? Não. Não lá, nem

mesmo em Bridgeport.

Ele amassou o cartaz em o jogou na lixeira no canto que dizia MANTENHA

NOSSA CIDADE LIMPA E VERDE, mas do outro lado da rua ele achou outro

exatamente igual. Mais adiante ele achou um terceiro perto de uma caixa

de correio na esquina. Ele os rasgou também. Os homens maus ou estavam

se aproximando, ou estavam desesperados. Talvez ambos. Ted não poderia

sair o dia todo, Bobby teria que contar a ele. E ele teria que estar pronto para correr. Ele contaria isso também.

Bobby cortou caminho pelo parque, quase tropeçando na pressa para

chegar em casa, e ele mal ouviu o pequeno, grito arfante que veio de sua esquerda enquanto ele passava pelos campos de beisebol:

– Bobby. .

Ele parou e olhou através da alameda de árvores para onde Carol o havia

levado no dia anterior quando ele começou a chorar. E quando o grito veio

novamente, ele percebeu que era *ela*.

– Bobby se é você, por favor, me ajude. .

Ele virou no caminho de cimento e foi até o pequeno bosque. O que ele viu

lá o fez largar a luva de beisebol no chão. Era um modelo Alvin Dark, aquela luva, e mais tarde ela havia desaparecido. Alguém viera até ali e a roubara, ele supôs, mas e daí?

Enquanto o dia prosseguia, sua luva de beisebol era a menor de suas

preocupações.

Carol estava sentada na mesma árvore em que ela o havia confortado. Seus joelhos estavam juntos do peito. Seu rosto estava cinza. Círculos negros circundavam seus olhos, a fazendo parecer um guaxinim. Um ilete de sangue saia de uma de suas narinas. Seu braço esquerdo jazia em seu diafragma, esticando sua camisa contra as pequenas saliências que se tornariam seios em um ou dois anos. Ela segurava o cotovelo daquele braço em uma mão.

Ela vestia shorts e uma blusa feminina de mangas longas e babados, o tipo de coisa que penetrava em sua cabeça. Mais tarde, Bobby iria pôr a maior parte da culpa naquela estúpida blusa dela. Ela devia estar usando-a para se proteger de queimaduras do sol; era a única razão em que ele podia pensar sobre usar mangas longas em um dia tão quente. Ela que havia escolhido, ou havia sido a Sra. Gerber que a forçara a usá-la?

Isso importava? Sim, Bobby pensaria quando haveria tempo. Importava, pode apostar que importava.

Mas por agora, a blusa de mangas compridas era uma coisa periférica. A única coisa que ele notou no primeiro instante foi a parte superior do braço esquerdo de Carol.

Parecia que havia não um, mas dois ombros.

– Bobby. – Ela disse, olhando para eles, com olhos brilhantes e ofuscados.

– Eles me machucaram.

Ela estava em choque, é claro. Ele mesmo estava em choque, funcionando apenas por instinto. Ele tentou pegá-la, mas ela gritou de dor, meu Deus, que som.

– Eu vou correr e arranjar ajuda. – ele disse, repousando suas costas. – Fique aqui e tente não se mover.

Ela balança a cabeça, com cuidado para não sacudir o braço. Seus olhos

azuis estavam quase negros de dor e terror.

– Não, Bobby, não, não me deixe aqui, e se eles voltarem? E se voltarem e

me machucarem mais? – Partes do que aconteceu naquela longa e quente Quinta-Feira estiveram perdidas para ele, perdidas em um choque de

ondas, mas esta parte sempre esteve clara: Carol olhando para ele e

dizendo *E se voltarem e me machucarem mais?*

– Mas. . Carol. .

– Eu posso andar. Se você me ajudar, eu posso andar.

Bobby tentou passar um braço ao redor da cintura dela, esperando que ela

não gritasse novamente. Isso seria ruim.

Carol lentamente se ergueu, usando o tronco da árvore para servir de

apoio. Seu braço esquerdo se moveu enquanto o fazia. Aquele grotesco

ombro duplo inchou e flexionou. Ela gemeu, mas não gritou, graças a Deus.

– É melhor parar. – Bobby disse.

– Não, eu quero sair daqui. Ajude-me. Oh, Deus, como dói.

Assim que ela se levantou de vez, pareceu melhorar. Eles saíram da

alameda lentamente, lado a lado, com uma solenidade de um casal que

estaria para se casar.

Além das sombras das árvores, o dia pareceu ainda mais quente do que

antes, e tão brilhante que poderia cegar. Bobby olhou em volta e não viu ninguém. Em algum lugar, dentro do parque, um bando de garotos

(provavelmente os Pardais ou os Pintarroxos do Clube Sterling) estava

cantando uma canção, mas a área dos campos de beisebol estava deserta:

sem crianças, sem mães levando seus bebês em carrinhos, nem havia sinal

do O icial Raymer, o policial local que às vezes te comprava um sorvete ou

um pacote de amendoins se estivesse de bom humor. Todos estavam em

suas casas, se escondendo do calor.

Ainda movendo-se lentamente, Bobby com o braço em volta da cintura de

Carol, andaram pelo caminho que saia da esquina da Commonwealth com a

Broad. A ladeira da Broad Street estava tão deserta quanto o parque; o

pavimento cintilava como o ar sobre um incinerador. Não havia um único

pedestre ou carro à vista.

Eles subiram na calçada e Bobby estava para perguntar se ela conseguiria atravessar a rua quando Carol disse em voz alta e sussurrante:

– Oh, Bobby, estou desmaiando.

Ele olhou para ela alarmado e viu seus olhos rolarem e icarem totalmente

brancos. Ela balançou para frente e para trás como uma árvore que

houvesse sido cortada quase totalmente. Bobby inclinou-se, movendo-se

sem pensar, pegando-a pela cintura e costas enquanto seus joelhos cediam.

Ele estivera bem ao lado dela e conseguiu fazê-lo sem machucar seu braço

esquerdo mais do que já estava; também, mesmo desmaiada, Carol

manteve sua mão direita sobre seu cotovelo esquerdo, segurando o braço

quase firmemente.

Carol Gerber era da altura de Bobby, talvez um pouco mais alta, e próxima

de seu peso. Ele deveria ser incapaz de mesmo cambalear com ela em seus

braços pela Broad Street, mas as pessoas em choque são capazes de

incríveis explosões de força.

Bobby a carregou, sem cambalear; sob aquele queimante sol de Junho ele

correu.

Ninguém o parou, ninguém o perguntou o que havia de errado com aquela

garotinha, ninguém ofereceu ajuda. Ele podia ouvir carros na Avenida

Asher, mas esta parte do mundo pareceu assustadora como Midwich, onde

todos haviam caído no sono de uma vez.

Levar Carol até a mãe dela nunca passou por sua cabeça. O apartamento

dos Gerber era lá em cima da ladeira, mas esse não era o motivo. Ted era

tudo em que Bobby podia pensar. Ele tinha que levá-la a Ted. Ted saberia

o que fazer.

Sua força sobrenatural começou a desaparecer enquanto ele escalava os

degraus da varanda de seu prédio. Ele cambaleou, e o grotesco ombro

duplo de Carol bateu na grade. Ela enrijeceu em seus braços e chorou,

seus olhos semicerrados agora se abrindo.

– Quase lá. – ele disse a ela em um sussurro que não soou muito parecido

com sua própria voz. – Quase lá, desculpe por bater seu ombro, mas

estamos quase. .

A porta se abriu e Ted saiu. Ele estava vestindo uma calça cinza e uma camisa sem mangas. Suspensórios desciam até os joelhos em laços. Ele

pareceu surpreso e preocupado, mas não assustado.

Bobby conseguiu subir o último degrau e então balançou para trás. Por um

terrível momento ele achou que iria desabar, talvez rachar a cabeça na

calçada de cimento. Então Ted o segurou e o deixou firme.

– Dê ela para mim.

– Passe para o outro lado dela primeiro. – Bobby ofegou. Seus braços

tremiam como cordas de violão e seus ombros pareciam estar em chamas.

– Esse é o lado machucado.

Ted aproximou e icou próximo a Bobby. Carol olhava para ambos, seu

cabelo loiro pendendo sob os pulsos de Bobby.

– Eles me machucaram. – ela sussurrou para Ted. – Willie. . Eu pedi para que ele os fizesse parar, mas

ele não fez nada.

– Não fale. – Ted disse. – Você vai ficar bem.

Ele a tomou de Bobby do modo mais gentil que pôde, mas não puderam

evitar que o braço esquerdo dela balançasse um pouco. O ombro duplo

moveu-se sob a blusa branca. Carol gemeu, e começou a chorar. Sangue

fresco saia de sua narina direita, uma gota vermelha e brilhante caiu em sua pele. Bobby teve um clarão momentâneo de seu sonho da noite

passada: o olho. O olho rubro.

– Segure a porta para mim, Bobby.

Bobby a segurou aberta. Ted carregou Carol pela entrada até o

apartamento dos Gar ield. Ao mesmo tempo, Liz Gar ield descia os degraus

de ferro que levavam à parada de Harwich de Nova York, New Haven, e a

Ferrovia Hartford até a Main Street, onde havia um táxi esperando. Ela

caminhou com uma ponderação vaga de um inválido crônico. Uma mala

pendia em cada mão. Aconteceu que o Sr. Burton, proprietário da banca no

quiosque, estava na entrada dela, fumando um cigarro. Ele assistiu Liz

descer os degraus, afastar o véu de seu pequeno chapéu, e tocar

levemente seu rosto com um lencinho. Ela fez uma careta a cada toque. Ela

estava usando maquiagem, um monte dela, mas a maquiagem não ajudava.

A maquiagem apenas chamava mais atenção pelo que havia acontecido a

ela. O véu estava melhor, embora ele apenas cobrisse a parte superior de

seu rosto, e então ela o abaixou novamente. Ela se aproximou do primeiro

dos três táxis vagos, e o motorista saiu para ajudá-la com as malas.

Burton icou pensando em quem havia feito aquilo com ela. Ele esperou

que quem quer que houvesse sido, que neste momento estivesse

recebendo uma massagem craniana de algum policial parrudo com um

cassetete grosso. Uma pessoa que izera algo como aquilo em uma mulher

não mereceria menos. Uma pessoa que faria algo como aquilo para uma

mulher não deveria ficar a solta. Essa era a opinião de Burton.

***

Bobby achou que Ted colocaria Carol no sofá, mas ele não o fez. Havia uma

cadeira reta na sala de estar e foi nela onde ele sentou, segurando-a no colo. Ele a segurou do mesmo modo que o Papai Noel fazia com as crianças,

na loja de departamentos do Grant, que vinham para pedir para sentar

com ele no trono.

– Onde mais você está machucada? Além do ombro?

– Eles me bateram no estômago. E do lado.

– Qual lado?

– O direito.

Ted gentilmente levantou sua blusa naquele lado. Bobby soltou o ar sob

seu lábio inferior quando viu o hematoma que corriam diagonalmente

pelas suas costelas.

Ele reconheceu o formato de um bastão de beisebol no mesmo instante. Ele

sabia a quem pertencia aquele bastão: Harry Doolin, o marginal

espinhento que se via como Robin Hood em alguma louca fantasia de sua

imaginação. Ele, Richie O'Meara e Willie Shearman haviam encontrado-a no

parque, e Harry havia trabalhado nela com seu bastão, enquanto Richie e

Willie a seguravam. Todos os três riam e a chamavam de Bebê Gerber.

Talvez houvesse sido isso que havia começado a piada e então a coisa

icara fora de controle. Não havia sido exatamente isso que acontecera em *O Senhor das Moscas*? As coisas ficaram um pouco fora de controle?

Ted tocou a cintura de Carol; seus dedos retorcidos se espalharam e então

lentamente deslizaram até seu lado. Ele fez isso com a cabeça inclinada, como se estivesse ouvindo ao invés de tocando. Talvez estivesse. Carol

arfou quando ele alcançou o hematoma.

– Dói? – ele perguntou.

– Um pouco. Não tanto como meu om-ombro. Eles quebraram meu braço,

não quebraram?

– Não, eu acho que não. – Ted respondeu.

– Eu o ouvi estalar. E eles também. Foi aí que fugiram.

– Tenho certeza de que ouviu. Sim, de fato.

Lágrimas escorriam sobre suas bochechas e seu rosto ainda estava

acinzentado, mas Carol parecia mais calma agora. Ted segurou a blusa dela

até sua axila e olhou para o hematoma. *Ele sabe o que isso signi ica tanto quanto eu*, Bobby pensou.

– Quantos havia lá, Carol?

Três. Bobby pensou.

– Tr-três.

– Três garotos?

Ela assentiu.

– Três garotos contra uma garotinha. Eles devem ter icado com medo de

você.

Eles devem ter achado que você era uma leoa. Você é uma leoa, Carol?

– Eu queria ser. – Carol disse. Ela tentou sorri. – Eu queria ter podido rugir

e fazê-los fugir. Eles me m-m-machucaram.

– Eu sei que sim. Eu sei. – Sua mão deslizou pelo lado dela e ele a colocou em forma de concha no hematoma de suas costelas. – Respire.

O hematoma inchou contra a mão de Ted; Bobby podia ver a forma

púrpura entre seus dedos manchados de nicotina.

– *Isso* dói?

Ela balançou a cabeça.

– Não dói respirar?

– Não.

– E quando suas costelas vão contra minha mão?

– Nada. Só belisca. O que dói é. . – ela olhou rapidamente para a terrível forma de seu ombro duplo, e então olhou para o outro lado.

– Eu sei. Pobre Carol. Pobre querida. Vamos chegar nessa parte. Aonde

mais eles te bateram. No estômago, você disse?

– Sim.

Ted subiu a blusa na frente. Havia outro hematoma, mas este não pareceu

tão fundo ou violento. Ele passou a mão nele gentilmente, primeiro acima do umbigo e então abaixo dele. Ela disse que não havia dor como em seus

ombros, que sua barriga estava apenas dolorida como suas costelas.

– Eles não te bateram nas costas?

– N-não.

– E na sua cabeça e pescoço?

– Não, só do meu lado e meu estômago, então eles me bateram no ombro e

então aconteceu o estalo, eles o ouviram e fugiram. Eu achava que Willie Shearman era legal. – ela deu a Ted um olhar lastimável.

– Vire a cabeça para mim, Carol. . bom. . agora do outro lado. Não dói quando você vira?

– Não.

– E tem certeza de que nunca bateram em sua cabeça.

– Não. Digo, sim. Tenho certeza.

– Garota sortuda.

Bobby icou imaginando como diabos Ted poderia achar que Carol era

sortuda.

O braço dela não parecia só estar quebrado; parecia estar destruído pela metade. De repente ele pensou em galinha assada. O jantar de Domingo, e

o som que a coxa de galinha fazia quando você a quebrava. Seu estômago

deu um nó. Por um momento achou que iria vomitar seu café-da-manhã e

seu pão de ontem que havia sido seu almoço.

Não, ele disse a si mesmo. *Agora não, você não pode. Ted já tem problemas demais sem te adicionar na lista*.

– Bobby? – a voz de Ted era clara e a iada. Ele soou como um cara com mais soluções do que problemas, e ele estava aliviado por isso. – Você está

bem?

– Sim. – e ele achou que era verdade. Seu estômago começara a se

aquietar.

– Bom. Você fez bem em trazê-la para cá. Pode me ajudar mais um pouco?

– Sim.

– Eu preciso de uma tesoura. Pode me achar uma?

Bobby foi até o quarto de sua mãe, abriu a gaveta mais alta de seu guarda-

roupa, e tirou a cesta de costura dela. Dentro dela havia uma tesoura de tamanho médio. Ele correu de volta para a sala de estar e a mostrou para

Ted.

– Esta serve?

– É ótima. – ele disse, a pegando. – Eu vou cortar sua blusa, Carol. Me

desculpe, mas eu tenho que olhar o seu ombro e eu não quero te machucar mais do que posso te ajudar.

– Tudo bem. – ela disse, e novamente tentou sorrir. Bobby estava um

pouco admirado com a bravura dela; se o ombro *dele* estivesse parecido com aquilo ele provavelmente estaria se debatendo como uma ovelha

presa no arame farpado.

– Você pode usar uma das camisetas de Bobby. Não pode, Bobby?

– Claro, eu não me importo com alguns piolhos.

– *Engraçadinho*. – Carol disse.

Trabalhando cuidadosamente, Ted cortou a blusa nas costas e na frente.

Com isso feito ele puxou os dois pedaços como uma casca de ovo. Ele tomou

muito cuidado do lado esquerdo, mas Carol soltou um grito quando os

dedos de Ted roçaram em seu ombro. Bobby pulou e seu coração, que já

estava tranqüilo, começou uma nova corrida.

– Me desculpe. – Ted murmurou. Minha nossa. Olhe para isto.

O ombro de Carol estava feio, mas não tão ruim quanto Bobby havia

temido, talvez algumas coisas fossem enquanto você as encara. O segundo

ombro estava maior do que o normal, e a pele estava tão esticada que

Bobby não entendeu como ela não rasgou. A pele também havia adquirido

uma peculiar coloração lilás.

– É muito ruim? – Carol perguntou. Ela olhava para a outra direção, através

da sala. Seu rosto tinha aquele faminto olhar de uma criança da UNICEF.

Enquanto Bobby observava, ela nunca olhou novamente para seu ombro

ferido depois daquele pequeno susto. – Eu vou icar no hospital o verão

todo, não é?

– Eu não acho que você vai para um hospital.

Carol olhou para o rosto de Ted, admirada.

– Não está quebrado, criança, apenas deslocado. Alguém te acertou no

ombro. .

– Harry Doolin. .

– . .forte o bastante para arrancar o osso superior de seu braço esquerdo de seu encaixe. Eu posso colocá-lo de volta, eu acho. Você agüenta um ou dois momentos de dor se souber que as coisas vão melhorar depois?

– Sim. – ela disse de uma vez. – Conserte, Sr. Brautigan. Por favor, conserte.

Bobby olhou para ele um pouco intrigado.

– Você realmente pode fazer isso?

– Sim. Dê-me seu cinto?

– *Hein*?

– Seu cinto. Dê ele para mim.

Bobby tirou um cinto, um quase novo que ele havia ganhado no Natal, das

calças e o entregou a Ted, que o pegou sem nem tirar os olhos de Carol.

– Qual é o seu último nome, docinho?

– Gerber. Eles me chamaram de Bebê Gerber, mas eu não sou um bebê.

– Tenho certeza de que não é. E é aqui onde você vai prová-lo. – ele icou de pé, a colocou na cadeira, então se ajoelhou perante ela como um cara em algum ilme antigo, pronto para pedir alguém em casamento. Ele

enrolou o cinto de Bobby duas vezes em suas grandes mãos, então a

cutucou na mão boa até que ela soltasse o cotovelo e fechasse a mão por sobre a fivela. – Ótimo. Agora o coloque na boca.

– Colocar o *cinto* de Bobby na minha boca. – o olhar de Ted nunca a deixou.

Ele começou a afagar o braço bom dela, do cotovelo ao punho. Seus dedos

percorrendo o antebraço. . parando. . subindo e então descendo de volta

até o cotovelo. . percorrendo novamente seu antebraço. *É como se ele a estivesse hipnotizando,* Bobby pensou, mas não havia nada de "como" sobre

isso; Ted estava a hipnotizando. Suas pupilas começaram a fazer aquela

coisa esquisita novamente, crescendo e diminuindo. .

crescendo e diminuindo. . crescendo e diminuindo. Seus movimentos e os

movimentos dos dedos estavam exatamente no mesmo ritmo. Carol olhou para seu rosto, seus lábios entreabertos.

– Ted. . seus *olhos*. .

– Sim, sim. – ele soou impaciente, não muito interessado no que seus olhos

faziam. – A dor sobe, Carol, você sabia disso?

– Não. .

Os olhos dela estavam nos dele. Seus dedos estavam no braço dela,

subindo e descendo. Subindo. . e descendo. As pupilas dele como uma vaga

batida de coração.

Bobby conseguia ver Carol relaxando na cadeira. Ela ainda segurava o

cinto, e quando Ted parou de alisá-la longo o bastante para tocar as costas

da mão dela, ela a levantou até o rosto sem protestar.

– Oh, sim. – ele disse. – A dor sobe de sua origem até o cérebro. Quando eu

colocar seu ombro de volta ao encaixe, vai haver muita dor, mas você vai pegar a maior parte dela na sua boca enquanto ela sobe ao seu cérebro.

Você vai mordê-lo com os dentes e segurá-la contra o cinto de Bobby, para

que apenas um pouco dela possa entrar na sua cabeça, que é onde as

coisas mais doem. Você me entende, Carol?

– Sim. . – sua voz crescia distante. Ela parecia muito pequena sentada lá naquela cadeira reta, vestindo apenas os shorts e os tênis. As pupilas dos olhos de Ted, Bobby percebeu, estavam fixos novamente.

– Ponha o cinto na boca.

Ela o colocou entre os lábios.

– Morda quando doer.

– Quando doer.

– Apanhe a dor.

– Eu a apanharei.

Ted deu uma última alisada com seu grande dedo indicador do cotovelo dela até o pulso, então olhou para Bobby.

– Deseje-me sorte. – ele disse.

– Sorte. – Bobby respondeu ansioso.

Distante, sonhando, Carol Gerber disse: Bobby jogou um pato em um

homem.

– Ele jogou? – Ted perguntou. Muito, muito gentilmente ele fechou a mão esquerda ao redor do pulso

esquerdo de Carol.

– Bobby achou que era um homem mau.

Ted olhou para Bobby.

– Não esse tipo de homem mau. – Bobby disse. – Apenas. . oh, esquece.

– Não importa. – Ted disse. – Eles estão muito próximos. O relógio da

cidade, o apito. .

– Eu ouvi. – Bobby disse severamente.

– Eu não vou esperar sua mãe voltar hoje a noite, eu não me atrevo. Eu vou

gastar o dia no cinema, parque, ou qualquer outro lugar. Se tudo isso

falhar, existem albergues em Bridgeport. Carol, está pronta?

– Pronta.

– Quando a dor subir, o que você fará?

– Vou apanhá-la. Mordê-la no cinto de Bobby.

– Boa menina. Dez segundos e você estará se sentindo bem melhor.

Ted inspirou profundamente. Então, então ergueu a mão direita acima do

calombo lilás no ombro de Carol.

– Aí vem a dor, querida. Seja corajosa.

Não foram dez segundos; nem mesmo cinco. Para Bobby pareceu acontecer em um instante. O centro da mão direita de Ted pressionou

diretamente contra o calombo que esticava a pele de Carol. Ao mesmo

tempo ele puxou bruscamente o pulso. A mandíbula de Carol lexionou

enquanto ela mordia o cinto de Bobby. Bobby ouviu um breve som de

rangido, como aquele que seu pescoço fazia às vezes quando estava rígido

e ele o movimentava para os lados. E então o calombo no ombro de Carol havia desaparecido.

– Bingo! – Ted vibrou. – Parece bom! Carol?

Ela abriu a boca. O cinto de Bobby soltou-se dela e caiu em seu colo. Bobby

viu uma linha de pequenos furos gravados no couro; ela quase havia o

atravessado.

– Não dói mais. – ela disse admirada. Ela pôs a mão direita aonde a pele agora adquiria uma coloração roxa escura, tocou o hematoma, e fez uma

careta.

– Isso vai icar assim por mais ou menos uma semana. – Ted a avisou. – E

você não deve jogar ou levantar com esse braço por pelo menos duas

semanas. – Se o fizer, pode deslocá-lo novamente.

– Eu tomarei cuidado. – Agora Carol olhava para o braço. Ela continuava a

tocar cuidadosamente o machucado com os dedos, testando.

– Quanta dor conseguiu apanhar? – Ted perguntou, e embora seu rosto

estivesse sério, Bobby achou que pôde captar um pequeno sorriso em sua

voz.

– A maior parte dela. – ela disse. – Nem doeu muito pra falar a verdade. –

Entretanto, no momento em que essas palavras foram proferidas, ela caiu

de volta na cadeira. Seus olhos estavam abertos, mas desfocados. Carol

havia desmaiado pela segunda vez.

***

Ted disse a Bobby para trazer uma roupa molhada e trazer para ele.

– Água fria. – ele disse. – Torça ela, mas não demais.

Bobby correu até o banheiro, pegou uma toalha de rosto acima da

banheira, e a molhou com água fria. A metade inferior da janela do

banheiro estava fosca, mas se ele tivesse olhado pela metade superior,

teria visto sua mãe descer do táxi. Bobby não olhou; ele estava

concentrado em sua tarefa. Ele nunca pensou no chaveiro verde,

tampouco, embora estivesse ali no armário da direita em frente a ele.

Quando Bobby voltou à sala de estar, Ted estava sentado na cadeira reta com Carol no colo novamente. Bobby percebeu como icaram bronzeados

os braços dela em comparação ao resto de sua pele, que era de um puro e

macio branco (exceto onde estavam os hematomas). *Ela parece estar*

usando meias de náilon nos braços, ele pensou, um pouco impressionado.

Seus olhos começaram a clarear e eles seguiram Bobby quando ele

avançou para ela, mas Carol não parecia exatamente boa, seu cabelo

estava bagunçado, seu rosto totalmente suado, e havia uma linha seca de

sangue entre a narina e o canto da boca.

Ted pegou a toalha e começou a passar em suas bochechas e testa. Bobby

ajoelhou-se icando do lado da cadeira, Carol sentou um pouco, levantando

seu rosto agradecido contra o frio e o molhado. Ted limpou o sangue sob seu nariz, então pôs a toalha na mesinha ao lado. Ele tirou os cabelos suados de Carol de seu cenho. Quando alguns deles voltaram, ele moveu a

mão para tirá-los de lá novamente.

Mas antes que ele pudesse fazê-lo, a porta da varanda abriu. Sons de

passos cruzaram a entrada. A mão na úmida testa de Carol congelou. Os

olhos de Bobby encontraram os de Ted e um único pensamento passou

entre ele, uma telepatia forte que consistia em uma única palavra: *Eles*.

– *Não*. – Carol disse. *Não* eles, Bobby, é a sua m. .

A porta do apartamento abriu e Liz apareceu com a chave em uma mão e

seu chapéu, aquele com o véu, na outra. Atrás dela, e além da entrada, a porta para todo o mundo quente lá fora ainda estava aberta. Dos lados do

tapete de boas vindas da varanda estavam duas malas, onde o taxista as

havia colocado.

– Bobby, quantas vezes eu preciso te dizer para fechar esta maldita. .

Ela chegou até aí, então parou. Nos anos seguintes Bobby se lembraria deste momento de novo e de novo, vendo mais e mais do que sua mãe

havia visto quando voltara de sua desastrosa viagem à Providence: seu

ilho de joelhos ao lado de uma cadeira onde um velho, de quem nunca

havia gostado ou realmente con iado, estava sentado com uma garotinha

no colo. A garotinha parecia entorpecida. Seu cabelo se juntava em alguns

montes suados. Sua blusa estava rasgada, repousava em pedaços no chão,

e mesmo com os olhos inchados quase fechados, Liz teria visto os

machucados de Carol: um no ombro, e outro no estômago.

E Carol, Bobby e Ted Brautigan a olharam com aquela mesma

incredulidade congelada? Os dois olhos negros (o olho direito de Liz não era nada senão um brilho profundo em uma massa inchada de carne

descolorida); o lábio inferior, que estava inchado e cortado em dois

lugares, cujas feridas apareciam como um velho batom horroroso; no nariz,

agora torto, havia surgido um gancho horrível, fazendo-a quase parecer

com a Bruxa Hazel da turma do Pernalonga.

Silêncio, um momento de considerável silêncio em uma tarde de verão. Em algum lugar, um carro engasgou. Em algum lugar uma criança gritou

"*Vamos, galera*! E

atrás deles na Colony Street veio o som que Bobby relacionaria com mais força à sua infância e àquela Quinta-Feira em particular: os latidos de

Bowser penetrando mais fundo no século vinte: *uou-uou, uou-uou-uou*.

Jack a pegou, Bobby pensou, *Jack Merridew e seus amigos*.

– Caramba, o que aconteceu? – ele perguntou, quebrando o silêncio. Ele

não queria saber; mas ele tinha que saber. Ele correu até ela, começando a

chorar por medo, e também por tristeza; o rosto dela, seu pobre rosto. Ela

não parecia com sua mãe, a inal. Ela parecia com uma velha que não

pertencia à Broad Street, mas ao submundo, onde as pessoas bebiam

vinhos em garrafas dentro de sacos de papel e não tinham sobrenomes. –

O que ele fez? O que aquele desgraçado fez com você?

Ela não prestou atenção, não pareceu nem mesmo ouvi-lo. Mas ela o

segurou, segurou seus ombros fortes o bastante para que ele sentisse seus

dedos cravando em sua carne, forte o bastante para doer. Ela o segurou e

então o colocou de lado sem um olhar sequer.

– Solte-a, seu sujo. – ela disse em uma voz baixa, mas áspera. – Solte-a, agora mesmo.

– Sra. Gar ield, por favor, não entenda mal. – Ted ergueu Carol de seu colo,

com cuidado mesmo agora, para manter suas mãos longe do ombro

machucado, e então se levantou. Ele sacudiu as pernas da calça, um

pequeno gesto nervoso que combinava totalmente com Ted. – Ela estava

machucada, entende. Bobby a achou.

– *DESGRAÇADO*! – Liz gritou. À sua direita estava uma mesa com um vaso nele. Ela pegou o vaso e o jogou nele. Ted abaixou, mas não rápido o

su iciente para evitá-lo; o fundo do vaso acertou o topo de sua cabeça, saltou como uma pedra jogada rapidamente na super ície de um lago,

acertou a parede e se estraçalhou.

Carol gritou.

– Mãe, não! – Bobby gritou. – Ele não fez nada de mau! Ele não fez nada de mau!

Liz não percebeu.

– Como se atreve a tocá-la? Você também esteve tocando meu filho assim?

Esteve, não esteve? Você não liga para o sabor deles, contanto que sejam *jovens*!

Ted deu um passo na direção dela. Os suspensórios soltos voavam para

frente e para trás ao lado de suas pernas. Bobby conseguia ver lores de sangue no escasso cabelo no topo de sua cabeça aonde o vaso tinha se

chocado.

– Sra. Garfield, eu lhe asseguro. .

– *Assegure isso, seu tarado desgraçado* ! – Com o vaso destruído e sem mais

nada em cima da mesinha, ela pegou a própria mesinha e a lançou. Ela

acertou Ted no peito e o fez cambalear para trás; ele teria desabado se não

fosse pela cadeira reta. Ted caiu nela, olhando para ela com os olhos

abertos e incrédulos. Sua boca tremia.

– Ele estava te ajudando? – Liz perguntou. Sua face era de um branco

mortal. Os machucados permaneciam nela como marcas de nascença. –

Você ensinou meu filho a te ajudar?

– Mãe, ele não a machucou! – Bobby berrou. Ele a pegou pelo pulso. – Ele

não a machucou, ele. .

Ela o pegou como o vaso, como a mesa, e mais tarde ele pensaria que ela havia icado tão forte como ele, carregando Carol pela ladeira desde o

parque. Ela o jogou através da sala. Bobby bateu na parede. Sua cabeça foi

jogada para trás e acertou o relógio, derrubando-o no chão e o parando

para sempre. Pontos negros surgiram em sua visão, fazendo-o pensar

breve e confusamente (eles estão se aproximando, os cartazes agora têm o

nome dele) sobre os homens maus. Então ele deslizou para o chão. Ele

tentou parar a queda, mas seus joelhos não conseguiram se firmar.

Liz olhou para ele, sem parecer ter muito interesse, e então olhou de volta

para Ted, que sentava na cadeira reta com a mesa no colo e as pernas apontadas para seu rosto. Sangue saia de uma de suas bochechas agora, e

seu cabelo estava mais vermelho do que branco. Ele tentou falar e, ao invés

disso, o que saiu foi uma seca e falha tosse de um velho fumante.

– Homem sujo. Sujo, homem sujo. Por dois centavos eu abaixaria suas

calças e arrancaria seu troço fora. – ela se virou e olhou para seu confuso

ilho novamente, e a expressão que Bobby viu no único olho que ele

conseguia ver, o desprezo, a acusação, o fez chorar ainda mais. Ela não disse *você também*, mas ele viu nos olhos dela. Então ela se voltou para Ted.

– Sabe de uma coisa? Você vai para cadeia. – ela apontou um dedo para ele, e mesmo através de suas lágrimas Bobby viu que a unha que havia

estado lá quando ela havia viajado no Merc do Sr. Biderman havia

desaparecido; havia um vergão sangrento em seu lugar. Sua voz estava

lesada, parecendo se espalhar de algum modo ao passar por seu lábio

inferior desproporcional. – Eu vou chamar a policial agora. Se for esperto vai icar sentando enquanto o faço. Apenas ique calado e sentado. – Sua

voz estava crescendo. Suas mãos, arranhadas e inchada nas juntas, como

também quebrada nas unhas, se enrolaram em um punho que ela usou

para sacudir para ele. – Se você fugir, eu vou correr atrás e lhe cravar minha mais longa faca de cozinha. Veja se eu não faço.

Eu vou fazer bem no meio da rua para todos verem, e eu vou começar pela

parte de você que parece lhe dar. . aos seus *meninos*. . tanto problema.

Então ique sentado, *Brattigan*. Se você quiser continuar vivo para ir para a cadeia, fique parado.

O telefone estava na mesinha do sofá. Ela foi até ele. Ted icou sentado com

a mesinha em seu colo e o sangue escorrendo de sua bochecha. Bobby

ainda estava caído próximo ao relógio, o que sua mãe havia ganhado

trocando selos. Pela janela na brisa do ventilador de Ted, veio o lamento de

Bowser: *uou-uou-uou*.

– Você não sabe o que aconteceu aqui, Sra. Gar ield. O que aconteceu a você foi horrível e você tem toda minha simpatia. . mas o que aconteceu a você não é o que aconteceu a Carol.

– Cale a boca. – ela não estava ouvindo, nem mesmo olhou em sua direção.

Carol correu para Liz, e então parou. Seus olhos aumentaram em sua pele pálida.

Sua boca estava aberta.

– Eles tiraram seu vestido? – era um meio sussurro, meio gemido. Liz

parou de discar e lentamente olhou para ela. – Por que eles tiraram seu vestido?

Liz pareceu pensar em como responder. Ela pareceu pensar muito.

– Fique calada. – ela disse finalmente. – Apenas fique calada, ta?

– Por que eles te perseguiram? Quem estava batendo? – a voz de Carol

tornou-se desnivelada. – *Quem estava batendo*?

– *Cale a boca*! – Liz largou o telefone e levou as mãos aos ouvidos. Bobby olhou para ela com crescente horror.

Carol virou-se para ele. Lágrimas frescas escorriam por suas bochechas.

Havia conhecimento em seus olhos, *conhecimento*. Do tipo, Bobby pensou, que ele sentiu enquanto o Sr. McQuown havia tentado enganá-lo.

– Eles a perseguiram. – Carol disse. – Quando ela tentou fugir, eles a perseguiram e a obrigaram a voltar.

Bobby sabia. Eles a haviam perseguido pelo corredor do hotel. Ele havia

visto.

Ele não conseguia se lembrar onde, mas ele havia.

– *Faça-os parar! Faça com que eu pare de ver!* – Carol gritou . – *Ela está batendo neles, mas ela não pode fugir! Ela está batendo neles, mas não pode*

fugir!

Ted tirou a mesa do colo e lutou para ficar de pé. Seus olhos ardiam.

– Abrace-a, Carol! Abrace-a bem! Isso fará a coisa parar!

Carol jogou o braço bom ao redor da mãe de Bobby. Liz recuou um passo,

quase caindo quando um de seus sapatos enganchou na perna do sofá. Ela

icou de pé, mas o telefone caiu no tapete ao lado de um dos tênis largados de Bobby, provocando um zumbido alto.

Por um momento as coisas icaram assim, era como se estivessem

brincando de Estátua, e o telefone acabasse de gritar *estátua*! Foi Carol quem se moveu primeiro, soltando a cintura de Liz Gar ield e recuando.

Seus cabelos molhados estavam grudados em seus olhos. Ted avançou

para ela e a alcançou para pôr uma mão em seu ombro.

– Não toque nela. – Liz disse, mas ela falou mecanicamente, sem força. O

que quer que houvesse lampejado dentro dela ante a visão de uma criança

no colo de Ted Brautigan havia sumido um pouco, ao menos

provisoriamente. Ela parecia exausta.

– Não obstante. – Ted deixou a mão cair. – Você tem razão. – ele disse.

Liz respirou fundo, segurou, e então expirou. Ela olhou para Bobby, e então

virou a cara. Bobby desejou com todo coração que ela viesse até ele, ajudá-

lo um pouco, ajudá-lo a se levantar, só isso, mas ela se virou para Carol.

Bobby se levantou sozinho.

– O que aconteceu aqui? – Liz perguntou a Carol.

Embora ela ainda estivesse chorando e suas palavras saíssem com

di iculdade enquanto ela lutava por ar. Carol contou a Bobby sobre os três

garotos grandes que a haviam achado no parque, e como no começo

pareceu apenas mais uma de suas brincadeiras, um pouco mais malvada

do que a maioria, mas ainda assim uma brincadeira. Então Harry havia

começado a bater nela enquanto os outros a seguravam.

O som do estalo em seu ombro os assustara e os izera fugir. Ela contou como Bobby a havia achado cinco ou dez minutos depois, ela não sabia

exatamente porque a dor era tão forte, e a havia carregado até aqui. E

como Ted havia consertado seu braço, depois de dar o cinto de Bobby para

ela apanhar a dor. Ela se inclinou, pegou o cinto, e mostrou a Liz as pequenas marcas de uma mordida em uma mistura de orgulho e

vergonha. – Eu não a apanhei toda, mas apanhei muito.

Liz apenas de uma olhada rápida ao cinto antes de se virar para Ted.

– Por que você rasgou a blusa dela, chefe?

– *Não* está rasgada! – Bobby protestou. Ele subitamente icou furioso com

ela. – Ele a *cortou* para que pudesse olhar para o ombro e consertá-lo sem

machucá-la! Eu trouxe a tesoura para ele, pelo amor de Deus! Por que

você é tão estúpida, mãe? Por que não consegue ver. .

Ela oscilou sem se virar, pegando Bobby completamente de surpresa. As

costas de sua mão se conectaram com o lado de seu rosto; seu dedo

indicador atingiu seus olhos, mandando uma onda de dor para dentro de

sua cabeça. Suas lágrimas pararam como se a bomba que as controlasse

houvesse diminuído subitamente.

– Não me chame de estúpida, Bobby-O. – ela disse. – Nem mesmo em seus

sonhos mais adoráveis.

Carol olhava com medo para o nariz de gancho que havia voltado de táxi usando as roupas da Sra. Gar ield. A Sra. Gar ield que havia corrido e

lutado quando não podia correr mais. Mas no im eles haviam conseguido

dela o que queriam.

– Você não deveria bater em Bobby. – Carol disse. – Ele não é como esses

homens.

– Ele é o seu namorado? – ela riu. – É? Bom para você! Mas eu vou te contar um segredo, docinho, ele é igual ao pai, e seu pai, e o resto de deles.

Vá para o banheiro. Eu vou te limpar e achar algo para você vestir. *Cristo*, que bagunça!

Carol olhou para ela um momento mais, então se virou e foi ao banheiro.

Suas costas nuas pareciam pequenas e vulneráveis. E brancas. Tão

brancas no contraste de seus braços bronzeados.

– Carol. – Ted a chamou. – Está melhor agora? – Bobby não achou que ele

estivesse falando de seu braço. Não desta vez.

– Sim. – ela disse sem se virar. – Mas eu ainda posso ouvi-la, ao longe. Ela

está gritando.

– Quem está gritando? – Liz perguntou. Carol não respondeu a ela. Ela foi

ao banheiro e fechou a porta. Liz olhou para ela por um momento, para se certi icar de que Carol não iria deslocar o braço novamente, então se virou

para Ted. – Quem está gritando?

Ted apenas olhou para ela cautelosamente, como se esperasse outro

ataque de mísseis balísticos a qualquer instante.

Liz começou a sorrir. Era o sorriso que Bobby conheceu: seu sorriso eu-

estou-perdendo-a-paciência. Era possível que ainda havia mais para se

perder? Com seus olhos escuros, nariz quebrado, lábio ferido, o sorriso a fez parecer horrorosa: não sua mãe, mas alguma lunática.

– Mas que Bom Samaritano você é, não? Quantas apalpadas você deu

enquanto a consertava? Ela não tem muito, mas aposto que você checou o

quanto conseguiria, não é? Nunca perde uma oportunidade, certo? Vamos,

admita para a mamãe.

Bobby olhou para ela com crescente desespero. Carol havia lhe contado

tudo, toda a verdade, *e não havia feito diferença alguma*. Nenhuma

diferença! Deus!

– Há um adulto perigoso neste quarto. – Ted disse. – Mas não sou eu.

Ela pareceu primeiro não compreender, pareceu incrédula, e então furiosa.

– Como se atreve? *Como se atreve*?

– *Ele não fez nada*! – Bobby gritou. – *Não ouviu o que Carol disse? Não*. .

– Cale a sua boca. – ela disse sem olhar para ele. Ela apenas via Ted. – Os

tiras icarão muito interessados em você, eu acho. Don ligou de Hartford na

Sexta-Feira, antes de. . antes. Eu pedi para ele. Ele tem amigos lá. Você nunca trabalhou no Estado de Connecticut, nem como iscal de contas

públicas, nem em qualquer outro lugar. Você estava na cadeia, não estava?

– De certo modo, suponho que estava. – Ted disse. Ele pareceu mais calmo

agora, apesar do sangue escorrendo pelo lado de seu rosto. Ele tirou os cigarros do bolso de sua camisa, olhou para eles, e os devolveu ao seu lugar. – Mas não do modo que pensa.

E não neste mundo, Bobby pensou.

– E pelo que foi? – ela perguntou. – Por fazer menininhas se sentirem

melhor?

– Eu tenho algo de valor. – Ted disse. Ele levantou a mão e tocou a testa. O

dedo voltou pontilhado de sangue. – Existem outros como eu. E há pessoas

cujo trabalho é nos pegar, nos aprisionar, e nos usar para. . bem, nos usar,

deixe desse jeito. Eu e outros dois escapamos. Um foi pego, o outro foi morto. Apenas eu estou livre. Se, é isso. . – ele olhou em volta. – . . que você

chama de liberdade.

– Você está louco. Velho louco Brattigan, com o cérebro mais cheio de

besteiras do que um bolo de aniversário. Eu vou chamar a polícia. Vamos deixá-los decidir se vão te colocar de volta na cadeia da qual você escapou

ou no Sanatório de Danbury. – ela se inclinou para pegar o telefone caído.

– Não, mãe! – Bobby disse, e avançou para ela. – Não. .

– Bobby, não! – Ted disse vivamente.

Bobby recuou, olhando primeiro para sua mãe enquanto ela pegava o

telefone, e então para Ted.

– Não do jeito que ela está agora. – Ted lhe disse. – Enquanto ela está desse

jeito, não vai parar de morder.

Liz Gar ield deu a Ted um brilhante, quase indescritível sorriso (*boa tentativa, seu desgraçado),* e tirou o telefone do gancho.

– O que está acontecendo? – Carol gritou do banheiro. – Posso sair agora?

– Ainda não, querida. – Ted respondeu. – Daqui a pouco.

Liz pôs os dedos nos buracos do discador para cima e para baixo. Ela

parou, ouviu, e pareceu estar satisfeita. Ela começou a discar.

– Vamos descobrir quem você é. – ela disse. Ela falou em um estranho e con iante tom. – Isso deverá ser bem interessante. E o que você fez. Deve ser mais interessante ainda.

– Se você ligar para a polícia, eles também saberão quem você é e o que você fez. – Ted disse.

Ela parou de discar e olhou para ele. Foi um olhar astuto que Bobby nunca

havia visto antes.

– Do que, em nome de Deus, você está falando?

– Uma mulher tola que deveria ter sabido escolher melhor. Uma mulher

tola que já havia visto o su iciente de seu chefe para icar mais esperta. .

que já havia ouvido ele e seus amigos o su iciente para icar mais esperta,

para saber que qualquer "seminário"

a que eles iriam só poderiam ser festas de diversão e sexo. Talvez de

maconha, também.

Uma mulher tola que deixou sua cobiça dominar seu bom senso. .

– O que você sabe sobre estar só? – ela chorou. – *Eu tenho um ilho pra criar*! – ela olhou para Bobby, como se lembrasse do ilho que tinha para criar pela primeira vez em tanto tempo.

– O quanto disso você quer que ele escute? – Ted perguntou.

– Você não sabe de nada. Você não pode.

– Eu sei de *tudo*. A pergunta é, quanto você quer Bobby saiba? Quanto quer que seus vizinhos saibam? Se a policia vier e me levar, eles saberão o

que eu sei, isso eu lhe prometo. – ele fez uma pausa. Suas pupilas

permaneceram irmes, mas seus olhos pareceram crescer. – Eu sei de

tudo. Acredita em mim. . não me teste.

– Do contrário você me machucaria?

– Se eu tivesse escolha, não o faria. Você já foi machucada o su iciente, por

si mesma e por outros. Deixe-me ir, é tudo que lhe peço. Eu ia embora de

qualquer forma.

Deixe-me ir. Tudo o que fiz foi tentar ajudar.

– Oh, é. – ela disse, e riu. – *Ajudar*. Ela estava sentada em você

praticamente nua. *Ajudar*.

– Eu *te* ajudaria se eu. .

– Oh, sim, e eu sei como. – ela riu novamente.

Bobby começou a falar e viu os olhos de Ted, avisando-o para não fazê-lo.

Atrás da porta do banheiro, água escorria pela pia. Liz abaixou a cabeça, pensando.

Finalmente a levantou novamente.

– Tudo bem. – ela disse. – É isso que vou fazer. Eu vou ajudar a

namoradinha de Bobby a se limpar. Eu vou lhe dar uma aspirina e achar algo que ela possa vestir até em casa. Enquanto eu faço isso, vou fazer a ela

algumas perguntas. Se as respostas forem as certas, você pode ir. Pode ir ao inferno se quiser.

– Mãe.

Liz levantou uma mão como um guarda de trânsito, o calando. Ela olhava

para Ted, que a encarava de volta.

– Eu vou levá-la para casa, vou vê-la entrar pela porta da frente. O que ela

decidir contar a mãe ica entre ambas. Meu trabalho é vê-la chegar em

casa segura, só isso. Quando estiver feito, eu vou até o parque e sentar à sombra por um instante. Eu tive uma noite di ícil ontem. – ela sugou o ar e

o deixou escapar em um suspiro seco e pesaroso. – Muito di ícil. Então eu vou ao parque sentar na sombra e pensar o que vem em seguida. Pensar

em como vou manter a mim e a ele fora da miséria. Se eu te encontrar aqui

quando voltar do parque, meu querido, eu vou chamar a polícia. . e você não me teste *nisso*. Diga o que quiser. Nada vai importar muito a qualquer

pessoa a quem eu disser que entrei no meu apartamento umas horas mais

cedo do que você esperava e te achei com uma mão dentro dos shorts de uma menina de onze anos.

Bobby olhou para sua mãe em silêncio, chocado. Ela não viu o olhar, ela ainda estava olhando para Ted, seus olhos inchados estavam ixados nele

intensamente.

– Se, por outro lado, eu voltar e você tiver desaparecido, junto com sua bagagem, eu não terei que chamar ninguém ou dizer qualquer coisa. *Tout*

finis.

Eu vou com você! Bobby pensou para Ted. *Eu não me importo com os homens naus. Eu pre iro ter milhares de homens maus em casacos amarelos, um milhão, do que ter que continuar a viver com ela. Eu a odeio!*

– Bem? – Liz perguntou.

– De acordo. Eu terei ido em uma hora. Provavelmente menos do que isso.

– Não. – Bobby protestou. Quando ele havia acordado esta manhã, ele já

estava conformado com a partida de Ted, triste, mas conformado. Agora

tudo estava doendo novamente. Pior do que antes. – Não!

– Fique quieto. – sua mãe disse, ainda sem olhar para ele.

– É o único jeito, Bobby. Você sabe disso. – Ted olhou para Liz. – Tome conta de Carol. Eu vou falar com Bobby.

– Você não está em posição de dar ordens. – Liz disse, mas foi. Enquanto cruzava a sala para o banheiro, Bobby viu que ela mancava. Um salto de um de seus sapatos havia quebrado, mas ele não achou que era a única

razão pela qual ela não conseguia andar direito. Ela bateu brevemente na

porta, e então, sem esperar por uma resposta, deslizou para dentro.

Bobby correu pelo quarto, mas quando ele tentou pôr os braços ao redor

de Ted, o velho pegou suas mãos, e as apertou brevemente, então as

colocou no peito de Bobby e as soltou.

– Me leve com você. – Bobby disse ferozmente. – Eu vou te ajudar a

procurar por eles. Dois pares de olhos são melhores do que um. Me leve com você!

– Não posso fazer isso, mas pode vir comigo até a cozinha, Bobby. Carol não

é a única que precisa ser limpa.

Ted levantou-se da cabeça e balançou nos pés por um momento. Bobby foi

até ele para segurá-lo, e Ted uma vez mais empurrou sua mão gentil, mas

firmemente.

Doía. Não tanto quanto sua mãe não o ajudando a se levantar (ou mesmo

não olhando para ele), depois que ela o havia jogado contra a parede, mas

o bastante.

Ele caminhou com Ted até a cozinha, sem tocá-lo, mas perto o bastante

para segurá-lo se ele caísse. Ted não caiu. Ele olhou para o re lexo nublado

de si mesmo na janela acima da pia, suspirou, e então abriu a torneira. Ele

molhou o tecido e começou a limpar o sangue de sua bochecha, checando

seu reflexo na janela para ter uma referência.

– Sua mãe precisa de você mais do que nunca. – ele disse. – Ela precisa de

alguém que possa confiar.

– Ela não confia em mim. Eu nem mesmo acho que ela gosta de mim.

Ted comprimiu a boca, e Bobby entendeu que havia tropeçado em uma

verdade que Ted vira na mente de sua mãe. Bobby sabia que ela não

gostava dele, ele *sabia* disso, então por que as lágrimas ameaçavam sair novamente?

Ted foi até ele, então parecendo se lembrar de que era uma má idéia, e voltou a trabalhar com o tecido molhado.

– Tudo bem. – ele disse. – Talvez ela *não* goste de você. Se for verdade, não é por causa de qualquer coisa que você tenha feito. É por causa do que você *é*.

– Um menino. – ele disse amargamente. – Um maldito *menino*.

– E o ilho de seu pai, não se esqueça disso. Mas Bobby. . quer ela goste ou

não de você, ela te ama. Soa como um cartão de aniversário, eu sei, mas é

verdade. Ela te ama, e precisa de você. Você é tudo o que ela tem. Ela está

muito machucada agora. .

– Se machucar foi culpa dela! – ele explodiu. – Ela sabia que havia algo de

errado! Você mesmo disse! Ele soube disso por semanas! *Meses*! Mas ela não iria largar o emprego! Ela sabia, e ainda assim foi com eles para

Providence! *Ela foi com eles mesmo assim*!

– Um domador de leões sabe, mas ainda assim ele entra na jaula. Ele entra porque é lá que está seu

pagamento.

– Ela tem dinheiro. – Bobby quase cuspiu.

– Não o bastante, aparentemente.

– Ela nunca terá o bastante. – Bobby disse, e ele soube que era verdade no

momento em que as palavras saíram de sua boca.

– Ela te ama!

– Eu não ligo! Eu não a amo!

– Mas você a ama sim. Você irá. Você deve. É o *ka*.

– *Ka*? O que é isso?

– Destino. – Ted já limpara a maior parte do sangue em seu cabelo. Ele desligou a água e deu uma última checada em sua imagem fantasmagórica

na janela. Além dela jazia todo aquele quente verão, mais novo do que Ted

Brautigan jamais seria novamente. Mais novo do que Bobby jamais seria

novamente também. – Ka é destino.

Você se importa comigo, Bobby?

– Você sabe que sim. – Bobby disse, começando a chorar novamente.

Ultimamente chorar parecia tudo o que ele sabia sair. Seus olhos doeram. –

Me importo muito.

– Então tente ser amigo de sua mãe. Por mim, se não por você mesmo.

Fique com ela e a ajude a se recuperar. E de agora em diante eu te

mandarei um cartão postal.

Eles estavam voltando para a sala de estar novamente. Bobby começava a

se sentir um pouco melhor, mas ele desejou que Ted pudesse pôr o braço

ao redor dele. Ele desejou isso mais do que tudo.

A porta do banheiro se abriu. Carol saiu primeiro, olhando para os

próprios pés em estranha timidez. Seu cabelo havia sido secado, penteado,

e preso em um rabo de cavalo. Ela usava uma das velhas blusas da mãe de Bobby; era tão grande que quase chegava aos seus joelhos, como um

vestido. Você não conseguia ver seus shorts vermelhos.

– Vá lá para fora e espere. – Liz disse.

– Certo.

– Você não vai voltar para casa sem mim, vai?

– Não. – Carol disse, e seu rosto abatido se encheu de alarme.

– Bom. Fique perto de minhas malas.

Carol começou a sair para a entrada, e então se virou.

– Obrigado por consertar meu braço, Ted. Espero que não ique

encrencado por causa disso. Eu não quis. .

– Vá para a maldita *varanda*. – Liz repreendeu.

– . .fazer ninguém icar encrencado. – Carol terminou em uma voz baixa,

quase um sussurro de um rato em um desenho animado. Então ela saiu, a

blusa de Liz balançando ao seu redor de um modo que seria cômico em

algum outro dia. Liz se virou para Bobby, e quando ele deu uma boa

olhada nela, seu coração afundou. Sua fúria havia sido refrescada. Uma

vermelhidão havia se espalhado por seu rosto machucado até seu pescoço.

Oh, caramba, o que foi agora? Bobby pensou. Então ela mostrou o chaveiro

verde, e ele entendeu.

– Aonde você conseguiu isso, Bobby-O?

– Eu. . ele. . – Mas ele não conseguiu pensar em nada para dizer: nenhuma

mentirinha, nem uma mentira mais elaborada, nem mesmo a verdade. De

repente Bobby se sentiu muito cansado. A única coisa que ele queria no

mundo era ir para o quarto e se esconder sob as cobertas de sua cama, e

dormir.

– Eu dei a ele. – Ted disse suavemente. – Ontem.

– Você levou meu ilho a um ponto de maconheiros em Bridgeport? Um *salão de pôquer* em Bridgeport?

Não diz um ponto de maconheiros no chaveiro . Bobby pensou. Nem mesmo diz salão de pôquer. . porque estas coisas são contra a lei. Ela sabe o que acontece lá porque meu pai ia lá. E tal pai, tal ilho. É o que dizem, tal pai, tal filho.

– Eu o levei ao cinema. – Ted disse. – *A Aldeia dos Amaldiçoados*, no Criterion.

Enquanto ele assistia, eu fui ao Canto do Bolso resolver um assunto.

– Que tipo de assunto?

– Eu iz uma aposta. – Por um momento o coração de Bobby afundou ainda

mais, e ele pensou, *O que há de errado com você? Por que não mente? Se você soubesse como ela se sente com coisas assim. .*

Mas ele *sabia*. Claro que sabia.

– Uma aposta? – ela assentiu. – Aham. Você deixou meu ilho sozinho em

um cinema de Bridgeport para que você pudesse ir apostar. – ela riu

loucamente. – Ora, bem, suponho que eu deveria estar grata, não? Você lhe

trouxe uma lembrancinha tão bonitinha. Se ele mesmo alguma vez decidir

fazer uma aposta, ou perder dinheiro jogando pôquer como fazia o pai, ele

saberá aonde ir.

– Eu o deixei por duas horas no cinema. – Ted disse. – Você o deixou comigo.

Ele pareceu ter sobrevivido a ambas as coisas, não?

Liz olhou por um momento como se tivesse levado um tapa, então por um

momento como se estivesse para chorar. Seu rosto suavizou e icou sem

expressão. Ela enrolou o punho sobre o chaveiro e o colocou no bolso do vestido. Bobby soube que ele jamais o veria novamente. Ele não se

importava. Ele não *queria* vê-lo novamente.

– Bobby vá para seu quarto. – ela disse.

– Não.

– *Bobby, vá para seu quarto*!

– Não! Eu não vou!

Parada num feixe de luz no tapete de boas vindas ao lado das malas de Liz

Gar ield, lutuando dentro de uma velha camisa de Liz Gar ield, Carol

começou a chorar ao som de vozes elevadas.

– Vá para seu quarto, Bobby. – Ted disse quietamente. – Foi muito bom

encontrá-lo e conhecê-lo.

– *Conhecê-lo*. – disse a mãe de Bobby em uma voz irritada e insinuante, mas Bobby não a entendeu, e Ted não a percebeu.

– Vá para seu quarto. – ele repetiu.

– Você ficará bem? Sabe o que quero dizer.

– Sim. – Ted sorriu, beijou os dedos, e soprou um beijo para Bobby. Bobby

o pegou e fez um punho ao redor dele, segurando-o irme. – Vou icar

muito bem.

Bobby andou lentamente na direção da porta de seu quarto, a cabeça

baixa e os olhos nos tênis. Ele quase havia chegado lá quando pensou *Eu não posso fazer isso, não posso deixá-lo ir deste jeito.*

Ele correu até Ted, jogou os braços ao seu redor, e cobriu seu rosto de beijos: testa, bochechas, queixo, lábios, as inas e sedosas pupilas de seus olhos.

– Ted, eu te amo!

Ted cedeu e o abraçou forte. Bobby pôde sentir um cheiro fantasma da

espuma que ele usara para se barbear, e o forte aroma dos cigarros

Chester ield. Estes foram cheiros que ele carregaria por um longo tempo,

como também as memórias das grandes mãos de Ted o tocando,

acariciando suas costas, segurando as curvas de seu rosto.

– Bobby, eu te amo também. – ele disse.

– Oh, pelo *amor de Deus*. – Liz quase gritou. Bobby virou-se para ela e o que ele viu foi Don Biderman a

empurrando para um canto. Em algum

ligar a Orquestra de Benny Goodman tocava “One O’Clock Jump” no volume

máximo. A mão do Sr.

Biderman tinha uma forma de um tapa. O Sr. Biderman estava

perguntando se ela queria mais, se era desse jeito que ela gostava, ela poderia ter um pouco mais disso se era desse jeito que ela gostava. Bobby

quase pode sentir o gosto do entendimento aterrorizado dela.

– Você *não* sabia mesmo, não é? – ele disse, – Ao menos não tudo, tudo o que eles queriam. Eles achavam que você sabia, mas você não sabia.

– Vá para seu quarto agora mesmo, ou eu vou chamar a policia e pedir que

eles mandem uma viatura. – sua mãe disse. – Eu não estou brincando,

Bobby-O.

– Eu sei que não. – Bobby disse. Ele foi para o quarto e fechou a porta. Ele

primeiro pensou que estava bem e então achou que iria vomitar, ou

desmaiar, ou ambas as coisas. Ele andou até a cama com as pernas

tremendo. Ele só queria sentar, mas ao invés disso, ele acabou deitando

transversalmente, como se todos os músculos houvessem saído de seu

estômago e então entrado de volta. Ele tentou levantar os pés, mas as

pernas icaram lá, os músculos dela estavam desaparecidos também. Ele

teve uma imagem repentina de Sully-John em roupa de banho, subindo

uma escada de uma piscina, então correndo até o inal da rampa e

mergulhando. Ele desejou ser S-J agora.

Estar em qualquer lugar, exceto aqui. Em qualquer lugar, exceto aqui. Em

qualquer lugar, exceto aqui.

***

Quando Bobby acordou, a luz em seu quarto estava desaparecendo e

quando ele olhou para o chão mal conseguia ver a sombra da árvore do

lado de fora de sua janela.

Ele apagara, dormindo ou inconsciente, por três, talvez quatro horas. Ele estava coberto de suor e suas pernas estavam dormentes; ele não havia as

colocado dentro da cama.

Agora ele tentou fazê-lo, e houve uma explosão de agulhadas, que quase fez com que gritasse. Ao invés disso, ele deslizou para o chão, e as agulhas

correram de suas coxas até sua virilha. E sentou-se com os joelhos dos

lados das orelhas, suas costas latejavam, suas pernas zumbiam, sua cabeça

estava confusa. Algo horrível havia acontecido, mas no começo ele não

conseguiu se lembrar o quê. Enquanto ele se sentava lá contra a cama,

olhando para Clayton Moore em sua máscara do Cavaleiro Solitário, as

coisas começaram a voltar. O braço deslocado de Carol, sua mãe espancada

e enlouquecida também, sacudindo o chaveiro verde em sua cara, furiosa

com ele. E Ted. .

Ted já teria ido embora a uma hora dessas, e provavelmente era melhor

assim, mas como doía pensar a respeito.

Ele se levantou e andou duas vezes ao redor do quarto. Na segunda vez ele

parou pela janela e olhou lá para fora, esfregando as mãos na parte de trás

do pescoço, que estava duro e suado. Um pouco abaixo da rua, as gêmeas

Sigsby, Dina e Dianne, pulavam corda, mas as outras crianças estavam

dentro de suas casas, ou para jantarem ou pelo resto da noite. Um carro passou, com os faróis acesos. Era mais tarde do que ele pensava; as

sombras celestiais da noite estavam caindo.

Ele deu mais uma volta em seu quarto, exercitando as pernas, sentindo-se

como um prisioneiro exercitando-se em sua cela. Não havia fechadura na

porta, não mais do que sua mãe havia posto, mas ele se sentiu como um pássaro em uma gaiola, mesmo

assim. Ele tinha medo de sair. Ela não havia

o chamado para jantar, e embora ele estivesse com fome (um pouco, de

qualquer forma), ele tinha medo de sair. Ele tinha medo de como a

encontraria. . ou não encontraria. E se ela inalmente houvesse atingido sua

cota com Bobby-O, estúpido e mentiroso Bobby-O, o ilho de seu pai?

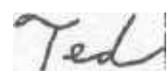
Mesmo se ela estivesse aqui, e parecesse voltar ao normal. . haveria

qualquer coisa parecida com normal? As pessoas tinham coisas horríveis

atrás de suas faces às vezes. Ele sabia disso.

Quando ele alcançou a porta fechada de seu quarto, ele parou. Havia um

pedaço de papel jazendo lá. Ele se abaixou e o pegou. Ainda havia luz o suficiente para ele ler facilmente.

Querido Bobby–

No momento em que estiver lendo isto, eu terei ido embora... mas vou

levá-lo comigo em meus pensamentos. Por favor, ame sua mãe e

lembre-se de que ela ama você. Ela estava com medo, ferida, e

envergonhada nesta tarde, e

quando nós vemos pessoas deste modo, nós só vemos o pior lado

delas. Eu te deixei algo que está em meu quarto. Eu me lembrarei de minha promessa.

Com todo amor,

Os cartões postais, é isso o que ele prometeu. Mandar-me cartões postais.

Sentindo-se melhor, Bobby dobrou a nota que Ted havia deslizado para

seu quarto antes de partir e abriu a porta do quarto.

A sala de estar estava vazia, mas havia sido arrumada. Pareceria quase

bem se você não soubesse que deveria haver um relógio na parede ao lado

da TV; agora havia apenas um pequeno prego onde estivera pendurado,

apontando para fora sem segurar nada.

Bobby percebeu que podia ouvir sua mãe roncando no quarto. Ela sempre

roncava, mas este era um ronco pesado, como uma pessoa velha, ou um

bêbado roncando em um ilme. *É porque eles a machucaram* , Bobby

pensou, e por um momento ele pensou no

(*Como vai essa força, garotão*)

Sr. Biderman e os dois bananas se acotovelando no banco traseiro e

sorrindo, *Matem a porca, cortem sua gargant* a, Bobby pensou. Ele não queria pensar nisso, mas foi o que fez.

Ele saiu na ponta dos pés pela sala de estar, tão quieto como João no castelo do gigante, abriu a porta para a entrada, e saiu. Ele andou na ponta

dos pés no primeiro lance de escadas (andando pelo lado do corrimão,

porque ele havia lido em um romance de mistério dos Hardy Boys que se

você andasse deste modo em uma escada, ela não rangeria muito), e

correu pelo segundo.

A porta de Ted estava aberta; o quarto estava quase vazio. As poucas coisas que ele mesmo havia posto (uma pintura de um homem pescando

ao pôr-do-sol, uma pintura de Maria Madalena lavando os pés de Jesus, e um calendário) haviam desaparecido. O cinzeiro na mesinha estava vazio,

mas ao lado dela estava uma das sacolas de papel de Ted. Dentro dela

estavam quatro livros de capa mole: *A Revolução dos Bichos*, *O Mensageiro do Diabo*, *A Ilha do Tesouro* , e *Ratos e Homens*. Escrito do lado da sacola de papel, estava a caligra ia tremida, mas completamente legível, de Ted: Leia

o de Steinbeck primeiro. "*Caras como nós*". *– George diz quando ele conta a*

Lennie a história que Lennie sempre quer ouvir. Quem são os caras como nós? Quem eram eles para Steinbeck? Quem são eles para você? Pergunte isso a si mesmo.

Bobby pegou os livros, mas deixou a sacola, ele tinha medo de que se sua

mãe visse uma das sacolas de Ted, ela enlouqueceria novamente. Ele olhou

para o refrigerador, mas não viu nada a não ser uma garrafa de mostarda

French e uma caixa refrigerante quente. Ele fechou o refrigerador

novamente e olhou em volta. Era como se ninguém houvesse morado ali.

Exceto. .

Ele foi até o cinzeiro, segurou-o na frente do nariz, e inalou profundamente.

O cheiro dos Chester ields era forte, e isso trouxe Ted de volta

completamente, Ted sentado lá em sua mesa, falando sobre *O Senhor das Moscas*, Ted parado à frente do espelho no banheiro, fazendo a barba com

aquela lâmina assustadora dele, ouvindo pela porta aberta enquanto

Bobby lia as opiniões dos jornalistas que ele mesmo não entendia.

Ted deixando uma pergunta inal do lado de uma sacola de papel: Caras

como nós. Quem são os caras como nós?

Bobby inalou de novo, sugando os pequenos locos de cinza e lutando

contra a vontade de espirrar, segurando o cheio, ixando sua memória o

melhor que podia, fechando os olhos, e pela janela veio o interminável e inevitável lamento de Bowser, agora soando pela escuridão como em um

sonho: *uou-uou-uou, uou-uou-uou*.

Ele pousou o cinzeiro de novo. A vontade de espirrar havia passado. *Eu vou*

fumar Chester ields, ele havia decidido. *Eu vou fumá-los por toda a minha vida*.

Ele desceu as escadas, segurando os livros em seu peito e andando por fora das escadarias de novo enquanto ia do segundo andar até a entrada.

Ele deslizou para o apartamento, na ponta dos pés, andando pela sala de estar (sua mãe ainda roncava, mais alto do que antes) e para dentro de seu quarto. Ele pôs os livros sob a cama, *bem* escondido. Se sua mãe os achasse, ele diria que o Sr. Burton havia dado a ele. Era uma mentira, mas

se ele contasse a verdade, ela sumiria com os livros. Além disso, mentir não

parecia mais uma coisa tão ruim. Mentir poderia se tornar uma

necessidade. Com o tempo poderia até mesmo se tornar um prazer.

E agora? O ronco em seu estômago decidiu por ele. Um pouco de pasta de

amendoim e sanduíche de geléia era o que iria acontecer agora.

Ele começou pela cozinha, passando pela porta parcialmente aberta de sua

mãe na ponta dos pés sem nem mesmo pensar, e então parou. Ela estava

se mexendo na cama. Seus roncos estavam irregulares, e ela estava

falando enquanto dormia. Era apenas um murmúrio baixo, que Bobby não

conseguia decifrar, mas ele percebeu que não tinha que fazê-lo. Ele podia ouvi-la de qualquer forma. E ele podia ver coisas. Seus pensamentos? Seus

sonhos? O que quer que fosse, era horrível.

Ele deu três passos na direção da cozinha, então teve um lampejo de algo tão terrível que sua respiração congelou em sua garganta como gelo: VOCÊ

VIU BRAUTIGAN! Ele é um VELHO CÃO MESTIÇO mas NÓS O AMAMOS!

– Não. – ele sussurrou. – Oh, mamãe, não.

Ele não queria entrar lá onde ela estava, mas seus pés giraram naquela

direção de qualquer forma. Ele foi com eles como um refém. Ele assistiu sua mão se mover, os dedos se esticarem, e empurrar a porta de seu

quarto completamente.

Sua cama ainda estava feita. Ela estava deitada em cima da colcha em seu

vestido, uma perna tão encolhida que quase tocava em seu peito. Ele podia

ver o topo de suas meias e a cinta-liga, e isso o fez pensar na moça na foto

do calendário no Canto do Bolso, aquela saindo do quarto com a maior

parte da saia no colo. . exceto que a moça saindo do Packard não tinha os machucados feios acima das meias.

O rosto de Liz estava vermelho onde não estava machucado; o cabelo

estava empapado de suor; suas bochechas estavam besuntadas de lágrimas e manchadas pela maquiagem. Uma tábua rangeu abaixo do pé

de Bobby enquanto ele entrava no quarto.

Ela gemeu e ele congelou, claro que seus olhos se abririam.

Ao invés de acordar, ela rolou pela cama. Aqui, no quarto dela, a mistura de pensamentos e imagens que saiam dela não eram só mais claras, mas

também mais organizadas e mais pungentes, como o suor emanando de

uma pessoa doente. No fundo de tudo estava o som de Benny Goodman

tocando “One O’Clock Jump”, e o gosto de sangue escorrendo pela parte de

trás da garganta dela.

Você viu Brautigan , Bobby pensou. *Ele é um velho cão mestiço, mas nós o amamos. Você viu.* .

Ela havia fechado as cortinas antes de se deitar e o quarto estava muito escuro.

Ele deu mais um passo, e então parou ao lado da mesa com o espelho, onde

às vezes ela sentava para retocar a maquiagem. Sua bolsa estava lá. Bobby

pensou em Ted o abraçando, o abraço que Bobby quisera, que precisara

tanto. Ted acariciando suas costas, a curva de seu rosto. *Quando eu toco, eu*

passo uma espécie de janela, Ted havia lhe dito enquanto voltavam no táxi de Bridgeport. E agora, do lado da mesa de maquiagem de sua mãe com os

punhos cerrados, Bobby tentou olhar através da janela da mente de sua

mãe.

Ele pegou um lampejo dela voltando de trem, encolhida, olhando pelos

milhares de quintais entre Providence e Harwich para que menos pessoas

a vissem; ele a viu espiando para o brilhante chaveiro verde no armário ao

lado do copo enquanto Carol vestia blusa; a viu levando Carol para casa, fazendo perguntas por todo o caminho, uma após a outra, atirando-as como

balas de uma metralhadora. Carol, abalada demais para dissimular, havia

respondido todas. Bobby viu sua mãe andando (mancando) até o Parque

Commonwealth, ouvindo-a pensar *Se apenas algo de bom pudesse sair deste*

pesadelo, se apenas algo de bom, qualquer coisa *boa*. .

Ele a viu sentar no banco na sombra e então se levantar por um momento,

andar na direção da Spicer para comprar alguma coisa para dor de cabeça

e um Nehi para ajudá-la engolir antes de voltar para casa. E então, logo antes de deixar o parque, Bobby a viu espiar algo preso às árvores. Este algo estava pregado por toda a cidade; ela deve ter passado por

alguns no

caminho para o parque, mas estava tão perdida em seus pensamentos que

nem os notou.

Uma vez mais, Bobby sentiu-se como um passageiro em seu próprio corpo,

nada mais do que isso. Ele viu sua mão se mover, viu dois dedos (os dois que iriam carregar manchas amarelados de um fumante constante em

alguns anos) fazer um movimento de tesouro e pegar uma coisa saliente da

boca da bolsa. Bobby puxou o papel, o desdobrou, e leu as duas primeiras

linhas na fraca luz que vinha da porta: VOCÊ VIU BRAUTIGAN!

Ele é um VELHO CÃO MESTIÇO mas NÓS O AMAMOS!

Seus olhos pularam meio caminho abaixo para as palavras que sem dúvida

haviam seduzido sua mãe e extinguido qualquer outro pensamento de sua

cabeça.

Nós pagaremos UMA GRANDE RECOMPENSA

($$$$)

Aqui estava a coisa boa que ela estivera desejando, esperando, rezando;

aqui estava UMA GRANDE RECOMPENSA.

E ela havia hesitado? Será que o pensamento “Espere um minuto, meu filho

ama aquele velho bastardo! havia passado por sua cabeça?

Que nada.

Você *não conseguia* hesitar. Porque a vida era cheia de Don Bidermans, e a

vida não era justa.

Bobby saiu do quarto na ponta dos pés com o cartaz nas mãos, andando

em suaves e grandes passos, congelando quando o piso rangia sob seus

pés, e então continuava. Atrás dele, o murmúrio de sua mãe havia

diminuído para pequenos roncos novamente. Bobby chegou à sala de estar

e fechou a porta atrás dele, segurando a maçaneta torcida até que a porta

icasse totalmente fechada, não querendo que o trinco izesse barulho.

Então ele correu na direção do telefone, percebendo só agora que ele estava longe dela, que seu coração batia a toda velocidade, e que sua

garganta tinha gosto de ferro. Qualquer vestígio de fome havia

desaparecido.

Ele pegou o fone, olhou em volta rapidamente para se certi icar que a

porta de sua mãe continuava fechada, então ligou para o número do cartaz.

O número queimava em sua cabeça: HOusitonic 5-8337.

Houve apenas silêncio quando ele terminou de discar. Não era surpresa,

porque não havia qualquer posto HOusitonic em Harwich. E se ele sentisse

frio novamente (exceto por suas bolas e as solas dos pés, que estavam

estranhamente quentes), era só porque ele estava com medo por Ted. Isso

era tudo. Apenas. .

Houve um clique que soou como uma pedra chocando-se quando Bobby

estava para desligar. E então a voz disse "*Sim?* ".

É Biderman! Bobby pensou com selvageria. *Caramba, é Biderman*!

– Sim? – a voz disse novamente. Não, não era Biderman. Malvado demais

para ser Biderman, mas era a voz de um banana, sem dúvida, e enquanto a

temperatura de sua pele continuou a descer para o zero absoluto, Bobby

soube que o homem do outro lado da linha tinha algum tipo de casaco

amarelo em seu guarda-roupa.

Subitamente seus olhos arderam e a parte de trás deles começou a coçar. *É*

a família Sagamore? foi isso que ele pretendeu perguntar, e se quem quer que estivesse no telefone dissesse sim, ele iria implorar para que deixasse

Ted livre, ele faria qualquer coisa que pedissem. Mas agora que sua

chance havia chegado, ele não conseguiu dizer nada. Até este ponto ele não

tinha acreditado completamente nos homens maus. Agora alguma coisa

estava do outro lado da linha, alguma coisa que não tinha nada em comum

com a vida como Bobby Garfield a entendia.

– Bobby? – a voz disse, e houve uma espécie de prazer insinuante na voz,

um reconhecimento sensual. – Bobby. – a voz disse novamente, dessa vez

sem um ponto de interrogação. As manchas começaram a invadir a visão

de Bobby; a sala de estar do apartamento subitamente se encheu de neve

negra.

– Por favor. . – Bobby suspirou. Ele juntou toda a sua determinação e se forçou a terminar. – Por favor, deixem ele ir.

– Não podemos fazer isso. – a voz vinda do vazio disse. – Ele pertence ao Rei.

Fique longe, Bobby. Não inter ira. Ted é nosso cão. Se não quiser ser nosso

cão também, fique longe.

Clique.

Bobby segurou o telefone em sua orelha por mais um momento,

precisando tremer, mas com frio demais para fazê-lo. A coceira em seus

olhos começou a desaparecer, e as manchas caindo começaram a se

misturar ao ambiente escuro.

Finalmente ele afastou o telefone do rosto, começou a abaixá-lo, e então parou. Havia dúzias de pequenos círculos vermelhos nas perfurações do

fone de ouvido. Era como se a voz da coisa do outro lado houvesse feito o telefone sangrar.

Arquejando em leves e rápidos soluços, Bobby pôs o telefone de volta ao gancho e foi para o quarto. *Não inter ira*, o homem do número da Família Sagamore havia lhe dito. *Ted é nosso cão*. Mas Ted não era um cão. Ele era

um homem, e ele era o amigo de Bobby.

Ela podia ter dito a eles onde ele icaria hoje à noite, Bobby pensou. *Eu acho*

que Carol sabia. Se sim, se ela disse a sua mãe. .

Bobby pegou o pote de dinheiro para comprar sua bicicleta. Ele pegou todo

o dinheiro e deixou o apartamento. Ele considerou deixar uma nota para

sua mãe, mas ele não o fez. Ela poderia ligar para HOusitonic 5-8337

novamente se o izesse, e dizer ao banana com a voz malvada o que seu

Bobby-O estava fazendo. Essa era um razão para não deixar uma nota. A

outra era que se ele pudesse avisar Ted a tempo, ele poderia ir com ele.

Agora Ted o deixaria ir com ele. E se os homens maus o matassem ou o seqüestrassem? Bem, estas coisas eram quase iguais a fugir, não eram?

Bobby deu uma olhada inal ao redor do apartamento, e enquanto ele

ouviu sua mãe roncar, ele sentiu um puxão involuntário em seu coração e

em sua mente. Ted tinha razão: apesar de tudo, ele a amava. Se havia um *ka*, amá-la era parte dele.

Ainda assim, ele esperava nunca mais vê-la.

– Adeus, Mamãe. – Bobby sussurrou. Um minuto depois ele corria a ladeira

da Broad Street abaixo na direção das profundezas das trevas, com uma

mão fechada ao redor do maço de dinheiro em seu bolso, para que nada

pudesse pular para fora dele.

10

Semanas passariam sem correio (não para ele), e então haveria outro envelope com corações e ursinhos no verso, outra folha de papel de lado destacado, mais coisas sobre patins e piruetas e novos sapatos e como ela

estava com problemas em aprender frações. Cada carta era como uma

laborada respiração a mais de uma pessoa amada cuja morte agora parece

inevitável. Uma respiração a mais.

Até Sully-John lhe escreveu algumas cartas. Elas pararam no começo de

1961, mas Bobby estava admirado e comovido por Sully tentar. Na

caligra ia de um garotão e nos dolorosos erros ortográ icos, Bobby pode

imaginar algo aproximado de um adolescente de bom coração que iria

jogar esportes e fazer amor com líderes de torcida com igual alegria, um rapaz que iria se perder nos matagais das pontuações tão facilmente como

quando tentasse penetras nas linhas defensivas dos times adversários de

futebol. Bobby achou que ele poderia até mesmo ver o homem que

esperava para ser Sully nos anos setenta e oitenta, esperando por ele do modo como se espera um táxi chegar: um vendedor de carros que

eventualmente faz sua própria compra. John Honesto, é claro, Harwich

Chevrolet do John Honesto. Ele teria um grande estômago pendurado em

seu cinto e várias placas nas paredes de seu escritório e ele iria treinar jovens esportistas e começar cada discurso com *Ouçam, rapazes* e então iria para a igreja e marchar em paradas e estar no conselho da cidade e tudo mais. Seria uma boa vida, Bobby admitiu. . a fazenda e os coelhos ao invés das varas a iadas em ambas as pontas. Embora para Sully a vara

acabou icando à espera, a inal de contas; à espera na Província Dong Ha,

junto com a velha *mamasan*, aquela que nunca iria embora completamente.

***

Bobby tinha catorze anos quando o policial o pegou saindo da loja de

conveniência com seis grades de cerveja (Narragansett) e três maços de

cigarro (Chester ields, naturalmente; vinte e um grandes tabacos fazendo

vinte maravilhosos cigarros). Este era o policial loiro de *A Vila dos Amaldiçoados*.

Bobby disse ao policial que ele não havia arrombado, que a porta dos

fundos estava aberta e que ele havia entrado, mas quando o policial jogou

luz de lanterna na fechadura, ela estava metade quebrada e pendia na

velha madeira da porta. E quanto a isso? O policial perguntou, Bobby deu

de ombros. Sentando no carro (o policial deixou Bobby sentar no banco da frente com ele, mas não

deixaria que Bobby fumasse se pedisse), o policial

começou a preencher um formulário. Ele perguntou ao carrancudo e

magro rapaz ao seu lado qual era o seu nome. Ralph, Bobby respondera.

Ralph Garfield.

Mas quando eles encostaram à frente da casa onde ele agora vivia com a mãe, (uma casa inteira com escadarias, os tempos eram bons), ele dissera

ao policial que mentira.

– Meu nome de verdade é Jack. – ele disse.

– Ah, mesmo? – disse o policial loiro de *A Vila dos Amaldiçoados*.

– Sim. – Bobby disse assentindo. – Jack Merridew Garfield. Sou eu.

***

As cartas de Carol Gerber pararam em 1963, que aconteceu de ser o ano

da primeira expulsão escolar de Bobby e também o ano de sua primeira

visita à Casa de Correção para Jovens de Massachusetts em Bedford. A

causa de sua visita havia sido a posse de cinco cigarros de maconha, que Bobby e seus amigos chamavam de palitinhos da alegria. Bobby foi

setenciado a noventa dias, os últimos trinta perdoados por bom

comportamento. Ele leu vários livros. Algumas das outras crianças o

chamavam de Professor. Bobby não se importava.

Quando saiu da Casa de Correção de “Bedfode”, o O icial Grandelle (o

O icial Juvenil de Danvers), veio até ele e perguntou se Bobby estava

pronto para se endireitar e agir de acordo. Bobby disse que estava, que havia aprendido sua lição, e por um tempo pareceu verdade. Então no

Outono de 1964 ele espancou um menino e o deixou tão mau que ele teve

que ir para o hospital e houve questões se ele iria ou não se recuperar completamente. O garoto não queria dar seu violão para Bobby, então

Bobby bateu nele e o pegou. Bobby estava tocando o violão (não muito

bem) em seu quarto quando foi preso. Ele contou a Liz que havia

comprado o violão, um acústico Silvertone, em uma loja de penhores.

Liz estava de pé chorando no umbral enquanto o O icial Grandelle levava

Bobby à viatura policial estacionada no meio-fio.

– Eu vou lavar minhas mãos para você se você não parar! – ela gritou atrás dele.

– Estou falando sério! Eu vou!

– Pois faça. – ele disse, sentando-se atrás. – Vá em frente, mãe, lave-as agora e poupe seu tempo.

Dirigindo pelo centro, o Oficial Grandelle disse:

– Achei que você ia se endireitar e agir de acordo, Bobby.

– Eu também. – Bobby disse. Dessa vez ele pegou seis meses em “Bedfode”.

***

Quando ele saiu, ele pegou um trem e viajou de volta para casa. Quando

entrou em casa, sua mãe não veio para dar as boas vindas.

– Você recebeu uma carta. – ela disse de seu quarto escuro. – Está na sua

mesa.

O coração de Bobby começou a bater contra suas costelas assim que viu o

envelope. Os corações e os ursinhos haviam desaparecido (ela era velha

demais para eles agora), mas ele reconheceu a caligra ia de Carol no

mesmo instante. Ele pegou a carta e rasgou o envelope. Dentro havia uma

única folha de papel (com os lados destacados), e outro envelope, só que menor. Bobby leu a nota de Carol, a última que ele recebeu dela pelo resto

de sua vida, rapidamente.

Querido Bobby,

Como está. Eu estou bem. Você recebeu algo de seu velho amigo, aquele

que consertou meu braço daquela vez. Veio até mim porque eu

acho que ele não sabia onde você estava. Ele escreveu uma nota me

pedindo para mandar junto. Então eu estou mandando. Diga oi para

sua mãe.

Nada de novas aventuras sobre piruetas. Nada de novidades sobre como ela estava se saindo em matemática. Nada de novidades sobre namorados,

tampouco, mas Bobby achou que ela provavelmente tivera alguns.

Ele pegou o envelope selado com as mãos moles e trêmulas. Seu coração

batendo mais forte do que nunca. Na frente, de caneta, estava escrita uma

única palavra: seu nome. Era a caligrafia de Ted. Ele soube na mesma hora.

Com a boca seca, sem perceber que seus olhos se enchiam de lágrimas

Bobby abriu o envelope, que não era maior do que aqueles que as crianças

mandavam no dia dos namorados na primeira série.

O que saiu primeiro foi o cheiro mais doce que Bobby já experimentara. O

fez pensar em como ele abraçava sua mãe quando era menor, o cheiro de

seu perfume e desodorante e as coisas que ela colocava no cabelo; fez com

que pensasse em como o Parque Commonwealth cheirava no verão; o fez

pensar em como as estantes da Biblioteca de Harwich cheiravam, fortes e

sombrias, e de algum modo explosivas. As lágrimas em seus olhos

começaram a cair em suas bochechas. Ele se acostumara a se sentir velho;

sentir-se novo de novo, sabendo que *poderia* fazê-lo, era um terrível

choque desorientador.

Não havia carta, nem nota, nem qualquer tipo de escritura. Quando Bobby

abriu o envelope o que choveu na superfície de sua mesa foram pétalas de

rosa, do vermelho mais escuro e profundo que já vira.

Sangue de coração, ele pensou, exaltado sem saber o porquê. No mesmo

instante, e pela primeira vez em anos, ele se lembrou de como era levar

sua mente para longe, como você podia colocá-la em liberdade. E mesmo

enquanto ele pensava nisso ele sentiu seus pensamentos submergindo. As

pétalas de rosa brilhavam na superfície marcada de sua mesa como rubis,

como luz secreta jorrada pelo coração secreto do mundo.

Não só um mundo, Bobby pensou. *Não só um. Há outros mundos além este,*

milhões de mundo, todos girando no eixo da Torre.

E então ele pensou: *Ele escapou deles novamente. Ele está livre novamente*.

As pétalas não deixaram espaço para dúvidas. Elas eram todos os sim que

qualquer pessoa poderia precisar; todos os você-deve, todos os você-pode,

todos os é-verdade.

Aqui vão elas, estão parando, Bobby pensou, sabendo que havia ouvido essas palavras antes, sem se lembrar onde ou entendendo o motivo de ter

se lembrado delas agora. Sem se importar com isso, tampouco.

Ted estava livre. Não neste mundo e neste tempo, desta vez ele não havia

corrido em outra direção. . mas em *outro* mundo.

Bobby pegou várias pétalas fazendo uma concha com as mãos, cada uma

delas parecia pequenas moedas de seda. Ele as segurou como se estivesse

com as palmas cheias de sangue, então as levou até o rosto. Ele poderia ter

se afogado em seu aroma.

Ted estava nelas, Ted claro como dia com seu jeito engraçado de andar,

seu cabelo branco de bebê, e suas manchas amarelas de nicotina tatuadas

em seus dois primeiros dedos da mão direita. Ted e sua bagagem de

sacolas de papel.

Como no dia em que ele punira Harry Doolin por machucar Carol, ele ouviu

a voz de Ted. Até então ele pensara que havia sido sua imaginação. Desta

vez Bobby achou que havia sido real, algo que havia sido incorporado nas

pétalas e deixado para ele.

Calma, Bobby. Já é o bastante, então se segure. Controle-se.

Ele sentou em sua mesa por um longo tempo com as pétalas de rosa pressionadas contra o rosto. Finalmente, com cuidado, para não perder nenhuma, ele as colocou de volta no pequeno envelope e dobrou a parte de cima rasgada.

Ele está livre. Ele está. . em algum lugar. E ele se lembrou.

– Ele se lembrou de mim. – Bobby disse. – Ele se lembrou de *mim*.

Ele se levantou, foi até a cozinha, e pegou a chaleira. Então ele foi até o quarto de sua mãe. Ela estava na cama, deitada lá em sua fronha com os pés para cima, e ele viu que agora ela começara a parecer velha. Ela virou o rosto quando o viu se sentar próximo a ela, um menino agora quase tão grande quanto um homem, mas ela o deixou pegar sua mão. Ele a segurou, a acariciou e esperou pela chaleira apitar. Depois de um tempo, ela se virou para ele.

– Oh, Bobby. – ela disse. – Nós estragamos tantas coisas, você e eu. O que faremos?

– O melhor que pudermos. – ele disse, ainda acariciando sua mão. Ele a levou até os lábios e beijou a palma, onde sua linha da vida e a linha do coração se cruzavam brevemente antes de se apartarem novamente. – O melhor que pudermos.

1966: Cara, nós simplesmente não conseguíamos parar de rir.

CORAÇÕES NA ATLÂNTIDA

(**N.T. – O nome “Hearts” do título original (Hearts in Atlantis), refere-se a um trocadilhoentre o substantivo, e ao nome do jogo de cartas, “Hearts” (que nós conhecemos como “Copas”), que será proeminente nesta história. Entretanto, na tradução se perdeu otrocadilho, e eu**

preferi deixar como “Corações” (assim como no título do livro

também).)

1

Quando eu cheguei na Universidade do Maine em 1966, ainda havia um

adesivo Goldwater rasgado e meio apagado, mas perfeitamente legível

(AuH2O-4-USA), no velho Station Wagon que eu herdara de meu irmão.

Quando eu deixei a Universidade em 1970, eu não tinha mais carro. O que

eu tinha era uma barba, cabelos que batiam nos ombros, e uma mochila

com um adesivo que dizia RICHARD NIXON é UM CRIMINOSO DE GUERRA.

O button no colarinho de minha jaqueta jeans dizia EU NÃO SOU UM FILHO

AFORTUNADO. A faculdade era sempre um tempo de mudança, eu acho, a

última grande convulsão da infância, mas eu duvido que tenham havido

mudanças de tanta magnitude como aquelas enfrentadas pelos estudantes

que chegaram aos seus campus no fim dos anos sessenta.

A maioria de nós não fala muito sobre aqueles anos agora, não porque não

nos lembramos deles, mas porque a linguagem que falávamos naquela

época se perdeu. Quando eu tento falar sobre os anos sessenta (mesmo

quando eu tento *pensar* neles), eu sou tomado pelo horror e pela

hilaridade. Eu vejo calças de boca de sino e Sapatos da Terra. Eu fumo maconha e patchuli, incenso e menta. E eu escuto Donovan Leitch cantando

sua doce e estúpida canção sobre o continente de Atlântida, letras que

parecem profundas para mim nas vigílias noturnas, quando eu não consigo

dormir. Quanto mais velho eu ico, mais di ícil é esquecer e superar a

estupidez daquela canção, e me segurar em sua doçura. Eu tenho que

lembrar a mim mesmo que naquela época éramos menores, menores o su iciente para vivermos nossas brilhantes e coloridas vidas embaixo dos

cogumelos, o tempo todo acreditando que eles eram árvores, uma proteção

do céu que nos protege. Eu sei que isso não tem qualquer sentido real, mas

é o melhor que eu posso fazer: saudar Atlântida.

2

Eu terminei meu último ano vivendo fora do campus, nos Acres do LSD,

nas cabanas apodrecidas lá perto do rio Stillwater, mas quando eu cheguei

à U do M em 1966, eu vivia no Chamberlain Hall, que era parte de um

complexo de três dormitórios: Chamberlain (para homens), King (homens),

e Franklin (mulheres). Também havia o salão de jantar, o Holyoke

Commons, que icava um pouco longe dos dormitórios (mas não tanto),

talvez uns duzentos metros, mas parecia longe nas noites de inverno, ou

quando o vento estava forte, e a temperatura icava abaixo de zero. Longe

o bastante para o Holyoke ser conhecido como o Palácio das Planícies.

Eu aprendi muito na faculdade, pouco disso dentro da sala de aula. Eu

aprendi a como beijar uma garota e pôr uma camisinha ao mesmo tempo

(uma necessária, mas freqüentemente negligenciada habilidade).

Como beber uma lata de meio litro de cerveja sem vomitar, como ganhar

uma grana extra em meu tempo livre (escrevendo trabalhos de pesquisa

para garotos com mais dinheiro do que eu, o que seria a maioria deles), como não ser um Republicano, mesmo eu tendo vindo de uma longa

linhagem deles, como ir para as ruas com uma placa acima da cabeça,

cantando *Um, dois, três, quatro, não vamos lutar na porra da sua guerra* e *Ei, e i* , ***LBJ*** (**N.T. – Iniciais do Presidente americano Lyndon Baines Johnson (1963-1969).**) *sabe quantas crianças você matou hoje* . Eu aprendi que você deveria icar a favor do vento do gás lacrimogêneo e respirar

lentamente em um lenço, ou em uma bandana, se não tivesse um. Eu

aprendi que quando os cassetetes entrassem em cena, você deveria se

jogar no chão, encolher os joelhos até o peito, e cobrir a parte de trás de sua cabeça com suas mãos. Em

Chicago, em 1968, eu aprendi que os tiras

podem te bater bonito não importa o quanto você se proteja Mas antes que eu aprendesse essas coisas, eu aprendi sobre os prazeres e perigos de

Copas. Havia dezesseis quartos que comportavam trinta e dois garotos no

terceiro andar do Chamberlain Hall no Outono de 1966; em Janeiro de

1967, dezenove destes garotos ou haviam se mudado, ou haviam sido

reprovados, vítimas de Copas. A coisa nos varreu naquele Outono como

uma onda virulenta de gripe. Apenas três dos rapazes no Terceiro estavam

completamente imunes, eu acho. Um era o meu colega de quarto, Nathan

Hoppenstand. Outro era David "Dearie" Dearborn, o monitor do andar.

O terceiro era Stokely Jones III, que em breve seria conhecido pelos

cidadãos de Chamberlain Hall como "Matador". Às vezes eu acho que é

sobre Matador que eu quero lhes falar; às vezes eu acho que é sobre Skip

Kirk (mais tarde conhecido como Capitão Kirk, é óbvio), que foi o meu

melhor amigo durante aqueles anos; às vezes eu acho que é sobre Carol.

Constantemente eu acredito que é sobre os próprios anos sessenta que eu

quero falar, embora isso sempre tenha parecido impossível para mim. Mas

antes que eu fale de qualquer uma dessas coisas, é melhor eu contar a

vocês sobre Copas.

Skip disse uma vez que Uíste é Bridge para viciados, e Copas é Bridge para

os *verdadeiros* viciados. Você não vai obter qualquer argumento de mim, embora isso meio que fuja do ponto. Copas é divertido, esse é o ponto, e quando você joga por dinheiro (um níquel por ponto era a aposta normal

em Chamberlain Três), ele rapidamente se torna uma coisa compulsiva. O

número ideal de jogadores é quatro.

Todas as cartas são repartidas e então jogadas em turnos. Cada mão

equivale a um total de vinte e seis pontos: treze copas por ponto, e a rainha

de espadas (que nós chamávamos de A Puta), valia treze pontos sozinha. O

jogo termina quando um dos quatro jogadores atingir cem pontos. O

vencedor é o jogador que possuir o menor placar.

Em nossas maratonas, cada um dos outros três jogadores pagaria baseado

na diferença entre seu placar e o placar do vencedor. Se, por exemplo, a diferença entre meu placar e o de Skip fosse de vinte pontos ao fim do jogo,

eu teria que lhe pagar um dólar pela aposta normal de um níquel por

ponto. Uma ninharia, você diria hoje, mas isso foi em 1966, e um dólar não

era apenas um troco para os estudantes patetas que viviam em

Chamberlain Três.

3

Eu me lembro bem de quando a epidemia de Copas começou: na primeira

semana de Outubro. Eu me lembro por causa da primeira rodada de

provas que havia acabado de terminar, e eu havia sobrevivido.

Sobrevivência era um problema real para a maioria dos rapazes em

Chamberlain Três; nós estávamos na faculdade graças a variedade de

bolsas de estudo, empréstimos (a maioria era, incluindo a minha, uma

cortesia da Ato de Defesa da Educação Nacional), e empregos educacionais.

Era como dirigir em cima de um carro de destruição feito de caixa de

sabão construída com grude, ao invés de pregos, e enquanto os nossos

preparativos variavam (a maioria de acordo com o quanto éramos

espertos quando se tratava de preencher formulários e como nossos

conselheiros escolares haviam trabalhado duro por nós), havia um fato

duro da vida. Isso estava destacado em um quadro feito de crochê

pendurado no salão do terceiro ainda, onde nossa maratona de Copas era

jogada. A mãe de Tony DeLucca que o fez, falou para ele pendurá-lo em

algum lugar onde ele pudesse vê-lo todo dia, e o mandou para a faculdade

com isso. Quando o Outono de 1966 foi substituído pelo Inverno, o quadro

da Sra. DeLucca pareceu icar mais brilhante a cada vez que uma mão era

passada, a cada queda d'A Puta, a cada noite em que eu ia para cama sem

abrir meus livros, com minhas notas nunca estudadas, e meus cadernos

nunca escritos. Uma ou duas vezes eu sonhei sobre isso:

2.5.

Era isso que o quadro dizia, em grandes números vermelhos costurados. A

Sra. DeLucca entendera o que isso signi icava, e nós também. Se você

morasse em um dos dormitórios comuns (Jacklin ou Dunn, ou Pease ou

Chadbourne), você poderia assegurar sua vaga na Classe de 1970 com a

média de 1.6. . se, é claro, Papai e Mamãe continuassem a pagar as contas.

Essa faculdade era uma instituição por concessão de terras, lembre-se; não

estamos falando sobre uma Harvard ou Wellesley. Entretanto, para

estudantes que tentavam escalar através dos pacotes de bolsa e

empréstimos, 2.5 era a linha traçada na areia. Tire menos de 2.5 (caia de C

normal para C-, em outras palavras), e seu pequeno carrinho de caixa de sabão estaria quase fadado a se desmanchar. “Mantenha contato, baby, até

mais.” Como Skip Kirk costumava dizer.

Eu fui bem na primeira rodada de testes, especialmente para um rapaz

que estava doente de saudades de casa (eu nunca estive longe de casa em

minha vida, exceto por uma semana no acampamento de basquete, de

onde eu voltei com um pulso torcido e um esquisito fungo que crescia

entre meus dedos e sob meu saco). Eu tinha cinco matérias, e tirei B em tudo, exceto em Inglês. Nessa eu tirei A. Meu instrutor, que mais tarde se divorciaria de sua esposa e acabaria indo para o Sproul Plaza no campus Berkeley, escreveu “Seu exemplo de onomatopéia é brilhante”, ao lado de

uma de minhas respostas. Eu mandei o teste para casa para minha mãe e

meu pai. Minha mãe retornou um cartão postal com uma única palavra,

Bravo!, rabiscada na parte de trás; lembrar disso me causa uma angústia

inesperada, algo na verdade próximo a dor física.

Era, eu supunha, a última vez que eu mandava para casa um teste escolar

com uma estrela de ouro colada no canto.

Depois da primeira rodada de testes, eu complacentemente calculei minha

média e sai com um 3.3. Eu nunca mais consegui me aproximar disso, e no

im de Dezembro, eu percebi que as escolhas haviam se tornado muito

simples: parar de jogar cartas e talvez sobreviver ao semestre seguinte

com meu frágil pacote inanciador intacto, ou continuar a caçar a Puta sob

o quadro da Sra. DeLucca no salão do terceiro andar até o Natal, e então voltar para Gates Falls de vez.

Eu poderia conseguir um emprego no Moinho de Gates Falls; meu pai

trabalhara lá por vinte anos, até o acidente que lhe custou a visão, e ele me

colocaria lá dentro; Minha mãe odiaria, mas ela não se colocaria no

caminho se eu lhe dissesse que era o que eu queria. Ao im do dia ela era

sempre a realista da família. Mesmo quando suas esperanças e decepções

a faziam icar quase louca, ela era realista. Por um tempo ela icaria de luto

pela minha derrota em passar na Faculdade, e por um tempo eu me

sentiria culpado, mas ambos superariam. Eu queria ser escritor, a inal, não

um maldito professor de Inglês, e eu tinha uma idéia de que apenas

escritores pomposos precisavam fazer faculdade para realizarem seu

ofício.

Ainda assim, eu não queria ser reprovado. Parecia o jeito errado de começar minha vida como um adulto. Cheirava a falha, e todas as minhas

ruminações **Whitmanescas (N.T. – Refere-se ao estilo de escrever de Walt Whitman, escritor americano.**) sobre como um escritor deveria

fazer seu trabalho entre as pessoas que cheiravam como uma

racionalização dessa falha. Mas ainda assim, o salão do terceiro andar me chamava, o barulho das cartas, alguém perguntando se esta mão iria

passar pela direita ou pela esquerda, alguém perguntando quem tinha O

Otário (uma mão de Copas começa por jogar o dois de paus, uma carta

conhecida entre nós, os viciados do terceiro andar, como O Otário). Eu tive

sonhos com Ronnie Malenfant, o primeiro valentão escroto que eu

conhecera desde que escapara dos valentões do colégio, em que ele jogava

espadas, uma após a outra, gritando "É hora de caçar a Puta! Estamos

caçando a Boceta!" em sua voz alta e débil. Nós quase sempre vemos onde

jazem nossos melhores interesses, eu acho, mas às vezes o que vemos

significa muito pouco comparado ao que sentimos. Duro, mas é verdade.

4

Meu colega de quarto não jogava Copas. Meu colega de quarto não tinha

nenhum interesse quanto a guerra não declarada contra o Vietnã. Meu

colega de quarto escrevia para a namorada, uma moça que já estava

terminando o ensino médio no Colégio Wisdom Consolidated, todos os dias.

Coloque um copo de água ao lado de Nathan Hoppenstand e será a água

que parecerá vivaz.

Ele e eu vivíamos no quarto 302, próximo às escadarias, do outro lado da Suíte do Monitor (lar do horroroso Dearie), e ao im do corredor do salão com suas mesas de cartas, cinzeiros, e sua vista para o Palácio das

Planícies. Nossos parceiros diziam (pelo menos para mim), que a maioria

dos macabros devaneios das pessoas sobre o Gabinete do Diretor da

Faculdade poderia ser verdade.

Durante o questionário que eu respondi no Gabinete em Abril de 66

(quando a maior de minhas preocupações era decidir para onde eu

deveria levar Annmarie Soucie para comer depois do Baile de Formatura), eu havia dito que eu era a) um fumante; b) um Jovem Republicano; c) um

aspirante a guitarrista popular; d) uma coruja noturna.

Em sua duvidosa sabedoria, o Diretor do Gabinete me juntara com Nate,

um não-fumante-dentista-em-formação cujos pais eram Democratas do

condado de Aroostook (o fato de que Lyndon Johnson era um Democrata

não fez Nate se sentir melhor sobre os soldados americanos correndo pelo

sul do Vietnã). Eu tinha um pôster de Humphrey Bogart sobre minha

cama; sobre a dele, Nate pendurava fotos de seu cachorro e sua garota. A

garota era uma pálida criatura vestida com o uniforme da Wisdom e

segurando uma batuta como uma clava. Ela era Cindy. O cão era Rinty.

Tanto a garota como o cão mostravam idênticos sorridos. Era surreal pra

caralho.

A pior falha de Nate, pelo que eu e Skip sabíamos, era a coleção de discos

que ele mantinha cuidadosamente organizada em ordem alfabética abaixo

de Cindy e Rinty, e bem acima de seu elegante fonógrafo RCA Swingline.

Ele tinha três discos de Mitch Miller (*Sing Along with Mitch*, *More Sing Along with Mitch*, *Mitch and the Gang Sing John Henry and Other American Folk Favorites*) , *Meet Trini Lopez*, um LP de Dean Martin (*Dino Swings Vegasl*), um LP de Gerry and the Pacemakers, o primeiro álbum de Dave Clark Five (talvez o pior e mais barulhento álbum já feito), e muitos outros

da mesma laia. Eu não consigo me lembrar de todos eles. Isso

provavelmente é uma coisa boa.

– Nate, não. – Skip dissera uma noite. – Oh, por favor, não. – Isso foi pouco

antes da Copasmania começar (talvez uma questão de dias).

– Oh, por favor, não o quê? – Nate perguntou sem tirar os olhos do que fazia em sua mesa. Ele parecia gastar todas as suas horas acordado ou na

classe ou naquela mesa.

Às vezes eu o lagrava com o dedo no nariz, limpando o salão (depois de cuidadosa e meticulosa

inspeção) e escondendo o que tirava embaixo da

gaveta do meio. Era seu único vício. . se você descontasse seu horrível gosto

musical.

Skip estivera inspecionando os álbuns de Nate, algo que ele fazia

absolutamente inconsciente em cada quarto que ele visitava. Agora ele

segurava um. Ele tinha o olhar de um médico examinando um raio-X. . um que mostra um interessante (e quase certo maligno) tumor. Ele estava

entre minha cama e a de Nate, usando sua jaqueta de colegial e um boné de beisebol do Colégio Dexter. Nunca na faculdade, e raramente depois

dela, eu conheci um homem que parecia tão bonitão como o Capitão. Skip

parecia não perceber sua boa aparência, mas ele não poderia não ter

consciência dela, não inteiramente, ou ele não transaria tantas vezes como

fez. Era um tempo em que quase *qualquer pessoa* poderia transar, é claro, mas até mesmo para os padrões da época, Skip estava ocupado. Embora

nada disso tenha começado no Outono de 66; no Outono de 66 o coração

de Skip, assim como o meu, pertenceria a Copas.

– Isso é ruim, chapinha. – Skip disse em uma gentil voz infantil. – Desculpe,

mas isto *fede*.

Eu estava sentando em minha própria mesa, fumando um Pall Mall e

olhando para o meu vale-refeição. Eu sempre estava perdendo essa

maldita coisa.

– O que fede? Por que está olhando meus discos? – o texto sobre botânica

de Nate estava aberto a sua frente. Ele estava desenhando uma folha em

um pedaço de papel. Seu boné azul de calouro estava virado para trás em

sua cabeça. Nate Hoppenstand era, eu acredito, o único membro da classe

de calouros que realmente usava aquele estúpido pano de prato até que o

azarado time de futebol do Maine inalmente fez um touchdown. . isso foi

uma ou duas semanas antes do Dia de Ação de Graças.

Skip continuou a estudar o álbum.

– Isto fede como o pau duro de Satã. Ele realmente fede.

– Eu odeio quando você fala desse jeito! – Nate exclamou, mas ainda assim

teimoso demais para olhar para ele.

Skip *sabia* que Nate odiava quando ele falava desse jeito, o que era a razão de ele continuar.

– Do *que* está falando, de qualquer maneira?

– Sinto muito que minha linguagem te ofenda, mas eu não retiro o

comentário.

Eu não posso. Porque isso é mau. Isso me machuca, chapinha.

Me *machuca* pra caralho.

– *O quê*? – Nate inalmente olhou, irritado por se afastar de sua folha, que estava marcada tão cuidadosamente como um mapa em um atlas das

estradas de Rand McNally. – *O QUÊ*?

– Isto.

Na capa do álbum que Skip segurava, uma garota de cara empinada e

peitinhos empinados espetando a frente de sua blusa de marinheiro

parecia estar dançando no convés de um barco Patrol Torpedo. Uma mão

estava erguida em um empinado aceninho. En iado em sua cabeça estava

um empinado chapeuzinho de marinheiro.

– Aposto que você é o único universitário da América que trouxe *Diane Reene Sings Navy* Blue para a escola. – Skip disse. – Isso é errado, Nate. Isso pertence ao seu sótão, junto à suas calças de salsicha que eu aposto que você vestiu durante todo o colegial, e encontros de igreja.

Se por calças de salsicha ele quis dizer calças Sansabelt de poliéster com aquela inútil e esquisita ivela atrás, eu suspeitei que Nate havia trazido a

maior parte de sua coleção com ele. . ele, na verdade, estava usando um par naquele mesmo momento. Eu não disse nada, entretanto. Eu peguei

uma foto de minha própria namorada e espiei meu vale-refeição atrás dela.

Eu o peguei e o enfiei no bolso de minha Levi.

– Esse é um bom disco. – Nate disse com dignidade. – É um bom disco.

Ele. . *detona*!

– Detona, não é? – Skip perguntou, jogando-o de volta para a cama de Nate.

(Ele se recusou a recolocar os discos de Nate porque ele sabia que isso irritava Nate pra caramba). “Meu corpo malhado vibrou e se juntou a Ma-ma-rinhaaa”? Se essa é sua de inição de bom, me lembre de nunca te

deixar um maldito remédio.

– Eu serei um dentista, não um médico. – Nate disse, destacando cada

palavra.

Veias começavam a aparecer em seu pescoço. Até onde eu sei, Skip Kirk era a única pessoa em Chamberlain Hall, talvez no campus inteiro, que

conseguia irritar o meu amiguinho de quarto. – Estou no pré-dental, sabe o

que o “dental” do pré-dental significa? Significa dentes, Skip! Significa. .

– Me lembre de nunca te deixar mexer no caralho das minhas cáries.

– Por que tem que dizer isso a toda hora?

– O quê? – Skip perguntou, sabendo, mas querendo que Nate dissesse.

Nate eventualmente iria, e seu rosto sempre icava vermelho quando o

fazia. Isso fascinava Skip. Tudo sobre Nate fascinava Skip; o Capitão uma vez me disse que tinha toda certeza de que Nate era um alienígena,

chutado do planeta Santinho.

– Caralho. – Nate Hoppenstand disse, e imediatamente suas bochechas

icaram rosadas. Em poucos minutos ele iria parecer um personagem de

Dickens, algum sério jovem desenhado por Boz. – Isso.

– Os exemplos que eu sigo são péssimos. – Skip disse. – Eu temo pelo seu futuro, Nate. E se Paul Anka fizer um retorno do caralho?

– Você nunca escutou este disco. – Nate disse, pegando o *Diane Reene Sings Navy Blue* de sua cama e o colocando de volta entre Mitch Miller e *Stella Stevens Is in Love!*

– Porra, e nem nunca vou querer. – disse Skip. – Vamos Pete, vamos comer.

Estou com fome pra caralho.

Eu peguei meu texto sobre geologia (haveria um teste na próxima Terça-

Feira).

Skip o tomou de minha mão e o colocou de volta na mesa, derrubando a

foto de minha namorada, que não daria pra mim, mas me bateria uma

lenta, excruciante, e prazerosa punheta, se estivesse de bom humor.

Ninguém batia uma punheta como uma garota Católica. Eu mudei de idéia

sobre muitas coisas no curso de minha vida, mas nunca sobre isso.

– Por que fez isso? – eu perguntei.

– Você não lê na merda da mesa. – ele disse. – Nem mesmo enquanto comendo.

Em que tipo de celeiro você nasceu?

– Na verdade, Skip, eu nasci em uma família onde as pessoas lêem à mesa.

Eu sei que é di ícil para você acreditar que as coisas podem ser feitas de outro modo que não seja o modo de Kirk, mas aí está.

Ele pareceu inesperadamente sério. Ele me pegou pelo antebraço, olhou

em meus olhos, e disse:

– Ao menos não estude enquanto come. Certo?

– Certo. – Mentalmente reservando o direito de estudar na merda da hora

que eu quisesse, ou achasse bom.

– Comporte-se como uma máquina, e você ganhará úlceras. Úlceras foram

o que matou meu velho. Ele não conseguiu parar de trabalhar.

– Oh. – eu disse. – Sinto muito.

– Não se preocupe, foi há muito tempo. Agora vamos. Antes que toda a

merda da caçarola de atum acabe. Você vem, Natebo?

– Eu tenho que terminar a folha.

– Foda-se a folha.

Se outra pessoa houvesse lhe dito aquilo, Nate o teria olhado como algo que fora descoberto abaixo de um tronco podre, e então se viraria

silenciosamente de volta para seu trabalho. Neste caso, Nate pensou por

um momento, então se levantou e pegou sua jaqueta cuidadosamente atrás

da porta, onde ele sempre a pendurava. Ele a colocou. Ele ajustou o boné em sua cabeça. Nem mesmo Skip se atreveu a falar sobre a teimosia de

Nate de usar seu boné de calouro. Quando eu perguntei a Skip para onde o

boné dele tinha desaparecido (isso foi nosso terceiro dia na U do M, e o dia

seguinte após eu conhecê-lo), ele disse, "Limpei meu traseiro com ele e

depois o joguei em cima de uma merda de árvore". Provavelmente esta não

era a verdade, mas eu não a descartei completamente, tampouco.

Nós tagarelamos pelos três lances de escada e saímos para o tenro crepúsculo de Outubro. De todos os três dormitórios, estudantes iam para

o Holyoke Commons, onde eu trabalhava nove vezes por semana. Eu era o

garoto dos pratos, recentemente promovido para o garoto dos talheres; se

eu mantivesse meu nariz limpo, eu seria o garoto dos estoques antes das férias de Ação de Graças. Chamberlain, King, e Franklin icavam em

terreno alto, assim como o Palácio das Planícies. Para chegar lá, os

estudantes tomavam caminhos asfaltados que cruzava o terreno como uma

longa sarjeta, então se juntava a um caminho amplo de tijolos e subia de novo. Holyoke era o maior dos quatro prédios, brilhando na escuridão

como um navio no oceano.

O cruzamento onde os caminhos se encontravam era conhecido como a

Pista de Bennett, e se eu já soube o porquê, há muito já me esqueci.

Garotos do King e Chamberlain vinham por dois destes caminhos, as

garotas do Franklin vinham pelo outro. Onde os caminhos se encontravam,

garotos e garotas faziam o mesmo, falando, rindo, e trocando olhares,

ambos francos e tímidos. Dali eles se moviam juntos, subindo o caminho de

tijolos conhecido como Trilha de Bennett, até o prédio da Commons.

Pelo outro lado, cortando caminho através da multidão com a cabeça baixa

e sua comum expressão fechada, em sua pálida, severa cara, vinha Stokely

Jones III. Ele era alto, mas você di icilmente perceberia porque ele sempre

estava curvado. Seu cabelo, de um negro perfeitamente brilhante, com não

muito mais do que uma única madeixa clara, estava espalhado em sua

testa como espigões, escondia suas orelhas, e pintava com algumas mechas

diagonais suas pálidas bochechas.

Esta era uma imitação de um corte de cabelo dos Beatles, o que para

muitos garotos consistia em nada mais do que pentear o cabelo

cuidadosamente para baixo, ao invés de cuidadosamente para cima, assim

escondendo a testa (e uma boa gama de espinhas). Stoke Jones não usava o

penteado de modo tão fresco. Seu cabelo simplesmente ia aonde ele queria

ir. Suas costas estavam curvadas de um modo que em breve icariam

permanentes, se já não eram. Seus olhos normalmente eram baixos,

parecendo traçar as formas de suas muletas. Se aqueles olhos se

levantassem e encontrassem os seus, você estaria apto a se assustar pela sua selvagem inteligência. Ele era da Nova Inglaterra, um garoto

desperdiçado pelo estrago abaixo de sua cintura. Suas pernas, que

normalmente eram envolvidas por grandes suportes de metal quando ia para a sala de aula, podiam se mover, mas apenas debilmente, como os

tentáculos de um polvo à beira da morte. A parte de cima de seu corpo era

forte para comparar. A combinação era bizarra. Stoke Jones era uma

espécie de propaganda ANTES e DEPOIS que de algum modo havia se

mesclado no mesmo corpo. Ele comeu tudo assim que o Holyoke abriu, e

mesmo depois de três semanas após o começo do nosso primeiro semestre,

todos nós soubemos que ele fazia isso não porque ele era uma das pessoas

com di iculdades ísicas, mas porque ele queria, como Greta Garbo, icar

sozinho.

– Foda-se ele. – Ronnie Malenfant disse enquanto comíamos nosso café-da-

manhã certo dia (ele havia cumprimentado Jones, e Jones simplesmente

continuou a caminhar com sua muleta sem nem dar ao menos um aceno).

Ele havia murmurado sob sua respiração; todos nós ouvimos.

– Aleijado cuzão. – esse foi Ronnie, sempre simpático. Acho que foi o fato dele crescer entre bêbados na parte baixa da Lisbon Street em Lewiston

que lhe deu essa sua gentileza, charme, e ***joie de vivre***. (**N.T. – Francês.**

Significa "alegria de viver".)

– Stoke, como vai? – Skip perguntou nesta noite em particular enquanto

Jones se impulsionava em suas muletas. Stoke ia pra todo o lado naquele mesmo impulso controlado, sempre com a parte de cima do corpo

empurrada para frente de modo que ele parecia uma representação de

um navio, Stoke continuamente dizia para você se foder para o que quer

que houvesse falado com a parte de baixo de seu corpo, Stoke

continuamente mostraria o dedo, Stoke olhando para você com seus olhos

espertos e dizendo foda-se você, também, en ie isso no seu rabo, sente nele

e saia rodando, coma meu pinto e cuspa caramelo.

Ele não respondeu, mas levantou a cabeça por um momento, e travou o

olhar com Skip. Então deixou o queixo cair e passou por nós. Suor corria por seu cabelo e descia pelos lados de seu rosto. Sob sua respiração ele murmurava "mate-mate-mate", como se estivesse referindo ao tempo. . ou

articulando o que gostaria de fazer conosco. . ou talvez ambas as coisas.

Você poderia sentir o cheiro dele: o acre picante do suor, sempre havia

isso porque ele nunca ia devagar, parecia *ofendê-lo* ir devagar, mas havia algo mais também.

O suor era pungente, mas não ofensivo. O cheiro que vinha de baixo era menos prazeroso ainda. Eu havia participado de corridas no colégio

(forçado como um calouro a escolher entre fumar e correr, eu escolhera os

pregos do caixão) e havia cheirado aquela particular combinação antes,

normalmente quando um garoto com gripe ou garganta ferrada forçava a

si mesmo a correr mesmo assim. O único cheiro parecido é um

transformador de trem elétrico que ficou ligado por muito tempo.

Então ele havia passado por nós. Stoke Jones, que em breve seria

apelidado de Matador por Ronnie Malenfant, livre de seu aparelho das

pernas pelo resto da noite e a caminho de seu dormitório.

– Ei, o que foi isso? – Nate perguntou. Ele havia parado e olhava por cima

dos ombros. Skip e eu paramos e olhamos. Eu comecei a perguntar a Nate

o que ele estava vendo, então eu vi. Jones vestia uma jaqueta jeans. Nas costas dela, desenhado de piloto preto e visível à luz declinante daquele começo de noite de Outono, estava uma forma em círculo.

– Não sei. – Skip disse. – Parece uma pegada de passarinho.

O garoto de muletas se juntou à multidão à caminho de mais um jantar em

outra noite de Quinta-Feira em outro Outubro. A maioria dos garotos

estava barbeada; a maioria das garotas usava saias e blusas de botão, com

golas de Peter Pan. A lua estava quase cheia, jogando luz laranja neles. O

estouro da Era dos Esquisitos estava ainda a dois anos de distância, e

nenhum de nós três percebemos que havíamos visto um sinal da paz pela

primeira vez.

5

O café-da-manhã das manhãs de Sábado era o horário em que eu

trabalhava nos pratos em Holyoke. Era um bom trabalho para se ter

porque o Commons nunca estava muito cheio nas manhãs de Sábado. Carol Gerber, a garota dos talheres, icou na frente da esteira. Eu estava próximo

dela; meu trabalho era pegar os pratos que vinham pela esteira, enxaguá-

los, e colocá-los no carrinho ao meu lado. Se o "trânsito" na esteira

estivesse pesado, como era na maioria das noites de semana, eu apenas

organizava os pratos, sujos e tudo mais, e os lavava mais tarde, quando as

coisas ficavam mais calmas.

O próximo da ila seria o rapaz dos copos (ou moça), que pegava os copos e

os colocava em uma máquina especial para lavar pratos. Holyoke não era

um lugar ruim para se trabalhar. Desde sempre algum escroto com a

sensibilidade de Ronnie Malenfant devolveria um kielbasa ou uma salsicha

do café-da-manhã não comido com um "cavalo de Tróia" espetado na

ponta, ou o mingau viria com um EU QUERO TE FODE escrito

cuidadosamente em pedaços de guardanapo (uma vez, na super ície de

uma tigela de sopa escrito em molho de carne estava a mensagem

AJUDEM-ME, ESTOU SENDO MANTIDO PRISIONEIRO EM UMA FACULDADE

DE VACAS), e você não acreditaria em como alguns garotos podem ser tão

porcos (pratos cheios de ketchup, copos de leite cheios com tomate

amassado, vegetais esmagados), mas realmente não era ruim,

especialmente nas manhãs de Sábado.

Eu tirei os olhos de Carol (que parecia extraordinariamente bonita tão

cedo na manhã), e vi Stoke Jones. Ele estava de costas para a janelinha em

que eram passados os pratos, mas você não tinha como deixar de perceber

as muletas encostadas perto dele, ou aquela igura peculiar desenhada nas

costas de sua jaqueta. Skip estava certo; parecia uma pegada de

passarinho (foi só quase um ano depois que eu vi um cara dizendo na TV

que aquilo era “a pegada da grande galinha Americana”).

– Você sabe o que é aquilo? – eu perguntei a Carol, apontando.

Ela olhou por um longo tempo, e então balançou a cabeça.

– Não. Deve ser algum tipo de piada.

– Que nada. Stoke não faz piada.

– Minha nossa, você é um poeta e nem sabia.

– Pare, Carol, você está me matando.

Quando nosso turno havia acabado, eu andei com ela de volta ao

dormitório (dizendo a mim mesmo que eu estava apenas sendo legal, que

andar com Carol Gerber de volta ao Franklin Hall não me fazia ser in iel a

Annmarie Soucie lá em Gates Falls), então andei lentamente até o

Chamberlain, me perguntando se alguém saberia o que era aquela pegada

de passarinho. Ocorreu a mim só agora que eu nunca pensei em perguntar

ao próprio Jones. E quando eu cheguei ao meu andar, eu vi algo que

mudou a direção dos meus pensamentos inteiramente. Desde que eu havia

saído às seis e meia da manhã com um olho aberto para tomar meu lugar

ao lado de Carol na ila de pratos, alguém havia besuntado a porta de

David Dearborn com creme de barbear, por todos os lados, na maçaneta, e

com uma porção extra no chão. Neste “depósito” do chão havia uma

espécie de pegada que me fez sorrir. Dearie abre sua porta, vestido

apenas com uma toalha, à caminho do chuveiro, e *vuuush*, vejam só.

Ainda sorrindo, fui para o 302. Nate escrevia em sua mesa. Observando o

modo como mantinha um braço curvado, como se quisesse proteger seu

caderno, eu deduzi que era a carta do dia para Cindy.

– Alguém encheu a porta de Dearie de creme de barbear. – eu disse, me dirigindo às minhas prateleiras e pegando meu livro de geologia. Meu

plano era voltar ao terceiro andar e estudar um pouco para o teste na

Quinta-Feira.

Nate tentou parecer sério e desaprovador, mas não conseguiu evitar um

sorriso.

Ele sempre tentava ser justo naqueles dias, e sempre escorregava um

pouquinho. Eu suponho que ele tenha melhorado com o tempo, o que é

uma pena.

– Você devia tê-lo ouvido gritar. – Nate disse. Ele riu pelo nariz, então pôs o

punho na boca para sufocar qualquer impropério. – E *xingar*. – E por um minuto lá estava ele, no time de Skip.

Nate olhava para mim com uma ruga de preocupação.

– Não foi você, não é? Porque eu sei que você já estava de pé cedo. .

– Se eu fosse decorar a porta de Dearie, eu teria usado papel higiênico. –

eu disse. – Todo meu creme de barbear vai apenas para a minha cara. Eu

sou um estudante pobre, como você. Lembra?

A ruga de preocupação suavizou e Nate mais uma vez pareceu um

santinho. Pela primeira vez eu percebi que ele estava sentado lá com

apenas uma cueca e o estúpido boné azul.

– Que bom. – ele disse. – Porque David estava gritando que ele pegaria quem havia feito e se certi icaria de que o cara levasse uma punição

disciplinar.

– Tudo isso por causa de uma merda de creme na porta dele? Eu duvido, Nate.

– É estranho, mas eu acho que ele falou sério. – Nate disse. – Às vezes David Dearborn me lembra daquele ilme sobre o capitão de navio louco.

Humphrey Bogart estava nele. Sabe de qual estou falando?

– Sim, *A Nave da Revolta*.

– Aham. E David. . bem, vamos apenas dizer que para ele, dar uma lição faz

parte do ofício de ser monitor do andar.

No código de regras e comportamentos da Faculdade, expulsão era o pior,

reservado para ofensas como roubo, agressão, e posse/uso de drogas.

Vigilância disciplinar estava um passo abaixo disso, era a punição para

ofensas como ter uma garota em seu quarto (ter uma em seu quarto

depois do toque de recolher delas poderia levar à expulsão, por mais di ícil

de acreditar que isso seja hoje), ter álcool em seu quarto, trapacear nos testes, plagiar. Todas essas últimas ofensas poderiam teoricamente

resultar em expulsão, e nos casos de trapacear geralmente resultavam

(especialmente em casos envolvendo testes do meio e do im do semestre),

mas na maioria das vezes era uma punição disciplinar, que você carregava

por todo o semestre. Eu não gostaria de acreditar que um monitor tentaria

conseguir uma punição disciplinar do “Decano dos Homens” Garretsen, por

causa de uma inofensiva brincadeira dessas. . mas este era Dearie, um

sacana que havia insistido tanto por inspeções semanais dos quartos e

carregava consigo um banquinho para poder checar o topo das prateleiras

dos trinta e dois armários que ele parecia sentir fazer parte de sua

responsabilidade. Esta foi provavelmente uma idéia que ele teve no **CTOR**

(**N.T. – Corporação de Treinamento de O iciais de Reserva, do original**

“ReserveOfficers’ Training Corps – ROTC”.), um programa que ele amava

tão ardentemente quanto Nate amava Cindy e Rinty. Ele também cuidava

das crianças (essa prática ainda era uma parte o icial da política da escola,

embora tenha sido esquecida fora do programa CTOR) que não faziam os

deveres de casa. Com faltas o su iciente você aterrissava na Punição

Disciplinar. Em teoria você poderia ser reprovado, perder seu deferimento,

entrar pelo cano, e acabar indo para o Vietnã desviar das balas, porque você repetidamente esqueceu-se

de esvaziar o lixo ou varrê-lo para

debaixo da cama.

David Dearborn era um rapaz de empréstimos e bolsas de estudo também,

e seu trabalho como monitor, também em teoria, não era diferente do meu

de lavar pratos.

Entretanto, essa não era a teoria de Dearie. Dearie considerava a si mesmo

"Um Degrau Acima do Resto", um dos poucos, o orgulhoso, o bravo. A

família dele veio da costa, você sabe; de Falmouth, onde em 1966 ainda

havia mais de cinqüenta Leis Dominicais herdadas dos Puritanos nos

livros. Algo havia acontecido a sua família, Havia Derrubado-os, como uma

família em um velho melodrama, mas Dearie ainda estava vestido como um

formando da Escola Preparatória de Falmouth, vestindo um blazer nas

aulas e um terno nos Domingos. Nenhuma outra pessoa poderia ser mais

diferente do que Ronnie Malenfant, com sua boca suja, seus preconceitos, e

seu brilho com números.

Quando eles passavam pelo corredor você quase poderia ver Dearie

diminuir perto de Ronnie, cujos cabelos ruivos enrolavam em um rosto que

parecia querer fugir dele mesmo, a tesa protuberante, e um queixo quase

não existente. . sem mencionar os lábios tão vermelhos que quase

pareciam estar usando alguma coisa barata e extravagante da loja de 1,99.

Dearie não gostava de Ronnie, mas Ronnie não tinha que encarar essa

desaprovação sozinho; Dearie parecia não gostar de *qualquer* garoto que monitorava.

Não gostávamos dele, tampouco, e Ronnie o odiava completamente. O ódio

de Skip Kirk se misturava com desprezo. Ele estivera na CTOR com Dearie

(ao menos até Novembro, quando Skip largou o curso), e ele disse que Dearie era ruim em tudo, exceto em puxar saco. Skip, que quase havia sido

chamado para o time de beisebol All-State como um formando, tinha uma

queixa especí ica sobre nosso monitor: Dearie, Skip disse, não colocava pra

fora. Para Skip esse era o pior dos pecados. Você tinha que colocar pra fora. Mesmo que você apenas estivesse apenas descascando a banana,

você tinha que colocar pra fora.

Eu detestava Dearie como qualquer um. Eu posso suportar vários

sentimentos humanos, mas eu abomino sacanas. Ainda assim eu nutri um

pouco de simpatia por ele, também. Ele não tinha senso de humor, por

exemplo, e eu acredito que isso seja uma de iciência incapacitante assim

como o que quer que tenha dado de errado com a metade de baixo de

Stoke Jones. Por outro lado, eu não acho que Dearie gostava muito de si mesmo.

– Punição disciplinar não vai ser um problema se ele nunca achar o

culpado. – eu disse a Nate. – Mesmo se achar, eu duvido muito que

"Decano" Garretsen iria concordar em espancar alguém só por encher a

porta do monitor de creme. – ainda assim, Dearie poderia ser persuasivo.

Ele poderia ser um "Derrubado", mas ele tinha aquele algo que o mantinha

no degrau de cima. "Trotador", era como Skip o chamava, porque ele não

corria por um campo de futebol durante os exercícios do CTOR, mas

apenas iria numa caminhada rápida.

– Contanto que você não tenha feito. – Nate disse, e eu quase ri. Nate Hoppenstand sentando lá de cuecas e boné, com seu peito estreito, sem

cabelos, e pontilhado de sardas. Nate olhando para mim seriamente com

seu proeminente tórax magricela. Nate bancando o papai. Abaixando a voz,

ele disse:

– Você acha que foi Skip?

– Não. Se eu tivesse que adivinhar quem neste andar iria pensar que

besuntar a porta do monitor de creme de barbear seria uma coisa hilária,

eu diria. .

– Ronnie Malenfant.

– Certo. – eu apontei meu dedo para Nate como uma arma e fiz uma careta.

– Eu vi você indo para o Franklin com aquela loirinha. – ele disse. – Carol.

Ela é bonita.

– Só estava lhe fazendo companhia.

Nate icou lá sentado com sua cueca e seu boné, sorrindo como se

soubesse de algo mais. Talvez soubesse. Eu gostava dela, isso é certo,

embora eu não a conhecesse muito, apenas que ela era de Connecticut.

Não muitos vinham de lá para serem estudantes-trabalhadores aqui.

Eu desci até o salão comunal, com meu livro de geologia sob o braço.

Ronnie estava lá, usando seu boné com a aba levantada de modo que

parecia um repórter da Fedora. Sentado com ele estavam dois outros

rapazes de nosso andar, Hugh Brennan e Ashley Rice. Nenhum deles

parecia como se estivessem tendo a manhã de Sábado mais excitante do

mundo, mas quando Ronnie me viu, seus olhos brilharam.

– Pete Riley! – ele disse. – Justamente o homem que eu procurava! Você sabe como jogar Copas?

– Sim. Para minha sorte, também sei estudar. – eu levantei meu livro de geologia, já pensando que era melhor descer ao salão do segundo andar,

isso, é claro, se eu realmente quisesse estudar. Porque Ronnie nunca se

calava. Era aparentemente *incapaz* de se calar. Ronnie Malenfant era a original boca-motor.

– Vamos, só um jogo até cem. – ele adulou. – Estamos jogando um níquel por ponto, e estes dois jogam Copas como velhos.

Hugh e Ashley sorriram debilmente, como se ele os houvesse elogiado. Os

insultos de Ronnie eram tão brutos e sem noção, que a maioria dos caras os encarava como brincadeira, talvez até como elogios camuflados. Eles não

era nenhuma das duas coisas. Ronnie falava sério em cada xingamento que

já pronunciara.

– Ronnie, eu tenho um teste na Quinta-Feira, e eu não consigo entender

essas coisas sobre as geossinclinais.

– Que se foda as geossinclinais. – Ronnie disse, e Ashley Rice riu. – Você ainda tem o resto do dia, amanhã, e toda a Segunda-Feira para estudar

essa merda.

– Eu tenho aula na Segunda e amanhã eu e Skip vamos para Oldtown. Eles

vão fazer um sermão em aberto na igreja Metodista e nós. .

– Pare, desista, poupe meu saco e não fale comigo sobre essa merda

popular.

Miguel pode remar seu maldito barco em meu rabo, ta? Ouça, Pete. .

– Ronnie, eu realmente. .

– Vocês dois palermas não saiam daqui. – Ronnie deu a Ashley e Hugh um

olhar sinistro. Nenhum deles discutiu com ele. Eles provavelmente tinham

dezoito como o resto de nós, mas qualquer um que já tenha freqüentado a

faculdade lhe dirá que alguns “dezoitoanistas” muito jovens aparecem a

cada Setembro, especialmente em estados rurais. Era com os jovens que

Ronnie obtinha sucesso. Eles o respeitavam. Ele pegava seus vales de

refeição, batia neles com a toalha no chuveiro, os acusava de apoiar as metas do Reverendo Martin Luther Tição (a quem, Ronnie lhe diria, dirigiu

para protestar em seu Jaguar), pegava o dinheiro deles, e responderia

qualquer pedido de jogo com um “minha bunda na sua cara, otário”. Eles

amavam Ronnie a despeito de tudo isso. . *por causa* de tudo isso. Eles o amavam porque ele era tão. . *universitário*.

Ronnie me pegou agarrou ao redor do pescoço e tentou me levar para fora

do salão para falar comigo em particular. Eu, que não tinha tanto respeito

assim por ele e estava um pouco enojado pela selva de aroma que saia de

suas axilas, peguei seus dedos, os puxei, e removi sua mão.

– Não faça isso, Ronnie.

– Oh, cara, oh, tá, tá, tá! Apenas venha aqui um minuto, beleza? E pare com

isso, isso dói! Além disso, é a mão com que eu punheto! Jesus! Porra!

Eu soltei sua mão (pensando se ele a lavava depois de bater uma) mas o deixei me levar para fora do salão. Aqui ele me pegou pelos braços, falando

seriamente, com seus olhos remelentos bem abertos.

– Estes caras não sabem jogar. – ele disse em um sussurro con idencial. –

Eles são uma dupla de retardados, Petesky, mas eles amam o jogo. Amam pra porra, saca?

Eu não amo, mas diferente deles, eu *sei* jogar. E também eu estou duro e tem uns ilmes do Bogart no cinema hoje à noite no Hauck. Se eu puder

tirar uns dois mangos deles. .

– Filmes do Bogart? Seria um deles A Nave da Revolta?

– Isso mesmo, *A Nave da Revolta* e *O Falcão Maltês*, Bogie em seu melhor, olhando para *você*, queridinha. Se eu puder ganhar daqueles dois amebas, eu posso ir.

Se eu conseguir quatro mangos, posso chamar uma cona do Franklin para

ir comigo, talvez ganhar um boquete depois. – Esse era Ronnie, sempre

romântico. Eu tinha uma imagem dele como Sam Spade em *O Falcão Maltês*,

dizendo a Mary Astor para largar e engolir. A idéia foi o bastante para fazer meu diafragma inchar.

– Mas tem um grande problema, Pete. Copas de três jogadores é arriscado.

Quem ousa acertar a lua quando você tem aquela maldita carta sobrando

para se preocupar?

– Como você está jogando? O jogo termina aos cem, todos os perdedores

pagam ao vencedor?

– Sim. E se você entrar, eu te darei metade. *E também lhe darei o que você perdeu*. – ele me iluminou com um sorriso inocente.

– E seu *eu* ganhar de *você*?

Ronnie olhou momentaneamente surpreso, então sorriu mais do que

nunca.

– Nunca nesta vida, queridinha. Eu sou um cientista das cartas.

Eu olhei para meu relógio, então para Ashley e Hugh. Eles realmente não pareciam muito ser difíceis de bater, Deus os abençoe.

– Façamos assim. – eu disse. – Um jogo até cem. Níquel por ponto. Sem

gracinhas. Nós jogamos, então eu estudo, e todos têm um bom im de semana.

– Está feito. – enquanto voltávamos ao salão, ele adicionou. – Eu gosto de você, Pete, mas negócios são negócios, seus namorados boiolas no colégio

nunca te deram nada tão foda como o que eu vou te dar nesta manhã.

– Eu nunca tive nenhum namorado boiola no colégio. – eu disse. – Eu

passava a maioria dos meus ins de semana correndo até Lewiston para

comer a bunda da sua irmã.

Ronnie abriu um sorriso, sentou-se, pegou um baralho, e começou a

embaralhar.

– Mas fui eu quem tirou o cabaço dela.

Você não poderia ser mais baixo do que o garotinho da Sra. Malenfant, isso

era certo. Muitos tentaram, mas pelo que eu saiba, ninguém nunca obteve

sucesso.

6

Ronnie era um intolerante com a boca suja, uma personalidade sonsa, e

aquele constante fedor de fungo de macaco, mas ele sabia jogar cartas, a isso eu lhe dou créditos. Ele não era o gênio que dizia ser, ao menos não em Copas, onde a sorte é uma grande parte do jogo, mas ele era bom.

Quando ele se concentrava bem, ele poderia se lembrar de quase todas as

cartas que haviam sido jogadas. . o que era a razão, creio eu, pela qual ele

não gostava de jogar Copas com três jogadores, com aquela carta extra.

Com a possibilidade da carta matadora apagada, Ronnie era durão.

Ainda assim, eu fui bem naquela manhã. Enquanto Hugh Brennan passou

dos cem no primeiro jogo, eu tinha trinta e três pontos, e Ronnie vinte e oito. Já passara dois ou três anos desde que eu jogara Copas pela última vez, era a primeira vez que eu jogava por dinheiro, e eu pensei que dois

mangos era um preço pequeno para tal inesperado entretenimento.

Aquela rodada custou a Ashley dois dólares e cinqüenta centavos; o

azarado Hugh teve que pagar três e sessenta. Pareceu que Ronnie havia

ganhado a grana para o encontro mais tarde a inal de contas, embora eu

achasse que a menina teria que ser uma baita fã de Bogart para lhe fazer

um boquete. Ou mesmo lhe dar um beijinho de boa noite.

Ronnie bufou como um corvo guardando um pedaço fresco de carne morta

na estrada.

– Consegui. – ele disse. – Sinto muito por vocês que não conseguiram, mas

eu consegui, Riley. É como na canção do The Doors, os homens não sabem,

mas as garotinhas entendem.

– Você é doente, Ronnie. – eu disse.

– Eu quero ir de novo. – Hugh disse. Eu acho que P.T. Barnum estava certo,

realmente *há* alguém como Hugh nascendo a cada minuto. – Eu quero meu

dinheiro de volta.

– Bem. – Ronnie disse, revelando seus dentes sujos em um grande sorriso.

– Eu estou disposto a lhe dar uma chance. – ele olhou para mim. – O que me diz, esportista?

Meu texto de geologia estava esquecido no sofá atrás de mim. Eu queria

meus vinte cinco centavos de volta, e alguns mais para lhe fazer

companhia. Mas o que eu mais queria era dar uma lição em Ronnie

Malenfant.

– Faça-as correr. – eu disse, e então, pela primeira vez de centenas, eu falei

as mesmas palavras que pronunciaria nas semanas problemáticas que

estavam para vir: – Começa passando pela esquerda ou pela direita?

– Novo jogo, passa pela direita. Que retardado. – Ronnie gargalhou, se

empertigou, e assistiu com felicidade enquanto as cartas voavam do

baralho. – Deus, eu amo este jogo!

7

O segundo jogo foi o que me pegou de verdade. Desta vez foi Ashley ao invés de Hugh quem saiu como um foguete na direção dos cem pontos,

entusiasticamente ajudado por Ronnie, que jogava A Puta na azarada

cabeça de Ash a cada oportunidade.

Eu lidei com a rainha apenas duas vezes no jogo. Na primeira vez eu a segurei por quatro vazas consecutivas quando eu poderia ter

bombardeado Ashley com ela.

Finalmente, quando eu já estava pensando que terminaria comendo a mim

mesmo, Ashley perdeu a saída para Hugh Brennan, que prontamente

jogou uma de ouro. Ele deveria saber que eu tinha o às daquele naipe,

desde o começo da mão, mas os Hughs do mundo pouco sabem. Sendo

assim, eu suponho, porque os Ronnies do mundo adoram jogar cartas com

eles. Eu coloquei a Puta no topo da vaza, segurei meu nariz e o apertei para

Hugh. Era assim que dizíamos “Toma essa!” nos velhos excêntricos anos

sessenta.

Ronnie fez uma careta.

– Por que fez isso? Você poderia ter acabado com aquele idiota! – ele

apontou para Ashley, que nos olhava vagamente.

– É, mas eu não sou tão estúpido. – eu dei um tapinha no marcador de pontos.

Ronnie já tinha trinta pontos; eu tinha trinta e quatro. Os outros dois estavam muito além disso. A questão não era qual dos amigos de Ronnie

perderia, mas qual dos dois que sabiam jogar o jogo venceria. – Eu não me

importaria de ver aqueles filmes do Bogie sozinho, saca, *Queridinha*.

Ronnie mostrou seus dentes questionáveis em um sorriso. Ele estava

jogando para uma multidão agora; nós havíamos atraído meia dúzia de

espectadores. Skip e Nate estavam entre eles.

– Quer jogar assim, não é? Certo. Afaste as nádegas, escroto; você está para

ser arrombado.

Duas mãos depois, eu o arrombei. Ashley, que começara a última mão com noventa e oito pontos, subiu aos céus com pressa. Os espectadores estavam

silenciosos como os mortos, esperando para ver se eu realmente poderia

bater Ronnie com seis (o número de copas que ele precisaria tomar, para

que eu pudesse ganhar por um).

Ronnie pareceu bem de primeira, jogando sob tudo que saia, icando longe

da própria saída. Quando você tem boas cartas baixas em Copas, você está

praticamente à prova de balas.

– Riley está frito! – ele informou a audiência. – Eu quero dizer

realmente *tostado*!

Eu também pensei isso, mas ao menos eu tinha a dama de espadas em

minha mão. Se eu pudesse jogá-la, eu venceria. Não faria Ronnie perder

tanto, mas faria os outros dois tossirem sangue: mais de cinco pratas cada

um. E eu conseguiria ver a cara de Ronnie mudar. Era isso o que eu mais queria, ver a boçalidade desaparecer para ver o desespero entrar. Eu

queria calar a boca dele.

E a casa caiu nas últimas três vazas. Ashley jogou um seis de copas. Hugh

jogou o cinco. Eu joguei três. Eu vi o sorriso de Ronnie desaparecer

enquanto ele jogava o nove e tomava a vaza, isso fez sua pontuação cair três pontos. Ainda melhor, eu inalmente tinha a saída. Eu tinha o valete de

paus e a rainha de espadas na mão. Se Ronnie tivesse uma de paus baixa e

jogasse, eu comeria A Puta e teria que suportar sua boçalidade, o que seria

irritante. Mas por outro lado. .

Ele jogou cinco de ouro. Hugh jogou dois de ouro, vindo por baixo, e Ashley,

sorrindo de um modo enigmático que sugeria que ele não tinha idéia do

que caralho estava fazendo, jogou o às.

Silêncio total na sala.

Então, sorrindo, eu completei a vaza, a vaza de *Ronnie*, jogando a rainha de espadas no topo das outras três cartas. Houve um leve sussurro ao redor da mesa de joga, e quando eu olhei para cima vi meia dúzia de

espectadores se transformarem em quase uma dúzia. David Dearborn se

inclinou no umbral, os braços cruzados, franzindo o cenho para nós. Atrás

dele, no corredor, havia outra pessoa. Outra pessoa curvada em um par de

muletas.

Eu suponho que Dearie já havia checado seu livro de regras

usado, *Regulamentos dos Dormitórios da Universidade do Maine, Edição*

1966-1967, e icou desapontado em não achar nada lá que fosse contra jogar cartas, mesmo que envolvesse aposta de dinheiro. Mas você deve

acreditar em mim que o desapontamento dele não era nada comparado ao

de Ronnie.

Há bons perdedores neste mundo, há os perdedores magoados, os

perdedores aborrecidos, perdedores provocadores, perdedores chorões. .

e então há o perdedor do tipo ilho da puta boçal. Ronnie era desse tipo.

Suas bochechas coraram e icaram roxas perto das cicatrizes. Sua boca se

encolheu em uma sombra, e eu podia ver suas mandíbulas trabalhando

enquanto ele mastigava os lábios.

– Ora, ora. – Skip disse. – Olha só quem foi atingido pela merda.

– Por que fez isso. – Ronnie explodiu, ignorando Skip, ignorando todos na sala, exceto eu. – Por que fez isso, seu bostão escroto?

Eu estava estupefado pela pergunta, e deixe-me admitir isso,

absolutamente satisfeito pela sua fúria.

– Bem. – eu disse. – De acordo com Vince Lombardi, ganhar não é tudo, é a

única coisa. Pague, Ronnie.

– Você é um veado. – ele dsisse. – Uma maldita puta de bichas. Quem fez essa jogada?

– Ashley. – eu disse. – E se você quiser me chamar de trapaceiro, diga bem

alto.

Então eu vou dar a volta nessa mesa, te pegar antes que possa fugir, e te bater até você dizer basta.

– Ninguém vai bater em ninguém em meu andar! – Dearie disse

azedamente do umbral, mas todos o ignoraram. Eles estavam assistindo

Ronnie e eu.

– Eu não te chamei de trapaceiro, só perguntei quem fez a jogada. – Ronnie disse. Eu quase podia ver seu esforço para se controlar, para me engolir e

sorrir enquanto o fazia, mas havia lágrimas de fúria em seus olhos

(grandes, brilhantes e verdes, estes olhos eram a única coisa de bonita em

Ronnie), e sob os lóbulos das suas orelhas, os pontos de sua mandíbula iam

de inchaço ao relaxamento. Era como ver dois corações batendo nos lados

de seu rosto. – Quem dá a mínima, você me ganhou por dez pontos.

Cinqüenta centavos, bela merda.

Eu não fui um valentão no colégio, como Skip Kirk, debate e corrida eram minhas únicas atividades extracurriculares, e eu nunca disse a ninguém a

minha vida que bateria até dizer basta. Ronnie pareceu um bom lugar para

se começar, entretanto, e Deus sabe que eu falei sério. Acho que todos

sabiam disso também. Havia uma grande panela de adrenalina adolescente

naquela sala; você podia sentir o cheiro, quase poderia provar. Parte de mim (grande parte) queria que ele me atacasse mais. Parte de mim queria

se engalfinhar com ele, queria arrebentar com ele.

Dinheiro apareceu na mesa. Dearie se aproximou, franzinho o cenho mais

do que nunca, mas ele não disse nada. . ao menos nada sobre isso. Ao invés

disso ele perguntou se alguém na sala havia melado sua porta de creme de

barbear, ou sabia quem tinha feito. Todos nós nos viramos e olhamos para

ele, e vimos que Stoke Jones havia ido passado pelo umbral quando Dearie

havia pisado na sala. Stoke se segurou nas muletas, nos assistindo com

seus olhos brilhantes.

Houve um momento de silêncio, e então Skip disse:

– Tem certeza de que talvez você não seja sonâmbulo e você mesmo o

tenha feito, David?

Uma explosão de risos foi liberada, e foi a vez de Dearie corar. A cor começou pelo seu pescoço e subiu até as bochechas e a testa, até as raízes

de seu cocuruto (nada de corte de cabelo aboiolado dos Beatles para

Dearie, muito obrigado).

– Passem a palavra de que é melhor que isso não aconteça de novo. –

Dearie disse. Fazendo sua própria imitação de Bogie sem perceber. – Eu

não vou ter minha autoridade ser feita de chacota.

– Oh, que se dane. – Ronnie murmurou. Ele havia pegado as cartas e as embaralhava desconsoladamente.

Dearie deu três passos na sala, pegou Ronnie pelos ombros de sua camisa

da Liga Ivy, e o puxou. Ronnie levantou-se por si mesmo para que a camisa

não rasgasse.

Ele não tinha muitas camisas boas; nenhum de nós tinha.

– O que disse, Malenfant?

Ronnie olhou em volta e viu o que eu imagino que passou o resto de sua vida vendo: nenhuma ajuda, nenhuma simpatia. Como sempre, ele estava

sozinho. E ele não tinha a menor idéia do porquê.

– Eu não disse nada. Não seja tão fodidamente paranóico, Dearborn.

– Desculpe-se.

Ronnie contorceu-se onde estava.

– Eu não *disse* nada, por que deveria me desculpar por nada?

– Desculpe-se de qualquer maneira. E eu quero ouvir uma desculpa

verdadeira.

– Oh, pare com isso. – Stoke Jones disse. – Todos vocês. Deveriam ver a si mesmos. Estupidez elevada a N potência.

Dearie olhou para ele surpreso. Todos nós estávamos surpresos, eu acho.

Talvez até mesmo Stoke estivesse.

– David, você só está puto porque alguém melou sua porta. – Skip disse.

– Você está certo. Eu estou puto. E eu quero um pedido de desculpas seu,

Malenfant.

– Solte-o. – Skip disse. – Ronnie só se irritou um pouco porque ele perdeu

por pouco. Ele não melou sua maldita porta.

Eu olhei para Ronnie para ver como ele lidava com a rara experiência de

ter alguém ao seu lado e vi um intrigante olhar verde, quase perplexidade.

Nesse momento eu tive quase certeza de que Ronnie havia melado a porta

de Dearie. Quem mais entre meus conhecidos poderia tê-lo feito?

Se Dearie houvesse notado aquela piscada de culpa, eu acredito que ele

chegaria à mesma conclusão. Mas ele estava olhando para Skip. Skip o

olhava de volta calmamente, e depois de alguns segundos para fazer

parecer (para si mesmo, não para o resto de nós) como se houvesse sido sua própria idéia, Dearie soltou a camisa de Ronnie. Ronnie sacudiu a si mesmo, alisou as rugas de seu ombro, então começou a pescar em seu

bolso algumas moedas para me pagar.

– Me desculpe. – Ronnie disse. – O que quer que te tenha emputecido, sinto

muito. Sinto muito pra caralho, sinto muito até meu rabo doer. Está bem?

Dearie recuou. Eu pude sentir a adrenalina; eu suspeite que Dearie

poderia sentir as ondas de desprezo rolando em sua direção claramente.

Até Ashley Rice, que parecia um urso retardado em um desenho animado,

olhava para Dearie de um modo nada amistoso, com seus olhos chatos. Era

um caso que o poeta Gary Snyder teria chamado de beisebol do má-carma.

Dearie era o monitor, strike um. Ele tentava governar nosso andar como se

fosse um acessório para seu amado programa CTOR, strike dois. E ele era

um veterano escroto nos tempos em que era acreditado que os veteranos

deveriam intimidar os novatos como parte de seu trabalho. Strike três,

Dearie, você está fora.

– Espalhem a palavra que eu não vou tolerar qualquer merda colegial em

meu andar. – Dearie disse (*seu* andar, dá pra agüentar?). Ele icou ereto como uma vareta em seu suéter da U do M e calças caqui

(*amassadas* calças caqui), embora fosse Sábado. – Isto *não* é o colégio, senhores; isto é o Chamberlain Hall da Universidade do Maine.

Seus dias de espiar garotas nuas em seus banheiros estão terminados. A

hora chegou para vocês se tornarem universitários.

Eu acho que existe uma razão para ter sido votado como o Palhaço da

Classe no Anuário de ’66 de Gates Falls. Eu juntei os calcanhares e iz uma

bela saudação britânica, do tipo com a palma da mão quase para fora.

– Sim, *senhor*! – eu gritei. Houve risos nervosos do público, uma gargalhada

grosseira de Ronnie, e um sorriso de Skip. Skip encolheu os ombros, sobrancelhas erguidas, mãos para o alto. *Viu o que conseguiu*? ele dizia. *Aja como um idiota e é assim que as pessoas te tratam* . Eloqüência perfeita, eu acho, quase sempre vem muda.

Dearie olhou para Skip, também mudo. Então olhou para mim. Sua cara

não tinha expressão, estava quase morta, mas eu desejei ter perdido meu

impulso de engraçadinho. O problema é, para os engraçadinhos natos, o

impulso, em nove de dez vezes, acontece antes que o cérebro possa

engatar a primeira marcha. Eu aposto nisso nos velhos dias, onde

cavaleiros eram carecas, e lacaios da corte eram pendurados pelas bolas

de cabeça para baixo. Você não lê sobre isso em *Morte D’Arthur* , mas eu acho que deve ser verdade (ria *dessa*, seu ilho da puta). Em todo caso, eu sabia que acabara de fazer um inimigo.

Dearie girou em um círculo quase perfeito e saiu marchando para fora do

salão comunal. A boca de Ronnie se desenhou em um sorriso que fez sua

cara feia icar mais feia ainda; o semblante de um vilão em uma peça de melodrama. Ele fez um gesto de punheta para as costas eretas de Dearie

que se afastavam. Hugh Brennan riu um pouco, mas ninguém mais riu.

Stoke Jones havia desaparecido, aparentemente enojado com muitos de

nós.

Ronnie olhou em volta, os olhos brilhando.

– Então. – ele disse. – Ainda estou afim. Níquel um ponto, quem quer jogar?

– Eu vou. – Skip disse.

– Eu também. – eu disse, sem nunca olhar na direção de meu livro de

geologia.

– Copas? – Kirby McClendon perguntou. Ele era o mais alto dos rapazes no

andar, talvez um dos mais altos da faculdade, um metro e noventa e cinco

pelo menos, e possuía uma longa e pesarosa cara de detetive. – Claro. Boa

escolha.

– E quanto a nós? – Ashley guinchou.

– É! – Hugh disse, soando como mulher de malandro.

– Vocês estão dispensados desta mesa. – Ronnie disse, falando com o que para ele era quase gentileza. – Por que não fazem uma para vocês

mesmos?

Ashley e Hugh o izeram. Às quatro da tarde, todas as mesas do salão

estavam ocupados por quartetos de calouros do terceiro andar, garotos

pobres que tinham que comprar seus livros na seção de Usados da livraria,

jogando Copas com um níquel por ponto. Em nosso dormitório, a

temporada da loucura havia começado.

8

A noite de sábado era mais um dia de trabalho para mim em Holyoke.

Apesar de meu interesse desperto em Carol Gerber, eu tentei fazer com

que Brad Whiterspoon trocasse de turno comigo (Brad trabalhava nas

manhãs de Domingo, e ele odiava ter que se levantar cedo tanto quanto

Skip), mas Brad recusou. Até então ele já estava jogando também, e dois mangos saiam de seu bolso. Ele estava louco para nos alcançar. Ele apenas

balançou a cabeça para mim e sacou uma carta de espadas de sua mão.

– Vamos caçar a Puta! – ele berrou, soando bisonhamente como Ronnie

Malenfant. A coisa mais pér ida sobre Ronnie era que as mentes fracas

achavam que valia a pena imitá-lo.

Eu deixei meu assento na mesa original, onde eu havia gasto a balança do

dia, e meu lugar foi imediatamente tomado por um jovem chamado Kenny

Auster. Eu já tinha quase nove dólares a mais (a maior parte porque

Ronnie havia se mudado para outra mesa, para que eu não pudesse cortar

seus ganhos), e deveria estar me sentindo bem, mas eu não estava. Não

era o dinheiro, era o jogo. Eu queria continuar a jogar.

Eu andei desconsoladamente corredor abaixo, chequei o quarto, e

perguntei a Nate se ele queria comer mais cedo com a turma da cozinha.

Ele simplesmente balançou a cabeça e acenou para mim sem tirar os olhos

de seu livro de história. Quando as pessoas falam sobre estudantes

ativistas dos anos sessenta, eu tenho que lembrar a mim mesmo que a maioria dos garotos passou por aquela temporada de loucura do mesmo

jeito que Nate. Eles mantiveram as cabeças baixas e os olhos em seus livros

de história enquanto a história acontecia ao seu redor. Não que Nate

estivesse completamente desavisado, ou completamente dedicado aos

estudos. É provável que você ouça a respeito.

Eu andei na direção do Palácio das Planícies, fechando o zíper de minha jaqueta contra o ar, que havia icado frio. Vinte e cinco minutos passaram depois das quatro horas. O Commons não abria o icialmente até as cinco,

então os caminhos que se encontravam na Pista de Bennett estavam quase

desertos. Stoke Jones estava lá, curvado sobre suas muletas e olhando para

algo no meio do caminho. Eu não estava surpreso de vê-lo; se você tivesse

algum tipo de de iciência ísica, você poderia comer uma hora antes que o

resto dos estudantes. Ao que me lembre, esse era o único tratamento

especial que os aleijados ganhavam. Se você estivesse fodido isicamente,

você tinha que comer com a ajuda da cozinha. Aquela pegada de

passarinho nas costas de seu casaco estava bem nítida e escura à luz do poente.

Enquanto eu me aproximava, eu vi o que ele estava olhando, *Introdução a Sociologia*. Ele havia o deixado cair nos apagados tijolos da Trilha de Bennett e tentava descobrir um modo de pegá-lo de volta sem aterrissar a

fuça no chão. Ele continuava a cutucar o livro com a ponta de uma das muletas. Stoke tinha dois, talvez três pares diferentes de muletas; estas eram aquelas que se encaixava sob seus antebraços em séries de espirais

de aço. Eu podia ouvi-lo murmurar "mate-mate, mate-mate" sob sua

respiração enquanto cutucava inutilmente o livro em todos os lugares.

Quando ele andava com suas muletas, o "mate- *mate*" soava mais

determinado. Nesta situação soava frustrado. Na época em que conheci

Stoke (eu não vou chamá-lo de Matador, embora era o que faziam muitos

imitadores de Ronnie pelo im do semestre), iquei fascinado pela

variedade de signi icados que poderiam ser dados a qualquer

"mate- *mate*" dito.

Isso foi antes de eu descobrir que os Navajos tinham quarenta modos

diferentes de falar *nuvem*. Isso foi antes de eu descobrir um bocado de coisas, na verdade.

Ele me ouviu chegar e virou a cabeça tão rápido que ele quase caiu do mesmo jeito. Eu o alcancei e o segurei. Ele recuou, parecendo nadar dentro

de seu velho casaco militar que usava.

– Afaste-se de mim! – ele disse como se esperasse que eu lhe desse uma surra.

Eu ergui as mãos para mostrar que eu estava desarmado e me inclinei. – E

tire as mãos de meu livro!

Isto eu não digni iquei, apenas peguei o livro e o empurrei em seu braço como um jornal.

– Eu não preciso de sua ajuda!

Eu estava para responder grosseiramente, mas eu percebi como suas

bochechas brancas estavam coloridas de vermelho no centro, e como seu

cabelo estava úmido pelo esforço. Mais uma vez eu pude sentir seu cheiro

(aquele cheiro de transformador que icou ligado tempo demais), e eu

percebi que também podia *ouvi-lo*: sua respiração soava irritada e

arranhada. Se Stoke Jones já não tivesse descoberto onde a enfermaria era,

eu imagino que ele o faria bem rápido agora.

– Eu não quis tirar onda com sua cara, pelo amor de Deus. – eu tentei colar

um sorriso na cara e meio que consegui. Diabos, por que eu não deveria sorrir? Eu ainda não tinha os nove dólares que havia conseguido, no bolso?

Pelos padrões de Chamberlain Três, eu estava rico.

Jones olhou para mim com aqueles seus olhos escuros. Seus lábios se

esticaram, mas depois de um momento ele assentiu.

– Certo. Já saquei. Valeu. – então ele continuou sua corrida rumo colina acima.

No começo ele estava bem à frente de mim, mas então o cansaço começou

a trabalhar nele e ele diminuiu. Sua respiração arranhada estava mais alta

e mais rápida. Eu a ouvi claramente quando o alcancei.

– Por que não pega leve? – eu perguntei.

Ele me deu aquele impaciente olhar de você-ainda-está-aqui.

– Por que não me come?

Eu apontei para seu livro.

– Está caindo de novo.

Ele parou, ajustou-o sob seu braço, então se endireitou nas muletas

novamente, se curvou como uma garça mal-humorada, me olhando através

de suas mechas negras de cabelo.

– Vá em frente. – ele disse. – Eu não preciso de um psicólogo.

Eu dei de ombros.

– Eu não estava querendo bancar a babá, só queria um pouco de

companhia.

– Eu não.

Eu segui meu caminho, aborrecido apesar de meus nove dólares. Nós

palhaços da turma não somos tímidos para fazer amigos (dois ou três são aptos a nos satisfazerem por uma vida inteira), mas não reagimos muito

bem à babacas irritados, tampouco.

Nossa meta é deixar o maior número possível de pessoas rindo.

– Riley. – ele disse atrás de mim.

Eu me virei. Ele havia decidido a se enturmar um pouco a inal de contas, eu pensei. Como eu estava errado.

– Há gestos e gestos. – ele disse. – Colocar creme de barbear na porta do monitor ica um degrau acima de limpar o assento da carteira da Pequena

Susie porque você não consegue pensar em outro modo de dizer que a

ama.

– *Eu* não melei a porta de Dearie. – eu disse, mais aborrecido do que nunca.

– Ta, mas você estava jogando cartas com aquele cuzão que o fez.

Emprestando a ele credibilidade. – eu acho que foi a primeira vez que eu ouvi aquela palavra, que aconteceu de ter uma carreira incrivelmente

frágil nos anos setenta e nos anos oitenta ensopados de Coca-Cola. A maior

parte disso na política. Eu acho que credibilidade morreu de vergonha por

volta de 1986, justamente quando todos aqueles protestantes de guerra

dos anos sessenta e batalhadores por igualdade racial descobriam sobre

as obrigações especulativas; Martha Stewart vivia; e era inventado o

StairMaster, uma mini-escada rolante para fazer exercícios. – Por que

perde seu tempo com isso?

Essa foi direta o su iciente para me deixar puto, e eu disse o que parece para mim agora, olhando para trás, uma coisa incrivelmente estúpida.

– Eu tenho muito tempo para perder.

Jones assentiu como se não esperasse mais, ou melhor. Ele continuou a

andar e passou por mim em seu ritmo acostumado, com a cabeça abaixada,

costas curvadas, cabelo úmido balançando, o livro preso irme sob seu

braço, que eu esperei cair de novo. Desta vez quando caísse, eu o deixaria

sozinho cutucando-o com suas muletas.

Mas ele não escapou de seu braço, e depois de vê-lo alcançar a porta do Holyoke, se agarrar a ela, e inalmente entrar, eu segui meu próprio

caminho. Quando eu terminasse minhas tarefas, sentaria com Carol Gerber

e o resto da garotada que limpava os pratos. Esse era o mais longe de Stoke Jones que eu poderia icar, o que pareceu bom. Ele também sentou

longe dos outros garotos aleijados, eu me lembro.

Stoke Jones sentava longe de todo mundo. Clint Eastwood de muletas.

9

Os famintos comuns começaram a aparecer pelas cinco horas. Vinte cinco

minutos depois, a trupe da cozinha estava a todo vapor, e assim icou por

uma hora.

Vários garotos foram para casa no im de semana, mas aqueles que

icaram apareceram na noite de Sábados, em que foi servido feijões,

amendoins e pão de milho. Para sobremesa tínhamos gelatina com

pequenos pedaços de fruta de cobertura.

Carol estava limpando os talheres, e no momento em que a hora do rush

começou, ela se afastou da janelinha que dava para o salão, tremendo de tanto rir. Suas bochechas eram vermelho vivo. Pela esteira rolante veio a obra de arte de Skip. Ele admitiu mais tarde que havia sido ele, mas eu já

sabia. Embora ele estivesse na Faculdade de Educação e provavelmente

destinado a ensinar história e treinar times de beisebol no bom e velho Colégio Dexter até cair morto por causa de um ataque do coração aos

cinqüenta e nove anos, Skip, por direito, deveria ter se saído bem em

artes. .

provavelmente teria se ele não tivesse vindo de cinco gerações de

fazendeiros que diziam “aié” e “*purque*” e “*ela iria sorri e bejá um porcu*”.

Ele era apenas o segundo ou terceiro de sua larga família (sua religião, Skip dissera uma vez, era Alcoolismo Irlandês) a ir para uma faculdade. O

clã dos Kirk poderia visualizar um professor na família (ou quase), mas

não um pintor ou um escultor. E aos dezoito, Skip não conseguia ver mais longe do que sua família via. Ele só sabia que não cabia muito bem no buraco em que estava tentando entrar, e isso o deixou a lito. Isso o fez andar por outros quartos que não fossem o dele, checar os LPs, e criticar o

gosto musical de quase todo mundo.

Em 1969 ele tinha uma idéia melhor de quem e o que ele era. Aquele foi o

ano em que ele fez uma família vietnamita *de papel machê* que pegou fogo no im da excursão de paz em frente a Biblioteca Fogler enquanto os The Youngbloods cantavam “Get Together” com alguns ampli icadores

emprestados e hippies batucavam como guerreiros de uma tribo depois de

uma caçada. Você percebe como as coisas estão bagunçadas em minha

mente? Foi Atlântida, isso eu sei com certeza, bem lá fundo do oceano. A família de papel queimou, os hippies protestaram gritando “Napalm!

Napalm! Merda dos céus!” enquanto dançavam, e depois os valentões e os

rapazes das fraternidades começaram a jogar coisas. Ovos primeiro.

Depois pedras.

Não foi uma família de *papel machê* que fez Carol rir e se afastar da esteira naquela noite de Outono de 1966; foi um homem com uma ereção feito de

cachorro-quente de pé no topo da Montanha de Feijões Cozinhados do

Holyoke Commons. Uma pequena salsicha projetava-se alegremente de um

buraco apropriado. Em sua mão estava uma bandeirinha da Universidade

do Maine, em sua cabeça um pedaço de tecido azul que imitava o boné dos

calouros. Na parte da frente da travessa, cuidadosamente escrito com

pedaços de pão de milho, estava a mensagem COMA MAIS FEIJÕES

DO MAINE!

Uma boa galeria de trabalhos artísticos comestíveis rolou pela esteira

durante meu tempo na cozinha do Palácio, mas eu acho que esse foi o

melhor de todos. Stoke Jones sem dúvida chamaria isso de perda de tempo,

mas eu acho que neste caso ele estaria errado. Qualquer coisa com o poder

de ainda te fazer rir trinta anos depois não era perda de tempo. Eu acho que uma coisa como esta está bem perto da imortalidade.

10

Eu sai às seis e meia, andei pela rampa atrás da cozinha com um último saco de lixo, e o larguei em um dos quatro lixeiros alinhados atrás do Commons como carrinhos de aço.

Quando eu me virei, vi Carol Gerber e mais alguns garotos parados na

esquina do prédio, fumando e assistindo a lua surgir. Os outros dois

começaram a andar enquanto eu me aproximava, puxei meus Pall Malls do

bolso da jaqueta.

– Ei, Pete, coma mais feijões do Maine. – Carol disse, e riu.

– É. – acendi meu cigarro. Então, sem remoer muito sobre isso, eu falei: –

Tem uns dois ilmes do Bogart sendo exibidos no Hauck hoje à noite. Eles começam às sete.

Temos tempo de chegar lá. Gostaria de ir?

Ela deu uma tragada, sem responder por um momento, mas ela estava

sorrindo e eu sabia que ela diria sim. Mais cedo, tudo o que eu queria era

voltar para o salão do terceiro andar e jogar Copas. Agora que eu estava longe do jogo, entretanto, o jogo pareceu muito menos importante. Estivera

eu irritado o bastante para dizer algo sobre bater em Ronnie Malenfant até

ele dizer basta? Parecia que sim (a memória estava clara o su iciente), mas

estar parado ali fora no vento frio com Carol, icou di ícil para mim

entender o motivo de tê-lo feito.

– Eu tenho um namorado lá na minha cidade. – ela disse finalmente.

– Isso é um não?

Ela balançou a cabeça, ainda sorrindo. A fumaça de seu cigarro percorreu

seu rosto. Seu cabelo, livre das redes que as garotas tinham que usar na cozinha, esvoaçou lentamente por cima de seu cenho.

– Isso é informação. Lembra daquele programa *O Prisioneiro*? "Número Seis, nós queremos. . *informação*."

– Eu tenho uma namorada lá na minha cidade. – eu disse. – Mais

informação.

– Eu tenho outro trabalho, ensinar matemática. Eu prometi passar uma

hora da noite com esta garota no segundo andar. Cálculo. Geometria. Ela

nunca consegue aprender e vive reclamando, mas são seis dólares por

hora. – Carol riu. – Isto está icando bom, estamos trocando informações

como loucos.

– Mas não parece bom para Bogie. – eu disse. Eu não estava preocupado.

Eu sabia que iríamos ver Bogie. Eu acho que eu também sabia que haveria

um romance em nosso futuro. Isso me causou uma estranha sensação leve,

uma sensação que me fazia levitar.

– Eu poderia ligar para Esther do Hauck e dizer que a ensinaria às dez ao

invés de às nove. – Carol disse. Esther era um caso triste. Ela nunca saia. O

que ela mais fazia era sentar com seu cabelo em tranças e escrever cartas

para casa sobre como era di ícil a faculdade. Poderíamos ver o primeiro

filme pelo menos.

– Parece bom. – eu disse.

Começamos a andar na direção do Hauck. Aqueles eram os dias, está certo;

e você não tinha que contratar uma babá, colocar o cachorro pra fora,

alimentar o gato, ou ativar o alarme contra ladrões. Você apenas ia em

frente.

– Isso é tipo um encontro? – ela perguntou depois de algum tempo.

– Bem. – eu disse. – Acho que poderia ser. – nós estávamos passando pelo

Anexo Leste agora, e outros garotos estavam enchendo os caminhos, indo

na direção do auditório.

– Bom. – ela disse. – Porque eu deixei minha bolsa em meu quarto. Não posso pagar.

– Não se preocupe, estou rico. Tirei a sorte grande jogando cartas hoje.

– Pôquer?

– Copas. Você conhece?

– Está brincando? Eu ganhei três semanas no Acampamento Winiwinaia no

Lago George no verão em que iz doze anos. Acampamento da ACM

(acampamento das crianças pobres, minha mãe dizia). Chovia

praticamente todo dia, e tudo o que fazíamos era jogar Copas e caçar a Puta. – seus olhos vagavam longe, do jeito que acontece quando as pessoas

tropeçam em velhas memórias como num sapato na escuridão. –

Ache a dama de preto. *Cherchez la femme noire*.

– Esse é o jogo, está certa. – eu disse, sabendo que por um momento eu não

estava lá com ela. Então ela voltou, me deu um sorriso, e tirou seus cigarros

do bolso de seu jeans. Nós fumávamos vários naquela época. Todos nós.

Naquela época você podia fumar nas salas de espera dos hospitais. Eu

disse a minha filha isso e no começo ela não acreditou em mim.

Eu tirei meus próprios cigarros e acendi ambos. Foi um bom momento, nós

dois olhando um para o outro sobre a chama de um Zippo. Não tão doce quanto um beijo, mas foi legal. Eu senti aquela leveza dentro de mim de novo, a sensação de levitar. Às vezes sua visão de tudo aumenta cheia de esperança. Às vezes você acha que pode ver pelos cantos, e talvez você

possa. Aqueles foram bons momentos. Eu fechei meu isqueiro com um

peteleco e continuei a andar, fumando, as costas de nossas mãos próximas,

mas não tanto a ponto de encostar.

– De quanto está falando? – ela perguntou. – O bastante para fugir para Califórnia, ou talvez nem tanto?

– Nove dólares.

Ela riu e pegou a minha mão.

– É um encontro, está certo. – ela disse. – Você pode me comprar pipoca também.

– Tudo bem. Importa-se com qual filme vemos primeiro?

Ela balançou a cabeça.

– Bogie é Bogie.

– Isso é verdade. – eu disse, mas eu esperava que fosse *O Falcão Maltês*.

E era. Na metade do ilme, enquanto Peter Lorre dava aquele seu giro gay

e estranho, e Bogie o encarava com aquela sua educada e espantada

incredulidade, eu olhei para Carol. Ela estava olhando para mim. Eu me

inclinei e beijei sua boca melada de manteiga à luz da lua preta e branca do primeiro filme inspirado de John Huston.

Seus lábios eram doces e sensíveis. Eu me afastei um pouco. Ela ainda

estava me olhando. O pequeno sorriso voltara. Então ela me ofereceu seu

saco de pipoca, e eu retribuí com minha caixa de doces, e nós vimos o resto

do filme.

11

Voltando para o complexo de dormitórios Chamberlain-King-Franklin, eu peguei sua mão sem quase

pensar a respeito. Ela entrelaçou os dedos nos

meus naturalmente, mas eu achei que podia sentir uma restrição agora.

– Você vai voltar para ver *A Nave da Revolta*? – ela perguntou. – Você poderia, já que você ainda tem seu ingresso. Ou eu poderia te dar o meu.

– Não, eu tenho que estudar geologia.

– Aposto que vai acabar jogando cartas a noite toda ao invés disso.

– Não posso fazer isso. – eu disse. E eu falava sério; eu pretendia voltar e estudar. No duro.

– "*A Batalha de um Solitário*", ou "*A Vida de um Estudante*". – Carol disse. –

Uma novela de despedaçar corações por Charles Dickens. Você vai chorar

como Peter Riley enquanto ele se joga em um rio depois de descobrir que o

Escritório de Ajuda Financeira revogou sua bolsa de estudos.

Eu ri. Ela não deixava escapar uma.

– Estou no mesmo barco, sabia? Se nos ferrarmos, talvez possamos fazer

um suicídio duplo. Vamos nos jogar no Penobscot. Adeus, mundo cruel.

– O que uma garota de Connecticut está fazendo na Universidade do Maine

de qualquer forma? – eu perguntei.

– Isso é um pouco complicado. E se você algum dia planejar me chamar

para sair de novo, você deveria saber que está mexendo em um berço. Não

vou fazer dezoito até Novembro. Eu pulei a sétima série. Esse foi o ano em

que meus pais se divorciaram, e eu estava angustiada. Ou era estudar o

tempo todo ou me transformar em uma das garotas agitadas do ginásio do

colégio de Harwich. Elas eram as mais vagabundas e normalmente

engravidavam aos dezesseis. Sabe de que tipo estou falando?

– Claro. – em Gates você as via rindo em pequenos grupos fora do Frank's

Foutain, ou do Daily Delish, esperando pelos garotos que vinham em seus

Fords e Plymouths, carros rápidos com, saias traseiras e decalques em que se lia FRAM e QUAKER

STATE nas janelas traseiras. Você poderia ver essas

garotas como mulheres do outro lado da Main Street, dez anos mais velhas,

e vinte quilos mais gordas, bebendo cerveja e outras coisas na Tarvena do

Chucky.

– Eu me tornei uma CDF. Meu pai estava na Marinha. Ele saiu por

incapacidade e se mudou para cá, Maine. . Damariscotta, abaixo da costa?

Eu assenti, pensando nos garotos engomadinhos de Diane Renee, aquela

que disse urra e se juntou a Ma-ma-rinhaaa.

– Eu estava vivendo em Connecticut com minha mãe e ia para o Colégio de

Harwich. Eu me candidatei a dezesseis escolas diferentes, e fui aceita em todas, exceto três. . mas. .

– Mas eles esperavam que você pagasse do próprio bolso e você não podia.

Ela assentiu.

– Eu acho que perdi as bolsas por talvez uns vinte pontos no teste de aptidão.

Uma ou duas atividades extracurriculares não teriam doído, mas eu estava

ocupada demais sendo uma CDF. E nessa época eu comecei com Sully-

John. .

– O namorado, certo?

Ela assentiu, mas não como se pensar nele a interessasse.

– As únicas duas ofertas de ajuda inanceira realista eram Maine e UConn.

Eu decidi pelo Maine porque eu não estava me dando muito bem com

minha mãe. Muitas brigas.

– Você se dá melhor com seu pai?

– Mal o vejo. – ela disse em um tom seco. – Ele vive com uma mulher que. .

bem, eles bebem demais e brigam demais, vamos deixar a coisa assim. Mas

ele é um residente do estado, eu sou a ilha dela, e essa é uma boa

faculdade. Eu não consegui tudo do que precisava (UConn ofereceu um acordo melhor, francamente), mas eu não tenho medo de fazer uns

trabalhinhos. Vale a pena, apenas para se afastar de tudo.

Ela respirou fundo o ar da noite, e o soltou, levemente esbranquiçado.

Estávamos quase de volta ao Franklins. Na entrada eu podia ver os caras sentados em cadeiras de plástico, esperando as garotas descerem as

escadas. Parecia uma galeria de quadros. *Vale a pena, apenas para se*

afastar de tudo, ela havia dito. Isso signi icava a mãe, a cidade, o colégio, ou estava o namorado incluído?

Quando chegamos às portas duplas abertas à frente de seu dormitório, eu

pus meus braços ao seu redor e me inclinei para beijá-la novamente. Ela pôs as mãos em meu peito, e parando. Não afastando, apenas parando. Ela

olhou para meu rosto, sorrindo aquele pequeno sorriso dela. Eu poderia

amar aquele sorriso, eu pensei, era o tipo de sorriso que você acordava pensando no meio da noite. Os olhos azuis e o cabelo loiro também, mas a

maior parte era o sorriso. Os lábios curvados um poucos, mas os cantos da

boca afundados por covinhas.

– O nome do meu namorado é John Sullivan. – ela disse. – Como o lutador.

Agora me diga o nome de sua namorada.

– Annmarie. – eu disse, não ligando muito para o som que saia de minha boca. – Annmarie Soucie. Ela é uma formanda este ano no ginásio do

Colégio Gates Falls. – eu soltei Carol. Quando o iz, ela tirou as mãos de meu

peito e segurou as minhas.

– Isto é informação. – ela disse. – Informação, é só isso. Ainda quer me beijar.

Eu assenti. Queria mais do que nunca.

– Está bem. – ela levantou a cabeça, fechou os olhos e abriu a boca um pouco.

Ela parecia uma criança esperando no pé da escada pelo seu beijo de boa

noite do papai.

Era tão bonitinho que eu quase ri. Ao invés disso eu me inclinei e a beijei.

Ela me beijou de volta com prazer e entusiasmo. Não havia línguas se

tocando, mas era um beijo meticuloso e investigativo do mesmo jeito.

Quando ela recuou, suas bochechas estavam coradas e seus olhos

brilhavam. – Boa noite. Obrigada pelo filme.

– Quer fazer de novo?

– Eu terei que pensar nisso. – ela disse. Ela estava sorrindo, mas seus olhos

estavam sérios. Eu suponho que o namorado dela estava em sua cabeça;

eu sei que Annmarie estava na minha. – Talvez seja melhor você pensar

nisso também. Eu te vejo Segunda-Feira na cozinha. O que você tem?

– Almoço e jantar.

– Eu tenho café-da-manhã e almoço. Então te vejo no almoço.

– Coma mais feijões do Maine. – eu disse. Isso a fez rir. Ela entrou. Eu a assisti entrando, icando do lado de fora com meu colarinho para cima e

minhas mãos no bolso, o cigarro nos lábios, me sentindo como Bogie. Eu a

vi dizer algo para uma garota na mesa da recepção e então correr para as

escadas, ainda rindo.

Eu voltei para Chamberlain sob a luz da lua, determinado a assumir um

compromisso sério com as geossinclinais.

12

Eu só fui ao salão do terceiro andar para pegar meu livro de geologia; eu juro que é verdade. Quando eu cheguei lá, cada mesa (mais uma ou duas

que poderiam ter sido roubadas de outro andar) estava ocupada por um

quarteto de tolos que jogavam Copas. Havia até mesmo um grupo no canto,

sentando de pernas cruzadas e olhando intensamente para suas cartas.

Eles pareciam praticamente de ioga com dor de barriga.

– Estamos caçando A Bocetuda! – Ronnie Malenfant berrou para o salão

inteiro ouvir. – Vamos pegar essa puta, garotos!

Eu peguei meu livro de geologia no sofá onde havia estado o dia todo

(alguém havia sentado nele, o empurrando para a fenda no meio do sofá,

mas aquele bebê era grande demais para se esconder totalmente), e olhei

para ele do modo como você poderia olhar para algum artefato cujo

propósito é desconhecido. No auditório do Hauch, sentado ao lado de Carol

Gerber, esta louca festa de cartas parecia apenas um sonho. Agora era

Carol quem parecia um sonho, Carol com suas covinhas e seu namorado

com o nome de um pugilista. Eu ainda tinha seis pratas em meu bolso e era

um absurdo me sentir desapontado só porque não havia vaga para mim

em qualquer um dos jogos que estavam acontecendo.

Estudar, era isso o que eu tinha que fazer. Fazer amizade com as

geossinclinais.

Eu acamparia no salão do segundo andar, ou talvez achar um canto quieto

no porão.

Justo quando eu estava saindo com meu exemplar de *Geologia*

Histórica sob o braço, Kirby McClendon largou as cartas e chorou, “Que se

danei isso! Estou falido!

Tudo porque eu não paro de ser acertado com esta maldita rainha de

espadas! Eu vou dar a vocês bilhetes **IOU** (**N.T. – Do original “I Owe U”**

que é um cartão dado para uma pessoa a quem se deve pagar uma dívida eventualmente.). Eu juro por Deus que estou completamente

falido.

Ele passou por mim sem olhar para trás, abaixando a cabeça enquanto

passava pela porta. Eu sempre achei que ser alto deste jeito deveria ser algum tipo de maldição.

Um mês depois Kirby estaria falido em um sentido muito maior, tirado da Universidade por seus pais aterrorizados depois de um chilique mental e

uma tentativa de suicídio imbecil. Não foi a primeira vítima da Copasmania

naquele Outono, nem a última, mas foi a única a tentar se apagar comendo

duas garrafas de aspirina para bebê sabor laranja.

Lennie Doria nem mesmo se importou em olhar para ele. Ele olhou para

mim ao invés disso.

– Quer sentar, Riley?

Uma breve, mas genuína, batalha pela minha alma começou. Eu precisava

estudar. Eu havia *planejado* estudar, e por um rapaz ajudado

inanceiramente, esse era um bom plano, certamente mais sensível do que

sentar aqui nesta sala cheia de fumaça e adicionando minha própria quota

com meus Pall Malls.

Então eu disse “Claro, por que não?”, e sentei e joguei Copas até quase de

manhã. Quando eu inalmente voltei para meu quarto, Nate estava deitado

em sua cama lendo a Bíblia. Esta era a última coisa que ele fazia antes de ir

dormir. Esta era sua terceira viagem através do que ele sempre chamava

de A Palavra de Deus, ele me disse.

Ele havia chegado ao Livro de Neemias. Ele olhou para mim com uma

expressão de calmo inquérito, um olhar que nunca mudava muito. Agora

que eu penso a respeito, *Nate* nunca mudou muito. Ele ia ser dentista, e icou por isso mesmo; junto com seu último cartão de Natal estava uma foto

de seu novo consultório em Houlton. Na foto havia os três Magos ao redor

de um berço de palha no jardim coberto de neve. Atrás de Maria e José você podia ler a placa da porta: NATHANIEL HOPPENSTAND, DOS.

Ele se casou com Cindy. Eles ainda estão casados, e têm três ilhos, agora já

crescidos.

Eu imagino que Rinty morreu e foi substituído.

– Você venceu? – Nate perguntou. Ele falou no mesmo tom de voz que

minha esposa alguns anos depois, quando eu voltava para casa meio

bêbado depois das noites de pôquer às terças.

– Na verdade sim. – eu havia chegado à mesa onde Ronnie estivera

jogando e havia perdido três dos meus seis dólares restantes, então fui

para outra onde os consegui de volta, e alguns outros. Mas eu nunca

cheguei nem perto das geossinclinais ou dos mistérios das placas

tectônicas.

Nate estava vestindo pijamas vermelho e branco. Ele foi, eu acho, a única

pessoa com quem eu dividi um quarto na faculdade, seja homem ou mulher, que vestia pijamas.

É claro que ele era também aquele que possuía o disco da Diane Renee.

Enquanto eu comecei a me despir, Nate deslizou para debaixo das cobertas

e apagou a luz de sua lamparina de estudar.

– Conseguiu estudar geologia? – ele perguntou enquanto as sombras

engoliam metade do quarto.

– Estou em boa forma. – eu disse. Anos depois, quando eu voltei de um daqueles jogos de pôquer e minha mulher me perguntou o quão bêbado

eu estava, e eu disse “só um pouquinho”, no mesmo tom de voz dopado.

Eu pulei para minha própria cama, apaguei minha própria lamparina, e

dormi quase que imediatamente. Eu sonhei que jogava Copas. Ronnie

Malenfant estava jogando; Sotke Jones estava parado no umbral do salão,

inclinado sobre suas muletas e olhando para mim, olhando para todos nós,

com aquele severo olhar de desaprovação de um Puritano de

Massachusetts. Em meu sonho havia um enorme monte de dinheiro na

mesa, centenas de dólares reunidos em moedas de cinco e de uma, notas, e

até mesmo um cheque ou dois. Eu olhei para isso, e de volta para o umbral.

Carol Gerber estava agora ao lado de Stokley. Nate, vestido em seus

pijamas de bengala doce, estava do outro lado.

– Nós queremos informação. – Carol disse.

– Vocês não terão. – eu respondi, no programa da TV, essa era sempre a resposta de Patrick McGoohan ao Número Dois.

Nate disse:

– Você deixou sua janela aberta, Pete. O quarto está frio, e seus papéis se espalharam por todos os lugares.

Eu não consegui achar uma resposta adequada para essa, então eu peguei

a mão com que estivera jogando e a abri. Treze cartas, e cada uma delas era a rainha de espadas. Cada uma delas era *la femme noire*. Cada uma delas era A Puta.

13

No Vietnã, a guerra estava indo bem (Lyndon Johnson disse isso através do

Pací ico Sul). Houve alguns poucos contratempos, entretanto. Os

vietcongues derrubaram três helicópteros americanos praticamente no

quintal do Saigon; um pouco longe do Grande S, um número estimado de

mil soldados vietcongues chutaram a bunda de pelo menos o dobro dos

vietnamitas sulistas regulares. Em Mekong Delta, navios de guerra

americanos afundaram centro e vinte barcos de patrulha vietcongues, que

por acaso continha (ooops) um grande número de crianças refugiadas.

América perdeu seu quadringentésimo avião da guerra naquele Outubro,

um F-105 Thunderchief. O piloto saltou de pára-quedas para segurança.

Em Manila, o Primeiro Ministro do Vietnã do Sul, Nguyen Cao Ky, insistiu que ele não era corrupto. Nem eram os membros de seu gabinete, ele

disse, e o fato de que uma dúzia, mais ou menos, de membros do gabinete

pediu demissão enquanto Ky estava nas Filipinas foi pura coincidência.

Em San Diego, Bob Hope fez um show pelos rapazes do Exército pelo país.

“Eu queria chamar Bing e mandá-lo para junto de você”. Bob disse, “mas

aquele maconheiro ilho de um canhão tirou seu número da lista”. Os

rapazes do exército urraram com risos.

Question Mark and the Mysterians mandavam na rádio. A canção deles,

“96 Tears”, foi um sucesso monstruoso. Eles nunca mais tiveram outro.

Em Honolulu garotas dançando ula-ula deram boas vindas ao Presidente

Johnson.

Nas Nações Unidas. O Secretário Geral U. Thant pedia juntamente com o

representativo Americano Arthur Goldberg para pararem, ao menos

temporariamente, o bombardeio ao Vietnã do Norte. Arthur Goldberg

conseguiu se comunicar com o Grande Pai Branco no Havaí para informá-

lo sobre o pedido de Thant. O Grande Pai Branco, talvez usando seu colar de lores, disse “não mesmo, nós vamos para quando os vietcongues

pararem, mas enquanto isso, eles vão chorar 96 lágrimas. *Pelo menos* 96.

(Johnson deu uma rebolada patética com as garotas do ula-ula, eu me lembro de ver isso no *The Huntley-Brinkley Report* e achar que ele dançava

exatamente igual a todos os outros caras brancos que eu conhecia. . que

eram, incidentalmente, *todos* os caras que eu conhecia).

Na Vila Greenwich uma marcha de paz foi quebrada pela polícia. As

marchas não eram permitidas, a polícia disse. Em São Francisco,

protestantes de guerra carregando caveiras de plástico em varas e usando

maquiagem branca como uma trupe de mímicos foram expulsos com gás

lacrimogêneo. Em Denver, a polícia rasgou milhares de cartazes

promovendo um encontro anti-guerra no Parque Chautauqua, em Boulder.

A polícia havia descoberto um estatuto que proibia a postagem de tais

papéis.

O estatuto não, disse o Chefe da polícia de Denver, proibia cartazes que promovessem

ilmes, roupas, festas dos Veteranos de Guerras

Estrangeiras, ou recompensas por informação que levasse à recuperação

de animais de estimação perdidos. *Esses* cartazes, o chefe explicou, não eram políticos.

Em nosso próprio pequeno trecho havia um protesto de pessoas sentadas

no Anexo Leste, onde a Coleman Chemicals estava recrutando

trabalhadores. Coleman, como Dow, produzia napalm. Acontece que a

Coleman também produzia o Agente Laranja, botulinum, e antrax, embora

ninguém soubesse disso até a companhia falir em 1980. Na revista

Maine *Campus* havia uma pequena foto dos protestantes sendo levados.

Uma grande foto mostrava um protestante sendo puxado do Anexo Leste

por um policial do campus enquanto outro policial estava de pé, segurando

as muletas (é claro que o protestante era Stoke Jones, usando seu casco com a pegada de passarinho nas costas). Os policias o estavam tratando

gentilmente, disso tenho certeza (naquele ponto, protestantes de guerra

ainda eram mais novidades do que um incômodo), mas a combinação do

grande policial e do garoto aleijado fez a foto ser assustadora de algum modo. Eu pensei nisso muitas vezes entre 1968 e 1971, anos quando, nas

palavras de Bob Dylan, “o jogo icou di ícil”. A maior foto daquela edição, a

única acima do invólucro, mostrava rapazes do CTOR de uniformes,

marchando no campo de futebol ensolarado enquanto uma multidão

assistia. MANOBRAS ATRAEM RECORDE DE PÚBLICO, dizia o título.

Ainda assim, mais perto de casa, um Peter Riley tirou um D em seu teste de Geologia, e um D+ no teste de Sociologia, dois dias depois. Na Sexta-Feira eu peguei de volta um ensaio de opinião de uma única folha que eu havia

rabiscado antes de entrar em Introdução ao Inglês (escrita) na Segunda-

Feira de manhã. O assunto era Gravatas (que deveriam ou não) Ser Requisitadas para Homens em Restaurantes. Eu havia escolhido “não deveriam”. Este pequeno exercício expositivo havia sido marcado com um grande e vermelho C, o primeiro que eu havia ganhado desde que chegara à U do M com meus A’s irmes em Inglês no boletim do colégio, e meus 740 pontos no teste de aptidão verbal. Aquele gancho vermelho me chocou de um modo que o teste que resultara em um D não havia, e me enfureceu também. No topo, o Sr. Babcock havia escrito “Sua claridade comum é presente, mas neste caso serve apenas para mostrar o quão cru é isto. Seu humor, embora condescente, é desprovido de inteligência. O C é na verdade um presente. Trabalho relaxado.”

Eu pensei em chegar nele depois da aula, mas rejeitei a idéia. O Sr. Babcock, que usava gravata borboleta e grandes óculos de aro de tartaruga, havia deixado claro que considerava os alunos com notas baixas a forma de vida acadêmica mais inferior.

Além disso, era meio-dia. Se eu comesse rápido no Palácio das Planícies, eu poderia estar de volta ao Chamberlain Três a uma da tarde. Todas as mesas no salão (e todos os quatro cantos dele) estariam cheias às três daquela tarde, mas de uma hora eu ainda poderia achar um assento. Eu já tinha quase vinte dólares agora, e planejava passar meu último im de semana lucrativo de Outubro enchendo os bolsos. Eu também estava planejando dançar no Ginásio Lengyll na noite de Sábado. Carol concordara em ir comigo. Os Cumberlands, um grupo popular do campus, estava jogando. Em algum ponto (é mais certo dizer *vários* pontos) eles fariam sua versão de “96 Tears”.

A voz da consciência, já falando comigo com a voz de Nate Hoppenstand,

sugeriu que eu deveria também passar parte do im de semana estudando.

Eu tinha dois capítulos de geologia para ler, dois de sociologia, quarenta páginas de história (a Idade Média de uma vez só), mais algumas questões

para responder sobre rotas comerciais.

Eu vou chegar lá, não se preocupe, eu vou chegar lá, eu disse à voz.

Domingo é meu dia de estudo. Você pode contar com isso, você pode anotar. E por um tempo no Domingo eu realmente li sobre os grupos, os

excluídos, e as sanções dos grupos. Entre as mãos de cartas eu li sobre eles. Então as coisas icaram interessantes, e meu livro de sociologia

acabou no chão sob o sofá. Indo para a cama na noite de Domingo (bem

tarde da noite), ocorreu a mim que não só tive meus ganhos diminuídos, ao

invés de crescidos (Ronnie agora parecia estar me caçando), mas eu

também não havia ido muito longe com meus estudos. Eu também não iz

uma certa ligação.

Se você quer realmente pôr sua mão aí , Carol disse, e ela estava sorrindo aquele pequeno sorriso engraçado, enquanto falava, aquele sorriso que

era mais covinhas e um olhar nos olhos. *Se você quer realmente pôr sua mão aí*.

À meio caminho andado na noite de dança, ela e eu saímos para fumar. Era

uma noite calma, e ao norte dos tijolos de Lengyll talvez vinte casais

estavam se abraçando e se beijando à luz da lua crescente acima do

Chadbourne Hall. Carol e eu nos juntamos a eles. Não tardou para que eu

colocasse minha não dentro de seu suéter. Eu esfreguei meu dedão sobre o

algodão macio de seu sutiã, sentindo seus mamilos enrijecerem.

Minha temperatura também estava subindo. Eu podia sentir a dela

subindo também. Ela olhou na minha cara, com os braços ainda em volta

do meu pescoço, e disse:

– Se você quer realmente pôr sua mão aí, eu acho que você deve fazer uma

ligação para uma pessoa, não deve?

Ainda há tempo, eu disse a mim mesmo enquanto caia no sono. *Há muito tempo para estudar, muito tempo para fazer ligações. Muito tempo.*

14

Skip se ferrou no teste de Antropologia (acabou chutando metade das

questões e tirando 5,8. Ele ganhou um C- no teste de Cálculos Avançados, e apenas conseguiu isso porque seu último cursinho de matemática no

colégio havia coberto alguns dos mesmos conceitos. Estávamos no mesmo

cursinho de Sociologia e ele tirou um D- no teste, tirando um patético 1,7.

Nós éramos os únicos com problemas. Ronnie era um vencedor em Copas,

e seria capaz de ganhar cinqüenta pratas em dez dias de jogo, se você

acreditasse nele (ninguém o fazia completamente, embora soubéssemos

que ele estava ganhando), mas um perdedor nas aulas. Ele levou bomba no

teste de Francês, e no pequeno trabalho e Inglês que compartilhamos

(“Não tô nem aí pra essas merdas de gravatas, eu como no McDonald’s”,

ele disse), e se saiu bem em um teste de história colando algumas notas de

um admirador bem antes da aula.

Kirby McClendon havia parado de se barbear e começou roer as unhas

entre os jogos. Ele também começou a gazear um signi icante número de

aulas. Jack Frady convenceu seu conselheiro a deixá-lo largar Estatísticas, embora eu pensasse que esse negócio de adicionar ou abandonar matérias

já tivesse terminado. “Eu chorei um pouco”, ele me disse uma noite no

salão enquanto caçávamos a Puta noite adentro. “É algo que eu aprendi no

Clube de Teatro”. Lennie Doria apareceu na minha porta algumas noites

depois enquanto eu estava arrumando o quarto (Nate estivera estudando

por uma hora ou mais, e agora dormia o sono dos justos e dos esforçados)

e me perguntou se eu tinha algum interesse em escrever um trabalho

sobre um cara chamado Crispus Attucks. Ele ouviu que eu poderia fazer

coisas desse tipo. Ele pagaria um preço justo, Lennie disse; ele atualmente

tinha dez dólares do jogo. Eu disse que sentia muito, mas não poderia

ajudá-lo. Eu mesmo tinha trabalho para fazer. Lennie assentiu e se

mandou.

Ashley Rice explodiu em horríveis acnes por todo o rosto, Mark St. Pierre um interlúdio de sonambulismo depois de perder quase vinte pratas em

uma noite catastró ica, e Brad Whitherspoon entrou uma briga com um

cara no primeiro andar. O cara fez uma piada inofensiva (mais tarde o

próprio Brad admitiu que foi inofensiva), mas Brad, que acabara de ser

atingido pela Puta três vezes em quatro mãos queria apenas uma Coca-

Cola da máquina do primeiro andar para molhar sua garganta seca como

bunda, não estava com um humor inofensivos. Ele se virou, largou seu

refrigerante ainda fechados no balcão onde estava um cinzeiro, e começou

a socar.

Quebrou os óculos do garoto, juntamente com um de seus dentes. Então

Brad Whiterspoon, ordinariamente tão perigoso quanto um mimeógrafo de

biblioteca, foi o primeiro de nós a levar uma punição disciplinar.

Eu pensei em ligar para Annmarie e dizer a ela que eu havia conhecido

alguém e estava namorando, mas pareceu dar muito trabalho, muito

esforço ísico, no topo de todas as coisas. Eu esperei que ela me mandasse

uma carta dizendo que já era hora de começarmos a ver outras pessoas.

Ao invés disso recebi uma em que ela dizia o quanto sentia saudades de mim, e que ela estava fazendo "algo especial" para mim no Natal. O que provavelmente signi icava um suéter, um com uma rena bordada nele.

Suéteres de renas eram a especialidade de Annmarie (aquelas lentas e

gostosas punhetas eram outra). Ela mandou uma foto dela mesma com

uma saia pequena. Olhar para ela não me fez icar com tesão, mas me fez icar cansado, com sentimento de culpa e com a sensação de que eu estava

enrolando para resolver o assunto. Carol também me fez sentir como se

estivesse enrolando. Eu só queria manter uma sensação, não mudar a

porra da minha vida inteira. Ou a dela, se importar. Mas eu gostava dela, isso era verdade. Muito. Aquele sorriso dela, e sua inteligência a iada. *Isto está icando bo* m, ela havia dito, *estamos trocando informações como loucos*.

Uma semana, mais ou menos, depois, eu voltei de Holyoke, onde eu havia

trabalhado com ela no almoço, e vi Frank Stuart andando lentamente pelo

corredor do terceiro andar com sua mala pendendo em suas mãos. Frank

era do lado Oeste do Maine, uma daquelas cidades que não são

incorporadas, que são feitas praticamente de árvores, e tinha um sotaque

ianque tão grosso que você poderia reparti-lo ao meio. Ele era um jogador

de Copas razoável, normalmente terminando em segundo ou terceiro

quando alguém extrapolava a marca dos cem pontos, mas era um cara

muito legal. Ele sempre tinha um sorriso na cara. . ou pelo menos até a tarde em que eu me encontrei com ele no caminho das escadarias com sua

mala.

– Está se mudando de quarto, Frank? – eu perguntei, mas ali mesmo eu

soube.

Estava grudado em seu rosto, sério, pálido e deprimido.

Ele balançou a cabeça.

– Estou voltando para casa. Recebi uma carta de minha mãe. Ela diz que precisam de alguém para tomar conta de um daqueles grandes refúgios de

lago que temos perto de casa. Eu disse que sim. Só estou perdendo tempo

aqui.

– Não está! – eu disse, um pouco chocado. – Cristo, Frankie, você está recebendo educação de faculdade!

– Não estou, embora, seja esse o motivo. – o corredor estava escuro e

sufocado pelas sombras; chovia lá fora. Ainda assim, acho que vi as

bochechas de Frank corar. Eu acho que ele estava com vergonha. Eu acho

que foi por isso que ele se arrumou para sair no meio de um dia de

semana, quando os dormitórios estavam vazios. – Eu não estou fazendo

nada, a não ser jogar cartas. E nem muito bem, tampouco. Estou com notas

baixas em todas as matérias.

– Você não pode estar *tão* ferrado assim. É só 25 de Outubro.

Frank assentiu.

– Eu sei. Mas não sou rápido como alguns. Não era na escola, tampouco. Eu

tenho que me conformar e me levantar, como um pescador no gelo. Eu não

estivesse fazendo isso, e se você não tem um buraco no gelo, não pode

pegar nenhum peixe. Vou embora, Pete. Vou sair antes que me queimem

em Janeiro.

Ele seguiu em frente, descendo pesarosamente o primeiro dos três lances

de escada com sua mala segura a sua frente pelas alças. Sua camisa branca

lutuava na escuridão; quando ele passou por uma janela em que escorria

chuva, seu cabelo brilhou como ouro.

Quando ele chegou ao segundo andar, e suas pegadas começaram a ecoar,

eu corri para as escadarias e olhei para baixo.

– Frankie! Ei, Frank!

As pegadas pararam. Nas sombras eu podia ver seu rosto redondo olhando para mim e a escuridão fazendo a forma de sua mala.

– Frank, e quanto ao cardume? Se você largar a escola, o cardume

morrerá!

Uma longa pausa, como se ele estivesse pensando em responder. Ele nunca

o fez, não com a boca. Ele respondeu com os pés. Os ecos continuaram. Eu

nunca mais vi Frank outra vez.

Eu me lembro de icar parado nas escadarias, com medo, pensando *Isso*

poderia

acontecer

comigo. .

talvez

esteja

acontecendo

comigo,

então empurrando o pensamento para longe.

Ver Frank com sua mala foi um aviso, eu decidi, e eu daria atenção a ele.

Eu iria melhorar. Eu estivera me desviando, e era hora de voltar para a estrada. Mas do fundo do corredor eu podia ouvir Ronnie berrando com

alegria que ele estava caçando a Puta, que ele falava sério ao dizer que iria

arrastar a vadia do lugar onde estava escondida, e eu decidi que era

melhor eu começar hoje a noite. Hoje a noite seria o tempo su iciente para

endireitar os pneus na estrada correta. Nesta tarde eu faria meu jogo de despedida de Copas. Ou dois. Ou quarenta.

15

Levou anos para que eu isolasse a parte principal de minha conversa inal

com Frank Stuart. Eu havia lhe dito que ele não poderia estar tão ferrado, e

ele havia respondido que isso havia acontecido porque ele não conseguia

aprender rápido. Ambos estávamos errados. Era possível se ferrar

catastro icamente em um curto período de tempo, e aconteceu aos

estudantes que aprendiam rápido como eu, Skip e Mark St. Pierre, como

também aos outros. Atrás de nossas mentes nós devemos ter nos segurado à idéia de que poderíamos vadiar e então nos recuperar, vadiar e nos recuperar, que foi o modo pela qual a maioria de nós passamos pelo colegial de nossas cidades natais. Mas como Dearie Dearborn havia apontado, isto não era colégio.

Eu te disse que dos trinta e dois estudantes que começaram o semestre de Outono em nosso andar do Chamberlain (trinta e três, se você também contar Dearie. .

mas ele era imune aos charmes de Copas), apenas quinze continuaram quando a Primavera chegou. Isso não signi ica que os dezenove que abandonaram eram idiotas; não mesmo. Na verdade, os rapazes mais inteligentes no Chamberlain Três no Outono de 1966, provavelmente eram os mesmos que foram transferidos antes que a reprovação fosse uma possibilidade real. Steve Ogg e Jack Frady, cujo quarto icava acima do meu e de Nate, foram para Chadbourne na primeira semana de Novembro, dizendo que “distração” havia sido a razão de suas candidaturas. Quando o Diretor das Casas perguntou que tipo de distrações, eles disseram que eram as usuais discussões que levavam a noite inteira, emboscadas de pasta de dente na cabeça, abrasivas relações com uma dupla de caras. Como um pós-pensamento, os dois adicionaram que provavelmente estavam jogando cortas por tempo demais no salão. Eles haviam ouvido dizer que Chad tinha um ambiente tranqüilo, um dos dois ou três “dormitórios de cérebros” do campus.

A pergunta do Diretor das Casas foi antecipada, a resposta cuidadosamente liberada como uma apresentação oral em um seminário.

Nem Steve ou Jack queriam que os jogos de Copas terminassem; isso pode

causar a eles todo o tipo de mágoa de pessoas que acreditam que as outras

deveriam cuidar de seus próprios assuntos. Tudo o que queriam eram dar

o fora de Chamberlain Três enquanto ainda havia tempo de salvar suas

bolsas escolares.

16

As más notas e inúteis trabalhos não foram nada, exceto provas

desagradáveis.

Para Skip, eu, e nossos amigos jogadores de Copas, nossa segunda rodada de preliminares foi um completo desastre. Eu ganhei um A- em Inglês e um

D em História Européia, mas me ferrei nos testes de múltipla escolha de Sociologia e Geologia (sócio só um pouco, e geo muito). Skip se ferrara nas

preliminares de Antropologia, História Colonial, e Sociologia. Ele recebeu

um C no teste de Cálculos (mas o gelo estava icando cada vez mais ino nessa também, ele me disse) e B em sua redação. Nós concordamos que a

vida seria mais simples se só houvesse Redação, fazer pesquisar, que

necessariamente nos mandava para bem longe do terceiro andar. Em

outras palavras, estávamos desejando pelo colégio, mesmo sem perceber

isso.

– Certo, já basta. – Skip disse para mim naquela noite de Sexta-Feira. Eu estou no limite, Peter. Eu não dou a mínima em ser um cara na faculdade ou ter um diploma para pendurar na parede do quarto, mas eu estarei

fodido se quiser voltar para Dexter e ter que jogar boliche com o resto dos

retardados até que o Tio Sam me chame.

Ele estava sentado na cama de Nate. Nate estava no Palácio das Planícies, comendo seu peixe de sempre das noites de sexta. Era bom saber que

alguém em Chamberlain Três tinha algum apetite. Esta era uma conversa

que não poderíamos ter com Nate por perto; o rato que era meu colega de

quarto achava que havia se saído bem nas preliminares, C's e B's. Ele não

teria dito nada se nos ouvisse falando, mas nos olharia de um modo que nos faria nos sentir covardes. À isso, embora poderia não ser nossa culpa,

estávamos moralmente enfraquecidos.

– Estou com você. – eu disse, e então do salão veio um choro agonizado (“*Oooooohh. . PUTA MERDA!”)* que eu reconheci instantaneamente: alguém

havia tirado A Puta. Nossos olhos se cruzaram. Eu não posso dizer quanto a

Skip, não tenho certeza (mesmo ele sendo meu melhor amigo na

faculdade), mas eu estava pensando que havia tempo. . e por que eu não

pensaria nisto? Para mim sempre havia.

Skip começou a sorrir. Eu comecei a sorrir. Skip começou a rir. Eu comecei

a rir com ele.

– Mas que porra. – ele disse.

– Só por hoje. – eu disse. – Vamos juntos para a biblioteca amanhã.

– Meter a cara nos estudos.

– O dia todo. Mas agora. .

Ele se levantou.

– Vamos caçar A Puta.

E nós fomos. E não fomos os únicos. Não havia explicação, eu sei;

simplesmente aconteceu.

No café-da-manhã do dia seguinte, enquanto trabalhávamos lado a lado na

cozinha, Carol disse:

– Eu ouvi dizer que há um tipo de grande competição de cartas

acontecendo no seu dormitório. É verdade?

– Acho que sim. – eu disse.

Ela olhou para mim por sobre o ombro, me dando aquele sorriso, aquele

em que eu sempre pensava quando pensava sobre Carol. Aquele em que

penso até hoje.

– Copas? Caça à Puta?

– Copas. – eu concordei. – Caça à Puta.

– Eu ouvi dizer que alguns de vocês estavam deixando isso subir a cabeça.

Tendo problemas com as notas.

– Pode ser que sim. – eu disse. Nada descia pela esteira, exceto uma única

travessa. Nunca havia hora do rush quando você precisava de uma, eu

percebi isso.

– E como estão as *suas* notas? – ela perguntou. – Eu sei que não é da minha

conta, mas eu quero. .

– Informação, é, eu sei. Estou bem. Além disso, estou pulando fora do jogo.

Ela apenas me deu o sorriso, e com certeza ainda penso nele às vezes; você

também pensaria. As covinhas, a leve curva no lábio inferior que sabia tantas coisas sobre beijar, os olhos dançantes azuis. Aqueles eram dias

quando nenhuma garota via mais além, nos dormitórios masculinos, do que

a entrada. . e vice-versa., é claro. Ainda assim, eu tinha a impressão de que

por um tempo em Outubro e Novembro de 1966

Carol viu mais, muito mais do que eu. Mas é claro, ela não era maluca. . ao

menos não naquela época. A guerra no Vietnã se tornou *sua* insanidade. A

minha também. E a de Skip. E a de Nate. Copas não era nada, sério, apenas

alguns tremores na terra daquele tipo que arranca as portas de suas

dobradiças e bagunçam os copos dentro dos armários.

O terremoto assassino, o afogador de continentes apocalíptico, ainda estava

a caminho.

Barry Margeaux e Brad Whiterspoon receberam suas edições do Derry

News em seus quartos, e as duas cópias acabaram indo parar no terceiro

andar (nós encontramos o que restou no salão quando nos sentamos para

nossa seção matinal de Copas, as páginas estavam rasgadas e fora de

ordem, as palavras cruzadas feitas por três ou quatro mãos diferentes).

Havia bigodes pintados nas fotos de Lyndon Johnson e Ramsey Clark e

Martin Luther King (alguém, nunca descobri quem, iria invariavelmente

botar enormes chifres no Vice-Presidente Humphrey e escrever HUBERT

O DIABO em pequenas letras maiúsculas). O jornal só falava da guerra,

destacando os eventos militares do dia e escondendo qualquer notícia

sobre protestos. . normalmente sob o Calendário da Comunidade.

Mais e mais nos pegávamos não falando sobre ilmes, garotas, aulas, ou

cartas que embaralhávamos e jogávamos; mais e mais era sobre o Vietnã.

Não importa como as notícias eram boas, ou como crescia a contagem de

corpos em Gong, sempre parecia haver ao menos uma foto de um soldado

americano agonizante após uma emboscada ou crianças vietnamitas

chorando enquanto sua vila se reduzia a cinzas. Havia sempre um detalhe

perturbador no fundo que Skip chamava de “a coluna assassina do dia”, como a coisa sobre as crianças que foram mortas quando atingimos os

barcos de patrulha dos vietcongues no Delta.

Nate, é claro, não jogava cartas. Ele não iria debater os prós e contras da guerra, tampouco (eu duvidava que ele soubesse, mais do que eu, que o

Vietnã havia estado sob a França, ou o que tinha acontecido aos

azarados *monsieurs* que haviam estado na cidade-fortaleza de Dien Bien Phu em 1954, deixa pra lá quem deve ter decidido que era hora do

Presidente Diem ir para o seu aconchegante lugar no céu, para que

Nguyen Cao Kye e os generais pudessem governar. Nate apenas sabia que

ele não tinha qualquer problema com vietcongues, que eles não estariam

em Mars Hill ou Presque Isle em qualquer futuro imediato.

– Você nunca ouviu falar da teoria dominó, idiota? – um calouro baixinho e

encrenqueiro chamado Nicholas Prouty perguntou a Nate certa manhã.

Meu colega de quarto raramente saia para o salão do terceiro andar agora,

preferindo icar na tranqüilidade do primeiro ou segundo, mas naquele dia

ele havia passado ali por alguns instantes.

Nate olhou para Nick Prouty, um filho de pescador de lagostas que havia se

tornado um devoto discípulo de Ronnie Malenfant, e suspirou.

– Quando os dominós aparecem, eu saio da sala. Acho que é um jogo chato.

Esta é *minha* teoria do dominó. – ele me jogou um olhar. Eu olhei para o outro lado o mais rápido que pude, mas não a tempo de evitar a

mensagem: mas que diabos há de *errado* com você? Então ele saiu,

voltando para o quarto 302, em suas sandálias es iapadas para estudar

mais, para resumir seu curso pré-dental para apenas dental, em outras

palavras.

– Riley, seu colega de quarto é um fodido, sabia disso? – Ronnie disse. Ele

tinha um cigarro preso no canto da boca. Agora ele acendeu um fósforo

com uma mão, uma especialidade dele (caras de faculdade feios e

abrasivos demais para conquistar garotas tinham todo tipo de

especialidades) e o acendeu.

Não, cara, eu pensei, *ele está bem. Nós é que estamos fodidos* . Por um segundo eu senti um desespero real. Neste segundo eu percebi que estava

encrencado e não tinha a menor idéia de como sair dessa. Eu percebi que

Skip olhava para mim, e ocorreu a mim que se eu pegasse as cartas, as jogasse na cara de Ronnie, e saísse da sala, Skip me acompanharia.

Provavelmente com alívio. Então a sensação passou. Passou tão rápido

como havia surgido.

– Nate está bem. – eu disse. – Ele só tem algumas idéias engraçadas, é só.

– Algumas idéias *comunistas* engraçadas é o que ele tem. – Hugh Brennan

disse.

Seu irmão mais velho estava na Marinha e mais recentemente, ele ouviu,

no Mar Sul da China. Hugh não tinha utilidade para paci istas. Como um

Republicano Goldwater eu deveria sentir o mesmo, mas eu começara a me

afeiçoar a Nate. Eu tinha todo o tipo de sabedoria enlatada, mas nenhum argumento real a favor da guerra. . nem tempo para pensar em algum. Eu

estava ocupado demais estudando sociologia, que se dane a política

estrangeira dos Estados Unidos.

Eu tenho certeza de que aquela foi a noite em que eu quase liguei para Annmarie Soucie. A cabine telefônica do outro lado do salão estava vazia, eu tinha um bolso cheio de trocados de minha última vitória nas guerras de Copas, e eu de repente decidi que A Hora Havia Chegado. Eu disquei o

número dela pela memória (embora eu tive que pensar por um momento

nos últimos quatro dígitos, era 8146 ou 8164?) e en iei setenta e cinco centavos quando o operador pediu. Eu deixei o telefone tocar uma única

vez e então desliguei o telefone com força no gancho e peguei minhas

moedas quando as ouvi voltar.

18

Um dia ou dois depois (antes do Dia das Bruxas), Nate recebeu um álbum

de um cara a quem eu havia ouvido apenas vagamente: Phil Ochs. Um

popular, não do tipo sertanejo que aparecia no Hootenanny. A capa do

álbum, que mostrava um trovador sentado de modo relaxado em uma

calçada de Nova York, contrastava estranhamente com as outras capas dos

álbuns de Nate (Dean Martin parecendo bêbado em um terno, Mitch Miller com seu sorriso de "cante comigo", Diane Renee em sua blusa curta e seu

boné de marinheiro). O disco de Ochs se chamava *I Ain't Marchin' Anymore* ,

e Nate o tocou várias vezes enquanto os dias se tornavam curtos e frios. Eu

mesmo o coloquei para tocar, e Nate não pareceu se importar.

Havia uma espécie de ira abafada na voz de Ochs. Eu suponho que eu

gostei porque na maior parte do tempo eu mesmo me sentia abafado. Ele

era como Dylan, mas menos complicado em sua expressão e mais claro em

sua fúria. A melhor canção do álbum (e a mais encrenqueira), era a canção

título. Nesta canção Ochs não apenas sugeria mas ia direto ao ponto e dizia

que a guerra não valia a pena, a guerra nunca valia a pena. Mesmo quando

valia, ela não valia a pena. Esta idéia, junto com a imagem de um homem se

afastando de Lyndon e sua obsessão vietnamita a centenas de milhares de

quilômetros, excitou minha imaginação de um jeito que não tinha nada a

ver com história, política ou pensamentos racionais. Eu devo ter matado

um milhão de homens e agora eles me querem de volta, mas eu não vou

marchar mais, Phil Ochs cantava através do falante do pequeno fonógrafo

de Nate. Apenas pare com isso, em outras palavras.

Pare de fazer o que eles dizem, pare de fazer o que eles querem, pare de

jogar o jogo deles. É um jogo velho, e neste A Puta está caçando *você*.

E talvez para provar que você fala sério, você deveria começar a usar o símbolo de sua resistência, algo que outros no começo desconfiarão e então

talvez corram para ele em seguida. Dois dias depois do Dia das Bruxas,

Nate Hoppenstand nos mostrou qual seria esse símbolo. Descobrir

começou com uma daquelas sobras de jornal deixadas no salão do terceiro

andar.

19

– Filho da puta, olhe só para isso. – Billy Marchant disse.

Harvey Twiller estava embaralhando as cartas na mesa de Billy, Lennie

Doria estava somando o placar atual, e Billy estava aproveitando a oportunidade para dar uma rápida olhada no jornal, seção local. Kirby

McClendon (com a barba crescida; alto e com um tique nervoso, a caminho

de seu encontro romântico com aquelas aspirinas para bebê) se inclinou

para ver.

Billy se afastou dele, abanando uma mão a frente de seu rosto.

– Jesus, Kirb, quando foi a última vez que você tomou um banho? No Dia de

Ação de Graças? Dia da Independência?

– Deixe-me ver. – Kirby disse, ignorando-o. Ele tomou o jornal para si. –

Porra, é o Matador!

Ronnie Malenfant se levantou tão rápido que sua cadeira caiu, alarmado

pela idéia de que Stoke era matéria de jornal. Quando garotos da faculdade

apareciam no Derry News (exceto nas páginas de esporte, é claro) era

porque eles estavam encrencados. Outros se juntaram ao redor de Kirby,

Skip e eu entre eles. Era Stokely Jones III, isso é certo, e não apenas ele. No

fundo, seus rostos quase invisíveis, mas não completamente perdidos, na

multidão de pontos. .

– Cristo. – Skip disse. – Eu acho que aquele é Nate. – ele soou divertido e espantado.

– E ali está Carol Gerber na frente dele. – eu disse em uma voz engraçada e

chocada. Eu conhecia a jaqueta com o COLÉGIO HARWICH nas costas; eu

conhecia o cabelo loiro pendendo sobre o colarinho da jaqueta em um rabo

de cavalo; eu conhecia o jeans desbotado. E eu conhecia aquele rosto.

Mesmo que estivesse virado para o lado e sombreado por uma placa que

dizia SAIAM DO VIETNÃ AGORA!, eu conhecia aquele rosto.

– Essa é a minha namorada.

Foi a primeira vez que a palavra *namorada* saiu de minha boca amarrada ao nome de Carol, embora eu

estivesse pensando nela daquele jeito há

algumas semanas.

POLÍCIA ACABA COM PROTESTO, a legenda da foto dizia. Nenhum nome foi

divulgado. De acordo com a história que a acompanhava, uma dúzia mais

ou menos de protestantes da Universidade do Maine havia se reunido em frente do Prédio Federal no centro de Derry. Eles carregavam placas e

marcharam ao redor da estrada do escritório do Serviço Seletivo por uma

hora cantando músicas e entoando frases, algumas obscenas. A polícia

havia sido chamada e no começo apenas icara de prontidão, pretendendo

permitir que a demonstração seguisse seu ritmo, mas então um grupo

oposto dos manifestantes apareceu (a maioria deles trabalhadores de

construções em seus horários de folga). Eles começaram a entoar suas

próprias frases, e embora o jornal não tenha mencionado se eram

obscenos ou não, eu posso imaginar que havia sido feito convites para

voltar à Rússia, sugestões de onde os manifestantes poderiam en iar suas

placas quando não as estivessem usando, e apontamentos de direções para

o cabeleireiro mais próximo.

Quando os protestantes começaram a contra-atacar os trabalhadores, e os

trabalhadores começaram a jogar pedaços de fruta de suas lancheiras nos

protestantes, a polícia entrou em ação. Citando a falta de permissão dos protestantes (os policiais de Derry aparentemente nunca haviam ouvido

falar do direito dos Americanos de protestar paci icamente), eles cercaram

a garotada e os levou para a estação policial na Witcham Street. Lá eles foram apenas liberados.

– Nós só queríamos levá-los para longe da má atmosfera. – um policial

disse. – Se eles voltarem lá, eles são mais idiotas do que parecem.

A foto não era realmente muito diferente daquela tirada no Anexo Leste

durante o protesto contra a Coleman Chemicals. Mostrava os policiais

levando os protestantes para longe enquanto trabalhadores de

construções (um ano mais tarde eles estariam pregando pequenas

bandeiras americanas em seus capacetes) zombavam, sorriam e sacudiam

os punhos. Um policial estava congelado no ato de pegar o braço de Carol;

Nate, atrás dela, não havia chamado a atenção deles, aparentemente. Mais

dois policiais escoltavam Stoke Jones, que estava de costas para a câmera,

mas era inconfundível com aquelas muletas. Se mais alguma informação

que pudesse ajudar na identi icação fosse necessária, havia a pegada de

passarinho desenhada nas costas de seu casaco.

– Olhem pra este idiota de merda! – Ronnie gritou (Ronnie, que havia se ferrado em duas das quatros últimas rodadas das preliminares, tinha um

nervo que chamava a todos de idiota de merda). – Como se ele não tivesse nada de melhor pra fazer!

Skip o ignorou. Eu também. Para nós qualquer barulho que Ronnie izesse

já estava decrescendo para a insigni icância, não importava o assunto. Nós

estávamos fascinados por ver Carol. . e Nate Hoppenstand atrás dela,

assistindo enquanto os manifestantes eram levados. Nate, chique como

sempre em sua camisa da Liga Ivy e jeans com bainha e dobras, Nate

próximo aos trabalhadores que zombava com seus punhos erguidos, mas

totalmente ignorado por eles. Ignorado pelos policiais também.

Nenhum dos grupos sabia que meu colega de quarto se tornara um fã do

subversivo Sr. Phil Ochs.

Eu corri para a cabine de telefone e liguei para o Franklin Hall, no segundo

andar. Alguém no salão atendeu quando eu perguntei por Carol, a menina

disse que Carol não estava lá, que ela havia ido para a biblioteca estudar com Libby Sexton.

– É Pete quem fala?

– Sim. – eu disse.

– Tem um recado aqui para você. Ela deixou na mesa. – essa era uma

prática comum nos dormitórios naquele tempo. – Aqui diz que ela vai te

ligar mais tarde.

– Está certo. Obrigado.

Skip estava do lado de fora da cabine, se mexendo impacientemente

enquanto me esperava. Descemos o corredor para ver Nate, mesmo

sabendo que ambos perderíamos nossos lugares nas mesas onde

estivemos jogando. Neste caso, a curiosidade subjugou a obsessão.

O rosto de Nate não mudou muito quando lhe mostramos o jornal e lhe

perguntamos sobre a demonstração do dia anterior, mas seu rosto nunca

mudava muito.

De qualquer forma, eu senti que ele estava infeliz, talvez angustiado. Eu não conseguia entender a razão disso, a inal tudo havia acabado bem;

ninguém havia ido em cana ou tivera seu nome estampado no jornal.

Eu acabara de decidir que estava lendo demais sua quietude habital

quando Skip quebrou o silêncio.

– Que bicho te mordeu?

Havia uma espécie de preocupação rude em sua voz. O lábio inferior de

Nate tremeu e então se irmou ao som disso. Ele se inclinou na super ície de sua mesa (a minha já estava entulhada de coisas) e pegou um lencinho

da caixa onde ele guardava seu gravador. Ele asoou o nariz

demoradamente e com força. Quando acabou estava sob controle

novamente, mas eu podia ver a tristeza abafada em seus olhos. Parte de

mim, uma parte malvada, estava feliz por ver isto. Feliz em perceber que você não tinha que virar um viciado em Copas para ter algum problema.

A natureza humana pode ser tão miserável às vezes.

– Eu fui de carona com Stoke e Harry Swedrowski e alguns outros caras. –

Nate disse.

– Carol estava com você? – eu perguntei.

Nate balançou a cabeça.

– Eu acho que ela estava no bando de George Gilman. Havia cinco carros lotados de nós. – eu não conhecia George Gilman, mas isso não me impediu

de mirar um dardo de ciúme doentio nele. – Harry e Stoke estão no Comitê

da Resistência.

Gilman também. De qualquer forma, nós. .

– Comitê da Resistência? – Skip perguntou. – O que é isso?

– Um clube. – Nate disse, e suspirou. – Eles acham que é algo mais,

especialmente Harry e George, eles são os que realmente põem o fogo na

lenha, mas é só mais um clube, como Os Mascarados do Maine, ou O

Esquadrão Dinâmico.

Nate disse que ele mesmo só havia ido porque era uma Terça-Feira e ele

não tinha nenhuma aula durante a tarde daquele dia. Ninguém deu ordens; ninguém entoou juramentos de lealdade, ou lençóis assinados; não

havia pressão de verdade em marchar e nada do fervor paramilitar que

rastejou nos movimentos anti-guerra mais tarde. Carol e os garotos com ela

estiveram rindo e se empurrando com suas placas quando deixaram o

estacionamento, de acordo com Nate. (Rindo. Rindo com George Gilman. Eu

joguei mais um daqueles dardos ciumentos cheios de germes).

Quando chegaram ao Prédio Federal, algumas pessoas demonstraram,

marchando em círculos em frente à porta do escritório do Serviço Seletivo,

e algumas outras nada izeram. Nate era uma dessas pessoas que icaram

paradas. E ele nos contou isso, com sua leve habitual fechada em outra

breve cãibra de algo que poderia ser angústia de verdade em um rapaz

não tão firme.

– Eu quis marchar com eles. – ele disse. – No caminho eu esperava

marchar com eles. Era tão excitante, seis de nós nos ajeitamos no Saab de

Harry Swidrowski. Uma viagem de verdade. Hunter McPhail. . vocês o

conhecem?

Skip e eu balançamos a cabeça. Eu acho que ambos estávamos surpresos

de descobrir que o proprietário de *Meet Trini Lopez* e *Diane Renee Sings Navy Blue* tinha uma espécie vida secreta, incluindo conexões do tipo que as pessoas atraíam tanto policiais como a mídia.

– Ele e George Gilman começaram o Comitê. De qualquer forma, Hunter

segurava as muletas de Stoke para fora da janela do Saab porque ela não

conseguia caber dentro do carro e nós cantamos “I Ain’t Marching

Anymore”, e eu falei de como nós realmente poderíamos parar a guerra se

um número su iciente de nós se unisse. E foi isso, todos nós falamos de coisas como essa, exceto Stoke. Ele ficou bem quieto.

Então, eu pensei. Até mesmo com eles, ele ica quieto. . exceto,

provavelmente, quando ele decidir dar um pouco de credibilidade em sua

ordem. Mas Nate não estava pensando em Stoke; Nate estava pensando em

Nate. Com os pés congelados em uma inexplicável recusa de carregar seu

coração para onde ele claramente quisera ir.

– Por todo caminho eu estava pensando, “eu vou marchar com eles, eu vou

marchar com eles porque é o certo. . ao menos *eu* acho que é o certo. . e se

alguém vier para cima de mim, eu não serei violento, como aqueles caras que ficaram sentados.

Aqueles caras ganharam, talvez ganhemos também”. – ele olhou para nós.

– Quero dizer, nunca foi uma dúvida em minha cabeça. Sacam?

– Sim. – Skip disse. – Eu saquei.

– Mas quando chegamos lá, não consegui ir. Eu ajudei a passar as placas que diziam PAREM A GUERA e PARA FORA DO VIETNÃ AGORA, e TRAGA

OS RAPAZES PARA CASA. . Carol e eu ajudamos a Stoke carregar a sua,

para que ele pudesse marchar e ainda usar suas muletas. . mas eu não

consegui pegar uma para mim.

Eu iquei do lado da calçada com Bill Shadwick e Kerry Morin, e uma

menina chamada Lorlie McGinnis. . ela é minha parceira no Laboratório de

Botânica. . – ele pegou o jornal das mãos de Skip o estudou, como se para con irmar novamente que sim, aquilo tudo havia acontecido; o dono de

Rinty e o namorado de Cindy realmente havia ido em uma demonstração

anti-guerra. Ele suspirou e então largou o jornal no chão. Isso foi tão diferente do que ele era que me doeu a cabeça.

– Eu pensei em marchar com eles. Quero dizer, por que mais eu iria?

Descer até Orono nunca foi, vocês sabem, uma dúvida em minha mente.

Ele olhou para mim, meio que suplicando. Eu assenti como se houvesse

entendido.

– Mas então não consegui. E não sei o porquê.

Skip sentou ao lado dele na cama. Eu achei o álbum de Phil Ochs e o

coloquei no fonógrafo. Nate olhou para Skip, e então olhou para outro lado.

As mãos de Nate eram pequenas e limpas em comparação ao resto dele,

exceto pelas unhas. As unhas estavam roídas pra caramba.

– Certo. – ele disse como se Skip houvesse perguntado algo em voz alta. –

Eu *sei* o porquê. Eu tinha medo que eles fossem preso e que eu fosse preso

com eles. Que minha foto estivesse no jornal, sendo preso e meus pais

veriam. – houve uma longa pausa. O pobre velho Nate estava tentando

dizer o resto. Eu segurei a agulha acima da primeira linha do disco que

girava, esperando para ver se ele conseguiria. Finalmente ele o fez. – Que minha *mãe* veria.

– Está tudo bem, Nate. – Skip disse.

Eu acho que não. – Nate respondeu com a voz trêmula. – Eu realmente

acho que não. – ele não encarava Skip nos olhos, apenas icou sentado ali em sua cama com suas costelas proeminentes e sua pele alvamente

americana dentro de seu pijama e seu boné de calouro, olhando para baixo

para suas cutículas esfrangalhadas. – Eu não gosto de discutir sobre a

guerra. Harry gosta. . e Lorlie. . George Gilman, droga, você não consegue fazê-lo se calar quando esse é o assunto, e a maioria dos outros no Comitê

são do mesmo jeito. Mas quando o assunto é falar, eu sou mais como Stoke

do que como eles.

– Ninguém é como Stoke. – eu disse. Eu relembrei o dia em que o encontrei

na Trilha de Bennett. *Por que não pega leve?* Eu havia perguntado. *Porque não me come?*

O Sr. Credibilidade havia respondido.

Nate ainda estudava suas cutículas.

– O que eu *acho* é que Johnson está mandando garotos americanos para lá

para morrer por nenhum motivo. Não é imperialismo ou colonialismo,

como Harry Swidrowski acredita, não é nenhum *ismo* de qualquer forma.

Johnson apenas resolveu misturar Davy Crockett e Daniel Boone junto com

os New York Yankees em sua cabeça, isso é tudo. E se eu penso nisso, é minha obrigação *dizer* isso. É minha obrigação tentar parar isso. Foi isso que eu aprendi na igreja, na escola, até mesmo nos malditos *Escoteiros da*

América. Você supostamente deveria icar de pé. Se você vir que algo de errado está acontecendo, como um cara grande batendo em uma criança,

você deveria icar de pé e ao menos tentar pará-lo. Mas eu tinha medo de

que minha mãe visse a foto de mim sendo preso e chorasse.

Nate levantou a cabeça e nós vimos que ele chorava. Só um pouco; olhos e

pálpebras molhados, nada mais do que isso. Mas para ele isso era um caso

grave.

– Eu descobri uma coisa. – ele disse. – O que era aquilo nas costas do

☮

casaco de Stoke Jones.

– O que era? – Skip perguntou.

– Uma combinação de duas letras do semáforo da Marinha Britânica.

Olhem. –

Nate se levantou com os calcanhares juntos. Levantou seu braço esquerdo

na direção do teto e o deixou cair ao chão, fazendo uma linha reta. – Isso é

um N. – em seguida ele girou os braços em um ângulo de

aproximadamente quarenta e cinco graus de seu corpo. Eu conseguia ver

as duas formas, quando sobrepostas, iriam fazer a forma que Stoke havia

pintado nas costas de seu velho casaco. – Isso é um D.

– D, N. – Skip disse. – E daí?

– As letras são uma sigla para Desarmamento Nuclear. Bertrand Russel

inventou esse símbolo nos anos cinqüenta. – ele o desenhou na contra capa

de seu caderno:

–

Ele o chamou de sinal da paz.

– Legal. – Skip disse.

Nate sorriu e enxugou os olhos com os dedos.

– Foi o que eu pensei. – ele concordou. – É super demais.

Eu soltei a agulha no disco e ouvimos Phil Ochs cantar. É super demais, como nós Atlantes costumávamos dizer.

20

O salão no meio de Chamberlain Três se tornou meu Júpiter, um planeta

assustador com um grande campo de atração gravitacional. Ainda assim, eu resisti naquela noite,

voltando para a cabine telefônica e ligando para o

Franklin novamente.

Desta vez Carol atendeu.

– Eu estou bem. – ela disse, rindo um pouco. – Estou bem. Um dos policiais

até me chamou de mocinha. Calado, Pete, quanta preocupação.

Quanta preocupação esse tal de Gilman demonstrou para você ? Eu iquei tentado a perguntar, mas mesmo aos dezoito anos eu sabia que não era o

jeito certo de seguir.

– Você deveria ter ligado pra mim. – eu disse. – Talvez eu tivesse ido com

você.

Poderíamos ter ido no meu carro.

Carol começou a dar risadinhas, um doce som, mas ao mesmo tempo

enigmático.

– O que foi?

– Eu estava pensando no que aconteceria se eu fosse à demonstração anti-

guerra em um Station Wagon com um adesivo Goldwater no pára-choque.

Eu imaginei que isso *fosse* meio engraçado.

– Além disso. – ela disse. – Eu imaginei que você tinha outras coisas para fazer.

– O que você quer dizer com isso? – como se eu não soubesse. Pelo vidro da cabine telefônica, eu podia ver meus colegas de andar no salão jogando

cartas, envoltos pela fumaça dos cigarros. E mesmo aqui, com a porta

fechada, eu podia ouvir o cacarejo agudo de Ronnie Malenfant. Nós

estamos

caçando

A

Puta,

rapaziada,

nós

estamos *cherchez* ando *la* Puta *noire*, e temos que tirá-la dos arbustos.

– Estudando, ou jogando Copas. – ela disse. – Estudando, eu espero. Uma das garotas no meu andar sai com Lennie Doria, ou saia, quando ele tinha

tempo para sair.

Ela chama isso de jogo de cartas do inferno. Já estou sendo chata?

– Não. – eu disse, sem saber se ela estava sendo ou não. Talvez eu

precisasse ser chateado. – Carol, você está bem?

Houve uma longa pausa.

– É. – ela disse finalmente. – Com certeza estou.

– Os trabalhadores que apareceram. .

– Só usaram a boca. – ela disse. – Não se preocupe. Sério.

Mas ela não soava bem para mim, não muito bem. . e havia George Gilman

para se preocupar. Eu me preocupei com ele de um modo que não havia

feito com Sully, o namorado na cidade natal dela.

– Você está nesse comitê que Nate me contou a respeito? – eu perguntei a

ela. –

Esse tal de Comitê da Resistência?

– Não. – ela disse. – Ainda não, pelo menos. George me pediu para entrar.

Ele é um cara do meu curso de Ciências Políticas. George Gilman. Você o conhece?

– Já ouvi falar. – eu disse. Eu estava esganando o telefone tão forte e não parecia que eu soltaria.

– Foi ele quem me contou da demonstração. Eu fui no carro dele com

outros.

Eu. . – ela parou por um momento, então disse com honesta curiosidade: –

Você não está com ciúmes dele, está?

– Bem. – eu disse cuidadosamente. – Ele passou a tarde toda com você.

Estou com ciúmes *disso*, eu acho.

– Não ique. Ele tem neurônios, muitos deles, mas ele também tem um

corte de cabelo horroroso e olhos inquietos. Ele se barbeia, mas ele sempre parece se esquecer de algum grande chumaço. *Ele* não é atraente, acredite.

– Então o que é?

– Eu posso te ver? Eu quero te mostrar uma coisa. Não vai demorar. Mas pode ajudar se pudesse *explicar*. . – sua voz tropeçou na palavra e eu percebi que ela estava próxima de chorar.

– O que há de errado?

– Quer dizer outra coisa que não seja o fato de meu pai não me deixar voltar pra casa dele depois de me ver nos jornais? Ele vai mudar os

cadeados neste fim de semana, eu aposto. Isso se ele já não o fez.

Eu pensei em Nate dizendo que tinha medo de que sua mãe visse a foto

dele sendo preso. O dentista bonzinho da mamãe indo em cana em Derry

por fazer uma parada na frente do Prédio Federal sem permissão. Ah, a

vergonha, a vergonha. E o pai de Carol? Não a mesma coisa, mas bem

perto. O pai de Carol era um garoto engomadinho que gritou urra e se

juntou a Ma-ma-rinhaaa, afinal de contas.

– Talvez ele não veja a história. – eu disse. – Mesmo se o izer, o jornal não

publicou nomes.

– E a *foto*? – ela falou pacientemente, como se o izesse para alguém que não consegue evitar ser denso. – Você não viu a foto?

Eu comecei a dizer que seu rosto estava em sua maior parte virado para longe da câmera e que o que se podia ver eram sombras. Então eu me

lembrei de sua jaqueta do colégio COLÉGIO HARWICH brilhando através

do negro. E também, ele era o *pai dela*, pelo amor de Deus. Mesmo meio virada para longe da câmera, seu pai a reconheceria.

– Ele também pode não ter visto a foto. – eu disse idiotamente. –

Damariscotta está bem longe do ponto de circulação do jornal de Derry.

– É assim que quer viver sua vida, Pete? – ela ainda soava paciente, mas agora estava por um io. – Fazendo coisas e esperando que as pessoas não

descubram?

– Não. – eu disse. E eu poderia icar irritado com ela por dizer isso, considerando que Annmarie Soucie não tinha a menor idéia da existência

de Carol Gerber? Eu acho que não. Carol e eu não éramos casados ou

qualquer coisa, mas casamento não era o problema. – Não, eu não. Mas

Carol. . você não tem que esfregar o maldito jornal na cara dele, tem?

Ela riu. O som não tinha nada da radiação que eu ouvia em seus risinhos, mas eu pensei que mesmo um riso magoado era melhor do que nenhum.

– Eu não terei que fazer isso. Ele descobrirá. É assim que ele é. Mas eu tenho que ir, Pete. E eu vou provavelmente me juntar ao Comitê da

Resistência, mesmo que George Gilman pareça com uma criança que foi

pega comendo caraca e Harry Swidrowski tem o pior hálito do mundo.

Porque é. . a coisa disso. . você vê. . – ela soprou aquele suspiro “eu-não-consigo-explicar” em meu ouvido. – Ouça, sabe o lugar onde nós damos

uma pausa para fumar?

– No Holyoke? Perto das lixeiras, claro.

– Me encontre lá. – Carol disse. – Em quinze minutos. Você pode?

– Sim.

– Eu tenho que estudar muito, então não posso me demorar, mas eu. . eu só. .

– Eu estarei lá;

Eu desliguei o telefone e sai da cabine. Ashley Rice estava no umbral do salão, fumando e fazendo um truque de embaralhar. Eu deduzi que ele

estava esperando a vez de jogar. Sua face estava muito pálida, sua barba negra mal feita, aparecendo como marcas de caneta, e sua camisa estava

além de ser suja; ela parecia viva. Ele tinha aquele olhar de Perigo, Alta Voltagem, que eu mais tarde vim a associar a usuários de cocaína. E era exatamente isso que o jogo era; um tipo de droga. Mas tampouco

era do

tipo que te amadurecia.

– O que me diz, Pete? – ele perguntou. – Quer jogar um pouco?

– Talvez mais tarde. – eu disse, e comecei a descer pelo corredor. Stoke

Jones estava saindo do banheiro em um velho roupão surrado. Suas muletas deixavam marcas molhadas circulares no chão de linóleo

vermelho-escuro. Eu me perguntei como ele havia se saído no banheiro;

certamente não havia nenhum dos corrimões e apoios para aleijados que

mais tarde se tornaram obrigatórios em banheiros. Entretanto ele não

parecia que gostaria muito de discutir o assunto. Esse ou qualquer outro assunto.

– Como vai, Stoke? – eu perguntei.

Ele passou sem responder, com a cabeça abaixada, os cabelos pregados em

suas bochechas, o sabão e a toalha embaixo de um braço, murmurando

“mate-mate, mates-mate” sob sua respiração. Ele nem mesmo olhou para

mim. Diga o que quiser para Stoke Jones, você poderia depender dele se

quisesse receber o “vá se foder” do dia.

21

Carol já estava no Holyoke quando eu cheguei lá. Ela havia trazido duas caixas de leite da área onde as lixeiras estavam alinhadas e estava sentada

em uma delas, as pernas cruzada, fumando um cigarro. Eu sentei em outra,

pus meu braço ao redor dela, e a beijei. Ela pôs a cabeça em meu ombro por um momento, sem dizer nada. Isso não combinava com o jeito dela,

mas foi legal. Eu mantive meu braço ao redor dela e olhei para as estrelas.

A noite estava calma para aquela época tardia da estação, e muitas pessoas

(casais, em sua maioria) estavam passeando, tirando vantagem do clima.

Eu podia ouvir os murmúrios das conversas. Acima de nós, no salão de

jantar do Commons, um rádio estava tocando “Hang On, Sloopy”. Um dos

zeladores, eu suponho.

Carol levantou a cabeça inalmente e se afastou um pouco de mim (apenas

o su iciente para que eu soubesse que já poderia recolher o braço). Isso sim combinava com o jeito dela.

– Obrigada. – ela disse. – Eu precisava de um abraço.

– O prazer foi meu.

– Eu estou com um pouco de medo de encarar meu pai. Não realmente

apavorada, mas um pouco.

– Vai icar tudo bem. – não dizia isso porque eu realmente achava que

icaria, eu não poderia saber disso, mas é porque é isso que você tem que

dizer, não? Apenas o que você diz.

– Meu pai não é a razão de eu ter ido com Harry, George e o resto. Não é

uma grande rebelião Freudiana, ou qualquer coisa assim.

Ela jogou seu cigarro fora e o assistiu cuspir faíscas quando se chocou aos

tijolos da Trilha de Bennett. Então ela pegou sua bolsa, aninhada em seu colo, a abriu, achou sua carteira, a *abriu*, e folheou uma seleção de fotos presa naquelas pequenas janelas de celulóide. Ela parou, tirou uma, e

passou para mim. Eu me inclinei para ver à luz que caia das janelas do salão de jantar, onde os zeladores provavelmente estavam limpando os

andares.

A foto mostrava três crianças de onze ou doze anos, uma menina e dois

meninos.

Todos usavam camisas azuis com as palavras CLUBE STERLING nelas em

letras vermelhas e garrafais. Eles estavam em um estacionamento em

algum lugar, e seus braços estavam ao redor de cada um, uma pose de

“amigos para sempre” que era meio que bonita. A menina estava mo meio.

A menina era Carol, é claro.

– Qual deles é Sully-John? – eu perguntei. Ela olhou para mim, um pouco surpresa. . mas com o sorriso.

De qualquer forma, eu achei que já sabia.

Sully-John seria aquele com os ombros largos, o sorriso aberto, o cabelo preto desarrumado. Me lembrou o cabelo de Stoke, embora o menino

obviamente houvesse passado um pente em sua cabeleira. Eu apontei para

ele.

– Este aqui, certo?

– É Sully. – ela concordou, então tocou o rosto do outro menino com uma unha.

Ele tinha queimaduras de sol, ao invés de um bronzeado. Seu rosto era mais estreito, os olhos um pouco juntos, o cabelo ruivo como uma cenoura

e cortado em escovinha que o fazia parecer uma criança na capa do

Saturday Evening Post de Norman Rockwell.

Havia uma leve ruga em sua testa. Os braços de Sully já eram musculosos

para uma criança; o outro menino tinha braços magros, braços de vareta.

Eles ainda provavelmente eram braços de vareta. Na mão que não

abraçava o ombro de Carol, ele usava uma grande luva marrom de

beisebol.

– Este aqui é Bobby. – ela disse. Sua voz mudou, de algum modo. Havia algo

nela que eu nunca havia ouvido antes. Seria dor? Mas ela ainda sorria. Se

era dor que ela sentia, porque sorria? – Bobby Gar ield. Ele foi meu

primeiro namorado. Meu primeiro amor, eu acho que você poderia dizer.

Ele e Sully eram melhores amigos naquela época. Não há muito tempo

atrás, em 1960, mas *parece* há muito tempo.

– O que aconteceu com ele? – de algum modo eu tinha certeza de que ela me diria que ele havia morrido, este menino com o rosto estreito e o cabelo

de escovinha ruivo como cenoura.

– Ele e a mãe se mudaram. Correspondemos-nos por um tempo, e então

perdemos contato. Sabe como as crianças são.

– Bela luva de beisebol.

Carol ainda tinha aquele sorriso. Eu podia ver as lágrimas que haviam

surgido em seus olhos enquanto estávamos sentados olhando para foto,

mas ainda sustentava aquele sorriso. Na luz branca das luzes fluorescentes

do salão de jantar, suas lágrimas pareceram prateadas, as lágrimas de uma

princesa de contos de fada.

– Era o objeto favorito de Bobby. Tem um jogador de beisebol chamado

Alvin Dark, certo?

– Houve um.

– Era o tipo de luva que Bobby tinha. Um modelo Alvin Dark.

– O meu era Ted Williams. Eu acho que minha mãe a vendeu há uns anos atrás.

– A de Bobby foi roubada. – Carol disse. Eu não tinha certeza de que ela ainda sabia que eu estava lá. Ela continuou a tocar aquele rosto estreito, levemente franzido com a ponta do dedo. Era como se ela houvesse

regressado ao seu próprio passado. Eu ouvi dizer que hipnólogos podem

fazer isso com bons objetos. – Willie a pegou.

– Willie?

– Willie Shearman. Eu o vi jogando bola com ela um ano depois, no Clube Sterling. Eu iquei tão furiosa. Minha mãe e meu pai estavam sempre

brigando nesta época, trabalhando no divórcio, eu acho, e eu icava furiosa

o tempo todo. Furiosa com eles, com meu professor de matemática, e com o

mundo todo. Eu ainda tinha medo de Willie, mas eu sentia mais raiva dele. .

e além disso, eu não estava sozinha, não naquele dia. Então eu marchei

direto para ele e disse que sabia que aquela era a luva de Bobby, e que ele

a devolveria para mim. Eu disse que tinha o endereço de Bobby em

Massachusetts e a mandaria para ele. Willie disse que eu estava louca, era

a luva *dele*, e ele me mostrou seu nome do lado. Ele havia apagado o de Bobby, ou o melhor que pôde, de

qualquer forma, e escrito o seu onde o dele estivera. Mas eu ainda consegui ver o *bby* do Bobby.

Uma assustadora espécie de indignação havia penetrado em sua voz. A fez

soar mais jovem. E *parecer* mais jovem. Eu suponho que minha memória possa estar errada sobre isso, mas eu acho que não está. Sentado lá na ponta com a luz branca do salão de jantar, eu acho que ela parecia ter doze

anos. Treze no máximo.

– Entretanto ele não conseguiu apagar a assinatura de Alvin Dark no bolso,

ou escrever por cima. . e ele pintou. Vermelho escuro. Vermelho como

rosas. Então. . sabe de uma coisas? Ele se desculpou pelo que ele e seus dois amigos izeram comigo. Ele foi o único que fez isso, e acho que falou sério. Mas ele mentiu sobre a luva. Eu não acho que ele queria; era velha, e

o elástico estava soltando e parecia errada em sua mão, mas ele mentiu

para que pudesse ficar com ela. Eu não entendo o porquê. Nunca entendi.

– Não consigo te acompanhar nisso. – eu disse.

– E por que conseguiria? Está tudo confuso em *minha* mente e eu estava *lá*.

Minha mãe me disse uma vez que isso acontece com pessoas que

estiveram em acidentes ou lutas. Eu me lembro de algumas coisas muito

bem (na maioria as partes em que Bobby está envolvido), mas quase tudo

diverge do que as pessoas me disseram mais tarde. Eu estava no parque

no im da rua da minha casa, e estes três garotos vieram: Harry Doolin, Willie Shearman, e outro. Eu não consigo lembrar o nome do outro. Não

importa, de qualquer forma. Eles me espancaram. Eu tinha apenas onze

anos, mas isso não os parou. Harry Doolin me bateu com um bastão de

beisebol. Willie e o outro me seguraram para que eu não pudesse fugir.

– Um bastão de beisebol. Está brincando comigo?

Ela balançou a cabeça.

– No começo eles estavam brincando, eu acho, e então. . não estavam mais.

Meu braço foi deslocado. Eu gritei e acho que fugiram. Eu sentei lá,

segurando meu braço, machucada demais, e. . chocada demais. . para saber

o que fazer. Ou talvez eu tentei me levantar e conseguir ajuda por mim mesma e não consegui. Então Bobby apareceu. Ele me ajudou a andar para

fora do parque e então me pegou e me carregou até o seu apartamento.

Subindo todo o caminho pela ladeira da Broad Street em um dos dias mais

quentes do ano. Ele me carregou nos braços.

Eu peguei a foto dela, a segurei contra a luz, e me inclinei. Ela era alguns poucos centímetros mais alta que ele, e mais larga nos ombros. Eu olhei para o outro menino, Sully. Ele do cabelo preto bagunçado, e o sorriso

americano. O cabelo de Stoke Jones; o sorriso de Skip Kirk. Eu podia ver Sully a carregando nos braços, com certeza, mas o outro menino. .

– Eu sei. – ela disse. – Ele não parece forte o su iciente, parece? Mas ele me

carregou. Eu comecei a desmaiar e ele me carregou. – ela pegou a foto de

volta.

– E enquanto ele fazia isso, esse garoto Willie, que ajudou a baterem em você, voltou e roubou a luva?

Ela assentiu.

– Bobby me levou ao seu apartamento. Havia um velho que vivia em um quarto no andar de cima, Ted, que parecia saber um pouco mais sobre

tudo. Ele colocou meu braço no lugar. Eu me lembro que ele me deu seu cinto parar morder quando o fez. Ou talvez fosse o cinto de Bobby. Ele disse que eu poderia capturar a dor, e eu o iz. Depois disso. . depois disso,

algo ruim aconteceu.

– Pior do que ser espancada com um bastão de beisebol?

– De certo modo. Eu não quero falar sobre isso. – ela enxugou as lágrimas

com uma mão, primeiro de um lado e depois do outro, ainda olhando para

a foto. – Mais tarde, antes dele e sua mãe se mudarem de Harwich, Bobby

espancou o garoto que usou o bastão. Harry Doolin.

Carol pôs a fotografia de volta em seu pequeno compartimento.

– O que eu me lembro de melhor nesse dia, a única coisa que *valhe a pena*

lembrar, é que Bobby Gar ield me defendeu. Sully era maior, e Sully

poderia ter me defendido se ele estivesse lá, mas ele não estava. Bobby estava, e ele me carregou o caminho todo ladeira acima. Ele fez o que era certo. Foi a melhor coisa, a coisa mais importante, que alguém já fez por mim em minha vida. Você entende isso, Pete?

– Sim. Eu entendo.

Eu entendi outra coisa também: ela estava dizendo quase a mesma coisa

que Nate havia dito há menos de uma hora antes. . só que ela *havia*

marchado. Havia pego uma das placas e marchado com ela. É claro que

Nate Hoppenstand nunca havia sido espancado por três garotos que

começaram brincando e então decidiram que a coisa seria séria, a inal de contas. E talvez essa fosse a diferença.

– Ele me carregou ladeira acima. – ela disse. – Eu sempre quis dizer a ele o

quanto eu o amei por isso, e o quanto eu o amei por mostrar a Harry

Doolin que há um preço a se pagar por machucar pessoas, especialmente

as pessoas que são menores que você e que são inofensivas.

– Então você marchou.

– Eu marchei. Eu queria dizer a alguém o porquê. Eu queria dizer a alguém

que entenderia. Meu pai não iria, e minha mãe não poderia. Sua amiga Rionda me ligou e disse. . – ela não terminou, apenas icou lá sentada

mexendo em sua bolsinha.

– Disse o quê?

– Nada. – ela soou exausta e sem esperança. Eu queria beijá-la, ao menos pôr meu braço ao redor dela, mas eu tinha medo que isso estragasse o que

havia acabado de acontecer. Porque algo *havia* acontecido. Havia mágica em sua história. Não no meio, mas em algum ponto pelas pontas. Eu senti isso.

– Eu marchei, e eu acho que me juntarei ao Comitê da Resistência. Minha colega de quarto disse que eu enlouqueci. Eu nunca vou conseguir um

emprego se um comitê de grupo de estudantes izer parte dos meus

registros universitários, mas eu acho que vou fazê-lo.

– E seu pai? O que fará sobre ele?

– Que ele se foda.

Houve um momento meio chocante quando percebemos o que ela havia

acabado de dizer, e então Carol riu.

– Agora *isso é* Freudiano. – Ela se levantou. – Eu tenho que voltar e estudar.

Obrigada por vir até aqui, Pete. Eu nunca mostrei essa foto para ninguém.

Eu mesma não olhava para ela só Deus sabe há quanto tempo. Eu me sinto

melhor. Muito melhor.

– Bom. – eu me levantei. – Antes de entrar, você pode *me* ajudar com uma

coisa?

– Claro, o que é?

– Eu vou te mostrar. Não vai demorar.

Eu andei com ela pelo lado do Holyoke, e então começamos a subir a

ladeira atrás dele. Cem metros depois estava o estacionamento Steam

Plant, onde os estudantes tinham que usar identi icação (calouros,

universitários do segundo ano, a maioria novatos) para estacionar. Era o ponto principal para se transar quando icava frio, mas transar no meu

carro não era uma idéia que eu tinha naquela noite.

– Você contou a Bobby quem pegou sua luva? – eu perguntei. – Você disse

que escrevia para ele.

– Não vi motivo para isso.

Nós andamos em silêncio por um momento. Então eu disse:

– Eu vou terminar com Annmarie no Dia de Ação de Graças. Eu comecei a

ligar para ela, e então desliguei. Mas seu eu vou fazer, é melhor eu achar coragem para fazer isso cara a cara. – eu não percebi que havia chegado a

tal decisão, não conscientemente, mas parece que eu havia. Certamente

não era algo que eu queria dizer apenas para agradar Carol.

Ela assentiu, passando pelas folhas em seus tênis, segurando sua bolsinha

em uma das mãos sem olhar para mim.

– Eu telefonei. Ligue para S-J e disse que estava vendo um cara.

Eu parei.

– Quando foi isso?

– Semana passada. – agora ela olhou para mim. Covinhas; lábio inferior

ligeiramente curvado; o sorriso.

– *Semana* passada? E você não me contou?

– Era assunto meu. – ela disse. – Meu e de Sully. Quero dizer, não é como se

ele viesse atrás de você com um. . – ela parou por tempo o su iciente para

ambos pensarmos com *um bastão de beisebol* e então continuou. – Que ele vai vir atrás de você, ou qualquer coisa assim. Vamos, Pete. Se vamos fazer

alguma coisa, então vamos logo.

Mas eu não vou passear de carro com você. Eu realmente tenho que

estudar.

– Nada de passeios.

Começamos a andar novamente. O estacionamento parecia grande para mim naqueles dias, centenas de carros estacionados em dúzias de ileiras

iluminadas pela luz da lua. Eu mal conseguia lembrar onde havia deixado o

velho Ford Wagon de meu irmão. Da última vez que eu voltei a U do M, o estacionamento estava três, talvez quatro vezes maior, com espaço para

milhares de carros ou mais. O tempo passa e tudo fica maior, exceto nós.

– Ei, Pete? – Ainda andando. Olhando para os tênis de novo, embora

estivéssemos no asfalto e não houvesse mais folhas para se pisar.

– Sim?

– Eu não quero que você termine com Annmarie por minha causa. Porque

eu tenho a impressão de que seremos. . temporários. Certo?

– Claro. – o que ela me disse me fez infeliz, era ao que os cidadãos de Atlântida se referiam ao dizer *putz grilla*, mas isso realmente não me surpreendeu. – Eu acho que terá que ser assim.

– Eu gosto de você, e eu gosto de estar com você agora, mas é só gostar, isso é tudo, e é o melhor, para ser honesta. Então se quiser icar de boca fechada quando voltar para casa no feriado. .

– Tipo mantê-la em casa? Tipo como um estepe no caso de estourarmos um

pneu aqui na faculdade?

Ela pareceu espantada, e então riu.

– *Touché*. – ela disse.

– *Touché* pelo quê?

– Não faço idéia, Pete. . mas eu *realmente* gosto de você.

Ela parou, virou-se para mim, pôs os braços ao redor de meu pescoço.

Beijamos-nos por um tempo entre duas vagas de carro, nos beijamos até

que eu tive uma ereção bem decente, uma que eu tinha certeza de que

poderia sentir. Então ele me deu um último beijinho nos lábios, e

recomeçamos a andar.

– O que Sully disse quando você contou a ele? Eu não sei se deveria perguntar, mas. .

– Mas você quer *informação*. – ela disse em uma voz brusca, imitando o Número Dois. Então ela riu. Era o riso magoado. – Eu esperava que ele

icasse furioso, ou que talvez chorasse. Sully é grande e ele assusta os outros jogadores de beisebol com quem joga, mas seus sentimentos estão

sempre próximos da pele. O que eu *não* esperava era alívio.

– Alívio?

– Alívio. Ele estivera vendo esta garota em Bridgeport por um mês ou

mais. . só que a amiga de minha mãe, Rionda, disse que na verdade ela é uma mulher, talvez com vinte e quatro ou vinte e cinco.

– Soa como uma receita para um desastre. – eu disse, esperando soar

comedido e pensativo. Na verdade eu estava satisfeito. Claro que estava. E

se o pobre e velho John Sullivan, com seu coração terno havia tropeçado numa letra de uma canção sertaneja de Merle Haggard, bem, quatrocentos

milhões de Chineses Vermelhos não dariam a mínima, e para mim isso

valia em dobro.

Havíamos quase chegado ao meu carro. Era só mais uma lata velha entre

outras, mas, cortesia do meu irmão, era minha.

– Ele tem mais coisas na mente do que seu novo interesse amoroso. – Carol

disse. – Ele vai entrar no Exército quando terminar o colégio em Junho. Ele

já falou com o recrutador e se alistou. Ele mal pode esperar para ir ao Vietnã e começar a fazer o mundo seguro para a democracia.

– Você teve uma briga com ela por causa da guerra?

– Não. Do que adiantaria? E, além disso, o que eu falaria para ele? Que para mim tudo se resume a Bobby Gar ield? Que todas as coisas que Harry

Swidrowski, George Gilman e Hunter McPhail dizem não são nada

comparadas ao fato de que Bobby me carregou pela ladeira da Broad

Street? Sully pensaria que eu estou maluca.

Ou diria que é porque eu sou esperta demais. Sully sente pena de pessoas

que são espertas demais. Ele diz que ser inteligente demais é uma doença.

E talvez ele tenha razão. Eu meio que o amo, você sabe. Ele é doce. Ele também é o tipo de cara que precisa de alguém para cuidar dele.

E eu espero que ele ache esse alguém, eu pensei. *Contanto que não seja você*.

Ela olhou julgando o meu carro.

– Certo. – ela disse. – É feio, e precisa desesperadamente ser lavado, mas é

um transporte. A pergunta é: o que estamos fazendo aqui, quando eu

deveria estar lendo a história de Flannery O'Connor?

Eu tirei minha faca de bolso e a abri.

– Tem uma lixa na bolsa?

– Pra falar a verdade eu tenho. Nós vamos lutar? Número Dois e Número

Seis vão ao estacionamento Steam Plant?

– Pare de bancar a espertinha. Apenas pegue-a e me siga.

Quando chegamos à traseira do Station Wagon, ela estava rindo, não o riso

magoado, mas aquele ataque de risos que eu ouvi pela primeira vez

quando o homem de cachorro-quente excitado de Skip havia vindo pela

esteira na cozinha. Ela finalmente entendeu por que estávamos lá.

Carol tirou um lado do adesivo do pára-choque; eu tirei o outro;

encontramo-nos no meio. Então assistimos os pedaços voarem pelo

macadame. *Au revoir*, AuH2O-4-USA. Adeusinho, Barry. E nós rimos. Cara, nós simplesmente não conseguíamos parar de rir.

22

Alguns dias depois, meu amigo Skip, que havia chegado à faculdade com a

cultura política de um molusco, colocou um cartaz no seu lado do quarto que dividia com Brad Whiterspoon. Ele mostrava um homem de negócios

sorridente em um terno de três peças. Uma mão estava estendida em um

cumprimento. A outra estava escondida atrás de suas costas, mas alguma coisa lá estava pingando sangue entre seus sapatos.

GUERRA é UM BOM NEGÓCIO, o cartaz dizia. INVISTA SEU FILHO.

Dearie ficou horrorizado.

– Então você é contra o Vietnã agora? – ele perguntou quando o viu. Abaixo

de sua truculência queixuda eu acho que nosso amado monitor estava

realmente chocado com o cartaz. Skip, a inal, havia sido um jogador de

beisebol de primeira classe no colégio. Era esperado que ele jogasse

beisebol na faculdade também. Havia sido cortejado tanto pela Delta Tau

Delta quanto por Phi Gama, as fraternidades desportivas.

Skip não era um doido com os olhos de sapo como George Gilman, nem

aleijado como Stoke Jones (Dearie Dearborn havia se rendido a chamar

Stoke de “Matador”).

– Ei, tudo o que esse cartaz quer dizer é que há várias pessoas lucrando com um banho de sangue. – Skip disse. – A McDonnell-Douglas. A Boeing.

GE. Dow Chemical e Coleman Chemicals. A maldita Coca-Cola. E muito mais.

Os olhos de Dearie transmitiam (ou tentavam) a idéia de que ele havia

pensado nestes assuntos mais profundamente do que Skip Kirk jamais iria.

– Deixe-me perguntar uma coisa, você acha que nós deveríamos recuar e

deixar o Tio Ho tomar aquele lugar?

– Eu não sei *o que* eu acho. – Skip disse. – Ainda não. Eu só comecei a me interessar pelo assunto há umas duas semanas. Eu ainda estou me

atualizando.

Isso foi às sete e meia da manhã, e um pequeno grupo se juntou na porta

de Skip para ir às aulas das oito horas. Eu vi Ronnie (mais Nick Prouty; a este ponto, os dois se tornaram inseparáveis), Ashley Rice, Lennie Doria, Billy Marchant, talvez quatro ou cinco outros. Nate estava inclinado na

porta do 302, vestindo uma camisa e seu pijama.

Nas escadarias, Stoke Jones se curvava em suas muletas. Ele

aparentemente havia seguido seu caminho e se virado para monitorar a

discussão.

Dearie continuou.

– Quando os vietcongues chegarem ao Vietnã do Sul, as primeiras coisas

que irão procurar são pessoas usando cruci ixos, medalhas de São

Cristovão, medalhas de Maria, qualquer coisa desta natureza. Católicos são

mortos. Pessoas que acreditam em *Deus* são mortas. Acha mesmo que

deveríamos recuar enquanto comunistas matam as pessoas que acreditam

em Deus?

– Por que não? – Stoke disse das escadarias. – Nós recuamos e deixamos os

Nazistas matarem os Judeus por seis anos. Judeus acreditavam em Deus,

ou foi isso que me disseram.

– Matador de bosta! – Ronnie berrou. – Quem caralho pediu tua opinião?

Mas neste momento, Stoke Jones, também conhecido como Matador, estava

descendo as escadas. Os ecos de suas muletas me izeram pensar na

recente saída de Frank Stuart.

Dearie virou as costas para Skip. Suas mãos estavam fechadas em punhos.

Descansando na frente de sua camisa branca estavam algumas plaquetas

de identi icação. Seu pai as havia usado na França e na Alemanha, ele nos

disse; as usava enquanto se encostava a uma árvore, se escondendo do

fogo da metralhadora que havia matado dois homens de sua companhia e

ferira outros quatro. O que isso tinha a ver com o con lito do Vietnã, nenhum de nós sabia muito bem, mas era claramente um assunto sério

para Dearie, então nenhum de nós perguntou. Mesmo Ronnie teve o senso

para ficar de bico calado.

– Se deixarmos que tomem o sul do Vietnã, eles tomaram o Camboja. – os olhos de Dearie saíram de Skip para mim e Ronnie. . para todos nós. –

Então Laos. Então as Filipinas. Uma após a outra.

– Se puderem fazer isso, talvez mereçam ganhar. – eu disse.

Dearie olhou para mim, chocado. Eu mesmo estava meio que chocado, mas

eu não retirei o que disse.

23

Ainda havia uma rodada de preliminares antes da folga do Dia de Ação de

Graças, e para os jovens escolares do Chamberlain Três, foi um desastre.

Até lá a maioria de nós entendia que *nós* éramos um desastre, que estávamos cometendo uma espécie de suicídio em massa. Kirby McClendon

fez sua loucura e desapareceu como um coelho em um truque de mágica.

Kenny Auster, que normalmente sentava no canto durante a maratona de

jogos, e catava caraca no nariz quando não conseguia se decidir que carta

jogar em seguida, simplesmente sumiu um dia. Ele deixou uma rainha de

espadas com as palavras “eu desisti” escritas em seu travesseiro. George

Lessard se juntou a Jack Frady e Steve Ogg no Chadbourne, o dormitório

dos crânios.

Seis fora, faltam treze.

Deveria ter sido o su iciente. Inferno, apenas o que havia acontecido com o

pobre e velho Kirby deveria ter sido o su iciente; nos últimos três ou

quatro dias antes dele enlouquecer, suas mãos tremiam tanto que ele tinha

problemas em pegar cartas e ele pulava da cadeira se alguém batesse a

porta no corredor. Kirby deveria ter sido o su iciente, mas ele não foi. Nem

mesmo o meu tempo com Carol foi a resposta. Quando eu realmente estava

com ela, sim, eu estava bem. Quando eu estava com ela, tudo o que eu

queria era informação (e talvez transar). Quando eu estava no dormitório,

especialmente no maldito salão do terceiro andar, eu me tornava outra

versão de Peter Riley. No salão do terceiro andar eu era um estranho para

mim mesmo.

Enquanto o Dia de Ação de Graças se aproximava, um tipo de fatalismo

cego se instalou. Mas nenhum de nós falou a respeito. Nós falamos sobre ilmes, ou sexo (“eu consigo mais bundas do que um pônei de um

carrossel!” Ronnie costumava cacarejar, normalmente sem aviso ou

qualquer conversa que levasse ao assunto), mas na maior parte do tempo

falávamos sobre o Vietnã. . e Copas. Nossas discussões sobre Copas era

sobre quem estava na frente, quem estava atrás, e quem parecia não

conseguir aprender algumas simples estratégias de jogo: tenha sempre um às; passe cartas de copas com valores medianos para os jogadores que

gostam de tentar acertar a lua; se tiver que fazer um blefe, sempre o eleve.

Nossa única resposta real para a iminente terceira rodada de preliminares

foi organizar o jogo num tipo de interminável torneio giratório. Ainda

jogávamos um níquel por ponto, mas agora também jogávamos "match

points". O sistema para recompensar "match points" era complexo, mas

Randy Echolls e Hugh Brennan trabalharam em uma boa fórmula em duas

sessões febris tarde da noite. Ambos, incidentalmente, estavam se ferrando

em seus cursos de introdução à matemática; nenhum deles foi convidado a

voltar na conclusão do semestre no Outono.

Trinta e três anos se passaram desde a rodada de exames pré-Ação de

Graças, e o homem que aquele garoto se tornou ainda estremece com a

memória dela. Eu me ferrei em tudo, exceto Sociologia e Introdução ao

Inglês. Eu não tive que ver as notas para saber, tampouco. Skip disse que havia afundado o boletim, exceto em Cálculos, e ele mal havia se saído bem

nessa. Eu iria levar Carol ao cinema naquela noite, nosso primeiro encontro

pré-término (e nosso último, embora eu não soubesse disso), e eu vi

Ronnie Malenfant no caminho para pegar meu carro. Eu perguntei a ele

como ele havia se saído nos testes; Ronnie sorriu, piscou, e disse:

– Me saí bem em todas, garotão. Que nem na porra do *Boliche da Faculdade*.

Não estou preocupado. – mas na luz do estacionamento, eu pude ver seu

sorriso cedendo nos cantos. Sua pele estava pálida demais, e sua acne,

ruim quando começou na faculdade em Setembro, estava pior do que

nunca. – E quanto a você?

– Vão me transformar em Decano de Artes e Ciências. – eu disse. – Isso te

diz alguma coisa?

Ronnie explodiu na risada.

– Seu escroto da porra! – ele me deu um tapinha nos ombros. O olhar boçal

de seus olhos havia sido substituído por um aterrorizado que o fez parecer

mais jovem. –

Vai sair?

– Sim.

– Carol?

– Sim.

– Bom para você. Ela é uma gata. – para Ronnie, isto se aproximava de uma

sinceridade que vinha do fundo do coração.

– Você também, Ronnie.

– É. Claro. – olhando para mim pelo canto dos olhos ao invés de para

frente.

Tentando segurar o sorriso. – De um jeito ou de outro, acho que ambos

vamos nos ferrar bonito, não acha?

– É. Acho que isso resume bem a situação.

24

Estava quente, mesmo com o motor e o aquecedor desligados estava

quente, nós havíamos esquentado o carro por dentro com nossos corpos,

as janelas estavam tão borradas de vapor, que a luz do estacionamento

veio totalmente difusa, como a luz através de uma janela de banheiro de vidro cristalizado, e o rádio estava ligado, o Poderoso John Marshall

cantando as clássicas, The Humble Yet Nonetheless Mighty tocando The

Four Seasons e The Dovells, Jack Scott, Little Richard, e Freddie “Boom

Boom” Cannon, todos esses clássicos, e seu suéter estava aberto, e seu

sutiã estava jogado no assento com uma alça pendendo, uma ina alça

branca, a tecnologia de sutiã naqueles dias ainda não havia dado seu

grande salto para frente, e, oh, cara, a pele dela era quente, seus mamilos

duros em minha boca, e ela ainda estava de calcinha, mas apenas

parcialmente, ela estava empurrada e dobrada em um lado, e eu primeiro

coloquei um dedo nela, e então dois dedos, Chuck Berry cantava "Johnny B.

Goode", e The Royal Teens cantavam "Short Shorts", e sua mãe estava

dentro do meu zíper, as mãos puxando o elástico do meu próprio "short shorts", e eu podia sentir o cheiro dela, o perfume em seu pescoço e o suor

em sua testa bem abaixo de onde começavam seus cabelos, e eu podia

ouvi-las, ouvir o pulso vivo de sua respiração, sussurros desprovidos de

palavras em minha boca enquanto nos beijávamos, tudo isto com o assento

da frente de meu carro empurrado para trás ao máximo, sem que eu

pensasse em me ferrar nas preliminares ou a guerra no Vietnã, ou LBJ

usando colar de lores, ou Copas, ou qualquer coisa, apenas a desejando, a

desejando bem aqui e bem agora, e então de repente ela estava icando

ereta, e *me* fazendo icar ereto, ambas as mãos plantadas em meu peito, dedos soltos me empurrando de volta para o volante. Eu me movi na

direção dela novamente, deslizando uma de minhas próprias mãos em sua

coxa, e ela disse

"Pete, não", em uma voz a iada e fechou as pernas, os joelhos se juntando forte o su iciente para você ouvir o barulho que izeram, o som de

fechadura que signi ica que a transa acabou, goste ou não. Eu não gostei, mas parei.

Eu encostei a cabeça na janela embaçada do lado do motorista, respirando

com di iculdade. Meu pau estava duro como ferro espetando a frente de

minha cueca, tão duro que doía. Isso iria terminar muito em breve,

nenhuma ereção dura para sempre, eu acho que Benjamin Disraeli disse

isso (mas mesmo depois que a ereção se for, as bolas continuam ligadas). É

apenas um fato da vida de um cara.

Nós havíamos saído do cinema (um ilme de família horrível com Burt

Reynolds), mais cedo e viemos para o estacionamento Steam Plant com a

mesma coisa em nossas mentes. . ou assim eu esperava. Eu acho que *foi* a

mesma coisa, exceto que eu esperava por mais do que havia ganhado.

Carol puxou os lados do suéter, mas seu sutiã continuava pendendo no

assento e ela parecia insanamente desejável com seus seios tentando sair

dali, e metade de uma aréola visível na luz fraca. Ela estava com a bolsa aberta e estava procurando por seus cigarros com as mãos trêmulas.

– Uaaaau. – ela disse. Sua voz tremia tanto quanto as mãos. – Minha nossa.

– Você parece Brigitte Bardot com seu suéter aberto desse jeito. – eu disse

a ela.

Ela olhou para mim, surpresa, e, eu acho, feliz.

– Você realmente acha isso? Ou é só o cabelo loiro?

– O cabelo? Merda, não. É mais os. . – eu iz um gesto apontando para sua fronte. Ela olhou para baixo e riu. Ela não se cobriu mais, ou tentou puxar

mais os lados do suéter. Não tenho certeza se ela poderia, de qualquer

forma; ao que me lembre, o suéter estava maravilhosamente apertado.

– Havia um cinema rua acima quando eu era uma criança, o Asher Empire.

Está em ruínas agora, mas quando éramos crianças, Bobby, Sully-John, e

eu, parecia que eles sempre exibiam os ilmes dela. Eu acho que um deles,

E Deus Criou a Mulher, deve ter sido exibido lá milhares de vezes.

Eu cai no riso e tirei meus próprios cigarros do painel.

– Este sempre foi o terceiro ilme a ser exibido no drive-in de Gates Falls nas noites de Sexta e Sábado.

– Você já viu?

– Está brincando? Eu nem era *permitido* me aproximar do drive-in a não ser que fosse uma sessão dupla de ilmes da Disney. Eu acho que devo ter

assistido *Tonka* com Sal Mineo ao menos sete vezes. Mas eu me lembro dos

trailers. Brigitte em sua toalha.

– Eu não vou voltar para a faculdade. – ela disse, e acendeu um cigarro. Ela

falou tão calmamente que eu pensei que estivéssemos falando de velhos

ilmes, ou a meia-noite em Calcutá, ou o que quer que fosse necessário

para persuadir nossos corpos a irem dormir. Então minha cabeça deu um

clique.

– Você. . você não disse. .?

– Eu disse que não vou voltar depois do feriado. E não vai ser um Dia de Ação de Graças muito bom em casa, mas que diabos.

– Seu pai?

Ela balançou a cabeça, tragando o cigarro. Na luz de sua brasa, seu rosto

icava laranja e sombreando de cinza. Ela pareceu mais velha. Ainda linda, mas velha. No rádio Paul Anka cantava "Diana". Eu o desliguei.

– Meu pai não tem nada a ver com isso. Eu vou voltar para Harwich.

Lembra-se que eu mencionei a amiga de minha mãe, Rionda?

Eu meio que lembrava, então assenti.

– Rionda tirou a foto que eu te mostrei, aquela de mim com Bobby e S-J. Ela

diz. . – Carol olhou para baixo, para sua saia, que ainda estava em sua maior parte levantada até a cintura e começou a mexer nela. Você nunca

pode dizer o que vai envergonhar uma pessoa; às vezes são as funções

orgânicas, às vezes é o comportamento sexual de seus parentes; às vezes o

comportamento exibido. E algumas vezes, é claro, é a bebida.

– Vamos colocar deste modo, meu pai não é o único na família Gerber com

problema com bebidas. Ele ensinou a minha mãe a como tocar o cotovelo, e

ela era uma boa estudante. Por um longo tempo ela parou, ela foi para os encontros dos AA, eu acho, mas Rionda disse que ela começou de novo.

Então eu vou para casa. Eu não sei se posso tomar conta dela ou não, mas

eu vou tentar. Tanto pelo meu irmão quanto pela minha mãe. Rionda disse

que Ian não sabe se ele vai vir ou ir. É claro que ele nunca veio. – ela sorriu.

– Carol, talvez essa não seja uma boa idéia. Jogar fora seus estudos assim.

Ela olhou para mim furiosa.

– Quer conversar sobre jogar *fora* meus estudos? Sabe o que eu tenho ouvido sobre aquele jogo de Copas de merda no Chamberlain Três

ultimamente? Que *todos no andar* vão estar reprovados quando o Natal chegar, incluindo você. Penny Lang isse que ao começo do semestre da

Primavera não vai haver mais ninguém lá em cima, exceto aquele seu

monitor imbecil.

– Que nada. – eu disse. – É um exagero. Nate vai icar. Stokely Jones

também, se ele não quebrar o pescoço descendo as escadas alguma noite.

– Você age como se fosse engraçado. – ela disse.

– Não é engraçado. – eu disse. – Não, não foi engraçado.

– Então por que não pára?

Agora era eu quem estava começando a icar furioso. Ela havia me

empurrado e fechado as pernas, havia me dito que iria embora quando eu

inalmente estava começando a querê-la por perto, a precisar dela por

perto, ela havia me deixado com o que em breve seria um caso mundial de

bolas azuis. . e agora tudo se resume a mim.

Agora tudo se resume às cartas.

– Eu não *sei* por que eu não paro. – eu disse. – Por que não acha alguém que tome conta de sua mãe? Por que a amiga dela, Rawanda. .

– Ri-ow-da.

– . .toma conta dela? Quero dizer, é sua culpa que sua mãe seja uma

cachaceira?

– *Minha mãe não é uma cachaceira! Não a chame assim!*

– Bem, com certeza ela é alguma coisa, se vai largar a faculdade por conta

dela.

Se isso for sério, Carol, com certeza é alguma coisa.

– Rionda tem um trabalho e uma mãe própria para se preocupar. – Carol

disse. A raiva passara. Ela soou sem espírito e desanimada. Eu poderia me

lembrar da garota risonha que estivera ao meu lado, vendo os pedaços do

adesivo Goldwater do pára-choque lutuar pelo macadame, mas essa não

parecia ser a mesma garota para mim. – Minha mãe é minha mãe. Há

apenas Ian e eu para cuidar dela, e Ian quase não toma conta de si mesmo

na escola. Além disso, sempre há a UConn.

– Você quer *informação*? – eu perguntei a ela. Minha voz estava trêmula, espessa. – Eu vou te dar, quer queira quer não. Certo? Você está

despedaçando meu coração aqui. Essa é a informação. Você está

despedaçando meu maldito coração.

– Não estou. – ela disse. – Corações são fortes, Pete. Na maioria das vezes eles não se despedaçam. Na maioria das vezes eles apenas se dobram.

É, pode apostar, e Confúcio disse que a mulher é o que há de mais corrupto

e corruptível no mundo. Eu comecei a chorar. Não muito, mas houve

lágrimas sim. Foi mais por ter sido pego tão de surpresa, eu acho. E, está bem, talvez eu estivesse chorando por mim mesmo também. Porque eu

estava com medo. Eu estava levando bomba ou em perigo de levar em

todas as matérias, exceto uma, um dos meus amigos estava planejando

apertar o botão EJETAR, e não parecia que eu conseguiria parar de jogar cartas. Nada ia do jeito que eu esperava quando entrei na faculdade, e eu

estava aterrorizado.

– Eu não quero que você vá. – eu disse. – Eu te amo. – então eu tentei sorrir. – Só mais um pouco de informação, tá?

Ela olhou para mim com uma expressão que eu não pude ler, então

abaixou o vidro de sua janela e jogou seu cigarro fora. Ela fechou a janela

novamente e estendeu os braços para mim.

– Venha aqui.

Eu coloquei meu próprio cigarro no cinzeiro, que já estava cheio, e deslizei

para seu lado do assento. Para seus braços. Ela me beijou, e então me

olhou nos olhos.

– Talvez você me ame, e talvez não. Eu nunca tentaria evitar que uma

pessoa me amasse, eu posso lhe assegurar, porque nunca há amor o

bastante por aí. Mas você está confuso, Pete. Sobre a faculdade, sobre

Copas, sobre Annamarie, e sobre mim também.

Eu comecei a dizer que não estava, mas é claro que eu estava.

– Eu posso ir para a UConn. – ela disse. – Se minha mãe melhorar, eu *irei* para UConn. Se isso não funcionar, eu posso fazer cursinhos na Pennington

em Bridgeport, ou mesmo cursos da CED à noite em Stratford, ou Harwich.

Eu posso fazer essas coisas, eu tenho luxo para fazê-las, porque sou uma garota. Essa é uma boa época para ser uma garota, acredite em mim.

Lyndon Johnson percebeu isso.

– Carol. .

Ela pôs a mão gentilmente contra minha boca.

– Se você for reprovado em Dezembro, você está apto a cair em uma selva

no próximo Dezembro. Você precisa pensar nisso, Pete. É diferente de

Sully. Ele acha que é certo, e ele *quer* ir. Você não sabe o que você quer ou o que pensa, e não vai enquanto você continuar a jogar aquelas cartas.

– Ei, eu tirei o adesivo do meu carro, não tirei? – soou idiota aos meus próprios ouvidos.

Ela não disse nada.

– Quando você vai?

– Amanhã à tarde. Eu tenho uma passagem para o ônibus das quatro horas

para Nova York. A parada para Harwich não é mais do que três quadras

da porta de minha casa.

– Você vai partir de Derry?

– Sim.

– Posso te levar à estação? Eu posso te pegar em seu dormitório às três.

Ela icou pensando nisso, e então assentiu. . mas eu vi uma sombra em seus

olhos. Foi di ícil de não ver, porque aqueles olhos eram normalmente tão abertos e puros.

– Seria bom. – ela disse. – Obrigada. E eu não menti para você, menti? Eu disse que poderia ser temporário.

Eu suspirei.

– É. Só que foi bem mais temporário do que eu esperava.

– Agora, Número Seis: Nós queremos. . *informação*.

– Vocês não terão. – era di ícil soar tão durão quanto Patrick McGoohan em

O

Prisioneiro quando você se sente deprimido, mas fiz meu melhor.

– Mesmo se eu pedir por favor? – ela pegou minha mão, a colocou dentro de seu suéter e a deixou em seu seio esquerdo. A parte de mim que

começava a desanimar voltou imediatamente a se iluminar.

– Bem. .

– Você já fez isso antes? Quero dizer, até o im? Essa é a informação que eu

quero.

Eu hesitei. É uma pergunta que a maioria dos rapazes acha di ícil, eu

imagino, e uma das que mais geram respostas mentirosas. Eu não queria

mentir para Carol.

– Não. – eu disse.

Ela tirou a calcinha delicadamente, a jogou no banco traseiro, e laçou os dedos atrás de meu pescoço.

– Eu iz. Duas vezes. Com Sully. Eu não achei que ele foi muito bom. . mas ele nunca esteve numa faculdade. Você esteve.

Tive a sensação de que minha boca estava seca, mas deve ter sido ilusão, porque quando eu a beijei nossas bocas estavam molhadas; eles

deslizaram por todos os cantos, línguas, lábios, e dentes. Quando eu pude falar, eu disse:

– Vou dar meu melhor para compartilhar minha educação universitária.

– Ligue o rádio. – ela disse, desa ivelando meu cinto, e baixando meu jeans.

– Ligue o rádio, Pete, eu gosto das músicas clássicas.

Então eu liguei e a beijei, e havia um local, um certo local, seus dedos me guiaram até lá e houve um momento quando eu senti uma sensação da

qual já estava acostumado, e então havia um novo lugar para se estar. Ela

era bem quente lá dentro.

Bem quente e bem apertada. Ela sussurrou em meu ouvido, seus lábios

relando em minha pele:

– Devagar. Coma todos os vegetais e talvez você ganhe sobremesa.

Jack Wilson cantou “Lonely Teardrops”, e eu fui devagar. Roy Orbison

cantou “Only the Lonely” e eu fui devagar. Wanda Jackson cantou “Let’s

Have a Party” e eu fui devagar. Mighty John fez um comercial sobre

Brannigan’s, o clube mais quente de Derry, e eu fui devagar. Então ela

começou a gemer, e não eram mais seus dedos em meu pescoço, mas suas

unhas cravadas nele, e quando ela começou a mexer seus quadris contra

mim em impulsos pequenos e fortes eu não pude ir devagar, e então os

The Platters estavam na rádio, The Platters cantavam “Twilight Time”, e ela

começou a gemer e dizer que não sabia, que não fazia *idéia*, oh *caramba*, oh Pete, oh caramba, oh Jesus, Jesus *Cristo*, Pete, e seus lábios estavam por todas a minha boca, e meu queixo, e minha mandíbula, seus beijos eram

frenéticos. Eu podia ouvir o assento ranger, eu podia sentir o cheio do cigarro e o cheiro fresco de pinho que pendia no espelho retrovisor, e

neste momento eu também estava gemendo. Eu não sei o quê, The Platters

cantavam

“Each day I pray for evening Just to be with you”, e então a coisa começou a

acontecer.

Os espasmos se tornaram êxtase. Eu fechei meus olhos, eu a segurei com

meus olhos fechados e continuei a penetrá-la dessa forma, do jeito que

você faz, tremendo dos pés a cabeça, ouvindo a sola dos meus sapatos

batendo contra a porta do motorista em um espasmódico tambor,

pensando que eu poderia fazer isto mesmo que estivesse eu morrendo,

mesmo que eu estivesse morrendo, mesmo que eu estivesse morrendo;

pensando também que isso era informação. Os espasmos se transformam

em êxtase, as cartas caem onde elas caem, o mundo nunca perde uma

batida, a rainha se esconde, a rainha é encontrada, e era tudo informação.

25

Na manhã seguinte eu tive um breve encontro com meu instrutor de

Geologia, que me disse que estava no limite de adentrar em uma situação

grave. *Isso não é exatamente informação nova, Número Seis* , eu pensei em lhe dizer, mas não o iz. O mundo parecia diferente nesta manhã, tanto

melhor quanto pior.

Quando eu voltei ao Chamberlain, encontrei Nate se aprontando para ir

para casa. Ele tinha uma maleta em uma mão. Havia um adesivo nela que

dizia EU MONTEI EM MINHA WASHINGTON. Em seu ombro estava um

monte de roupas sujas. Como todo o resto, Nate parecia diferente agora.

– Tenha um bom feriado de Ação de Graças, Nate. – eu disse, abrindo meu

armário e começando a tirar as calças e camisas aleatoriamente. – Como

muito. Você está magro pra caralho.

– Eu vou. Molho de oxicoco também. Quando eu estava na maior saudade

de casa na primeira semana, o molho de minha mãe era tudo o que eu

conseguia pensar.

Eu enchi minha própria maleta, pensando que poderia levar Carol até a

parada de ônibus em Derry e então seguir em frente. Se o trânsito na Rota

136 não estivesse muito pesado, eu poderia voltar antes de escurecer. Até

poderia parar na Frank’s Fountain para tomar um refresco antes de seguir

pela Estrada Sabbatus até em casa. De repente sair deste lugar (para longe

do Chamberlain Hall e Holyoke Commons, para longe da maldita

Universidade inteira) era minha prioridade número um. *Você está confuso Pete*, Carol havia dito no carro na noite passada. *Você não sabe o que você quer ou o que pensa, e não vai enquanto você continuar a jogar aquelas cartas*.

Bem, esta era minha chance de icar longe das cartas. Machucava saber

que Carol ia embora, mas eu estaria mentindo se dissesse que essa era a coisa principal em meus pensamentos naquela hora. Naquele momento,

era sair do salão do terceiro andar.

Ir para longe d’A Puta. *Se você for reprovado em Dezembro, você está apto a*

cair em uma selva no próximo Dezembro . Mantenha contato, gata, te vejo por aí, como Skip Kirk normalmente dizia.

Quando eu terminei de arrumar a mala e a fechei, olhei em volta, e Nate ainda estava na porta. Eu pulei e soltei uma pequena exclamação de

surpresa. Era como ser visitado pela porra do fantasma de **Banquo** (**N.T. –**

Fantasma de um personagem assassinado, na peça MacBeth, de WilliamShakespeare.).

– Ei, pode ir, dá o fora. – eu disse. – O tempo e a maré não esperam por ninguém, nem mesmo os dentistas.

Nate apenas ficou ali, me olhando.

– Você vai ser reprovado. – ele disse.

Novamente eu pensei em como Nate e Carol estranhamente se pareciam,

quase como o lado masculino e feminino da mesma moeda. Eu tentei sorrir,

mas Nate não sorriu de volta. Seu rosto era pequeno, branco e irme. O

rosto americano perfeito. Você vê um cara magricela que sempre se

queima ao invés de se bronzear, cujas idéias de vestuário incluem gravata

de cordinha, e uma aplicação liberal de Vitalis, um cara que parece não ter

dado uma cagada decente em três anos, e era bem possível que aquele

cara tivesse nascido e sido criado ao norte de White River, Nova

Hampshire. E em seu leito de morte, suas últimas palavras seriam "molho

de oxicoco".

– Que nada. – eu disse. – Não se preocupe, Nate. Está tudo legal.

– Você vai ser reprovado. – ele repetiu. Suas bochechas começavam a

corar lentamente. – Você e Skip são os caras mais legais que eu conheço, não houve ninguém no colégio como você, não no *meu* colégio pelo menos,

e vocês vão ser reprovados e isso é tão *estúpido*.

– Eu não vou ser reprovado. – eu disse. . mas desde aquela noite eu me achei aceitando a idéia de que poderia ser. Eu não estava no *limite* de adentrar uma situação grave; cara, eu estava lá. – Skip também. Está sob controle.

– O mundo está caindo, e vocês dois estão sendo reprovados por causa de

Copas! Por causa do *caralho de um maldito jogo de cartas*!

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa ele se fora, voltou para o

interior para comer seu peru e as guloseimas de sua mãe. Talvez até

ganhar uma punheta, sem tirar as calças, de Cindy. Eu, por que não? Era o

Dia de Ação de Graças.

26

Eu não leio meu horóscopo, raramente tenho assistido *Arquivo X*, nunca liguei para os Amigos Psíquicos, mas mesmo assim eu acredito que todos

nós temos algum vislumbre de nosso futuro de tempos em tempos. Eu tive

um naquela tarde, quando eu estacionei à frente do Franklin Hall no velho

Station Wagon de meu irmão: ela já havia partido.

Eu entrei. A recepção, onde havia normalmente oito ou nove cavalheiros

sentados em cadeiras de plástico, parecia estranhamente vazia. Uma

camareira em um uniforme azul estava aspirando o tapete. A moça atrás

do contador estava lendo uma cópia de *McCall’* s e ouvindo o rádio.

Question Mark and the Mysterians, se quer saber.

Chore, chore, chore, querida, 96 lágrimas.

– Pete Riley para Carol Gerber. – eu disse. – Pode chamá-la?

Ela olhou para cima, pôs a revista de lado, e me deu um doce e simpático olhar.

Era o olhar de um médico que tem que te dizer que poxa, desculpa, o

tumor é inoperável. Que má sorte, cara, é melhor fazer amizade com Jesus.

– Carol disse que tinha que sair mais cedo. Ela pegou o ônibus para Derry.

Mas ela me disse que você apareceria e me pediu para lhe dar isso.

Ela me passou um envelope com meu nome escrito na frente. Eu a agradeci

e deixei Franklin com ele em minha mão. Eu desci a calçada e parei por um

momento ao lado do meu carro, olhando para o Holyoke Commons, o irreal

Palácio das Planícies, e lar do homem de cachorro-quente tarado. Abaixo

dele, a Pista de Bennett, folhas voaram com o vento em uma corrente

ruidosa. As cores brilhantes haviam desaparecido delas; apenas o marrom

escuro de Novembro sobrara. Era o dia anterior ao de Ação de Graças, o portal para o inverno na Nova

Inglaterra. O mundo era só vento e luz do sol fria. Eu comecei a chorar de novo. Eu poderia dizer pela quentura de

minhas bochechas.

96 lágrimas, querida; chore, chore, chore.

Eu entrei no carro onde havia perdido a virgindade na noite anterior, e abri o envelope. Havia um único papel dentro. A brevidade é a alma do

talento, de acordo com Shakespeare. Se for verdade, então a carta de Carol

era talentosa como o inferno.

Querido Pete,

Acho que é obrigação nossa deixar que a última noite seja nosso adeus; como outro poderia ser melhor? Talvez eu te escreva na faculdade, talvez não, agora eu estou tão confusa que apenas não sei (ei, talvez até eu mude de idéia e volte!). Mas por favor, de nós dois, deixe que eu seja aquela que entre em contato, certo? Você disse que me amava. Se você me ama, então deixe que seja eu quem entre em contato. Eu irei, eu prometo.

P.S. A noite passada foi a coisa mais doce que já me aconteceu. Se isso melhora com o tempo, não consigo imaginar como as pessoas conseguem agüentar.

P.P.S. Pare de jogar aquele jogo de cartas idiota.

Ela disse que foi a coisa mais doce que já aconteceu a ela, mas ela não colocou

“com amor” no im da carta, apenas sua assinatura. Ainda assim. . *se isso melhora com o tempo, não consigo imaginar como as pessoas conseguem agüentar*. Eu sabia o que ela queria dizer. Eu estendi a mão e toquei o lado do assento onde ela estivera. Onde ambos estivéramos.

Ligue o rádio, Pete, eu gosto das músicas clássicas.

Eu olhei para meu relógio. Eu sai do dormitório cedo (obra daquela

premonição meio consciente, talvez) e acabara de dar três horas. Eu

facilmente poderia chegar a estação antes que ela fosse para Connecticut. .

mas eu não iria fazer isso. Ela estava certa, nós demos um adeus brilhante

em meu velho Station Wagon; qualquer coisa a mais estragaria tudo. O lado bom era que ambos estaríamos andando pelo mesmo terreno; o lado ruim

é que havíamos jogado lama em tudo na noite passada com um argumento.

Nós queremos *informação*.

Sim. E nós conseguidos. Deus sabia que sim.

Eu fechei a carta, a coloquei no bolso traseiro de meu jeans, e dirigi para casa, em Gates Falls. No começo meus olhos ainda icavam borrados, e eu

tinha que secá-los.

Então eu ligue o rádio e a música melhorou um pouco as coisas. A música sempre faz isso. Eu já tenho mais de cinqüenta agora, e a música ainda melhora as coisas; é um fato automático.

27

Eu cheguei em Gates Falls por volta das cinco e meia, parei no Frank's, e então continuei. Nesta hora eu queria chegar em casa mais do que tomar

uma gelada e fofocar com Frank Parmeleau. O jeito de minha mãe dar boas

vindas era dizer que eu estava magro demais, meu cabelo longo demais, e

que eu não havia chegado nem perto de uma lâmina. Então ela se sentou

em sua cadeira de balanço, e derramou algumas lágrimas pelo retorno de

seu ilho pródigo. Meu pai me deu um beijo na bochecha, me abraçou com

um braço, e foi abrir a geladeira para pegar um copo do chá vermelho de

mamãe, sua cabeça saindo de seu pescoço em seu velho suéter marrom,

como a cabeça de uma tartaruga curiosa.

Nós, mamãe e eu, pensávamos que ele ainda tinha vinte por cento de sua visão, talvez um pouco mais. Era di ícil dizer, porque ele raramente falava

sobre isso. Foi um acidente em seu trabalho que fez isso com ele, uma

horrível queda de dois andares. Ele tinha cicatrizes no lado esquerdo do rosto e no pescoço; havia um pedaço de crânio saliente no lugar onde o cabelo nunca mais cresceu. O acidente havia escurecido a maior parte de

sua visão, e fez alguma coisa com sua cabeça também. Mas ele não virou um lelé da cuca, como eu ouvi um cuzão na Barbearia do Gendron dizer

uma vez, e ele também não era mudo, como algumas pessoas pareciam

pensar. Ele icou em coma por dezenove anos. Depois que ele acordou, ele

se tornou silencioso, isso é verdade, e constantemente sua mente icava

confusa, mas algumas vezes ele ainda estava lá, totalmente presente. Ele

estava lá o su iciente quando eu voltei para casa para me dar um beijo e um forte abraço de um braço só, seu jeito de abraçar de sempre. Eu amei

muito o meu velho. . e depois de um semestre jogando cartas com Ronnie

Malenfant, eu aprendi que falar é uma habilidade superestimada.

Eu sentei com eles por um tempo, contando a eles algumas histórias de

faculdade (embora não sobre caçar A Puta), então sai. Eu remexi as folhas

caídas no crepúsculo, o vento gelado em minhas bochechas parecia uma

bênção, acenei para os vizinhos, e comi três hambúrgueres de minha mãe

no jantar. Depois, ela me disse que iria para a igreja, onde o grupo de mulheres estava preparando a comida para o Dia de Ação de Graças. Ela

não achou que eu iria querer passar minha primeira noite com um bando

de velhas galinhas, mas eu era bem-vindo para aparecer no galinheiro se

quisesse. Eu agradeci e disse que preferia ligar para Annmarie.

– Por que será que isso não me surpreende? – ela disse, e saiu. Eu ouvi o

carro ligar, e então, sem muita felicidade, me arrestei até o telefone e liguei

para Annmarie Soucie. Uma hora depois ela chegou na picape de seu pai,

sorrindo, seus cabelos caindo nos ombros, a boca radiante com batom. O

sorriso não durou muito, como eu acho que você pode imaginar por si só, e

quinze minutos depois de ela entrar, Annmarie saiu de minha casa e para

fora de minha vida. Mantenha contato, gata, te vejo por aí. Por volta da época de Woodstock, ela se casou com um agente de seguros de Lewiston e

se tornou Annmarie Jaulbert. Eles tiveram três ilhos, e ainda estão

casados. Eu acho que isso é bom, não é? Mesmo se não for, você tem que admitir que isso é Americano pra caralho.

Eu iquei de pé na frente da janela sobre a pia da cozinha, vendo as luzes

traseiras da picape do Sr. Soucie desaparecer na estrada. Eu sentia

vergonha de mim mesmo, Cristo, o jeito que os olhos dela se esbugalharam,

o jeito que seu sorriso murchou e começou a tremer, mas eu também me

sentia feliz, nojentamente aliviado; leve o bastante para dançar pelas

paredes e pelo teto, como Fred Astaire.

Ouvi passos atrás de mim. Eu me virei para ver meu pai, fazendo sua lenta caminhada a passo de tartaruga pelo linóleo com seus chinelos. Ele andou

com uma mão estendida a sua frente. A pele dela estava começando a

parecer uma grande luva frouxa.

– Será que eu acabei de ouvir uma jovem dama chamar um jovem

cavalheiro de escroto de merda? – ele perguntou em uma voz calma do

tipo que se ouve quando uma pessoa comenta o clima.

– Bem. . é. – eu trancei os pés. – Acho que talvez tenha.

Ele abriu a geladeira, tateou e pegou uma jarra de chá vermelho. Ele o bebeu sem açúcar. Eu já bebi assim uma vez, e posso lhe dizer que quase

não tem gosto.

Minha teoria é que meu pai sempre procurava pelo chá vermelho porque

era a coisa mais brilhante na geladeira, e meu pai sempre sabia onde

estava.

– A menina Soucie, não é?

– Sim, papai. Annmarie.

– Todos os Soucie têm temperamento ruim, Pete. Ela bateu a porta, não foi?

Eu estava sorrindo, não pude evitar. Era incrível que o vidro ainda

estivesse firme naquela pobre e velha porta.

– Acho que bateu.

– Você a trocou por um modelo mais novo na faculdade, não foi?

Esta era uma questão bem complicada. A resposta simples, e talvez a mais

verdadeira, no fim, era que não. Essa foi a resposta que eu dei.

Ele assentiu, colocou a jarra ao lado da geladeira, e então pareceu que estava pronto para derramar o chá por toda a mesa e nos pés.

– Deixe-me fazer isso para você. – eu disse. – Certo?

Ele não respondeu, mas se afastou para que eu pudesse encher o copo. Eu

coloquei três quartos no copo e coloquei na sua mãe, então devolvi a jarra para geladeira.

– Está bom, papai?

Nada. Ele apenas icou lá com o copo seguro em ambas as mãos, do jeito que as crianças seguram, bebendo pequenos goles. Eu esperei, e decidi

que ele não iria responder, e tirei a minha maleta do canto. Eu havia jogado

meus livros em cima de minhas roupas, e agora os havia tirado.

– Estudando na primeira noite de folga. – papai disse, me assustado, eu quase esqueci que ele estava lá. – Horrível.

– Bem, estou meio que pra trás em algumas matérias. Os professores são

mais rápidos do que os do colégio.

– Faculdade. – ele disse. Uma longa pausa. – Você está na faculdade.

Aquilo quase parecia uma pergunta, então eu disse:

– Isso mesmo, papai.

Ele icou lá um pouco mais, parecendo me assistir enquanto eu tirava meus

livros e cadernos. Talvez ele estivesse assistindo. Ou talvez estivesse

apenas ali. Você não tinha como dizer, não com certeza. Finalmente ele

começou a ir na direção da porta, o pescoço esticado, aquela mão defensiva

levantada, sua outra mão, aquela com o copo de chá vermelho nela, agora

fechada contra seu peito. Na porta ele parou. Sem olhar ao redor, ele disse:

– Você está melhor sem aquela menina Soucie. Todos os Soucie têm

temperamento ruim. Você pode vesti-los, mas não pode agradá-los. Você

pode arranjar coisa melhor.

Ele saiu, segurando seu copo de chá contra o peito.

28

Antes de meu irmão e sua esposa chegarem de Nova Gloucester, eu realmente estudei, já havia lido metade do assunto de Sociologia, e

quarenta páginas de Geologia, todas em três horas que esquentaram meu

cérebro. Quando eu parei para fazer café, eu comecei a sentir pequenos

iapos de esperança. Eu estava para trás, desastrosamente para trás, mas

não *fatalmente* para trás. Eu me senti como um jardineiro esquerdo que persegue uma bola de cabo a rabo até a parede do campo esquerdo; ele

ica lá olhando para cima, mas sem desistir, sabendo que a bola vai sair do

campo, mas sabendo que se ele ajustar seu pulo para o momento certo, ele

pode pegá-la. Eu poderia fazer isso.

Se, assim fosse, eu poderia ficar longe do salão do terceiro andar no futuro.

Às dez e vinte e cinco meu irmão, que nunca vai a lugar algum quando o sol ainda está no céu se puder fazê-lo, chegou. Sua esposa de oito meses, glamorosa em um casaco de pele de marta, trazia um pudim; Dave tinha

um vidro de manteiga de amendoim. Apenas meu irmão de todas as

pessoas do planeta pensaria em transportar manteiga de amendoim pelas

estradas do condado para o jantar de Ação de Graças. Ele é um cara legal,

Dave, mais velho do que eu por seis anos, e em 1966 um contador para

uma pequena rede de hambúrgueres com meia dúzia de lojas no Maine e

em Nova Hampshire. Em 1996 havia oitenta lojas, e meu irmão, junto com

três parceiros, comprou a companhia. Ele vale três milhões de dólares (no

papel, pelo menos), e construiu um viaduto triplo. Um viaduto por milhão, eu acho que você poderia dizer.

Logo em seguida mamãe chegou do encontro das senhoras, suja de

farinha, feliz com o trabalho bem feito, e emocionada por ter ambos os

ilhos em sua casa. Houve muito sentimentalismo. Nosso pai sentou no

canto ouvindo sem dizer nada. . mas ele sorria, seus estranhos olhos, com grandes pupilas, indo do rosto de Dave para o meu, e então de volta para o

de Dave. Era na verdade para nossas vozes que seus olhos respondiam, eu

suponho. Dave quis saber onde estava Annmarie. Eu disse que Annmarie e

eu havíamos decidido dar um tempo. Dave começou a perguntar se isso

significava que nós. .

Antes que ele pudesse terminar a pergunta, sua mãe e esposa deram a ele

um feminino cutucão que signi ica *agora não, colega, agora não* . Olhando para os olhos de minha mãe, eu imaginei que ela teria suas próprias

perguntas para mais tarde.

Provavelmente algumas delas. Mamãe queria *informação*. As mães sempre

querem.

Fora o fato de ser chamado de escroto de merda por Annmarie e imaginar

de tempos em tempos como Carol Gerber estava passando (a maior parte

se ela havia mudado de idéia sobre voltar para a escola e se ela estava compartilhando sua Ação de Graças com o velho soldado Sully-John),

aquele foi um ótimo feriado. A família inteira aparecia uma vez ou outra na

quinta ou na sexta, parecia, andando pela casa e roendo coxas do peru,

assistindo jogos de futebol na TV e comemorando as grandes jogadas,

cortando lenha para o fogão (na noite de Domingo mamãe tinha lenha o

bastante para aquecer o Franklin o inverno inteiro, se ela quisesse).

Depois do jantar comemos uma torta e jogamos palavras embaralhadas.

Mas o mais divertido de tudo foi a briga que Dave e Katie tiveram pela casa

que eles estavam planejando comprar, e Katie jogou um prato Tupperware

de sobras no meu irmão. Eu havia levado algumas porradas de Dave pelos

anos, e eu gostei de ver o pote de plástico de salada de frutas batendo no

lado de sua cabeça. Cara, aquilo foi engraçado.

Mas debaixo de todas as coisas boas, a felicidade comum que você sente

quando sua família inteira está lá, estava meu medo do que aconteceria

quando eu voltasse às aulas. Eu achei uma hora para estudar na noite de Quinta-Feira, depois que a geladeira havia sido entupida de sobras e

pratos e todos haviam ido para cama, e mais duas horas na manhã de

Sexta-Feira, quando houve uma calmaria entre Dave e Katie, suas

diferenças temporariamente resolvidas, retirada do que eu imagino que

tenha sido uma “soneca” barulhenta Eu ainda sentia que poderia me

recuperar, (sabia, na verdade), mas eu também sabia que não poderia

fazer isso sozinho, ou com Nate. Eu tinha que me juntar com alguém que entendesse aquela atração suicida do terceiro andar, ou como o sangue

surgia quando alguém começava a jogar espadas num esforço para forçar

a Puta.

Alguém que entendesse a alegria primitiva de socar em Ronnie *la femme noire*.

Teria que ser Skip, eu pensei. Mesmo se Carol voltasse, ela nunca seria

capaz de entender do mesmo modo. Tinha que ser Skip e eu, nadando para fora da água profunda na direção da costa. Eu pensei que se icássemos

juntos, poderíamos sair dessa. Não que eu me importasse tanto com ele. Sei

que soa egoísta, mas é a verdade. No Sábado do feriado de Ação de Graças

eu iz várias pesquisas em minha alma e entendi que eu me preocupava

mais comigo, tomando cuidado com o Número Seis. Se Skip quisesse me

usar, tudo bem. Porque eu com certeza queria usá-lo.

Ao meio-dia do Sábado eu já havia lido Geologia o bastante para saber que

eu precisava de ajuda em alguns conceitos, e rápido. Haveria apenas mais

dois grandes períodos de testes no semestre: uma rodada de preliminares,

e então as provas inais. Eu teria que me sair muito bem em ambas se

quisesse manter minha bolsa escolar.

Dave e Katie foram embora por volta das sete da noite de Sábado, ainda se

brigando (mas com mais bom humor) sobre a casa que planejavam

comprar em Pownal.

Eu fui me sentar à mesa da cozinha e comecei a ler sobre sanções grupais

no meu livro de Sociologia. O que pareceu era que até os nerds tinha

alguma cabeça para cagar em cima. Um conceito deprimente.

Em algum momento eu percebi que não estava sozinho. Eu olhei para cima

e vi minha mãe parada lá em seu velho avental rosa, seu rosto

fantasmagórico com creme rejuvenescedor. Eu não fiquei surpreso por não

ouvi-la; depois de vinte e cinco anos na mesma casinha, ela sabia onde

estavam todas as partes do piso que rangiam. Eu pensei que ela inalmente

chegara para suas perguntas sobre Annmarie, mas aconteceu que o amor

de minha vida era a última coisa em sua mente.

– O quão encrencado você está, Peter?

Eu pensei em mais ou menos cem diferentes respostas, e então escolhi a

verdade.

– Eu realmente não sei.

– É alguma coisa em particular?

Desta vez eu não disse a verdade, e olhando para trás eu percebo como foi

contar aquela mentira: alguma parte de mim, alienígena aos meus melhores interesses, mas muito poderosa, ainda era reservada ao direito

de marchar como um sapo na direção de um penhasco. . e além dele.

Sim, mamãe, o salão do terceiro andar é o problema, as cartas são o problema, só algumas partidas é o que eu sempre digo a mim mesmo, e quando eu olho para o relógio já é meia noite e meia e eu estou cansado demais para estudar. Inferno, sem vontade alguma para estudar. Fora jogar Copas, tudo o que eu realmente fiz neste Outono foi perder minha virgindade.

Se eu ao menos pudesse ter dito a primeira parte disso, eu acho que icaria

tentando adivinhar o nome de **Rumpelstiltskin** (**N.T. – Um duende de conto de fadas dos irmãos Grimm, conhecido por seus pactos**

arriscados com pessoas desesperadas, em troca de algo que a

princípio não parece ter importância. Entretanto, a dívida pode ser perdoada pelo duende, se a pessoa com quem ele fez o terrível pacto

adivinhe seu nome todo.) e gritá-lo bem alto. Mas eu não disse nada disso. Eu disse que estava em um ritmo razoável na faculdade; que eu

tinha que rede inir o que estudar signi icava, aprender alguns novos

hábitos. Mas eu ainda poderia conseguir. Com certeza poderia.

Ela icou lá por mais um instante, seus braços cruzados e suas mãos

enterradas nos bolsos de seu avental, ela parecia meio que com uma

mandarina chinesa quando ficava desse modo; e então ela disse:

– Eu sempre te amarei, Pete. Seu pai também. Ele não diz, mas ele sente.

Ambos sentimos. Sabe disso.

– Sim. – eu disse. – Eu sei disso. – eu me levantei e a abracei. Câncer pancreático foi o que a levou. Esse foi rápido ao menos, mas não o bastante.

Mas acho que nenhum deles é quando acontece a alguém que você ama.

– Mas você tem que dar duro em seus estudos. Rapazes que não têm dado

duro neles morrem na guerra. – ela sorriu. Não havia muito humor nisso. –

Você provavelmente sabe disso.

– Ouvi rumores.

– Você ainda está crescendo. – ela disse, empinando a cabeça.

– Eu acho que não.

– Sim. Ao menos um centímetro desde o verão. E seu cabelo! Por que não corta o seu cabelo?

– Eu gosto do jeito que ele está.

– Está grande como o de uma garota. Pegue meu conselho, Pete, corte seu

cabelo. Fique decente. Você não é um daqueles Rolling Stones ou Herman’s

Hermit, afinal de contas.

Eu cai na gargalhada. Não pude evitar.

– Eu gosto do jeito que ele está.

– Está grande como o de uma garota. Pegue meu conselho, Pete, corte seu

cabelo. Fique decente. Você não é um daqueles Rolling Stones ou Herman's

Hermit, afinal de contas.

– Vou pensar nisso, mamãe, certo?

– Faça isso. – ela me deu outro forte abraço, então me soltou. Ela parecia cansada, mas eu achei que ela parecia linda. – Eles estão matando os

garotos do outro lado do mar. – ela disse. – No começo eu achei que havia

uma boa razão para isso, mas seu pai diz que é loucura e eu não tenho certeza de que ele esteja errado. Estude muito.

Se você precisar de um extra para livros ou tutores, nós damos um jeito.

– Obrigado, mamãe. Você é um doce.

– Não. – ela disse. – Apenas uma velha com os pés cansados. Eu vou para a

cama.

Estudei por mais uma hora, então todas as palavras começaram a dobrar e

a triplicar na frente de meus olhos. Eu fui para cama mas não pude dormir.

Toda vez que eu tentava adormecer, eu me via pegando uma mão de Copas

examinando-a. Finalmente eu deixei meus olhos abrirem e apenas iquei

olhando para o teto. *Rapazes que não têm dado duro neles morrem na guerra,* minha mãe havia dito. E Carol disse que essa era uma boa época

para ser garota, Lyndon Johnson via isso.

Estamos caçando A Puta!

Passa pela esquerda ou pela direita?

Jesus Cristo, o escroto do Riley está acertando a lua!

Vozes em minha cabeça. Vozes parecendo penetrá-la por cada molécula de

ar.

Parar de jogar parecia a única solução sã para meus problemas, mas

mesmo com o salão do terceiro andar a milhas de distâncias ao norte de onde eu estava deitado, eu ainda estava algemado ao jogo, algemas estas

que pouco tinha a ver com sanidade ou racionalidade. Eu tinha acumulado

doze pontos no *super torneio*; apenas Ronnie, com quinze, estava na minha

frente. Eu não conseguia ver como poderia desistir destes doze pontos,

apenas sair de cena, e deixar o cabeça de vento do Malenfant com o

caminho livre. Carol havia me ajudado a manter Ronnie em um tipo de

perspectiva, me permitindo vê-lo como o gnomo feio, burro, e complexado

que era. Agora ela se fora. .

Ronnie também se vai em breve , a voz da razão interpôs. *Se ele durar até o fim do semestre será o maior dos milagres. Você sabe disso*.

Verdade. No ínterim, Ronnie não tinha nada exceto Copas, não é? Ele era tosco, gordo, e tinha os braços inos, um velho esperando para acontecer.

Ele usava um disfarce para ao menos esconder parcialmente seus

sentimentos massivos de inferioridade. Suas histórias sobre garotas eram

ridículas. Ele também não era muito inteligente, como alguns dos garotos

em perigo de serem reprovados (Skip Kirk, por exemplo). Copas e

boçalidade eram as únicas coisas em que Ronnie era bom, pelo que eu

posso dizer até hoje, então por que não apenas sair de cena e deixá-lo correr as cartas e correr sua boca enquanto ele puder?

Porque eu não queria, eis o motivo. Porque eu queria tirar aquele sorriso idiota de sua fuça espinhenta, e silenciar seus risos extravagantes. Era

mau, mas era a verdade.

Eu gostava mais de Ronnie quando ele estava irritado, quando ele me

olhava com seu cabelo cheio de gel caído em sua testa, e seu lábio puxado.

Também havia o próprio jogo. Eu amava jogar. Eu nem mesmo conseguia

parar de pensar nisso aqui, na minha cama de infância, então como eu

conseguiria icar longe do salão quando voltasse? Como eu poderia ignorar

Mark St. Pierre gritando para que eu me apressasse, pois tinha um lugar vago, com todos zerados no placar e o jogo começando? Cristo!

Eu ainda estava acordado quando o relógio cuco na sala abaixo de mim

cantou que eram duas horas. Eu me levantei, joguei meu velho roupão

xadrez no criado-mudo, e desci as escadas. Fiz um copo de leite e sentei-me à mesa da cozinha para beber. Não haviam luzes ligadas exceto a

luorescente acima do fogão, nenhum som exceto o dos móveis rangendo e

os roncos suaves de meu pai em seu quarto. Eu me senti meio

desorientado, como se a combinação de peru e as guloseimas houvesse

liberado um pequeno terremoto em minha cabeça. E seria o Dia de São

Nunca antes que eu pegasse no sono por ali.

Eu acabei olhando para a entrada. Lá, pendurada em um dos ganchos

acima da caixa de madeira estava minha jaqueta do colégio, a com um

grande GF branco na frente, uma letra em cada lado. Nada mais do que as

iniciais; eu não fui muito de esportes. Quando Skip me perguntou, pouco

tempo depois de termos nos conhecido na faculdade, se eu tivesse dito

alguma coisa, eu diria que para mim o M era de Masturbação (eu seria do

time principal, a punheta sem tirar as calças era minha especialidade). Skip

riu até chorar, e talvez tenha sido aí que começamos nossa amizade. Na

verdade, eu acho que poderia ter dito que o D seria de debate, ou

dramaturgia, mas eles não letras para essas coisas, dão? Não naquela

época e nem hoje.

O colégio parecia longe no passado para mim naquela noite, quase que

como em outro sistema planetário. . mas havia a jaqueta, um presente de

aniversário de meus pais no ano em que completei dezesseis. Eu fui até lá e a tirei do gancho. A apertei contra o rosto e cheirei seu aroma, lembrando do quinto ano com o Sr. Mezensik, o aroma amargo do apontador de lápis, as garotas sussurrando e rindo, os gritos fracos do lado de fora onde os garotos tinham aula de educação ísica e jogavam o que os esportistas chamavam de Vôlei Terapêutico. Eu vi que o lugar onde estivera a jaqueta no gancho continuava saliente com um tipo de covinha; a

maldita coisa talvez não houvesse sido usada, até mesmo por minha mãe, para sair para pegar a correspondência em suas saídas noturnas, desde Abril ou Maio passado.

Eu pensei em Carol congelada coberta de pontinhos no jornal, seu rosto sombreado por uma placa que dizia PARA FORA DO VIETNÃ AGORA!, seu rabo de cavalo deitado sobre o colarinho de sua própria jaqueta escolar. . e eu tive uma idéia.

Nosso telefone, um dinossauro da Bakelite com um discador rotativo, estava na mesa da sala de estar. Na gaveta abaixo dele estava a lista telefônica de Gates Falls, o livro de endereços de minha mãe, e uma bagunça de objetos. Um deles era um piloto negro. Eu o levei de volta para a mesa da cozinha e sentei novamente. Coloquei minha jaqueta escolar no meu colo, e então usei o piloto para fazer uma grande pegada de passarinho nas costas. Enquanto trabalhava senti a tensão nervosa saindo de meus músculos. Ocorreu a mim que eu poderia dar qualquer letra que

eu quisesse para mim mesmo, e de fato era quase isso que eu estava

fazendo.

Quando eu terminei, eu segurei a jaqueta e dei uma olhada. Na fraca luz branca da luz luorescente, o que eu desenhei pareceu ruim, declaratório,

e de certa forma infantil:

Mas eu gostei. Eu gostei daquele ilho da puta. Eu ainda não tinha certeza do que achava da guerra mesmo naquele momento, mas eu gostei muito da

pegada de passarinho. E eu senti que inalmente poderia ir dormir;

desenhá-la havia pedido muito de mim, de qualquer forma. Eu esvaziei

meu copo de leite e subi as escadas com a jaqueta sob o braço. Eu a en iei

no armário e me deitei. Eu pensei em Carol colocando minha mão dentro de seu suéter, e o gosto de seu hálito em minha boca. Eu pensei em como havia sido apenas nós atrás das janelas embaçadas de meu velho Station

Wagon, talvez nosso melhor momento. E pensei em como rimos vendo

pedaços do adesivo Goldwater saírem voando pelo estacionamento Steam

Plant. Eu pensava nisso quando adormeci.

Eu levei minha jaqueta customizada de volta para a faculdade na Segunda-

Feira dentro de minha maleta. Apesar de suas dúvidas sobre a guerra do

Sr. Johnson e do Sr.

McNamara, minha mãe tivera várias perguntas sobre a pegada de

passarinho, e eu não tinha respostas para dar, ainda não.

Eu me senti equipado ao usar a jaqueta, e eu estava. Eu derramei cerveja e

cinzas de cigarro nela, vomitei nela, sangrei nela, fui atacado com gás

lacrimogêneo em Chicago enquanto a usava e gritava que “o mundo todo

estava assistindo!” o mais alto que podia. Garotas choraram nas letras GF

costuradas na parte da frente (em meu último ano escolar aquelas letras

icaram cinza ao invés de brancas), e uma garota se deitou nela enquanto

fazíamos amor. Fizemos sem proteção, então provavelmente há um traço

de sêmen no tecido também. Na época em que deixei os Acres do LSD em

1970, o sinal de paz que eu havia desenhado na cozinha de minha mãe era

apenas uma sombra. Mas a sombra permanecia. Outros poderiam não vê-

la, mas eu sempre soube o que ela era.

29

Voltamos à faculdade na Segunda-Feira depois da Ação de Graças nesta

ordem: Skip às cinco (ele vivia em Dexter, de nós era o que morava mais próximo da faculdade), eu às sete, e Nate por volta das nove.

Eu liguei para o Franklin Hall mesmo antes de abrir a mala. Não, a garota

no balcão disse, Carol Gerber não havia voltado. Ela estava plenamente

relutante em dizer mais, mas eu a convenci. Havia dois cartões rosa de SAÍ

DA ESCOLA no balcão, ela disse. Um deles tinha o nome de Carol e o número do quarto nele.

Eu a agradeci e desliguei. Fiquei lá por um minuto, embaçando a janela da

cabine com a fumaça de meu cigarro, então me virei. Pelo corredor pude

ver Skip sentado em uma das mesas de jogos, pegando algumas cartas.

Eu às vezes me pergunto se as coisas teriam sido diferentes se Carol

houvesse voltado, ou mesmo se eu teria uma chance de alcançar Skip antes

que o salão do terceiro andar o fizesse. Entretanto, eu não consegui.

Eu iquei lá na cabine telefônica, fumando um Pall Mall e sentindo pena de

mim mesmo. Então pelo caminho, alguém gritou: “*Oh, merda, não! Eu não ACREDITO nessa porra*!”.

Ao que Ronnie Malenfant (de onde eu estava na cabine ele estava fora de

minha vista, mas sua voz era tão inconfundível como um som de uma serra

rasgando um pinheiro) berrou alegremente: “ *Uau, olhem para isso: Randy Echolls pega a Puta mais rápida da era pós-Ação de Graças*!”

Não entre lá, eu disse a mim mesmo. *Você está absolutamente fodido se o fizer, fodido de uma vez por todas*.

Mas é claro que eu fui. As mesas estavam cheias, mas havia outros três caras, Billy Marchan, Tony DeLucca, e Hugh Brennan, de pé. Poderíamos

pegar um canto, se quiséssemos.

Skip tirou os olhos de sua mão e me deu um “toca aqui” no ar esfumaçado.

– Bem-vindo de volta à sala dos loucos, Pete.

– Ei! – Ronnie disse, olhando em volta. – Olhem quem está aqui! O único cuzão neste lugar que quase consegue jogar um jogo! Onde esteve,

Risadinha?

– Lewiston. – eu disse. – Fodendo a tua mãe.

Ronnie cacarejou, suas bochechas espinhentas ficando vermelhas.

Skip olhava para mim seriamente, e talvez houvesse algo em seus olhos.

Não posso dizer com certeza. O tempo passa, Atlântida afunda mais e mais no oceano, e você tem uma tendência a romantizar. A miti icar. Talvez eu tenha visto que ele havia desistido, que ele pretendia icar aqui e jogar cartas e então ir para o que quer que houvesse em seguida; talvez ele

estivesse me dando permissão para ir em minha própria direção. Mas eu

tinha dezoito anos, e era como Nate em mais aspectos do que eu gostaria de admitir. Eu também nunca tive um amigo como Skip. Skip era

destemido, Skip dizia que se fodam as outras palavras, quando Skip ia

comer no Palácio, as garotas não tiravam os olhos dele. Ele era o tipo de ímã de gatas que Ronnie apenas seria em seus sonhos mais deprimidos.

Mas Skip também tinha uma falha dentro dele, algo como um pedaço de

osso que pode, depois de anos sendo inofensivo, atravessar seu coração ou

obstruir seu cérebro. Ele sabia disso também. Mesmo então, com o colégio

grudado em mim como uma placenta, mesmo então quando ele ainda

pensava que de algum modo acabaria ensinando no colégio ou treinando

times de beisebol, ele sabia. E eu o amava. Sua aparência, seu sorriso, seu

andar e modo de falar. Eu o amava, e eu não iria deixá-lo.

– Então. – eu disse para Billy, Tony, e Hugh. – Vocês querem aprender uma

lição?

– Níquel por ponto! – Hugh disse, rindo como um maníaco. Merda, ele *era* um maníaco. – Vamos nessa! Embaralhe e passe!

Logo estávamos no canto, todos os quatro fumando furiosamente enquanto

as cartas voavam. Eu lembro do estudo desesperado que tivera no feriado;

de minha mãe me dizendo que garotos que não davam duro nos estudos

morriam na guerra. Eu me lembro destas coisas, mas elas parecem tão

distantes quanto fazer amor com Carol em meu carro enquanto The

Platters cantavam "Twilight Time".

Eu olhei para cima uma vez e vi Stoke Jones no umbral, curvado em suas muletas e olhando para nós com seu usual e distante desdém. Seu cabelo

negro estava mais grosso do que nunca, enrolado de um modo louco sobre

suas orelhas e pesado contra o colarinho de seu suéter. Ele fungava

firmemente, seu nariz escorria, e seus olhos lacrimejavam, mas não parecia

mais doente do que estava antes do feriado.

– Stoke! – eu disse. – Como vai?

– Oh, bem, quem sabe. – ele disse. – Melhor do que você, talvez.

– Junte-se a nós, Matador, pega um banquinho. – Ronnie disse. – Nós te ensinamos como jogar.

– Você não sabe de nada que eu queria aprender. – Stoke disse, e saiu batendo as muletas ao chão. Nós ouvimos suas muletas pararem e um

breve acesso de tosse.

– Aquela bicha aleijada me ama. – Ronnie disse. – Ele só não sabe como demonstrar.

– Eu vou te mostrar uma coisa se não sacar logo essas malditas cartas. –

Skip disse.

– Estou com tanto medo, estou com medinho. – Ronnie disse imitando o

Hortelino em uma voz que apenas ele achava legal. Ele pousou a cabeça no

ombro de Mark St. Pierre para demonstrar o quão assustado ele estava.

Mark levantou o braço, com força.

– Sai de perto de mim, porra. Essa camisa é nova, Malenfant, eu não quero

que você a manche com pus de espinha.

Antes que a cara de Ronnie se iluminasse de surpresa e ele começasse a cacarejar de tanto rir, eu percebi um momento de dor desesperada ali. Isso

me deixou imobilizado. Os problemas de Ronnie podem ser genuínos, mas

eles não facilitam nem um pouco para tentarem gostar dele. Para mim ele

era só um idiota que sabia jogar cartas.

– Vamos. – eu disse para Billy Marchant. – Rápido com estas cartas. Eu quero estudar um pouco mais tarde. – mas é claro que nenhum estudo foi

feito por qualquer um de nós naquela noite. Ao invés de se apagar no

feriado, a febre estava mais forte e mais quente do que nunca.

Eu desci o corredor por volta das dez e meia para pegar um maço de

cigarros e sabia que Nate estava de volta mesmo enquanto estava a seis

dormitórios de distância.

“Love Grows (Where My Rosemary Goes)” saia do quarto que Nick Prouty

dividia com Barry Margeaux, mas um pouco depois eu podia ouvir Phil Ochs cantando “The Draft Dodger Rag”.

Nate estava no fundo de seu armário, pendurando suas roupas. Não só era

ele a única pessoa que eu conhecia que usava pijamas na faculdade, como

também a única a usar cabides. A única coisa que eu mesmo havia

pendurado era minha jaqueta escolar.

Agora eu a peguei e comecei a remexer nos bolsos à procura dos cigarros.

– Ei, Nate, como vai? Conseguiu molho de oxicoco o su iciente para te

prender?

– Eu. . – ele começou, então viu as costas de minha jaqueta e estourou em risadas.

– O que foi? – eu perguntei. – *Isso* é tão engraçado assim?

– De certo modo. – ele disse, e se inclinou ainda mais no armário. – Olhe. –

ele reapareceu com um velho casaco da Marinha nas mãos. Ele o virou

para que eu pudesse ver as costas. Nela, mais elegante que o meu trabalho

à mão, estava uma pegada de passarinho. Nate havia feito o seu com uma

fita adesiva prateada brilhante. Desta vez ambos rimos.

– Cal e Hal, eles pensam igual. – eu disse.

– Besteira. Grandes mentes estão sintonizadas nos mesmo canal.

– É isso que significa?

– Bem. . é o que eu gosto de pensar. Isto signi ica que você mudou de idéia

quanto à guerra, Pete?

– Que idéia? – eu perguntei.

30

Andy White e Ashley Rice nunca voltaram para a faculdade (oito fora, agora).

Para o resto de nós havia uma óbvia mudança para a pior nos três dias que antecederam a primeira tempestade de inverno. Óbvio para qualquer

outra pessoa. Se você estava dentro da coisa, queimando de febre, tudo

parecia apenas um ou dois passos normais ao norte.

Antes do feriado de Ação de Graças, os quartetos de carta no salão tinham

uma tendência a se quebrar e se reformar durante as semanas escolares;

às vezes eles morriam todos juntos enquanto os rapazes estavam na aula.

Agora os grupos se tornavam quase estáticos, as únicas mudanças

ocorriam quando alguém cambaleava para a cama para escapar das

habilidades de Ronnie e a matraca constante. Esta mudança havia

acontecido porque a maioria dos jogadores do terceiro andar não havia

retornado para continuar os estudos; Barry, Nick, Mark, Harvey, e eu não sei quantos outros mais havia desistido de se formar. Eles haviam

retornado apenas para continuar suas jornadas em busca de “match

points” totalmente sem valores. Muitos dos garotos no Chamberlain Três

estavam icando especialistas em Copas. Skip Kirk e eu, é triste dizer,

estávamos entre eles. Eu fui para uma duas aulas na Segunda-Feira, então

mandei tudo às favas, e parei de ir ao resto. Não fui a nenhuma na Terça-

Feira, joguei Copas em meus sonhos na Terça-Feira à noite (em um

fragmento eu me lembro de largar A Puta e ver que a cara dela era a de Carol), então passei a Quarta-Feira inteira jogando pra valer.

Geologia, sociologia, história. . todos os conceitos sem qualquer significado.

No Vietnã, uma frota de B-52s atingiu uma área vietcongue fora de Dong

Ha.

Eles também conseguiram atingir uma companhia de fuzileiros navais,

matando doze e ferindo quarenta (oooops, que merda). E a previsão para

Quinta-Feira era neve pesada virando chuva e chuva gelada durante a

tarde. Poucos de nós notaram isso; certamente eu não tinha razão para

pensar que a tempestade poderia mudar o curso de minha vida.

Eu fui para casa à meia-noite na Quarta-Feira e tive um sono pesado. Se eu

tive sonhos sobre Copas ou Carol Gerber, eu não me lembro. Quando eu

acordei às oito da manhã de Quinta-Feira nevava tão forte que eu mal

conseguia ver as luzes do Franklin Hall. Eu tomei banho, então fui para o corredor ver se o jogo já havia começado. Havia uma mesa funcionando,

Lennie Doria, Randy Echolls, Billy Marchant, e Skip. Eles pareciam pálidos,

eriçados, e cansados, como se não tivessem dormido. Provavelmente não

tinha. Eu me inclinei sobre a porta, observando o jogo. Lá fora na neve, algo

bem mais interessante do que as cartas estava acontecendo, mas nenhum

de nós soube disso até mais tarde.

31

Tom Huckabee vivia no King, o outro complexo de dormitórios masculino.

Becka Aubert vivia no Franklin. Eles estavam mais íntimos nas últimas três

ou quatro semanas, e isso incluía comer juntos. Eles voltavam do café-damanhã naquela manhã de neve de Novembro quando eles viram alguma

coisa impressa no lado norte do Chamberlain Hall. Esse era o lado que

icava de frente para o resto do campus. . que icava de frente para o

Anexo Leste em particular, onde grandes corporações faziam suas

entrevistas de emprego.

Eles se aproximaram, saindo do caminho e pisando na neve (dez

centímetros de neve haviam caído).

– Olhe. – Becka disse, apontando para a neve. Havia excêntricas marcas ali,

não pegadas, mas marcas de algo arrastado, e profundos buracos correndo

em linhas por fora. Tom Huckabee disse que elas o lembraram as marcas

feitas por pessoas andando esquis com aquelas varas nas mãos. Nenhum

deles imaginou que alguém usando muletas poderia ter feito aquelas

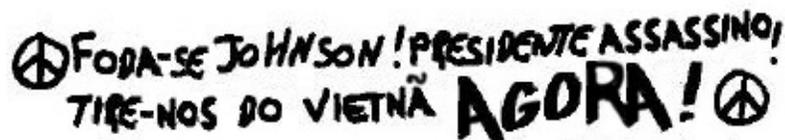
marcas. Nenhum deles.

Eles se aproximaram da lateral do dormitório. As letras eram grandes e

negras, mas naquele momento a neve era tão pesada que eles tiveram que

se aproximar bem mais da parede antes que conseguissem ler as palavras,

que haviam sido gravadas por alguém com uma lata de tinta em spray. . e

muito puto, considerado a aparência da mensagem. Novamente, nenhum

deles pensou que alguém tentando escrever uma mensagem com tinta em

spray ao mesmo tempo em que tentava se segurar em suas muletas não

conseguiria escrever a mensagem de um jeito muito reto.

A mensagem dizia:

32

Eu tenho lido que muitos criminosos (talvez os grandes criminosos) na

verdade querem ser apanhados. Eu acho que esse foi o caso de Stoke

Jones. O que quer que ele tenha vindo procurar na Universidade do Maine,

ele não estava encontrando. Eu acredito que ele decidiu que era hora de partir. . e se ele ia, ele iria fazer o maior gesto que um cara de muletas poderia fazer antes de partir.

Tom Huckabee contou a dúzias de garotos sobre o que estava pichado em

nosso dormitório; e o mesmo fez Becka Aubert. Uma das pessoas a quem

ela contou foi Marjorie Stuttenheimer. Marjorie se tornou uma igura e

tanto no campus em 1969, como fundadora e presidente dos Cristões da

Faculdade da América. A CFA dava suporte à guerra no Vietnã e a cabine

deles no Memorial da União vendia pequenos buttons para lapela em

forma de bandeira que Richard Nixon fizera tão popular.

Eu tinha que trabalhar na hora do almoço Quinta-Feira, no Palácio das

Planícies, e embora eu desistisse das aulas, nunca passou pela minha

cabeça desistir de meu emprego (eu não fui feito deste modo). Eu dei meu

assento no salão para Tony DeLucca e fui para o Holyoke por volta das

onze horas para começar meu trabalho de lavar pratos. Eu vi um grupo

bem cheio de estudantes reunidos na neve, olhando para algo do lado

norte de meu dormitório. Eu fui ver, li a mensagem, e no mesmo instante soube quem a pichara.

Na Estrada de Bennett, um sedan azul da Universidade do Maine e um dos dois carros de polícia da Universidade estavam estacionados no caminho

que levava à porta lateral do Chamberlain. Margie Stuttenheimer estava lá,

parte de um pequeno grupo que consistia em quatro policiais do campus, o

“Decano dos Homens”, e Charles Ebersole, o Diretor Disciplinar da

Universidade.

Havia talvez cinqüenta pessoas na multidão quando eu me juntei a eles;

nos cinco minutos em que eu iquei lá esfregando o pescoço, o número

subiu para setenta e cinco. Quando eu havia terminado meu expediente de

uma e quinze e voltei para o Chamberlain, havia provavelmente duzentas

pessoas reunidas em pequenos grupos. Eu suponho que seja di ícil de

acreditar que uma simples pichação tenha atraído tanta atenção,

especialmente num dia de merda como aquele, mas estamos falando de um

mundo muito diferente, um onde nenhuma revista da América (exceto,

muito ocasionalmente, *Popular Photography*) mostraria um nu tão nu que os pêlos púbicos da pessoa icariam à mostra, onde nenhum jornal se

atreveria a sequer sussurrar sobre a vida sexual de qualquer igura

política. Isso foi antes de Atlântida afundar; isso foi muito antes em um mundo onde pelo menos um comediante era preso por dizer “foda”

em público, e onde outro observava no *The Ed Sullivan Show* que você podia espetar o dedo, mas não dedar seu espeto. Era um mundo onde

algumas palavras ainda chocavam.

Sim, nós conhecíamos foda. É claro que sim. Nós *dizíamos* foda o tempo todo: foda-se, foda-se seu cão, vá ter uma foda na porra duma cama, foda-se o pato, ei, foda-se tua irmã, o resto de nós fodeu. Mas lá, escrito em letras pretas de um metro e meio, estavam as palavras *FODA-SE JOHNSON*.

Foda-se *o Presidente dos Estados Unidos! E PRESIDENTE ASSASSINO*!

Alguém havia chamado *o Presidente dos Estados Unidos da América de assassino*! Não podíamos acreditar.

Quando eu voltei de Holyoke, o outro carro da polícia do campus havia

chegado e havia seis policiais (quase toda a maldita força, eu calculei), tentando colocar uma grande lona amarela em cima da mensagem. A

multidão murmurou, então começou a vaiar. Os policiais olharam para eles,

irritados. Um gritou para que eles apartassem, para irem embora, que eles

tinham todos os lugares para ir. Isso poderia ser verdade, mas

aparentemente a maioria deles gostava de icar lá, porque a multidão não diminuiu muito.

O policial segurando a ponta esquerda da lona escorregou na neve e caiu de cara.

Alguns espectadores aplaudiram. O policial que havia escorregado olhou

na direção do som com uma expressão do mais negro dos ódios

momentaneamente congestionando sua face, e para mim foi aí que as

coisas realmente começaram a mudar, quando as gerações inalmente

começaram a avançar.

O policial que havia escorregado se virou para o outro lado, e começou a lutar com o pedaço de lona novamente. No im eles conseguiram cobrir o

primeiro sinal de paz e o FODA-SE de FODA-SE JOHNSON! E assim que a

palavra realmente má havia sido coberta, a multidão começou a apartar. A

neve estava mudando para um granizo e icar por ali havia se tornado

desconfortável.

– É melhor não deixar os policiais verem as costas de sua jaqueta. – Skip disse, e eu olhei em volta. Ele estava ao meu lado em um suéter com capuz,

suas mãos dentro dos bolsos da frente. Seu hálito saiu de sua boca em

plumas congeladas; seus olhos nunca deixaram os policiais do campus e a

parte da mensagem que ainda estava descoberta: JOHNSON! PRESIDENTE

ASSASSINO! TIRE-NOS DO VIETNÃ

AGORA! – Eles vão achar que foi você. Ou eu.

Sorrindo um pouco, Skip se virou. Nas costas de seu suéter, desenhado em

tinta vermelha brilhante estava outra daquelas pegadas de passarinho.

– Jesus. – eu disse. – Quando você fez isso?

– Esta manhã. – ele disse. – Eu vi o de Nate. – ele deu de ombros. – Era legal demais para não copiar.

– Eles não vão achar que fomos nós. Nem por um minuto.

– Não, eu suponho que não.

A única pergunta era por que eles ainda não estavam interrogando Stoke. .

não que eles tivessem que fazer muitas perguntas para tirar a verdade

dele. Mas se Eversole, o Diretor Disciplinar, e Garretsen, o "Decano dos Homens", *não estavam* falando com ele era apenas porque eles ainda não haviam falado com. .

– Onde está Dearie? – eu perguntei. – Você sabe? – O granizo caia forte agora, atingindo as árvores e machucando cada centímetro de pele

exposta.

– O jovem e heróico Sr. Dearborn está jogando areia na neve das calçadas

e estradas com uma dúzia ou mais de seus amiguinhos do CTOR. – Skip

disse. – Nós os vimos do salão. Eles estavam dirigindo por ai em um

caminhão de verdade do exército.

Malenfant disse que os pintos deles icarão tão duros que não poderão

dormir por cima deles por uma semana. Achei que essa foi boa, para

Ronnie.

– Quando Dearie voltar. .

– É, quando ele voltar. – Skip deu de ombros, como se para dizer que

estava além de nosso controle. – Enquanto isso, vamos sair dessa poça de policiais e jogar cartas, o que me diz?

Eu queria dizer muitas coisas sobre muitas coisas. . mas novamente eu não

o fiz.

Eu voltei para dentro, e ao meio-dia o jogo estava a todo vapor novamente.

Havia cinco sub-jogos de quatro mãos acontecendo, o salão estava azul com

a fumaça, e alguém havia trazido um fonógrafo para que pudéssemos ouvir

os Beatles e os Stones. Alguém mais havia feito um disco só com "96 Tears"

e ele girou por uma hora sem parar: chore, chore, chore. As janelas davam

uma boa visão da Fuga de Bennett e da Caminhada de Bennett, e eu

continuei a olhar lá para fora, esperando ver David Dearborn e alguns de

seus amigos de caqui olhando para o lado norte do dormitório, talvez

discutindo se deveriam ir atrás de Stoke Jones com suas carabinas, ou

apenas persegui-lo com suas baionetas. É claro que eles não fariam nada

assim. Eles poderiam gritar “Mate o congue! Vá EUA!” enquanto faziam

exercícios no campo de futebol, mas Stoke era um aleijado. Eles icariam

felizes apenas por ver sua amada bunda comunista ser presa e levada da Universidade do Maine.

Eu não queria que isso acontecesse, mas eu não via como não iria. Stoke tivera uma pegada de passarinho nas costas de seu casaco desde o começo

da faculdade, muito antes do resto de nós saber do que se tratava, e Dearie

soubesse. Além disso, Stoke iria admitir. Ele lidava com Dean e as

perguntas dos Diretores Disciplinares do mesmo como que lidava com

suas muletas: a toda velocidade.

E de qualquer modo, a coisa toda pareceu distante, tá? Do modo como as aulas pareceram. Do modo como Carol pareceu, agora que eu entendia que

ela realmente havia ido embora. O modo como o conceito de ser

arrebatado e jogado para morrer na selva pareceu. O que parecia real e

imediato era caçar aquela Puta má, ou acertar a luta, ou qualquer um em sua mesa com vinte e seis pontos numa tacada só. O que parecia real era Copas.

Mas então, algo aconteceu.

33

Por volta das quatro horas, o granizo se transformou em chuva, e pelas

quatro e meia, começou a ficar escuro, nós podíamos ver a Pista de Bennett

estava sobre dez centímetros de água. A maior parte da Trilha parecia um

canal. Abaixo da água estava uma espécie de gelatina de gelo que derretia.

O ritmo dos jogos diminuiu enquanto assistíamos os infelizes que

trabalhavam sair de seus dormitórios para trabalhar no Palácio das

Planícies. Alguns deles (os mais espertos), cortavam caminho pela encosta

da subida, fazendo seus caminhos pela neve que derretia rapidamente. Os

outros foram pelas estradas, escorregando e deslizando em suas

super ícies traiçoeiramente geladas. Um nevoeiro grosso começou a subir

do chão molhado, fazendo icar mais di ícil para as pessoas verem para

onde iam. Um cara do King encontrou uma garota do Franklin onde os

caminhos se encontravam. Quando começaram a andar pela Trilha de Bennett juntos, o rapaz escorregou e se agarrou à menina. Eles quase

foram ao chão juntos, mas conseguiram se equilibrar. Todos nós

aplaudimos.

Na minha mesa começamos a mostrar as cartas. O amigo astucioso de

Ronnie, Nick passou uma mão de incríveis treze cartas, talvez a melhor

oportunidade que eu tenha tido. Era uma oportunidade de acertar a lua:

seis copas altas e nenhuma baixa, o rei e a rainha de espadas, mais outras

cartas dos outros dois naipes também; ninguém espera que você acerte a

lua em uma situação onde você não pode aumentar sua mão original.

Lennie Doria jogou O Otário para nos pegar desprevenidos. Ronnie

imediatamente jogou um ás, se livrando do ás de espadas. Ele achou que

foi uma boa.

Eu também; minhas duas cartas de espadas eram agora ambas

vencedoras. A rainha valia treze pontos, mas se eu pegasse todas as copas,

eu não teria que comer estes pontos; Ronnie, Nick e Lennie teriam.

Eu deixei Nick jogar. Nós jogamos mais três rodadas, primeiro Nick, e então

Lennie que minou o jogo de ouros, e então eu peguei o dez de copas

misturando em uma mão.

– Corações foram partidos e Riley come o primeiro. – Ronnie caçoou

alegremente. – Você está acabado, caipira!

– Talvez. – eu disse. E talvez, eu pensei, Ronnie Malenfant estaria rindo pelo outro lado da cara. Com um acerto de sucesso, eu poderia fazer o

idiota do Nick Prouty ultrapassar os cem pontos e custar a Ronnie um jogo

que ele estava para ganhar.

Três rodadas depois o que eu estava fazendo se tornou quase óbvio. Como

eu esperava, o sorriso de Ronnie se transformou na expressão que eu mais

gostava de ver em sua cara: o beicinho mal humorado.

– Você não pode. – ele disse. – Eu não acredito. Não contra uma mão

dessas.

Você não tem a porra das cartas. – mas ainda assim ele sabia que era

possível. Estava em sua voz.

– Bem, vejamos. – eu disse, e joguei o ás de copas. Eu estava correndo em

terreno aberto agora, mas por que não? Se as copas fossem jogadas

calmamente, eu poderia vencer o jogo. – Vamos ver o que nós. .

– Olhem! – Skip chamou da mesa mais próxima da janela. Sua voz

ostentava descrença e uma espécie de medo. – Jesus Cristo, é o porra do Stokely!

O jogo parou. Todos nos levantamos de nossa cadeira para olhar pela

janela para o mundo escuro e gotejante abaixo de nós. O quarteto de

garotos no canto se levantou para ver. As velhas lamparinas de ferro da Trilha de Bennett jogavam fracos raios de eletricidades no chão coberto

pelo nevoeiro, me fazendo pensar em Londres, na Tyne Streetm e em Jack,

o Estripador. De seu lugar na colina, o Holyoke Commons pareceu mais

com um navio do que nunca. Sua forma acenava enquanto a chuva escorria

pelas janelas do salão.

– Maldito Matador, lá fora *nesta* merda. . eu não acredito nisso. – Ronnie disse.

Stoke desceu o caminho rapidamente que levava para a entrada norte do

Chamberlain, até ao lugar onde os caminhos de asfalto se juntavam na

parte mais baixa da Pista de Bennett. Ele usava seu velho casaco, e estava

claro que ele não acabara de vir do dormitório; o casaco estava ensopado.

Mesmo através da janela molhada podíamos ver o sinal de paz em suas

costas, tão negro quando as palavras que agora estavam parcialmente

cobertas por um quadrado da lona amarela (se é que ela ainda estava de pé). Seu cabelo rebelde estava encharcado e submisso.

Stoke nunca olhou na direção de seu PRESIDENTE ASSASSINO de gra ite,

apenas seguiu com suas muletas na direção da Trilha de Bennett. Ele ia

mais rápido do que eu o já vira se mover, prestando nenhuma atenção

para a chuva, o nevoeiro que surgia, ou a lama sob suas muletas. Ele

queria cair? Ele estava desa iando a maldita a fazê-lo cair? Eu não sei.

Talvez ele estivesse muito aprofundado em seus pensamentos para ter

qualquer idéia do quão rápido ele ia, ou o quão ruim eram as condições. De

qualquer forma, ele não iria muito longe se não pegasse leve.

Ronnie começou a rir, e o som se espalhou pelo caminho como pequenas chamas se espalhando pela palha seca. Eu não queria me juntar, mas não

consegui evitar. E, eu vi, nem Skip. Parcialmente porque a risada era

contagiosa, mas porque era realmente engraçado. Eu sei como isso soa

cruel, claro que sei, mas eu já cheguei longe demais para não contar a verdade sobre aquele dia. . e *este* dia, quase meia vida depois.

Porque ainda parece engraçado para mim, e eu ainda sorrio quando eu

penso em como ele estava parecendo, um relógio frenético de brinquedo

em um velho casaco, escalando a lama através da chuva com suas muletas

espalhando água por onde ele passava. Você sabia o que ia acontecer, você

simplesmente *sabia*, e essa era a parte mais engraçada de todas. . a pergunta era só o quão longe ele conseguiria ir antes de capotar

inevitavelmente.

Lennie estava urrando com uma mão apertada contra o rosto, olhando

entre seus dedos espalhados, seus olhos piscando. Hugh Brennan estava

segurando sua barriga não ignorável e zurrando como um burro, quando

ele quase caiu, mas conseguiu manter seu equilíbrio balançado. Todos nós

aplaudimos.

Mark St. Pierre berrava descontroladamente e dizia que iria se mijar nas calças, que havia bebido muita Coca-Cola e que iria molhar a calça toda. Eu

ria tanto que não consegui segurar minhas cartas; os nervos de minha mão

direita morreram, meus dedos relaxaram, e aquelas últimas cartas

vencedoras lutuaram até meu colo. Minha cabeça latejava e meu pulmão

estava cheio.

Stoke chegou no fundo do declive, onde a Trilha começava. Lá ele parou

por alguma razão, e deu um louco giro parecendo se segurar em uma

muleta. A outra muleta ele segurou como se fosse uma metralhadora, como

se em sua mente ele estivesse pichando o campus inteiro. . Matem os

congues! Estripem os monitores! Detonem os CDFs!

– *Eeeee. . o júri Olímpico dá a ele. . DEZ UNÂNIME*! – Tony DeLucca falou em uma perfeita imitação de um narrador esportivo. Era o toque inal; o lugar

virou uma bagunça na mesma hora. Cartas voaram por todos os lugares,

cinzeiros foram jogados, e um de vidro (a maioria era apenas de alumínio)

quebrou. Alguém caiu da cadeira e começou a rolar no chão, berrando e

chutando. Cara, nós simplesmente não conseguíamos parar de rir,

– É isso! – Mark berrou. – Acabei de ensopar minhas calças! Não consegui

evitar! – atrás dele Nick Prouty ia até a janela de joelhos, com as lágrimas

descendo pelo seu rosto em chamas e suas mãos para cima, o gesto

indizível de alguém que implora para que parem de fazer tal coisa, parem

antes que estoure a porra do meu cérebro bem aqui.

Skip se levantou, virando sua cadeira. Eu me levantei, rindo até chorar, nos

seguramos um no outro e olhamos pela janela com nossos braços

agarrados nas costas do outro. Abaixo, sem saber que estava sendo

assistido e causando um ataque de risos em duas dúzias mais ou menos de

jogadores de cartas enlouquecidos, Stoke Jones ainda estava,

incrivelmente, de pé.

– Vai Matador! – Ronnie começou a cantar. – Vai Matador! – Nick se juntou

a ele. Ele havia alcançado e batia a testa nela, ainda rindo.

– Vai, Matador!

– Vai, garotão!

– Vai nessa!

– Manda brasa, Matador! Acaba com eles!

– Sebo nas muletas, chefão!

– *Vai seu maldito Matador*!

Era igual a uma última jogada de futebol, exceto que todos cantavam *Vai*, *Matador,* ao invés de *Segure essa linha* ou *Bloqueie esse chute*. Quase todo mundo; eu não cantava, eu não acho que Skip estivesse, tampouco, mas nós

ríamos. Ríamos tanto quanto os outros.

De repente eu pensei na noite em que Carol e eu nos sentamos nas lixeiras

ao lado do Holyoke, a noite em que ela havia me mostrado sua foto com seus amigos de infância. . e então me contou a história do que aqueles

outros garotos haviam feito a ela.

O que haviam feito com o bastão de beisebol. *No começo eles estavam brincando, eu acho*, Carol havia dito. E então eles tinham começado a rir?

Provavelmente, é. Porque era isso que você fazia quando estava brincando,

se divertindo, você ria.

Stoke parou onde estava por um momento, se segurando nas muletas com

a cabeça abaixada. . e então ele atacou a colina como um Fuzileiro Naval chegando em terra irme em Tarawa. Ele seguiu pela Trilha de Bennett,

espalhando água por todo o canto com suas muletas voadoras; era como

assistir um coelho com raiva.

O canto icou ensurdecedor: VAI, MATADOR! VAI, MATADOR! VAI,

MATADOR!

No começo eles estavam brincando, ela disse onde nos sentamos, fumando

nossos cigarros. Mas então ela estava chorando, lágrimas prateadas com a

luz branca do salão de jantar acima de nós. *No começo eles estavam*

brincando. . e então não estavam mais.

Aquele pensamento terminou a piada de Stoke para mim, eu juro para

você que sim. E ainda assim eu ainda não conseguia parar de rir.

Stoke conseguiu chegar em um terço do caminho acima na direção do

Holyoke, onde os tijolos agora eram quase visíveis de novos, antes que

inalmente a lama escorregadia o pegasse. Ele plantou as muletas longe

demais do seu corpo, longe demais para aquelas condições úmidas, e

quando ele se balançou para frente, ambas as muletas voaram de suas

mãos. Sua pernas subiram como as pernas de um ginasta fazendo um

movimento fabuloso na barra de equilíbrio, e ele caiu de costas com um

tremendo borrifo. Conseguimos ouvir mesmo do salão do terceiro andar.

Foi o toque final perfeito.

O salão parecia um hospício onde todos os internos haviam caído no chão por causa de alguma comida envenenada ao mesmo tempo. Cambaleamos

sem direção, rindo e segurando nossas gargantas, nossos olhos brotavam

lágrimas. Eu me segurava em Skip porque minhas pernas já não

conseguiam me segurar; meus joelhos pareciam feitos de macarrão. Foi a

maior crise de riso que eu tive em toda a minha vida, a maior que tive desde então, eu acho, e ainda assim eu continuava em pensar em Carol

sentada lá ao meu lado na lixeira, as pernas cruzadas, um cigarro na mão,

a foto na outra, Carol dizendo *Harry Doolin me bateu. Willie e o outro me seguraram para que eu não pudesse fugir. . no começo eles estavam brincando, eu acho, e então. . não estavam mais.*

Lá fora na Trilha de Bennett, Stoke tentou se sentar. Ele tirou a parte superior de seu corpo fora da água. . e então deitou, completamente, como

se a água gelada e lamacenta fosse uma cama. Ele levantou ambas as mãos

para o céu num gesto quase invocatório, então as deixou cair novamente.

Foi cada rendição já dada somada em três movimentos: deitar, levantar os

braços, e o duplo borrifo que izeram quando caíram nos lados. Foi o foda-

se definitivo, façam o que quiser, eu desisto.

– Vamos. – Skip disse. Ele ainda ria, mas também estava completamente

sério.

Eu podia ouvir a seriedade em sua voz risonha e vê-la em sua face

contorcida histericamente. Eu estava feliz por ela estar assim, Deus eu

estava feliz. – Vamos, antes que o maldito filho da puta se afogue.

Skip e eu corremos pela porta do salão ombro a ombro e descemos o

terceiro andar, batendo um no outro como bolas de liperama, encostando,

quase sem controle, enquanto Stoke estava lá no caminho. A maioria dos

outros nos seguiu. O único que eu tenho certeza de que não foi, foi o Mark;

ele foi para o quarto trocar suas calças mijadas.

Encontramos com Nate no segundo andar, quase o atropelamos. Ele estava

lá com os braços cheios de livros em um saco plástico, olhando para nós com algum alarme.

– Carambola. – ele disse. Esse era o Nate em seu melhor, *carambola*. – O

que há de errado com vocês.

– Vamos. – Skip disse. Sua garganta estava tão fechada que as palavras

saíram num latido. Se eu não estivesse com ele antes, acharia que ele havia

acabado de choramingar. – Não é nós, é o maldito Jones. Ele caiu. Ele

precisa. . – Skip explodiu em risos, daqueles que fazem a barriga doer, que

o dominaram novamente. Ele caiu contra a parede, rolando os olhos em

uma hilária exaustão. Ele balançou a cabeça como se tentasse negar, mas é

claro que não se pode negar um riso; quando ele chega, pega a sua cadeira

favorita e ica lá sentado o quanto quiser. Aacima de nós, as escadas

começaram a trovejas com a descida dos jogadores do terceiro andar. – Ele precisa de ajuda. – Skip terminou, enxugando os olhos.

Nate olhava com crescente espanto.

– Se ele precisa de ajuda, por que vocês estão rindo?

Eu não poderia explicar a ele. Inferno, eu não conseguia explicar nem a mim mesmo. Eu peguei Skip pelo braço e segui em frente. Começamos a

descer para o primeiro andar. Nate nos seguiu. Assim como os outros.

34

A primeira coisa que eu vi quando saímos pela porta norte foi o retângulo

amarelo da lona. Estava no chão, cheia de água onde lutuava lama por

cima. Então a água no caminho começou a molhar meus tênis e eu esqueci

tudo sobre aquela visão. Eu estava congelando. A chuva caiu em minha

pele exposta como agulhas que não eram exatamente gelo.

Na Pista de Bennett a água estava batendo no calcanhar, e meu pé saiu do

estado de frio para dormente. Skip escorregou e eu o segurei pelo braço.

Nate nos segurou por trás e nos manteve andando. A nossa frente

conseguíamos ouvir o som nojento que era meio uma tosse meio sufocada.

Stoke estava deitado na água como um tronco sólido, seu casco lutuando

ao redor de seu corpo e aquelas massas de cabelo preto lutuando ao

redor de sua cara. A tosse era profunda e bronquial. Gotículas saiam de seus lábios a cada tosse sufocada. Uma de suas muletas estava próxima a ele, presa entre seu braço e o lado de seu corpo. A outra lutuava longe na

direção do Corredor de Bennett.

Água batia sobre a pálida face de Stoke. Sua tosse evoluiu para um

gargarejo estrangulado. Seus olhos virados para cima para a chuva e para

neblina. Ele não parecia ter percebido a nossa chegada, mas quando eu me

ajoelhei ao seu lado e Skip no outro, ele tentou nos bater com suas mãos. A

água caiu em sua boca e ele começou a sufocar.

Ele estava se afogando na nossa frente. Eu já não sentia mais vontade de rir, mas eu poderia estar. No começo eles estavam brincando, Carol disse.

No começo eles estavam brincando. Ligue o rádio, Pete, eu gosto das

músicas clássicas.

– Levantem-no. – Skip disse, e pegou um dos ombros de Stoke. Stoke lhe deu um tapa fraco com uma mão pálida como cera. Skip ignorou isso, acho

que nem sentiu.

– Depressa, pelo amor de Deus.

Eu peguei o outro ombro de Stoke. Ele jogou água na minha cara como se pensasse que estávamos numa merda de piscina de quintal. Eu achei que

ele estaria tão gelado quanto eu, mas não havia febre vinda de sua pele. Eu

olhei de seu corpo encharcado para Skip. Skip assentiu de volta.

– Pronto. . prepare-se. . *agora*. – izemos força. Stoke saiu parcialmente da água (da cintura para cima), mas isso foi tudo. Eu iquei surpreso pelo seu

peso. Sua camisa havia saído de dentro de suas calças e lutuava ao redor

de sua cintura como um tutu de bailarina. Abaixo disso eu podia ver o

escuro buraco de seu umbigo. Havia cicatrizes ali também, cicatrizes

curadas expostas como fios de rosnados animados.

– Me ajude, Nate! – Skip grunhiu. – Levante-o, pelo amor de Deus! – Nate se ajoelhou, molhando a nós três, e pegou Stoke em uma espécie de abraço

ao avesso. Nós lutamos para levantá-lo e tirá-lo da poça, mas a lama nos tijolos continuava a nos desequilibrar, fazendo ser impossível para nós

trabalharmos juntos. E Stoke, embora ainda tossindo e meio afogado,

também estava trabalhando contra nós, lutando o melhor que podia para

se libertar de nós. Stoke queria voltar para a água.

Os outros chegaram, Ronnie na liderança.

– Maldito Matador. – ele bufou. Ainda ria, mas parecia ligeiramente

assustado. – Você nos ferrou dessa vez, Matador. Sem dúvida.

– Não ique apenas aí, seu babaca! – Skip gritou. – Nos ajude! – Ronnie pausou por um momento, não com raiva, apenas imaginando o que seria

melhor fazer, então se virou para ver quem mais ao seu lado. Eles estavam

juntos na Trilha afundada, todos os meus colegas de jogo do salão do

terceiro andar, e a maioria deles continuavam a não parar de rir. Eles pareciam algo, mas eu não sabia o quê. Eu poderia nunca ter sabido, se não

fosse pelo presente de Natal de Carol. . mas é claro que isso aconteceu mais

tarde.

– Você, Tony. – Ronnie disse. – Brad, Lennie, Barry. Vamos pegar as pernas

dele.

– E quanto a mim, Ronnie? – Nick perguntou. – E quanto a mim?

– Você é pequeno demais para ajudar a levantá-lo. – Ronnie disse. – Mas pode animá-lo mais tarde com um boquete.

Nick se afastou.

Ronnie, Tony, Brad, Lennie, e Barry Margeaux passaram para o outro lado.

Ronnie e Tony pegaram Stoke pelas pernas.

– Jesus Cristo! – Tony gritou, enojando e ainda meio rindo. – Não tem nada

nelas! São as pernas de um espantalho.

– Pernas de espantalho, pernas de espantalho! – Ronnie gritou irritado,

imitando-o. – Pegue a porra da perna dele logo, seu paspalho, isso não é apreciação de arte. Lennie e Barry, peguem o rabo dele quando ele

levantar. Então vocês vêm. .

– . .quando o resto de vocês levantarem-no. – Lennie terminou. – Entendi, e

não me chame de *paspalho*.

– Deixem-me em paz. – Stoke tossiu. – Parem, saiam de perto de mim. .

perdedores de merda. . – ele teve um novo acesso de tosse. Ele começou a

fazer nojentos sons como se fosse vomitar. À luz da lamparina seus lábios

pareciam cinza e pegajosos.

– Olhem que está falando sobre ser um perdedor. – Ronnie disse. – Maldita

bicha aleijada de merda quase se afogou. – ele olhou para Skip, a água correndo por seu cabelo rebelde e sob seu rosto coberto de espinhas. –

Faça a contagem, Kirk.

– Um. . dois. . três. . *agora*!

Nós levantamos. Stoke Jones saiu da água como um navio resgatado. Nós

cambaleamos para frente e para trás com ele. Um de seus braços caiu na minha frente; e icou lá por um momento, e então a mão ligada a ele voou e

me acertou um tapa na cara.

Paf! Eu comecei a rir de novo.

– *Ponham-me no chão! Filhos da puta, ponham-me no CHÃO!*

Cambaleamos, dançando na lama, a água gotejando nele, a água gotejando

em nós.

– Echolls! – Ronnie berrou. – Marchant! Brennan! *Jesus Cristo, que me dizem de uma ajudinha aqui, seus desmiolados*?

Randy e Billy avançaram molhando tudo. Outros (três ou quatro atraídos

pelos gritos e borrifos, a maioria ainda do grupo de Copas do terceiro

andar), pegou Stoke também.

Nós o viramos desajeitadamente, provavelmente parecendo o mais ridículo

grupo de líderes de torcida, que por alguma razão praticava no meio da

chuva. Stoke havia parado de lutar. Ele repousou em nosso esforço com os

braços pendentes no outro lado, as palmas para cima, enchendo pequenas

poças de chuva. Ín imas cachoeiras caiam de sua jaqueta ensopada e pelas

calças. *Ele me pegou e me carregou*, Carol havia dito. Falando do garoto com o cabelo à escovinha, o garoto que havia sido seu primeiro amor.

Subindo todo o caminho pela ladeira da Broad Street em um dos dias mais quentes do ano. Ele me carregou nos braços. Ele me carregou nos braços . Eu não conseguia tirar a voz dela da cabeça. De certo modo nunca consegui.

– Para o dormitório? – Ronnie perguntou a Skip. – Nós o levaremos para o

dormitório?

– Caramba, não. – Nate disse. – Pare a enfermaria.

Já que havíamos conseguido tirá-lo da água (essa foi a parte mais difícil e já

estava para trás), a enfermaria fez sentido. Era um pequeno prédio de

tijolos além do Corredor de Bennett, não mais do que trezentos ou quatrocentos metros. Assim que saímos do caminho e fôssemos para a

estrada, a caminhada seria boa.

Então o levamos para a enfermaria, o levantamos por cima do ombro como

um herói morto sendo ceremonialmente removido do campo de batalha.

Alguns de nós ainda riam um pouco. Eu era um deles. Por uma vez vi Nate

olhando para mim como se eu fosse uma coisa desprezível, e tentei parar os sons que vinham de mim. Eu icava bem por um tempo, então eu me

lembrava dele girando no pivô de suas muletas (“ *O Júri Olímpico da a ele. .*

DEZ UNÂNIME!”), e então começava novamente.

Stoke apenas falou quando subimos o batente da porta da enfermaria.

– Deixem-me morrer. – ele disse. – Apenas uma vez em suas estúpidas

vidas egoístas façam alguma coisa que preste. Ponham-me no chão e

deixem-me morrer.

35

A sala de espera estava vazia, a televisão no canto exibia um velho episódio

d e *Bonanza* que ninguém assistia. Naqueles dias eles ainda não haviam inventado a manivela da cor ainda, e a cara de Papai Cartwright estava da

cor de um abacate.

Devemos ter soado como um bando de hipopótamos saindo de um buraco,

e a enfermeira em serviço veio correndo. Seguindo-a vinha um voluntário

(provavelmente um estudante trabalhador como eu), e um baixinho em um

casaco branco. Ele tinha um estetoscópio pendurado ao redor de seu

pescoço, e um cigarro espetado no canto de sua boca. Em Atlântida até os doutores fumavam.

– Qual o problema dele? – O doutor perguntou a Ronnie, ou porque Ronnie

tinha o semblante de líder, ou porque ele era o mais próximo.

– Saiu correndo pela Pista de Bennett enquanto ia para o Holyoke. –

Ronnie disse. – O maldito quase se afogou. – ele pausou, então adicionou: –

Ele é aleijado.

Como se para convencer o doutor, Billy Marchant acenou com uma das

muletas de Stoke. Aparentemente ninguém tinha se importado em

procurar a outra.

– Abaixa essa coisa, quer atravessar a porra do meu cérebro? – Nick

Prouty perguntou irritado, enquanto se abaixava.

– Que cérebro? – Brad respondeu, e nós rimos tanto que quase deixamos

Stoke cair.

– Me chupa, cuzão. – Nick disse, mas também estava rindo.

O doutor estava com o cenho franzido.

– Tragam-no para cá, e poupem-me de seu idioma sujo. – Stoke começou a

tossir novamente, um profundo som de ânsia de vômito. Você esperava ver

sangue e filamentos de tecido saindo de sua boca, a tosse era tão forte.

Carregamos Stoke até a enfermaria numa ila como se estivéssemos

dançando a conga, mas não conseguíamos passar pela porta daquele jeito.

– Deixe-me tentar. – Skip disse.

– Você vai deixá-lo cair. – Nate disse.

Ele foi para o lado de Stoke, então assentiu para mim à sua direita, e então

para Ronnie à sua esquerda.

– Abaixem-no. – Ronnie disse. Nós o izemos. Skip grunhiu assim que

recebeu o peso de Stoke, e eu vi as veias de seu pescoço aparecerem.

Então recuamos e Skip carregou Stoke para dentro do quarto e o deitou na

mesa de exames. O ino pedaço de papel cobrindo o couro icou

rapidamente ensopado. Skip recuou. Stoke estava olhando para ele, seu

rosto pálido como de um cadáver exceto por duas manchas coradas em

suas bochechas, vermelho como batom, aquelas manchas era. Água caia de

seu cabelo como um arroio.

– Sinto muito, cara. – Skip disse.

Stoke virou o rosto para o outro lado e fechou os olhos.

– Fora. – o doutor disse a Skip. Ele havia se livrado de seu cigarro em algum lugar. Ele olhou para nós, uma turma de talvez uma dúzia de

rapazes, a maioria sorrindo, todos pingando água no chão. – Alguém sabe a

natureza da deficiência dele?

Pode fazer a diferença no modo como vamos tratá-lo.

Eu pensei nas cicatrizes que havia visto, como ios emaranhados, mas não

disse nada. Eu não sabia de verdade. E agora aquela urgência incontrolável

de rir havia passado, eu me senti envergonhado demais para falar.

– É uma dessas coisas de aleijado, não é? – perguntou Ronnie. Quando

encarando um adulto, ele perdia toda a sua boçalidade. Ele soou incerto, talvez inquieto.

– Paralisia muscular ou distrofia cerebral.

– Seu palhaço. – Lennie disse. – É distrofia muscular e paralisia. .

– Ele esteve em um acidente de carro. – Nate disse. Todos nós olhamos

para ele.

Nate ainda parecia calmo e seguro, apesar da chuva que ele havia tomado.

Nesta tarde, ele estava usando uma touca do Colégio Fort Kent. O time de futebol do Maine inalmente havia feito um touchdown e libertado Nate do

boné; vamos nessa, Ursos Negros. Quatro anos atrás. Seu pai, sua mãe, e sua irmã mais velha foram mortos. Ele foi o único sobrevivente da família.

Houve silêncio. Eu olhei entre os ombros de Skip e Tony para a sala de exames.

Stoke ainda estava deitado na mesa, sua cabeça virada para o lado, os

olhos fechados. A enfermeira estava tirando sua pressão sangüínea. Suas

calças estavam levantadas acima de suas pernas, e eu pensei na parada do

Quatro de Julho, que costumávamos ter em Gates Falls quando eu era

criança. O Tio Sam viria correndo entre a banda da escola e os caras do

Santuário Anah em suas pequenas motocicletas, parecendo ter dez metros com seu grande chapéu azul, mas quando o vento soprava em suas pernas,

você percebia o truque. Era assim que as pernas de Stoke Jones pareciam

dentro de suas calças: um truque, uma piada cruel, pedaços de pau

serrados enfiados em dois tênis.

– Como você sabe disso? – Skip perguntou. – Ele te contou, Natie?

– Não. – Nate pareceu envergonhado. – Ele contou a Harry Swidrowski,

depois da reunião do Comitê da Resistência. Eles. . nós, fomos para a Toca do Urso. Harry perguntou logo o que havia acontecido com suas pernas, e

Stoke contou.

Eu achei que entendi a expressão no rosto de Nate. Depois da reunião, ele

disse.

Depois. Nate não sabia o que havia sido dito *na* reunião, porque Nate não estivera lá.

Nate não era um membro do Comitê da Resistência; Nate era estritamente

um garoto da calçada. Ele poderia concordar com os propósitos e táticas do

C.R. . mas ele tinha que pensar em sua mãe. E seu futuro como um dentista.

– Lesão na espinha? – o doutor perguntou. Mais vivo do que nunca.

– Acho que sim, é. – Nate disse.

– Tudo bem. – o doutor começou a fazer gestos para nos expulsar com as mãos como se fossemos um bando de gansos. – Voltem aos seus

dormitórios. Nós vamos cuidar bem dele.

Começamos a andar na direção da recepção.

– Por que vocês estavam rindo dele? – a enfermeira perguntou

subitamente. Ela estava ao lado do doutor com seu equipamento para tirar

a pressão. – Por que estão sorrindo agora? – ela soou irritada. Inferno, ela

soou *furiosa*. – O que há de tão engraçado na tragédia deste garoto?

Eu não achei que alguém responderia. Ficamos apenas ali olhando para o

chão, percebendo que estávamos mais próximos da quarta série do que

pensaramos. Mas alguém *respondeu*. Skip respondeu. Ele até olhou para ela enquanto o fez.

– Sua tragédia, senhora. – ele disse. – Era disso, você está certa. Foi sua tragédia que foi engraçada.

– Que terrível. – ela disse. Havia lágrimas de raiva saindo de seus olhos. –

Como vocês são terríveis.

– Sim, senhora. – Skip disse. – Acho que a senhora tem razão nisso

também. – ele virou as costas para ele.

O seguimos de volta para a recepção, em um molhado e derrotado

grupinho. Eu não posso dizer que ser chamado de terrível foi o ponto mais

baixo de minha carreira universitária (“Se você puder se lembrar muito

dos anos sessenta, é porque você não estava lá”, disse uma vez um hippie

conhecido como Wavy Gravy), mas talvez tenha sido. A sala de espera

ainda estava vazia. O pequeno Joe Cartwright estava na cena agora, e tão verde quanto seu pai. Câncer pancreático foi o que levou Michael Landon

também. . ele e minha mãe tinham isso em comum.

Skip parou. Ronnie, de cabeça baixa, passou por ele na direção da porta, seguido por Nick, Billy, Lennie, e o resto.

– Esperem. – Skip disse, e eles se viraram. – Eu quero falar com vocês sobre uma coisa.

Reunimo-nos ao redor dele. Skip olhou uma vez na direção da porta que

levava à área de exames, veri icamos que estávamos sozinhos, e então ele

começou a falar.

36

Dez minutos depois, Skip e eu voltamos para o dormitório sozinhos. Os

outros haviam ido na frente. Nate icou conosco por um tempo, mas então

deve ter pegado aquela vibração de que eu queria falar em particular com

Skip. Nate sempre era bom em pegar vibrações. Aposto que ele é um bom dentista, que as crianças gostam particularmente dele.

– Estou farto de jogar Copas. – eu disse.

Skip ficou calado,

– Eu não sei se é tarde demais para recuperar minhas notas e manter

minha bolsa, mas eu vou tentar. E eu não me importo muito, de um jeito ou

de outro. A porra da bolsa não é o ponto.

– Não. *Eles são* o ponto, certo? Ronnie e o resto deles.

– Eu acho que eles são apenas parte disso. – estava tão frio lá fora que era

como se o dia houvesse virado noite (frio, úmido, e mau). Parecia que

nunca mais seria verão.

– Cara, sinto falta de Carol. Por que ela teve de ir?

– Eu não sei.

– Quando ele desabou, parecia um hospício lá no salão. – eu disse. – Não um dormitório de faculdade, mas uma porra de *hospício*.

– Você riu também, Pete. E eu também.

– Eu sei. – eu disse. Eu poderia não saber se estivesse sozinho, e Skip e eu

poderíamos não ter sabido se fossemos só nós dois, mas como você poderia

dizer? Você estava preso ao modo como as coisas se desenrolavam. Eu

continuava a pensar em Carol e naqueles garotos com o bastão de beisebol.

E eu pensei no jeito como Nate olhou para mim, como se eu fosse uma coisa

desprezível. – Eu sei, Andamos em silêncio por um momento.

– Eu posso viver com isso, eu acho. – eu disse. – Mas não quero acordar aos

quarenta com meus ilhos como era a faculdade e não poder me lembrar

de nada, exceto Ronnie Malenfant contando piadas de polonês, e aquele

pobre cuzão fodido do McClendon tentando se matar com aspirinas para

bebê. – Eu pensei em Stoke girando em sua muleta e senti vontade de rir;

pensei nele deitado e ensopado na mesa de exames na enfermaria e senti

vontade de chorar. E sabe de uma coisa? Foi, pelo que eu posso dizer, o

mesmo sentimento. – Eu apenas me sinto mal sobre isso. Sinto-me uma merda.

– Eu também. – Skip disse. A chuva caiu em nós, nos molhando e esfriando.

As luzes do Chamberlain Hall eram brilhantes, mas não particularmente

confortantes. Você poderia ver a lona amarela que os policiais haviam

tentado colocar, repousada na grama, e acima dela formas escuras das

letras pintadas com spray. Elas estavam escorrendo na chuva; no dia

seguinte estaria ilegível. – Quando eu era uma criança, eu sempre ingia

que era um herói. – Skip disse.

– Pode crer, eu também. Que tipo de criança fingiria ser parte da máfia?

Skip olhou para baixo, para seus sapatos encharcados, então para mim.

– Eu poderia estudar com você nas próximas semanas?

– À hora que quiser.

– Você realmente não se importa.

– E por que caralho eu me importaria? – eu me fiz soar irritado porque não

queria que ele ouvisse o quão aliviado eu estava, o quão quase excitado eu

estava.

Porque poderia funcionar. Eu pausei, então disse: – Esta outra. . você acha

que podemos nos livrar?

– Eu não sei. Talvez.

Já havíamos quase chegado na entrada norte, e eu apontei para as letras escorridas antes de entrarmos.

– Talvez Garretsen e Ebersole deixem a coisa pra lá. A tinta que Stoke usou

não teve chance de secar. Vai sumir pela manhã.

Skip balançou a cabeça.

– Eles não vão deixar pra lá.

– Por que não? Como pode ter tanta certeza?

– Porque Dearie não vai permitir que o façam.

E é claro que ele estava certo.

37

Pela primeira vez em semanas, o salão do terceiro andar estava vazio por

um tempo enquanto os jogadores se secavam e colocavam roupas novas.

Muitos deles também haviam cuidado do que Skip Kirk sugerira na sala de

espera de enfermaria.

Quando Nate, Skip e eu voltamos do jantar, entretanto, o jogo corria

normalmente no salão, três mesas estavam funcionando a todo vapor.

– Ei, Riley. – Ronnide disse. – Twiller aqui diz que ele tem um encontro com

um grupo de estudo. Se quiser o assento dele, eu te ensino a como jogar Copas.

– Hoje não. – eu disse. – Eu mesmo tenho que estudar.

– É. – Randy Echolls disse. – A Arte do Auto-Abuso.

– Isso mesmo, garota, mais algumas semanas de trabalho duro e eu

poderei trocar mãos sem perder a jogada, que nem você.

Enquanto eu me afastava, Ronnie disse:

– Eu teria te parado, Riley.

Eu me virei. Ronnie estava se estirava em sua cadeira, dando seu

desprezível sorriso. Por um curto período de tempo, lá fora na chuva, eu tinha visto um Ronnie diferente, mas aquele jovem havia voltado para seu

esconderijo.

– Não. – eu disse. – Você não teria. Era um jogo ganho.

– Ninguém acerta a lua em uma mão presa. – Ronnie disse, se estirando na cadeira mais longe ainda. Ele coçou uma bochecha, arrancando a cabeça de

algumas espinhas, formando trilhas de um nojento creme amarelado. –

Não na minha mesa. Eu te parei com cartas de paus.

– Você *não tinha* mais paus, a não ser que você tenha renegado sua primeira jogada. Você jogou um ás de espadas quando Lennie jogou O

Otário. E no naipe de copas eu tinha a corte inteira.

O sorriso de Ronnie vacilou por um momento, e então voltou forte. Ele

acenou uma mão para o chão, de onde todas as cartas espalhadas haviam

sido recolhidas (os restos de poeiras dos cinzeiros virados ainda

continuavam lá; a maioria de nós havia sido criada em casas onde as mães

limpavam esse tipo de bagunça).

– Todas as copas altas, hein? Que ruim que não podemos checar e ver.

– É. Ruim demais. – eu comecei a andar novamente.

– Você vai ser passado para trás nos “match points”! – ele gritou atrás de

mim. – Sabe disso, não sabe?

– Pode icar com os meus, Ronnie. Eu não os quero mais. – eu nunca mais

joguei outra mão de Copas na faculdade. Muitos anos mais tarde eu ensinei

o jogo aos meus ilhos, e aprenderam como patos nadando na lagoa. Nós

temos um torneio na nossa cabana de verão todo Agosto. Não há “match

points”, mas há um troféu da Copa Atlante, uma copa adorável. Eu a venci

em um ano, e a mantive em minha mesa onde podia vê-la. Eu acertei a lua

duas vezes na rodada do campeonato, mas em nenhuma deles eu tinha a

mão de cartas presas. Como meu velho colega de faculdade, Ronnie

Malenfant, disse certa vez, ninguém acerta a lua com uma mão presa. Seria

o equivalente a esperar que Atlântida ressurgisse do oceano, com suas

palmeiras balançando.

38

Às oito horas daquela noite, Skip Kirk estava na minha mesa aprofundado em meus textos sobre antropologia. Suas mãos estavam perfurando seu

cabelo, como se estivesse com uma má dor de cabeça. Nate estava em sua

mesa, estudando botânica. Eu estava deitado em minha cama, duelando

com meu velho amigo de Geologia. No som, Bob Dylan cantava: “She was

the funniest woman I ever seen, the great-grandmother of Mr. Clean”.

Houve uma grave batida na porta: pou-pou. Então era assim que a Gestapo

deve ter invadido as casas dos Judeus em 1938 e 1939.

– Reunião com os estudantes do andar! – Dearie chamou. – Reunião com os

estudantes do andar às nove horas! Presença obrigatória!

– Oh, Cristo. – eu disse. – Queimem os papéis secretos e comam o rádio.

Nate desligou Dylan, e ouvimos Dearie avançar no salão, repetindo seu

pou-pou e gritando sobre a reunião. A maioria dos quartos em que ele ia provavelmente estavam vazios, mas sem problema; ele encontraria seus

ocupantes no salão, caçando A Puta.

Skip estava olhando para mim.

– Eu te disse. – ele disse.

39

Cada dormitório em nosso complexo foi construído ao mesmo tempo, e

cada um tinha uma grande área inferior no porão, como também os salões

no centro de cada andar. Havia uma TV que exibia esportes no im de

semana e uma novela de vampiros chamada *Sombras Escuras* durante a semana; uma cantina no canto com meia dúvida de máquina que vendiam

comes e bebes; uma mesa de pingue-pongue e alguns jogos de xadrez.

Também havia uma área com um pódio à frente de várias ileiras de

cadeiras de madeira. Nós tivemos uma reunião lá no começo do ano, onde

Dearie explicou as regras do dormitório e as terríveis conseqüências

inspeções de quartos que não fossem satisfatórias. Eu teria que dizer que

inspeções de quartos era o passatempo favorito de Dearie. Isso e o CTOR, é claro.

Ele postou-se atrás do pequeno pódio de madeira, onde havia pousado

uma pasta ina. Eu suponho que continha suas anotações. Ele ainda estava

vestido em suas roupas úmidas e sujas. Ele também parecia exausto pelo

dia em que passara cavando e jogando areia na neve, mas ele também

parecia excitado. . “ligado” é como diríamos um ou dois anos depois.

Dearie estivera só em sua primeira reunião dos estudantes do andar;

desta vez ele tinha companhia. Sentado contra a parede verde, com as

mãos fechadas sobre o colo e os joelhos encostados, estava Sven Garretsen,

o Decano dos Homens. Ele não disse quase nada durante a reunião, e

pareceu benigno mesmo quando a coisa icou feia. De pé, ao lado de

Dearie, vestindo um casaco negro sobre seu terno cinza, e com um ar de vamos-cumprir-esta-missão, estava Ebersole, o Diretor Disciplinar.

Depois que havíamos sentado em nossas cadeiras e apagado nossos

cigarros, Dearie olhou por cima do ombro para Garretsen, então para

Ebersole. Ebersole lhe deu um sorriso.

– Vai lá, David. Por favor. Eles são seus garotos.

Eu me senti muito irritado. Eu posso ser várias coisas, incluindo um imbecil

que riu de um aleijado que caiu na chuva, mas eu não era o garoto de Dearie.

Dearie agarrou-se ao pódio e olhou para nós solenemente, talvez pensando

(bem longe na parte de sua mente reservada expressamente para sonhos

devaneadores), que viria um dia quando ele poderia se dirigir aos seus

subalternos desta maneira, mandando algumas tropas em Hanoi se

moverem.

– Jones não está aqui. – ele disse inalmente. Soou solene e tolo, como uma

frase em um filme do Charles Bronson.

– Ele está na enfermaria. – eu disse, e iquei feliz pela cara de surpresa de

Dearie. Ebersole pareceu surpreso também. Garretsen apenas continuou a

olhar para o além, como um homem que fumou uma erva da boa.

– O que houve com ele? – Dearie perguntou. Isto não estava no roteiro (ou o que ele havia escrito ou o que ele e Ebersole preparam juntos), e Dearie

começou a estranhar. Ele também segurava o pódio com mais força, como

se com medo que ele pudesse voar dali.

– Caiu e bum. – Ronnie disse, e se empertigou quando as pessoas ao seu redor começaram a rir. – Também acho que ele pegou uma pneumonia, ou

bronquite dupla, ou coisa assim. – ele pegou o olhar de Skip e eu achei que

Skip havia assentido levemente. Esse era o show de Skip, não de Dearie, mas se tivéssemos sorte, se *Stoke* tivesse sorte, os três lá da frente da sala nunca saberiam disso.

– Conte-me isso do começo. – Dearie disse. Suas rugas aumentaram. Foi

desse jeito que ele icou depois de descobrir que sua porta havia sido

melada de creme de barbear.

Skip disse a Dearie, e aos novos amigos de Dearie, como havíamos visto

Stoke indo na direção do Palácio das Planícies pelas janelas do salão do terceiro andar, como ele havia caído na água, como havíamos resgatado-o,

e o levado até a enfermaria, como o doutor disse que Stoke era um pobre

doente. O doutor não havia dito tal coisa, mas ele não precisava. Aqueles de

nós que tocaram a pele de Stoke sabiam que ele estava com febre, e todos

nós ouvimos aquela horrível tosse. Skip não disse nada sobre o quão

rápido Stoke estava se movendo, como se ele quisesse matar o mundo todo

e então se matar depois, ele não disse nada sobre como rimos, sobre como

Mark St. Pierre rira tanto que mijara nas calças.

Quando Skip terminou, Dearie olhava vacilante para Ebersole. Ebersole

olhou de volta com suavidade. Atrás dele, “Decano” Garretsen continuava

com seu sorrisinho budista. A conclusão era simples. Era o show de Dearie.

Era melhor que ele tivesse um show para fazer.

Dearie respirou fundo e olhou de volta para nós.

– Nós acreditamos que Stokely Jones foi responsável pelo ato de

vandalismo e obscenidade pública que foi perpetrado no lado norte do

Chamberlain Hall em alguma hora pela manhã que não sabemos.

Eu estou te contando exatamente o que ele disse, não estou inventando

nenhuma única palavra. Exceto a parte “Se tornou necessário destruir a

vila para salvá-la”, esse foi talvez o mais sublime exemplo de apresentação que eu já ouvi na minha vida.

Eu acredito que Dearie esperasse que nós gritássemos “ohs” e “ahs”, como extras na sala da corte no im de um Perry Mason, onde as revelações

começam a vir rápido e sem dó. Ao invés disso, icamos em silêncio. Skip observou com atenção, e quando ele viu Dearie respirar fundo mais uma

vez para o próximo pronunciamento, ele disse:

– O que faz você pensar que foi ele, Dearie?

Embora eu não tenha completa certeza (eu nunca perguntei a ele), eu

acredito que Skip tenha usado o apelido propositalmente, para fazer

Dearie cair de seu salto. De qualquer forma funcionou. Dearie estava

pronto para se descontrolar, olhou para Ebersole, e recalculou suas

opções. Uma linha vermelha estava saindo de seu colarinho.

Eu a assisti subir, fascinado. Era um pouco como assistir um desenho da Disney onde o Pato Donald está tentando controlar seu temperamento.

Você sabe que ele não vai conseguir; o suspense vem por não se saber o quanto ele pode manter o semblante da razão.

– Eu acho que você sabe a resposta, Skip. – Dearie inalmente disse. –

Stokely Jones usa um casco com um símbolo muito particular em suas

costas. – ele pegou a pasta que trazia, removeu a capa de papel, olhou para

ela, e então a virou para que nós todos pudéssemos ver também. Nenhum

de nós icou surpreso pelo que havia lá. – *Este* símbolo. Foi inventado pelo Partido Comunista pouco depois do im da Segunda Guerra Mundial.

Signi ica “vitória através de in iltração”, e é normalmente chamada de Cruz

Quebrada pelos subversivos. Também icou bem popular em grupos

radicais nativos como os Muçulmanos Negros e os Panteras Negras. Já que

este símbolo era visível no casco de Stoke Jones bem antes de aparecer na

lateral de nosso dormitório, eu realmente acho di ícil que é necessário um

engenheiro da NASA para entender que foi. .

– David, isso é merda! – Nate disse, se levantando. Ele estava pálido e tremia, mas era de raiva, não de medo. Eu já tinha ouvido-o dizer *merda* em público antes? Eu acho que não.

Garretsen deu seu sorriso benigno para meu colega de quarto. Ebersole

levantou as sobrancelhas, expressando seu interesse educado. Dearie

parecia espantado. Eu suponho que a última pessoa de quem ele esperava

problemas era Nate Hoppenstand.

– Esse símbolo é baseado em um semáforo Britânico, e signi ica desarmamento nuclear. Foi inventado por um famoso ilósofo Britânico. Eu

acho que ele era até cavalheiro. Dizer que foram os Russos que o

inventaram! Pelo amor de Deus! É isso que te ensinam no CTOR? Merda

como essa?

Nate olhava para Dearie furioso, suas mãos plantadas em sua cintura.

Dearie icou boquiaberto, agora completamente derrubado de seu salto.

Sim, eles haviam ensinado isso a ele no CTOR, e ele havia engolido o

gancho, linha, e isca. Te fazia pensar o que mais esses garotos do CTOR

estavam engolindo.s

– Tenho certeza que estes fatos sobre a Cruz Quebrada são muito

interessantes. – Ebersole cortou suavemente. – E certamente é uma

informação que vale a pena ter, se for verdade, é claro. .

– É verdade. – Skip disse. – Bert Russell, não Joe Stalin. Garotos ingleses usavam esse símbolo há cinco anos quando marcharam em protesto por

causa dos submarinos americanos operando fora dos portos nas Ilhas

Britânicas.

– Pode crer, porra! – Ronnie gritou, e socou o ar. Um ano depois mais ou menos, os Panteras (que nunca tiveram muito uso com o sinal da paz de

Bertrand Russell, pelo que eu sei) faziam a mesma coisa em suas reuniões.

E, é claro, vinte anos depois mais ou menos, todos nós, os bebês limpinhos

dos

anos

sessenta,

fazíamos

em

concertos

de

rock.

Bruuuuuuuuuuuuuuuuuce! Bruuuuuuuuuce!

– Vai lá, garotão! – Hugh Brennan berrou, rindo. – Vai, Skip! Vai, grande Nate!

– Cuidado com o que fala enquanto o Decano está aqui! – Dearie berrou

para Ronnie.

Ebersole ignorou a profanidade e a conversa sobre a cruz. Ele manteve seu

interessado, e cético olhar treinado em meu colega de quarto, e em Skip.

– Mesmo se tudo isso for verdade. – ele disse. – Ainda temos um problema,

não é? Eu acho que sim. Nós temos um ato de vandalismo e uma

obscenidade pública. Isso vem em uma era onde as pessoas que pagam

seus impostos olham para a juventude da Universidade com olhos ainda mais críticos. E esta instituição depende das pessoas que pagam impostos,

cavalheiros. Eu acho que cabe a nós. .

– Pensar sobre isso! – Dearie gritou subitamente. Suas bochechas estavam

quase roxas agora; sua testa icou cheia de pontos vermelhos, como

estigmas, e bem entre seus olhos uma grande veia pulsava rapidamente.

Antes que Dearie pudesse dizer mais (e ele claramente tinha mais a dizer),

Ebersole pôs uma mão em seu peito, o calando. Dearie pareceu murchar.

Ele teve sua chance e a estragou. Mais tarde ele talvez dissesse a sim mesmo que foi porque ele estava cansado demais; enquanto jogávamos

cartas o dia inteiro em nosso salão quente e confortável, e fazendo buracos

em nosso futuro, Dearie estava do lado de fora, tirando a neve e jogando areia nas calçadas para que os professores de psicologia não caíssem e

quebrassem suas bacias. Ele estava cansado, um pouco lento para sacar, e

de qualquer forma, aquele escroto do Ebersole não lhe deu uma chance

justa para provar si mesmo.

Tudo isso provavelmente não ajudava muito com o que estava acontecendo

naquele momento: ele havia sido jogado de lado. O adulto estava de volta no comando. Papai iria consertar tudo.

– Eu acho que cabe a nós todos identi icar o rapaz que fez isso, e ver que

ele seja punido com alguma severidade. – Ebersole continuou. Na maior

parte do tempo era para Nate que ele olhava; por mais incrível que tenha

parecido para mim naquele dia, ele havia identi icado Nate Hoppenstand

como o centro da resistência que ele sentia na sala.

Nate, Deus abençoe seus molares e dentes sábios, era muito mais do que

da laia de Ebersole. Ele continuou sentado com suas mãos em seus quadris,

e seus olhos nunca vacilaram, ele deixou que Ebersole tirasse os dele.

– E como você propõe que façamos isso? – Nate perguntou?

– Qual o seu nome, jovem? Por favor.

– Nathan Hoppenstand.

– Bem, Nathan, eu acho que o infrator já foi apontado, não acha? – Ebersole

falou de um modo paciente, como um professor. – Ou mesmo se apontou. É

de meu conhecimento que esse rapaz, Stokely Jones, tem andado por aí

fazendo comercial do símbolo da Cruz Quebrada desde. .

– Pare de chamá-lo assim. – Skip disse, e eu pulei de susto com a fúria em

sua voz. – Não é nada quebrado! É um maldito sinal de *paz*!

– Qual é *o seu* nome, senhor?

– Stanley Kirk. Skip para os amigos. Você pode me chamar de Stanley. –

houve alguns risos baixos de tensão nessa hora, que Ebersole

aparentemente não ouviu.

– Bem, Sr. Kirk, sua reclamação é notável, mas não muda o fato de que Stokely Jones (e *apenas* Stokely Jones) tem desenhado um símbolo

particular por todo o campus desde o primeiro dia do semestre. O Sr.

Deaborn me diz que. .

– O "Sr. Dearborn" nem mesmo sabe o que esse sinal de paz é ou de onde

veio, então eu acho que você não seria muito sábio de con iar no que ele fala até agora.

Acontece que eu tenho um sinal de paz desenhado nas costas de minha

própria jaqueta, Sr. Ebersole. Então como você sabe que não fui *eu* quem fez a pichação? – disse Nate.

A boca de Ebersole caiu. Não muito, mas o bastante para estragar seu

sorriso simpático e seu semblante de propaganda de revista. E "Decano"

Garretsen fez uma careta, como se fosse apresentado a um conceito de que

não conseguia entender. Apenas os mais sortudos conseguem ver um bom

político ou administrador de faculdade ser pego completamente de

surpresa. Esses momentos são um tesouro. Eu guardei aquele em meu baú,

e vejo que ele ainda está lá hoje em dia.

– É uma mentira! – Dearie disse. Ele soou mais ferido do que furioso. – Por

que você mentiria assim, Nate? Você é última pessoa no Três que eu

esperava que. .

– *Não* é uma mentira. – Nate disse. – Vá até meu quarto e tire o casaco de

meu armário se não acredita em mim. Cheque.

– É, e cheque o meu enquanto faz isso. – eu disse, me levantando próximo a Nate. – Minha velha jaqueta escolar. Você não pode deixar de vê-la. É

aquela com o sinal de paz nas costas.

Ebersole nos estudou com seus olhos levemente estreitos. Então ele

perguntou:

– Exatamente quando vocês colocaram esses chamados sinais de paz nas

costas de suas jaquetas, rapazes?

Desta vez Nate mentiu. Eu o conhecia bem o su iciente naquela época para

saber que doeu nele. . mas ele o fez como um campeão.

– Setembro.

Foi o bastante para Dearie. Ele *icou nuclear* é como meus próprios ilhos poderiam expressar, só que isso não seria exato. Dearie icou Pato Donald.

Ele não icou pulando de raiva, batendo os braços e grasnando *wak-wak-waugh-wak* como Donald faz quando está louco de raiva, mas ele *deu* um uivo de fúria e bateu na testa com o centro de sua palma. Ebersole o

segurou de novo, desta vez pegando-o pelo braço.

– Quem é você? – Ebersole perguntou. Mais curto do que cortês agora.

– Pete Riley. Eu coloquei um sinal de paz nas costas da minha jaqueta

porque eu gostei de como pareceu na de Stoke. Também para provar que

eu tenho várias grandes perguntas sobre o que estamos fazendo lá no

Vietnã.

Dearie se esquivou de Ebersole. Seu queixo tremia, seus lábios puxados

para trás o bastante para mostrar uma galeria completa de dentes.

– *Ajudando nossos aliados é o que estamos fazendo, seu idiota*! – ele berrou.

– Se você é estúpido demais para enxergar isso por si próprio, eu suponho

que você entre na Aula Introdutória de História Militar do Coronel

Andersen! Ou talvez você seja só mais um covarde que não tem. .

– Silêncio, Sr. Dearborn. – disse Garretsen. Sua calma era de algum modo mais barulhenta do que os gritos de Dearie. – Esse não é um lugar para debates sobre política estrangeira, nem a hora para xingamentos pessoais.

Muito pelo contrário.

Dearie deixou cair sua cara em chamas, estudou o chão, e começou a

morder os próprios lábios.

– E quando, Sr. Riley, você colocou o sinal de paz em *sua* jaqueta? –

Ebersole perguntou. Sua voz permanecia cortês, mas havia um olhar feio

em seus olhos. Ele sabia agora, eu acho, que Stoke iria escapar, e Ebersole

estava *muito* infeliz sobre isso. Dearie era uma pequena mudança em comparação a esse cara, que em 1966 era um tipo novo nos campus de

faculdade da América. O tempo chama pelos homens, Lao-Tsé disse, e o im

dos anos sessenta chamou por Charles Ebersole. Ele não era um educador,

era um regulador secundário em relações públicas.

Não minta para mim , seus olhos diziam. *Não minta para mim, Riley. Porque se você mentir e eu descobrir, te transformo em uma salada*.

Mas que diabos. Eu já estaria fora em 15 de Janeiro, de qualquer forma; no

Natal de 1967 eu provavelmente estaria em Phu Bai, esquentando o lugar

para Dearie.

– Outubro. – eu disse. – O desenhei na minha jaqueta por volta do Dia de Colombo.

– Eu a desenhei em minha jaqueta e em alguns suéteres. – Skip disse. –

Todas essas coisas no meu quarto. Eu vou mostrar a vocês, se quiserem.

Dearie, ainda olhando para o chão, e vermelho até as raízes do cabelo,

balançava a cabeça monotonamente para frente e para trás.

– Eu tenho duas em meus suéteres também. – Ronnie disse. – Não sou

pacifista, mas é um sinal legal. Eu gosto dele.

Tony DeLucca disse que também tinha um atrás de seu suéter.

Lennie Doria disse a Ebersole e Garretsen que ele havia rabiscado-o nas

últimas páginas de vários livros; também estava na frente de seu caderno

de anotações. Ele os mostraria, se eles quisessem ver.

Brad Whiterspon havia desenhado um em seu boné de calouro. O boné

estava no fundo de seu armário em algum lugar, provavelmente embaixo das cuecas que ele se esquecera de levar para casa para sua mãe lavar.

Nick Prouty disse que havia desenhado os sinais de paz em seus álbuns

favoritos: *Meet the Beatles* e *Wayne Fontana and the Mindbenders*.

Vários outros disseram que tinham o sinal de paz em seus livros, objetos, ou roupas. Todos clamavam ter feito isso antes da descoberta da

mensagem em gra ite no lado norte do Chamberlain Hall. Em um toque

inal surreal, Hugh se levantou, icou ao lado das cadeiras, e subiu as

pernas de seu jeans, para que pudéssemos ver suas meias amarelas

atléticas escalando suas canelas cabeludas. Um sinal da paz havia sido

desenhado em ambas as meias com o piloto que a Sra. Brennan havia

mandado para a faculdade com seu bebezinho. . era provavelmente a

primeira vez que a maldita coisa havia sido usada no semestre inteiro.

– Então você entende. – Skip disse num tom de o show acabou. – Poderia ser qualquer um de nós.

Dearie levantou a cabeça lentamente. Tudo o que sobrara de sua

vermelhidão era uma única mancha sobre seu olho esquerdo. Parecia uma

bolha.

– Por que estão mentindo para ele? – ele perguntou. Ele esperou, mas

ninguém respondeu. – Nenhum de vocês tinha um sinal de paz em

qualquer lugar antes da folga de Ação de Graças, eu juro, e aposto que a maioria de vocês nunca havia visto nada assim antes de hoje à noite. Por que estão mentindo para ele?

Ninguém respondeu. O silêncio se perpetuou. Nele, cresceu uma sensação

de poder, uma força inequívoca que todos nós sentimos. Mas a quem ela

pertencia? A eles ou a nós? Não havia como dizer. Todos esses abis depois

ainda não há como dizer realmente.

Então Garretsen foi até o pódio. Dearie se afastou sem nem mesmo parecer

vê-lo. O Decano olhou para nós com um pequeno e alegre sorriso.

– Isso é tolice. – ele disse. – O que o Sr. Jones escreveu na parede foi tolice,

e essas mentiras são mais tolice ainda. Digam a verdade, homens.

Confessem.

Ninguém disse uma palavra.

– Vamos falar com o Sr. Jones esta manhã. – Ebersole disse. – Talvez depois

que o façamos, alguns de vocês possam mudar um pouco de suas histórias.

– Oh, cara, eu não con iaria em muita coisa do que Stoke lhe dissese. – Skip

disse.

– Certo, o velho Matador é doido como um rato de esgoto. – Ronnie disse.

Houveram estranhas risadas mescladas com afeição.

– Rato de esgoto! – Nick berrou, com os olhos brilhando. Ele estava tão feliz

quanto um poeta que inalmente achou a palavra que procurava. – Rato de

esgoto, é, esse é o Velho Matador! – E, no que provavelmente era o último

triunfo lunático do dia sobre discursos racionais, Nick Prouty fez uma

estranhamente perfeita imitação do Frangolino.

– Eu sou galo, eu não sou um rato, br-ur-r, sou um gato, não sou um galo, digo. . o rapaz icou doido, br-u-bru, sabe cumé, perdeu o parafuso, ô diacho,

br-u-bru.

Nick gradualmente percebeu que Ebersole e Garretsen estavam olhando

para ele, Ebersole com desprezo, Garretsen com quase interesse, como se

uma nova bactéria houvesse surgido através das lentes de um

microscópio. .

– . .sabem, um pouco lelé da cuca. – Nick terminou, perdendo sua imitação

pela própria consciência, a perdição dos grandes artistas. Ele rapidamente

se sentou.

– Não é o tipo de doença que eu quis dizer exatamente. – Skip disse. – Eu

não estou falando sobre ele ser um aleijado tampouco. Ele tem espirrado, tossido, e seu nariz tem escorrido desde que ele chegou aqui. Até você

deve ter percebido isso, Dearie.

Dearie não respondeu, nem mesmo reagiu ao uso de seu apelido desta vez.

Ele deveria estar muito cansado mesmo.

– Tudo o que estou dizendo é que ele pode falar um bocado de coisas. –

Skip disse. – Ele até pode acreditar em algumas. Mas ele não tem nada a ver com isso.

O sorriso de Ebersole ressurgiu, sem humor agora.

– Eu acredito que compreendo o impulso de seu argumento, Sr. Kirk. Você

quer nos fazer acreditar que o Sr. Jones não foi o responsável pela

pichação na parede, mas se ele confessar que o fez, não deveríamos dar

crédito a suas palavras.

Skip também sorriu (o sorriso de mil watts que faziam as garotas

suspirarem).

– É isso aí. – ele disse. – “Esse” é o impulso de meu argumento, pode crer.

Houve um momento de silêncio, e então Garretsen falou o que pode ter

sido o epitáfio de nossa breve era.

– Vocês rapazes me desapontaram. – ele disse. – Vamos, Charles, não

temos mais o que ver aqui. – Garretsen levantou sua mala, girou sobre os

calcanhares e foi para a porta.

Ebersole pareceu surpreso mas correu atrás dele. O que deixou Dearie

com seus comandados do terceiro andar que o encaravam expressões de

desconfiança e censura,

– Valeu, galera. – David estava quase chorando. – *Valeu por me foderem pra*

caralho. – Ele saiu com a cabeça abaixada e sua pasta segura por uma mão.

No semestre seguinte ele deixou Chamberlain e se juntou a fraternidade.

Considerando todas as coisas, talvez isso tenha sido o melhor. Como Stoke

teria dito, Dearie perdeu toda a sua credibilidade.

40

– Então vocês roubaram isso também. – Stoke Jones disse de sua cama na

enfermaria quando inalmente pôde falar. Eu acabara de dizer que quase

todos no Chamberlain Hall estavam usando a pegada de passarinho em ao menos uma roupa, achando que essa notícia o alegraria. Eu estava errado.

– Fique calmo, cara. – Skip disse, tocando em seu ombro. – Não vá ter uma

hemorragia.

Stoke não olhou muito para ele. Seus olhos negros acusadores

permaneceram em mim.

– Vocês icaram com todo o crédito, então tomaram o sinal de paz. Vocês viram minha carteira? *Eu* acho que tinha nove ou dez dólares também.

Você pode pegá-los também. Faça uma limpeza geral. – ele virou o rosto

novamente e começou a tossir fracamente. Naquele dia frio no começo de

Dezembro de ‘66, ele pareceu ter bem mais do que dezoito anos.

Isso foi quatro dias depois de Stoke ter ido nadar na Pista de Bennett. O

doutor (seu nome era Carbury), pareceu aceitar que a maioria de nós era

amigo de Stoke não importa o quão estranhamente havíamos nos

comportado quando o trouxemos, porque continuávamos a aparecer para

perguntar como ele estava. Carbury estivera na enfermaria da faculdade,

prescrevendo para gargantas irritadas e pulsos torcidos e deslocados em

jogos de softball, por anos a io e provavelmente sabia que não havia

responsabilidade no comportamento dos rapazes e garotas em sua

maioria; eles podem parecer adultos, mas a maioria continuava presa à

bizarrice da infância também. Nick Prouty fazendo teste para o papel de

Frangolino na frente do “Decano dos Homens” por exemplo. . caso

encerrado.

Carbury nunca nos disse o quão as coisas haviam sido ruins para Stoke.

Uma das voluntárias (meio apaixonada por Skip na segunda vez em que o

viu, eu acredito) nos deu um quadro claro, não que realmente

precisássemos de um. O fato que Carbury o en iara em uma sala reservada

ao invés da Ala Masculina nos disse algo; o fato de que não nos era

permitido nos aproximar muito dele nas primeiras quarenta e oito horas

de sua estada nos disse ainda mais; o fato de que ele não havia sido levado

para o Eastern Maine, que era a apenas quinze quilômetros pela estrada,

nos disse quase tudo. Carbury não se *atrevera* a movê-lo, nem mesmo para

a ambulância de Universidade. Stoke Jones estivera numa pior mesmo. De

acordo com a voluntária, ele teve pneumonia, hipotermia incipiente por

causa da água, e a temperatura havia chegado até quarenta graus. Ela ouviu Carbury falando com alguém ao telefone e dizendo que a capacidade

pulmonar de Jones havia sido reduzida por causa de sua de iciência, ou

seja, se ele estivesse com trinta ou quarenta anos, ao invés de ser um adolescente, ele certamente teria morrido.

Skip e eu fomos os primeiros visitantes que ele permitiu. Qualquer outro garoto no dormitório provavelmente seria visitado por pelo menos um dos

pais, mas isso não iria acontecer no caso de Stoke, sabíamos disso agora. E

se houvessem outros parentes, eles não haviam se importado em aparecer.

Nós contamos a ele tudo o que aconteceu naquela noite, com uma exceção:

as risadas que começaram no salão quando o vimos correr pela Pista de

Bennett e que continuaram enquanto o carregávamos para a enfermaria.

Ele escutou em silêncio quando eu falei sobre a idéia de Skip de pôr sinais

de paz em nossos livros e roupas, de modo que Stoke não fosse

encurralado sozinho.

Mesmo Ronnie Malenfant havia ajudado, eu disse, e sem uma única piada.

Nós contamos a ele para que ele pudesse mesclar sua história à nossa; nós

também contamos isso para que ele entendesse que tentar ganhar a

culpa/crédito pela pichação agora, nos meteria em encrenca assim como

ele também. E nós falamos sem precisarmos ser diretos. Não precisamos.

Suas pernas não funcionavam, mas as coisas entre suas orelhas estavam

muito bem.

– Tire a mão de mim, Kirk. – Stoke se esquivou de nós o máximo que sua cama estreita permitia, então começou a tossir de novo. Eu me lembro que

ele parecia que só viveria por mais quatro meses, mas eu estava errado

quanto a isso; Atlântida afundou, mas Stoke Jones ainda está nadando,

advogando em São Francisco. Seu cabelo negro se tornou prateado e está

mais bonito do que nunca. Ele conseguiu uma cadeira de rodas vermelha.

Ela parece boa pela CNN.

Skip sentou e recolheu os braços.

– Eu não esperava a maior das gratidões, mas isso já é demais. – ele disse.

– Você se superou dessa vez, Matador.

Seus olhos piscaram.

– Não me chame assim!

– Então não nos chame de ladrões só porque tentamos salvar sua bunda

magricela. Inferno, nós *salvamos* sua bunda magricela!

– Ninguém te pediu para fazer isso.

– Não. – eu disse. – Você não pede nada para ninguém, pede? Eu acho que

você vai precisar de muletas maiores para se arrastar por aí com seu

complexo de inferioridade mais cedo do que pensa.

– Aquele complexo é o que tenho, cabeça de merda. O que você tem?

Muito o que estudar, é isso o que eu tenho. Mas eu não disse a Stoke isso.

De algum modo eu não achava que ele se derreteria em simpatia.

– Quanto daquele dia você lembra? – eu perguntei a ele.

– Eu me lembro de fazer a pichação no dormitório. Eu planejei isso por semanas.

E eu me lembro de ir para a aula de uma hora. Eu iquei lá pensando no que diria no escritório do Decano quando ele me chamasse. Que tipo de

declaração eu faria. Depois disso, tudo desaparece em pequenos

fragmentos. – ele deu um riso sarcástico e girou os olhos em suas órbitas que pareciam feridas. Ele esteve de cama por boa parte da semana, e

ainda parecia indiscutivelmente cansado. – Eu me lembro de dizer a vocês

que eu queria morrer. Eu disse isso, não foi?

Eu não respondi. Ele me deu todo o tempo do mundo, mas eu fiquei no meu

direito de permanecer calado.

Finalmente Stoke deu de ombros, do tipo que quer dizer "certo, esquece

isso".

Isso fez o ombro de seu pijama de hospital cair de seu ombro ossudo. Ele o

colocou de volta no lugar, usando sua mão cuidadosamente (havia uma

agulha intravenosa nela).

– Então vocês descobriram o sinal da paz, hein? Ótimo. Vocês podem usá-lo

quando forem ver Neil Diamond ou a porra da Petula Clark, no Festival de Inverno.

Quanto a mim, estou fora daqui. Para mim acabou.

– Se você for para a faculdade do outro lado do país, você acha que poderá

jogar suas muletas fora? – Skip perguntou. – Talvez entrar no time de

corrida de obstáculos?

Eu iquei um pouco chocado, mas Stoke sorriu. Era um sorriso de verdade

também, radiante e ileso.

– As muletas não são relevantes. – ele disse. – O tempo é curto demais para

se desperdiçar, *isso* é relevante. As pessoas daqui não parecem saber o que está acontecendo, e não se importam. Eles são as pessoas cinzas.

Apenas pessoas indo com a corrente. Em Orono, Maine, comprar um disco

dos Rolling Stones se torna um ato revolucionário.

– Algumas pessoas sabem mais do que pensam. . – eu disse. . mas eu estava

preocupado pelos pensamentos de Nate, que estivera preocupado que sua

mãe poderia ver a foto dele sendo preso e icou no meio- io por causa

disso. Um rosto no fundo, o rosto de um menino cinza na estrada para a odontologia do século vinte.

O Dr. Carbury botou a cabeça pela porta.

– Hora de irem, senhores. O Sr. Jones tem muito o que descansar.

Nós ficamos lá.

– Quando Dean Garretsen vier falar com você. . – eu disse. – . .ou aquele cara, Ebersole. .

– O máximo que saberão é que aquele dia todo foi um branco. – Stoke

disse. –

Carbury pode dizer que eu tenho bronquite desde Outubro e pneumonia

desde o feriado de Ação de Graças, então eles terão que aceitar. Eu direi que não fiz nada naquele dia.

Exceto, você sabe, largar as velhas muletas e correr um pouco.

– Nós realmente não roubamos seu sinal, sabe. – Skip disse. – Apenas o pegamos emprestado.

Stoke pareceu pensar nisso, então suspirou.

– Não é meu sinal. – ele disse.

– Não. – eu concordei. – Não mais. Até mais, Stoke. Nós voltaremos para te

ver.

– Não faça disso uma prioridade. – ele disse, e eu acho que tomamos sua palavra, porque nunca fomos. Eu o vi de volta no dormitório algumas vezes,

mas poucas. E eu estava na aula quando ele se mudou sem se importar de

terminar o semestre. Na vez seguinte em que eu o vi, ele estava no

noticiário da TV, quase vinte anos depois, falando sobre a reunião do

Greenpeace pouco depois da França explodir o navio *Guerreiro do Arco-*

Íris. Acho que foi em 1984, ou em ’85. Desde então eu o vi na TV muitas vezes. Ele junta dinheiro para causas ambientais, fala em campus de

faculdade em cima daquela cadeira de rodas vermelha, defende os eco-

ativistas na corte quando precisam de defesa. Eu ouvi dizer que o chamam

de “abraçador de árvores”, e eu aposto que ele meio que gosta disso. Ele ainda carrega aquele complexo de inferioridade. Eu ico feliz. Como ele

disse, é o que ele tem.

Quando chegamos à porta, ele nos chamou.

– Ei?

Voltamos a olhar para o rosto ino e branco em cima de um travesseiro

branco sobre um lençol branco, a única cor de verdade nele era aquela

massa de cabelos negros.

As formas de suas pernas sob o lençol novamente me izeram pensar no

Tio Sam da parada de Quatro de Julho em minha cidade. E novamente eu

pensei nele como uma criança com apenas quatro meses de vida. Mas

adicione alguns dentes brancos à pintura também, porque Stoke estava

sorrindo.

– Ei, o quê? – Skip disse.

– Vocês dois estavam tão preocupados com o que eu diria para Garretsen e

Ebersole. . talvez eu tenha algum complexo de inferioridade, ou coisa assim,

mas eu acho di ícil acreditar que todas essa preocupação é por minha casa.

Vocês dois decidiram ir para as aulas só para variar?

– Se fossemos, acha que conseguiríamos? – Skip perguntou.

– Poderão. – Stoke disse. – Há uma coisa que eu me lembro naquela noite.

Claramente, também.

Eu achei que ele diria que se lembrava de nós rindo dele. Skip também

pensou, ele me disse mais tarde, mas não foi isso.

– Você me carregou pela porta da sala de exames sozinho. – ele disse a Skip. – Não me deixou cair, tampouco.

– Sem chance de isso acontecer. Você não pesa muito.

– Ainda assim. . estar para morrer é uma coisa, mas ninguém gosta da idéia

de ser largado no chão. É indigno. Porque você não o fez, eu vou te dar um

bom conselho.

Saia dos programas de esportes, Kirk. A não ser que tenha algum tipo de bolsa escolar atlética que não pode ficar sem.

– Por quê?

– Porque eles vão te transformar em outra pessoa. Pode demorar mais do

que no CTOR para transformar David Dearborn em Dearie, mas eles

chegam lá no fim.

– O que você sabe sobre esportes? – Skip perguntou gentilmente. – O que

sabe sobre estar em um time?

– Eu sei que é uma época ruim para garotos de uniformes. – Stoke disse, e

então descansou a cabeça no travesseiro, e fechou os olhos. Mas uma boa época para ser garota, Carol havia dito. 1966 foi uma boa época para ser uma garota.

Voltamos ao dormitório e fomos para o quarto estudar. No salão Ronnie, Nick e Lennie e a maioria dos outros estavam caçando A Puta. Depois de um tempo, Skip fechou a porta para bloquear o som deles, e quando isso não funcionou totalmente, eu liguei o som de Nate, e nós ouvimos Phil Ochs.

Ochs está morto agora, morto como minha mãe, Michael Landon, e Ronnie

Malenfant. Ele se enforcou com seu cinto. A taxa de suicidas entre os

sobreviventes Atlantes icou bem alta. Não há surpresa nisso, eu acho;

quando seu continente afunda bem debaixo dos seus pés, isso causa um

belo dano a sua cabeça.

41

Um dia ou dois depois de termos visitado Stoke na enfermaria, eu liguei para minha mãe e disse que se ela realmente pudesse mandar um

dinheiro extra para mim, eu realmente gostaria de aceitar sua sugestão de

contratar um tutor. Ela não fez muitas perguntas e não reclamou (você

sabia que estava com problemas sérios com minha mãe quando ela não

reclamava), mas três dias depois eu tinha um pedido de trezentos dólares.

À isso adicionei meus lucros do jogo de Copas (eu ique impressionado em

descobrir que havia conseguido quase oitenta pratas. Isso é muito níquel).

Eu nunca contei a mamãe, mas eu na verdade contratei dois tutores com

seus trezentos, um deles era um aluno graduado que me ajudou com os

mistérios das placas tectônicas e a separação dos continentes, o outro, um

maconheiro do King Hall que ajudou Skip com antropologia (e talvez tenha

escrito uma cola ou duas para ele, embora eu não tenha certeza disso). O

nome do segundo cara era Harvey Brundage, e ele foi a primeira pessoa a

dizer “Uau, cara, putz grilla!” em minha presença.

Juntos, Skip e eu fomos ao Decano de Artes e Ciências (não tinha chance de

nós irmos para Garretsen, não depois da reunião de Novembro no

auditório do Chamberlain), e derramamos os problemas que encarávamos.

Tecnicamente nenhum de nós pertencia **à A e ao S (N.T. – Aqui o “A” se refere à Ásia, e o “S” ao Vietnã (que visto pelo mapa mundi tem**

oformado desta mesma letra).); como calouros, ainda não éramos

aceitáveis para sermos adultos, mas o Decano Randle nos ouviu. Ele recomendou que fossemos a cada um de nossos professores explicar o

problema. . mais ou menos nos jogar à misericórdia deles.

Nós izemos isso, envergonhados em cada minuto do processo; um dos

fatores que nos fez poderosos amigos naqueles anos foi ser criado pelas

mesmas idéias ianques, uma delas era que você não pode pedir por ajuda

a não ser que realmente precise, e talvez nem assim. A única coisa que nos

fez atravessar essa rodada embaraçosa de ligações foi o sistema de

amizade. Quando Skip estava com seus professores eu esperei por ele no

corredor, fumando um cigarro após o outro. Quando era minha vez, ele

esperava por mim.

Como um grupo, os professores foram mais simpáticos do que eu teria

imaginado; a maioria nos ajudou a não só passar, mas passar com notas

boas o bastante para manter nossas bolsas. Apenas o professor de cálculo

de Skip foi completamente ignorante, e Skip estava indo bem nessa para

patinar sem ter qualquer tipo de ajuda especial. Anos mais tarde eu

percebi que para muitos dos professores era mais uma questão moral do

que acadêmica: eles não queriam ler o nome de seus estudantes na lista de

mortos na guerra e se perguntarem se foram parcialmente culpados por

isso; a diferença entre um D e um C- poderia ser também a diferença entre

um garoto que pudesse ouvir e ver, e uma sentada com os sentidos

perdidos em um hospital de veteranos de guerra em algum lugar.

42

Depois de um desses encontros, e com os exames do im do semestre se

aproximando, Skip foi a Toca do Urso para se encontrar com seu tutor de Antropologia para uma seção de café e estudos. Eu tinha que lavar pratos

em Holyoke. Quando a esteira inalmente parou de funcionar naquela

tarde, eu voltei ao dormitório para continuar os estudos. Eu parei na

entrada para checar meu correio, e havia um pacote rosa nele.

O pacote vinha em um papel marrom com um cordão, mas animado com

adesivos de Natal de sinos e velas. O endereço do remetente me acertou no estômago como um soco pesado: Carol Gerber, 172, Broad Street, Harwich,

Connecticut.

Eu não havia tentado ligar para ele, e não só porque eu estava ocupado tentando salvar meu rabo. Eu não acho que percebi a razão até ver o nome

dela naquele pacote.

Eu havia me convencido que ela havia voltado para Sully-John. Que na

noite em que izemos amor em meu carro enquanto as músicas clássicas

tocavam era uma história antiga para ela agora. Que *eu* era uma história antiga.

Phil Ochs estava tocando no som de Nate, mas Nate estava dormindo em

sua cama com uma cópia da *Newsweek* aberta sobre seu rosto. O General William Westmoreland estava na capa. Eu sentei em minha mesa, o pacote

na minha frente, toquei no cordão, e então parei. Meus dedos tremiam.

Corações são fortes , ela havia dito. *Na maioria das vezes eles não se despedaçam. Na maioria das vezes eles apenas se dobram.* Ela estava certa, é claro. . mas o meu doía enquanto eu sentava olhando para o pacote de

Natal que ela havia me mandado; doía muito. Phil Ochs estava tocando, mas

minha mente estava ouvindo uma música mais clássica e doce. Em minha

mente eu ouvia os The Platters.

Eu desamarrei o cordão, rasguei a ita, e removi o papel marrom, e

eventualmente libertei uma caixinha branca. Dentro dela estava um

presente embrulhado em um papel vermelho e brilhante e uma ita de

cetim. Havia também um envelope quadrado com meu nome escrito nele

com sua caligrafia familiar. Eu abri o envelope e tirei o cartão (quando você

se importa o bastante para mandar o melhor, e tudo mais). Havia locos de

neve de alumínio, anjos de alumínio tocando trombetas de alumínio.

Quando eu abri o cartão, um recorte de jornal caiu no presente que ela havia me mandado. Era um jornal chamado *Harwich Journal*. Na margem

do topo, acima do título da notícia, Carol havia escrito: *Desta vez eu consegui. . Coração Púrpuro! Não se preocupe, 5 pontos na sala de emergência e depois eu já estava de volta em casa para o jantar.*

O título da história dizia: 6 FERIDOS, 14 PRESOS QUANDO UM

PROTESTO SE TRANSFORMA EM BRIGA. A foto era de um contraste forte

em comparação ao do Derry News onde todos, até mesmo os policiais e os trabalhadores que haviam começado seu próprio protesto, pareciam meio

que relaxados. Na foto do *Harwich Journal*, as pessoas pareciam à lor da pele, confusas, e há mais ou menos dois mil anos luzes de estarem

relaxadas. Havia caras fortes com tatuagens em seus braços malhados, e

caretas odiosas em seus rostos; havia garotos de cabelo longo olhando de volta para eles em fúria desa iante. Um deles estava com os braços

levantados na direção de um trio de homens como se dissesse *Vamos,*

querem um pedaço de mim? Havia policiais entre os dois grupos, parecendo

preocupados e tensos.

À esquerda (Carol havia desenhado uma seta nesta parte da foto, como seu eu não pudesse ver), havia uma jaqueta familiar com um COLÉGIO HARWICH escrita nas costas. Mas uma vez seu rosto estava virado, mas desta vez na direção da câmera ao invés de para longe dela. Eu conseguia ver o sangue escorrendo pela sua bochecha mais claramente do que queria. Ela poderia desenhar setas engraçadas e escrever todos os comentários aliviantes que quisesse na margem; eu não estava impressionado. Aquilo não era xarope de chocolate em seu rosto. Um policial a segurava por um braço. A garota na foto do jornal não parecia se importar com isso ou com o fato de que estava sangrando (como se ela *soubesse* que sua cabeça sangrava naquela hora). A garota na foto do jornal sorria. Em uma de suas mãos estava uma placa que dizia PAREM COM A MATANÇA. A outra mão estava apontada para a câmera, os primeiros dois dedos fazendo um V. V de vitória, eu pensei, mas é claro que não era. Em 1969, o V ia com a pegada de passarinho, do mesmo modo que o bacon ia com os ovos.

Eu li o texto do recorte, mas não havia nada particularmente interessante. Protestos. . contra-protestos. . epítetos. . pedras jogadas. . algumas brigas. . polícia chegando na cena. O tom da história era elevado e enojado e patroneava tudo ao mesmo tempo; me lembrou como Ebersole e Garretsen haviam estado naquela noite no auditório. *Vocês rapazes me desapontaram* . Todos, exceto três dos protestantes, haviam sido presos e liberados mais tarde naquele dia, o jornal não publicou o nome de ninguém, então presumidamente eles tinham menos de vinte e um.

Sangue em seu rosto. E ainda assim ela sorria. . triunfante, na verdade. Eu me toquei que Phil Ochs estava cantando (I must have killed a million men, and now they want me back

again) e eu tive um calafrio na espinha.

Eu virei o cartão. Ele ostentava os típicos sentimentos rimados; eles sempre

falam da mesma coisa, não é? Feliz Natal, com certeza espero que você não

morra no Ano Novo. Eu mal os li. No lado em branco virado para o verso, ela havia me escrito uma nota. Era longa o su iciente para usar a maior parte do espaço em branco.

Querido Número Seis,

Eu só "queria" te desejar o mais feliz dos Natais, e te dizer que eu estou bem.

Eu não vou voltar para a faculdade, embora eu esteja me associando a um certo tipo de escola (veja o recorte de jornal), e espero retornar eventualmente, provavelmente no Outono do semestre do próximo ano.

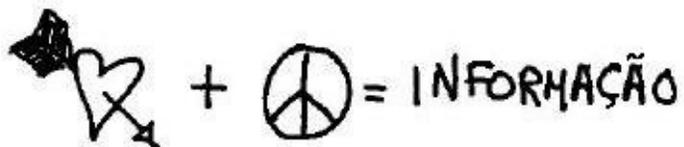
Minha mãe não vai muito bem, mas ela está tentando, meu irmão está se ajeitando. Rionda ajuda também. Eu vi Sully algumas vezes, mas não é a mesma coisa. Ele vem assistir TV a noite e somos como estranhos. .

ou talvez o que eu realmente quero dizer é que somos como velhos conhecidos em trens que vão em direções opostas.

Sinto saudades, Pete. Acho que nossos trens vão em direções opostas também, mas nunca esquecerei do tempo que passamos juntos. Foi a coisa mais doce e a melhor (especialmente a última noite). Você pode me escrever se quiser, mas eu meio que desejo que você não o izesse. Pode não ser bom para nenhum de nós. Isso não signi ica que eu não me importo ou quero me lembrar, mas ao contrário.

Lembra-se daquela noite que eu te mostrei aquela foto e te falei de como fui espancada? Como meu amigo Bobby cuidou de mim? Ele tinha um livro naquele verão. O homem do andar de cima deu a ele. Bobby disse quer foi o melhor livro que ele já havia lido. Não que signi ique muito quando se tem onze anos, eu sei, mas eu o vi de novo na biblioteca do colégio em meu último ano e o li, só para ver como era. E eu achei que foi muito bom. Não o melhor livro que eu li, mas muito bom. Eu achei que você gostaria de uma cópia.

Embora tenha sido escrito há vinte anos, eu meio que penso que é sobre o Vietnã. Mesmo se não for, é cheio de informação.

Eu te amo, Pete. Feliz Natal.

P.S.: Pare de jogar aquele jogo de cartas idiota.

Eu a li duas vezes, então dobrei o recorte cuidadosamente e o coloquei de

volta no cartão, minhas mãos ainda tremiam. Em algum lugar eu acho que

ainda tenho o cartão. . como também tenho certeza que em algum lugar

“Carol Vermelha” ainda tem sua pequena fotogra ia de seus amigos de

infância. Se ela ainda está viva, é claro. Não é uma coisa muito certa: muitos

de seus velhos amigos não estão.

Eu abri o pacote. Dentro dele (e em um chocante contraste com o

embrulho de Natal e a ita de cetim branca), estava uma cópia de capa

mole de *O Senhor das Moscas*, de William Golding. De algum modo eu havia

deixado de ler na escola, optando por *Uma Paz Separada*, no trabalho do último ano porque *Paz* pareceu menor.

Eu o abri, pensando que haveria uma inscrição. Havia, mas não do tipo que

eu esperava, não mesmo. Foi isso o que eu encontrei no espaço em branco

da página título:

Meus olhos se encheram de lágrimas inesperadas. Eu coloquei a mão na

boca para segurar o soluço que queria sair. Eu não queria acordar Nate, nem queria que ele me visse chorando. Mas eu chorei, pode apostar. Eu

sentei lá em minha mesa, e chorei por ela, por mim, por nós dois, e por todos nós. Eu não me lembro de me machucar tanto em minha vida quanto

naquela época. Corações são fortes, ela disse, na maioria das vezes os

corações não quebram, e eu tenho certeza disso. . mas e quanto a eles?

E quanto àqueles que estavam lá naquela época? E quanto aos corações na

Atlântida?

43

De qualquer forma, Skip e eu sobrevivemos. Fizemos um bom trabalho, nos

arrastamos pelas inais, e voltamos ao Chamberlain Hall no meio de

Janeiro. Skip me disse que havia escrito uma carta para John Winkin, o

técnico de beisebol, durante as férias, dizendo que havia mudado de idéia

sobre entrar no time.

Nate estava de volta ao Chamberlain Três. E, por incrível que pareça,

Lennie Doria (devendo matérias, mas lá). Entretanto, seu amigo Tony

DeLucca se fora. Assim como Mark St. Pierre, Barry Margeaux, Nick Prouty,

Brad Whiterspoon, Harvey Twiller, Randy Echolls… e Ronnie, é claro.

Recebemos um cartão dele em Março. O remetente era de Lewiston, e

simplesmente endereçado para os Iô-Iôs do Chamberlain Três. Nós o

observamos no salão, na cadeira onde Ronnie sentava durante a maioria

dos jogos. Na frente estava Alfred. E. Neuman, o garoto-capa da *Mad*. No verso Ronnie havia escrito: “Tio Sam chama, e eu tenho que ir. Palmeiras em meu futuro e quem se importa com essa m—da. Quer uma coisa para

se preocupar? Eu venci com 21 pontos.

Isso me faz o vencedor.” Estava assinado RON. Skip e eu rimos muito disso.

Pelo que eu sei, o menininho boca-suja da Sra. Malenfant iria ser Ronnie até o dia de sua morte.

Stoke Jones, também conhecido como Matador, também se fora. Eu não

pensei muito nele por um tempo, mas seu rosto e memória voltaram a mim

com assustadora (se breve) vividez um ano e meio depois. Eu estava na

cadeia naquela época, em Chicago.

Eu não quantos de nós os policias prenderam fora do centro na noite em que Hubert Humphrey se tornou candidato, mas havia muitos, e muitos de

nós estavam machucados (uma comissão de ita-azul iria, um ano mais

tarde, designar aquele evento como uma “greve de polícia” em seu

relatório).

Eu acabei numa cela em que cabiam quinze prisioneiros (vinte no

máximo), com mais ou menos sessenta hippies nocauteados, espancados,

fodidos, sangrentos, acabados, alguns fumando maconha, outros chorando, outros vomitando, outros cantando músicas de protesto (no canto mais

longe, vindo de um cara que eu nunca vi, veio uma versão desa inada de

“I’m Not Marchin’ Anymore”). Era como uma versão penal esquisita de um

amasso em uma cabine telefônica.

Eu estava esmagado contra as barras, tentando proteger o bolso de minha

camisa (cigarros), e meu bolso da calça (a cópia de *O Senhor das Moscas* que Carol havia me dado, agora muito surrado, com metade da capa

rasgada, e as páginas descolando), quando de repente o rosto de Stoke

apareceu em minha mente como uma brilhante e completa fotogra ia em

alta resolução. Veio do nada, pareceu, talvez um produto de um circuito

adormecido de minha memória que havia icado momentaneamente

quente, estimulado ou pelo cacetada na cabeça, ou pelo gás lacrimogêneo.

E uma pergunta veio com esse pensamento.

– Mas que *porra* estava fazendo um aleijado no terceiro andar? – eu perguntei alto.

Um baixinho forte de cabelos loiros (uma espécie de versão anã de Peter Frampton, se você se lembrar) olhou em volta. Seu rosto estava pálido e era cheio de espinhas. Sangue estava secando sob seu nariz e em uma

bochecha.

– Como é cara? – ele perguntou.

– Mas que porra estava fazendo um aleijado no terceiro andar de um

dormitório de faculdade? Um sem elevador? Eles não teriam que tê-lo

colocado no primeiro andar?

– então eu me lembrei de Stoke se arrastando na direção do Holyoke, a

cabeça abaixada, e seu cabeço pendendo sobre os olhos, Stoke

murmurando “Mate-mate, mate-mate.”, sob sua respiração. Stoke indo para

todos os lugares como se tudo fosse seu inimigo; dê-lhe uma moeda e ele tentaria explodir o mundo todo.

– Cara, não estou te entendendo. O quê. .

– A não ser que ele tenha pedido a eles. – eu disse. – A não ser que ele tenha *exigido* isso.

– Bingo. – disse o baixinho com o cabelo de Peter Frampton. – Tem um baseado aí, cara? Eu quero icar doidão. Esse lugar é uma droga, eu quero

ir para a Vila dos Hobbits.

44

Skip se tornou um artista, e ele é famoso em seu próprio modo. Não como

Norman Rockwell, e você nunca veria uma reprodução das esculturas de

Skip em um prato oferecido por Franklin Mint, mas ele tinha várias exibições: Londres, Roma, Nova York, Paris no ano passado, e ele era

elogiado pela crítica regularmente. Havia vários críticos que o chamavam

de desinteressantes, o sabor do mês (alguns o têm chamado de sabor do

mês há vinte e cinco anos), uma mente banal tentando se comunica via

imagens baixas com outras mentes banais. Outros críticos o aclamaram por

sua honestidade e energia. Eu tenciono nesta direção, mas suponho que

deveria; eu o conhecia desde os dias em que escapamos do grande

continente que afundava juntos, e ele continuou meu amigo; de um modo

distante, ele continuava meu *melhor amigo*.

Houve também críticos que comentaram a raiva em seu trabalho, tão

constantemente expressada, a raiva que eu vi claramente na família

vietnamita de papel-machê em que ele tacou fogo na frente da biblioteca

escolar para o pulso ampli icado dos The Youngbloods lá em 1969. E sim.

Sim, havia algo nisso. Algumas das coisas de Skip eram engraçadas,

algumas eram tristes, e algumas eram bizarras, mas a maioria parecia

furiosa, a maioria de suas pessoas e obras de papel e plástico pareciam sussurrar para ele *Me acenda, oh, me acenda e me ouça gritar, ainda é 1969,*

ainda é Mekong, e sempre será. “É a raiva de Stanley Kirk que faz seu trabalho ter valor”, um crítico

escreveu durante uma exposição em Boston,

e eu suponho que foi aquela mesma raiva que contribuiu para o seu

ataque do coração, dois meses depois.

Sua esposa me ligou e disse que Skip queria me ver. Os doutores

acreditavam que não havia sido um evento cardíaco sério, mas o Capitão

implorou para discordar.

Meu velho *melhor amigo* Capitão Kirk achou que estava morrendo.

Eu voei para Palm Beach, e quando eu o vi (rosto branco sob um cabelo em

sua maior parte branco num travesseiro branco), isso fez uma memória

que eu não consegui pegar muito bem, piscar.

– Está pensando em Jones. – ele disse, em uma voz rouca, e é claro que ele

estava certo. Eu sorri, e no mesmo instante um calafrio percorreu o meio de minha espinha. Às vezes alguns assuntos voltam para você. Às vezes

eles voltam.

Eu entrei e sentei ao seu lado.

– Nada mau, "O swami".

– Nem duro, tampouco. – ele disse. – É aquele dia na enfermaria outra vez,

exceto que Carbury está provavelmente morto, e desta vez sou eu com um

tubo em cima da mão. – ele levantou uma de suas mãos talentosas, mostrou

o tubo, e então a abaixou novamente. – Eu não acho que vou morrer mais.

Ao menos não agora.

– Bom.

– Você ainda fuma?

– Me aposentei. No último ano.

Ele assentiu.

– Minha esposa diz que vai se divorciar de mim se eu não izer isso

também. .

então acho que é melhor eu tentar.

– É o pior dos hábitos.

– Na verdade, eu acho que viver é o pior dos hábitos.

– Poupe as frases de impacto para o *Reader's Digest*, Capitão.

Ele riu, e então me perguntou se eu tinha notícias de Nate.

– Um cartão de Natal, como sempre. Com um foto.

– Maldito Nate! – Skip estava radiante. – Era do escritório dele?

– Sim. Ele colocou um presépio na frente este ano. Os Magos parecem estar

precisando de tratamento dental.

Olhamos um para o outro e começamos a rir. Antes que Skip pudesse

continuar, ele começou a tossir. Era assustadoramente igual à Stoke (por

um momento ele até *pareceu* com Stoke), e eu senti aquele calafrio nas costas novamente. Se Stoke estivesse morto acharia que ele estava nos

assombrando, mas ele não estava. E sem seu próprio modo, Stoke Jones era

tão vendido quanto cada hippie aposentado que evolui de vender cocaína

para drogados pelo telefone. Ela adorava a cobertura da TV, assim como

Stoke; quando O.J. Simpson foi julgado, você poderia pegar Stoke em algum

lugar por perto, apenas outro urubu circulando sua carniça.

Carol foi uma das que não se venderam, eu acho. Carol e seus amigos, e quanto aos estudantes de química que eles mataram com sua bomba? Foi

um erro, eu acredito com todo o meu coração (a Carol Gerber que eu

conhecia não teria paciência para a idéia de que todo o poder vinha de um

barril de pólvora). A Carol que eu conhecia teria entendido que era apenas

outro modo fodido de dizer que tínhamos que destruir a vila para salvá-la.

Mas você acha que os parentes daquelas crianças se importaram se foi um

erro, a bomba não explodiu quando deveria, me desculpe? Você acha que

as perguntas sobre quem se vendeu e quem não se vendeu importam para

as mães, pais, irmãos, irmãs, amantes, amigos? Você acha que importa para

as pessoas que tem que recolher os cacos e seguir em frente? Corações

podem se despedaçar. Sim. Corações podem se despedaçar. Às vezes eu

acho que seria melhor se morrêssemos quando ele se despedaçasse, mas

não morremos.

Skip tentou reganhar sua respiração. O monitor ao seu lado estava bipando

de um modo preocupante. Uma enfermeira entrou e Skip a expulsou. Os

bipes voltando ao seu ritmo anterior, então ela foi. Quando ela se fora, Skip

falou:

– Por que rimos tanto quando ele caiu naquele dia? Essa pergunta nunca

me deixou inteiramente.

– Não. – eu disse. – Nem a mim.

– Então qual é a resposta? Por que rimos?

– Porque somos humanos. Por um momento, eu acho que estava entre

Woodstock e Kent State, achávamos que éramos algo mais, mas não

éramos.

– Achávamos que éramos pó de estrela. – Skip disse. Quase com a cara

séria.

– Achávamos que éramos de ouro. – eu concordei, rindo. – E tivemos que nos levar de volta para o jardim.

– Chegue mais perto, garoto hippie. – Skip disse, e eu fui. Eu vi que meu velho amigo, que havia enganado Dearie, Ebersole, e o Decano dos

Homens, que havia ido e implorado aos seus professores para ajudá-lo,

que me ensinou a beber cerveja do gargalo e dizer “caralho” em doze

entonações diferentes, estava chorando um pouco.

Ele estendeu os braços para mim. Eles haviam emagrecido com o passar

dos anos, e agora os músculos pendiam ao invés de estarem duros. Eu me

inclinei e o abracei.

– Nós tentamos. – ele disse em meu ouvido. – Nunca se esqueça disso, Pete.

Nós tentamos.

Eu suponho que sim. À seu modo, Carol tentou mais forte do que nós e

pagou o maior preço. . exceto pelos que morreram. E embora tivéssemos

esquecido a linguagem que falávamos naqueles anos (está tão perdida

quanto jeans boca de sino, jaquetas Nehru e placas que diziam MATAR

PELA PAZ é COMO FODER PELA CASTIDADE), às vezes uma palavra ou

duas voltam. Informação, sabe. Informação. E

às vezes, em meus sonhos e memórias (quanto mais velho eu ico mais elas

parecem as mesmas), eu sinto o cheiro do lugar de onde eu falava aquela

linguagem com autoridade tão fácil: um perfume da terra, um aroma de

laranjas, o enfraquecido cheiro das flores.

Ele passa essa página, até o im do caderno, onde ele colocou fotos e recortes de jornais de Carol Gerber que ele colecionou através dos anos: Carol com sua mãe, Carol segurando seu irmão recém-nascido e sorrindo

nervosamente, Carol e seu pai (ele com seu uniforme azul da Marinha e

seu cigarro, ela olhando para ele com grandes olhos surpresos), Carol no grupo de líderes de torcida do Colégio Harwich, em seu primeiro ano,

fotografada no meio de um pulo com um pom-pom para cima e o outro na

altura de sua saia, Carol e John Sullivan em tronos de alumínio no Colégio Harwich em 1965, o ano em que foram eleitos Rei e Rainha da Neve no

baile do último ano. Eles pareciam um casal em um bolo de casamento;

Willie pensa isso toda vez que olha no velho recorte amarelado. Seu

vestido sem alça, seus ombros descobertos. Não há sinal de que por um

tempo, em algum lugar do passado, o esquerdo estava saliente parecendo

uma corcunda dupla. Ela estava chorando antes da última pancada,

chorando muito, mas chorar não havia sido o bastante para Harry Doolin.

Daquela última vez em que ele girou nos calcanhares, e bateu o bastão

nela, houvera um som de uma marreta batendo uma torrada, e *então* ela gritou, gritou tão alto que Harry fugiu sem mesmo olhar para trás para ver

se Willie e Richie O'Meara estavam seguindo-o. Deu no pé, o velho Harry Doolin, havia corrido como uma lebre. Mas e se ele não tivesse corrido? E

se ao invés de correr, Harry houvesse dito *Segurem-na, rapazes, eu não estou ouvindo isso, eu vou calar a boca dela*, pretendendo girar os calcanhares mais uma vez, desta vez mirando a cabeça? Eles a teriam

segurado? Eles a teriam segurado para ele mesmo naquela época?

Você sabe que teria, ele pensa devidamente. *Você tanto faz penitência pelos*

que fez quanto pelo que você foi poupado de fazer. Não é?

Aqui Carol em seu vestido de formatura; Primavera de 1966, está

marcado. Na página seguinte está um recorte de jornal do *Harwich Journal*

marcado como Outono de 1966. A foto que vem junto mostra ela

novamente, mas esta nova versão de Carol parece um milhão de anos

removida da jovem no vestido de formatura, a jovem com o diploma na

mão, com meias brancas nos pés, e seus olhos modestos para baixo. Esta

garota é feroz e sorridente, estes olhos olham diretamente para a câmera.

Ela parece não perceber o sangue que corre por sua bochecha esquerda.

Ela mostra o sinal da paz. A garota já está no caminho para Danbury, esta

garota tem suas sapatilhas de Danbury vestidas. Pessoas morreram em

Danbury, tripas voaram, querida, e Willie não duvida que ele parcialmente

responsável. Ele toca o sorriso feroz e sangrento da garota com sua placa que diz PAREM COM A MATANÇA (só que ao invés de pará-la, ela se

tornou parte dela) e sabe que no im seu rosto é o único que importa, seu

rosto é o espírito da época. 1960 é fumaça; aqui está o fogo. Aqui está a Morte com o sangue na bochecha e um sorriso em seus lábios, e um sinal em sua mão. Aqui está a boa e velha demência de Danbury.

O próximo recorte é a página frontal do jornal de Danbury. Ele teve que dobrá-la três vezes para que coubesse no caderno. A maior das quatro

fotos mostra uma mulher gritando no meio da rua mostrando suas mãos

cheias de sangue. Atrás dela está um prédio de tijolos que foi estourado como um ovo. Verão de 1970, ele escreveu ao lado.

6 MORTOS, 14 FERIDOS EM ATAQUE DE BOMBA EM DANBURY

Grupo Radical Clama Responsabilidade

“Ninguém deveria ter se machucado”, a Garota Diz a Polícia.

O grupo (Estudantes Militares pela Paz, como assim se auto-denominava),

plantou uma bomba em um salão de leitura no campus da UConn de

Danbury. No dia da explosão, a Coleman Chemicals estava fazendo

entrevistas de emprego entre as dez da manha e as quatro da tarde. A

bomba supostamente deveria explodir às seis da manhã, quando o prédio

estivesse vazio. Eles falharam nisso. Às oito horas, então novamente às

nove, alguém (presumivelmente da EMP) ligou para a Segurança do

Campus e contou sobre a presença da bomba no salão de leitura do

primeiro andar.

Houve procuras apressadas, e nenhuma evacuação. “Essa foi a nossa 83ª

ameaça de bomba no ano”, um o icial da Segurança do Campus não

identi icado disse. Nenhuma bomba foi encontrada, embora o EMP mais

tarde clamou veementemente que a exata localização (o duto de ar-

condicionado do lado esquerdo da sala) havia sido dado.

Houve evidência (persuasiva para Willie Shearman se não para qualquer

um) que ao meio-dia e quinze, enquanto as entrevistas de emprego haviam

parado para o almoço, uma jovem fez um esforço (um risco considerável

para sua vida e seu corpo) para tentar reaver a bomba por si mesma. Ela

passou mais ou menos dez minutos no corredor da sala de leitura antes de

ser levada, protestando, por um homem com cabelos negros e longos. O

zelador que os viu, mais tarde identi icou o homem como Raymond Fiegler,

líder dos EMP. Ele identi icou a jovem como Carol Gerber. Às duas e vinte daquela tarde, a bomba inalmente explodiu. Deus abençoe os vivos; Deus

abençoe os mortos.

Willie virou a página. Aqui está o título de uma notícia do *Oklahoman*, jornal de Oklahoma. Abril de 1971.

3 RADICAIS MORTOS EM TIROTEIO EM BLOQUEIO DE ESTRADA

"Peixe Grande" Pode Ter Escapado Por Questão de Minutos Diz o Agente

Especial Thurman do FBI no Comando

O peixe grande era John e Sally McBride, Charlie "Pato" Golden, o elusivo Raymond Fiegler. . e Carol. Os membros remanescentes dos EMP, em

outras palavras.

Os McBrides e Golden morreram em Los Angeles, seis meses depois,

alguém na casa continuou a atirar e jogar granadas mesmo quando o lugar

já estava em chamas. Nem Fiegler, nem Carol estavam no abrigo queimado,

mas a polícia achou uma quantidade de sangue que foi tipi icado como AB

Positivo. Um tipo raro de sangue. O tipo de sangue de Carol.

Morta ou viva? Viva ou morta? Não há um dia em que Willie não se

pergunte sobre isso.

Ele vira a próxima página do caderno, sabendo que deveria parar, que

deveria ir para casa, que Sharon iria icar preocupado se ele ao menos não

ligasse (ele vai ligar, lá embaixo ele vai ligar, ela está certa, ele é muito fidedigno), mas ele não pára ainda.

O título em cima da foto que mostra os restos da casa na Benefit Street é do

Los Angeles Times.

3 DOS "12 DE DANBURY MORREM NO LESTE DE L.A.

Polícia Especula Pacto Suicida

Apenas Fiegler e Gerber Desaparecidos

Exceto que os policiais acreditavam que Carol, pelo menos, estava morta.

O jornal deixou isso bem claro. Naquela época, Willie também estivera

convencido. Todo aquele sangue. Agora, entretanto. .

Morta ou viva? Viva ou morta? Às vezes seu coração sussurra para ele que

o sangue não importa, que ela escapou daquele casebre antes que os

últimos atos de insanidade fossem cometidos lá. Em outros tempos ele

acreditou no que a policia acreditara (que ela e Fiegler fugiram dos outros

só depois do primeiro tiroteio, antes que a casa fosse cercada); que ela havia morrido das feridas sofridas no tiroteio ou que foi assassinada por Fiegler porque ela o estava atrasando. De acordo com este cenário, a

garota feroz com o sangue no rosto e o sinal em sua mão era

provavelmente agora um saco de ossos queimando no deserto em algum

lugar ao leste do sol e à oeste de Tonopah.

Willie toca a foto da casa queimada na Bene it Street. . e subitamente um nome vem até ele, o nome do homem que talvez impediu que Dong Ha se

transformasse em outra My Lai ou My Khe. Slocum. Esse era o nome dele,

deveras. Era como se as luzes escurecidas e as janelas quebradas

houvessem sussurrado para ele.

Willie fecha o caderno e o guarda, sentindo-se estranhamente em paz. Ele

termina de arrumar o que precisa nos escritórios da Midtown Heating & Cooling, então desce cuidadosamente pelo vão e coloca um pé na escadinha

abaixo. Ele pega a alça da maleta e a atravessa pelo vão. Ele desce ao terceiro degrau, então abaixa o vão em seu lugar, e recolocam o painel do

teto ao lugar que pertence.

Ele não pode fazer nada. . qualquer coisa *permanente*. . ao O icial Jasper Wheelock. Mas Slocum poderia. Sim, deveras, Slocum poderia. É claro que

Slocum era negro, mas e daí? No escuro todos os gatos são pardos. . e para

os cegos, eles não tem qualquer cor. É realmente um grande pulo de Willie

Cegueta Gar ield, para Willie Cegueta Slocum? Claro que não. Fácil como

respirar, realmente.

– Vocês ouvem o que eu ouço. – ele canta mansamente, enquanto guarda a

escadinha em seu lugar. – Vocês cheiram o que eu cheiro. Vocês sentem o

gosto do que eu sinto?.

Cinco minutos depois ele fecha a porta dos Analistas da Western States

Land irmemente atrás dele e fecha os três cadeados. Então ele desce até o corredor. Quando o elevador chega, ele entra, e pensa, *Gemada. Não se esqueça. Os Allens e os Dubrays*.

– E canela também. – ele diz em voz alta. As três pessoas no elevador com

ele olham em volta, e Bill sorri constrangido.

Do lado de fora, ele segue na direção da Estação Central, registrando

apenas um pensamento enquanto a neve bate em cheio em seu rosto e

entra pelo colarinho do casaco: o Papai Noel do lado de fora do prédio consertou a barba.

MEIA-NOITE.

– Share?

– Hmmmm?

Sua voz é sonolenta, distante. Eles izeram amor, longa e devagar, depois que os Dubrays inalmente se foram às onze horas, e agora ela está quase

dormindo. Tudo bem; ele está com sono também. Ele tem uma sensação

que todos os seus problemas estão se resolvendo por si mesmos. . ou que Deus os está resolvendo.

– Eu acho que vou tirar uma semana de folga depois do Natal. Fazer alguns

registros. Dar uma olhada em alguns lugares novos. Estou pensando em ir

para outro lugar. – não há razão para ela saber o que Willie Slocum estará

fazendo na semana antes do Ano Novo; ela não faria nada a não ser se

preocupar (talvez, talvez não, ele não vê razão para tentar descobrir), se sentir culpada.

– Bom. – ela diz. – Veja uns ilmes enquanto estiver lá, certo? – sua mão surge da escuridão e toca seu braço brevemente. – Você trabalha tanto. –

pausa. – Também, você se lembrou da gemada. Eu realmente achei que

você não se lembraria. Estou muito feliz com você, querido.

Ele sorri no escuro com essa, sem pode evitar. Isso é a cara de Sharon.

– Os Allens são legais, mas o Dubrays são chatos, não são? – ela pergunta.

– Um pouco. – ele se permite dizer.

– Se aquele vestido dela fosse cortado um centímetro a mais, ela poderia arrumar emprego em um bar de strip-tease.

Ele não diz nada, mas sorri novamente.

– Foi bom hoje à noite, não foi? – ela pergunta. Não é da pequena festa que

ela está falando.

– Sim, excelente.

– Você teve um bom dia? Eu não tive a chance de perguntar.

– Um ótimo dia, Share.

– Eu te amo, Bill.

– Eu também te amo.

– Boa noite.

– Boa noite.

Enquanto ele adormece, ele pensa no homem com o suéter vermelho de

esqui.

Ele adormece sem perceber, o pensamento derretendo-se sem esforço em

um sonho.

– Sessenta e nove e setenta foram os piores anos. – o homem de suéter vermelho diz. – Eu estava na Colina Hamburger com a Companhia 3/187.

Perdemos vários bons homens. – então seu rosto se ilumina. – Mas eu

peguei isso. – do bolso esquerdo de seu casaco, ele pega um barba branca

presa com um cordão. – E isto. – do bolso direito ele tira um copo de isopor

rachado, a que ele sacode. Algumas moedas soltas chocalham no fundo

como dentes. – Então você vê. – ele diz, desaparecendo agora. – Há

compensações até para a vida mais cega.

Então o próprio sonho se desmancha, e Bill Shearman dorme

profundamente até as seis e quinze da manhã seguinte, quando o rádio-

relógio o acorda ao som de “O Menino do Tambor”.

1983: Deus abençoe a todos.

WILLIE CEGUETA

6:15 A.M.

Ele acorda com a música, sempre com a música; o insistente *bip-bip-bip* do

alarme de seu rádio-relógio é demais para sua mente suportar naqueles

primeiros momentos borrados do dia. Soa como um caminhão de lixo

dando ré. O rádio é muito ruim nesta época do ano; a leve estação a que seu rádio-relógio está sintonizado toca músicas natalinas a toda hora, e

nesta manhã ele acorda ouvindo a pior das duas ou três músicas que estão

na sua lista das mais odiadas, algo cheio de vozes sussurrantes e alegria falsa. O Coral de Hare Krishna ou Cantores de Andy Williams, ou coisa

assim.

Você ouve o que eu ouço, as vozes sussurrantes cantam enquanto ele se

senta na cama, piscando confusamente, o cabelo espetado para todas as

direções. Você vê o que eu vejo, eles cantam enquanto ele coloca os pés no

chão, faz uma careta enquanto anda pelo chão frio na direção do rádio, e aperta o botão que o desliga.

Quando ele se vira, Sharon assumiu sua

postura defensiva de costume: o travesseiro esmagado contra sua cabeça,

nada à mostra exceto a curva cremosa de um ombro, uma alça de camisola

de renda, a um fofo cabelo aloirado.

Ele vai ao banheiro, fecha a porta, tira o pijama com que dormiu, o joga na

cesta de roupas, e pega seu barbeador elétrico. Enquanto ele o passa pelo

rosto, ele pensa, Por que não passam pelo resto do catálogo sensorial

enquanto estão em cima dele, rapazes?

Vocês cheiram o que eu cheiro, vocês sentem o gosto do que eu sinto, vocês

sentem o que eu sinto, quero dizer, vão nessa.

– Embuste. – ele diz enquanto se vira para o chuveiro. – É tudo embuste.

***

Vinte minutos depois, enquanto está se vestindo (o terno cinza-escuro de

Paul Stuart nesta manhã, mais sua gravata favorita da Sulka), Sharon

acorda um pouco.

Embora não o bastante para ele entender totalmente o que ela diz.

– Como é? – ele pergunta. – Eu entendi a parte da gemada, mas o resto foi

só uga-uga.

– Eu perguntei se você poderia trazer dois quartos de gemada quando

voltasse. –

ela diz. – Os Allens e os Dubrays virão hoje à noite, lembra-se?

– Natal. – ele diz, checando seu cabelo cuidadosamente no espelho. Ele já não mais parece o notório homem sonolento que senta em sua cama ao

som da música por cinco manhãs à semana (ás vezes seis). Agora ele

parece com todas as outras pessoas que viajarão a Nova York com ele às sete e quarenta, e isso é justamente o que ele quer.

– O que tem o Natal? – ela pergunta com um sorriso sonolento. – Embuste,

certo?

– Certo. – ele concorda.

– Se você lembrar, traga um pouco de canela também. .

– Certo.

– . .mas se você esquecer da gemada, eu te *mato*, Bill.

– Eu vou lembrar.

– Eu sei. Você é muito fidedigno. E está bonito também.

– Obrigado.

Ela cai na cama novamente, então se apóia com um cotovelo enquanto ele

faz um ajuste de última hora em sua gravata, que é azul-marinho. Ele

nunca usou uma gravata vermelha em sua vida, e ele espera que possa chegar ao seu túmulo intocado por este vírus em particular.

– Eu consegui o ouropel que você queria. – ela diz.

– Hã?

– O *ouropel*. – ela diz. – Está na mesa da cozinha.

– Oh. – agora ele se lembra. – Obrigado.

– Não tem de quê. – ela deixa-se cair e já está começando a dormir

novamente.

Ele não inveja o fato de que ela pode ficar na cama até às nove (inferno, até

às onze, se ela quiser), mas ele inveja sua habilidade de acordar, falar, e então dormir novamente.

Ele tinha isso quando estava na moita (a maioria dos rapazes tinha), mas a

moita foi há muito tempo atrás. *No campo* é como os novatos e

correspondentes sempre dizem; se você esteve lá por um tempo era só a

moita, ou às vezes, o verde.

No verde, é.

Ela diz algo mais, mas agora ela voltou a falar uga-uguês. Ele sabe o que é,

mesmo assim: tenha um bom dia, querido.

– Obrigado. – ele diz, lhe beijando o rosto. – Terei.

– Pareça bem. – ela murmura novamente, embora seus olhos estejam

fechados. –

Te amo, Bill.

– Te amo também. – ele diz, e sai.

***

Sua maleta (uma Mark Cross, não a melhor de todas, mas quase), está na

sala da frente, perto do mancebo onde está seu casaco (da Tager's, na

Madison) pendurado. Ele pega a maleta pelo caminho e a leva para cozinha. O café está pronto (Deus abençoe, a cafeteira), e ele serve-se com

um copo. Ele abre a maleta, que está inteiramente vazia, e pega a bola de ouropel na mesa da cozinha. Ele a segura por um momento, observando o

modo como ela re lete sob as luzes luorescentes da cozinha, então a coloca

na mala.

– Você ouve o que eu ouço. – ele diz para ninguém, e então fecha a maleta.

8:15 A.M.

Lá fora, pela janela suja à sua esquerda, ele pode ver a cidade se mexendo.

A sujeira no vidro a faz parecer uma grande ruína suja (Atlântida morta, talvez, içada de volta para a super ície para brilhar sob o céu cinzento). O

dia tem um monte de neve presa em sua garganta, mas isso não o

preocupa muito; é apenas oito dias antes do Natal, e os negócios serão

bons.

O vagão cheira a vapor do café matinal, do desodorante matinal, da loção pós-barba matinal, do perfume matinal, e da fome matinal. Há uma pessoa

usando gravata em quase todos os assentos (até as mulheres as usam hoje

em dia). Os rostos têm aquela aparência fofa das oito horas, ambos os olhos

introspectivos e indefesos, as conversas são chatas. Essa é a hora em que mesmo as pessoas que não bebem parecem estar de ressaca. A maioria

das pessoas se agarra ao jornal. Por que não? Reagan é o rei da América, o

mercado de seguros transformou-se em ouro, pena de morte está na moda

novamente. A vida é boa.

Ele mesmo tem as palavras cruzadas do *Times* abertas a sua frente, e embora ele tenha preenchido alguns quadrinhos, isso é mais como uma

medida de defesa. Ele não gosta de falar com as pessoas no metrô, não

gosta de ter qualquer tipo de conversa, e a última coisa que ele quer no mundo é um amigo de viagem. Quando ele começa a ver os mesmos rostos

em qualquer vagão, quando as pessoas começam a assentir para ele ou

dizer “Como está passando hoje?” enquanto vão se sentar, ele muda de

vagão. Não é tão di ícil permanecer desconhecido, apenas mais um viajante

do subúrbio de Connecticut, um homem notável apenas por sua recusa

inflexível em usar uma gravata vermelha.

Talvez uma vez ele tenha sido um menino de escola paroquial, talvez uma

vez ele tenha segurado uma garotinha chorosa enquanto um de seus amigos a espancava repetidamente com um bastão de beisebol, e talvez

uma vez ele tenha passado o tempo no verde. Ninguém no metrô tem que

saber destas coisas. Essa é a coisa boa sobre metrôs.

– Tudo pronto para o Natal? – o homem no assento pergunta.

Ele olha para cima, quase com uma carranca, então observa que não foi um

comentário substantivo, só um do tipo “falar para passar o tempo” que

algumas pessoas se sentem impulsionadas a fazer. O homem ao seu lado é

gordo, e sem dúvidas estará fedendo ao meio-dia, não importa o quanto de

desodorante ele use nesta manhã. . mas ele nem mesmo está olhando para

Bill, então está tudo bem.

– Sim, bem, você sabe. – ele diz, olhando para baixo, para sua maleta entre

seus sapatos (a maleta que contém a bola de ouropel e nada mais). – O

espírito está chegando em mim, pouco a pouco.

8:40 A.M.

Ele sai pela Estação Central com mil outros homens e mulheres de casaco,

executivos de médio porte em sua maioria, porquinhos-da-índia fofos que

estarão a todo vapor em suas rodas de exercício ao meio-dia. Ele para por

um momento, respirando fundo o ar gelado. A Avenida Lexington está

vestida de luzes natalinas, e não muito longe um Papai Noel que parece

Porto-Riquenho está tocando um sino. Ele tem um pote para contribuições

com um cavalete ao lado. AJUDE OS DESABRIGADOS NESTE

NATAL, diz a mensagem no cavalete, e o homem de gravata azul pensa,

Que tal um pouco de verdade na propaganda, Noel? Que tal uma mensagem

que diz AJUDEM-ME A MANTER MEU VÍCIO DE COCAÍNA NESTE NATAL ?

Não obstante, ele deixa cair duas notas de dólar no pote enquanto passa.

Ele tem uma boa sensação sobre hoje. Ele está feliz que Sharon o tenha lembrado sobre o ouropel (ele teria se esquecido de trazê-lo,

provavelmente; no fim ele sempre esquece coisas assim, a graça de prestar

atenção.

***

Uma caminhada de dez minutos o leva até o seu prédio. Do lado de fora da

porta está um jovem negro, de talvez dezessete anos, vestindo jeans preto e um sujo suéter vermelho com capuz. Ele muda de um pé para o outro,

soprando ilas de vapor pela sua boca, sorrindo freqüentemente,

mostrando um dente de ouro. Em uma mão ele segura um parcialmente

rachado copo de café de isopor. Tem algumas moedas nele, que ele

chocalha constantemente.

– Um trocadinho? – ele pergunta às pessoas que passam enquanto seguem

na direção da porta giratória. – Um trocadinho para mim, senhor? Um

trocadinho para mim, senhora? Só estou tentando arrumar dinheiro para o

café-da-manhã. Obrigado, Deus o abençoe, feliz Natal. Um trocadinho para

mim, cara? Vinte e cinco centavos, talvez? Obrigado. Um trocadinho,

senhora?

Enquanto ele passa, Bill deixa cair uma moeda de cinco centavos e duas de

dez no copo do jovem negro.

– Obrigado, senhor, Deus o abençoe, feliz Natal.

– Para você também. – ele diz.

A mulher ao lado dele faz uma carranca.

– Você não deveria encorajá-lo. – ela diz.

Ele dá de ombros, e dá um pequeno sorriso envergonhado.

– É difícil para mim dizer não para qualquer um no Natal. – ele diz a ela.

Ele entra no saguão com um grupo de outros, observa brevemente a vadia

metida seguir para a banca de jornal, então ele entra nos elevadores com seus botões de andares à velha moda, e seus números de **art decó** (**N.T. –**

Expressão francesa, signi ica arte decorativa, estilo que se tornou

moda nomundo no meio dos anos 20 até o im dos anos 30.). Aqui

várias pessoas assentem para ele, e ele troca algumas palavras com

algumas delas enquanto esperando (não como no trem, a inal de contas,

onde você pode mudar de vagão). Somado a isso, o prédio é velho; os

elevadores são lentos e presos a manivela.

– Como vai a esposa, Bill? – um homem magricela de sorriso constante do

terceiro andar pergunta.

– Carol está bem.

– E os garotos?

– Ambos bem. – ele não tem ilhos, e o nome de sua esposa não é Carol. Sua

esposa é a ex-Shanon Anne Donahue, da Escola Paroquial Secundária de

St. Gabriel, Turma de 1964, mas isso é algo que o magricela de sorriso constante nunca saberá.

– Aposto que mal conseguem esperar pelo grande dia. – o magricela diz,

seu sorriso aumentando e se tornando algo indizível. Para Bill Shearman

ele parece uma concepção de um cartunista editorial da Morte, grandes

olhos, grandes dentes, e a pele brilhante e esticada. O sorriso o faz pensar

em Tam Boi, no Vale A Shau. Aqueles rapazes do 2º Batalhão entraram lá

parecendo os reis do mundo e saíram parecendo fugitivos chamuscados de

meio acre do inferno. Eles saíram com aqueles grandes olhos e grandes

dentes. Eles ainda pareciam daquele jeito em Dong Ha, onde eles todos

meio que foram reunidos poucos dias depois. Muitas reuniões aconteceram

na moita. Muitos cozinhamentos também.

– Não conseguem esperar, absolutamente. – ele concorda. – Mas acho que

Sarah está meio que suspeitando agora sobre o cara de roupa vermelha. –

rápido, elevador, ele pensa, Jesus, me salve destas idiotices.

– Pois é, acontece. – o magricela diz. Seu sorriso oscila por um momento, como se estivesse discutindo sobre câncer, ao invés do Papai Noel. –

Quantos anos tem Sarah agora?

– Oito.

– Parece que ela havia nascido apenas um ou dois anos atrás. Cara, com certeza o tempo voa quando você está se divertindo, não é?

– Pode apostar nisso. – ele diz, esperando febrilmente que o magricela *cale*

a boca. Nesse momento um dos quatro elevadores inalmente abre suas portas e eles saem.

***

Bill e o magricela andam um pouco pelo corredor do quinto andar juntos, e então o magricela para na frente de uma porta dupla antiga com as

palavras SEGURO CONSOLIDADO escritas em um painel de vidro, e

AJUSTADORES DA AMÉRICA no outro. De trás destas portas vêm o mundo

clique de teclados, e o som moderadamente alto de telefones tocando.

– Tenha um bom dia, Bill.

– Você também.

O magricela segue para seu escritório, e por um momento Bill vê uma

grande coroa pendurada no canto mais longe da sala. Também as janelas

foram decoradas com aquele tipo de neve que vem em latas de spray. Ele

estremece e pensa, *Deus salve a todos*.

9:05 A.M.

Seu escritório (um dos dois que ele tem neste prédio), está no im do

corredor.

Os dois escritórios mais próximos dele estão escuros e vazios, uma situação

que permanece pelos últimos seis meses, e uma de que ele gosta muito.

Impresso no vidro da porta de seu próprio escritório estão as palavras

ANÁLISE DA WESTERN STATES LAND. Há três cadeados na porta: aquele

que já estava lá quando ele se mudou para o prédio, mais dois que ele colocou por conta própria. Ele entra, fecha a porta, vira o ferrolho, então se

encarrega dos cadeados policiais.

Há uma mesa no centro da sala, e ela está infestada de papéis, mas

nenhum deles signi ica qualquer coisa; eles são apenas fachada.

Constantemente ele os joga fora e redistribui uma nova carga. No centro da

mesa está um telefone em que ele faz ocasionais chamadas aleatórias para

que a companhia telefônica não registre que a linha estava totalmente

inativa. No último ano ele comprou uma copiadora colorida; e pareceu bem

pro issional colocada no canto perto da porta da pequena sala secundária,

mas ela nunca foi usada.

– Vocês ouvem o que eu ouço, vocês cheiram o que eu cheiro, vocês sentem

o gosto do que eu sinto. – ele murmura, e atravessa para a porta que leva a

sala secundária. Dentro dela há prateleiras estocadas com mais papéis

inúteis, dois grandes armários de arquivo (há um walkman em cima de um, sua desculpa em algumas ocasiões em que alguém bate na porta fechada e

não recebe resposta), uma cadeira, e uma escadinha móvel.

Bill pega a escadinha e a leva de volta para a sala principal e a desdobra à

esquerda da mesa. Ele põe sua maleta em cima dela. Então sobre os três primeiros degraus da escada, olha para cima (seu casaco agora se

fechando em seu corpo com o movimento), e cuidadosamente afasta um

dos painéis suspensos no teto.

Lá em cima está uma área escura que não pode ser corretamente chamada

de espaço útil, embora alguns canos e ios passem por ali. Não há poeira lá

em cima, ao menos não nesta área imediata, e tampouco há dejetos de

roedores (ele usa D-Con contra ratos uma vez ao mês). Ele não quer

amassar as roupas enquanto se mexe, é claro, mas essa não é a parte

realmente importante. A parte importante é respeitar seu trabalho e o seu

território. Isso ele aprendeu no Exército, durante seu tempo no verde, e às

vezes ele pensa que essa é a segunda coisa mais importante que ele já

aprendeu em sua vida. A mais importante é que apenas penitências

substituem con issões, e apenas penitências de inem a identidade. Essa foi

uma lição que ele começou a aprender em 1960, quando ele tinha cartoze

anos. Esse foi o último ano em que ele pôde entrar em um confessionário e

dizer “Perdoe-me Padre, pois eu pequei”, e então contar tudo.

Penitência é importante para ele.

Deus abençoe, ele pensa na escuridão cheirando a mofo do espaço útil. *Deus abençoe você, abençoe a mim, abençoe a todos*.

Acima deste espaço estreito (uma fantasmagórica brisa leve venta

interminavelmente por ele, trazendo o cheiro da poeira dos elevadores,

bem como seus rangidos) está o fundo do sexto andar, e aqui tem um vão

falso quadrado de setenta e cinco centímetros. O próprio Bill o instalou; ele

é habilidoso com ferramentas, o que é uma das coisas que Sharon aprecia

sobre ele.

Ele abre o vão, deixando cair luz fraca sobre ele, então pega a maleta pela

alça.

Enquanto ele coloca a cabeça no espaço entre os andares, água desce

rapidamente pelo grande cano que vem do banheiro, mais ou menos sete metros ao norte de sua posição atual. Daqui à uma hora, quando as

pessoas no prédio pararem para o intervalo, esse som será tão constante

quanto as batidas ritmadas das ondas quebrando na praia. Bill di icilmente

nota isto ou qualquer um dos outros sons dos andares; ele está

acostumado a eles.

Ele sobe cuidadosamente até o topo da escadinha, e se impulsiona para

subir ao seu escritório do sexto andar, deixando Bill no quinto. Aqui em cima ele é Willie de novo, justamente como ele era no colégio. Justamente como ele era no Vietnã, onde ele era às vezes conhecido como Willie

Beisebol.

O escritório de cima tem uma forte aparência de o icina, com bobinas,

motores e respiradouros estocados em prateleiras arrumadas, e o que

parece um iltro encostado em um canto da mesa. É um escritório,

entretanto; há uma máquina de escrever, um ditafone, uma cesta cheia de

papéis (também fachada, que ele periodicamente alterna, como um

fazendeiro alternando entre as colheitas), e armários de arquivo. Muitos

armários de arquivo.

Em uma parede está uma pintura de Norman Rockwell de uma família

rezando durante o jantar de Ação de Graças. Atrás da mesa está uma foto

emoldurada de Willie em seu primeiro uniforme de tenente (ganho em

Saigon pouco antes de ele ganhar sua Estrela de Prata por sua ação no

local da queda do helicóptero fora de Dong Ha), e próximo a ele está o resultado de sua honorável dispensa, também emoldurada; o nome no

papel é de William Shearman, e aqui suas condecorações são devidamente

notadas.

Ele salvou a vida de Sullivan na trilha fora da Vila. A citação que

acompanha a Estrela de Prata diz isso, os homens que sobreviveram a

Dong Ha dizem isso, e mais importante do que qualquer um desses, o

próprio Sullivan disse. Foi a primeira coisa que ele disse quando foram

tratados juntos no hospital conhecido como o Palácio das Bocetas: Você

salvou minha vida, cara. Willie sentado na cama de Sullivan, Willie com um

braço ainda envolto em ataduras e pomada ao redor dos olhos, mas estava

tudo bem, sim, ele estava legal, era Sullivan quem estava bem ferido. Esse

foi o dia em que o fotógrafo da imprensa associada tirou a foto deles, a foto

que apareceu nos jornais por todo o país. . incluindo o *jornal de Harwich*.

Ele pegou na minha mão, Willie pensa enquanto está de pé no escritório do

sexto andar com Bill Shearman agora no andar inferior. Acima do retrato e

de sua dispensa está um cartas dos anos sessenta. Este item, não

emoldurado, e começando a amarelar nos cantos, mostra um sinal da paz.

Abaixo dele, em vermelho, branco, e azul, está o trocadilho: SÍMBOLO DOS

GRANDES FRANGOTES AMERICANOS.

Ele pegou na minha mão, ele pensa de novo. Sim, Sullivan fez isso, e Willie havia pensado em dar no pé, gritando por toda a enfermaria. Ele estava

certo de que Sullivan diria *Eu sei o que você fez, você e seus amigos Doolin e*

O'Meara, você achou que ela não me contaria?

Sullivan não havia dito nada disso. O que ele havia dito foi, Você salvou minha vida, cara, somos da mesma cidade e você salvou minha vida.

Merda, quais são as chances disso acontecer? E costumávamos ter tanto

medo dos garotos do St. Gabe.

Quando ele disse isso, Willie tivera certeza de que Sullivan não tinha idéia

do que Doolin, O'Meara, e ele haviam feito com Carol Gerber. Entretanto

não havia alívio em saber que estava seguro. Nada. E enquanto ele sorria e

apertava a mão de Sullivan, ele pensou: *Vocês estavam certos de ter medo.*

Vocês estavam certos.

Willie pôs a maleta de Bill na mesa, então se deitou com a barriga para baixo.

Ele en ia a cabeça e os braços na escuridão de ventos e cheiros de óleo entre os andares, e recoloca o painel do teto do escritório do quinto andar.

Ele está bem fechado; de qualquer forma ele não espera ninguém (ele

nunca espera; os Analistas da Western States Land nunca tiveram um

único freguês sequer), mas é melhor se assegurar. Seguro morreu de

velho.

Com o teto do quinto andar arrumado, Willie abaixa o vão deste andar.

Aqui em cima o vão é escondido por um pequeno tapete colado à madeira,

para que então ele possa ser alçado e abaixado sem muito barulho.

Ele se levanta, tira a poeira das mãos, então se volta para sua maleta e a

abre. Ele tira a bola de ouropel e a coloca em cima do ditafone que está em cima da mesa.

– Boa. – ele diz, pensando que Sharon pode ser um doce de verdade

quando ela programa sua cabeça para ser. . e ela constantemente o faz. Ele

fecha a maleta novamente e então começa a se despir, fazendo-o

cuidadosamente e metodicamente, pensando nos passos que deu desde às

seis e meia, rebobinando o filme. Ele tira tudo, até suas cuecas e suas meias

compridas pretas. Nu, ele pendura seu casco, terno, e camisa

cuidadosamente no armário onde apenas outro item está pendurado: uma

jaqueta vermelha pesada, não grossa o bastante para ser chamada de

parka. Abaixo dela há uma coisa parecida com uma caixa, grande demais

para ser chamada de maleta. Willie coloca sua Mark Cross próximo a ela, então coloca suas calças no suporte, para não amarrotar. A gravata vai

para o cabideiro na parte de trás da porta do armário, onde ela ica

pendurada por si mesma, como uma língua azul.

Ele anda nu em pêlo até um dos armários de arquivo. No topo dele está um

cinzeiro decorado com uma águia de olhar irritado com as palavras SE EU

MORRER EM UMA ZONA DE COMBATE. No cinzeiro há um par de placas de

identificação presas numa corrente. Willie passa a corrente sobre a cabeça,

então abre a gaveta mais baixa do armário. Dentro dela, roupas íntimas.

Organizadamente dobrada no topo está um par de shorts caqui ele as

colocas. Logo vêm as meias atléticas, seguidas por uma camisa de algodão

branca (sem gola). A forma de suas placas de identi icação contrasta

contra ela, como também fazem seus bíceps e quadríceps. Eles não estão

em tão boa forma quanto em A Shau e Dong Ha, mas não estão tão más

para um cara com quase quarenta.

Agora, antes de terminar de se vestir, é hora da penitência.

Ele vai para o outro armário de arquivos e abre a segunda gaveta. Ele vai

passando o dedo rapidamente pelos registros, passando pelos registros do

im de 1982, então para os deste ano: Janeiro-Abril, Maio-Junho, Julho,

Agosto (ele sempre se sente impulsionado a escrever mais no verão),

Setembro-Outubro, e inalmente o último volume: Novembro-Dezembro.

Ele senta-se à mesa, abre o registro, e passa rapidamente pelas páginas

com uma caligra ia densa. Há variações nas palavras escritas, mas a

essência é sempre a mesma: *eu sinto muito com todo o coração*.

Ele apenas escreve por dez minutos, mais ou menos, nesta manhã, a caneta arranhando o papel, prendendo-se ao fato básico do principal: *eu sinto muito com todo o coração*. Ele, pelo que pode dizer, escreveu isso mais de dois milhões de vezes. . e ele apenas começou. A con issão seria mais

rápida, mas ele está disposto a pegar o caminho mais longo.

Ele termina (não, ele nunca termina, mas ele termina por hoje), e devolve o

registro colocando-o entre aqueles que foram totalmente preenchidos, e os

que ainda serão. Então ele retorna ao estoque dos armários de arquivo

que são como cofres com gavetas. Enquanto ele abre a gaveta acima de

suas meias e cuecas, ele começa a cantarolar (não “Você ouve o que eu

ouço”, mas uma dos The Doors, aquela que fala sobre o dia destruindo a noite, a noite dividindo o dia).

Ele veste uma camisa batista azul, então um par de calças militares, ele fecha a gaveta do meio e abre a de cima. Aqui há um caderno e um par de

botas, ele pega o caderno e olha para sua capa de couro vermelha por um

momento. A palavra MEMÓRIAS está estampada na frente em faíscas

douradas. É uma coisa barata, este livro. Ele poderia pagar por coisa

melhor, mas nem sempre você tem direito as coisas que você pode pagar.

No Verão ele escreve mais histórias, mas a memória parece adormecer. É

no Inverno, especialmente por volta do Natal, que a memória desperta.

Então ele quer olhar em seu livro, que é cheio de recortes de jornal e fotos

onde todos parecem impossivelmente jovens.

Hoje ele devolve o caderno à gaveta sem abri-lo e pega as botas. Elas estão

engraxadas e brilhantes e parecem que poderiam durar até a trombeta do

julgamento inal. Talvez até mais. Elas não são do padrão do Exército, não estas, estas são botas usadas pelos soldados pára-quedistas. Mas tudo bem.

Ele não está realmente tentando se vestir como um soldado. Se ele

quisesse se vestir como um soldado, ele o faria.

Ainda assim, há tanto motivo para parecer desleixado quando para deixar

a poeira acumular no vão, e ele é cuidadoso no modo como se veste. Ele não en ia suas calças dentro das botas, é claro (ele está indo para a Quinta

Avenida em Dezembro, não Mekong em Agosto, cobras e insetos não serão

um problema), mas ele pretende parecer em ordem. Parecer elegante é

tão importante para ele quanto para Bill, talvez mais importante. Respeitar

o trabalho de um e seu território começa, a inal de contas, respeitando a si próprio.

Os últimos dois itens estão atrás da gaveta de cima, em sua escrivaninha: um tubo de maquiagem, e um pote de gel para cabelo. Ele espalha um

pouco da maquiagem na palma de sua mão esquerda, então começa a

aplicá-la, trabalhando da testa até a base de seu pescoço. Ele se move com

despreocupada velocidade de uma longa experiência, dando a si mesmo

um bronzeado moderado. Com isso feito, ele passa um pouco de gel no

cabelo, e o penteia novamente, se livrando do excesso e o tirando o que cai

na testa.

É o toque inal, o menor toque, e talvez o mais destacável. Não há vestígio do trabalhador que saiu da Estação Central uma hora atrás; o homem no

espelho colocado na parte de trás da porta da sala secundária parece um mercenário que acabou de tomar banho. Há um tipo de orgulho silencioso,

meio modesto, no rosto bronzeado, algo que as pessoas não olharão por

muito tempo. As machuca se o izerem. Willie sabe disso; ele já viu

acontecer. Ele não pergunta o motivo disso acontecer. Ele fez sua vida sem

muitas perguntas, e esse é o jeito que ele gosta.

– Tudo *bem*. – ele diz, fechando a porta da sala secundária. – Está bonito, soldado.

Ele volta ao armário para a jaqueta vermelha, que é do tipo reversível, e para a caixa. Por enquanto ele coloca sua jaqueta sobre a cadeira da mesa,

e coloca a caixa na mesa. Ele abre as fortes dobradiças; agora parece um pouco com aqueles estojos que os vendedores de rua usam para mostrar

seus relógios falsi icados e questionáveis correntes de ouro. Há apenas

alguns itens na de Willie, um deles quebrado ao meio para que possa

caber. Há uma placa. Há um par de luvas, do tipo que você usa com o clima

frio, uma terceira luva que ele usa quando esta quente. Ele pega o par (ele

vai querer usá-las hoje, sem dúvida sobre isso), e então a placa pelo seu irme cordão. O cordão foi laçado entre os buracos pelos dois lados, para que Willie possa pendurá-lo ao redor do pescoço. Ele fecha a caixa

novamente, sem se preocupar em trancá-la, e coloca a placa em cima dela

(a mesa está tão desarrumada, mas é a única super ície em que ele pode trabalhar).

Cantarolando (we chased our pleasures here, dug our treasures there), ele abre a gaveta acima de seu joelho, tateia pelas canetas, corretivos, clipes de

papel, bloquinho de notas, e inalmente acha seu grampeador. Ele então

desenrola a bola de ouropel, colocando-a cuidadosamente ao redor do

retângulo em sua placa. Ele recorta o excesso e grampeia a coisa brilhante

irmemente no lugar. Ele a segura por um momento, primeiro avaliando o

efeito, e então o admirando.

– Perfeito! – ele diz.

O telefone toca, e ele enrijece, virando-se para olhá-lo com olhos que

subitamente estão muito pequenos e duros, e totalmente em alerta. Um

toque. Dois.

Três. No quarto a secretária manda, em sua voz de resposta (a versão dela

que vem junto com o escritório, de qualquer forma).

– Oi, você ligou para o Midtown Heating & Cooling. – Willie Shearman diz.

– Ninguém pode atendê-lo agora, então deixe sua mensagem após o bipe.

Biiiiiiiipe

Willie olha para a secretária eletrônica mais um pouco, quase como se

esperasse que ela falasse novamente (o ameaçando, talvez o acusando de

todos os crimes pelos quais ele acusa a si mesmo), mas nada acontece.

– Elegante. – ele murmura, colocando a placa decorada de volta na caixa.

Desta vez quando ele a fecha, ele a tranca. Na frente dela há um adesivo, a

mensagem é ladeada por bandeiras Americanas, EU TIVE ORGULHO DE

SERVIR, ela diz.

– Elegante, gracinha, é melhor acreditar nisso.

Ele deixa o escritório, fechando a porta com o painel de vidro em que está

escrito MIDTOWN HEATING & COOLING atrás dele, então fecha todos os

três cadeados.

9:45 A.M.

Na metade do caminho, ele vê Ralph Williamson, um dos contadores

gorduchos da Garowicz Finnacial Planning (todos os contadores na Garowicz são gorduchos, pelo que Willie pode observar). Há uma chave

presa a um velho remo de madeira em uma das mãos rosadas de Ralph, e

por isto Willie deduz que está diante de um contador de pinto pequeno.

Chave em um remo! Se uma maldita chave em um maldito remo não te

izer lembrar das alegrias da escola paroquial, se lembrar daquelas freiras

de queixos peludos e todas aquelas réguas de madeira, nada irá, ele pensa.

E sabe de uma coisa?

Ralph Williamson provavelmente deve gostar de ter uma chave em um

remo, como ele gosta de ter um sabonete em uma saboneteira com o

formato de um coelho ou um palhaço de circo pendurado na torneira de

água quente em sua casa. E daí se ele tiver?

Não julgais, para que não sejas julgado, pra caralho.

– Ei, Ralphie, como vai?

Ralph se vira, vê Willie, seu rosto se ilumina.

– Ei, oi, feliz Natal!

Willie sorri ao ver os olhos de Ralph. O maldito gorducho o venera, e por que não? Ralph está olhando para um cara tão elegante que dói. Tem que

se gostar, docinho, *tem que* se gostar disso.

– O mesmo pra você, cara. – ele estende a mão (agora com luva, então ele

não tem que se preocupar com sua mão sendo branca demais, e não

combinando com seu rosto), com a palma para cima. – Toca cinco aqui!

Sorrindo timidamente, Ralph toca.

– Toca dez!

Ralph vira sua mão fofa e rosada e permite que Willie a bata.

– Isso é bom pra caramba, tenho que fazer de novo! – Willie exclama, e dá

a Ralph mais cinco. – Já terminou suas compras de Natal, Ralphie?

– Quase. – Ralph diz, sorrindo e balançando a chave do banheiro. – Sim,

quase.

E quanto a você, Willie?

Willie lhe dá uma piscadela.

– Oh, você sabe como é, irmão; eu tenho uma turma de mulheres, e eu

deixo cada uma delas me comprar uma lembrancinha.

O sorriso admirável de Ralph sugere que ele não sabe como é, mas

gostaria de saber.

– Atendeu muito?

– O dia todo. É por causa dessa época do ano, você sabe.

– Parece que é sempre essa época do ano para você. Os negócios devem

ser bons. Você dificilmente fica em seu escritório.

– É por isso que Deus nos deu as secretárias eletrônicas, Ralphie. É melhor

ir agora, ou você vai acabar icando com suas calças de gabardine

molhadas.

Rindo (e corando um pouco também). Ralph segue para o banheiro

masculino.

Willie desce pelos elevadores, carregando sua maleta na mão, e checando

para se certi icar de que seus óculos estão dentro de seu bolso da jaqueta

junto ao outro. Eles estão. O envelope está lá dentro também, grosso e

estalando com notas de vinte dólares.

Quinze delas. É hora de uma pequena visita ao o icial Wheelock; Willie

estava esperando por ele ontem. Talvez ele não apareça até amanhã, mas

Willie está apostando em hoje. . não que ele goste disso. Ele sabe que é o jeito do mundo, você tem que lubri icar as rodas se quiser que este vagão

ande, mas ainda assim ele tem um ressentimento. Há vários dias em que

ele pensa em como prazeroso seria colocar uma bala na cabeça de Jasper

Wheelock. Era o jeito que as coisas aconteciam no verde, às vezes. O jeito que as coisas *tinham* que acontecer. Aquilo que aconteceu a Malenfant, por

exemplo. Aquele louco ilho da puta, ele, suas espinhas e seu baralho de

cartas.

Oh, sim, na moita as coisas eram diferentes. Na moita às vezes você tinha que fazer uma coisa errada para evitar que uma coisa ainda pior

acontecesse.

Comportamentos como aquele mostra que você está no lugar errado para

começar, sem dúvida, mas uma vez que você está dentro da sopa, você tem

que nadar. Ele e seus homens da Companhia Bravo estavam com a

Companhia Delta há poucos dias, então Willie não vivenciou muito com

Malenfant, mas sua voz estridente, e irritante é di ícil de esquecer, e ele se

lembra de algo que Malenfant gritava em seus intermináveis jogos de

Copa, se alguém tentasse pegar de volta uma carta jogada: *Sem chance, otário! Uma vez que estás deitada, ela foi jogada*!

Malenfant pode ter sido um cuzão, mas ele estava certo sobre isso. Na vida

como também nas cartas, uma vez que se está deitado, foi jogado.

***

O elevador não pára no quinto andar, mas o pensamento disso acontecer

não o deixa mais nervoso. Ele já desceu até o saguão muitas vezes com as

pessoas que trabalham no mesmo andar de Bill Shearman (incluindo o

magricela do Seguro Consolidado), e eles não o reconhece. Eles deveriam,

ele sabe que *deveriam*, mas não o fazem. Ele costumava pensar que era por

causa da mudança de roupas e a maquiagem, então ele decidiu que era o

cabelo, mas em seu coração ele sabe que não é por causa de nenhuma

dessas coisas. Nem mesmo pode ser por causa da insensibilidade na qual

vivem no mundo. O que ele está fazendo não é tão radical (calças militares,

botas de soldados pára-quedistas, e uma pequena maquiagem marrom não

fazem um disfarce); Sem chance que fazem um disfarce. Ele não sabe

exatamente como explicar, e na maioria das vezes nem tenta. Ele aprendeu

esta técnica, enquanto aprendia várias outras, no Vietnã.

O jovem negro ainda está do lado de fora da porta do saguão (ele colocou o

capuz de seu velho suéter agora), e ele balança seu copo de isopor rachado

para Willie.

Ele vê que o cara carregando a pasta do Sr. Reparador em uma mão está sorrindo, e então seu próprio sorriso se abre.

– Um trocadinho? – ele pergunta ao Sr. Reparador. – O que me diz, meu chapa?

– Sai da porra da minha frente, seu babaca preguiçoso, é isso que eu digo.

–

Willie lhe diz, ainda sorrindo. O jovem recua um passo, olhando para Willie

com os olhos esbugalhados e chocados. Antes que possa pensar em

qualquer coisa para dizer, o Sr. Reparador já passou da metade da quadra,

e já está quase perdido na avalanche de clientes, com sua grande maleta quadrada balançando uma mão enluvada.

10:00 A.M.

Ele entra no Hotel Whitmore, cruza o saguão, e sobe para o mezanino, onde

os banheiros públicos estão. Essa é a única parte do dia na qual ele se sente nervoso, e ele não sabe dizer o porquê; certamente nada nunca

aconteceu antes, durante, ou depois de uma de suas paradas no banheiro

do hotel (ele alterna bruscamente entre duas dúzias deles na área central

da cidade). Ainda assim, de algum modo ele está certo de que se as coisas

enlouquecerem para ele, isso acontecerá em um banheiro de hotel. Porque

o que acontece em seguida não é a transformação de Bill Shearman para

Willie Shearman; Bill e Willie são irmãos, talvez até gêmeos fraternais, e a

mudança de um para o outro parece limpo e perfeitamente normal. A

última transformação do dia de trabalho, entretanto (de Willie Shearman

para Willie Cegueta Gar ield), nunca pareceu assim. A última mudança

sempre parece sombria, furtiva, quase como se fosse a transformação de

um lobisomem. Até que esteja feito e ele esteja nas ruas de novo, batendo

sua bengala branca à sua frente, ele se sente como uma cobra deve se

sentir trocando de pele, e antes que uma nova comece a ser produzida e cresça.

Ele olha em volta e vê o banheiro masculino vazio, exceto por um par de pés sob a porta da segunda cabine na longa ila delas (deve haver umas

doze ao todo). O sujeito limpou a garganta, folheou o jornal. E houve o som

pfff de um educado peido.

Willie vai até a última cabine. Ele desce sua maleta, tranca a porta, e tira sua jaqueta vermelha. Ele a vira ao avesso enquanto o faz. O outro lado é verde oliva. Ela se transformou em uma velha jaqueta de campo de um

soldado com uma única puxada.

Sharon, que realmente tem um toque de gênio, comprou este lado do casco

em uma loja de artigos militares e rasgou a costura para que ela pudesse costurá-lo facilmente na jaqueta vermelha. Antes de costurar, entretanto,

ela pôs primeiro uma insígnia de tenente, e pedaços pretos de tecido onde

icariam o nome e a unidade. Ela então lavou o traje umas trinta vezes mais

ou menos. A insígnia e as marcas da unidade se foram agora, é claro, mas

os lugares onde estiveram são claros (a roupa é mais verde nas mangas e

no peito esquerdo, de um padrão mais moderno que qualquer veterano

nos serviços armados reconheceria rapidamente.

Willie o pendura no gancho, senta-se na privada, e então pega sua maleta e

a coloca no colo. Ele a abre, tira a bengala desmembrada, e rapidamente monta os dois pedaços dela. Segurando-o pelo cabo, ele se levanta de seu assento, e pega sua jaqueta no gancho. Então ele tranca a maleta, puxa um

pouco do papel higiênico para criar o efeito sonoro apropriado de uma

cagada inalizada (provavelmente desnecessário, mas seguro morreu de

velho), e dá a descarga.

Antes de sair da cabine, ele tira os óculos do bolso da jaqueta, que também

guarda o envelope com o pagamento. Eles são grandes do tipo

wraparounds; de uma tonalidade retro que ele associa a lâmpadas de lava,

e ilmes de motoqueiros fora da lei estrelados por Peter Fonda. Eles são bons para os negócios, parcialmente porque ele de algum modo dizem

“veterano” às pessoas, e parcialmente porque ninguém pode ver seus

olhos, mesmo as laterais.

Willie Shearman ica para trás do banheiro no mezanino do Whitmore

assim como Bill Shearman ica para trás no escritório do quinto andar dos

Analistas de Western States Land. O homem que sai (um homem vestindo

uma velha jaqueta militar, óculos, e batendo uma bengala branca à sua

frente), é Willie Cegueta, uma parte da mobília da Quinta Avenida desde os

dias de Gerald Ford.

Enquanto cruza o pequeno saguão do mezanino na direção das escadas

(cegos desacompanhados nunca usam as escadas), ele vê uma mulher de

blazer vermelho vindo em sua direção, usando lentes coloridas, ela parece

um tipo exótico de peixe nadando em água suja. E é claro que não é por

causa dos óculos; às duas horas desta tarde ele realmente *estará* cego, justamente quando ele continuou a gritar que ele estava quando ele, John

Sullivan, e Deus sabe quantos outros mais eram transportados em um

helicóptero para o hospital fora da província de Dong Ha, nos anos 70. *Eu*

estou cego, ele gritava mesmo enquanto puxava Sullivan para fora do caminho, mas ele não estivera, exatamente; através do branco latejante de

clarões ele havia visto Sullivan rolar e tentar segurar suas tripas expostas.

Ele havia pegado Sullivan e corrido com ele em cima de um ombro de

modo desajeitado. Sullivan era maior que Willie, bem maior, e Willie não tinha a menor idéia de como havia conseguido carregar tanto peso como

izera, por todo caminho até a clareira, onde eles haviam sido resgatados pelo helicóptero da misericórdia de Deus (Deus abençoe os helicópteros

Huey, Deus os abençoe, oh, Deus abençoe a todos). Ele havia corrido para a

clareira na direção do helicóptero com balas voando ao seu redor, e partes

de corpos feitos na América jazendo pela trilha onde a mina ou armadilha,

ou o que quer que fosse, havia sido acionado.

Eu estou cego, ele havia gritado, carregando Sullivan, sentindo o sangue de Sullivan descendo em seu uniforme, e Sullivan também estava gritando. Se

Sullivan houvesse parado de gritar, Willie simplesmente teria despejado o

homem de seu ombro e corrido sozinho, tentando escapar da emboscada?

Provavelmente não. Porque ele sabia quem era Sullivan, sabia exatamente

quem ele era, ele era Sully de sua velha cidade natal, Sully que havia namorado Carol Gerber de sua velha cidade natal.

Estou cego, estou cego, estou cego ! Isso era o que Willie Shearman estava gritando enquanto carregava Sullivan, e é verdade que a maior parte do

mundo estava branco, mas ele ainda se lembra de ver as balas

atravessando as folhas e parando nos troncos das árvores; ele se lembra

de ver um dos homens que havia estado na Vila mais cedo botar a mão na

garganta. Ele se lembra de ver o sangue jorrando através dos dedos do

homem, manchando seu uniforme. Um dos outros homens da Companhia

Delta (Pagano era seu nome) pegou esse rapaz pelo tronco e passou pelo

cambaleante Willie Shearman, que realmente *não conseguia* ver muito.

Gritando *estou cego, estou cego, estou cego,* e cheirando o sangue de Sullivan, o fedor dele. E perto do helicóptero sua visão esbranquiçada

começou a piorar. Seu rosto estava queimado, seu cabelo estava queimado,

seu escalpo estava queimado, o mundo estava branco. Ele estava

chamuscado, e saia fumaça de seu sua roupa, apenas mais um fugitivo de

meio acre do inferno. Ele acreditou que nunca mais conseguiria enxergar, e isso na verdade foi um alívio. Mas é claro que ele voltou a ver.

Com o tempo, ele voltou.

A mulher de blazer vermelho o alcançou.

– Posso te ajudar, senhor? – ela pergunta.

– Não, senhora. – Willie Cegueta diz. A bengala pára de bater no chão e toca o vazio. Ela balança como um pêndulo para frente e para trás,

mapeando os lados da escadaria. Willie Cegueta assente, e então se move

cuidadosamente, mas con iante, até que consegue tocar o corrimão com a

mão que segura a maleta. Ele toma cuidado para não sorrir diretamente

para ela, mas um pouco para a sua esquerda. – Não, obrigado.

Estou bem. Feliz Natal.

Ele começa a descer, batendo a bengala enquanto o faz, de maneira fácil apesar da maleta, que está quase vazia. Mais tarde, é claro, a história será

diferente.

10:15 A.M.

A Quinta Avenida está cheia graças à época do ano (tão brilhante e cheia de enfeites que ele mal consegue ver). As lâmpadas da rua estavam

enfeitadas com coroas.

As grandes lojas se tornaram grandes e extravagantes pacotes natalinos,

completas com gigantes arcos vermelhos. Uma coroa, que deve ter

aproximadamente uns dez metros, enfeita a calma fachada cinza da

Bergdorf's. Luzes piscam por todos os lados. Na vitrine da Sak, um

manequim elegante (com uma expressão arrogante, quase sem peitos ou

cintura) senta na garupa de uma Harley-Davidson. Ela está usando um

gorro de Papai Noel, uma jaqueta de motoqueiro nova em folha, botas altas,

e nada mais. Sinos de prata estão pendurados no guidão da moto. Em

algum lugar próximo, algumas pessoas cantam "Noite Feliz", não

exatamente a música favorita de Willie Cegueta, mas é melhor do que

"Você ouve o que eu ouço".

Ele pára onde sempre pára, na frente da Catedral de São Patrício do outro lado da rua da Sak's, permitindo que as pessoas cheias de pacotes passem

por ele. Seus movimentos agora são simples e elegantes. Seu desconforto no banheiro masculino (a tímida sensação de nudez que está para ser exposta) passou. Ele nunca se sente mais Católico do que quando chega neste ponto. Ele era um garoto do St. Gabe a inal de contas; usava cruci ixos, vestia a sobrepeliz, e era um coroinha; se ajoelhava no confessionário, e comia os odiosos peixes na Sexta-Feira. Ele, de várias formas, ainda é um garoto do St. Gabe, todas as três versões dele têm isso em comum, que essa parte cruzou os anos e foi superada, como eles costumavam dizer. Só que nestes dias ele cumpre penalidades ao invés de se confessar, e sua certeza de um céu se foi. Nestes dias tudo o que ele pode fazer é ter esperança.

Ele se agacha, abre a mala, e a vira para que as pessoas que se aproximam possam ler o adesivo no topo. Em seguida ele tira a terceira luva, a luva de beisebol que ele possui desde o verão de 1960. Ele coloca a luva ao lado da mala. Nada despedaça mais corações do que um cego com uma luva de beisebol que ele achou; Deus abençoe a América.

Por último, mas não menos importante, ele tira a placa com o ouropel, e a veste.

A placa descansa contra a frente de sua jaqueta militar.

WILLIAM J. GARFIELD, EX-SOLDADO AMERICANO

SERVI EM QUANG TR1, THUA THIEN, TAM BOI, A SHAU

PERDI MINHA VISÃO NA PROVÍNCIA DE DONG HA, 1970

BENEFÍCIOS TIRADOS POR UM GOVERNO AGRADECIDO, 1973

PERDI MINHA CASA, 1975

ENVERGONHADO DE PEDIR, MAS TENHO UM FILHO NA ESCOLA PENSE BEM DE MIM SE VOCÊ PUDER

Ele levanta a cabeça para que a luz fria deste dia frio e quase pronto para

nevar, re lita nas lentes cegas de seus óculos escuros. Agora o trabalho

começa, ninguém conhece a di iculdade do trabalho. Há um jeito de se sentar, não exatamente em uma postura militar que é chamada de parada

para descanso, mas perto disso. A cabeça deve icar para cima, olhando

tanto para, quanto através das milhares e dezenas de milhares de pessoas

que passam de um lado para o outro. As mãos devem estar para baixo em

suas luvas negras, nunca mexendo na placa ou nas calças. Ele deve

continuar a projetar aquela sensação de orgulho misturado com dor e

humildade. Não deve haver sensação de vergonha ou de envergonhar, e

acima de tudo nenhum traço de insanidade. Ele nunca fala a não ser que falem com ele, e apenas quando o tom com que falam com ele é de

gentileza. Ele não responde às pessoas que lhe perguntam irritadas por

que ele não arranja um emprego de verdade, ou o que ele quer dizer com

“bene ícios tirados”. Ele não discute com as pessoas que o acusam de

falsidade ou de falar com desdém sobre um ilho que permitiria que seu

pai pedisse dinheiro nas ruas para ele ir para o colégio. Ele se lembra de ter quebrado esta regra de ferro uma única vez, em uma tarde de verão

sufocante em 1981.

– Em que colégio seu ilho estuda? – a mulher perguntou irritada. Ele não

sabe como ela está vestida, neste momento era quatro horas da tarde, e ele

estivera cego como um morcego por pelo menos duas horas, mas ele sentiu

a raiva explodindo de todas as direções, como percevejos fugindo de um

colchão velho. De certo modo ela o lembrou Malenfant com sua voz ina e irritante. “Me diga qual é, eu quero lhe mandar bosta de cachorro pelo

correio”, ela diz. “Não se importe”, ele respondeu, virando para o som da voz. “Se você tiver bosta de cachorro que quiser mandar para algum lugar,

mande para LBJ. O Expresso Federal deverá entregá-lo no inferno, eles

entregam em qualquer lugar.

– Deus o abençoe, cara. – um cara de casaco de casimira disse, e sua voz tremia com uma emoção surpreendente. Exceto que Willie Cegueta

Gar ield não estava surpreso. Ele já ouviu isso de todo os modos, ele se lembra, e alguns mais. Um surpreendente número de clientes coloca

dinheiro cuidadosamente e respeitosamente no buraco da luva de

beisebol. O cara de casaco de casimira jogou sua contribuição na mala

aberta, entretanto, onde é seu lugar apropriado. Uma de cinco. O

expediente começou.

10:45 A.M.

Até agora tudo bem. Ele repousa sua bengala cuidadosamente no chão, se apóia em um joelho e joga as contribuições da luva na mala. Então ele mexe

a mão para frente e para trás examinando as notas, embora ele possa vê-

las claramente. Ele as pega (há quatrocentos ou quinhentos dólares ao

todo, o que o coloca no caminho dos três mil dólares do dia, não é muito para esta época do ano, mas também não é nada mau), então ele as junta e

coloca um elástico ao redor delas. Ele então aperta o botão dentro da mala,

e o vão falso sai em um pulo, jogando o monte de trocados até o fundo. Ele

adiciona o rolo de notas, sem fazer esforço para esconder o que está

fazendo, sem sentir qualquer escrúpulo sobre isso, tampouco; por todos os

anos em que ele estivera fazendo isso, ninguém nunca tentou roubá-lo.

Deus ajude o filho da puta que tentar.

Ele solta o botão, fazendo o vão voltar ao seu lugar normal, e se levanta.

Uma mão imediatamente pressiona suas costas.

– Feliz Natal, Willie. – o dono da mão diz. Willie Cegueta o reconhece pelo cheiro de sua colônia.

– Feliz Natal, O icial Wheelock. – Willie responde. Sua cabeça continua

erguida em uma fraca postura de indagação; suas mãos pendem nas

laterais de seu corpo; seus pés em suas botas bem engraxadas

permanecem separados a uma distância não grande o bastante para imitar

uma parada de descanso, mas ninguém está perto o bastante para prestar

atenção nisso. – Como está passando hoje, senhor?

– Na boa, filho da puta. – Wheelock diz. – Você me conhece, sempre na boa.

Aí vem um homem de casaco aberto sobre um suéter vermelho de esqui.

Seu cabelo é curto, preto no topo, cinza nos lados. Seu rosto tem uma

aparência severa que Willie Cegueta reconhece de primeira. Ele carrega

algumas sacolas (uma da Saks, outra da Bally), nas mãos. Ele pára e lê a placa.

– Dong Ha. – ele pergunta subitamente, falando não como um homem

quando dá nome a um lugar, mas como um quando reconhece um velho

amigo em uma rua movimentada.

– Sim, senhor. – Willie Cegueta diz.

– Quem foi seu comandante?

– Capitão Bob Brissum, com um *u*, não um *o*, e acima dele Coronel Andrew Shelf, senhor.

– Ouvi falar em Shelf. – diz o homem de casaco aberto. Sua face

subitamente parece diferente. Enquanto ele andava na direção do homem

na esquina, ela parecia pertencer à Quinta Avenida. Agora não parece. –

Embora, nunca o tenha conhecido.

– Nos últimos momentos do meu serviço, não vimos muitas pessoas com

patentes, senhor.

– Se você saiu do Vale A Shau, não estou surpreso. Estamos na mesma

página aqui, soldado?

– Sim, senhor. Não havia muita estrutura de comando sobrando quando

atacamos Dong Ha. Eu segui em frente com outro tenente. Seu nome era

Dieffenbaker.

O homem de suéter vermelho de esqui assentia lentamente.

– Vocês rapazes estavam lá quando aqueles helicópteros caíram, se eu

estou calculando corretamente.

– Afirmativo, senhor.

– Então você deve ter estado lá mais tarde, quando. .

Willie Cegueta não o ajuda a terminar. Ele pode sentir o cheiro da colônia e

Wheelock, mais forte do que nunca, e o homem está praticamente

arquejando em sua orelha, soando como um garoto excitado, depois de um

encontro quente. Wheelock nunca caiu na história dele, e embora Willie

Cegueta pague pelo privilégio de ser deixado em paz nesta esquina,

gentilmente na cotação atual, ele sabe que essa parte de Wheelock ainda é

policial o bastante para esperar que ele se foda. Parte de Wheelock está ativamente torcendo por isso. Mas os Wheelock do mundo nunca

entendem que o que parece falso nem sempre é falso. Às vezes os

problemas são bem mais complicados do que parecem no começo. Isso foi

outra coisa que o Vietnã lhe ensinou, nos anos anteriores, antes de se

tornar uma piada política e uma muleta para cineastas picaretas.

– Sessenta e nove e setenta foram os piores anos. – o homem grisalho diz.

Ele fala em uma voz lenta e pesada. – Eu estava em Hamburger Hill com a

Companhia 3/187, então eu sei sobre A Shau e Tam Boi. Você se lembra da

Rota 922?

– Ah, sim senhor, a Estrada da Glória. – Willie Cegueta diz. – Perdi dois amigos lá.

– Estrada da Glória. – o homem de casaco aberto diz, e de repente ele parece ter mil anos de idade, o suéter vermelho de esqui parece obsceno,

como algo vestido em uma múmia de museu por crianças mal-criadas que

acreditam estar exibindo senso de humor. Seus olhos passeiam por uma

centena de horizontes. Então eles voltam para esta rua onde batem os

sinos pequeninos, sinos de Belém. Ele põe sua mala entre seus sapatos

caros e pega sua carteira de pele de porco de um bolso interno. Ele a abre,

e folheia entre um grosso maço de notas.

– Tem um filho, não, Garfield? – ele pergunta. – Tirando notas boas?

– Sim, senhor.

– Quantos anos?

– Quinze, senhor.

– Escola pública?

– Paroquial, senhor.

– Excelente. E se Deus quiser, ele nunca verá a merda da Estrada da

Glória. – o homem de casco aberto pega uma nota de sua carteira. Willie Cegueta sente também enquanto escuta Wheelock soltar uma exclamação

de surpresa, e nem precisa olhar para a nota para saber que se trata de uma de cem dólares.

– Sim, senhor, afirmativo. Se Deus quiser.

O homem de casaco toca a mão de Willie com a nota, parece supreso

quando a mão com a luva recua, como se houvesse sido tocada por algo quente.

– Coloque em minha caixa, ou no buraco da luva, se quiser. – Willie

Cegueta diz.

O homem de casaco olha para ele por um momento, o cenho levantado,

franzindo-o levemente, então parece entender. Ele se inclina, coloca a nota

no buraco antigo da luva com o GARFIELD impresso em tinta azul na

lateral, então põe a mão em um dos bolsos da frente e tira um pequeno monte de trocados. Estes ele espalha na cara do velho Ben Franklin, para prender a nota. Então ele se levanta. Seus olhos estão molhados e

vermelhos.

– Se importa se eu lhe der meu cartão? – ele pergunta a Willie Cegueta. –

Eu posso te colocar em contato com algumas organizações de veteranos.

– Obrigado, senhor, tenho certeza de que poderia, mas eu devo

respeitosamente recusar.

– Tentou a maioria delas.

– Tentei algumas, sim, senhor.

– Onde você se recuperou?

– São Francisco, senhor. – ele hesita, e então adiciona. – O Palácio das Bocetas, senhor.

O homem de casco ri ternamente com esta, e quando seu rosto se enruga,

as lágrimas que estavam em seus olhos rolam por suas bochechas frias.

– Palácio das Bocetas! – ele chora. – Eu não escuto isso há dez anos! Cristo!

Uma comadre embaixo de cada cama, e uma enfermeira nua entre cada

jogo de lençóis, certo? Nua exceto pelas miçangas do amor, que elas

deixavam.

– Sim, senhor, isso cobre tudo, senhor.

– Ou descobre. Feliz Natal, soldado. – o homem de casaco faz uma pequena

saudação com um dedo.

– Feliz Natal, senhor.

O homem de casaco pega sua mala de novo e sai andando. Ele não olha

para trás. Willie Cegueta não o teria visto se ele o tivesse feito; sua visão agora é apenas fantasmas e sombras.

– Isso foi lindo. – Wheelock murmura. A sensação do bafo fresco de

Wheelock em seu ouvido é odioso para Willie Cegueta (nojento para dizer

a verdade), mas ele não vai dar ao homem o prazer de mexer sua cabeça

um centímetro. – O velho idiota estava *chorando* mesmo. Como tenho

certeza de que você viu. Mas você pode fazer sua encenação, Willie, eu

deixo.

Willie não diz nada.

– Alguns soldados no hospital chamavam o lugar de Palácio das Bocetas,

hein?

– Wheelock diz. – Parece o lugar ideal para mim. Onde foi que você leu sobre ele, Soldadinho de Chumbo?

A sombra de uma mulher, uma forma escura em um dia escuro, se inclina

para a mala aberta e joga algo nela. Uma mão coberta em uma luva toca a

de Willie e ele a aperta brevemente.

– Deus o abençoe, meu amigo. – ela diz.

– Obrigado, senhora.

A sombra se move. Os pequenos vapores de hálito no ouvido de Willie não.

– Tem alguma coisa para mim, amigão?

Willie Cegueta coloca a mão no bolso da jaqueta. Ele pega o envelope e o segura, furando o ar frio com ele. É tomado de seus dedos assim que

Wheelock o percebe.

– Seu cuzão! – há medo, assim como raiva, na voz do policial. – Quantas vezes eu preciso te dizer, seja discreto, *discreto*!

Willie Cegueta nada diz. Ele está pensando na luva de beisebol, em como ele apagou BOBBY GARFIELD (tão bem quanto poderia apagar tinta de

couro, de qualquer forma), e então colocou o nome Willie Shearman no

lugar. Mais tarde, depois do Vietnã, e quando ele estava começando sua

nova carreira, ele a apagou uma segunda vez, e escreveu um único nome

nela, GARFIELD, em grandes letras de forma. O lugar na lateral da velha luva Alvin Dark onde todas essas mudanças havia ocorido parecia seca e

esfolada. Se ele pensar na luva, se ele se concentrar em seu desgate, e nas

camadas de nomes, ele provavelmente poderá evitar fazer algo estúpido. É

isso que Wheelock quer, é claro, o que ele quer mais do que suborno

nojento: que Willie faça algo estúpido, e estrague seu disfarce.

– Quanto tem? – Wheelock pergunta depois de um momento.

– Três mil. – Willie Cegueta diz. – Três mil dólares, Oficial Wheelock.

Isto é recebido por um breve momento de silêncio pensativo, mas

Wheelock dá um passo para trás, e o vapor do hálito em seu ouvido se

dissolve um pouco. Willie Cegueta é grato aos pequenos favores.

– Tudo bem. – Wheelock diz inalmente. – *Desta* vez. Mas um novo ano está

chegando, amigão, e seu amigo Jasper o Policial-Smurf tem um pedaço de

terra ao norte de Nova York em que ele quer construir uma pequena

cabana. Capisce? O preço do jogo está subindo.

Willie Cegueta nada diz, mas ele está escutando com muita, muita atenção

agora. Se isso fosse tudo, tudo terminaria bem. Mas a voz de Wheelock

sugeria que não era tudo.

– Na verdade a cabana não é a parte importante. – Wheelock continua. – A

coisa importante é que eu preciso de uma compensação melhor se eu terei

que lidar com um babaca baixo que nem você. – agora sua voz destilava

raiva genuína. – Como você pode fazer isso todo dia, mesmo no *Natal*, cara,

eu não sei. Pessoas que mendigam, isso é uma coisa, mas um cara como

você. . não mais cego do que eu.

Oh, você *é bem mais* cego do que eu, Willie Cegueta pensa, mas ainda segurando sua onda.

– E você está indo bem, não está? Provavelmente não tanto quanto aqueles

escrotos do Louvem a Deus na televisão, mas você deve ganhar. . o quê?

Mil por dia, nesta época do ano? Dois mil?

Ele nem chegou perto, mas o erro de cálculo é música para os ouvidos de Willie Cegueta Gar ield. Signi ica que seu parceiro silencioso não o está vigiando de tão perto, ou tão freqüentemente. . não ainda, de qualquer

forma. Mas ele não gosta da fúria na voz de Wheelock. Fúria é uma carta selvagem no jogo de pôquer.

– Você não é mais cego do que eu. – Wheelock repete. Aparentemente essa

é a parte que o deixa encucado. – Ei, amigão, sabe de uma coisa? Eu acho que vou te seguir em alguma noite quando você sair do trabalho, sabe? Ver

para onde você vai. – ele pausa. – Aonde você entra.

Por um momento, Willie Cegueta para de respirar. . então recomeça.

– Você não ia querer fazer isso, Oficial Wheelock. – ele diz.

– Eu não iria, hein? Por que não, Willie? Por que não? Você está cuidando

do meu bem estar, é isso? Tem medo de que possa matar a merda que põe

os ovos de ouro?

Ei, o que eu ganho de você por ano não é muito comparado a uma

recomendação, talvez uma promoção. – ele pausa. Quando ele fala de novo,

sua voz tem uma qualidade sonhadora que Willie acha especialmente

alarmante. – Eu poderia ir ao jornal.

POLICIAL HERÓI PRENDE ARTISTA INSENSÍVEL NA QUINTA AVENIDA.

Jesus, Willie pensa, *Meu bom Jesus, ele fala sério*.

– Diz Gar ield na sua luva ali, mas aposto que seu nome nem é Gar ield. Eu

apostaria dólares ao invés de rosquinhas.

– É uma aposta que você perderia.

– É o que você diz. . mas a lateral daquela luva parece ter visto mais do que

um nome escrito ali.

– Foi roubada quando eu era uma criança. – ele está falando demais?

Di ícil dizer. Wheelock conseguiu pegá-lo de surpresa, o bastardo. Primeiro o telefone toca em seu escritório, o bom e velho Ed da Nynex, e agora isso.

– O menino que roubou de mim escreveu seu nome nela enquanto a tinha.

Quando eu a recuperei, eu apaguei e recoloquei o meu.

– E ela foi para o Vietnã com você.

– Sim. – é a verdade. Se Sullivan tivesse visto a luva Alvin Dark e sua lateral, ele a teria reconhecido como sendo a de seu velho amigo Bobby?

Di ícil, mas quem poderia saber? Sullivan nunca a viu, não no verde, ao menos, o que fazia a questão inteira ser discutível. O O icial Jasper

Wheelock por outro lado, estava fazendo todo o tipo de pergunta, e

nenhuma delas era discutível.

– Ela foi para o Vale Atchim com você, não foi?

Willie Cegueta não responde. Wheelock está tentando levá-lo agora, e não

há lugar para onde Wheelock possa levá-lo que Willie Garfield queira ir.

– Foi com você para aquele tal de Tam Bor?

Willie nada diz,

– Cara, eu achei que tambor era um instrumento musical.

Willie continua em seu silêncio.

– O jornal. – Wheelock diz e Willie vê no meio da escuridão o cuzão

levantar as mãos e as separar lentamente, como se mostrando uma grande

fotografia. – POLICIAL

HERÓI. – ele pode apenas estar provocando. . mas Willie não tem certeza.

– Você estará no jornal, pode apostar, mas não haverá nenhuma

recomendação.

– Willie Cegueta diz. – Tampouco uma promoção. Na verdade, você seria

mandado para a rua, O icial Wheelock, para procurar outro emprego. Você

poderia tentar entrar em uma daquelas companhias de seguro, um homem

que aceita propina não pode ser vinculado.

É a vez de Wheelock parar de respirar. Quando ele começa novamente, o hálito no ouvido de Willie Cegueta se transformou em um furacão; a boca semovente do policial está quase tocando sua pele.

– O que quer dizer? – ele sussurra. Uma mão pousa no braço da jaqueta militar de Willie Cegueta. – Me diga o que caralho você quer dizer.

Mas Willie Cegueta permanece em silêncio, com as mãos nos lados de seu

corpo, a cabeça levemente para cima, olhando com atenção para a

escuridão que não vai clarear até que a luz do dia se vá, e em seu rosto está a falta de expressão que tantas vezes é mal interpretada como

orgulho arruinado, como coragem abatida, mas de algum modo ainda

intacta.

É melhor ter cuidado, O icial Wheelock, ele pensa. *O gelo sobre a qual você está, está icando mais ino. Eu posso ser cego, mas você deve ser surdo se não pode ouvir o som dele se rachando sob seus pés.*

A mão em seu braço o sacode levemente. Os dedos de Wheelock o

pressionam.

– Você tem um amigo? É isso, seu ilho da puta? É por isso que você segura

o envelope daquele jeito na maioria das vezes? Você tem um amigo tirando

fotos de mim?

É isso?

Willie Cegueta continua sem dizer nada; para Jasper, o Policial Smurf, ele está dando agora um sermão de silêncio. Pessoas como o O icial Wheelock

sempre irão pensar o pior se você deixar. Você só tem que dar tempo para

elas o fazerem.

– Você não vai querer foder comigo, amigão. – Wheelock diz,

maliciosamente, mas há um sutil tom de preocupação em sua voz, e a mão

na jaqueta de Willie Cegueta se afrouxa. – Agora vai ter que arrecadar

quatro mil por mês, começando em Janeiro, e se você tentar fazer

joguinhos comigo, eu vou te mostrar onde ica realmente o parque de

diversões. Você me entendeu?

Willie Cegueta nada diz. As baforadas de vapor param de bater em seu

ouvido, e ele sabe que Wheelock está pronto para se mandar. Mas ainda não; as nojentas baforadas voltam.

– Você vai queimar no inferno pelo que está fazendo. – Wheelock lhe diz.

Ele fala com grande sinceridade, quase febril. – O que eu faço com seu dinheiro é um pecado perdoável, eu perguntei ao padre, então estou certo

disso, mas o seu é mortal.

Você vai para o inferno, e vai ver quantas esmolas você consegue por lá.

Willie Cegueta pensa em uma jaqueta que Willie e Bill Shearman vêem às

vezes na rua. Há um mapa do Vietnã nas costas, normalmente os anos em

que o portador da jaqueta passou lá, e esta mensagem: QUANDO EU

MORRER, EU VOU DIRETO

PARA O CÉU, PORQUE EU GASTEI MEU TEMPO NO INFERNO. Ele poderia

mencionar este sentimento ao O icial Wheelock, mas não seria bom.

Silêncio é melhor.

Wheelock começa a se afastar, e o pensamento de Willie (de que ele está feliz de vê-lo ir), faz com que um raro sorriso toque sua face. Ele vem e vai

como um raio de sol errante em um dia nublado.

1:40 P.M.

Por três vezes ele enrolou as notas e jogou o troco no fundo da mala (ela realmente tem a função de guardar, não de dissimular), agora trabalhando

completamente pelo toque. Ele já não pode ver mais o dinheiro, não

diferencia um de cem, mas ele sente que está tendo um bom dia de fato.

Não há prazer em saber disso, entretanto. Nunca houve muito, prazer não

é o signi icado de Willie Cegueta, mas mesmo a sensação de sucesso que

ele pode ter tido outro dia foi silenciada por sua conversa com o O icial Wheelock. Às onze e quarenta e cinco, uma jovem mulher de voz bonita (

para Willie Cegueta ela soava como Diana Ross), saiu da Saks e lhe deu outro copo de café quente, como ela faz na maioria dos dias neste horário.

Ao meio-dia, outra mulher (esta não tão jovem, e provavelmente branca),

lhe trouxe um copo de sopa de macarrão e galinha. Ele agradeceu a ambas.

A senhora branca lhe beijou o rosto com lábios macios e lhe desejou o mais

feliz dos Natais.

Há o outro lado do dia também; quase sempre há. Por volta de uma da tarde, um adolescente com sua gangue de amigos, rindo, contando piadas,

e assoviando, falou em meio a escuridão da esquerda de Willie Cegueta, ele

disse que ele era um ilho da puta muito do feio, então pergunta se ele usa

aquelas luvas porque queimou os dedos tentando ler o ferro de waf les.

Ele e seus amigos correm, rindo desta velha piada.

Quinze minutos depois alguém o chuta, embora pode ter sido um acidente.

Em todas as vezes ele se inclina para a mala, entretanto, a mala está lá. É

uma cidade de ru iões, ladrões, e criminosos, mas a mala está bem aqui, como sempre esteve.

E durante todo o tempo, ele pensa em Wheelock.

O policial antes de Wheelock era mais fácil de lidar; aquele que vier depois

que Wheelock saia da força ou seja transferido para o centro também pode

ser fácil de lidar.

Wheelock vai sacudir, queimar, ou explodir, eventualmente, isso foi algo

que ele aprendeu na moita, enquanto isso, ele, Willie Cegueta, deve icar irme como um bambu em uma tempestade. Exceto que até o mais forte

dos bambus quebra se o vento soprar forte o bastante.

Wheelock quer mais dinheiro, mas não é isso que preocupa o homem de

óculos escuros e jaqueta militar; cedo ou tarde todos eles vão querer mais

dinheiro. Quando ele começou nesta esquina, ele pagava ao O icial

Hanratty cento e vinte inço. Hanratty era um cara cuja iloso ia era “viva e

deixe viver”, que cheirava a desodorante e uísque como George Raymer, o

policial da vizinhança da infância de Willie Shearman, mas o tranqüilo Eric

Hanratty ainda tinha Willie Cegueta preso a duzentos dólares por mês

quando ele se aposentou em 1978. E a coisa é (cave, meus irmãos),

Wheelock estava furioso esta manhã, *furioso*, e Wheelock havia falado sobre consultar o padre. Estas coisas o preocupam, mas o que preocupa

ainda mais foi o que Wheelock disse sobre seguí-lo. *Ver para onde você vai.*

Aonde você entra. Gar ield não é seu nome. Eu apostaria dólares ao invés de rosquinhas.

É um erro foder com um verdadeiro penitente , O icial Wheelock. Willie Cegueta pensa. *Você icaria mais seguro fodendo minha esposa do que meu nome, acredite.*

Muito mais seguro.

Wheelock poderia fazê-lo, entretanto (o que poderia ser mais simples do

que enganar um cego, ou mesmo um que pode ver pouco mais do que

sombras?). Mais simples do que vê-lo entrar em algum hotel e em seguida

em um banheiro masculino público? Vê-lo entrar em uma cabine, enquanto

Willie Cegueta Gar ield sai como Willie Shearman? Suponha que Wheelock

possa segui-lo até a troca de Willie para Bill.

Pensar nisso traz de volta as tensões da manhã, sua sensação de ser uma

cobra entre peles. O medo de ser fotografado pegando propina vai segurar

Wheelock por um tempo, mas se ele estiver furioso o bastante, não há

como prever o que ele vai fazer. E

isso é assustador.

– Deus te ama, soldado. – uma voz diz na escuridão. – Eu queria poder fazer mais.

– Não é necessário, senhor. – Willie Cegueta diz, mas sua mente ainda está

em Jasper Wheelock, que cheira à colônia barata e falou com o padre sobre

um cego com uma placa, o cego que não é, na opinião de Wheelock, tão

cego assim. O que ele disse?

Você vai para o inferno, e vai ver quantas esmolas consegue por lá . – Tenha um feliz Natal, senhor, obrigado por me ajudar.

E o dia segue.

4:25 P.M.

Sua visão começou a melhorar, escura, distante, mas lá. É sua dica para guardar suas coisas e ir embora.

Ele se ajoelha, com as costas eretas, e repousa sua bengala atrás da mala novamente. Ele pega as últimas notas, as joga com as últimas moedas no

fundo da mala, então ele coloca sua luva de beisebol e a placa decorada com o ouropel dentro dela. Ele tranca a mala, e se levanta, segurando sua

bengala na outra mão. Agora a mala está pesada, puxando seu braço com o

peso morto de todo aquele metal. Há um barulho pesado de chocalho

enquanto as moedas vão voando de um lado para o outro, e então elas param como metal preso ao solo.

Ele sai da Quinta, suspendendo a mala no im de sua mão esquerda como

uma âncora (depois de todos esses anos ele está acostumado ao peso dela,

poderia até carregá-la para mais longe do que irá nesta tarde, se as

circunstâncias pedissem), segurando a bengala em sua mão direita e

batendo delicadamente no pavimento à sua frente. A bengala é mágica,

abrindo um corredor vazio entre as pessoas, que se empurram pela

calçada como uma onda na forma de lágrima. Quando ele chega na Quinta

com a Quarenta e três, ele consegue ver este corredor. Ele também pode

ver a placa NÃO ATRAVESSE na Quarenta e dois, piscando e parando, mas

ele continua a andar de qualquer forma, deixando um homem bem vestido

de cabelos longos e relógio dourado o alcançar e pegá-lo pelo ombro para

pará-lo.

– Cuidado, meu chapa. – o homem de cabelo longo diz. – Os carros vão

passar.

– Obrigado, senhor. – Willie Cegueta diz.

– Não há de quê. . feliz Natal.

Willie Cegueta cruza, passa pelos leões sentinelas na Biblioteca Pública, e desce mais duas quadras, onde ele vira na direção da Sexta Avenida.

Ninguém o aborda; ninguém o vigiara enquanto ele trabalhava o dia todo, e

então o seguira, esperando pela oportunidade de pegar a mala e correr

(não que muitos ladrões *pudessem* correr com ela, não *esta* mala). Uma vez, no verão de 79, dois ou três jovens, talvez negros (ele não podia dizer com

certeza; eles *soaram* negros, mas sua visão estivera voltando lentamente naquele dia, era sempre mais lento nos dias quentes. Quando os dias

icavam mais brilhantes), o abordaram e começaram a falar com ele de um

jeito que ele não gostou. Não era como as crianças de hoje à tarde, com suas piadas sobre ler o ferro do waf le e se ele toca uma vendo a Playboy

em Braille. Foi mais leve do que isso, e de algum modo bem estranho,

quase gentil (perguntas sobre quanto ele havia conseguido lá atrás na

catedral, e se por alguma chance ele seria generoso o bastante para fazer

uma contribuição para algo chamado a Liga Recreativa de Pólo, e se ele

queria um pouco de proteção para chegar a sua parada de ônibus, ou

metrô, ou o que fosse). Alguém, talvez um sexologista em crescimento, lhe perguntou se ele gostava de uma boceta jovem de vez em quando.

– Ela te deixa durão. – a voz disse à sua esquerda baixinho, quase

longinquamente. – Sim, senhor, tem que acreditar *nessa* merda.

Ele se sentiu do jeito que ele imaginou que um rato se sentiu quando um gato só icava lhe dando patadas, sem usar as garras ainda, curioso sobre o

que o rato faria, o quão rápido poderia correr, e que tipo de barulho ele faria enquanto seu terror crescia.

Willie Cegueta não estivera aterrorizado, entretanto. Assustado, sim, de

fato, você poderia dizer que ele estivera assustado, mas ele não estivera aterrorizado desde a última semana no verde, a semana que havia

começado no Vale A Shau e terminado em Dong Ha, a semana em que os

vietcongues os perseguiram incessantemente pelo oeste ao que não

pareceu exatamente uma batida em retirada, e ao mesmo tempo brincando

com ele em ambos os lados, os direcionando como gado na corredeira,

sempre gritando pelas árvores, às vezes rindo na selva, às vezes atirando,

às vezes gritando na noite. Os homenzinhos que não estavam lá, Sullivan os

haviam chamado. Não há nada como eles aqui, e seu dia mais cego em

Manhattan não é tão escuro como aquelas noites depois que eles se

perderam do Capitão. Saber disso havia sido sua vantagem e o erro

daqueles jovens. Ele simplesmente aumentara sua vez, falando como um

homem ao se dirigir à velhos amigos em uma sala cheia deles.

– Me digam! – ele havia exclamado para os fantasmas de sombra que o

cercava lentamente pela calçada. – Me diga, alguém vê um policial? Eu

acredito que estes jovens camaradas aqui querem me roubar. – e isso

resolveu, fácil como puxar uma casca de laranja; os jovens camaradas que

o cercavam subitamente desapareceram na brisa fria.

Ele apenas desejava que pudesse resolver o seu problema com o O icial

Wheelock tão facilmente assim.

4:40 P.M.

O Sheraton Gotham, na Quarenta com a Broadway, é um dos maiores

hotéis de primeira classe no mundo, e na caverna de seu saguão milhares

de pessoas vêm e vão sob seu gigante candelabro. Eles perseguem seus

prazeres aqui e cavam seus tesouros lá, sem perceberem a música natalina saindo dos alto falantes até as conversas nos três restaurantes diferentes e

cinco bares, até os elevadores cênicos subindo e descendo em seus cabos

como pistões forçando uma exótica máquina de vidro. . e para o homem

cego que segue batendo sua bengala entre eles, indo para o banheiro

público masculino quase do tamanho de uma estação de metrô. Ele entra

com o adesivo na pasta virado para dentro agora, e ele é tão anônimo

quanto um cego pode ser. Nesta cidade, isso é ser muito anônimo.

Ainda assim, ele pensa enquanto entra em uma das cabines e tira a

jaqueta, colocando-a do avesso enquanto o faz, *como é que em todos esses anos ninguém nunca me seguiu? Ninguém nem mesmo percebeu que um cego que entra e o homem que pode enxergar que sai são do mesmo tamanho, e carregam a mesma mala*?

Bem, em Nova York, as pessoas di icilmente notam alguma coisa que não

seja da sua própria conta (a seu próprio modo, elas são tão cegas quanto Willie Cegueta).

Fora de seus escritórios, entupindo as calçadas, se aglomerando na estação

do metrô e nos restaurantes baratos, há algo tanto repulsivo quando triste

sobre eles; eles são como ninhos de toupeiras viradas pelo ancinho de um

fazendeiro. Ele viu esta cegueira de novo e de novo, e ele sabe que essa é

uma das razões do seu sucesso. . mas com certeza não a única razão. Eles não são *todos* toupeiras, e ele esteve jogando os dados por um longo tempo.

Ele toma precauções, é claro que toma, muitas delas, mas ainda há aqueles

momentos (como agora, sentado aqui com as calças caídas, desmontando a

bengala branca e a colocando de volta na mala) quando ele seria fácil de pegar, fácil de roubar, fácil de ser exposto. Wheelock estava certo sobre jornal, eles o adorariam. Eles iriam colocá-lo mais alto do que Amã. Eles nunca entenderiam, nunca iriam *querer* entender, ou ouvir o seu lado da história. *Que* lado? E por que nada disso jamais aconteceu?

Por causa de Deus, ele acredita. Porque Deus é bom. Deus é duro, mas

Deus é bom. Ele não pode ir se confessar, mas Deus parece entender.

Expiação e penitência levam tempo, mas lhe foi dado tempo. Deus andou

com ele em cada passo do caminho.

Na cabine, ainda entre as identidades, ele fecha os olhos e reza (primeiro

agradecendo, depois pedindo para Deus guiá-lo, e depois mais agradecimentos). Ele termina como sempre faz, em um sussurro que

apenas Deus pode ouvir: “Se eu morrer em uma zona de combate, me

coloque num saco, e me mande para casa. Se eu morrer em estado de

pecador, feche os olhos, e me aceite. Amém”.

Ele deixa a cabine, deixa o banheiro, deixa os ecos confusos do Sheraton Gotham, e ninguém anda até ele

e diz, “Com licença, senhor, mas você não

era um cego agora há pouco?” Ninguém olha para ele duas vezes enquanto

ele anda pela rua, carregando sua mala como se pesasse dez quilos ao

invés de quarenta e cinco. Deus toma conta dele.

Começou a nevar agora. Ele anda devagar, Willie Shearman novamente

agora, trocando a mala de mão em mão, apenas mais um cara cansado no

im do dia. Ele continua a pensar sobre seu inexplicável sucesso enquanto

segue. Há um verso do Livro de Mateus que ele gravou na memória. *São* cegos , guia *de* cegos, ele diz, *ora, se um* cego guiar *outro* cego , *cairão ambos no barranco*. E tem aquele ditado que diz que em terra de cego quem tem olho é rei. *Ele* é o rei com o olho? Deixando Deus de lado, será que foi isso o segredo *prático* de seu sucesso em todos esses anos?

Talvez sim, talvez não. Em todo caso, ele *foi* protegido. . e em nenhum caso ele acredita que pode deixar Deus de lado. Deus está na pintura. Deus o marcou em 1960, quando ele ajudou Harry Doolin a provocar Carol, e

então o ajudou a espancá-la.

Aquela ocasião de pecado nunca abandonou sua mente. O que aconteceu

naquele pequeno bosque perto do Campo B permanece sobre tudo. Ele até

tem a luva de Bobby Gar ield para ajudá-lo a se lembrar. Willie não sabe onde Bobby está atualmente, e ele não liga. Ele manteve contato com Carol

o máximo que pode, mas Bobby não importava. Bobby parou de ser

importante quando ele o ajudou. Willie o viu ajudá-la.

Ele não se atreveu a sair e ajudá-la ele mesmo (ele tinha medo do que Harry pudesse fazer com ele, com medo de que Harry pudesse contar para

os outros, com medo de ser marcado), mas *Bobby* se atreveu. Bobby a ajudou, Bobby puniu Harry Doolin mais tarde naquele verão, e por fazer

estas coisas (provavelmente só por fazer a primeira delas), Bobby icou

bem, Bobby superou. Ele fez o que Willie não se atreveu a fazer, ele rolou

com a coisa e passou por cima dela, se deu bem, e agora Willie tem que fazer todo o resto. E isso é muita coisa para se fazer. Arrependimento é um

trabalho que dura vinte e quatro horas por dia, e mais. Ora, mesmo com três deles trabalhando, ele mal consegue agüentar.

Ainda assim, ele não pode dizer que vive no arrependimento. Às vezes ele

pensa no bom ladrão, que se juntou a Cristo no Paraíso naquela mesma

noite. Na tarde da Sexta-Feira você está sangrando na colina de pedras da

Gólgota; na noite da Sexta-Feira você está tomando chá e bolinho com o

Rei. Às vezes alguém o chuta, às vezes alguém o empirra, às vezes ele tem

medo de ser roubado. E daí? Ele não defende aqueles que apenas podem

ficar nas sombras, vendo enquanto o dano é feito? Ele não pede por eles?

Ele não pegou a luva de beisebol da marca Alvin Dark de Bobby para dar a

eles em 1960? Ele fez. Ele fez. Deus o abençoe, ele fez. E agora eles colocam

seu dinheiro dentro dela enquanto ele ica sentado e cego do lado de fora

da catedral. Ele pede esmola por eles.

Sharon sabe. . exatamente *o que* Sharon sabe? Alguma coisa, sim. O quanto,

ele não pode dizer. Certamente o bastante para providenciar o ouropel; o bastante para lhe dizer que ele parece bem em seu terno Paul Stuart e sua

grava azul da Sulka; o bastante para lhe desejar um bom dia e o lembrar de trazer gemada. É o bastante. Tudo está bem no mundo de Willie, exceto

por Jasper Wheelock. O que ele fará quanto a Jasper Wheelock?

Eu acho que vou te seguir em alguma noite , Wheelock sussurra em seu ouvido enquanto Willie muda a mala que vai icando cada vez mais pesada,

para a outra mão.

Ambos os braços doem agora; ele icará feliz ao chegar ao seu prédio. *Ver*

para onde você vai. *Aonde você entra*.

O que, exatamente, ele vai fazer com Jasper, o Policial Smurf? O que ele *pode* fazer?

Ele não sabe.

5:15 P.M.

O jovem mendigo de suéter vermelho se foi há muito, seu lugar foi tomado

por outro Papai Noel. Willie não tem problemas em reconhecer o jovem gorducho deixando cair um dólar no pote de Noel.

– Ei, Ralphie! – ele grita.

Ralph Williamson se vira, seu rosto se ilumina quando ele reconhece Willie,

e ele levanta uma mão em uma luva. Neva mais forte agora; com as luzes acesas ao seu redor e o Papai Noel ao seu lado, Ralph parece um igura central em um cartão de feliz Natal. Ou talvez um **Bob Cratchit** (**N.T. –**

Personagem de "Um Conto de Natal", empregado do avarento

EbenézerScrooge.) moderno.

– Ei, Willie! Como vai?

– Como uma casa em chamas. – Willie diz, aproximando-se de Ralph com

um fácil sorriso em seu rosto. Ele deposita sua mala no chão com um

gemido, põe a mão no bolso, acha uma prata para o pote do Noel.

Provavelmente só mais um trapaceiro, e seu gorro parece um pedaço de

merda, mas enfim, que diabos.

– O que você tem aí? – Ralph pergunta, olhando para a mala de Willie, enquanto se enrola ao seu cachecol. – Parece que você roubou o cofrinho de alguma criança.

– Que nada, apenas bobinas soltas. – Willie diz. – Mais ou menos mil delas.

– Está trabalhando até no Natal?

– É. – ele diz, e subitamente tem uma idéia do que fazer com Wheelock.

Apenas um palpite, que apareceu e sumiu, mas, ei, é um começo. – É, bem

no Natal. Não há descanso para os mal criados, você sabe.

O rosto aberto e prazeroso de Ralph se abre em um sorriso.

– Duvido que tenha sido mal criado.

Willie sorri de volta.

– Você não sabe que o mal espreita no coração dos homens da Heating & Coolin, Ralphie. Eu provavelmente vou tirar uns dias de férias depois do

Natal. Acho que pode ser uma idéia realmente boa.

– Vai para o Sul? Flórida, talvez?

– Sul? – Willie olha espantado, então ri. – Oh, não. – ele diz. – Não é *isso*, garoto. Eu tenho muito o que fazer em casa. Uma pessoa tem que manter

sua casa em ordem. De outro modo ela pode desabar ao seu redor em um

dia em que o vento sopre.

– Suponho que sim. – Ralph ajeita seu cachecol na altura das orelhas. – Te

vejo amanhã?

– Pode apostar. – Willie diz e levanta sua mão protegida pela luva. – Toca aqui.

Ralphie toca cinco nele, então vira a mão. Ele sorri timidamente.

– Toca dez aqui, Willie.

Willie lhe toca dez.

– O quanto isso foi bom, querido Ralphie?

O sorriso tímido do homem se transforma no sorriso feliz de um garoto.

– Tão bom que quero fazer de novo. – ele grita, e bate na mão de Willie com autoridade real.

Willie ri.

– Você é o cara, Ralph. Você passa por *cima*.

– Você é o cara também, Willie. – Ralph responde, falando com um sotaque

fresco do leste que soa meio engraçado. – Feliz Natal.

– Pra você também.

Ele ica lá por um momento, vendo Ralph caminhar pesadamente pela

neve. Ao seu lado, o Papai Noel bate seu sino monotonamente. Willie pega

sua mala e segue para a porta de seu prédio. Então algo chama a sua

atenção, e ele pára.

– Sua barba está torta. – ele diz ao Noel. – Se você quer que as pessoas acreditem em você, conserte a merda da sua barba. – então ele entra.

5:25 P.M.

Há uma pequena caixa no armazém anexado do Midtown Heating &

Cooling.

Está cheio de trouxas de roupa, do tipo que os bancos usam para carregar

moedas. Tais trouxas normalmente têm o nome dos brancos impressos

nela, mas estas não (Willie as encomenda direto da companhia que as

fazem, em Moundsville, Virgínia Oeste).

Ele abre a mala, rapidamente pega os maços de dinheiro (estes ele vai

carregar para casa em sua maleta Mark Gross), então enche quatro

trouxas com moedas. Num canto longe da sala está um velho armário de

metal simplesmente marcado com a palavra PARTES. Willie o abre (não há

cadeado para prendê-lo), e revela outras duzentas ou trezentas trouxas

cheias de moedas. Várias vezes ao ano, ele e Sharon passeiam pelas igrejas

da cidade, empurrando estas trouxas pelo buraco de contribuições, ou

portas quando elas cabem, simplesmente deixando ao pé da porta quando

não cabem. A parte do leão sempre vai para a Catedral de São Patrício, onde ele passa o dia usando seus óculos escuros e a placa.

Mas não *todo* dia, ele pensa, agora se despindo. Eu não tenho que estar lá

todo dia, e ele pensa novamente que talvez Bill, Willie, e Willie Cegueta Gar ield vai tirar uma semana de folga depois do Natal. Nesta semana deve

haver um jeito de cuidar do O icial Wheelock. Para fazê-lo ir embora.

Exceto que. .

– Eu posso matá-lo. – ele resmunga. – Eu vou me foder se matá-lo. – só que

não é se foder que o preocupa. Estar *condenado* é o que o preocupa. Matar

era diferente no Vietnã, ou parecia diferente, mas isso não é o Vietnã, não é

o verde. Ele construiu todos esses anos de penitência apenas para jogá-los

ralo abaixo novamente? Deus o está testando, testando, testando. Há uma

resposta aqui. Ele sabe que há, tem que haver. Ele apenas (ha ha,

desculpe-me o trocadilho) está cego demais para vê-la.

Ele pode ao menos encontrar o hipócrita ilho da puta? Claro que sim, isso não é problema. Ele pode achar Jasper, o Policial Smurf, pode crer. A hora

que quiser. O seguir até o lugar onde ele tira sua arma e seus sapatos e coloca seus pés no genuflexório. Mas então o quê?

Ele se preocupa com isso enquanto usa creme frio para remover sua

maquiagem, e então ele joga suas preocupações para longe. Ele pega o

registro de Novembro-Dezembro da gaveta, e por vinte minutos ele

escreve *Eu sinto muito com todo o coração por ter machucado Carol* . Ele preenche a página inteira, de cima a baixo, de margem a margem. Ele o

devolve, então se veste com as roupas de Bill Shearman.

Enquanto ele guarda as botas de Willie Cegueta, seus olhos caem no

caderno com a capa de couro vermelha. Ele o pega, o coloca em cima do armário de arquivo, e vira a capa com sua única palavra (MEMÓRIAS),

estampadas em ouro.

Na primeira página está a certidão de nascimento (William Robert

Shearman, nascido em 4 de Janeiro de 1946), e suas pequenas impressões

digitais dos dedos dos pés. Nas páginas seguintes há fotos dele com sua mãe, fotos dele com seu pai (Pat Shearman sorrindo como se nunca

houvesse empurrado seu ilho de sua cadeira alta, ou batido em sua

esposa com uma garrafa de cerveja), fotos dele com seus amigos. Harry

Doolin está particularmente bem representado. Em uma foto, um Harry de

oito anos está tentando comer um pedaço do bolo de aniversário de Willie

com uma venda (resultado de algum jogo, sem dúvida). Harry tem

chocolate espalhado por suas bochechas, ele está rindo e parece como se

não tivesse um único pensamento malvado na cabeça.

Willie estremece ao ver aquela face risonha, melada e vendada. Isso quase

sempre o faz tremer.

1999: Quando alguém morre, você pensa sobre o passado.

POR QUE ESTIVEMOS NO VIETNÃ

Quando alguém morre, você pensa sobre o passado. Sully sabe disso

provavelmente há anos, mas foi apenas no dia do funeral de Pags, que isso

se instalou em sua mente como um axioma consciente.

Faz vinte e seis anos desde que os helicópteros resgataram o último grupo

de sobreviventes (alguns balançando fotogenicamente no trem de pouso

de esqui) do telhado da Embaixada Americana em Saigon e quase trinta

desde que o helicóptero evacuou John Sullivan, Willie Shearman, e talvez

uma dúzia de outros da Província de Dong Ha. Sully-John e seu conhecido

de infância magicamente reencontrado haviam sido heróis naquela manhã

quando os helicópteros caíram do céu; eles haviam sido outra coisa à tarde.

Sully consegue se lembrar de estar deitado lá no piso trêmulo do

helicóptero, e de estar gritando para que alguém o mate. Ele pode se

lembrar de Willie gritando também. *Estou ceg* o, foi o que Willie estivera gritando. *Ah, Jesus, porra, estou cego!*

Eventualmente icou claro para ele (mesmo com uma parte de suas tripas

penduradas para fora de sua barriga em cordas cinza, e a maior parte de

suas bolas estouradas) que ninguém faria o que ele estava pedindo, e que

ele não conseguiria fazer o trabalho sozinho. Não rápido o bastante para satisfazê-lo, de qualquer forma. Então ele pediu para alguém se livrar do *mamasan*, ele poderiam fazer isso, não poderiam?

Deixar ela no chão, ou simplesmente jogá-la, por que não? Ela já não estava

morta? A coisa era que, ela não ia parar de *olhar* para ele, e isso já era o bastante.

Na hora em que o transferiram com Shearman, e uma dúzia de outros (os

piores), para uma ambulância no ponto de encontro que todos chamavam

de Peepee City (os pilotos do helicóptero provavelmente estavam felizes

em vê-los ir, com todos aqueles gritos), Sully começou a perceber que

nenhum dos outros poderia ver a velha *mamasan* agachada ali na cabine

do piloto, a velha *mamasan* de cabelos brancos em calças verdes e camisa laranja e aqueles estranhos tênis chineses brilhantes, aqueles que

pareciam os sapatos de Chuck Taylor, vermelhos e brilhantes, uau. A velha

mamasan havia sido o lerte de Malenfant, o grande lerte do velho Sr.

Tubarão das Cartas. Mais cedo naquele dia, Malenfant havia corrido para a

clareira junto com Sully, Dieffenbaker, Sly Slocum e os outros, sem se

importar com os congues atirando neles pelos arbustos, sem se importar

com a terrível semana de morteiros, atiradores de elite, e emboscadas,

Malenfant havia sido um herói, e Sully havia sido um herói também, e

agora, oh, ei, olhem para isso, Ronnie Malenfant foi um assassino, o rapaz de quem Sully tivera tanto medo em seus dias de menino havia salvado sua

vida, e estava cego, e o próprio Sully estava deitado no piso do helicóptero

com suas tripas balançando à brisa. Como Art Linkletter sempre disse, isso

apenas provou que as pessoas são engraçadas.

Alguém me mate, ele havia gritado naquela iluminada e terrível tarde.

Alguém atire em mim, pelo amor de Deus, apenas deixem-me morrer.

Mas ele não havia morrido, os doutores conseguiram salvar um de seus

testículos destruídos, e agora havia até mesmo dias em que ele se sentia mais ou menos feliz por estar vivo. Os pores-do-sol o faziam se sentir

assim. Ele gostava de ir para o quintal do lote, para aonde os carros que eram trocados, mas não consertados, eram levados, e icar lá assistindo o sol se pôr. É uma merda sentimental, pode crer, mas ainda assim era a

melhor parte.

Em São Francisco Willie estava na mesma ala, e o visitava muito, até que o

Exército em sua sabedoria, mandou o Primeiro Tenente Shearman para

outro lugar; eles conversaram por horas sobre os velhos dias em Harwich,

as pessoas que conheciam em comum. Uma vez eles conseguiram uma foto

tirada por um repórter de jornal (Willie sentado na cama de Sully, ambos rindo). Os olhos de Willie haviam melhorado mas ainda não estavam

curados; Willie con idenciou a Sully que ele tinha medo de que nunca

estaria curado. A história que viera com a foto era muito louca, mas eles receberam alguma carta? Santo Deus! Mais do que ambos poderiam ler!

Sully até teve uma louca idéia de que ele poderia receber alguma de Carol,

mas é claro que nunca recebeu. Era a Primavera de 1970, e Carol Gerber

sem dúvida estivera ocupada fumando maconha e fazendo boquetes em

hippies anti-guerra enquanto seu velho namorado de colégio recebia uma

bomba nas bolas, no outro lado do mundo. Isso mesmo, Art, as pessoas são engraçadas. Também, as crianças diziam as coisas mais sinceras.

Quando Willie foi embora, a velha *mamasan* icou. A velha *mamasan* icou bem ali. Durante os sete meses em que Sully icou no Hospital de

Veteranos de São Francisco, ela viera todo dia, e toda a noite, sua visita mais constante naquele tempo interminável onde o mundo inteiro parecia

cheirar a mijo e sua cabeça doía. Às vezes ela aparecia em um *muumuu* como a apresentadora de algum *lual* maluco, às vezes ela usava uma daquelas horríveis saias de golfe, e camisetas sem manga que mostravam

seus braços magricelas. . mas na maioria das vezes ela vestia o que

estivera usando no dia em que Malenfant a matou: calças verdes, camisa

laranja, tênis vermelhos com os símbolos chineses neles.

Um dia naquele Verão, ele abriu o *San Francisco Chronicle* e viu que sua velha namorada havia conseguido aparecer na primeira página. Sua velha

namorada e seus amigos hippies haviam matado um bando de garotos e

recrutadores de empregados em Danbury. Sua velha namorada era

conhecida agora como “Carol Vermelha”. Sua velha namorada era uma

celebridade.

– Sua puta. – ele disse enquanto o jornal primeiramente se dobrou, então triplicou, e então se rasgou em primas. – Sua *puta* estúpida e fodida. – ele havia feito uma bolinha com o jornal, pretendendo jogá-lo do outro lado da

sala, e lá estava sua nova namorada, lá estava a velha *mamasan* sentada na

cama seguinte, olhando para Sully com seus olhos negros, e Sully não

conseguiu mais se segurar ao vê-la. Quando a enfermeira chegou Sully ou

não conseguia, ou não queria dizer por que ele estava chorando. Tudo o

que ele sabia era que seu mundo havia enlouquecido e ele queria uma

injeção, e eventualmente a enfermeira achou um doutor para dar a ele

uma, e a última coisa que ele viu antes de desmaiar foi *mamasan*, a velha e

fodida *mamasan* sentada lá na cama seguinte com suas mãos amarelas em

seu colo de poliéster verde, sentada lá e o observando.

Ela fez a viagem cruzando o país com ele também, havia voltado todo o

caminho até Connecticut com ele, viajando gratuitamente com ele na cabine

de turista da United Airlines 747. Ela sentou ao lado de um homem de

negócios que a viu tanto quanto ao pessoal do helicóptero, ou Willie

Shearman, ou o pessoal do Palácio das Bocetas. Ela havia sido o lerte de

Malenfant em Dong Ha, mas ela era agora o lerte de John Sullivan, e ela nunca tirou seus olhos negros dele. Seus dedos amarelos e enrugados

estavam sempre fechados em seu colo, e seus olhos sempre ficaram nele.

Trinta anos. Cara, isso foi há muito tempo.

Mas enquanto esses anos passavam, Sully a via menos e menos. Quando

ele retornou a Harwich no Outono de 1970, ele ainda via a velha *mamasan*

quase todo dia (comendo um cachorro-quente no Parque Commonwealth

pelo Campo B, ou em pé nos degraus de ferro da estação de trem, onde os

viajantes diminuíam e luíam, ou apenas andando pela Main Street).

Sempre olhando para ele.

Uma vez, não muito depois de ele ter conseguido seu primeiro emprego

pós-Vietnã, (vendendo carros, é claro; era a única coisa que ele realmente

sabia fazer) ele havia visto a velha mamasan sentada no assento de

passageiro de um Ford LTD 1968 com O PREÇO FEITO PARA SER

VENDIDO! escrito no pára-brisas.

Você vai começar a entendê-la com o tempo, o psiquiatra do São Francisco

havia lhe dito, e ele se recusou a dizer mais não importava o quão Sully o pressionava.

O psiquiatra queria ouvir sobre os helicópteros que haviam colidido e

caído do céu; o psiquiatra queria saber por que Sully se dirigia a Malenfant

como “aquele jogador de cartas bastardo” (Sully não queria dizer); o

psiquiatra queria saber se Sully tinha fantasias sexuais, e se sim, se haviam

se tornado notadamente violentas. Sully meio que havia gostado do cara

(Conroy era seu nome), mas isso não mudava o fato de que ele era um

cuzão. Uma vez, próximo a sua saída do São Francisco, ele havia chegado perto de contar ao Dr. Conroy sobre Carol. No im das contas ele icou feliz

de não ter dito nada. Ele não sabia como *pensar* em sua velha namorada, quanto menos falar sobre ele (*aflito* era a palavra de Conroy para seu estado). Ele a havia chamado de puta estúpida e fodida, mas o maldito

mundo todo estava meio que fodido ultimamente, não estava? E se alguém

saberia o quão fácil um comportamento violento poderia partir suas

algemas e sair correndo, essa pessoa era John Sullivan. Tudo o que ele

tinha certeza era de que ele esperava que a polícia não a matasse quando

finalmente a capturasse junto com seus amigos.

Cuzão ou não, o Dr. Conroy estivera inteiramente errado sobre Sully tendo que entender a velha *mamasan* com o tempo. A coisa mais importante era

entender, em um nível intestinal, que a velha *mamasan* não estava lá.

Saber deste fato básico era fácil, mas seus intestinos eram lentos para

aprender, possivelmente porque seus intestinos haviam pulado para fora

em Dong Ha, e uma coisa assim tem que desacelerar o processo de

entendimento.

Ele havia pegado emprestado alguns dos livros do Dr. Conroy, e a

bibliotecária do hospital havia conseguido para ele alguns outros com um

empréstimo na biblioteca.

De acordo com os livros, a velha *mamasan* em suas calças verdes e camisa

laranja era

“uma fantasia exteriorizada”, que servia como um “mecanismo copiador”

para ajudá-lo a lidar com sua “culpa de sobrevivente”, e “síndrome de

estresse pós-traumático”. Ela era uma alucinação, em outras palavras.

Por qualquer razão que tenha sido, sua atitude com ela havia mudado

enquanto suas aparições se tornavam menos freqüentes. Ao invés de

sentir asco, ou um tipo de horror supersticioso quando ela apareceu de

novo, ele começou a se sentir quase feliz por vê-la. Do jeito que você se sente quando vê um velho amigo que deixou a cidade, mas às vezes volta para fazer uma visitinha.

***

Ele vivia em Milford agora, uma cidade mais ou menos a trinta e dois

quilômetros ao norte de Harwich pela I-95, e anos luz de distância na

maioria dos outros sentidos. Harwich havia sido prazerosa, um subúrbio

cheio de árvores onde Sully vivera quando criança, andando por aí com

Bobby Gar ield e Carol Gerber. Agora sua velha cidade natal era um

daqueles lugares no qual você não sai à noite, apenas um complemento

encardido de Bridgeport. Ele ainda passa a maior parte de seus dias lá, no

lote ou em seu escritório (a Gold Star Chevrolet era um negócio digno de Sullivan, funcionando há quatro anos agora), mas ele ia embora às seis

horas, na maioria das tardes, sete no máximo, viajando para o norte em

seu Caprice. Ele normalmente ia com uma irreconhecível, mas muito real,

sensação de gratidão.

Neste dia em particular no Verão, ele havia ido para o sul de Milford pela I-95 como sempre, mas uma hora mais tarde, sem sair da estrada, chegara à

Saída 9, da AVENIDA ASHER, HARWICH. Hoje ele havia mantido seu carro

na direção sul (ele era azul, com pneus negros, e observar as luzes de freio

das pessoas piscando quando eles o viam em seus espelhos retrovisores

nunca falhavam em impressioná-lo, elas sempre achavam que ele era um

policial), e dirigiu o caminho todo até a cidade de Nova York.

Ele deixou o carro na concessionária Arnie Mossberg em West Side

(quando você é um negociante de Chevys nunca há problema de

estacionamento; essa é uma das coisas boas a respeito disso), fez algumas

compras em sua viagem pela cidade, comeu um pouco em Palm Tôo, então

foi ao funeral de Pagano.

Pags era um dos caras no local do acidente do helicóptero naquela manhã,

um dos caras na Vila naquela tarde. Também um dos caras pego na

emboscada inal na trilha, a emboscada que começara quando o próprio

Sully pisara em uma mina, ou partira um fio que acionou uma bomba presa

a uma árvore. Os homenzinhos em pijamas negros estavam em terreno

alto, e cara, eles abriram fogo. Na trilha, Pags agarrou Wollensky, quando Wollensky fora baleado na garganta. Ele levou Wollensky até a clareira,

mas até lá Wollensky já estava morto. Pags estava coberto pelo sangue de

Wollensky (Sullivan não se lembra realmente de ver isso; ele estivera em seu próprio inferno na hora), mas isso provavelmente foi um alívio para o

homem porque cobriu o outro sangue, ainda não inteiramente seco.

Pagano estivera perto o su iciente para ser coberto, quando Slocum atirou

no amigo de Malenfant. Coberto com o sangue de Clemson, coberto os

pedaços do cérebro de Clemson.

Sully nunca disse uma palavra sobre o que aconteceu a Clemson na Vila,

nem ao Dr. Conroy nem a ninguém. Ele havia dissimulado. Todos eles

haviam dissimulado.

Pags morreu de câncer. Sempre que um dos velhos amigos de guerra de

Sully morriam (bem, está bem, eles não eram exatamente *amigos*, a maioria

deles tão burros quanto barcos de pedra, e não o que Sully realmente

chamaria de *amigos*, mas era a palavra que usavam porque não havia palavra inventada para o que eles foram um para o outro realmente),

sempre parecia ser de câncer, drogas, ou suicídio. Normalmente o câncer

começava nos pulmões, ou no cérebro, e então corria para todo o lado, como se estes homens houvessem deixado seus sistemas imunológicos no

verde. Com Dick Pagano havia sido câncer pancreático (ele e Michael

Landon). Era a doença das estrelas.

O caixão foi aberto e o velho Pags não parecia muito mal. Sua esposa izera

o agente funerário vesti-lo com um terno, não um uniforme. Ela

provavelmente nem pensou na hipótese do uniforme, apesar das

condecorações que Pags ganhara. Pags usara um uniforme por apenas

dois ou três anos, aqueles anos como uma aberração, como o tempo

passado em alguma prisão porque você fez algo ao perder a cabeça em

uma ocasião azarada, provavelmente enquanto estava bêbado. Matar um

cara em uma briga de bar, por exemplo, ou botar na cabeça de queimar a

igreja onde sua ex-esposa ensinava aos Domingos. Sully não conseguia

pensar em um único homem com quem servira, incluindo ele mesmo, que

iria querer ser enterrado com um uniforme do Exército.

Dieffenbaker (Sully ainda pensa nele como o novo tenente) veio ao funeral.

Sully não via Dieffenbaker há muito tempo, e eles conversavam muito. .

embora Dieffenbaker tenha providenciado a maior parte do falatório. Sully

não tinha certeza se conversar jamais izera diferença, mas ele continuava

a pensar no que Dieffenbaker dissera. O quão *irado* Dieffenbaker soou. No

caminho todo de volta para Connecticut ele continuou a pensar.

Ele estava na Ponte Triborough indo para o norte novamente às duas

horas, com tempo de sobra para evitar o tráfego pesado. “Movimento leve

pela ponte de Triborough e nos pontos chave ao longo da auto-estrada de

Long Island”, seria como o repórter de tráfego diria na TV. Era para isso que serviam os helicópteros hoje em dia; espiar o movimento do tráfego

dentro e fora das cidades Americanas.

Quando o tráfego começou a diminuir ao norte de Bridgeport, Sully não

percebeu. Ele havia tirado do noticiário para colocar umas músicas antigas

no rádio, e começara a pensar em Pags e sua gaita. Era um clichê de ilme

de guerra, o grisalho soldado com sua gaita, mas Pagano, meu Deus,

Pagano poderia te enlouquecer. Dia e noite ele tocava, até que um dos

caras (deve ter sido Hexley, ou mesmo Garrett Slocum) dizia que se ele não

parasse, ele iria acordar na manhã seguinte com o primeiro implante de

gaita na bunda do mundo.

Quanto mais pensava nisso, mais Sully achava que havia sido Sly Slocum

quem havia feito a ameaça do implante de gaita na bunda. Um negão alto de Tulsa, achava que *Sly and the Family Stone* era o melhor grupo musical

do planeta, por isso seu apelido, ele se recusava a acreditar que outro grupo que ele admirava, *Rare Eath*, era composto por brancos. Sully relembrou Deef (isso foi antes de Dieffenbaker se tornar o novo tenente e

dar a Slocum aquele aceno com a cabeça, provavelmente o gesto mais

importante que Dieffenbaker já fez em sua vida) dizendo a Slocum que

esses caras eram tão brancos quanto o caralho de Bob Dylan (o branquelo

cantador de folk, era como Slocum chamava Dylan). Slocum pensou nisso,

então respondeu com o que foi para ele uma rara gravidade. *Foda-se o que*

você diz. Rare Earth, cara, eles são negros. Eles gravam na porra da Motown, todos os grupos da Motown são negros, todo mundo sabe disso. Supremes, os putos do Temps, Smokey Robinson and the Miracles. Eu te respeito, Deef, você é foda e é in luente, sem dúvida, cara, mas se você persistir nessa merda, eu vou te acertar em cheio.

Slocum odiava música de gaita. Música de gaita o fazia pensar no

branquelo cantador de folk. Se você tentasse dizer a ele que Dylan se

importava com a guerra, Slocum então perguntaria como então esse

jumento ilho da puta não vinha até aqui com Bob Hope para fazer uma

visitinha. *Eu te digo por que*, Slocum dissera, *ele tem medo, eis o porquê.*

Maldito tocador de gaita veadinho do caralho!

Ficou meditando sobre a discussão de Dieffenbaker sobre os anos

sessenta.

Pensando naqueles velhos nomes, velhos rostos, e velhos dias. Sem

perceber que o velocímetro do Caprice caiu de sessenta para cinqüenta,

para quarenta, o tráfego começando a engrossar em todas as pistas ao

norte. Ele relembrou como Pags era lá no verde: magro, cabelos pretos,

bochechas ainda pontilhadas pelas suas últimas acnes pós-adolescentes,

um ri le em sua mão e duas gaitas Hohner (uma em C maior, e a outra em

G), en iadas no cinto de suas calças. Isso havia acontecido trinta anos atrás.

Volte mais dez e Sully seria uma criança crescendo em Harwich, andando

com Bobby Gar ield e desejando que Carol Gerber olhasse para ele, John

Sullivan, só uma vez do jeito que ela sempre olhava para Bobby.

Com o tempo ela *havia* olhado para ele é claro, mas nunca mais do mesmo modo. Era porque ela não tinha mais onze anos, ou porque ele não era

Bobby? Sully não sabia. O próprio olhar era um mistério. Ele parecia dizer

que Bobby estava a matando, e ela estava feliz, ela morreria daquele jeito

até que as estrelas caíssem do céu, e os rios corressem para cima, e todas

as palavras da música *Louie Louie* fossem entendidas claramente.

O que havia acontecido a Bobby Gar ield? Ele havia ido ao Vietnã? Havia se

juntado aos hippies? Havia se casado, se tornado um pai, morrido de

câncer pancreático? Sully não sabia. Tudo o que ele sabia com certeza era

que Bobby havia mudado de alguma forma no Verão de 1960 (o Verão em

que Sully havia ganhado uma semana grátis no Acampamento da ACM no

Lago George), e havia se mudado da cidade com sua mãe. Carol icou até o

colegial, e mesmo nunca tendo olhado para ele do jeito que ela olhava para

Bobby, ele havia sido o primeiro homem dela, e ela a primeira mulher dele.

Uma noite atrás de um celeiro de uma fazenda em Newburg.

Sully se lembrava do cheiro do doce perfume na garganta dela, enquanto

ele chegava ao orgasmo.

Por que ele havia feito uma conexão entre Pagano em seu caixão e seus

amigos de infância? Talvez porque Pags parecia um pouco com Bobby. O

cabelo de Bobby era ruivo ao invés de negro, mas ele tinha o mesmo

semblante magricela e o rosto angular. .

e as mesmas sardas. Sim! Tanto Pags quando Bobby havia levado um

spray de sardas nas bochechas e no pau do nariz! Ou talvez seja só porque

quando alguém morre, você pensa sobre o passado, o passado, a porra do

passado.

Agora o Caprice havia diminuído para trinta quilômetros por hora, e o

tráfego havia parado, próximo a Saída 9, mas Sully ainda não havia

percebido. Na WKND, a estação das músicas clássicas, *Question Mark and the Mysterians* cantavam "96 Tears", e ele estava pensando sobre quando havia estado na ila no meio da capela com Dieffenbaker a sua frente,

andando para o caixão para dar sua primeira olhada em Pagano enquanto

música era tocada. “Abide with Me” era a canção que lutuava pelo ar

acima do corpo de Pagano (Pags, que estivera perfeitamente feliz em se

sentar por horas com a .50 ao seu lado e sua mochila no colo, e algumas

cartas presas ao seu capacete, enquanto tocava “Going Up the Country” a toda hora).

Qualquer semelhança com Bobby Gar ield se fora há muito, Sully viu isso

enquanto olhava para o caixão. O agente funerário havia feito um bom

trabalho para justificar o caixão aberto, mas Pags ainda tinha a pele flácida,

e aparência frágil de um gordo que gastou seus últimos meses na Dieta do

Câncer, aquela que nunca escrevem no *National Enquirer*, aquela que consiste em radiação, venenos químicos injetados, e todas as batatas fritas

que você quiser.

– Lembra das gaitas? – Dieffenbaker perguntou.

– Eu me lembro. – Sully disse. – Eu me lembro de tudo. – isso soou

esquisisto, e Dieffenbaker olhou para ele.

Sully tivera um claro e feroz lampejo do semblante de Deef naquele dia na

Vila quando Malenfant, Clemson, e aqueles outros idiotas de repente

começaram a espalhar o terror matinal. . o terror inal da última semana.

Eles queriam colocá-lo em algum lugar, os gritos na noite e os súbitos tiros

de morteiro, e inalmente os helicópteros em chamas que haviam caído

com seus rotores ainda girando, jogando a fumaça de suas próprias mortes

enquanto caiam. E lá vêm eles, bum! E os homenzinhos em pijamas negros

estavam atirando no Delta 2-2 e Bravo 2-1 da moita assim que os

Americanos correram para a clareira. Sully havia corrido com Willie

Shearman ao seu lado direito e o Tenente Packer à sua frente; o Tenente Packer levou um balaço na cara, e então ninguém mais estava na sua

frente. Ronnie Malenfant estava à sua esquerda, e Malenfant estivera

gritando em sua voz ina, continuamente, ele era como um vendedor

maluco de telefones de alta pressão sob efeito de anfetaminas: *Venham, seus putos de merda! Venham seus merdas de olhos puxados! Atirem em mim, seus fodidos! Seus putos fodidos! Não conseguem acertar em nada!* Pagano estava atrás deles, e Slocum estava ao lado de Pags. Algum dos rapazes da

Bravo, mas a maioria era da Delta, essa era sua memória. Willie Shearman

gritou por seus próprios companheiros, mas muitos deles icaram para

trás. Delta 2-2 não icou para trás. Clemson estava lá, e Wollensky, e

Hackermeyer, e era incrível como ele conseguia se lembrar de seus nomes;

seus nomes e o odor daquele dia. O odor do verde, e o odor de querosene.

A visão do céu, azul ou verde, e, oh, cara, como eles atiravam, como aqueles

escrotinhos atiravam, você nunca poderia esquecer o modo como atiravam e a sensação de uma bala passando perto de você, e Malenfant estava

berrando *Atirem em mim, seus cuzões da porra! Não consegue! São cegos!*

Vamos, estou bem aqui! Malditas bichas cuzonas e cegas, eu estou bem aqui!

E os homens nos helicópteros que caiam estavam gritando, e eles os

puxaram de lá, criaram bolhas de queimaduras, mas os puxaram, só que

eles não eram mais homens, não o que você chamaria de homens, eles

eram uma espécie de banquete de TV em sua maior parte, um banquete

com olhos, ivelas de cinto, e suculentos dedos com fumaça saindo de suas

unhas derretidas, é, bem assim, não é coisa que se poderia dizer a pessoas

como Dr. Conroy, como quando você os puxou e partes de seus corpos

saíram, meio que deslizaram, que nem a pele frita de um peru cozinhado

vai deslizar da gordura quente e liquefeita bem abaixo, bem assim, e o

tempo todo você está sentindo o odor do verde e do querosene, está tudo acontecendo, é um show realmente, realmente, enorme, como Ed Sullivan

costumava dizer, e está tudo acontecendo em *nosso* palco, e tudo o que você pode fazer é seguir com a maré, e tentar passar por cima dela.

Aquilo foi a manhã, aquilo foram os helicópteros, e uma coisa assim tinha que ir *a algum lugar*. Quando

chegaram à pequena Vila de merda naquela

tarde, eles ainda sentiam o fedor dos corpos das equipes dos helicópteros

carbonizadas em seus narizes, o velho tenente estava morto, e alguns dos homens (Ronnie Malenfant e seus amigos, se quer ir direto ao ponto)

haviam enlouquecido. Dieffenbaker era o novo tenente, e no mesmo

instante ele havia se descoberto no comando de homens loucos que

queriam matar quem vissem pela frente: crianças, velhos, velhas

mamasans em tênis chineses vermelhos.

Os helicópteros caíram às dez horas. Aproximadamente às duas e cinco,

Ronnie Malenfant en iou sua baioneta no estômago da velha, e então

anunciou sua intenção de decepar a porra da sua cabeça de porco.

Aproximadamente às quatro e quinze, a menos de quatro cliques de

distância, o mundo explodiu na cara de John Sullivan. Aquele havia sido

seu grande dia na Província de Dong Ha, seu show realmente grande.

Parado lá, entre duas cabanas na cabeça da única rua da Vila,

Dieffenbaker parecera um garoto assustado de dezesseis anos. Mas ele

não tinha dezesseis anos, ele tinha vinte e cinco, anos mais velho do que Sully e a maioria dos outros. O outro único homem da idade e patente de

Deef era Willie Shearman, e Willie parecia relutante a dar um passo a frente. Talvez a operação de resgate desta manhã o tivesse cansado. Ou

talvez ele houvesse percebido que mais uma vez eram os garotos do Delta

2-2 que estavam no comando. Malenfant estava gritando que quando os

malditos congues de merda vissem uma dúzia de cabeças espetadas em

varetas, eles iriam pensar duas vezes antes de foder com o Relâmpago

Delta. Continuando com sua voz estridente e perfurante, de um vendedor

de telefone. O jogador de cartas. O Sr. Tubarão das Cartas.

Pags tinha suas gaitas; Malenfant tinha seu baralho. Copas, esse era o jogo

de Malenfant. Dez centavos por ponto se ele pudesse te convencer, senão

um níquel por ponto se não pudesse. *Vamos, rapazes* ! ele gritou naquela voz estridente, uma voz que Sully jurou que poderia causar sangramentos

no nariz, e matar gafanhotos em seus vôos.

Vamos, quero ver grana, estamos caçando A Puta!

Sully se lembrou de estar de pé na rua e olhar para o rosto confuso,

exausto, e pálido do novo tenente. Ele se lembrou de pensar, *ele não vai conseguir fazer isso. O que quer que precise ser feito para parar isso antes que as coisas piores, ele não vai conseguir fazer*. Mas então Dieffenbaker se controlou e acenou com a cabeça para Slocum. Slocum não hesitou por um

momento. Slocum, lá de pé ao lado de uma cadeira de cozinha virada com

pernas de cromo e um assento vermelho, havia aprontado seu ri le,

mirado, e explodido a cabeça de Ralph Clemson. Pagano, que estava

boquiaberto perto de Malenfant, di icilmente parecia ter percebido que

havia sido coberto de sangue e miolos dos pés a cabeça. Clemson caiu

morto na rua e aquilo parou a festa. Fim de jogo, querida.

***

Atualmente Dieffenbaker tinha uma barriga considerável, e usava bifocais.

Também ele havia perdido a maior parte do cabelo. Sully estava espantado

com isto, porque Deef havia tido sua cabeça cheia pelo menos cinco anos atrás, na reunião da unidade no litoral de Jersey. Aquela era a última vez,

Sully havia prometido a si mesmo, que ele se reuniria com estes caras. Elas

não melhoraram. Elas não amadureceram. Cada uma delas, parecia uma

reunião do elenco chapado de Seinfeld.

– Quer sair, e fumar um cigarro? – o novo tenente perguntou. – Ou você parou quando todos os outros pararam?

– Parei quando todos pararam, a irmativo. – eles estavam um pouco à

esquerda do caixão nessa hora, para que o resto das pessoas de luto

pudesse dar uma olhada e passar por eles. Sendo tocada em notas baixas,

a música rolava fácil em suas vozes, a irritante trilha sonora da salvação. A canção que era tocada agora é “Velha Rude Cruz”, Sully acreditava.

– Eu acho que Pags teria preferido. . – ele começou.

– “Going Up the Country” ou “Let’s Work Together”. – Dieffenbaker terminou, sorrindo.

Sully sorriu de volta. Esse era um daqueles momentos inesperados, como um breve raio de sol em um longo dia de chuva, quando está tudo bem em se lembrar de alguma coisa (um daqueles momentos quando você ica, incrivelmente, feliz por ter estado lá).

– Ou talvez “Boom Boom”, aquela dos The Animals. – ele disse.

– Lembra-se de Sly Slocum dizendo que iria en iar a gaita de Pags em sua bunda se ele não parasse de tocar?

Sully assentiu, ainda sorrindo.

– Disse que se en iasse fundo o su iciente, Pags poderia tocar “Vale do Rio Vermelha” enquanto peidasse. – ele olhou afetuosamente de volta para o caixão, como se esperasse que Pagano também estivesse sorrindo com a lembrança. Pagano não estava. Pagano estava apenas deitado ali com maquiagem na cara. Pagano havia passado por cima. – Vamos fazer assim, eu vou lá para fora assistir *você* fumar.

– Feito. – Dieffenbaler, que uma vez havia dado a ordem para um de seus soldados matar outro de seus soldados, começou a subir a ileira lateral da capela, sua cabeça careca re letindo as cores misturadas enquanto ele passava por cada janela de vidro colorido. Mancando atrás dele (ele estivera mancando por metade de sua vida agora e nunca mais percebeu) vinha John Sullivan, negociante da Gold Star Chevrolet.

O tráfego na I-95 agora engatinhava e então parava completamente, exceto pelas ocasionais contrações em uma das pistas. No rádio *Question Mark and The Mysterians* haviam dado seu lugar para *Sly and the Family Stone* ("Dance to the Music"). O escroto do Slocum estaria batucando no carro

com certeza, batucando o mais alto que poderia.

Sully colocou seu carro em modo estacionado e batucou em sincronia no

volante.

Enquanto a música terminava, ele olhou para sua direita, e lá estava a

velha *mamasan* no banco, não batucando, apenas sentada lá, com suas mãos em seus colo e seus tênis enlouquecedores e brilhantes, aqueles

sapatos de Chuck Taylor, plantados no descartável tapete de plástico, com

um SULLIVAN CHEVROLET APRECIA SEU NEGÓCIO impresso nele.

– Olá, sua vadia velha. – Sully disse, feliz ao invés de perturbado. Quando havia sido a última vez que ela havia mostrado a cara? A festa de Ano Novo

no The Tacklins, talvez, a última vez em que Sully havia em embebedado de

verdade. – Por que não apareceu no funeral de Pags? O novo tenente

perguntou por você.

Ela não respondeu, mas ei, quando ela já havia? Ela apenas ficou sentada lá

com as mãos fechadas e os olhos negros nele, uma visão de Dia das Bruxas

em verde, laranja e vermelho. A velha *mamasan* não era como os

fantasmas de um ilme de Hollywood; você não conseguia ver através dela,

ela nunca mudava de forma, nunca desaparecia.

Ela usava um pedaço de tecido amarrado ao redor de seu pulso como um

bracelete de amizade de uma criança na escola. E embora você pudesse

ver cada volta do tecido, e cada ruga de seu rosto antigo, você não podia sentir o cheiro dela, e uma vez, quando Sully tentou tocá-la, ela

desapareceu. Ela era um fantasma, e sua cabeça era a mansão mal-

assombrada em que ela vivia. Apenas atualmente (normalmente indolor e

sem avisar), sua cabeça a vomitaria onde ele tivesse que vê-la.

Ela não havia mudado. Ela nunca perdeu cabelo, ou teve cálculos biliares, ou precisou de bifocais. Ela não morreu como Clemson, Pags, Packer e os caras nos helicópteros acidentados (mesmo os dois que eles haviam levado

até a clareira cobertos de fuligem como bonecos de neve haviam morrido,

eles estavam queimados demais para viver, e todo o esforço havia sido em

vão). Ela não desapareceu como Carol izera, tampouco. Não, a velha mamasan continuava a aparecer para uma visita ocasional, e ela não

mudara nada desde os dias em que "Instant Karma" estava no top dez das

melhores músicas. Ela havia morrido uma vez, isso é verdade, teve que cair

lá na lama, enquanto Malenfant en iava sua baioneta em sua barriga e

então anunciava sua intenção de arrancar sua cabeça, desde então ela

esteve vagando.

– Por onde andou, querida? – se qualquer pessoa em outro carro olhasse

(seu Caprice estava cercado pelos quatro lados agora, encaixotado) e visse

seus lábios se mexendo, imaginariam que ele estava cantando com o rádio.

Mesmo se pensassem outra coisa, quem ligaria? Quem ligaria para

qualquer coisa que esses babacas pensassem?

Ele havia visto coisas, coisas *terríveis*, não a pior delas sendo seus próprios intestinos caindo em uma mata sangrenta de seus próprios pêlos púbicos,

e se algumas vezes ele via este velho fantasma (e falava com ela), quem ligava? Isso era da conta de alguém?

Sully olhou a estrada, tentando espiar o que havia feito o tráfego icar tão lento (ele não conseguia, você nunca consegue, você apenas tem que

esperar e se arrastar um pouco para frente enquanto o cara a sua frente se arrasta), e então olhou para trás. Às vezes quando ele fazia isso, ela ia embora. Não desta vez; desta vez ela havia apenas trocado de roupas. Os tênis vermelhos ainda eram os mesmo agora, mas ela vestia um uniforme

de enfermeira: calças brancas de náilon, blusa branca (com um pequeno

relógio de ouro espetado nele, que belo toque), chapéu branco com uma

alça negra.

Suas mãos ainda estavam repousadas em seu colo, ela ainda olhava para ele.

– Onde esteve, Mama. Eu senti saudades. Eu sei que é estranho, mas é verdade.

Mama, você esteve em meus pensamentos. Você deveria ter visto o novo tenente. Sério, foi incrível. Ele entrou na fase de cabeça de pica. Totalmente careca em cima, e *brilhante*.

A velha *mamasan* nada disse. Sully não ficou surpreso.

***

Havia uma viela ao lado do salão de funeral, com um branco pintado de verde colocado contra um lado. Dos dois lados do banco havia baldes de areia. Dieffenbaler sentou-se ao lado de um dos baldes, colocou um cigarro na boca (era um Dunhill, Sully observou, bem impressionante), então ofecereu o maço a Sully.

– Não, eu realmente parei.

– Excelente. – Dieffenbaker acendeu o seu com um isqueiro da Zippo, e Sully percebeu uma coisa estranha: ele nunca havia visto alguém que estivera no Vietnã acender seus cigarros com fósforos ou aqueles isqueiros descartáveis de butano; os veteranos do Vietnã sempre pareciam carregar isqueiros da Zippo. É claro que isso não poderia ser verdade. Poderia?

– Você ainda manca pra caramba. – Dieffenbaker disse.

– É.

– No somatório de tudo, eu chamaria isso de melhoramento. Da última vez que eu te vi, você parecia um aleijado. Especialmente depois de ter tomado umas bebidas.

– Você ainda vai às reuniões? Eles ainda *fazem* os piqueniques e essas merdas?

– Eu acho que ainda fazem, mas não apareço por lá há três anos. Fiquei deprimido demais.

– É. Aqueles que não têm câncer estão loucos com a bebida. Aqueles que conseguiram parar o alcoolismo viraram adeptos do Prozac.

– Você percebeu.

– Pode apostar nisso.

– Acho que não estou surpreso. Você nunca foi o cara mais esperto do

mundo, Sully-John, mas você sempre foi um ilho da puta perceptivo.

Mesmo naquela época.

De qualquer forma, você acertou em cheio; bebidas, câncer, e depressão, esses são os problemas principais ao que parece. Oh, e os dentes. Eu nunca

conheci um veterano do Vietnã que não tivesse problemas sérios com os

dentes. . se ele ainda tivesse algum sobrado, é claro. E quanto a você, Sully?

Como vão seus velhos dentes da frente?

Sully, que perdera seis desde o Vietnã (mais quase incontáveis canais

apodrecidos), balançou a mão em um gesto “mais ou menos”.

– E o outro problema? – Dieffenbaker perguntou. – Como vai?

– Depende. – Sully disse.

– De quê?

– De que descrevi como um problema. Nós estivemos em três daqueles

fodidos piqueniques de reunião juntos. .

– Quatro. Houve também ao menos um que eu fui e você não foi. No ano seguinte àquele na costa de Jersey? Foi aquele em que Andy Hackermeyer

disse que se mataria pulando do topo da Estátua da Liberdade?

– E ele fez isso?

Dieffenbaker traçou demoradamente seu cigarro e deu a Sully o que ainda

era um olhar de Tenente. Mesmo depois de todos esses anos ele podia

fazer isso. Era meio que incrível.

– Se ele tivesse feito, você teria lido no *Post*. Você não lê o *Post*?

– Religiosamente.

Dieffenbaker assentiu.

– Os veteranos do Vietnã sempre têm problemas com os dentes e eles

sempre lêem o *Post*. Se eles estiverem na área de publicação dele, é claro.

O que supõe que eles fazem se não estiverem?

– Escutam Paul Harvey. – Sully disse prontamente, e Dieffenbaker riu.

Sully estava se lembrando de Hack, que também estivera lá no dia dos

helicópteros, da Vila, e da emboscada. Um garoto loiro com uma risada contagiosa.

Tinha uma foto de sua namorada laminada para não apodrecer com a

umidade, e a usava pendurada ao redor de seu pescoço em uma pequena

corrente de prata. Hackermeyer estivera bem ao lado de Sully quando eles

chegaram a Vila e o tiroteio começou. Ambos viram a velha *mamasan* vir correndo com as mãos pra cima, berrando em uma língua estranha para

nós, berrando para Malenfant, Clemson, Peasley, Mims e os outros que

estavam atirando no local. Mims havia acertado um garotinho, talvez por

acidente. O

menino estava na lama do lado de fora de uma daquelas cabanas

deploráveis, gritando.

A velha *mamasan* decidiu que Malenfant estava no comando, e por que não? Malenfant era o único berrando, e então ela correu para ele, ainda balançando as mãos no ar. Sully poderia ter dito a ela que isso seria um grande erro, que o velho Sr. Tubarão das Cartas já tivera uma longa

manhã, todos tiveram, mas Sully nunca abriu a boca. Ele e Hack icaram lá

assistindo enquanto Malenfant levantava o rabo de seu ri le e o acertava na cara dela, fazendo com que ela caísse e parasse de berrar. Willie

Shearman estivera mais ou menos há vinte metros de distância. Willie

Shearman de sua velha cidade natal, um dos garotos Católicos dos quais

ele e Bobby tinham medo, e era impossível ler o rosto de Willie. Willie Beisebol, alguns dos homens o chamavam, e sempre afetuosamente.

Sully não tinha a menor idéia do porquê.

– Então, e quanto ao seu problema, Sully-John?

Sully voltou da Vila em Dong Ha para a viela ao lado do salão do funeral em

Nova York. . mas lentamente. Algumas memórias são como a **armadilha na**

velha história sobre a Raposa e o Coelho (**N.T. – Refere-se à história contada no ilme "A Canção do Sul", de Walt Disney, onde o Tio Remo**

conta uma história da Raposa e do Urso, e suas armadilhas

grudentas para pegar o Coelho.)**,** você fica preso a elas.

– Eu acho que depende. Que tipo de problema eu disse que tinha?

– Você disse que suas bolas explodiram quando nos pegaram fora da Vila.

Você disse que era Deus te punindo por não parar Malenfant antes que ele

enlouquecesse de vez e matasse aquela velha senhora.

Enlouquecer não era uma justi icativa, Malenfant com suas pernas

plantadas em ambos os lados da velha senhora, descendo a baioneta e

ainda assim mexendo a boca o tempo todo. Quando o sangue começou a

sair, fez sua camisa laranja parecer de hippie, graças à mistura de cores.

– Eu exagerei um pouco. – Sully disse. – Como bêbados normalmente

fazem.

Parte do velho saco escrotal ainda está lá, e às vezes o meu amigo ainda levanta.

Especialmente por causa do Viagra. Deus abençoe essa merda.

– Você parou de beber que nem com os cigarros?

– Eu bebo uma cerveja ocasionalmente. – Sully disse.

– Prozac?

– Ainda não.

– Divorciado?

Sully assentiu.

– E você?

– Duas vezes. Estou pensando em mergulhar novamente. Mary Theresa

Charlton, como ela é doce. Da terceira vez você dá sorte, esse é meu lema.

– Sabe de uma coisa, cara? – Sully perguntou. – Nós estamos descobrindo alguns claros legados da experiência no Vietnã. – ele levantou um dedo. –

Veteranos do Vietnã pegam câncer, normalmente nos pulmões ou no

cérebro, mas em outros lugares também.

– Como Pags. Pags foi no pâncreas, não foi?

– Certo.

– Todos esses cânceres por causa do Laranja. – Dieffenbaker disse. –

Ninguém pode provar, mas todos nós sabemos. O Agente Laranja, o

presente que continua a ser oferecido.

Sully levantou um segundo dedo (seu dedo da foda), Ronnie Malenfant sem

dúvida teria dito.

– Veteranos do Vietnã icam deprimidos, icam bêbados nas festas,

ameaçam pular de pontos turísticos nacionais. – agora levantou o terceiro dedo. – Veteranos do Vietnã têm dentes ruins. – e então o dedo mindinho. –

Veteranos do Vietnã se divorciam.

Sully parou neste momento, ouvindo vagamente a música do órgão vindo

da janela parcialmente aberta, olhando para seus quatro dedos levantados,

e então para seu polegar ainda abaixado em sua mão. Veteranos do Vietnã

eram viciados em drogas.

Veteranos eram perigosos em empréstimos, e muito; qualquer bancário te

diria isso (nos anos em que Sully estivera construindo sua concessionária,

um grande número de banqueiro disseram isso para *ele*). Os veteranos estouravam seus cartões de crédito, eram jogados para fora de cassinos,

chorando por causa de canções de George Strait e Paty Loveless, brigavam

uns com os outros no boliche, compravam carrões com crédito e então os

batia, batiam em suas esposas, batiam em seus ilhos, batiam na porra dos

seus *cachorros*, e provavelmente se cortavam na hora de barbear mais freqüentemente do que as pessoas cujo máximo de aproximação do verde

foi *Apocalipse Now*, ou aquele pedaço de merda *O Franco Atirador*.

– E o polegar? – Dieffenbaker disse. – Vamos, Sully, você está me matando

de curiosidade.

Sully olhou para seu polegar recolhido. Olhou para Dieffenbaker, que

agora usava bifocais e ostentava uma barriguinha (o que os veteranos do

Vietnã chamavam de “A casa que a cerveja construiu”) mas que ainda

podia carregar aquele jovem magricela com o temperamento de uma vela

de cera em algum lugar dentro dele. Então ele olhou de volta para seu

polegar e o levantou como um cara tentando pedir uma carona.

– Veteranos do Vietnã sempre carregam isqueiros da Zippo. – ele disse. –

Ao menos até pararem de fumar.

– Ou até pegarem um câncer. – Dieffenbaker disse. – Ao que suas esposas

sem dúvida tomaram de suas mãos paralisadas.

– Exceto aqueles que estão divorciados. – Sully disse, e ambos riram. Havia

sido bom do lado de fora do salão do funeral. Bem, talvez não *bom*, mas melhor do que lá dentro. A música do órgão lá dentro era ruim, o cheiro grudento de flores era pior. O

cheiro das lores fazia Sully pensar em Mekong Delta. “No campo”, as

pessoas diziam agora, mas ele não se lembrava de ter ouvido essa frase

particular naquela época.

– Então você não perdeu suas bolas inteiramente afinal de contas. –

Dieffenbaker disse.

– Não, nunca entrei no campo de **Jake Barnes** (**N.T. – Personagem e narrador do livro “O Sol Também se Levanta” de Ernest Hemingway,**

que perde seu órgão sexual numa explosão de uma trincheira,

durante aPrimeira Guerra Mundial.).

– Quem?

– Não importa. – Sully não era uma amante dos livros, nunca fora (seu

amigo Bobby havia sido o amante), mas a biblioteca do centro de

reabilitação havia lhe dado *O Sol Também Se Levanta*, e Sully o havia lido avidamente, não uma, mas três vezes. Na época parecera muito importante

(como *O Senhor das Moscas* havia sido importante para Bobby quando

eram crianças). Agora Jake Barnes parecia remoto, um homem de lata com

problemas falsos. Apenas mais um faz de conta.

– Não?

– Não. Eu posso ter mulheres se realmente quiser. Não posso ter ilhos,

mas posso ter mulheres. Há preparatórios envolvidos, a maioria parece ser

complicada.

Dieffenbaker nada disse por muito tempo. Ele ficou olhando para as mãos.

Quando olhou para cima, Sully achou que ele iria dizer algo sobre ter que

ir andando, dar um rápido adeus à viúva e então voltar para as guerras (Sully pensou que no caso do novo tenente, os dias de guerra envolvia

vender computadores com alguma coisa mágica dentro deles chamada

Pentium), mas Dieffenbaker não disse isso. Ele apenas fez uma pergunta.

– E quanto a velha senhora? Você ainda a vê, ou ela foi embora?

Sully sentiu pavor, informe, mas vasto, ecoar atrás de sua cabeça.

– Que velha senhora? – ele não conseguia se lembrar de ter dito a

Dieffenbaker, não conseguia se lembrar de ter dito a *qualquer pessoa*, mas

é claro que deveria ter dito.

Merda, ele poderia ter dito qualquer coisa a Dieffenbaker em um desses

piqueniques nas reuniões; eles não eram nada a não ser buracos negros

com cheiro de licor em suas memórias, cada um deles.

– A velha *mamasan*. – Dieffenbaker disse, e pegou um novo cigarro. –

Aquela que Malenfant matou. Você disse que costumava vê-la. “Às vezes

ela usa roupas diferentes, mas é sempre ela”, você disse. Você ainda a vê?

– Posso pegar um desses? – Sully perguntou. – Nunca fumei um Dunhill.

***

Na WKND, Donna Summer cantava sobre uma garota realmente má e

safada.

Sully se virou para a velha *mamasan*, que estava de camisa laranja e calças verdes novamente.

– Malenfant nunca foi obviamente louco. Não mais do que qualquer outro,

de qualquer forma. . exceto talvez no quesito Copas. Ele sempre estava

procurando por três caras para jogar Copas com ele, e isso não é

realmente louco, você diria isso? Não mais louco do que Pags com suas

gaitas e muito menos do que aqueles caras que passavam a noite cheirando heroína. E também, Ronnie ajudou a tirar aqueles caras dos

helicópteros. Deveria haver uns dozes congues na moita, talvez duas

dúzias, todos atirando que nem doidos, mas ele nunca hesitou. – nem

Fowler ou Hack, ou Slocum, ou Peasley, ou o próprio Sully. Mesmo depois de Packer cair, eles continuaram. Eram garotos corajosos. E se a coragem deles houvesse sido destruída em uma guerra feita por velhos com

cabeças de porco, isso queria dizer que a coragem era inútil? Tocando

neste assunto, a causa de Carol Gerber era errada porque uma bomba

explodiu na hora errada? Merda, várias bombas explodiam na hora errada

no Vietnã. O que era Ronnie Malenfant, quando você vai direto ao assunto, a não ser uma bomba que havia explodido na hora errada.

A velha *mamasan* continuou a olhar para ele, seu lerte de cabelos brancos sentado ali no banco do passageiro com suas mãos no colo (mãos amarelas fechadas onde o laranja encontrava o verde da calça de poliéster).

– Eles atiraram em nós por quase duas semanas. – Sully disse. – Desde então deixamos o Vale A Shau. Vencemos no Tam Boi e quando você vence, supostamente deve comemorar, ao menos foi isso o que eu sempre pensei, mas o que estávamos fazendo era bater em retirada, não comemorar. Merda, ganhamos por pouco, e com certeza não nos sentimos vencedores por muito tempo. Não havia apoio, estávamos soltos para morrer. Maldita Vietnamização! Que piada!

Ele icou em silêncio por um momento ou dois, olhando para ela enquanto ela olhava calmamente para ele. Além deles, o tráfego pesado brilhou como uma febre.

Algum caminhoneiro impaciente buzinou e Sully pulou como um homem subitamente desperto de uma soneca.

– Foi aí que eu conheci Willie Shearman, sabe. Fugindo do Vale A Shau. Eu sabia que ele parecia familiar e tinha certeza de que já o havia encontrado em algum lugar, mas não conseguia saber onde. As pessoas mudam pra caramba entre os catorze e os vinte quatro anos, sabe. Então em uma tarde, ele e um bando de caras da outra Companhia Bravo estavam sentados e falando merda, sobre garotas, e Willie disse que a primeira vez que havia dado um beijo, havia sido em uma festa da Confraria de Santa Teresa de Ávila, E eu pensei, “Puta merda, essas são as garotas do St.

Gabe”. Eu andei até ele e disse, “seus safados, podem ter sido os reis da Avenida Asher, mas chutávamos seus traseiros todas as vezes em que

desciam ao colégio Harwich pra jogar futebol”. Ei, e que “te peguei” foi aquele! O puto do Willie pulou tão alto que eu achei que ele ia correr como

um homem de biscoito. Era como se ele houvesse visto um fantasma, ou

coisa assim. Então ele riu, mostrou a mão e eu vi que ele estava usando seu

anel de formatura do Harwich! E sabe o que tudo isso prova?

A velha *mamasan* nada disse, ela nunca dizia, mas Sully podia ver em seus

olhos que ela sabia o que tudo isso provava: as pessoas eram engraçadas,

as crianças diziam as coisas mais sinceras, os vencedores nunca desistiam,

e os que desistiam nunca venciam.

E também, Deus abençoe a América.

– De qualquer forma, eles nos caçaram durante toda a semana, e começou

a ficar óbvio que eles estavam nos levando. . apertando pelos lados. . nossas

baixas continuavam a subir e você não podia dormir por conta dos fogos e

dos helicópteros e os gritos que eles davam à noite. E eles viriam até você,

sabe. . vinte deles, três dúzias deles. . vinham e iam, vinham e iam, desse jeito. . e eles faziam uma coisa. .

Sully lambeu os lábios, percebendo que sua boca estava seca. Agora ele

deseja não ter ido ao funeral de Pags. Pags havia sido um cara legal, mas não o bastante para justificar o retorno de tais memórias.

– Eles montavam quatro ou cinco morteiros na moita. . em um dos nossos

lancos, sabe. . e ao lado de cada morteiro eles alinhavam oito ou nove

caras, cada um com uma granada. Os homenzinhos de pijamas negros,

todos alinhados como crianças como em uma fonte de água em um livro de

gramática. E quando a ordem vinha, cada um deles colocava sua granada

no tubo do morteiro, e então corriam o mais que podiam.

Correr desse modo, eles alertariam o inimigo, nós, ao mesmo tempo em

que as granadas eram lançadas. Isso sempre me fez pensar em algo que o

cara que vivia no andar de cima do apartamento de Bobby Gar ield nos

disse, enquanto brincávamos no jardim de Bobby. Era sobre um jogador de

beisebol que os Dodgers costumavam ter. Ted disse que esse cara era tão

fodidamente rápido que ele poderia acertar uma tacada na prata da casa,

então correr e pegar a bola ele mesmo. Era meio que. . enervante.

Sim. Do modo como ele estava agora, meio que em pânico, como crianças

que cometem o erro de contar histórias de fantasmas no escuro.

– O fogo que eles jogaram naquela clareira onde os helicópteros haviam

caído era apenas mais do mesmo, acredite. – exceto que isso não era

exatamente verdade. Os congues haviam deixado a coisa correr naquela

manhã; subiram o volume até onze então puxaram as maçanetas, como

Mims gostava de dizer. O tiroteio das moitas ao redor dos helicópteros em

chamas havia sido como uma chuva forte ao invés de uma ducha.

Havia cigarros no porta-luvas do Caprice, um velho maço de Winstons que

Sully guardava para emergências, transferindo-os de um carro para o

outro quando quer que ele precisasse trocar de máquina. Aquele cigarro

que ele pegara de Dieffenbaker havia acordado o tigre, e agora ele se

inclinou para a velha *mamasan*, abriu o porta-luvas, tateou entre os papéis, e achou o maço. O cigarro tinha um gosto quente de mofado, mas tudo bem.

Era meio isso que ele queria.

– Duas semanas de tiroteios e pressão. – ele disse a ela, pegando o

isqueiro. – Batidos e queimados, e não olhem para a porra do Exército da República do Vietnã, querida, porque eles sempre parecem ter coisas

melhores para se fazer. Putas, churrasco, e torneios de boliche, Malenfant

costumava dizer. Continuávamos a ter baixas, a cobertura de ar nunca

estava onde deveria estar, ninguém dormia, e parecia que quando os

outros caras da A Shau icavam mais próximos de nós as coisas pioravam.

Eu me lembro que um dos caras de Willie, Havers ou Haber, algo assim,

levou uma bala bem na cabeça. Levou bem na maldita cabeça e então icou

lá deitado no caminho com os olhos abertos, tentando falar. O sangue saia

do buraco. . – Sully bateu o dedo contra seu crânio um pouco acima da

orelha. – . .e não conseguíamos acreditar que ele ainda estava vivo,

tentando falar. Então as coisas com os helicópteros. . *aquilo* foi algo saído de um ilme, toda a fumaça e as balas, bam-bam-bam-bam. Foi aquilo que nos

levou, sabe, pra sua Vila. Chegamos lá, e cara. . havia uma cadeira na rua, como uma cadeira de cozinha, com o assento vermelho e as pernas

apontando para o céu. Parecia um *monte de merda*, me desculpe, mas parecia, se não vale a pena, deixe morrer. Seus rapazes, o VER, *eles* não queriam morrer por lugares como aquele, por que nós iríamos? O lugar

fedia, fedia como merda, mas todos eles tinham esse cheiro. Assim parecia.

Eu não me importava muito com o cheiro, de qualquer forma. Acho que a

coisa que mais me chamou a atenção foi a cadeira. Aquela cadeira disse

tudo.

Sully sacou o isqueiro, começou a puxar o gatilho para acender o cigarro, e

então se lembrou que estava num carro de demonstração. Ele poderia

fumar lá, inferno, era de sua própria loja, mas se algum cliente cheirasse a

fumaça e concluísse que o chefe estava fazendo o que era uma ofensa de fogo para qualquer um, isso não seria bom. Você tinha que andar na

calçada, assim como tinha falar o que tinha que falar. . ao menos se você quisesse ter um pouco de respeito.

– *Excusex-moi*. – ele disse a velha *mamasan*. Ele saiu do carro, que ainda estava ligado, acendeu seu cigarro, então se inclinou na janela para

devolver o isqueiro ao seu lugar no painel. O dia estava quente, e o mar de

carros nas quatro pistas o fez parecer ainda mais quente. Sully podia

sentir a impaciência ao seu redor, mas o seu era o único rádio que ele conseguia ouvir, todo mundo estava sob o vidro, dentro de seus casulos de

ar-condicionado, ouvindo centenas de diferentes tipos de música, de Liz

Phair até William Ackerman. Ele imaginou que qualquer um dos veteranos

pegos no engarrafamento que não tinha *Allman Brothers* em CD, ou *Big Brother and the Holding Company* em ita provavelmente estariam ouvindo a WKND, onde o passado nunca havia morrido, e o futuro nunca havia

chegado. Tu-tu, bipe-bipe.

Sully subiu no capô de seu carro, e icou na ponta dos dedos, protegendo os olhos contra o brilho do sol no cromo, e procurando pelo problema. Ele,

é claro, não conseguia vê-lo.

Putas, churrasco, e torneios de boliche, ele pensou, e o pensamento veio com a voz ina e irritante de Malenfant. Aquela voz de um pesadelo sob o azul e

fora do verde.

Vamos, rapazes, quem tem O Otário? Estou com menos de noventa e

acordado, o tempo é curto, vamos botar esse maldito show na maldita estrada!

Ele deu uma forte tragada no Winston, então tossiu com a fumaça mofada e

quente. Pontos negros começaram a subitamente dançar no brilho da

tarde, e ele olhou para o cigarro entre seus dedos com uma expressão de quase horror cômico. O que ele estava fazendo, começando novamente com

essa merda? Ele estava louco? Bem, sim, *é claro* que ele estava louco, qualquer um que visse velhas senhoras mortas sentadas ao seu lado em

seus carros *tinha* que estar louco, mas isso não signi icava que ele tinha que começar com essa merda de novo. Cigarros eram o Agente Laranja

que você pagava.

Sully jogou o Winston fora. Pareceu a decisão certa, mas isso não diminuiu

a batida acelerada em seu coração, ou sua sensação (que ele tão bem se lembrava de suas patrulhas), que o interior de sua boca estava seco e

grudado, contraindo-se e enrugando como pele queimada. Algumas

pessoas tinham medo de multidões (agorafobia, era o nome, medo de

lugares cheios de gente), mas as únicas vezes em que Sully tinha aquela sensação de *coisas demais*, e *de gente demais*, era em vezes como essa. Ele icava bem em elevadores e saguões cheios no intervalo, e em plataformas

de trem lotadas, mas quando o tráfego parava ao seu redor, ele

enlouquecia. A inal, não havia nenhum lugar para se correr, querida,

nenhum lugar para se esconder.

Algumas outras pessoas estavam saindo de seus casulos de ar-

condicionado.

Uma mulher em um severo terno marrom ao lado de uma severa BMW

marrom, um bracelete dourado e brincos de prata resumindo a luz do

Verão, estava batendo o pé em seu cordovan de salto alto, com impaciência.

Ela percebeu que Sully a via, e girou os olhos pra cima como se para dizer

isso não é típico, e então olhou para seu relógio de pulso (também de ouro, também reluzente). Um homem montado em sua Yamaha verde desligou o

motor, apoiou a moto, removeu o capacete, e o colocou no pavimento sujo de óleo ao lado do pedal. Ele estava vestindo shorts pretos de motoqueiro,

e uma camisa sem manca em que estava escrito em sua frente

PROPRIEDADE DOS KNICKS DE NOVA YORK. Sully imaginou que o

cavalheiro iria perder aproximadamente setenta por cento da pele se ele

batesse a moto a uma velocidade superior a dez quilômetros por hora

enquanto usasse esse tipo de roupa.

– Putz grilla, cara. – o motoqueiro disse. – Deve ter sido um acidente.

Espero que não seja nada radioativo. – e riu para mostrar que estava brincando.

Mais acima na pista da esquerda (que seria a pista mais rápida quando o tráfego estivesse se movendo normalmente), uma mulher de tênis brancos

estava parado ao lado de uma Toyota com um adesivo SEM BOMBAS

grudado à esquerda da placa de licença, e uma que dizia HOUSECAT: A

OUTRA CARNE BRANCA à direita. Sua saia era muito pequena, sua coxas

eram longas e morenas, e quando ela empurrou os óculos escuros para

cima, os prendendo em seus cabelos loiros, Sully pôde ver seus olhos. Eles

eram grandes e azuis, e de algum modo estavam alarmados. Era um olhar

que fazia você querer beliscar sua bochecha (ou talvez dar a ela um

abraço fraternal de um braço só), e dizer a ela que não se preocupe, tudo

vai icar bem. Era um olhar que Sully se lembrava bem. Era aquele que o virou pelo avesso. Era Carol Gerber ali, Carol Gerber em tênis, e vestida com roupas de tênis. Ele não a havia visto desde uma noite no im de 1966,

quando ele havia ido a sua casa, onde sentaram no sofá (com a mãe de

Carol, que fedia fortemente a vinho), assistindo TV. Eles acabaram

discutindo sobre a guerra, e ele havia ido embora. Eu vou voltar a vê-la quando eu tiver certeza de que estou frio, ele se lembrou de ter pensado enquanto dirigia seu velho Chevrolet (mesmo naquela época ele havia sido

um homem de Chevrolets). Mas ele nunca mais a vira. No im de 66 ela já

havia colocado seu rabo naquela merda anti-guerra (que ela aprendeu

durante seu semestre no Maine, com certeza), e apenas pensar nela era o

bastante para fazê-lo icar furioso. A idiota cabeça de vento era o que era,

ela iria engolir todas as iscas da propaganda anti-guerra comunista, linhas

e varas. Então, é claro, ela havia se juntado àquele grupo louco, aquele EMP, e havia descambado completamente.

– Carol! – ele chamou, começando a ir a sua direção. Ele passou pelo

motoqueiro da moto verde, cortou caminho entre o motor de uma besta e

um sedan, temporariamente perdeu-a de vista enquanto se apressava ao

lado de um caminhão de dezesseis rodas, então a viu de novo. – Carol! Ei, Carol! – ainda assim quando ela se virou para ele, ele imaginou o que havia

de errado com ele, o que o havia possuído. Se Carol ainda estivesse viva, ela teria mais ou menos cinqüenta anos, que nem ele. Essa mulher parecia

ter talvez trinta e cinco.

Sully parou, ainda alguns metros longe. Carros e caminhões rosnavam em

toda parte. E um estranho som de relincho habitava no ar, que no começo ele achou que era o vento, embora o ar da tarde estivesse quente e

perfeitamente parado.

– Carol? Carol Gerber?

O barulho icou mais alto, um som de alguém batendo a língua contra o céu

de boca, como o som de um helicóptero à distância. Sully olhou para cima e

viu um abajur caindo do céu azul, diretamente na sua direção. Ele recuou em um instintivo re lexo assustado, mas ele havia passado sua carreia

colegial inteira fazendo esportes atléticos de um tipo ou de outro, e mesmo

enquanto ele recuava sua cabeça, ele estendia os braços. Ele pegou o

abajur bem habilmente. Desenhado nele estava um bote agitado descendo

um rio contra um lúgubre pôr-do-sol vermelho. ESTAMOS INDO BEM

NO MISSISSIPPI estava escrito acima do bote em letras antigas. Abaixo

dele, na mesma caligrafia: COMO ESTÁ A CACHOEIRA?

De onde caralho veio isso? Sully pensou, e então a mulher parecia uma

versão adulta de Carol Gerber gritou. Suas mãos abaixaram como se para

ajustar seus óculos escuros presos em seu cabelo, e então abraçou a si

mesmo, tremendo como as mãos de um maestro em uma sinfonia maluca.

Era como a velha *mamasan* havia parecido enquanto vinha correndo de sua barraca de merda até a rua de merda daquela pequena vila de merda

da Província de Dong Ha. Sangue desceu pelos ombros do vestido branco

da tenista, primeiro em borrifos e então jorrando. O sangue correu em

seus braços bronzeados e pingou de seus cotovelos.

– Carol? – Sully perguntou estupidamente. Ele estava entre a picape Dodge

Ram e um Mack Semi, vestido em um terno azul marinho, aquele que ele

vestia em funerais, segurando um abajur, uma lembrancinha do Rio

Mississippi (como está a cachoeira) e olhando para a mulher que agora

tinha algo saindo de sua cabeça. Enquanto ela deu um passo para frente, seus olhos azuis ainda bem abertos, mãos trêmulas no ar, Sully percebeu

que era um telefone sem io. Ele poderia dizer isso pela ponta da antena, que balançava a cada passo que ela dava. Um telefone sem io havia caído

do céu, caído só Deus sabe de quantos metros, e agora estava na cabeça dela.

Ela deu outro passo, e se jogou no capô de um Buick verde escuro, e

começou a deslizar lentamente atrás dele enquanto seus joelhos enfraqueciam. Era como ver um submarino afundar, Sully pensou, só que

ao invés do periscópio, tudo o que estaria aparecendo em cima dela depois

que ela estivesse fora de vista era a ponta de uma antena de um telefone sem fio.

– Carol? – ele sussurrou, mas não poderia ser ela; ninguém que ele havia conhecido na infância; ninguém com quem ele tinha dormido, estava

destinado a morrer por ferimentos causados por um telefone voador, com

certeza.

As pessoas começaram a gritar, chorar, e berrar. A maioria dos gritos

pareciam perguntas. Buzinas eram tocadas. Motores religados, como se de

repente houvesse algum lugar para se ir. Ao lado de Sully, o motorista do Mack de dezesseis rodas, começava a religar sua máquina em grandes e

ritmados roncos. Um alarme de carro foi acionado. Alguém berrou ou por

dor, ou por surpresa.

Uma única mão trêmula se agarrou ao capô do Buick verde escuro. Havia

um bracelete de tenista no pulso. Lentamente a mão e o bracelete

deslizaram para longe de Sully. Os dedos da mulher que parecia Carol se irmaram na ponta do capô por um momento, então desapareceram. Algo

mais caiu, assoviando, do céu.

– Pro chão! – Sully gritou. – Ah, porra, pro chão!

O assovio diminuiu para um som estridente, de ensurdecer, então parou

enquanto o objeto em queda atingiu o capô do Buick, o amassando como

um punho, e fazendo-o pular do pára-brisas. A coisa espetada no

compartimento do motor do Buick parecia ser um microondas.

Por todos os seus lados vieram sons de objetos caindo. Era como ser pego

em um terremoto que de algum modo estava acontecendo acima da terra,

ao invés de nela.

Uma inofensiva chuva de revistas passou por ele (*Seventeen*, *GQ*, *Rolling Stone*, *Stereo Review*). Com suas páginas abertas lutuando, elas pareciam pássaros abatidos. À sua direita uma cadeira de escritório caiu do céu,

girando em sua base quando veio. Atingiu o teto de um Ford Station

Wagon. O pára-brisa do Wagon explodiu em pedaços leitosos. A cadeira

ricocheteou no ar se inclinando, e então repousou no capô do Station Wagon. Além disto, uma TV portátil, uma cesta de roupas de plástico, o que

pareciam algumas câmeras com alças enroladas, uma prata da casa de

borracha caiu na pista lenta para a pista separada. A prata da casa foi seguida pelo que pareceu um bastão de beisebol Louisville Slugger. Uma

pipoqueira se despedaçou em cacos quando atingiu a estrada.

O cara com a camisa dos Knicks, aquele da moto verde, já tinha visto o bastante.

Ele começou a correr pelo estreito corredor entre o tráfego parado na

terceira pista, e o tráfego parado na pista rápida, girando como um

esquiador evitando os vidros laterais salientes, com uma mão na cabeça

como um homem cruzando uma rua durante uma chuva de Primavera.

Sully ainda estava segurando o abajur, embora o cara tivesse se saído

melhor se tivesse pegado seu capacete e o recolocado, mas é claro que

quando as coisas começam a cair ao seu redor, você ica esquecido e a

primeira coisa que você está apto a esquecer é onde jazem seus melhores

interesses.

Algo mais estava caindo agora, se aproximando, e era grande. . maior do

que o microondas que havia estraçalhado o capô do Buick, certamente.

Desta vez o som não era um assovio, como uma bomba ou munição de

morteiro, mas o som de um avião caindo, ou um helicóptero, ou mesmo

uma casa. No Vietnã, Sully estivera por perto quando todas essas coisas

caíram do céu (a causa icara em pedaços, com certeza), e ainda assim esse

som era diferente de um modo crucial: também era musical, como a mais

pesada melodia do mundo.

Era um grande piano, branco com a cinzelagem dourada, o tipo de piano

que você espera ser tocado por uma mulher em vestido preto, tocando

“Night and Day”, no barulho do tráfego, no silêncio de meu quarto solitário,

tu-tu, bipe-bipe. Um grande piano branco caindo do céu de Connecticut,

girando e girando, fazendo uma sombra como uma alga-viva nos carros

amassados, projetando uma música no ar com seus cabos enquanto o ar é

expelido através de sua arca roliça, suas teclas se agitando como as teclas

de um piano automático, o sol obscuro tremeluzindo nos pedais.

Ele caiu em ciclos preguiçosos, e o som pesado de sua queda era como o

som de algo vibrando interminavelmente em um túnel de lata. Caiu na direção de Sully, sua sombra nervosa agora começando a centralizar e

diminuir, sua face virada para seu alvo pretendido.

– CUBRAM-SE! – Sully gritou, e começou a correr. – CUBRAM-SE!

O piano se estatelou na rodovia, o banco branco caindo logo depois, e atrás

do banco venho uma cauda de cometa musical, discos 45-rpm com gordos

buracos no meio, pequenos aparelhos, e um casaco amarelo lutuante que

parecia um espanador, um pneu da Goodyear, um grill de churrasco, um

cata-vento, um armário de arquivo, e uma caneca de chá com as palavras A

MELHOR VÓ DO MUNDO impressas na lateral.

– Posso pegar um desses? – Sully havia perguntado a Dieffenbaker do lado

de fora do salão do funeral onde Pags estava deitado em sua caixa

adernada de seda. – Eu nunca fumei um Dunhill.

– Como quiser. – Dieffenbaker soara espantado, como se nunca houvesse

estado assustado em sua vida.

Sully ainda conseguia se lembrar de Dieffenbaker parado na rua ao lado

daquela cadeira de cozinha virada: o quão pálido ele estivera, como seus lábios tremiam, como suas roupas ainda cheiravam a fumaça, e pingava

combustível de helicóptero.

Dieffenbaker olhando de Malenfant e a velha senhora para os outros que

começavam a tacar fogo nas cabanas, e para a criança berrante que Mims

acertara com um tiro; ele podia se lembrar de Deef olhando para o

Tenente Shearman, mas não havia ajuda ali.

Nem ajuda do próprio Sully. Ele também se lembrava de Slocum olhando

para Deef, Deef, o tenente agora que Packer estava morto. E inalmente

Deef havia olhado de volta para Slocum. Sly Slocum não era o icial, nem mesmo um daqueles generais de boca frouxa que estavam sempre

palpitando em tudo, e nunca seria. Slocum era apenas um soldado de

classe E3 ou E4 que pensava que um grupo que soava como Rare Earth

tinha que ser negro. Apenas um falastrão, em outras palavras, mas um

preparado para fazer o que os outros não podiam. Nunca perdendo a vista

dos olhos perturbados do novo tenente, Slocum havia virado a cabeça para

o outro lado só um pouco, na direção de Malenfant, Clemson, Peasley, Mims

e os outros, auto-intitulados justiceiros cujos nomes Sully não mais se lembrava. Então Slocum estava de volta ao contato total com Dieffenbaker

novamente. Havia seis ou oito homens ao todo que haviam enlouquecido,

trotando pela rua lamacenta, passando pela criança ensangüentada que

berrava, e para dentro daquela Vila desesperada, gritando enquanto iam;

torcida de futebol, cadências de um treinamento básico, o refrão de “Hang

On Sloopy”, merdas assim, e Slocum estava falando com seus olhos, *Ei, o que você quer? Você é o chefe agora, o que você quer?*

E Dieffenbaker assentira.

Sully imaginou se ele poderia ter assentido. Ele achou que não. Ele achou que se dependesse dele, Clemson, Malenfant e todos aqueles outros idiotas

teriam matado até icarem sem munição (não era quase o que aqueles

homens sob o comando de Galley e Medina haviam feito?). Mas

Dieffenbaker não era William Galley, pode apostar.

Dieffenbaker havia sinalizado com a cabeça. Slocum sinalizou de volta,

ergueu seu rifle e estourou a cabeça de Ralph Clemson.

Na época Sully pensara que Clemson levara a bala porque Slocum conhecia

Malenfant muito bem, Slocum e Malenfant haviam fumado mais do que

algumas ervas da boa juntos, e Slocum também estiveram passando o

tempo caçando a Puta com os outros jogadores de Copas. Mas enquanto ele

estava sentado aqui rolando o cigarro Dunhill de Dieffenbaker entre os

dedos, ocorreu a Sully que Slocum não dava a mínima para Malenfant e

suas ervas; e tampouco para o jogo de cartas favorito de Malenfant.

Não havia carência de ervas ou jogos de cartas no Vietnã. Slocum escolheu

Clemson porque atirar em Malenfant não teria funcionado. Malenfant,

berrado todas as suas merdas sobre colocar cabeças em varas para

mostrar ao congues o que acontecia a quem fodesse com o Relâmpago

Delta, estava longe demais para atrair a atenção dos homens correndo, e

atirando pela rua de lama. Além disso, a velha *mamasan* já estava morta, então, mas que porra, deixe-o continuar a espetá-la.

Agora Deef era Dieffenbaker, um velho vendedor de computadores que

ofereceu a Sully luz de seu Zippo, então assistiu Sully dar uma tragada e tossir.

– Faz um tempo, não? – Dieffenbaker perguntou.

– Dois anos mais ou menos.

– Quer saber o que é assustador? O quão rápido você volta a se acostumar.

– Eu te falei sobre a velha senhora, hein?

– Sim.

– Quando?

– Acho que foi na última reunião em que você foi. . aquela na costa de Jersey, aquela quando Durgin rasgou a camisa da garçonete. Aquele foi

uma cena feia, cara.

–Foi? Eu não me lembro.

– Você já estava intoxicado naquela época.

É claro que já estava, essa parte era sempre igual. Pensando nisso, todas as

partes das reuniões são iguais. Havia um DJ que sempre saia mais cedo

porque alguém queria lhe dar uma sova por tocar os discos errados. Até

que isso acontecesse os alto-falantes cuspiam coisas como “Bad Moon

Rising”, “Light my Fire”, “Gimme Some Lovin”, e “My Girl”, canções de todas

as trilhas sonoras de todos aqueles ilmes sobre o Vietnã feitos nas

Filipinas. A verdade sobre a música era que a maior parte dos grunhidos da qual Sully se lembrava icavam engasgados ao som de The Carpenters

ou “Angel of the Morning”. Aquilo era a verdadeira trilha sonora da moita,

sempre tocando enquanto os homens comiam suas comidas gordurosas e

viam as fotos de suas namoradas, icando de pau duro, e então chorando

com “One Tin Soldier”, popularmente conhecido no verde como “O Tema do

Fodido Billy Jack”. Sully não conseguia se lembrar de ter ouvido The Doors

uma vez no Vietnã; era sempre The Strawberry Alarm Clock cantando

“Incense and Peppermints”. Em algum nível ele soube que a guerra estava

perdida quando ouviu aquele pedaço de merda do caralho pela primeira

vez no jukebox do comissário.

As reuniões começaram com música e cheiro de churrasco (um cheiro que

sempre lembrava vagamente a Sully o combustível queimado de

helicóptero) e com garrafas de cerveja em baldes de gelo, e quanto a essa parte, tudo bem, essa parte era legal de verdade, mas então já era a manhã

seguinte e a luz queimava seus olhos, e sua cabeça parecia ser a morada de um tumor, e seu estômago estava cheio de veneno. E uma dessas

“ressacas”, Sully teve a vaga memória de pedir para o DJ tocar “Oh! Carol”

de Neil Sedaka de novo e de novo, ameaçando matá-lo se ele parasse. Em outra, Sully acordou ao lado da ex-esposa de Frank Peasley. Ela estava

roncando porque seu nariz estava quebrado. Seu travesseiro estava

coberto de sangue, suas bochechas estavam cobertas de sangue também, e

Sully não conseguia se lembrar se ele havia quebrado o nariz dela, ou se havia sido o puto do Peasley. Sully queria que fosse Peasley, mas sabia que

poderia ter sido ele; às vezes, especialmente nestes dias antes do Viagra, quando ele broxava tanto quanto conseguia levantar, ele se enfurecia.

Felizmente, quando a mulher acordou, ela tampouco conseguia se lembrar.

Porém, ela se lembrava de como ele era sem cuecas.

– Como é que você só tem um? – ela perguntou a ele.

– Tenho sorte de tê-lo. – Sully havia respondido. Sua dor de cabeça estivera

maior do que o mundo.

– O que eu disse sobre a velha senhora? – ele perguntou a Dieffenbaker enquanto sentavam fumando na viela ao lado da capela.

Dieffenbaker deu de ombros.

– Só que você costumava vê-la. Você disse algumas vezes que ela mudava

de roupas, mas era sempre ela, a velha *mamasan* que Malenfant matou. Eu

tive que te calar.

– Porra. – Sully disse, e pôs a mão que não segurava o cigarro no cabelo.

– Você também disse estava melhor quando você havia chegado à Costa

Leste. – Dieffenbaker disse. – E olhe, o que há de ruim em ver uma velha senhora de vez em quando? Algumas pessoas vêem discos voadores.

– Não as pessoas que devem a dois bancos quase um milhão de dólares. –

Sully disse. – Se eles soubessem. .

– Se soubessem, e daí? Eu digo. Nada. Enquanto você continuar a fazer seus pagamentos, Sully-John, enquanto continuar a lhes trazer aquela cesta

doce de cajus, ninguém se importa com o que você vê quando apaga a luz. .

ou o que vê quando a acende. Eles não se importam se você se veste com

calcinhas ou se bate em sua mulher, e fode o labrador. Além disso, não acha que há alguns caras naqueles bancos que passaram algum tempo no

verde?

Sully deu mais uma tragada no Dunhill e olhou para Dieffenbaker. A

verdade era que ele nunca *havi* a pensado nisso. Ele negociou empréstimos

com dois deles que tinham a idade certa, mas eles nunca falaram sobre

isso. É claro, tampouco ele falou. *Da próxima vez que eu os vir*, ele pensou, *eu terei que perguntar a eles se eles carregam Zippos. Sabe, ser sutil.*

– E quanto a você, Deef? Você tem uma velha senhora? Não quero dizer

sua namorada, quero dizer uma velha senhora. Uma *mamasan*.

– Ei cara, não me chame de Deef. Ninguém me chama assim agora. Eu

nunca gostei.

– Você tem uma?

– Ronnie Malenfant é minha *mamasan*. – Dieffenbaker disse. – Às vezes eu

o vejo. Não do modo como você vê a sua, como se ela estivesse aqui, mas a

memória é uma coisa real também, não é?

– É.

Dieffenbaker balançou a cabeça lentamente.

– Se a memória fosse tudo. Você sabe? Se a memória fosse tudo.

Sully icou em silêncio. Na capela o órgão tocava algo que não soava como

um hino, mas apenas como música. O recesso, ele achou que eles o

chamariam assim. Um jeito musical de dizer às pessoas de luta para darem

o fora. Volte, Jo-Jo. Mamãe está esperando.

– Há memória e então há o que você na verdade vê em sua mente. Como

quando você lê um livro de um bom autor e ele descreve um quarto e você

vê este quarto. Eu estarei cortando a grama ou sentado em nossa mesa de

conferência ouvindo uma apresentação ou lendo uma história para meu neto antes de colocá-lo na cama, ou talvez até dando uns amassos em Mary

no sofá, e bum, lá está Malenfant, aquela maldita cabeça cheia de acne com

os cabelos rebeldes. Lembra-se de como os cabelos dele costumavam ir

para todos os lados? – perguntou Dieffenbaker.

– Sim.

– Ronnie Malenfant, sempre dizendo caralho, porra, boceta e essas coisas.

Piadas racistas para todas as ocasiões. E aquele boné. Lembra-se dele?

– Claro. O pequeno boné de couro que ele prendia no cinto. Ele mantinha suas cartas lá. Dois baralhos Bikes. “Ei, nós vamos caçar a Puta, rapazes!

Níquel por ponto!

Quem vem?”, e é claro que eles iam.

– É. Você se lembra. *Lembra-se*. Mas eu o *vejo*, Sully, toda a sua fuça branquela.

Eu o escuto, eu posso sentir o cheiro da porra da *erva* que ele fumava. .

mas na maioria das vezes eu o vejo, como ele a nocauteou e ela caiu no chão, ainda mexendo os punhos contra ele, ainda falando. .

– Pare.

– . .e eu não conseguia acreditar que aquilo ia acontecer. No começo achei

que Malenfant tampouco acreditava. Ele apenas cutucou a baioneta nela

algumas vezes pra começar, espetando-a como se a coisa toda fosse uma

piada. . então ele foi e fez, enfiou a coisa nela. Um caralho de nota dez, Sully;

quero dizer *nota dez mesmo*. Ela berrou e começou a se debater e ele tinha

os pés, lembra-se, nos lados dela, e o resto deles estava correndo, Ralph Clemson, Mims, e não sei quem mais. Eu sempre odiei aquele escroto do

Clemson, bem mais do que Malenfant porque ao menos Ronnie não era

sonso, com ele você logo via o que tinha arranjado. Clemson era louco e sonso. Eu estava assustado, Sully, assustado pra caralho. Eu sabia que

deveria por um im naquilo, mas tinha medo de que me estrangulassem se

eu tentasse, todos eles, todos *vocês*, porque naquele momento preciso havia

todos vocês, e havia eu. Shearman. . nada contra ele, ele entrou naquela

clareira onde os helicópteros haviam caído como se não houvesse amanhã, mas na Vila. . eu olhei para ele e não havia nada ali.

– Ele salvou minha vida mais tarde, quando fomos emboscados. – Sully

disse quietamente.

– Sei disso. Pegou você e te carregou como o fodido Super-Homem. Ele teve

aquilo na clareira, conseguiu de volta na trilha, mas no meio, na Vila. . nada.

Na Vila a coisa era comigo. Era como se eu fosse o único adulto, só que eu

não me sentia como um.

Sully não tentou pedir para que ele parasse novamente. Dieffenbaker

queria dizer isso. Nada menos do que um murro na boca o pararia.

– Lembra-se de como ela gritava quando ele a empalou? A velha senhora?

E

Malenfant em cima dela, continuando a falar, seus putos isso, seus merdas

aquilo, e foda-se tudo. Graças a Deus por Slocum. Ele olhou para mim e aquilo me fez fazer algo. . exceto que tudo o que eu iz foi dizer para ele atirar.

Não, Sully pensou, você nem mesmo fez isso, Deff. Você apenas assentiu. Se

você estivesse na corte eles não te deixariam escapar com uma merda

dessa, eles te fazem falar em bom e claro som. Eles te fazem depor para registro.

– Eu acho que Slocum salvou nossas almas naquele dia. – Dieffenbaker

disse. – Você sabia que ele se matou, não é? – Sim. Em 1986.

– Eu pensei que havia sido um acidente de carro.

– Se dirigir em uma ponte a 110 por hora em uma noite clara é um

acidente, então foi um acidente.

– E quanto a Malenfant? Alguma idéia?

– Bem, ele nunca veio a nenhuma dessas reuniões, é claro, mas da última vez que soube, ele estava vivo. Andy Brannigan o viu no sul da Califórnia.

– Porco-Espinho o viu?

– Sim, porco-espinho. Você sabe onde foi?

– Não, é claro que não.

– Isso vai te matar, Sully-John, vai estourar sua cabeça. Branning está nos Alcoólatras Anônimos. É sua religião. Ele diz que salvou sua vida, e

suponho que salvou mesmo. Ele costumava beber muito mais do que nós,

talvez muito mais do que todos nós juntos. Então agora ele está viciado no

AA ao invés de na tequila. Ele vai a uma dúzia de reuniões por semana, ele

é um RSG (não me pergunte, é algum tipo de posição política no grupo), ele

maneja uma linha telefônica para conversar com os alcoólatras. E todo ano

ele vai à Convenção Nacional. Cinco anos, mais ou menos, atrás os bêbados

se reuniram em San Diego. Cinqüenta mil alcoólatras estiveram no Centro

de Convenções de San Diego, cantando a Oração da Serenidade. Pode

imaginar isso?

– Mais ou menos. – Sully disse.

– O maldito Brannigan olha para sua esquerda e quem ele vê, a não ser Ronnie Malenfant. Ele mal pode acreditar, mas é Malenfant, com certeza.

Depois da grande reunião, ele pega Malenfant e os dois vão tomar uns

drinques. – Dieffenbaker pausou. – Alcoólatras também fazem isso, eu

acho. Limonada, coca-cola e coisas assim. E Malenfant diz ao Porco-Espinho

que já faz dois anos que ele está limpo e sóbrio, ele achou um poder maior

que ele escolheu chamar de Deus, ele havia renascido, tudo está bem, ele estava vivendo nos termos, ele estava deixando a bebida sair e Deus

entrar, e todas essas coisas que eles falam. E Brannigan, ele não pôde

evitar. Ele perguntou a Malenfant se ele havia dado o Quinto Passo, que é confessar as coisas que você fez de errado e icar inteiramente pronto

para fazer reparações. Malenfant nem pestaneja, apenas diz que tomou o

Quinto um ano atrás e se sentia bem melhor.

– Mas que porra. – Sully disse, surpreso por estar furioso. – A velha

mamasan certamente vai icar feliz de saber que Ronnie passou por cima disso. Eu direi a ela na próxima vez em que a vir. – sem saber que a veria

mais tarde naquele dia, é claro.

– Faça isso.

Eles icaram sentados sem falar muito por um tempo. Sully pediu a Dieffenbaker outro cigarro, e Dieffenbaker lhe deu um, e outra chama do

velho Zippo. Próximo ao canto veio o som de conversas e algumas risadas

baixas. O funeral de Pags terminara. E em algum lugar na Califórnia,

Ronnie Malenfant estava talvez lendo seu Grande Livro dos AA e se

comunicando com a força maior que ele escolhera chamar de Deus. Talvez

Ronnie também fosse um RSG, o que quer que fosse era merda. Sully

desejou que Ronnie estivesse morto. Sully desejou que Ronnie Malenfant

tivesse morrido na toca de aranha dos vietcongues, com seu nariz cheio de

catarro, e fedendo a merda, sangrando internamente e vomitando pedaços

de seu próprio estômago. Malenfant com seu boné e suas cartas, Malenfant

e sua baioneta, Malenfant e seus pés plantados nos dois lados da velha

mamasan e suas calças verdes, camisa laranja e tênis vermelhos.

– Por que estivemos no Vietnã pra começar? – Sully começou. – Sem

querer icar ilosó ico ou qualquer coisa, mas você já descobriu a resposta

disso?

– Quem disse “Aquele que não aprender as lições da história, está

condenado a repeti-la”?

– Richard Dawson, o apresentador de *Family Feud*.

– Vá se foder, Sullivan.

– Eu não sei quem disse. Isso importa?

– Pode apostar. – Dieffenbaker disse. – Porque nunca superamos. Nunca

passamos por cima do verde. Nossa geração morreu lá. .

– Isso soa um pouco. .

– Um pouco o quê? Um pouco pretensioso. Pode crer. Um pouco tolo. Pode

crer.

Um pouco boçal? Sim, senhor. Mas isso fomos nós. Está tudo em nós. O que

izemos desde que saímos do Vietnã, Sully? Nós que fomos, aqueles que

marcharam e protestaram, aqueles de nós que apenas icaram sentados

em casa assistindo ao Dallas Cowboys e bebendo cerveja, e peidando no

sofá?

As bochechas do novo tenente começavam a icar vermelhas. Ele tinha a aparência de um homem que encontrou seu cavalo, e agora está montando

nele, sem poder fazer nada a não ser cavalgar. Ele levantou as mãos do jeito que Sully havia feito quando estavam falando sobre os legados da

experiência no Vietnã.

– Bem, vamos ver. Nós somos a geração que inventou Super Mario

Brothers, a ATV, sistemas a laser de mísseis teleguiados, e cocaína. Nós descobrimos Richard Simmons, Scott Peack, e o programa da Martha

Stewart. Nossa idéia de uma grande guinada na vida é comprar um

cachorro. As garotas que queimaram seus sutiãs agora compram suas

lingeries da Victoria's Secret e os rapazes que foderam sem medo pela paz

são agora gordos que sentam à frente de suas telas de computadores até a

madrugada, batendo uma punheta enquanto vêem fotos de garotas nuas

de dezoito anos na Internet. Isso somos nós, irmão, nós gostamos de

assistir. Filmes, vídeo-games, perseguições de carro ao vivo na TV, lutas no

The Jerry Springer Show, Mark McGwire, WFW, audições de impeachment,

não nos importamos, só gostamos de assistir. Mas houve um tempo. . não

ria, mas houve um tempo onde na verdade estava tudo em nossas mãos.

Sabia disso?

Sully assentiu, pensando em Carol. Não a versão dela sentada no sofá com

ele e sua mãe fedida, não aquele fazendo o sinal da paz para a câmera enquanto sangue corria ao lado de seu rosto, tampouco, aquela já estava

perdida e doida demais, você podia ver isso em seu sorriso, ler na placa, onde palavras gritantes proibiam todas as discussões.

Ao invés disso ele pensou em Carol no dia em que a mãe dela os havia levado ao Savin Rock. Seu amigo Bobby havia ganhado algum dinheiro de

um cara em uma banca de cartas de três montes, naquele dia em que Carol

usava seu maiô azul na praia, e às vezes dava a Bobby aquele olhar, aquela

que disse que ele a estava matando e que a morte era doce. Estivera em suas mãos naquela época; ele tinha certeza disso. Mas as crianças perdem

tudo, as crianças têm dedos escorregadios, e buracos em seus bolsos, e

elas perdem tudo.

– Enchemos nossas carteiras no super mercado, e vamos à academia fazer

sessões de terapia para entrar em contato com nós mesmos. A América do

Sul está queimando, Malásia está queimado, a porra do *Vietnã* está

queimado, mas nós ilnalmente superamos aquela coisa de nos auto-odiarmos, inalmente começamos a gostar de nós mesmos, então *isso* é bom.

Sully pensou em Malenfant entrando em contato consigo mesmo,

aprendendo a gostar do Ronnie interior, e suprimiu um arrepio.

Todos os dedos de Dieffenbaker estavam eretos na frente de seu rosto;

para Sully ele parecia Al Jolson pronto para cantar “Mammy”. Dieffenbaker

pareceu perceber isso no mesmo momento em que Sully percebeu, e

baixou as mãos. Ele parecia cansado, distraído e infeliz.

– Eu gosto de várias pessoas de nossa idade individualmente. – ele disse. –

Mas eu desprezo minha geração, Sully. Tivemos a oportunidade de mudar

tudo. Tivemos mesmo. Ao invés disso, nós ganhamos desenhistas de jeans,

dois ingressos para o show de Mariah Carey no Radio City Music Hall,

horas de vôo freqüentes, *Titanic* de James Cameron, e álbuns de

aposentadoria. A única geração perto de nós em auto-indulgência pura e

egoísta é a tão chamada Geração Perdida dos anos vinte, e ao menos a

maioria deles tinha a decência de icarem bêbados. Nós nem podíamos

fazer isso. Cara, nós éramos uma merda.

O novo tenente estava perto das lágrimas, Sully viu.

– Deef. .

– Você conhece o preço por vender o futuro, Sully-John? Você nunca

poderá deixar o passado de verdade. Você nunca pode superar. Minha

tese é que você não está em Nova York de verdade. Você está em Delta, apoiado a uma árvore, duro, esfregando a nuca. Packer ainda é o homem

porque ainda é 1969. Tudo o que você pensa como “sua vida de mais

tarde” é um grande e fodido pote de bolhas. E é melhor desse jeito.

Vietnã é melhor. É por isso que ainda estamos aqui.

– Você acha?

– Absolutamente.

Uma mulher, de cabelos negros, olhos castanhos, e de vestido azul,

apareceu do lado de fora da viela.

– Então aí estão vocês.

Dieffenbaker se levantou enquanto ela vinha até ele, andando devagar e

bonito em seus salto-altos. Sully se levantou também.

– Mary, este é John Sullivan. Ele serviu comigo e Pags. Sully esta é minha boa amiga Mary Theresa Charlton.

– Prazer em conhecê-la. – Sully disse, e estendeu sua mão.

Sua força era irme e segura, dedos frios e longos, mas ela estava olhando

para Dieffenbaker.

– A Sra. Pagano quer vê-lo, querido. Por favor?

– Tudo bem. – Dieffenbaker disse. Ele começou a ir para frente do prédio,

então se virou para Sully. – Segure aí um pouco. – ele disse. – Vamos sair para beber. Eu prometo não dar uma de padre. – mas seus olhos saíram

dos de Sully quando ele disse isso, como se soubessem que era uma

promessa que ele não poderia cumprir.

– Obrigado, Tenente, mas é realmente preciso voltar. Quero escapar do

engarrafamento.

***

Mas ele não havia escapado do engarrafamento, a inal de contas, e agora

um piano estava caindo na direção dele, ofuscando o sol e cantarolando

enquanto vinha.

Sully sentiu seu estômago achatado e rolou para baixo do carro. O piano caiu a menos de um metro e meio de distância, detonando e cuspindo ilas

de teclas como dentes.

Sully saiu de debaixo do carro, queimando as costas no quente cano de

escape usando os pés. Ele olhou para o norte na direção do pedágio, os olhos esbugalhados, sem acreditar. Uma grande feira de quintal estava

caindo pelo céu: gravadores, tapetes, cortadores de grama, daqueles que

você pode dirigir, com uma lâmina manchada de grama rolando em seu eixo, um anão de jardim, um aquário com o peixe ainda nadando nele. Ele

viu um velho de cabelos cômicos correr pela pista e então um lance de

escadas cair nele, arrancando seu braço esquerdo, e fazendo ele cair de

joelhos. Havia relógios, escrivaninhas, mesas de café, e um elevador com

seu cabo solto no ar atrás dele como um cordão umbilical besuntado. Uma

rajada de livros caiu no estacionamento de um complexo industrial nas

proximidades; suas capas que batiam soavam como aplauso.

Um casaco de pele caiu em uma mulher que corria, fazendo-a tropeçar, e

então um sofá aterrissou nela, esmagando-a. O ar icou carregado com uma

tempestade de luz enquanto grandes painéis de vidro de uma estufa caiam

do céu azul. Uma estátua de um soldado da Guerra Civil se estatelou no painel de um caminhão. Um ferro de passar ricocheteou na grade da

estrada acima e então veio voando para o engarrafamento como uma

hélice. Um leão empalhado caiu na traseira de uma picape. Em todos os

lugares havia pessoas gritando e correndo. Em todos os lugares havia

carros com os tetos amassados e os pára-brisas quebrados; Sully viu uma

Mercedes com estranhas pernas rosas de um manequim de loja saindo do

teto solar dela. O ar tremia com assovios e lamentos.

Outra sombra caiu nele, e mesmo quando ele se abaixou e levantou as

mãos, sabia que era tarde demais, se fosse um ferro, ou uma torradeira, ele iria fraturar o crânio. Se fosse algo maior ele não seria nada a não ser

uma geléia no meio da estrada.

O objeto em queda bateu em sua mão sem machucá-la, ricocheteou e caiu

em seus pés. Ele olhou para baixo primeiro surpreso, e então maravilhado.

– Puta merda. – ele disse.

Sully se abaixou e pegou a luva de beisebol que havia caído do céu,

reconhecendo-a depois de todos esses anos: o arranhão profundo no

último dedo, e os nós enrolados comicamente em seus laços eram boas

como impressões digitais. Ele olhou a lateral, onde Bobby havia escrito seu

nome. Ainda estava lá, mas as letras pareciam mais claras do que

deveriam, e o couro aqui parecia maltratado e arranhado, como se outros

nomes houvessem sido pintados no mesmo local e então apagados.

Próximo ao seu rosto, o cheiro da luva era tão intoxicante quanto

irresistível.

Sully o colocou em uma mão, e quando ele o fez, algo foi amassado pelo seu

dedo mindinho (um pedaço de papel en iado lá). Ele não prestou a atenção.

Ao invés disso ele pôs a luva na cara, fechou os olhos, e inalou. Couro, graxa, suor, e grama. Todos os odores do Verão estavam lá. O Verão de

1960, por exemplo, quando ele havia voltado de seu acampamento e

descoberto que tudo mudara: Bobby rabugento, Carol distante e

palidamente pensativa (ao menos por um tempo), e o velhinho legal que

morava no terceiro andar do prédio de Bobby, Ted, se fora. Tudo havia

mudado. . mas ainda era Verão, ele ainda tinha onze anos, e tudo ainda

parecia. .

– Eterno. – ele murmurou na luva, e inalou profundamente seu aroma

novamente, enquanto, nas proximidades, um suporte de vidro cheio de

borboletas se espatifou no teto de uma van, e uma placa de PARE, cravou na pista como uma lança.

Sully se lembrou de sua raquete com a bolinha presa em um cordão, e seus

sapatos pretos e o gosto do chiclete, como pedaços de doce iriam bater no

céu de sua boca e então ricochetear em sua língua; ele se lembrou de sua

máscara de apanhador se quebrando enquanto ele sentava em cima dela,

do som dos irrigadores da Broad Street, e o quão furiosa a Sra. Conlan icava quando você andava perto de suas lores preciosas, e a Sra. Godlow

no Asher Empire querendo ver sua certidão de nascimento se ela achasse

que você era alto demais para ter doze anos, e do cartaz da Brigitte Bardot

(*se ela é um lixo, eu adoraria ser o lixeiro*) em sua toalha, mascando chiclete, jogando mico preto, fazendo peidos com as axilas no fundo da sala

de aula da Sra. Sweetser no quarto ano, e. .

– Ei, Americano. – só que ela disse *Amelicano*, e Sully sabia o que ia ver antes mesmo de levantar sua cabeça da luva Alvin Dark de Bobby. Era a

velha *mamasan*, de pé entre a moto, que havia sido esmagada por um freezer (carne congelada estava caindo de sua tampa rachada em blocos

congelados), e uma Subaru com um lamingo de jardim caído no teto. A

velha *mamasan* em suas calças verdes, camisa laranja e tênis vermelhos, a

velha *mamasan* parecendo uma placa de neon em um bar do inferno.

– Ei americano, você vir aqui, eu proteger. – ela estendeu as mãos.

Sully andou em sua direção através das barulhentas quedas de televisões, piscinas de cigarro, maços de cigarro; sapatos de salto-alto, grandes

secadores de cabelo e telefones públicos que ao atingirem o chão

vomitavam uma cachoeira de moedas. Ele caminhou na direção dela com

aquela sensação de alívio, aquela sensação que você só sente quando está

voltando para casa.

– Eu proteger. – estendendo os braços agora. – Pobre menino, eu proteger.

– Sully pisou no círculo morto de seu abraço enquanto as pessoas

gritavam, corriam, e todas as coisas da América caiam do céu, iluminado a

I-95 norte de Bridgeport com seus brilhos. Ela o abraçou.

– Eu proteger. – ela disse, e então Sully estava em seu carro. O tráfego estava parado ao seu redor, as quatro pistas. O rádio estava ligado na

WKND. The Platters cantavam "Twilight Time", e Sully não conseguia

respirar. Nada parecia ter caído do céu, exceto pelo engarrafamento, tudo

parecia em ordem, mas como podia ser isso?

Como podia ser isso quando ele ainda tinha a velha luva de Bobby Gar ield

em sua mão?

– Eu proteger. – a velha *mamasan* estava dizendo. – Pobre menino, pobre Americano, eu proteger.

Sully queria sorrir para ela. Ele queria dizer a ela o quanto ele sentia muito, que alguns deles havia ao menos querido o bem dela, mas ele não tinha ar e estava muito cansado. Ele fechou os olhos e tentou levantar a luva de Bobby uma última vez, dar uma última cheirada e sentir aquele

aroma de verão oleoso, mas ela estava pesada demais.

***

Dieffenbaker estava no balcão da cozinha na manhã seguinte, usando um

par de jeans e nada mais, servindo-se com um copo de café, quando Mary

entrou vindo da sala de estar. Ela vestia seu suéter PROPRIEDADE DOS

BRONCOS DE DENVER e tinha um *New York Post* na mão.

– Eu acho que tenho más notícias para você. – ela disse, e então pareceu pensar.

– *Moderadamente* falando.

Ele se virou para ela cautelosamente. Más notícias sempre deveriam vir

depois do almoço, ele pensou. Ao menos a pessoa estaria meio preparada

para más notícias depois do almoço. A primeira coisa da manhã era que

tudo deixava uma marca.

– O que é?

– O homem a quem você me apresentou ontem no funeral de seu amigo,

você disse que ele era um negociante de carros em Connecticut, certo?

– Certo.

– Eu queria ter certeza, sabe, porque John Sullivan não é o nome mais

comum do. .

– Do que está falando, Mary?

Ela lhe entregou o jornal, que estava aberto em uma página no meio do

tablóide.

– Eles disseram que aconteceu enquanto ele voltava para casa. Sinto muito,

querido.

Ela tinha que estar errada, esse foi seu primeiro pensamento; as pessoas não podiam morrer logo após você tê-las visto e falado com elas, parecia uma regra básica, de algum modo.

Mas era ele, pode crer, e em triplicata: Sully em um uniforme colegial de beisebol, com uma máscara de apanhador empurrada para o topo de sua

cabeça, Sully em seu uniforme do exército com um distintivo de sargento

na manga, e Sully em um terno de negócios que deveria ser do im dos

anos setenta. Abaixo da ila de fotos estava o título da matéria que você encontraria apenas no *Post*:

SENTIDO!

VETERANO ESTRELA DE PRATA DO VIETNÃ MORRE

EM ENGARRAFAMENTO EM CONNECTICUT

Dieffenbaker leu a história rapidamente, tendo aquela sensação de nervoso e traição que ele sempre sentia nestes dias quando ele lia uma

notícia de morte de alguém de sua idade, de alguém que ele conhecia.

Ainda estamos jovens demais para mortes naturais, ele sempre pensou , sabendo que era uma idéia tola.

Sully havia aparentemente morrido de um ataque do coração enquanto

estava preso em um engarrafamento causado por um caminhão

acidentado. Ele também poderia ter morrido ao ter descoberto o preço de

seu próprio produto, o artigo lamentava. Como o título SENTIDO, tais

epifanias só poderiam ser encontradas no *Post*. O *Times* era um bom jornal se você fosse inteligente; o *Post* era um jornal para bêbados e poetas.

Sully deixara uma ex-esposa e nenhum ilho. Os preparativos do funeral

estavam sendo feitos por Norman Oliver, do Primeiro Banco de Con iança

de Connecticut.

Enterrado por seu banco! Dieffenbaker pensou, suas mãos começando a tremer.

Ele não tinha idéia do porquê deste pensamento enchê-lo de terror, mas

ele o fez. *Pela porra do seu banco! Oh, cara!*

– Querido? – Mary olhava um pouco nervosa para ele. – Tudo bem?

– Sim. – ele disse. – Ele morreu em um engarrafamento. Talvez nem

tenham podido levá-lo em uma ambulância. Talvez nem tenham percebido

até que o tráfego começou a andar novamente. Cristo.

– Não. – ela disse, e tirou o jornal dele. Sully havia ganhado sua Estrela de

Prata por resgate, é claro, o resgate do helicóptero. Os congues estiveram atirando, mas Packer e Shearman lideraram um bando de soldados

Americanos, a maioria deles Delta 2-2. Dez ou doze soldados da Companhia

Bravo havia feito uma cobertura confusa e provavelmente não muito

efetiva enquanto a operação de resgate acontecia. . e para o espanto geral,

dois dos homens nos helicópteros destroçados estavam vivos, ao menos até

saírem da clareira. John Sullivan havia carregado um sem cobertura, o cara

do helicóptero berrando em seus braços, coberto de bolhas.

Malenfant havia corrido para a clareira também. Malenfant carregando um

dos extintores como um grande bebê vermelho, e gritando para os congues na moita para atirarem nele se pudessem, exceto que não puderam, ele

sabia que não poderia, eles eram apenas um bando de merdas de olhos puxados e não conseguiriam atingi-lo, não poderiam acertar um maldito elefante se estivessem em sua frente. Malenfant também havia "concorrido" a uma Estrela de Prata, e embora Dieffenbaker não pudesse dizer com certeza, ele supôs que o cuzão assassino com a cara coberta de espinha tivesse ganhado uma. Sully sabia ou tinha adivinhado? Ele teria mencionado enquanto estavam sentados juntos do lado de fora do salão do funeral? Talvez; talvez não. Medalhas têm um jeito de parecerem inúteis com o passar do tempo, mais e mais como um prêmio que você ganhou na escola por memorizar um poema ou uma carta que você ganhou no colégio por ser um corredor, e bloquear a prata da casa quando o arremesso era feito.

Apenas algo que você guardava na gaveta. Elas eram coisas que os velhos usavam para impressionar crianças. As coisas que eles usavam para te fazer pular mais alto, correr mais rápido, fazer você voar. Dieffenbaker achou que o mundo provavelmente seria um lugar melhor sem velhos (essa revelação chegando no momento em que ele já estava pronto para ser um). Deixe as velhas viverem, velhas nunca machucaram ninguém como uma regra, mas velhos são mais perigosos do que cães raivosos. Atirem em todos eles, então molhem seus corpos com gasolina, e então taquem fogo. Deixem as crianças juntarem as mãos e dançarem ao redor da fogueira, cantando músicas melosas do interior.

– Você está realmente bem? – Mary perguntou.

– Sobre Sully? Sim. Eu não o via há anos.

Ele bebericou o café e pensou sobre a velha senhora de tênis vermelhos, a

que Malenfant havia matado, a que veio visitar Sully. Ela não iria mais visitar Sully; havia pelo menos isso. Os dias de visita da velha *mamasan* haviam terminado. Era como as guerras realmente terminavam,

Dieffenbaker supôs. Não em mesas de trégua, mas em alas de câncer, e

cafeterias do escritório, e em engarrafamentos. Guerras morriam um

pedaço por vez, cada pedaço era algo que caia como uma memória, que se

perdia como um eco que desaparece em colinas onde venta. No im das

contas até a guerra levantou sua bandeira branca. Ou ao menos ele

esperava isso. Ele esperava que no im das contas, até mesmo a guerra houvesse se rendido.

1999: Vamos lá, seu bastardo, venha para casa.

SOMBRAS CELESTIAIS DA

NOITE ESTÃO CAINDO

Em uma tarde no último verão antes do ano 2000, Bobby Gar ield voltou

para Harwich, Connecticut. Ele foi ao Cemitério West Side primeiro, onde o

verdadeiro serviço memorial da família Sullivan aconteceu. O velho Sully-

John ganhara uma boa multidão; a história do *Post* os atraíra em enxames.

Várias crianças choraram assustadas quando a guarda de honra da Legião

Americana disparou suas armas. Depois do serviço do enterro havia a

recepção no Salão de Veteranos Americanos local. Bobby icou por lá

tempo o bastante para comer um pedaço de bolo e beber um copo de café,

e dar um oi ao Sr. Oliver, mas ele não viu ninguém que conhecia, e havia lugares que ele gostaria de ir enquanto ainda havia luz do dia. Ele não havia voltado a Harwich em quase quarenta anos.

O Shopping Nutmeg se erguia onde estivera o St. Gabriel de Aprendizado

Superior e Escola Secundária. A velha diretoria agora era um

estacionamento. A linha do trem continuava a passar pela praça, mas os

postes de suporte de pedra do viaduto estavam cobertos de pichações, e a

banca no quiosque do Sr. Burton havia sido fechada à tábua. Ainda havia relvas entre a Avenida River e o Housatonic, mas os patos haviam

desaparecido. Bobby se lembrou de uma vez em que jogara um desses

patos em um homem de terno (improvável, mas verdade). *Te dou duas*

pratas se me deixar te chupar , o homem havia dito, e Bobby havia lançado o pato nele. Ele conseguia sorrir pensando nisso agora, mas aquele banana o

assustara pra caramba, e por vários motivos.

Havia um grande armazém rosa da **UPS** (**N.T. – Sigla da United Parcel Service, uma companhia de serviço de correio.**) onde estivera uma vez

o Asher Empire.

Mais longe na direção de Bridgeport, onde a Avenida Asher se dissipava na Praça dos Puritanos, o Willian Penn Grille também se fora, substituído por

uma Pizza Uno. Bobby pensou em ir lá, mas não muito seriamente. Seu

estômago agora era cinqüentão, exatamente como o resto dele, e não mais

lidava muito bem com pizza.

Exceto que essa não era a verdadeira razão. Seria fácil demais imaginar

coisas, essa era a verdadeira razão; muito fácil alucinar carros grandes e vulgares, as pinturas tão brilhantes que pareciam uivar. Então ele havia

dirigido de volta para a Harwich, propriamente dita, e maldito ele fosse se

o Café Colony ainda não estivesse onde sempre estivera, e maldito ele fosse

se eles ainda não tinham cachorro-quente grelhado no menu. Cachorros-

quentes eram tão ruins quanto pizza, talvez piores, mas pra que diabos o Prylosec servia a inal, se não para aquela ocasional caminhada

gastronômica rumo à pista das memórias? Ele engoliu um, e colocou dois

cachorros-quentes para segui-lo. Eles ainda vinham naquela cartolina

cheia de gordura, e tinham o gosto do céu.

Ele desceu os cachorros-quentes com uma torta *a la mode*, então saiu e foi

até seu carro por um momento. Ele decidiu deixá-lo onde estava, havia

apenas mais duas paradas que ele gostaria de fazer, e ambas icavam

perto o bastante para ir caminhando. Ele pegou a bolsa de academia do

assento do passageiro e passou lentamente pela Spicer, que agora havia

evoluído para uma loja da 7-Eleven, com bombas de gás na fronte. Vozes

vieram até ele enquanto ele passava, vozes fantasmas de 1960, vozes das

gêmeas Sigsby.

Mamãe e papai estão brigando.

Mamãe disse para ficarmos longe.

Por que fez isso, seu burro velho Bobby Garfield?

Burro velho Bobby Gar ield, sim, aquele era ele. Ele poderia ter icado mais

esperto com o passar dos anos, mas provavelmente nem tanto.

Na metade da subida da ladeira da Broad Street, ele espiou uma

amarelinha meio apagada na calçada. Ele desceu em um joelho e olhou-a

atentamente à luz da tarde, seguindo os quadrados com a ponta dos dedos.

– Senhor? Você está bem? – era uma jovem mulher com uma sacola da 7-Eleven nos braços. Ela estava olhando para Bobby tanto com preocupação

quanto com desconfiança.

– Estou bem. – ele disse, se levantando e limpando as mãos. Ele estava mesmo.

Nem uma única lua ou estrela ao lado da amarelinha, quanto menos um

cometa. Nem havia visto qualquer cartaz de animal perdido em seu passeio

na cidade. – Estou bem.

– Bem, bom para você. – a jovem mulher disse, e se apressou em seu

caminho.

Ela não sorriu. Bobby assistiu-a ir embora, e então ele mesmo começou a andar, imaginando o que havia acontecido às gêmeas Sigsby, onde elas

estavam agora. Ele se lembrou de Ted Brautigan falando sobre tempo uma

vez, chamando-o de velho careca trapaceiro.

Até que ele realmente viu o número 149 na Broad Street, Bobby não tinha

percebido o quanto tinha certeza de que ele havia se tornado uma

locadora, ou uma lanchonete, ou talvez um condomínio. Ao invés disso,

ainda era a mesma coisa, exceto pela decoração que agora era cor de

creme ao invés de verde. Havia uma bicicleta na varanda, e ele pensou em

quão desesperado ele estiveram para comprar uma bicicleta naquele

último verão em Harwich. Ele até tinha um pote para guardar dinheiro,

com uma etiqueta que dizia DINHEIRO PARA BICICLETA, ou alguma coisa

assim.

Mais vozes fantasmas enquanto ele icava parado ali com sua sombra

aumentando na rua.

Se fossemos os Gotrocks, você não teria que pegar do seu pote da bicicleta se

você quisesse levar sua namorada à montanha-russa.

Ela não é minha namorada! Ela não é minha namorada!

Em sua memória ele havia dito isso em voz alta para sua mãe, na verdade

ele havia gritado para ele. . mas ele duvidava da certeza dessa memória.

Ele não tivera o tipo de mãe a quem você pode gritar. Não se você quisesse

manter seu escalpo no lugar.

E além disso, Carol *havia* sido sua namoradinha, não? Ela *havia* sido.

Ele tinha mais uma parada para fazer antes de voltar ao carro, e depois de

uma última e longa olhada para a casa onde ele havia vivido com sua mãe

até Agosto de 1960, Bobby voltou a descer a ladeira da Broad Street,

balançando a sacola de academia em uma mãe.

Houve mágica naquele verão, mesmo à idade dos cinqüenta não há dúvida

sobre isso, mas ele não mais sabia de que tipo ela havia sido. Talvez ele tivesse experimentado o tipo de infância de Ray Bradbury que tantas

crianças de cidades pequenas tinham, ou ao menos se lembrado de terem;

do tipo onde o mundo real e o dos sonhos às vezes se sobrepunham,

criando um tipo de mágica.

Sim, mas. . bem. .

Houve as pétalas de rosa, é claro, as que haviam sido mandadas por Carol. .

mas elas signi icaram alguma coisa? Uma vez pareceu que sim, para o

solitário e quase perdido garoto que ele havia sido, pareceu que sim, mas aquelas pétalas de rosa se foram. Ele as havia perdido por volta da época

em que havia visto a fotogra ia daquela casa queimada em Los Angeles, e percebera que Carol Gerber estava morta.

Sua morte não só cancelou a idéia de mágica, mas, pareceu a Bobby, o

próprio propósito da infância. Que havia de bom nisso se ela te levava a tais coisas? Olhos ruins e pressão sangüínea ruim era uma coisa; idéias

ruins, sonhos ruins, e inais ruins eram outra. Por um tempo você gostaria

de dizer a Deus, ah, qual é, Garotão, *pára* com isso.

Você perdia sua inocência quando crescia, tá, todo mundo sabe disso, mas

você tinha que perder sua esperança também? Que havia de bom em

beijar uma menina na roda gigante aos onze anos se você estava fadado a

abrir um jornal onze anos depois e ver que ela havia sido queimada até a

morte em uma casinha imunda em uma ordinária ruazinha sem saída? Que

havia de bom em se lembrar se seus belos olhos alarmados, ou de como o

sol brilhara em seu cabelo?

Ele teria dito tudo isso e mais há uma semana, mas então um pedaço dessa

velha mágica o alcançara e o tocara. *Vamos lá,* ela havia sussurrado. *Vamos lá, Bobby, vamos lá, seu bastardo, venha para casa.* Então aqui estava ele, de volta a Harwich. Ele havia honrado seu velho amigo. Ele havia dado a si mesmo um pequeno tour pela sua velha cidade (e sem se perder uma

única vez), e agora era quase hora de ir. Ele tinha, entretanto, mais uma parada antes de fazê-lo.

Era hora do jantar, e o Parque Commonwealth estava quase vazio. Bobby

andou ao lado da grade atrás da prata da casa do Campo B, enquanto três

jogadores vadios passavam por ele indo para outra direção. Dois estavam

carregando os equipamentos em grandes bolsas vermelhas; o terceiro

carregava um som de onde The Offspring tocava no último volume. Todos

os três rapazes lhe deram olhares descon iados, ao que Bobby não se

surpreendeu. Ele era um adulto na terra das crianças, vivendo em um

tempo onde coisas como ele eram suspeitas. Ele evitou piorar as coisas por

assentir para eles ou acenar e dizer algo idiota como "*como foi o jogo, galera*?" Eles continuaram a seguir seu caminho.

Ele icou com os dedos enganchados no arame da grade, assistindo a luz

vermelha da tarde se inclinar pela grama do campo, re letindo do placar e

das placas que diziam FIQUEM NA ESCOLA e POR QUE ACHAM QUE ELES

TE CHAMAM DE DEMENTES. E novamente ele sentiu aquela sensação

esbaforida de mágica, a sensação do mundo como uma camada ina

esticada em algo mais, algo tão brilhante quanto escuro. As vozes estavam

em todo o lugar agora, girando como linhas no topo.

Não me chame de estúpida, Bobby-O

Você não deveria bater em Bobby, ele não é como esses homens.

Um doce de verdade, garoto, ele tocava aquela canção do Jo Stafford.

É o ka. . e ka é destino.

Eu te amo, Ted. .

– Eu te amo, Ted. – Bobby disse as palavras, não em voz alta, mas

tampouco as sussurrando. Tentando as deixar no meio. Ele nem mesmo

conseguia se lembrar da aparência de Ted Brautigan, não com clareza real

(apenas os Chester ields, e as intermináveis garrafas de refresco), mas

dizê-las ainda o fazia se sentir aquecido.

Havia outra voz aqui também. Quando ela falou, Bobby sentiu suas

lágrimas ferroarem os cantos de seus olhos pela primeira vez desde que

havia voltado.

Eu não me importaria de ser um mágico quando crescer, Bobby, sabia? Viajar

por aí com um parque de diversões ou um circo, usar um terno preto e uma

cartola. .

– E tirar coelhos e outras merdas da cartola. – Bobby disse se afastando do

Campo B. Ele riu, enxugou os olhos, então passou uma mão no topo de sua

cabeça.

Nada de cabelo lá; ele havia perdido a última parte dele no tempo

marcado, cerca de quinze anos atrás. Ele cruzou um dos caminhos

(cascalho em 1960, agora asfalto, marcado com pequenos avisos de

APENAS BICICLETAS, NADA DE PATINS!) e sentou em um dos bancos,

possivelmente o mesmo em que se sentara no dia em que Sully havia lhe

convidado para ir ao cinema, e Bobby recusara, querendo terminar

O Senhor das Moscas, ao invés disso. Diretamente à frente havia um pequeno bosque.

Bobby tinha total certeza de que havia sido aquele onde Carol o havia

levado e ele começara a chorar. Ela o fez para que ninguém o visse

choramingar como um bebê.

Ninguém exceto ela. Ela o havia segurado nos braços enquanto ele

chorava? Ele não tinha certeza, mas ele achou que sim. O que ele mais se lembrava claramente era de como os garotos do St. Gabe haviam quase

batido neles mais tarde. A amiga da mãe de Carol os havia salvado. Ele não

conseguia se lembrar do nome dela, mas ela havia chegado no último

segundo. . que nem o Fuzileiro chegou bem a tempo de salvar Ralph no im

de *O Senhor das Moscas*.

Rionda, esse era o nome dela. Ela disse que iria contar tudo ao padre, e que o padre contaria tudo para os

pais deles.

Mas Rionda não estava por perto quando esses garotos encontraram Carol

de novo. Teria Carol queimado em Los Angeles se Harry Doolin e seus

amigos houvessem deixado-a em paz? Você não poderia dizer com certeza, mas Bobby achou que a resposta era provavelmente não. E mesmo agora

ele sentiu suas mãos se fechando enquanto pensava: *Mas eu te peguei,*

Harry, não peguei? Sim, deveras.

Tarde demais, entretanto. Naquele momento tudo estava mudado.

Ele abriu a bolsa de academia, remexeu, e tirou um rádio de pilha. Não era

tão grande quanto o som que havia acabado de passar por ele, mas grande

o bastante para seus propósitos. Tudo o que ele tinha a fazer era ligá-lo; já

estava sintonizado no WKND, o Lar Sulista dos Clássicos de Connecticut.

Troy Shondell estava cantando

“This Time”. Para Bobby tudo bem.

– Sully. – ele disse, olhando para o bosque. – Você foi um bastardo legal e

tanto.

Detrás dele, muito formalmente, uma mulher falou.

– Se ficar xingando, eu não ando com você.

Bobby se virou tão rapidamente que o rádio caiu de sua mão para a grama.

Ele não podia ver o rosto da mulher; ela não era nada exceto uma silhueta

com o céu vermelho espalhado em seus lados. Ele tentou falar, mas não

conseguiu. Sua respiração estava congelada e sua língua estava presa no

céu de boca. Lá longe em seu cérebro, uma voz meditou: *então é assim que*

você se sente quando vê um fantasma.

– Bobby, você está bem?

Ela se moveu rápido, rodeando o banco, e a luz vermelha do pôr-do-sol o beijou em cheio nos olhos

quando ela o fez. Bobby engasgou, levantou uma

mão, fechou os olhos. Ele cheirou o perfume. . ou era a grama de verão? Ele

não sabia. E quando ele abriu seus olhos de novo, ele não pôde ver nada, exceto a forma da mulher; havia uma tatuagem verde em sua visão

causada pela luz do sol, cobrindo o rosto dela.

– Carol? – ele perguntou. Sua voz estava rouca e trêmula. – Bom Deus, é mesmo você?

– Carol? – a mulher perguntou. – Eu não conheço nenhuma Carol. Meu nome é Denise Schoonover.

Sim era ela. Ela tinha apenas onze anos da última vez que a vira, mas ele sabia.

Ele esfregou os olhos freneticamente. Do rádio na grama, o DJ disse "Essa é

a WKND, onde seu passado é sempre presente. Aqui vai Clyde McPhatter,

com sua "A Lover's Question".

Você sabia que se ela estivesse viva, ela viria. Você sabia disso.

É claro; não era por isso que ele havia vindo? Com certeza não por Sully, ou

não só por Sully. E ainda assim ao mesmo tempo ele tinha tanta certeza de

que ela estava morta. No momento em que vira a foto da casa queimada

em Los Angeles, ele tivera certeza. E como isso machucou seu coração, não

por não vê-la há quarenta anos, correndo pela Avenida Commonwealth,

mas como se ela houvesse permanecido sua amiga, tão perto quanto uma

ligação de telefone, ou um passeio na rua.

Enquanto ele ainda tentava expulsar o verde tatuado em sua visão, a

mulher o beijou firmemente na boca, e então sussurrou em seu ouvido:

– Eu tenho que ir pra casa, eu tenho que fazer a salada. O que é isso?

– A última coisa que você me disse quando éramos crianças. – ele

respondeu, e olhou para ela. – Você veio. Você está viva e você veio.

A luz do pôr-do-sol caiu no rosto dela, e a visão tatuada começou a

melhorar o bastante para que ele a visse. Ela estava linda apesar de uma cicatriz que começava no canto

de seu olho direito e corria pela sua

bochecha em um formato cruel de um anzol. .

ou talvez por causa disso. Havia pequenas marcas de pés de galinha ao

lado de seus olhos, mas não havia rugas em sua testa, ou formando um

parêntese acima de sua boca sem batom.

O cabelo dela, Bobby viu maravilhado, estava quase inteiramente grisalho.

Como se lendo sua mente, ela o alcançou e tocou sua cabeça careca.

– Sinto muito. – ela disse. . mas ele achou ter visto a velha alegria dançante em seu olhos. – Você tinha os cabelos mais bonitos. Rionda costumava dizer

que ele era metade da razão pela qual eu me apaixonara.

– Carol. .

Ela abaixou a mão e pôs os dedos em sua boca. Havia cicatrizes em sua mão também, Bobby viu, e seu dedo mindinho estava deformado, quase

derretido. Eram cicatrizes de queimaduras.

– Eu te disse, eu não conheço ninguém chamada Carol. Meu nome é Denise.

Como naquela velha canção de Randy and the Rainbows? – ela cantou um

pedaço dela.

Bobby a conhecia bem. Ele conhecia todas as clássicas. – Se fosse checar minha carteira de identidade, veria Denise Schoonover em todos os

lugares. Eu te vi no enterro.

– Eu não te vi.

– Eu sou boa em não ser vista. – ela disse. – É um truque que alguém me ensinou há muito tempo. O truque de ser uma *sombra*. – ela estremeceu um pouco.

Bobby havia lido sobre pessoas que estremeciam (a maioria em péssimos

livros), mas ele nunca havia visto uma realmente. – E quando se trata de multidões, eu sou boa em icar o mais longe possível. Pobre e velho Sully-John. Você se lembra do Bo-lo Bouncer dele?

Bobby assentiu, começando a sorrir.

– Eu me lembro de uma vez que ele tentou bancar o sabichão, e bater

bolinha entre as pernas, entre os braços, e atrás das costas. Ele acertou as

próprias bolas em cheio, e quase nos matamos de rir. Um bando de garotas

chegou, você era uma delas, tenho certeza, querendo saber o que estava

acontecendo, e nós não dissemos. E vocês ficaram bem irritadas.

Ela sorriu, uma mão cobrindo a boca, e nesse velho gesto Bobby pôde ver a

criança que ela havia sido com completa clareza.

– Como você soube que ele morreu? – Bobby perguntou.

– Li no *New York Post* . Havia um daqueles horríveis títulos que é a especialidade deles. SENTIDO, ele dizia. E tinha fotos dele. Eu vivo em

Poughkeepsie, onde o *Post* está regularmente disponível. – ela pausou. – Eu

ensino em Vassar.

– Você ensina em Vassar e lê o *Post*.

Ela deu de ombros, sorrindo.

– Todos têm seus vícios. E quanto a você, Bobby? Você leu no *Post*?

– Eu não leio o *Post*. Ted me disse. Ted Brautigan.

Ela apenas ficou lá olhando para ele, seu sorriso desaparecendo.

– Você se lembra de Ted?

– Eu achei que nunca mais poderia usar meu braço, e Ted o consertou

como mágica. É claro que eu me lembro dele. Mas Bobby. .

– Ele sabia que você estaria aqui. Eu pensei nisso no instante em que abri o

pacote, mas eu não acho que acreditei até te ver. – ele a tocou com a inocência de uma criança pelas marcas de sua cicatriz do rosto. – Você

conseguiu isso em L.A., não foi?

O que houve? Como você escapou?

Ela balançou a cabeça.

– Eu não falo sobre essas coisas. Eu nunca falei sobre o que aconteceu naquela casa. Eu nunca irei. Aquela foi uma vida diferente. Aquela foi uma

garota diferente. Aquela garota morreu. Ela era muito jovem, muito

idealista, e ela foi enganada. Lembra-se daquele homem das cartas no

Savin Rock?

Ele assentiu, sorrindo um pouco. Ele pegou sua mão e ela a apertou.

– Aqui vão elas, estão parando, todas belas, descansando. O teste começou.

Seu nome era McCann ou McCausland, ou qualquer coisa assim.

– O nome não importa. O que importa é que ele sempre deixava você pensar que sabia onde a rainha estava. Ele sempre te deixava pensar que

você poderia ganhar. Certo?

– Certo.

– A garota se envolveu com um homem assim. Um homem que sempre

movia as cartas um pouco mais rápido do que você achava que ele poderia.

Ele estava procurando por algumas crianças confusas, furiosas, e ele as

achou.

– Ele tinha um casaco amarelo? – Bobby perguntou. Ele não sabia se ele estava brincando ou não.

Ela olhou para ele, franzinho a testa levemente, e ele entendeu que ela não

se lembrava dessa parte. Ele havia falado para ela sobre os homens maus?

Ele achou que sim, ele achou que havia dito a ela sobre tudo, mas ela não

lembrava. Talvez o que acontecera em L.A. havia queimado alguns pedaços

de sua memória. Bobby podia conceber uma coisa assim acontecendo. E

isso não exatamente a faria única, faria?

Muitas pessoas de sua idade trabalhavam muito para esquecer quem eles

haviam sido, e no que haviam acreditado durante estes anos entre o

assassinato de John Kennedy em Dallas e o assassinato de John Lennon em

Nova York.

– Esquece. – ele disse. – Continue.

Ela balançou a cabeça.

– Eu já disse tudo sobre essa parte. Tudo o que eu posso. Carol Gerber morreu na Bene it Street em Los Angeles. Denise Schoonover vive em

Poughkeepsie. Carol odiava matemática, não podia nem entender frações,

mas Denise *ensina* matemática.

Como poderiam ser a mesma pessoa? É uma idéia ridícula. Caso encerrado.

Eu quero saber o que você quis dizer sobre Ted. Ele não *pode* estar vivo ainda, Bobby. Ele teria mais de cem anos. Bem mais.

– Eu não acho que isso signi ique muito quando se é um Sapador. – Bobby

disse.

Nem signi icava muito na WKND, onde Jimmy Gilmer agora cantava "Sugar

Shack"

com um acompanhamento que soava como peidos.

– Um Sapador? O que é. .

– Eu não sei, e não importa. – Bobby disse. – Mas essa parte importa, então

escute com atenção. Certo?

– Certo.

– Eu vivo em Filadél ia. Eu tenho uma esposa adorável que é uma fotógrafa

pro issional, três ilhos crescidos adoráveis, um adorável velho cão com

problemas nos quadris e uma boa disposição, e uma velha casa que está

sempre desesperada por reformas. Minha esposa diz que isso acontece

porque o homem que sempre faz os sapatos das crianças está descalço e

porque a casa do carpinteiro sempre tem um teto rachado.

– É isso que você é? Um carpinteiro?

Ele assentiu.

– Eu vivo em Redmont Hills, e quando eu me lembro de comprar um jornal,

o *Inquirer* da Fila é o único que eu compro.

– Um carpinteiro. – ela meditou. – Eu sempre achei que você acabaria

sendo um escritor, ou coisa assim.

– Eu também. Mas eu passei por um período onde achei que acabaria na

Prisão Estadual de Connecticut e *isso* nunca aconteceu, então eu acho que as coisas têm um jeito de se equilibrarem.

– O que havia no pacote que você mencionou? E o que isso tem a ver com

Ted?

– O pacote veio pela FedEx, de um cara chamado Norman Oliver. Um

banqueiro. Ele era o executor de Sully-John. Isto estava dentro dele.

Ele se curvou para sua bolsa de academia e tirou uma velha luva de beisebol surrada. Ele o depositou no colo da mulher sentada ao seu lado no

banco. Ela a tocou uma vez e olhou para o nome pintado na lateral.

– Meu Deus. – ela disse. Sua voz estava chocada.

– Eu não vejo esse bebê desde o dia em que te encontrei naquelas árvores

com seu braço deslocado. Suponho que alguma criança apareceu, a viu na

grama, e apenas a pegou. Embora ela não estivesse em boa forma mesmo

naquela época.

– Willie roubou. – ela disse, quase sem produzir som. – Willie Shearman.

Eu achei que ele era legal. Você vê como eu era tola com as pessoas?

Mesmo naquela época.

Ele olhou para ela com surpresa silenciosa, mas ela não viu seu olhar; ela estava olhando para a luva modelo Alvin Dark, com os nós desgastados e

que de algum modo ainda segurava tudo no lugar. E ela icou feliz e

comovida do mesmo modo que ele, quando abriu a caixa e viu o que estava

lá: ela ergueu a luva de beisebol na direção de seu rosto e cheirou o doce

aroma de couro e óleo. Só que ele a havia colocando em sua mão primeiro,

sem nem mesmo pensar. Era uma coisa que um jogador de beisebol tinha

que fazer, uma coisa de criança, automático como respirar. Norman Oliver

deve ter sido uma criança em algum momento, mas aparentemente nunca

havia sido um jogador, porque ele não havia achado o pedaço de papel

en iado no último dedo da luva, o dedo com o arranhão profundo. Bobby

foi aquele quem achou o papel. A unha de seu mindinho cutucou contra o

papel e provocou um barulho de amassado.

Carol abaixou a luva novamente. Grisalha, ou não grisalha, ela parecia

jovem de novo, e totalmente viva.

– Me conte.

– Estava na mão de Sully quando o acharam morto sentado em seu carro.

Seus olhos icaram maiores e redondos. Naquele instante ela não apenas

pareceu aquela garotinha que havia ido na roda gigante com ele no Savin Rock; ela *era* aquela garotinha.

– Olhe ali perto da assinatura de Alvin Dark. Você vê?

A luz estava desaparecendo mais rápido agora, mas ela viu mesmo assim.

BG

1464 ESTRADA DUPONT CIRCLE

REDMONT HILLS, PENSILVÂNIA

ZONA 11

– Seu endereço. – ela murmurou. – Seu endereço atual.

– Sim, mas olhe para isso. – ele apontou para as palavras ZONA 11. – Os correios pararam de zonear correspondências nos anos sessenta. Eu

chequei. Ou Ted não sabia ou havia esquecido.

– Talvez ele tenha colocado assim de propósito.

Bobby assentiu.

– É possível. De qualquer forma, Oliver leu o endereço e me mandou a

luva. Ele disse que não havia necessidade de pôr um objeto velho assim no

inventário. Ele queria mesmo era que eu soubesse que Sully havia

morrido, se eu já não soubesse, e que iria haver um serviço memorial em Harwich. Eu acredito que ele queria que eu viesse para poder ouvir a

história da luva. Eu não pude ajudá-lo tanto com isso, entretanto. Carol, tem

certeza de que Willie. .

– Eu o vi a usando. Eu falei para ele devolver para que eu pudesse te mandar, mas ele não devolveu.

– Você acha que ele a deu para Sully-John mais tarde.

– Deve ter dado. – ainda assim não pareceu verdade para ela, de alguma forma; ela sentiu que a verdade poderia ser mais estranha do que isso. A atitude de Willie quanto à luva já havia sido estranha por si só, embora ela

não pudesse se lembrar exatamente como.

– De qualquer forma. – ele disse, batendo no endereço na luva. – É a

caligra ia de Ted. Tenho certeza. Então eu coloquei a mão dentro da luva, e achei alguma coisa. É por isso que eu vim de verdade.

Ele se curvou para a bolsa de academia uma terceira vez. O vermelho

estava desaparecendo da luz agora; o resto do dia estava desaparecendo

em um rósea, a cor das rosas silvestres. O rádio, ainda na grama, tocava

"Don'tcha Just Know It", de Huey "Piano" Smith & the Clowns.

Bobby tirou um pedaço de papel amassado. Parecia notavelmente branco e

novo.

Ele o passou para Carol.

Ela o segurou contra a luz, e levemente longe de seu rosto. Seus olhos, Bobby viu, não estavam tão bons quanto antes.

– É a página título de um livro. – ela disse, e então riu. – *O Senhor das Moscas*, Bobby! O seu favorito!

– Olhe no fundo da página. – ele disse. – Leia o que está lá.

– Faber & Faber, LTDA. . 24, Praça Russell. . Londres. – ela olhou para ele de modo duvidoso.

– É de uma edição de capa mole da Faber publicada em 1960. – Bobby

disse. –

Está na traseira. Mas olhe para ela, Carol! Está nova em folha. Eu acho que

o livro da qual essa página veio pode ter estado em 1960 há apenas

algumas *semanas*. Não a luva, ela estava bem mais surrada quando eu a encontrei, mas a página título sim.

– Bobby, nem todos os velhos livros icam amarelos se você cuidar bem

deles. Mesmo os velhos de capa mole podem. .

– Vire-o. – ele disse. – Dê uma olhada no outro lado.

Carol assim fez. Impresso abaixo da linha que dizia *Todos os direitos reservado* s estava isto: *Diga a ela que ela foi tão corajosa quanto uma leoa*.

– Foi aí que eu soube que tinha que vir porque ele achou que você estaria

aqui, que você ainda estava viva. Eu não podia acreditar, era mais fácil acreditar nele do que acreditar. . Carol? O que há de errado? É essa coisa bem no fundo? O que é essa coisa bem no fundo?

Ela estava chorando agora, chorando muito, segurando a página título

destacada em sua mão e olhando para o que havia sido colocado no verso,

apertado no pequeno espaço em branco abaixo das condições de venda

estava isso:

– O que significa isso? Você sabe? Sabe, não sabe?

Carol balançou a cabeça.

– Não importa. É especial para mim, é só. Especial para mim do jeito que essa luva é especial para você. Para um velho, ele com certeza sabe

apertar os botões certos, não é?

– Eu acho que sim. Talvez seja isso que os Sapadores fazem.

Ela olhou para ele. Ela ainda estava chorando, mas não estava, Bobby

achou, verdadeiramente infeliz.

– Bobby, por que ele faria isso? E como ele sabia que nós viríamos? Quarenta anos é tempo demais. As pessoas crescem, elas crescem e deixam as crianças que foram para trás.

– Deixam mesmo?

Ela continuou a olhar para ele no dia que escurecia. Além deles, as sombras do bosque se aprofundaram. Lá, onde ele havia chorado certo dia, e a encontrado ferida no outro, a escuridão quase chegara.

– Às vezes um pouco da mágica permanece por aí. – Bobby disse. – É isso que eu acho. Viemos porque ainda ouvimos algumas das vozes certas. Você as ouve? As vozes?

– Às vezes. – ela disse, quase relutantemente. – Às vezes eu ouço.

Bobby pegou a luva dela.

– Pode me dar licença por um segundo?

– Claro.

Bobby foi até o bosque, se agachou para passar pelos galhos baixos, e colocou sua velha luva na grama para cima encarando o céu escuro. Então ele voltou para o banco e sentou-se ao lado de Carol novamente.

– Aquele é o lugar a qual ela pertence. – ele disse.

– Alguma criança vai aparecer amanhã e pegá-la, sabe disso, não sabe? – ela riu e enxugou os olhos.

– Talvez. – ele concordou. – Ou talvez ela desapareça. De volta para o lugar de onde quer que tenha vindo.

Enquanto os últimos resquícios de róseo se transformavam em cinza, ela pôs a cabeça no ombro dele, e ele pôs um braço ao redor dela. Eles icaram sentados desse jeito sem falar, e pelo rádio aos seus pés, The Platters começou a cantar.

FIM

NOTA DO AUTOR

Há uma Universidade do Maine em Orono, é claro. Eu sei disso porque

estudei lá entre 1966 e 1970. Entretanto, os personagens desta história

são completamente ictícios, e uma boa parte da geogra ia do campus que

eu descrevi nunca existiu.

Harwich é similarmente ictício, e embora Bridgeport seja real, minha

versão dela não é.

Embora seja di ícil de acreditar, os anos sessenta não foram ictícios; eles realmente aconteceram.

Eu também tomei liberdades cronológicas, a mais notável sendo o meu uso

de "O Prisioneiro" dois anos antes de ele ter sido realmente exibido nas televisões americanas, mas eu tentei permanecer verdadeiro ao espírito da

época. Isso foi realmente possível? Eu não sei, mas eu tentei.

Uma antiga e bem diferente versão de "Willie Cegueta" apareceu na revista

Antaeus. Ela foi publicada em 1994.

Eu quero agradecer a Chuck Verrill, Susan Moldow, e Nan Graham por me

ajudarem a encontrar a coragem para escrever este livro. Eu também

quero agradecer à minha esposa. Sem ela, eu nunca teria passado por

cima.

S.K.

22 de Dezembro de 1998.